MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

# REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL



12

RIO DE JANEIRO — 1955

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Órgão da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

DIRETOR, RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Rua da Imprensa, 16, 8.º andar

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Rio de Janeiro — Brasil

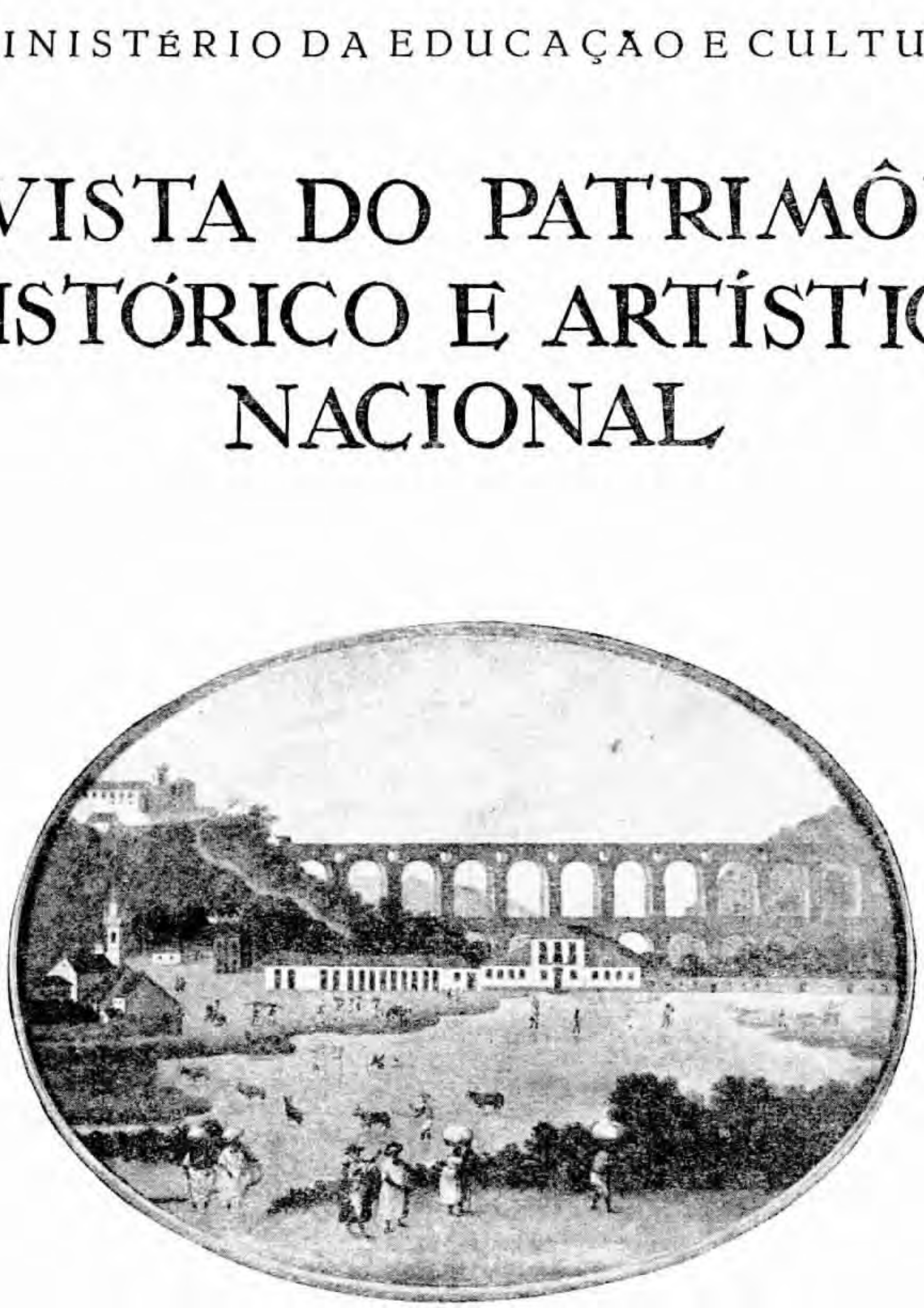
REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL

12

A-19
P
R

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

# REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL



12

RIO DE JANEIRO — 1955

# REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

## SUMÁRIO


| | | |
|---|---|---|
| *Arcos da Carioca* ..... | José de Souza Reis ..... | 9 |
| *Ourives de Minas Gerais nos Séculos XVIII e XIX* ..... | Cônego Raimundo Trindade .... | 109 |
| *Um pintor inglês no Brasil — do Primeiro Reinado* | David James ..... | 151 |
| *Como nasceu Ouro Prêto — sua formação cadastral desde 1712* ..... | Salomão de Vasconcelos ..... | 171 |
| *Livro do gasto da sacristia do Mosteiro de São Bento de Olinda, 1756-1802* .... | D. Bonifácio Jansen, O.S.B. .. | 233 |

# *ARCUATUM OPUS*

# ARCOS DA CARIOCA

## I. INTRODUÇÃO

"Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sostentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente."

CAMÕES, *Lusiadas, canto III, est. 63.*

O estudo que vamos empreender refere-se a uma determinada espécie de monumentos do patrimônio histórico e artístico universal. São construções feitas para prover à vida e à saúde dos homens. Junto ao término de suas extensas estruturas cresceram muitas cidades, muitos povos progrediram. Temos, em nossa terra, um monumento que podemos considerar uma parte, ainda que muito pequena, daquele patrimônio universal. Êle está diretamente ligado à história da nossa maior cidade, e representa a cultura trazida pelos colonizadores na época de seu maior crescimento: a primeira metade do século dezoito.

Entretanto, todos os monumentos dêsse tipo, que se edificaram até cêrca de dois séculos atrás nos diferentes países, têm uma filiação comum, técnica e artística, naqueles que se construíram na antiga Roma entre o IV.º Século A.C. e os primeiros anos da era, e nas províncias romanas.

Um importante documento referente a essas obras, que testemunhavam a grandeza do povo romano e foram o modêlo de tôdas da mesma espécie que se lhes seguiram, salvou-se da destruição dos bárbaros. Esta raridade bibliográfica, contemporânea da vida da-

quelas construções, apresenta, além de outros méritos pelo que possa interessar a diferentes aspetos históricos, uma contribuição valiosíssima para o conhecimento, até aos pormenores, de tudo o que com elas se relaciona. É pois sob o patrocínio de SEXTUS JULIUS FRONTINUS — Frontino — autor do manuscrito descoberto pelo florentino Foggio, na biblioteca do mosteiro de Monte-Cassino, que intentaremos a nossa tarefa, para cujo cumprimento bem precisamos invocar o espírito metódico e objetivo do romano ilustre. Contemporâneo de Tácito e de Plínio o Moço, êle foi pretor em Roma no ano 70 (823 da fundação de Roma).

> *"Cinq ans après, il fut envoyé dans la Grande Bretagne, pour comander l'armée romaine à la place de Cérialis. Il dompta les silures, peuple puissant et aguerri, cantonné dans un pays impraticable.*
>
> *Tacite dit, à ce sujet, que la réputation de Cérialis, auquel Frontin succéda, était un pesant fardeau qui eût accablé tout autre, mais qu'il en soutint dignement le poids, et que ce général, aussi habile que les circonstances l'exigeaient, vint à bout de soumetre ce peuple."*

Deduziu-se que Frontino já teria sido cônsul nesta época, uma vez que os romanos entregavam, habitualmente, o comando dos exércitos àqueles que haviam sido cônsules. Em 97 (850 de Roma) foi sônsul novamente.

A importância da personalidade de Frontino é comprovada pela disposição de seu testamento, citado numa das cartas de Plínio, contrária à elevação de monumentos em sua honra: *"Mon nom, disait-il, ne périra point, si ma vie est digne de mémoire"*.

Sob Trajano, Frontino foi cônsul pela terceira vez e depois "augúrio", cargo em que foi sucedido por Plínio, depois de sua morte no ano 101.

O nosso estudo relaciona-se com as atividades de Frontino durante o govêrno do imperador Nerva e também o de Trajano: no

ano 98 êle foi nomeado superintendente das águas e dos aquedutos de Roma, cargo que conservou sob Trajano.

> *"Dans les autres ouvrages que j'ai composés, j'ai profité de l'expérience de mes prédecesseurs: je sounhaite que celui-ci puisse être de quelque utilité à mon sucesseur; mais comme il a été fait au commencement de ma gestion, il me servira surtout de règle dans ma nouvelle charge."*

Estas são palavras de Frontino nos primeiros parágrafos do seu *Aquæductibus Urbis Romæ.*

Deixemos porém, temporàriamente, Roma e seu *Curator Aquarum.*

Celse, Vitruve, Censorin, Frontin — Paris, passim.
Nisard ed., 1846 (Texto em latim e francês), passim.

## II. ORIENTE, GRÉCIA, ETRÚRIA

Os aquedutos de mais remota origem de que há notícia foram construídos na China, datando, dizem mesmo, dos tempos pré-históricos. Numerosos vestígios de canalizações de água foram encontrados nas antigas cidades da Babilônia, da Assíria e da Pérsia, por vêzes oriundas de fontes, poços ou cisternas, mas quase sempre diretamente dos rios. Durante o desenvolvimento da irrigação, tanto na Mesopotâmia como no Egito, tornou-se comum o uso de canais e reservatórios para garantir um suprimento ininterrupto de água. Supõe-se que o rei Salomão construiu aquedutos; bem como Ramsés o Grande, no Egito; e Semíramis, na Assíria.

A Mesopotâmia, cujo nome significa: entre os rios (Tigre e Eufrates), era sulcada de canais em tôdas direções. Já no tempo da sua mais antiga civilização, a da Suméria, construiram-se condutos abobadados de tijolos, para drenagem e escoamento das águas: em Ninive da Assíria, em Babilônia, em Lagash ou Telo e em

Nipur. Nesta se descobriram remanescentes de um aqueduto com seção de arco elíptico, junto às ruinas de Ekur, a tôrre pre-sargônica (zigurat-pirâmide em degraus) de Enlil (1.ª metade do IV.º milênio A.C.), bem como, perto da ponte sudoeste da tôrre, os restos de outro conduto semelhante, de Ur-Engur (1.ª metade do III.º milênio A.C.). O aqueduto de Nipur avulta de importância porquanto *é o mais antigo arco que se conhece.*

Strabone menciona o uso da "cochlis" (espiral) para escoamento dos jardins suspensos da Babilônia, mas esta referência deve ser tomada com reserva.

Encontraram-se remanescentes de um aqueduto perto de Bavian, escavado na rocha. Deve ser o referido na famosa inscrição de Bavian, na Assíria: nela se narra que Senacherib, para prover Ninive de boa água, conduziu a do Chosei por meio de um canal de Kisri a Ninive e abasteceu com canais semelhantes muitas localidades próximas.

É possível que tenham sido os assírios os primeiros a combinar, num traçado urbano, ruas com ângulos retos, parques, terraços e lagos, tal como em Ninive, que era abastecida de água por um aqueduto proveniente das colinas próximas.

Encontraram-se muitos vestígios de aquedutos na Judéa, em Samara e em Galiléa, cavados na rocha, aparentemente construídos pelos fenícios: em Askar, Anin, Legũn, Avir et-Tãbighah e Jerusalém. Nesta, o de Siloe, famoso túnel-aqueduto construído por Ezequias, com 533 metros de extensão, altura variável e pouco declive (30 cm por todo o comprimento), que dizem ter sido construído menos para abastecer a cidade do que para impedir um inimigo que a assediasse de servir-se da água da chamada Fonte da Virgem.

Em Jerusalém *"the principal reservoir is formed by the Pools of Solomon from which two conduits delivered water to the city. The lower of the two, which is still complete, is about 20 miles long, and crosses the valley of Hinnon on arches."*[1]

---

1. *Enciclopaedia Britannica.* Londres, 1932.

É provável que os fenícios, que conduziram o célebre aqueduto de Tiro (ruinas perto de Rãs-el-'Ain) tivessem aprendido essa técnica das mais antigas construções dos ititas. Aliás, êstes aquedutos subterrâneos com poços verticais de aeração, difundiram-se na Ásia Ocidental, o que é comprovado pela referência de Políbio aos aquedutos subterrâneos que levavam as águas das cascatas originárias do Taurus, à antiga residência dos Arsacidas, em Hecatompilos. E esta mesma técnica transmitiu-se desde tempos muito remotos, durante o II.º milênio A.C., do Oriente à bacia do Mediterrâneo e conservou-se depois na Grécia (aqueduto de Corinto), bem como no Oriente (aqueduto de Palmira), até o tempo do domínio romano.

Na ilha de Creta encontraram-se sob um pavimento do palácio de Cnossos, a antiga capital, restos de tubos de terra-cota, bem ligados e cimentados com cal; e também em Argo, Micenas (aqueduto subterrâneo que conduzia a água da Fonte Perseia), em Itaca; em Tirinto as excavações de Schliemann puseram à vista todo um sistema de canais, constituído por condutos quadrangulares de terracota dentro de um canal subterrâneo em alvenaria, do qual surgiram ruínas sob o compartimento de banhos, sob uma câmara e sob o pátio do gineceo (parte da casa reservada só às mulheres). As famosas bacias do lago Copaide, na Beócia, eram drenadas por um túnel de acôrdo com a mesma técnica.

Na idade clássica grega continuou-se a empregar técnica semelhante na construção dos aquedutos. O mais conhecido é o aqueduto de Samos, construído pelo arquiteto Eupalinos de Megara, em 687 A.C., assinalado por Herôdoto como uma das obras magníficas da antiga Grécia. Tinha êle 7 *stadi* de extensão. Na sua obra *Étude sur l'île de Samos* (1856, Cap. XIV) M. Guerin consignou o resultado dos seus trabalhos de excavação para pôr à mostra restos dêste aqueduto.

Citam-se ainda, o aqueduto de Megara, atribuído ao mesmo Eupalinos; o de alta pressão, de Pérgamo, que vindo do monte Madaras dava água à acrópole; o de Metimna, em Lesbos; os de *Novum Ilium,* Rodes, Ialiso, Sicione, Gizio, Filipe, Chalcis, Leake, Troade, Títio, Prieni, Cirene, Atenas e Siracusa.

Os aquedutos de Atenas e da planície circundante, junto ao Pireo, eram numerosos, de idades diversas, e de várias origens. Constituiam uma rêde completa de condutos subterrâneos, construídos habitualmente em pedra, cobertos de lages planas ou de telhas e providos de poços de aeração. Eram os que traziam água do Parnete e do Licabeto e os que conduziam as do Hymeto e do Pentélico, êstes últimos construídos sob Pisistrato.

Os aquedutos de Siracusa levavam à cidade as águas do monte Crimiti e as do rio Anapo. Êles formavam um complexo sistema, achando diversos autores que eram destinados a recolher as águas do subsolo; alguns estavam a grande profundidade e eram providos de muitas espirais quadrangulares e outros, mais simples, corriam sòmente em parte sob a terra, enquanto em alguns trechos consistiam em um canal escavado a pouca profundidade na pedra.

Mencionam-se na Magna — Grécia, (Sicília) aqueduto de Agrigento construído por Féax, em 479 A.C.; e na Grécia segundo Pausânias — um em Cirra; outro em Crissa, na Focida e, ainda um, entre Stimfale e Corinto, construído sob o imperador Hadriano (134-40 D.C.).

Na Ásia Menor na cidade de Patara, na Lícia, há um aqueduto antigo com canais em blocos cúbicos de pedra, bem ligados e cimentados.

Os etruscos aprenderam com os jônios da Ásia Menor, a arte de conduzir água, que depois transmitiram aos romanos. Êles chegaram a ser tidos como grandes engenheiros hidráulicos. Construiram não só grandes obras de cloacas e esgotos mas também galerias e emissários como o do Lago Albano (século V-IV A.C.), exemplo grandioso de trabalho de hidráulica. Êstes emissários dos lagos da Itália podem ser classificados como aquedutos. Os lagos em aprêço, formados em antigas crateras de vulcões e desprovidos de qualquer escoamento, causavam grandes danos quando transbordavam.

Ernest Bosc — Dict. d'Arch, passim.
Enciclopedia — The Americana, passim.

Ralph Turner — The great culture tradition — The ancient cities, passim.
Enciclopedia Treccani, passim.
José Pijoan — Suma Artis — Hist. Gen. del Arte, passim.

## III. ROMA

> "XVI — Comment comparer à des contrutions si considérables, et d'une telle importance pour une si grande quantité d'eau, ces pyramides inutiles de l'Egypte, et ces ouvrages fastueux des Grecs, beaucoup trop vantés?"
>
> (SEXTUS JULIUS FRONTIN. *Commentaire sur les aqueducs de la ville de Rome*).

Roma está situada numa grande planície, a chamada "Campagna", limitada ao noroeste pelas colinas que cercam o lago Bracciano, a nordeste pelas montanhas Sabinas, a sudeste pelas colinas Albanas, e a sudoeste pelo mar Tirreno. As fontes de água potável eram escassas nas proximidades de Roma. O Tibre, entretanto, satisfazia às necessidades de seus habitantes. Conta Frontino:

> *"IV — Depuis la fondation de Rome jusqu'a l'an 441 (c'est-à-dire 310 ans avant l'ère vulgaire), les Romains se contentèrent, pour leur usage, des caux qu'ils tiraient du Tibre, des puits ou des fontaines. Ils avaient pour ces dernières une vénération qui subsiste encore. Elle est fondée, selon C. Ammaranius Apollinaris, sur la vertu qu'on leur attribuait de rendre la santé aux malades."*

O atributo de virtudes curativas e benfazejas às águas do rio, considerado sagrado, parece comum às populações que se estabelecem nas suas proximidades. Vamos encontrar esta mesma crença, em nossa terra, por parte dos tamoios que aqui acampavam junto às margens do Carioca, então caudaloso; a fôrça da lenda transmitiu-a depois aos colonizadores portuguêses. Sucedendo à lenda aparece, em conseqüência, a poesia relativa ao rio.

O Tibre, de águas quietas no verão, tornava-se porém, tormentoso no inverno, inundando a planície e os bairros baixos de Roma. As inundações deixavam as febres e eram, além disso, interpretadas como sinal da cólera divina e mau preságio para as batalhas. Não se submeteram, porém, a estas difíceis contingências os antigos romanos. Com seu espírito ordeiro e construtivo, propuseram-se disciplinar o regimen de águas da região, aproveitando-se dos numerosos mananciais existentes nas vizinhanças. Êste intento êles o conseguiram indo captar longínquas nascentes, e resolvendo assim, juntamente com o problema do abastecimento de água de sua cidade, a calamidade das inundações, porquanto, os aquedutos desviaram para Roma as águas tributárias que contribuiam para as cheias do Tibre.

Era enorme a quantidade de água que os aquedutos despejavam em Roma na época imperial, alimentando termas, casas privadas, bacias e fontes monumentais numa profusão que, da necessidade inicial, atingiu a proporções de um luxo. Muitos dos imperadores ligaram seus nomes às formidáveis construções destinadas a enriquecer Roma com as águas de mais uma nascente cujos méritos eram apregoados. Os romanos tinham por objetivo, com seus aquedutos conduzir água pura e salubre, preferindo sempre trazer diretamente as águas de nascente do que captar as águas dos rios. Êles punham a abundância e a pureza da água como primeira exigência da vida e da "edilizia" urbana. Vitrúvio recomendava evitar fontes de planície cujas águas são pesadas.

A experiência adquirida com êstes grandes trabalhos foi empregada pelos romanos, mais tarde, nas províncias conquistadas. *"Puede decirse que lo que caracteriza más la civilización romana son las vias de comunicación y los acueductos suburbanos."*[2]

Quando *Sextus Julius Frontinus* assumiu o cargo de superintendente das águas e aquedutos de Roma, que lhe designou o imperador Nerva, no ano 851 da fundação e 98 D.C., chegavam àquela cidade as seguintes águas, conforme ele mesmo enumera:

---

2. I. Pijoan. *Suma Artis, Historia General del Arte.* Madrí, 1944.

*"a Apia, o Ânio Velho, a Márcia, a Tépula, a Júlia, a água virgem, a Alsietina (também chamada Augusta), a Cláudia, e o Ânio novo."*

Para o estudo e conhecimento dêsses aquedutos nada é mais esclarecedor do que o texto de Frontino, cujo principal objetivo foi a reunião de todos os dados referentes àquelas construções, para o melhor cumprimento das funções que lhe incumbiam:

> *"III — Et afin de pas paraître avoir rien négligé de ce qui peut appartenir à mon objet, je vais d'abord faire l'énumeration des différentes eaux qui arrivent dans la ville de Rome; j'indiquerai par qui chacune a été amenée, sous quel consulat et en quelle année, à compter de la fondation de Rome; j'indiquerai l'endroit oû chacune de ces eaux a été prise, à combien de milles de distance; et, pour chaque aqueduc, les parties en conduits souterrains, celles en conduits au dessus de terre, celles qui sont élevées sur les arcades,* (...quantum subterraneo rivo, quantum substructione, quantum opere arcuato;), *et la hauteur à laquelle chacune de ces eaux arrive; la proportion des modules qui servent à les mesurer et à les distribuer, tantôt hors de la ville qui à l'intérieur, dans chaque quartier; le nombre des châteaux déau, soit publics, soit particuliers; la quantité d'eau qu'on tire de chacun pour les travaux publics; combien il s'en distribue pour les spectacles (celles-ci sont surveillées avec le plus d'exactitude); combien pour les viviers ou grands réservoirs; combien au nom de César; combien pour l'usage des particuliers, au bénéfice du prince; par quel droits elles sont régies; les lois, les sénatus-consultes et les ordonnances des princes à ce sujet; enfin les peines infligées à ceux qui y contreviendraient."*

O aqueduto como obra monumental de arquitetura é criação romana, se bem que possamos encontrar a sua origem na arte dos etruscos, e na técnica dos fenícios de Tiro e de Cartago. Em Roma, e em todo o território do império, ficaram as testemunhas gran-

diosas daquelas obras que foram documentadas nas escritos de Frontino, já citados, nos de Vitrúvio (*De Arquitetura*) e nos de Plínio (*História Natural*), como também nos de Faventino e de Paládio que são derivados daqueles, o primeiro de Vitrúvio e o segundo, nesta parte, do compêndio de Faventino, através de Gargílio Marziale.

Eram de pedra os primeiros aquedutos de Roma. Os romanos evitavam fazer túneis, preferindo, sempre que possível, desviar as correntes levando-as sôbre séries de arcadas ou de substruturas através dos vales. Se bem que conhecessem a construção de sifões, quase nunca os empregavam nos aquedutos, possìvelmente receiosos de que a obra não resistisse ao tempo. Como sempre, obedeciam êles ao princípio de construir com maior perfeição e solidez possíveis, pois queriam obras duradouras. Como é sabido, a técnica metalúrgica da época só produzia custosos canos de chumbo ou de bronze, pois era desconhecido o ferro fundido, e não permitia fàcilmente o preparo de *fistulæ* (condutos) de chumbo capazes de resistir a pressões mais fortes. Por esta razão não era comum a aplicação do sistema de condutos forçados por sifões, de que se encontram em Vitrúvio os preceitos correspondentes. Ficaram, contudo, exemplos dessa técnica em vestígios encontrados principalmente nas províncias: Alatri (184 A.C.), Arízia, Lião, Tebessa, Patara, Aspendo, etc. Sabiam tomar as precauções necessárias, regulando a entrada da água e evitando ângulos e voltas bruscas. Por vêzes combinavam o emprêgo de sifões com aquedutos de arcadas, afim de diminuir a altura destas.

Os aquedutos com arcadas apresentavam, com relação às obras de muralhas cheias, incontestáveis vantagens de solidez, economia, facilidade de trânsito, leveza e beleza de aspecto. Ruinas gloriosas sobreviveram daquelas construções de uma, duas e tres ordens de arcadas sobrepostas.

> *"Questi acquedotti ad arcate, che basse presso i punti di congiungimento alle colline, si alzavano poi solide ed elegante agili e grandiose sopra il fondo della valle, costruiti general-*

*mente con un vivo senso di euritimia e com una profonda esperienza di ordine tecnico nelle strutture e nelle dimensioni delle pile e degli archi...*"[3]

A construção dos aquedutos sob a república competia aos censores, que eram como que ministros das finanças e de obras públicas. Geralmente um senatus-consulto estabelecia os fundos necessários e autorizava os trabalhos, bem como as desapropriações por utilidade pública.

* * *

AGUA ÁPIA — 441 (312 A. C.)

É o mais antigo aqueduto de Roma. Construído durante o consulado de M. Valério Máximo e de P. Décio Mus, trinta e um anos depois do comêço das guerras "Samnitas", pelos censores Apio Cláudio Crasso, depois chamado o cego e C. Pláutio, apelidado Venox, por causa de suas pesquisas para descobrir os veios desta água. Ápio Cláudio foi o mesmo que fêz construir a Via Ápia, da porta Capène à cidade de Cápua. Diz Frontino que Pláutio abdicou da censura depois de 18 meses, enganado por seu colega, que lhe prometera fazer o mesmo; e assim êste teve sòzinho a honra de dar seu nome a esta água. Ápio foi também acusado de ter usado muitos subterfúgios para prolongar sua censura, até que tivesse terminado o aqueduto e a Via Ápia.

A origem dêste aqueduto era nas montanhas de Frascati a 13 km de Roma, no campo de Lúculo, entre o sétimo e o oitavo miliário da Via Prenestina. Sua extensão total era de 16,550 m. sendo 90 m em arcadas. Êle alimentava uma parte dos montes Célios, o Aventino e atingia as Salinas entre as portas Capena e Trigemina.

O aqueduto era construído parte em "peperino" (tufo calcáreo) e parte em tijolos. Informa Ernest Bosc que escavações recentes, executadas perto da *Porta Maggiore,* levaram à descoberta do canal

---

3. *Enciclopedia Italiana* (Treccani). Roma. 1939.

dêste aqueduto talhado na rocha e provido de vários poços de aeração.[4]

ÂNIO VELHO, 481 (273 A. C.)

Sob o segundo consulado de Espúrio Corvílio e de L. Papírio, Man. Cúrio Dentato, censor juntamente com L. Papírio, empreendeu a sua construção com uma parte da "prêsa" de guerra contra Pirro, Foi Fúlvio Flaco que o terminou. O velho Ânio era colhido no vigésimo miliário duma antiga via além de Tibur, onde uma parte de suas águas era distribuída para uso dos Tiburtinos. Era construído em blocos de "peperino" e seu canal (*specus*) era cimentado, media 63 km, dos quais um sobre arcadas. Chamou-se Ânio Velho para distinguí-lo do *Ânio Novo* construído depois sob o império. Não restam vestígios do Ânio Velho e do Água Ápia.

AGUA MÁRCIA — 608 (145 A. C.)

Sob o consulado de Serv. Sulpício Galba e L. Aurélio Cota, o pretor L. Márcio Rex foi designado pelo Senado para reparar o Água Ápia e o Ânio Velho, e também, como crescera muito a população de Roma, para fazer pesquisas afim de conduzir novas águas à cidade. Foi assim que êle construiu o aqueduto, que lhe tomou o nome, levando-o ao Capitólio, por um trajeto de 80 kms. subterraneos, e 11 ácima do solo.

Refere Frontino que de acôrdo com um escrito de Fenestella, foi fornecida a Márcio para a construção do aqueduto a soma de 8. 400.000 sestércios. Diz ainda que os decênviros, consultando os livros das sibilas, concluíram que não era o Água Márcia, mas o velho Ânio que deveria ser conduzido ao Capitólio (porque era a opinião mais acreditada). Mas que, apesar das tentativas em contrário, foi o projeto de Márcio Rex que prevaleceu.

O Água Márcia começa na extremidade de um atalho de 3.000 passos que encontra a via Valéria no 36.º miliário à direita, e no

---

4. PARKER. *Archeologia.*

36.º à esquerda da via chamada Sublacensis, que foi pavimentada pela primeira vez sob o reinado de Nero. Suas arcadas foram construídas de "peperino"; êle conduz ainda a água Márcia juntamente com a água Alexandrina, confundidas sob o nome de Água Félice em honra de Sixto V (Félice Montalbo) que fêz restaurá-lo. O conduto de Márcia era de cantaria.

AGUA TÉPULA — 627 (126 A. C.)

Sob o consulado de Pláutio Hípseo e de Fulv. Fláco, os censores Cn. Servílio Caepio e Cánio Longino, cognominado Ravilla, conduziram esta água desde o campo de Lúculo até ao Capitólio. Origina-se perto do 10.º miliário da Via Latina. O nome provém de sua fonte, perto de Marino, e sua extensão é de 19 km. Foi o último construído sob a República.

AGUA JÚLIA — 719 (34 A. C.)

César Augusto, sendo cônsul pela segunda vez com L. Volcátio, M. Agripa, então edil, depois de seu primeiro consulado, recolheu outras águas perto do 12.º miliário da Via Latina, por um caminho de duas milhas à direita, vindo de Roma, e as conduziu no aqueduto da Tépula, a que o inventor deu o nome de Júlia, mas como a Tépula corre num canal separado, ela conserva seu nome na distribuição.

Os aquedutos não eram construídos habitualmente pelos edis, simples diretores de obras, sem autorização do senado. Ocorre lembrar, porém, que Agripa, incumbido diretamente por Augusto da construção dêste, era genro do imperador, sendo também considerado grande engenheiro hidráulico, o que lhe valeu o título de *curator perpetus aquarum.*

Antes de chegar a Roma, cêrca do 6.º miliário, o Água Júlia e o Tépula uniam-se ao Água Márcia numa só linha de construção de onde os três aquedutos sobrepostos despejavam suas águas num reservatório comum. Era o soberbo aqueduto de 3 *specus* mais tarde utilizado pelo papa Sixto V, para conduzir a água Félice.

AGUA CRABRA

Agripa abandonou esta água ou por desaprovar o seu uso ou porque julgasse conveniente deixá-la aos habitantes de Tusculum. Tendo havido abusos na sua distribuição, em que servia de suplemento à água Júlia, o imperador interditou o seu uso, deixando-a aos Tusculanos. Diz Frontino que no mesmo ano Agripa restabeleceu os aquedutos quase em ruinas da Ápia, do Ânio e da Márcia e estabeleceu muitas fontes na cidade.

AGUA VIRGEM — 732 (21 A. C.)

Agripa saindo de seu terceiro consulado, sob o de C. Séntio e Q Lucrécio, treze anos depois de ter conduzido a Júlia, recolheu a água Virgem no campo de Lúculo e a levou a Roma.

Chamou-se Virgem a esta água, porque foi uma menina que indicou alguns veios a soldados que procuravam uma fonte; os que pesquisavam, seguindo êsses veios, acharam uma grande quantidade de água. *"On voit, dans le petit temple érigé auprès de la source, une peinture qui représente cette origine."*

A água Virgem nasce perto da Via Collatina e do 8.º miliário, em lugares pantanosos, na região de Tusculum. Ela servia especialmente para os banhos. O aqueduto de 21 kms. de extensão, sendo 19 subterrâneos, tinha 700 arcadas. Foi restaurado pelos papas nos séculos XV e XVI e serve ainda para alimentar as fontes de *Trevi,* do *Popolo,* da *Barcacia,* das praças *Navona,* do *Panteão,* do *Campo di Fiore,* etc.

AGUA ALSIÉTINA, TAMBÉM CHAMADA AUGUSTA — 755 (2 A. C.)

Tirada do lago dêsse nome (hoje Martignano) situado cêrca do 14.º miliar da Via Cláudia, tinha 33 kms. de extensão. Foi construído por Augusto para alimentar sua naumaquia. Diz Frontino que esta água não tinha nenhum mérito e que só se explica o seu aproveitamento para não desperdiçar as águas mais salubres, no tempo da naumaquia, mas que, entretanto, tinha que se recorrer a ela

quando faltava água nos quarteirões de Roma situados numa das margens do Tibre, por ocasião de reparos nas pontes sôbre o rio. Foi aproveitado pelo papa Paolo V para conduzir a Água Paola.

OUTRA ÁGUA CHAMADA AUGUSTA

Foi construído por Augusto êste aqueduto subterrâneo, cuja origem era acima das nascentes da Água Márcia, à qual ela se juntava, servindo-lhe como um refôrço suplementar para as épocas de sêca.

AGUA CLÁUDIA — 789 (36 D. C.)

Nesta época, os sete aquedutos existentes não parecendo suficientes para satisfazer às necessidades públicas e ao luxo dos particulares, Calígula (C. Cesar), que sucedeu a Tibério, iniciou a sua construção, juntamente com a do Ânio Novo, sob o consulado de M. Áquilio Juliano e P. Nónio Aspréna. O imperador Cláudio acabou-os, com magnificência, sob o consulado de Sula e de Ticiano, no ano de Roma de 803.

As abundantes fontes Ceruléa e Curtia é que lhe davam origem, próximo da Via Sublacensis, cêrca do 38.º miliário. Era a melhor água de Roma, depois da Márcia. Recebia ainda no seu curso a água da fonte chamada Albudina, também da melhor qualidade. Informa Frontino que o reservatório da Augusta era disposto de maneira que a mesma podia suprir a Márcia, ou também a Cláudia. Sua extensão era de 68 kms. dos quais 9 sôbre arcadas, construídas em pedra de grande aparêlho; as arcadas têm 3 metros de abertura e repousam sôbre pés-direitos quadrados de cerca de 1,50 m de espessura.

ÂNIO NOVO — 789 — (36 D. C.)

Partia do rio do mesmo nome, cêrca do 42.º miliário da Via Sublacensis. As águas do rio antes de entrar no aqueduto, passavam por uma piscina depuradora, para depositar o limo e as im-

purezas. As arcadas dêste aqueduto são as mais elevadas; sua altura, em certos lugares, é de 109 pés. Era dos mais grandiosos.

* * *

Continuando a acompanhar a obra de Frontino vamos encontrar logo depois da descrição dos aquedutos, uma referência importante:

> *"Notre attention ne s'est pas bornée à visiter chacun de ces aqueducs;* nous en avons fait faire des modèles, ou l'on voit les vallées et les fleuves qu'ils traversent, *ainsi que les conduits appliqués aux flancs des montagnes, qui demandent l'attention la plus grande et la plus assidue, pour les consolider et les desobstruer. Ces modèles ont l'avantage de nous présenter les objets comme si nous étions sur les lieux, et de nous aider ainsi à délibérer sur ce qu'il convient de faire."*

Estas palavras não revelam sòmente o administrador meticuloso; elas mostram também o espírito do técnico, habituado a um trabalho organizado e que sabia avaliar com justeza o mérito de suas *maquettes*.

Em seguida mostra Frontino que os aquedutos descritos chegavam à Roma em diferentes alturas, especificando 5 elevações diversas: Ânio Novo o mais alto; depois Cláudia, Júlia, Tépula e Márcia.

> *"Les premiers Romains conduisaient les eaux à une moindre élévation; soit qu'ils n'eussent pas encore porté l'art de niveler à sa perfection; soit que, por prévovyance, ils aimassent mieux enfouir les conduits, de crainte qu'ils ne fussent coupés par l'ennemi, dans un temps où ils étaient souvent en guerre avec leurs voisins. Mais actuellement, lorsqu'un de ces conduits se trouve ruiné par le temps, au lieu de s'assujettir au circuit qu'il suivait sous terre, on soutient son niveau par de substructions ou des arcades, pour traversser les vallées et abréger son cours."*



O Água Claudia — Roma

O sexto em altura é o Ânio Velho seguido do Água Virgem e do Ápia, êstes dois provenientes das planícies de Roma e por fim o Alsietina que servia a lugares mais baixos.

Seis dos aquedutos conduziam a piscinas cobertas, cerca do 7.º miliário da Via Latina, depositando seu limo; fazia-se também aí a determinação das quantidades de água por meio de medidas. Júlia, Tépula e Márcia eram conduzidas num mesmo aqueduto, ao sair das piscinas, nesta ordem de altura.

As águas do Ânio Novo e do Cláudia passavam dos reservatórios que lhes eram destinados, acima dos arcos mais elevados, sendo que o Ânio no conduto superior.

Frontino aborda detalhadamente as questões relativas às quantidades de água fornecidas pelos diferentes aquedutos bem como aos módulos empregados para medida dessas águas, tais como "quinários" e "centenários". Explica a variação do emprêgo de medidas por dedos ou onças conforme a região e diz que a origem do "quinário", medida que finalmente prevaleceu, foi atribuída a Agripa, segundo uns, e segundo outros ao arquiteto Vitrúvio e aos bombeiros de Roma, que renunciaram às primeiras medidas para adotar aquela que foi indicada por Vitrúvio, (*fistula quinária* —0,022 aproximadamente); correspondia a cerca de 0,48 litro por segundo.

Deixando de parte outras explicações sôbre a origem da palavra quinário, acha mais plausível a que tem origem no fato de ter esta medida 5 quartos de dedo de diâmetro, seguindo-se até o vintenário, acrescentando-se um quarto de dedo de diâmetro para cada módulo seguinte: sextário, seis quartos de dedo de diâmetro, o septenário, sete e assim por diante.

Seria por demais fastidioso referir todos os pormenores relativos a estas medidas. Parece-nos interessante, entretanto, mencionar a quantidade total de águas colhidas nos registros: doze mil setecentos e cincoenta e cinco quinários, (cêrca de 705.000 metros cúbicos de água nas 24 horas). Entretanto, verificou o *curator aquarum* que a distribuição era maior do que a quantidade consig-

nada nos registros, (quatorze mil e dezoito). Fêz medir então as quantidades na cabeça dos aquedutos encontrando grandes excessos e posteriormente pôde comprovar grande número de fraudes por parte de funcionários ou de particulares, que desviavam a água dos aquedutos do uso geral. A maior diferença encontrada era, porém, proveniente da avaliação inicial. pouco exata, dessas águas. A seguir Frontino apresenta uma descriminação completa da distribuição de águas para os diferentes usos públicos e particulares em geral e por aqueduto.

> *"Rome jouit aujourd'hui de cette abondance par les soins paternels de l'empereur Nerva, son prince... Cette reine de l'univers, quo s'élève comme une divinité au-dessus de toutes les villes de la terre soumises a sa puissance, enfin cette ville éternelle dont rien n'approche, et à qui rien ne peut être comparé, sentira encore mieux, par la suite, tout ce qu'il a fait pour lui procurer la salubrité, en augmentant le nombre des châteaux d'eau, des lacs, des eaux destinées aux ouvrages publics, aux spectacles, comme aussi aux particuliers, qui retirent le même avantage de ces bienfaits répandus partout".*

Passa o *Comentarius* a tratar da legislação relativa ao abastecimento e à administração das águas. Nesta parte encontra-se a seguinte referência:

> *"M.Agrippa, à la suite de l'édilité qu'il exerça après son consulat, fut chargé le premier de la surveillance perpétuelle des aqueducs, que l'on regardait comme ses propres ouvrages, les ayant fait rétablir à ses frais. Les eaux étant devenues abondantes, il fit le détail de la quantité qui serait employée aux ouvrages publics pour les réservoirs, et combien il en serait distribué aux particuliers. Il établit à ses frais une famille d'esclaves pour la conservation des eaux et l'entretien des aqueducs, des châteux d'eaux et des réservoirs. Auguste ayant hérité de cettte famille, la céda au public".*

No consulado do Q'Oélio Tubéron e Paulo Fábio Máximo a administração das águas, até então dirigida por uma autoridade particular, sem sujeição a qualquer lei, foi objeto de um senatus-consulto, tendo sido promulgada a respectiva lei. Augusto transmitiu o que recebera de Agripa, estabeleceu os módulos e nomeou Messala Corvino para exercer o cargo de Administrador das águas e para fazer as leis. Um senatus-consulto determinou suas funções. Aos *curatores-aquarum* foram conferidas as mesmas marcas de dignidade que aos magistrados; êles eram auxiliados no exercício de suas funções por numeroso cortejo de funcionários, entre os quais lictores, escribas e *um arquiteto.* Sabe-se *que um dos primeiros arquitetos a servir na administração das águas foi o velho Vitrúvio,* que se presume tenha colaborado com Agrippa na introdução da "quinária". Mais tarde, Cláudio instituiu ainda os *procuratores aquarum.*

No século III, os *curatores* foram designados por *consulares aquari* ou *consularis aquari minuciae,* conforme inscrições encontradas (*Portico Minucia*) Parece que o *curator* ou o *procurator aquarum* assumiram o nome de *comes formarum,* mas a relação entre o *curator* e o *procurator aquarum* de uma parte e o *consularis* e o *comes* de outra, ainda não está exatamente esclarecida.

Eram duas as famíliats empregadas na conservação dos aquedutos: uma pertencente ao público e a outra a Cesar. A do público, legada por Agripa a Augusto e por êste ao povo, era a mais antiga e compunha-se de cêrca de 240 homens (Frontino). Os da outra família, que foi estabelecida por Cláudio, era constituída de 460 homens. Compunham-se elas de diversas classes de agentes: controladores, guardas de castelo, inspetores, calceteiros, fazedores de endutos, e outros operários.

Voltando a tratar da conservação dos aquedutos, *"ouvrages dignes du plus grand soin, puisq'ils sont un des principaux témoignages de la grandeur du peuple romain",* Frontino recomenda que não se satisfaça o administrador em consultar os arquitetos do departamento de que se trata, mas sim muitos outros, recomendáveis por seu talento e probidade. Examina detidamente os serviços de

reparações de diferentes naturezas, preconizando os meios de agir mais aconselhaveis.

Foram promulgados diversos senatus-consultos visando a execução de obras de reparos nos aquedutos bem como a sua preservação: garantindo o acesso aos terrenos particulares para as obras de restabelecimento dos canais; determinando espaços livres pré-fixados a fim de proteger os aquedutos; e leis prevendo diversos delitos e as respectivas penas aos transgressores.

Ocorre acentuar aqui o interêsse que estas disposições de lei destinadas à defesa dos aquedutos e de seu conveniente funcionamento, apresentam, como remotas precurssoras da atual legislação que tem por objetivo, nos diferentes países, a preservação dos monumentos históricos e artísticos. Era já a necessária limitação do exercício do direito de propriedade na medida suficiente para garantir o interesse público e era também a fixação de afastamentos mínimos para edificações e vegetação nas proximidades daquelas obras, cuja perfeita preservação era exigida para o bom desenvolvimnto da vida urbana. Conquanto tenham sido ditadas para atender a fins diferentes dos de preservação de obras em atenção ao respectivo interêsse artístico ou histórico, estas determinações dos senatus consultos poderiam classificar-se, sem dúvida, dentro da mesma ordem de idéias que inspirou, em nosso tempo, a preservação de monumentos.

Termina o livro de Frontino com a transcrição da fórmula para conferir o cargo de zelador (*Formula comitivæ formarum urbis*) dos aquedutos da cidade, redigida por Magno Aurélio Cassiodoro, governador da cidade. Compara o seu autor os edifícios de Roma, de um lado os que valem pela utilidade e do outro os que se recomendam só pela beleza. Suas palavras permanecem de uma lógica irresistível:

*"Les forum de Trajan est un prodige pour ceux même qui le voient tous les jours. Le Capitole offre, aux yeux qui en franchissent le sommet, le chef-d'oeuvre du génie humain. Mais est-ce là ce qui fait exister? Est-ce là ce qui contribue en rien au bien être, à la santé du corps? Les aqueducs de Rome, au contraire, se font également remarquer par leur structure admirable, et par la salubrité particulière de leurs eaux".*

A fórumla se estende em várias considerações até, inclusive a respeito das vantagens do Água Cláudia, sempre correndo regularmente, comparado a um rio como o Nilo, que ora deixa tudo em lama, ora trás consigo um dilúvio.

*"Ce ne sont pas là de vains discours. Notre but est de vous faire sentir quelle sollicitude on a droit d'exigir de vous, en vous confiant de tels chefs-d'œuvre. En conséquence, après une mûre délibération, nous vous conférons, par la présente, la charge de surveillant des aqueducs, pour que vous employiez tous les efforts de votre zèle à maintenir en bon état ces monuments, si grands et si beaux"*

E seguem-se outras recomendações ao novo zelador.

Enciclopedia Treccani, passim.
Ernest Bosc — Dict. d'Arch, passim.
Planat, passim.
Sextus Julius Frontinus — Commentaire sur les aqueducs de la ville de Rome, passim.

## IV. CARACTERÍSTICOS

*Aqueduto,* do Latim — *Aquæductus,* de *Aqua*-água e *ducere*-conduzir: *conduto d'água.*

Antes dos romanos as águas de nascente eram conduzidas, quase sempre, por meio de canais subterrâneos (*rivus subterraneus*), constituídos de galerias abobadadas. A necessidade de levar a água através de vales fêz surgir os aquedutos aparentes na forma de arcadas em série (*arcuatum opus*) ou menos habitualmente na de muralhas (*substructiones*), para suportar o canal. De tal sorte foi desenvolvido o tipo de aqueduto sôbre sôbre arcadas que se passou a entender a denominação original do conduto d'água para designar, mais restritamente, o conjunto da arcaria e o canal que êle suporta.

Um aqueduto compõe-se das seguintes partes:

1) A cabeça (*caput aquæ*); reservatório para onde são conduzidas as águas captadas e de onde parte o aqueduto.
2) O canal, que o constitui pròpriamente (*specus, forma, canalis*) e que é provido de aberturas por onde se areja o conduto quando êle é subterrâneo (*lumen, spiramen*).
3) O castelo d'água onde êle termina (*castellum*), e de onde partem os condutos de distribuição para levar a água a reservatórios menores, às fontes públicas, aos banhos ou às moradias particulares.

Por vêzes houve necessidade de intercalar, nas ramificações dos aquedutos, *piscinas depuradoras,* onde as águas do rio, carregadas de limo, repousavam para se clarificarem antes de entrarem nos aquedutos. Foi o caso do Ânio Novo, pois o rio Ânio que lhe dava origem atravessava terras de fácil desagregação. Aliás, como já foi mencionado, seis dos aquedutos romanos, ao tempo de Frontino, entravam em piscinas cobertas, nas proximidades do 7.º miliário da Via Latina, de onde saíam agrupados. Eram as *piscinæ limariæ,* formando sifão, nas quais êles se desembaraçavam dos corpos estranhos e impurezas que traziam em suspensão.

Cada casa romana tinha uma *cisterna,* reservatório subterrâneo e abobadado destinado à conservação e depuração das águas pluviais e das águas trazidas pelos aquedutos. Eram compostas de vários compartimentos, de modo que, passando de um a outro, a água depositava suas impurezas, clarificando-se.

Construíram-se também piscinas destinadas à acumulação de grandes quantidades de água para abastecimento, tais como as grandes cisternas de Cartago, cobertas de abóbadas, que ainda subsistem.

Os *specus* ou *canales* eram, geralmente, construídos em alvenaria, no tempo dos romanos. Havia-os também escavados no tufo calcáreo, ou em blocos de pedra ligados entre si, bem como de tubos de chumbo ou de bronze e ainda de terra-cota ou madeira. O fundo e as paredes do *specus* eram revestidos de um enduto composto de cimento muito duro feito com cal ou telhas pulverizadas, verdadeira

argamassa hidráulica. Sôbre êste revestimento aplicava-se uma composição chamada *maltha,* (betume com óleo), em cuja preparação entrava cal extinta com vinho e dissolvida com banha de porco e figos.

Tinham, habitualmente, os *specus,* perfis elípticos ou retangulares, variando a forma da cobertura entre o arco, plana, triangular ou trapezoidal. Suas medidas oscilavam entre 1,30 mts. a 2 mts. a altura, e de 0,50 a 1,20 a largura. Vitrúvio faz recomendações especiais com relação à cobertura dos *specus.* De espaço a espaço abria-se na abóbada um *spiramen* para reparações, limpeza e aeração do conduto; no caso de aquedutos subterrâneos era um poço circular. O espaçamento dessas aberturas variava muito, sabendo-se que Plínio preconizava o de 2 *actus* (240 pés) havendo referência duvidosa de que Vitrúvio recomendava 1 actus. Praticavam-se também, de longe em longe, poços no fundo do canal, para reter o limo das águas.

Eram também usados os *specus* de chumbo ou de bronze denominados *fistulæ,* cuja seção não era perfeitamente cilíndrica, estreitando-se na parte superior. Dos *castellum* as águas eram distribuídas na cidade, por meio de canalizações de chumbo, habitualmente.

Aos canais artificiais e condutos a ceu aberto chamavam *euripus,* que designava particularmente o canal que cercava a arena, no circo, a fim de isolar os espectadores dos animais perigosos.

Os construtores romanos preocupavam-se muito com o declive dos aquedutos a fim de regularem convenientemente a velocidade da água. Entretanto, variava muito a inclinação dos condutos, tendo-se encontrado exemplos entre 1/100 a 1/5.000. A fórmula de Vitrúvio era de 1 semi-pé por 100 pés e a de Plínio, 1 quarto de polegada por 100 pés. Foram muitos os aquedutos que tiveram seu percurso aumentado a fim de regular o declive, tornando-o uniforme: Ânio Velho, Márcia, Ânio Novo, Cláudia e o de Nimes. Atribue-se o fato de apresentarem grande parte dos aquedutos antigos um traçado de linha "quebrada", formando segmentos, a esta mesma preocupação de regular a velocidade da água, quebrando, nos ângulos, a fôrça da corrente. Sugeriu-se também que o objetivo de

segmentar o traçado fôsse evitar as dificuldades construtivas que poderiam advir, em alguns casos, adotando-se um traçado retilíneo.

Por vêzes, interrompiam-se os condutos nos trechos abaixo do nível natural da água por meio de colunas onde a água subia até aquele nível, formando reservatórios, o que facilitava qualquer concêrto nos canais assim fracionados e permitia abastecimentos parciais de água com facilidade. Há exemplos dêste artifício, que parece ter sido aplicado desde o tempo de Vitrúvio, em Pompéia e perto de Aspendo, onde rampas de alvenaria, foram empregadas para o mesmo efeito que as colunas citadas.

Os instrumentos de nivelamento dos romanos eram o nível d'água e o nível de fio a prumo, pobre aparelhagem para obras de tão grande vulto.

Para suportar o *specus* através dos vales e planícies construíram-se muros contínuos ou, mais geralmente, as *extensas séries de* arcadas *superpostas* (*Arcuatum opus*), que vieram a constituir as grandes obras arquitetônicas. A princípio eram estruturas de pedra aparelhada com grandes blocos a sêco, depois, de alvenaria e de tijolos ou ainda estruturas mixtas.

É notório que o arco de volta completa e a abóbada são os principais característicos da arquitetura romana. Os romanos eram grandes engenheiros e continuando a tradição etrusca, conseguiram atingir grande desenvolvimento na técnica construtiva. O arco permitiu-lhes galgar grandes vãos e, com êle e a abóbada, puderam vencer os obstáculos que se antepunham ao levantamento dos planos mais complexos e variados. Ao contrário dos gregos, que permaneceram limitados por um rígido princípio construtivo de colunas e vigamentos, êles se puderam expandir, combinando todos os tipos de construção conhecidos.

Os aquedutos são dos mais bem sucedidos exemplos de adequada aplicação do sistema construtivo de arcadas, por parte dos romanos.

É também conhecido que, na construção de paredes e muralhas, os romanos revolucionaram a técnica construtiva com o emprêgo do concreto, em tôdas as regiões do império, fabricado com fragmentos de pedra, misturados com barro.

Nas construções de paredes de pedra usavam êles vários tipos desde o *opus quadratum,* de aparêlho regular; o *opus reticulatum,* quando as pedras eram dispostas em losangos de modo que a superfície externa da parede apresentava o aspecto de uma rede; até o *opus incertum,* de pedras irregulares.

Nos aquedutos mais elevados distinguem-se dois partidos construtivos claramente caracterizados:

1) Superposição de duas ou três fileiras de arcadas, formando como que pontes em diversos andares, cujo exemplo mais típico é o do aqueduto romano de Nimes, o *Pont du Gard.*
2) Elevação total dos pilares ligando-os em diversas alturas por meio de arcadas de travejamento, exemplificado pelo aqueduto de *Segóvia*[5].

O segundo partido é quase exclusivamente encontrado na Espanha romana.

Diferentes do tipo comum de pilares verticais, encontram-se, por vêzes, pilares com contrafortes em escarpa.

Os reservatórios de distribuição chamados *castella,* em virtude de sua disposição em forma de torre, eram geralmente, construções de agradável aspecto e de acabamento apurado, com revestimentos de marmore e fontes vistosas. Em Roma havia grande número dêles, sendo que sòmente Agripa construiu 130. Os guardas especiais que zelavam pelos *castella* eram os *castellarii.* No orifício dos condutos de água, na sua saída dos *castella* eram adaptados tubos de bronze, chamados *calix,* à guisa de medidores, variando o seu diâmetro de acôrdo com as quotas fixadas para os diferentes locais.

Entre os numerosos trabalhadores do serviço de abastecimento de água, em Roma, os *aquarii* formavam equipes (*família*) comandadas pelo *villicus* (intendente), o *castellarius* (zelador do castelo d'água), o *circitor* ou *custor,* inspetor ou chefe de ronda. Além dos trabalhos de construção e reparos de que eram incumbidos, deviam cuidar de que os particulares e os diversos estabelecimentos

5. A. Choisy. Histoire de *l'Architecture.* Paris, 1929.

públicos não recebessem maior quantidade de água do que lhes era destinada por lei.

Para fazer-se idéia da opulência romana em matéria de abastecimento d'água basta dizer que Augusto deixou entre os trabalhos executados durante seu govêrno, em Roma, além dos 130 *castella* citados, 700 lagos, 105 fontes e 170 banhos gratúitos para o povo.

Os trabalhos que se multiplicaram em todo o império demonstram que era bem avançada a ciência hidráulica dos romanos.

> *"Outre l'incontestable grandeur architecturale de ces aqueducs, qui doit les faire placer parmi les plus beaux monuments de l'antiquité, la struture en était si solide qu'en plusieurs endroits encore, ils continuent à fournir les eaux à des régions qui en sont naturellement privées."*[6]

R. Cagnat et G. Goyan — Lexique des Antiquités Romaines — Planat, passim.
A. Choisy — Histore de l'Architecture, passim.

## V. ROMA (CONTINUAÇÃO), PROVÍNCIAS ROMANAS IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

Depois de Frontino, construíram-se ainda em Roma muitos aquedutos, no decorrer dos primeiros séculos da era cristã.

Entre êles destacam-se: o *Água Trajana,* 109 D.C. Construído pelo imperador Trajano, que sucedera a Nerva,. êle conduzia as águas das nascentes perto do Lago Braciano, a 20 milhas de Roma. Foi restaurado pelo papa Paulo V e ainda é utilizado.

Muito mais tarde o *Água Alexandrina,* 226 D.C. construído sob Alexandre Severo. Todo de tijolos, originava-se em nascentes perto da Via Proenestina, cêrca de 14 milhas de Roma.

E mais os seguintes: das *Termas de Caracala, Água Antoniana, Água Severiana, Água Aureliana, Água Jóvia,* etc.

---

6. R. CAGNAT et G. GOYAU, *Lexique des Antiquités Romaines.* Paris, 1896.

O grande desenvolvimento que os romanos deram à construção de aquedutos na sua capital, estendeu-se em seguida, pelas províncias conquistadas. Nelas ficaram alguns dos mais notáveis exemplares dentre êstes monumentos arquitetônicos, produtos do trabalho de seus povos e marcos gloriosos de uma grande civilização. Nas Gálias, na Ibéria, na África e no Oriente levantaram-se numerosas estruturas, cujos remanescentes hoje constituem valiosíssimos monumentos do patrimônio de arte das nações que ali se formaram.

* * *

Na Itália, em contraste com Roma e outras províncias, são poucas as ruinas de aquedutos monumentais. Citam-se, entretanto, diversos, mais modestos: o de Gênova (*em Val Brisagno*) originàriamente do século II A.C.; os de *Pompeia, Pozznoli, Nora* (arcadas em tijolos); o de *Acqui,* que tinha 14 kms. de extensão e do qual há ruinas de 40 arcadas; o de *Rimini,* o de *Alatri,* de alta pressão; de *Gubbio, Narni, Terracina, Angitra, Massa d'Albe, Capistrello, Altavilla, Brindisi,* etc.

* * *

Na Grécia, já tivemos ocasião de citar um aqueduto entre Stimphale e Corinto, construído sob o imperador Hadriano (134-40 D.C.).

* * *

No Oriente, o importante *Aqueduto de Constantinopla,* construído também pelo imperador Hadriano, filho adotivo de Trajano e seu sucessor, (117-138 D.C.); foi restaurado por Teodósio. Ainda em Constantinopla, o imperador Valens construiu um aqueduto de pedra, no IV.º século. Dos últimos tempos do império romano é o *Aqueduto de Pyrgos,* que conduzia à mesma cidade as águas do vale de Belgrado. Citam-se ainda na Ásia romana: o *Aqueduto de Uthina,* do qual restam 7 arcadas de grande estrutura e os de *Palmira, Patara, Aspendo* (com sifões), *Nicomédia* e *Iasos* (Caria), de arcadas irregulares em grandes blocos de pedra calcárea.

* * *

Na África do Norte, o *Aqueduto de Saghuan,* 120 D.C. foi construído por Hadriano para abastecer Cartago. É extenso de 60 milhas, com arcos de pedra ou concreto e ainda abastece Túnis. Há ruinas de outros aquedutos em Cartago e citam-se mais os de *Tebessa, Thurburnica, Thabraca, Icorium* (Algéria) *Dugga,* etc. Em algumas regiões agrícolas de Argélia e Tunis, restaurou-se o sistema hidráulico romano.

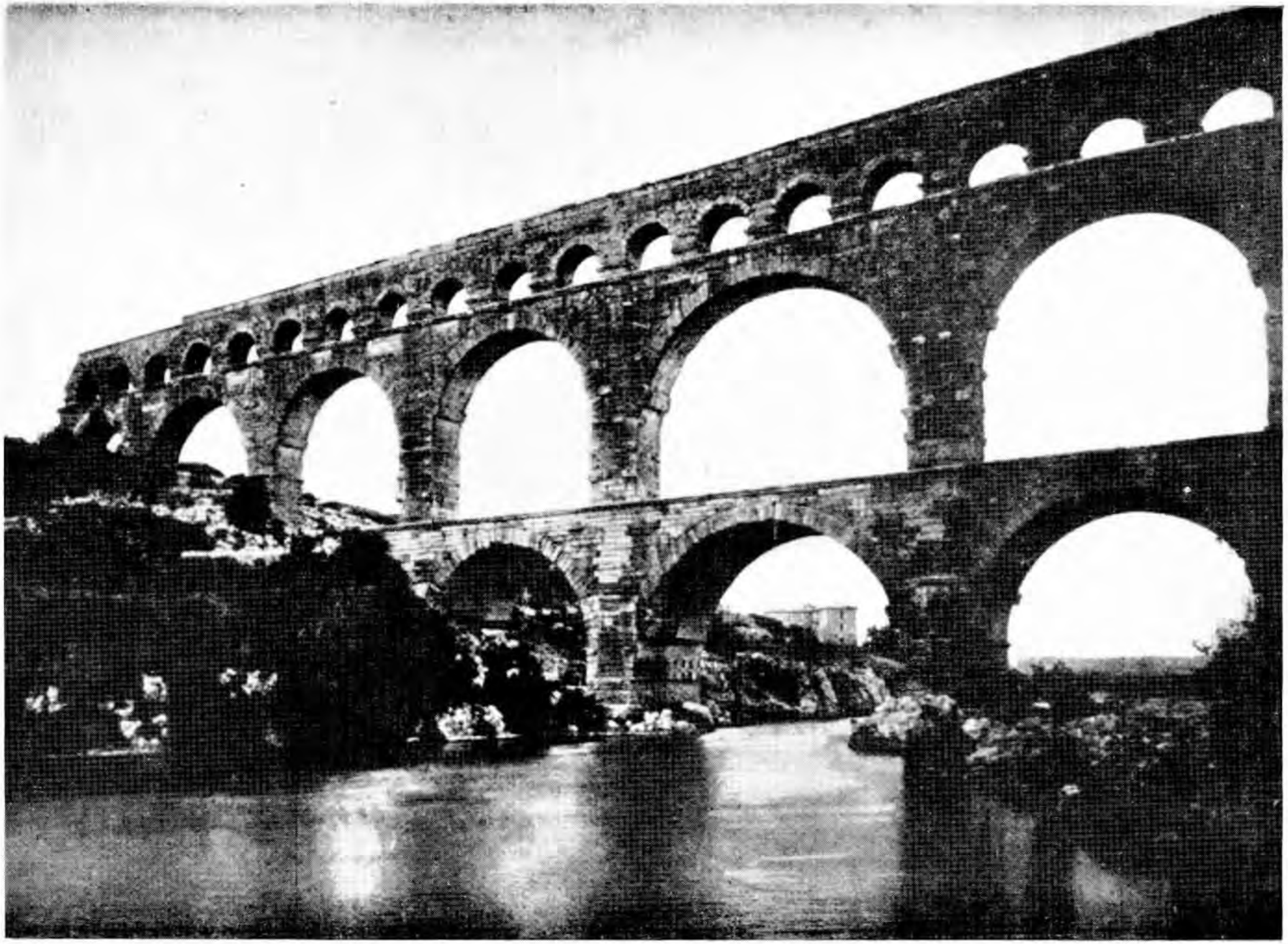
* * *

Nas Gálias, construíram-se muitos aquedutos, sob o império romano. Mencionam-se os de *Saintes, Arcueil, Viena,* ainda parcialmente utilizado; *Néris* (Agua Neræ), *Luynes* e o de *Metz* ou de *Jouy* que conduzia a Metz as águas do Gorze, atravessando o Mosela. Presume-se que tenha sido construído por volta do ano 70 D.C. — No vale de Jouy suas ruinas, ainda imponentes, correspondem a 17 arcadas, das quais algumas medem 19 mts. de altura.

Em *Lyon* foi construído por Nero um aqueduto que conduzia as águas do Janon e do Giers, por 64 kms. de extensão. Em *Paris,* construiu-se outro, já em 360 D.C., sob Juliano. O de *Trépis,* construído sob Cláudio e restaurado por Vespasiano. Os de *Antibes, Besançon,* etc. Mas, o aqueduto romano de maior interêsse que se construiu na província das Gálias, no território da França atual, é o chamado *Pont du Gard,* o *Aqueduto de Nimes,* 19 A. C. — Foi construído por Agripa, sob Augusto; conduzia a Nimes, a antiga *Nemansus,* as águas das fontes de Eure e de Airain, na vizinhança de Uzès, a 41 kms. de distância.

Êle atravessa o rio Gard sôbre a admirável arcaria, numa extensão de mais de 250 mts. É chamado "a maravilha do Languedoc" e considerado também "*como o remanescente mais bem conservado da arte romana.*"[7] Compõe-se de 3 séries de arcadas de volta completa superpostas. Atravessa o vale a cêrca de 50 mts. de altura sôbre o Gard. A série inferior de arcadas é formada por 6 arcos de aberturas desiguais, com 20,50 mts. de altura; sob um dêles passa o

7. E. Bosc., *Dictionnaire raisonné d'Architecture et des Sciences et Arts qui S'y rattachent.* Paris, 1877.



O Pont du Gard — Nimes

rio. A série imediata é composta de 11 arcos de 19,50 mts. de alto, com seus pegões correspondendo aos dos arcos inferiores. Na série mais alta 35 arcadas de 4,80 mts. de largura por 7,40 mts. de altura suportam o canal. A espessura dos pilares é, a partir de baixo: 6,00 mts. 4,50 mts. e 3,00 mts. respectivamente.

Êste aqueduto é construído em grandes blocos de pedra colocados a sêco, nos dois andares inferiores. No último a construção é constituída de pedra pequenas e alvenaria hidráulica, a fim de evitar as infiltrações de água.

O aparelho do *Pont du Gard* apresenta uma peculiaridade, determinada, conforme tudo indica, pela economia e redução dos *simples* de escoramento: as abóbadas das arcadas são constituídas por um conjunto de arcos de uma fiada de pedras, simplesmente justapostos uns aos outros, sem ligação mútua, sem *découpe.* Êste aparelho *déliaisonné* (pontes do Gard, Sommières, Vermenton), será na idade média o das pontes do Espírito Santo e Avignon.[8]

O *specus* do aqueduto mede internamente 1,35 mts. por 1,66 de altura e é coberto por grandes lages. É uma pedra com o fundo revestido de *calcestruzzo* (cimento reforçado).

No século V os bárbaros romperam o aqueduto que, desde esta época, passou a servir de ponte. Fizeram-se depois muitas mutilações no monumento, procurando alargar a passagem, a tal ponto que, com o tempo, chegou a ficar comprometida a estabilidade da estrutura. Em virtude disto, empreenderam-se obras de reparação, no século passado, acrescentando-se ao monumento, na face em que o rio desce, uma nova passagem para carros e pedestres. *"Le mal n'avait été qu'enrayé et, de nos jours, on dut procéder à de très importantes reprises et restaurations. Elles furent exécutées par les soins de la Comission de monuments historiques et sous l'habile direction de M.M. Questel et Laisné".*

* * *

8. A. Choisy. Op. cit.

Na Espanha, a Ibéria romana, encontram-se importantes remanescentes de aquedutos, avultando entre êles os de *Segóvia* e *Tarragona,* que se situam entre os aquedutos de provincias romanas mais bem conservados

O AQUEDUTO DE SEGÓVIA, SÉCULO I

Foi construído sob Trajano, em cantaria de grande aparelho, sem argamassa. É o maior conhecido, com 170 arcos. Origina-se de vários mananciais que descem da serra da Fuenfria, perto do sítio de San Ildefonso, a 3 léguas da cidade. Começa a elevar-se acima do solo a partir da casa de comportas chamada "El Caseron".

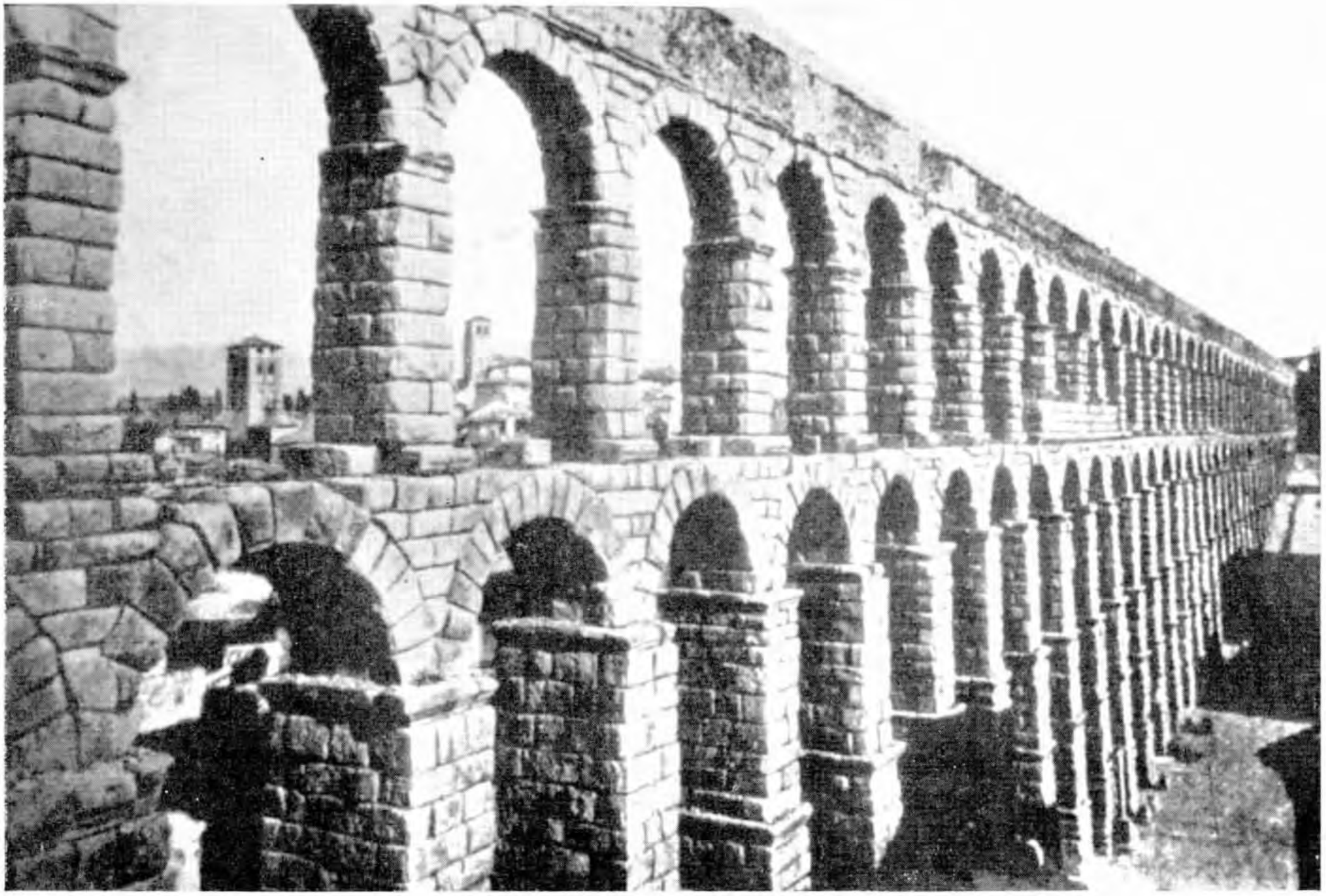
É constituído de uma série de 119 arcos, dirigida em dois alinhamentos, e que, no fundo do vale, se apoia em outra fila inferior de 44 arcos muito elevados. A proporção dos pilares é acentuadamente elegante, atingindo, nos do centro, a altura de 15 vêzes a largura da base. O vão dos arcos inferiores varia de 3,90 mts. a 4,50 mts. e os pilares, cuja largura na base é cêrca de um quarto de vão, aumentam de cima para baixo por seções separadas por meio de empostas. A altura máxima do aqueduto é de 30 mts. dos quais 20 correspondem à arcada inferior. Nesta a espessura da obra atinge 4,50 mts. Sôbre os três pilares mais altos da fileira inferior corre uma cartela de 3 fiadas de pedra, havendo sinais de ter existido ali uma inscrição.

Não sabemos se o aqueduto funciona atualmente, mas encontramos referências de que até o século passado êle abastecia Segóvia.

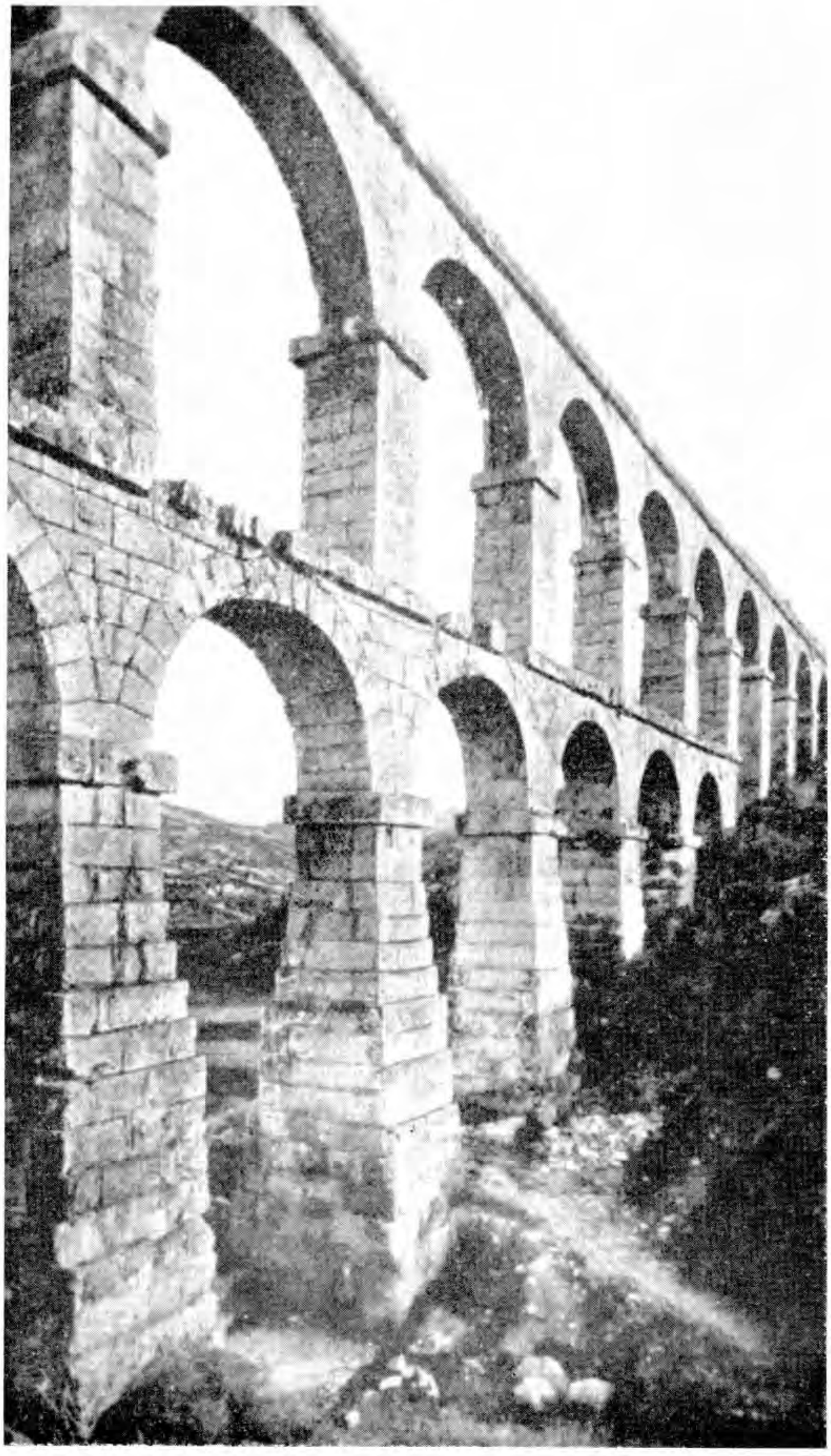
O AQUEDUTO DE TARRAGONA, CHAMADO "PUENTE DE LAS FERRERAS".

Construído no tempo de Cipião, conduzia as águas do rio Gayá. É constituído de duas linhas de arcos, 11 em baixo e 25 em cima, atingindo perto de 25 mts. de altura e mais de 200 de extensão. Foi restaurado em 1781 sob a direção do arquiteto D. José Antonio Rovia. É conhecido também como *Puente del Diablo.*

Em *Mérida* (Emerita Augusta), há ruinas de 2 aquedutos romanos. De um dêles, que abastecia uma naumaquia, restam apenas



Aqueduto romano de Segovia — Espanha



Aqueduto de Tarragona — Espanha

2 arcos primitivos. Do outro, que atinge 25 mts. em 3 ordens de arcos, restam ainda 35 arcos.

Citam-se ainda, na Espanha romana, os aquedutos de *Valence (Chelsea), Spalato, Chelva, Calahorra, Coria e Uncastillo.*

* * *

Os aquedutos que se salvaram da destruição pelos bárbaros, depois da queda do Império Romano, foram quase totalmente relegados ao abandono e aos poucos se arruinaram. Ainda no tempo de Teodorico, rei dos Ostrogodos (454-526), muitos dêles funcionavam, tendo sido restaurados alguns. No século VII construiu-se um aqueduto em Spoleto, que muito mais tarde foi refeito e alterado. Já nos fins do século VIII os aquedutos romanos estavam fora de uso. Também em Lutécia o aqueduto de *Arcueil* foi destruído pelos normandos no século IX.

Durante a Idade Média alguns aquedutos foram restaurados, outros reconstruídos inteiramente e novos se construíram, menos importantes e grandiosos do que os antigos, mas que revelam, pelo menos, a continuidade de tradição romana. Em Roma começaram-se a reparar os aquedutos em 776, sob o papa Adriano I, tendo sido restabelecidas a partir dessa época a água *Trajana, a Márcia, a Cláudia* e a *Virgem.*

No século XI foi restaurado o acima citado *Aqueduto de Spoleto,* mais tarde ainda refeito no século XIII com duas ordens de arcos agudos. Citam-se ainda na Itália da Idade Média: o de *Casamari* (1200) com arcos de volta completa, em pedra; o de *Sulmona* (1257), com arcos ogivais e dois em *Salerno,* construídos um século depois, um com arcos de ogiva e outro com arcos abatidos.

Em França, na Idade Média foi reconstruído o *Aqueduto de Mans* (832-857) e construiram-se o de *Pré-Saint-Gervais,* em Paris, o de *Sto. Bertin* (1905) e o de *Coutances* (1277), com 170 arcadas ogivais. Atribui-se à iniciativa técnica dos *Cirtercienses* muitas dessas obras na França e na Itália (Casamari, Limoges, St. Polycarpe), como no oriente aos *Cavaleiros de Rodes.*

Na península Ibérica e no Marrocos os mouros construíram diversos aquedutos, como o de *Elvas* (?), o de *Fez,* (1207) os de *Marrocos* e *Sevilha* (1194); encontrando-se ainda muitos aquedutos medievais em todo o mundo muçulmano.

Em Bisâncio (Constantinopla) foram construídos diversos aquedutos, na Idade Média, sendo dois dêles atribuídos a Justiniano, (527-565). O de *Burgas* é o mais famoso e importante, com arcos ligeiramente agudos e contrafortes prismáticos.

No Egito, existe o *Aqueduto do Cairo,* construído no século IX.

Em *Salamina de Chipre,* no seculo XIV, foi reconstruído com arcos agudos o aqueduto que abastecia Famagosta.

* * *

Já nos primórdios do período renascentista o aqueduto de *Segóvia,* na Espanha, era restabelecido por Escobedo, (1481), e em Roma os papas começaram a restaurar os antigos aquedutos. Nicolau V e depois Pio IV e Pio V fizeram trabalhos no *Água Virgem;* Sixto V restaurou o *Água Felice;* Inocencio VIII utilizou-se do *Água Trajana* (1484) e mais tarde Paulo V restaurou-o (1609), dando-lhe o nome de *Água Páula.*

Em França, o primeiro aqueduto dos tempos modernos foi o que Maria de Médicis fez levantar perto das ruínas do antigo aqueduto romano de Arcueil. Foi construído pelo arquiteto Jacques Debrosses, de 1613 a 1624, para abastecer os jardins e o palácio de Luxemburgo. O seu aspeto é monumental mas um pouco pesado. Atravessa o vale de Bièvre sôbre 24 arcos de cantaria, cujos pilares são providos de poderosos contrafortes. Modernamente foi construido novo aqueduto sôbre o de Debrosses. Perto de Arles foi elevado o aqueduto de *Craponne* (1641).

Sob Luis XIV, foram conduzidas as águas do Loire, elevando-se por meio de bombas (máquina de Marly) até um aqueduto de 36 arcos que as levava a Versailles. Sendo porém insuficiente para os famosos jardins e palácio a água assim obtida, foi projetado

por Lahire e Vauban o famoso *Aqueduto de Maintenon* (1680) para conduzir as águas do Eure. Êle deveria atravessar o vale de Maintenon numa extensão de 4.600 mts. em 3 séries de arcadas, atingindo cêrca de 70 mts. de altura. Entretanto, depois de enorme despesa nos trabalhos, em que se empregaram 30.000 homens das tropas, foram suspensas as obras por falta de recursos, antes de ficar terminada a primeira série de arcos, em número de 47, com 13 mts. de vão. Sob Luiz XV as pedras das ruínas serviram para a reconstrução do castelo de Mme. de Pompadour, em Crécy. Citam-se ainda em França o *Aqueduto de Buc,* que tinha a mesma finalidade de abastecer Versailles. Foi construído sob Luiz XIV em 1686; o de *Montpellier* (1763-1766); e o de Roquefavour que conduz a Marselha as águas do Durance (1842-1846), com 3 séries de arcadas, medindo 400 mts. de extensão e 82,50 de altura; os arcos têm vãos de 15 mts. na 1.ª série; 16, na 2.ª; e 5, na 3.ª; e a espessura do aqueduto na base é de 13,60 mts.

Na Itália, o aqueduto mais notável do século XVIII é o de *Caserta,* construído sob Carlos III, por Vanvitelli, para abastecer o castelo de *Caserta.* Atravessa o vale de Maddaloni, com 3 séries de arcadas, numa extensão de 300 mts. e mais de 60 de altura.

* * *

A escassez de fontes impediu-nos de estudar o que existiu relativamente a aquedutos sôbre arcadas nos diferentes países da América. Não obstante pudemos encontrar referências a importantes obras dêsse gênero, no México.

AQUEDUTO DE OTUMBA

*"Al lado de estas obras hidráulicas precisa incluir tanbien aqui los acuedutos, entre los que ofrece especial interés el construído por el misionero fray Francisco de Tembleque, de quien ya me ocupé en el capítulo III. Gracias a sua constancia trajo el aqua por una extensión de quince leguas, haciéndóla atravesar por tres puentes, uno de ellos de sesenta y siete arcos. En uso hasta el siglo XIX, sus arcos proclamam todavía la*

*laboriosidad y el tesón del misionero franciscano. La obra, que duró más de quince años, parece que se cocenzó em 1553."*[9]

Ainda no México, citam-se outros aquedutos entre os quais os de *Santa Fé; Quesitaro,* com 74 arcos de cantaria; *Cempoala,* com 36 mts., que já foi comparado ao de Segóvia; *Tasco;* etc.

F. Naval — Elementos de Arqueologia, passim.

## VI. PORTUGAL

61. Que cidade tam forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Ja lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

62. E vós também, ó terras transtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador mouro, que te enganas
Se sustentar a fertil terra queres!
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estão rendidas.

63. Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sostentar de longe a terra e a gente·
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo que medos não temia.

CAMÕES. *Os Lusiadas.* Canto III.

---

9. D. A. IÑIGNEZ. *História del Arte Hispanoamericano.* Tomo I.

Do domínio romano na Península ficaram, em Portugal, cuja maior parte correponde à antiga Lusitânia, muitos vestígios de construções: restos de palácios e templos na cidade romana de Conímbrica (Condeixa a Velha, perto de Coimbra); ruínas de recintos murados, de termas e de arcos monumentais em diversas cidades como Braga, Évora, Santiago de Cacem, Lisboa, Beja; pedras tumulares nas regiões de Tavira, Lagos e outras. Évora foi uma das cidades mais importantes da província romana e o templo nela existente (chamado de Diana), único na Península, é o mais importante remanescente de construção romana em Portugal.

Em Évora também ficaram os restos de um aqueduto, o do Sertório ou da Prata, construído pelo chefe lusitano, e que foi reedificado por D. João III.

"No ano 76 antes de Cristo batalhou Sertório com Pompeu [...] se recolheu a Évora. Querendo enobrecer esta sua cidade, a rodeou de muros inexpugnáveis [...] Mandou fazer também o nobre Aqueduto da cidade, que nomeiam da prata, trazendo cópia de água boa e sadia da distância de dezessete mil passos, e a pôs no mais alto da cidade. Esta obra com os séculos se arruinou. Dela falaremos ainda, e de como se renovou."[10]

> *"Un autre monument que ce rattache aux Romains et à Sertorius est l'aqueduc. Sertorius, quoique Romain lui-même, était l'Arminius[11]" du Portugal. Ce fut lui qui délivra ce pays de la domination de Rome. Il ne restait de l'aqueduc en question que les fondements, et même ces fondements, il a fallu les découvrir. Ce fut Jean III qui d'après les conseils d'André de Rezende (prêtre, historien, literáteur, chargé de l'éducation des plus jeunes enfants du roi Emmanuel), fit construire, sous la diretion de Rezende, l'aqueduc qui aujourd'hui encore fournit à la ville une eau excellent."[12]*

---

10. Pe. M. Fialho. *Évora Ilustrada.* Évora, 1945.
11. Arminio, chefe dos Cherusques, tornou-se popular na Alemanha sob o nome de Hermann; destruíu as legiãos de Varus no ano 9 d. J. C.
12. Virginia de Castro e Almeida. *Itinéraire Historique de Portugal.* Lisboa, 1940.

Em Beja, que Julio Cesar chamou de *Pax-Julia,* existem restos de um aqueduto romano subterrâneo, junto à Ermida de Santo André.

Ha menção de "rastos e furos" de antigo aqueduto romano no local em que se edificou o *Aqueduto de S. Sebastião* em Coimbra.

Na povoação de Alvega, "situada numa planície na margem esquerda do Tejo, onde existiu a antiga cidade da Lusitânia, chamada *Aritium,* têm-se encontrado grandes ruinas da velha cidade, por onde passava a via militar do tempo dos romanos, de Lisboa a Mérida, alicerces de casas suntuosas, sepulturas, *aquedutos,* galerias subterrâneas com figuras e pórticos de mosaico".[13] Entretanto, de passagem por Alvega, Alexandre Herculano faz referência a um "aqueduto antigo em ruinas" e à tradição de que os restos do aqueduto "chamados os postes" eram dos tempos dos mouros.[14] E já que falamos em Herculano ocorre lembrar que êle foi o primeiro que se fez ouvir em Portugal em favor da conservação dos monumentos nacionais.

Prefaciando o catálogo da Exposição cultural relativa ao Aqueduto das Águas Livres e ao Abastecimento de água à cidade de Lisboa diz Matos Sequeira sôbre esta obra: "o ansiado aqueduto que vinha a ser uma réplica do *velho monumento romano* de abastecimento e distribuição de águas, cujos restos o século XVII ainda vira, trazendo a "Água Libera" a Felicitas Júlia." "Já no tempo dos romanos, diz Luz Soriano à pág. 148 e seg. do 1.º vol. da *História do reinado de D. José,* apesar da pequena cidade, em comparação do que é hoje, se fazia nela sensível a falta de água, pois que sendo Lisboa município romano, buscaram os seus dominadores introduzir nela a água, que há nos sítios de Bellas e Caneças, por meio de aquedutos subterrâneos quebrando para êsse fim muitos rochedos e penedias, de que, no sítio onde existem os dois montes

---

13. E. PEREIRA E G. RODRIGUES, *Portugal. Dicionário Histórico, Corografico,...* Lisboa 1904-1915.
14. *Arquivo Histórico Português.* Lisboa, 1903-1916.

de Campolide, fizeram construir um espaçoso muro com a necessária fortaleza para servir de repreza às águas que por ali corriam, e as que vinham de Água Livre por meio dos referidos aquedutos subterrâneos. Naquele sítio que era um espaçoso vale, bem conhecido entre nós pelo nome de *Ribeira d'Alcântara,* se formou por auxílio do dito muro um tão grande lago que servia de canal, navegando por êle vários batéis para serviço dos moradores daquele mesmo vale. El-rei D. Manoel mandou encaminhar estas águas para Lisboa, fazendo-as correr na Praça do Rocío, ou praça de D. Pedro, incumbindo para êste fim a Francisco de Holanda o desenho de um chafariz, representando a figura de Lisboa em cima de uma coluna cercada de elefantes, os quais haviam de deitar água pelas trombas. Êste desenho não foi a efeito. O infante D. Luiz, filho do mesmo rei D. Manoel, fazia todo o empenho para que estas águas fôssem conduzidas para o palácio da Ribeira, a fim de poderem servir para as aguadas das embarcações, que tinham de partir para a Índia.[15]"

Depois dos romanos, só a partir dos fins do século XV e começos do século XVI é que vamos encontrar referências a contruções de aquedutos em Portugal. Sigamô-las em ordem cronológica:

AQUEDUTO DA AMOREIRA, EM ELVAS, 1498 — 1622.

Construído de acôrdo com a traça do arquiteto Francisco de Arruda, primeiro mestre das obras, seguido de Afonso Álvares e de Diogo Marques, depois de 1610, e finalmente Pero Vaz Pereira. Até o fim do século XV o abastecimento de água em Elvas, então vila, era feito com o Poço de Alcalá. Em 1498 com o tributo do real da água mandou a Câmara consertá-lo e, vendo que já não era suficiente para abastecer a cidade, empreendeu a construção do aqueduto. Êste custou mais de 200.000 cruzados e suas obras, começadas em 1500, duraram cento e vinte cinco anos: em 1542 as águas já chegavam aos muros da cidade, mas só a 23 de Junho

15. E. Pereira e G. Rodrigues. *Op. cit.*

de 1622 correram na chamada Fonte da Vila, no largo da Misericórdia, o que foi comemorado com grandes festejos, corridas de touros e cavalhadas.

O aqueduto conduziu para Elvas o manancial da Amoreira. Tem mais de 7 kms. de extensão e a parte principal com a arcaria é constituída de renques de arcos que se sobrepõem até 4 ordens e tem mais de 1 km. de comprimento, atingindo 31 mts. de altura. A primeira ordem de arcos é muito mais alta do que as outras. A construção é de grande solidez, sendo robustecida de espaço a espaço por gigantes de alvenaria, chegando alguns até a parte superior da arcaria. O aqueduto alimenta várias fontes da cidade, das quais a de S. Lourenço é a principal e também os grandes reservatórios ou cisternas da praça, feitos durante a guerra da Restauração.

Sôbre Francisco de Arruda, arquiteto da obra e seu primeiro mestre, sabe-se que é figura de grande importância, juntamente com o irmão Diogo[16] a quem substituiu nos seus cargos oficiais de mestre das obras da comarca do Alemtejo, dos paços de Évora e medidor de obras, em 1531. Há notícia de sua atividade desde 1510, como empreiteiro das obras de muralhas e castelos de Moura, Mourão e Portel; em 1514 estava em Azamor com o irmão e em 1516 era mestre do baluarte do Restello. Em 1542, Francisco de Arruda, cavalheiro da casa real e da Ordem de Cristo, foi nomeado visitador do cano da água da prata de Évora.[17]"

O trajeto do aqueduto da Amoreira é de linha muito irregular. Sôbre isto há uma referência de E. Bosc, que atribue, não sabemos porque, aos mouros a sua construção: *En Portugal, les Mores ont construit un aqueduc à Elvas, qui témoigne de leurs connaissances; ils ont donné peu d'épaisseur aux construtions, aussi l'aqueduc d'Elvas. au lieu de se développer en ligne droit, est-il formé por des lignes brisées, sur quatre rangs d'arcades superposées".*

O aqueduto das Amoreiras é tido como um dos mais imponentes do país.

---

16. Diogo, segundo S. Viterbo; ou Jacques, segundo A. Racksinski.
17. A. RACZINSKI. *Dictionnaire Historique-Artistique du Portugal...* Paris, 1847; SOUSA VITERBO. *Dicionário dos Arquitetos e Engenheiros.* Lisboa, 1903-1911.



Aqueduto da Amoreira — Elvas

## AQUEDUTO DO SERTÓRIO OU DA PRATA, EM ÉVORA, 1531-38.

O aqueduto construído por Sertório, provàvelmente pouco tempo depois de 75 A.C., foi quase totalmente arrazado pelos bárbaros, dêle só permanecendo "dois pavilhões, um na extremidade do aqueduto, sôbre a muralha entre as portas da Lagôa e Aviz, e outro, perfeitamente igual, junto ao convento de S. Francisco."[18] O resto fôra destruído de tal forma que se chegou a negar a existência do aqueduto. Foi o erudito André de Rezende que em 1530 fez investigações e descobriu os grossos alicerces sôbre os quais foi reedificado. Rezende obteve de D. João III a ordem para fazer-se a restauração da obra, da qual foi êle mesmo incumbido. "Vinha a água a um magnífico chafariz de mármore saindo pela boca de quatro leões, que então se construiu na praça grande e debaixo do arco triunfal de Sertório, que ainda existia."[19] O chafariz e o arco foram demolidos por ordem do cardeal D. Henrique para ornarem o colégio de Jesuitas e para dar espaço à Igreja de S. Antão que ali fôra construída. Edificou-se outro chafariz mais tarde.

O aqueduto, de 9 kms. de extensão, origina-se na herdade da Água da Prata, aldeia de N. S. da Graça de Divor, perto de Arraiolos. Êle entra na cidade por cima das muralhas, servindo-lhe de depósito de água o primitivo pavilhão sertoriano entre as portas de Lagôa e Aviz.

André de Rezende encontrou nas suas pesquisas, a lápide comemorativa do primeiro aqueduto e mandou colocá-la no novo. A inscrição latina significa: "Quinto Sertório... em honra do seu nome e da coorte dos bravos eborenses, por seu valor na guerra celtibérica, cercou e fortificou a cidade, município de soldados veteranos e beneméritos; e para utilidade pública fez conduzir à mesma por um aqueduto muita água, recolhida de diversas nascentes."

Supõe-se que a lacuna das primeiras linhas seria preenchida por algum título de Sertório, como *dux lusitanorum,* capitão ou chefe dos lusitanos.

---

18. E. Pereira e G. Rodrigues, *Op. cit.*
19. *Idem.*

São as águas dêste aqueduto que ainda abastecem as fontes e chafarizes da cidade.

Atribui-se ao aqueduto de Évora a referência de Camões, no canto III, estrofe 63-a dos Lusíadas.

Em virtude da minúcia com que o jesuita Manuel Fialho se referiu à história do aqueduto, julgamos acertado transcrever, a seguir, o trecho de sua obra *Évora ilustrada,* relativo ao mesmo:

"Uma das obras dignas de seu ânimo, que fêz El Rei D. João III, foi a restauração do aqueduto da água da prata desta cidade, feito pelo famoso Sertório, pôsto que com a variedade dos tempos e invasões de bárbaros assim se demoliu, que apenas havia dêle vestígios. [...] No ano de 1533 moveu esta emprêsa E. Rei D. João o terceiro. Era seu escrivão da Puridade D. Miguel da Silva [...] Êste se opôs à obra tendo-a por quimérica, dizia que tal obra não houvera; que a água lá onde chamam as furnas e mais fontes, se acaso foi para as meter em Évora, se desistira pela impossibidade da obra, pois Évora estava em sítio mais alto. Para concluir o seu assunto dizia ser fingimento que Sertório morasse em Évora. [...] A êste grande gigante venceu o outro David eborense, o célebre Mestre Resende da Ordem de S. Domingos. Falou na matéria com escritos antigos e com cipos, que o testemunhavam. Êste com inexplicável curiosidade mandou cavar aqui e ali, onde o discurso lhe ditava poderia ter sua queda e levada de água. Com a sua diligência achou não só indícios, mas evidência do aqueduto antigo. Praticando com inteligentes, veio desde as minas tomando as alturas por circuito, até à cidade, e mostrou com evidência poder a água ser trazida, e que já o fôra..."

"El Rei sem demora mandou pôr mãos à obra em o ano de 1533; dizem que 4 anos se gastaram em fazer êste real Aqueduto. Chama-se da água da prata; não sabemos se deu o nome ou o tomou de uma herdade, que se chama da prata, em que está a décima fonte que nêle entra. Dizem ser a maior e melhor."

"Dois mil passos além da freguesia e templo de N. S. da Graça, que chamam do Divor, em um como monte por duas furnas, que por baixo da terra quase o cercam, à roda se ajunta a água

que dizem é o princípio e cabeça do Aqueduto; chamam-lhe as minas. Saindo dali vem recolhendo 28 fontes, que lhe ficam em proporção. Em partes vem alguma coisa por debaixo da terra, em outras por arcos. Anda, desde as primeiras minas até entrar na cidade, dezessete mil passos, por causa dos rodeios, sendo que por caminho direito, dizem ser só de seis mil passos. Reparte-se a cópia de água em 7 fontes públicas, a do Chão das Covas, da Porta Nova, da Praça, e Porta de Moura. Fora da cidade a do Rocio, uma entre a Cartuxa e cidade, outra para cá do Convento de S. Roque. A fonte da praça que é mui copiosa é nobilíssima. -Com licença de El-Rei D. Sebastião a mandou fazer o Cardeal Infante D. Henrique. Neste lugar estava um chafariz com um magnífico pórtico com muitas e grandes colunas de mármore. Êsse chafariz fez El-Rei D. João III, para vir ali cair água da prata quando renovou o Aqueduto. Para isso tirou dali o pelourinho e o mandou pôr onde agora está. [...] Também do Aqueduto se dá sua porção de água a vinte e dois donatários; os mais dêles conventos e colégios; entra neles o hospital e a cadeia pública. No ano de 1600, El-Rei Filipe segundo em Portugal, mandou ajuntar as Leis, que já havia sobre o Aqueduto e renovar as penas contra os daninhos. Em agradecimento o diz um letreiro em mármore, na praça pública debaixo das varandas do Senado. Está emparelhado com os letreiros de D. João III e de Sertório".

AQUEDUTO DE ÓBIDOS, 1550.

* *

A rainha D. Catarina, mulher de D. João III, contratou em 1550 com a câmara e habitantes de Óbidos, em fazer à sua custa o aqueduto da Osseira, que era um baldío do município, e que desde então se principiou a chamar Várzea da Rainha. Tem 3 kms. de comprimento. Neste sítio está a capela de N. S. do Carmo, onde antigamente esteve a igreja paroquial de S. João Batista. O aqueduto é ainda hoje muito notável; está sôbre grande número de arcos de pedra, e dá água para todos os chafarizes da vila.

A cidade conserva muitas construções antigas, janelas e portadas românicas, ogivais, com aldrava e espêlho de fechadura em

arabescos de ferro forjado, do século XVI, encimado pela cruz de Cristo.

A vila é tôda cercada de muralhas torreadas, elevando-se em alguns sítios a mais de 13 metros de altura, tendo 4 portas. Destaca-se o castelo.

Os arcos abrangem a extensão de meia légua desde o manancial da Osseira.

A antiga cêrca de muralhas, danificada, mas ainda resistente, tem a forma de um ferro de engomar, com o bico voltado para o sul e defendido por um torreão chamado tôrre vedra, o que quer dizer tôrre velha.[20]"

D. João V, passando em caminho das Caldas da Rainha, exclamou apontando para os sólidos e elegantes muros de Óbidos: "Eis aqui um vilão com uma cinta de ouro.[21]"

AQUEDUTO DE TÔRRES VEDRAS

Situado na antiga vila do mesmo nome, considerada uma das mais importantes da província da Extremadura, êste aqueduto constitui, juntamente com o Chafariz dos Canos, um dos seus principais monumentos. "Tem quase 2 kms. de comprimento, correndo subterrâneamente em metade desta distância, e no resto, ora sôbre uma ordem de arcos, ora sôbre duas ordens. O chafariz, que é um curioso exemplar de arquitetura gótica, consta de um pavilhão pentagonal, da fonte pròpriamente dita, e dois tanques."[22]

No chafariz dos Canos lê-se a seguinte inscrição: "Mandara fazer êste chafariz uma infanta portuguêsa no ano de 1561". Dela se presume tratar-se da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher.

Alberto Pereira também se refere ao chafariz na obra *Portugal Artístico e Monumental*: "Chafariz dos Canos, um verdadeiro mo-

---

20. E. PEREIRA, e G. RODRIGUES. *Op. cit. e* A. PIMENTEL: *A Extremadura Portuguêsa;* 2.º Vol.
21. A. PIMENTEL. *Op. cit.*
22. E. PEREIRA e G. RODRIGUES. *Op. cit.*

numento de cantaria lavrada, curioso exemplar de arquitetura gótica do primeiro período."

AQUEDUTO DE S. SEBASTIÃO, EM COIMBRA — 1570.

Situado a leste da parte alta da cidade velha, fora das antigas muralhas. Como já referimos, há, nas inscrições comemorativas da feitura da obra, menção de "rastos e furos" de antigo aqueduto romano que ali teria existido. Sabe-se por cartas do infante D. Pedra de 1429, que o mesmo tentou fazer a obra, suscitando-se questão com Santa Cruz, por causa das nascentes.[23]

O aqueduto foi construído no reinado de D. Sebastião, o rei vencido em Alcacer-Kibir, para abastecer o bairro alto, conduzindo ao largo da Feira águas de várias nascentes, inclusive as das fontes do rei e da rainha, havendo novas questões entre a Câmara e o mosteiro crúzio.

"Uma grande parte do aqueduto corre sôbre vinte e um arcos muito elevados, e na direção de leste a oeste, desde a montanha, em que se assenta o mosteiro de Sant'Anna e fronteiro a êle, até às proximidades do arco ou porta do Castelo."[24] Foi seu arquiteto o grande Filippe Tercio. "Compõe-se de vinte e um arcos (semicirculares nos mais estreitos e sendo, os mais largos, de flexa inferior ao raio em pilares cujas faces externas são em degraus. A obra é de alvenaria, à exceção do arco de honra (sob que passava a estrada de Celas) e do que fica junto ao morro do antigo castelo que tem as aduelas aparelhadas. Os arcos mais altos, em número de quinze, ficam na parte que atravessa a garganta do monte, e seguem a mesma direção (não guardando porém as mesmas dimensões de abertura). Ao chegar à altura do antigo colégio de S. Bento, inflete um pouco para norte (sendo o pilar em que se forma o ângulo, de comprimento duplo do normal), ficando de cinco arcos êste novo

---

23. Virgílio Correia e Nogueira Gonçalves. *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra.*
24. A. C. Borges de Figueiredo; *Coimbra Antiga e Moderna.* Cap. XVI.

lanço. O último segmento é dum só arco, em orientação mais acentuada para norte, para ser tangente ao morro. O resto do percurso é subterrâneo, terminando no largo da Feira numa fonte de linhas sóbrias — ... O arco de honra, o primeiro do nascente, é de cantarias lavradas." (Cf. V. Correia e N. Gonçalves. Op. Cit.)

"O arco mais oriental, de traça não vulgar, é encimado por um baldaquino de duas faces assentes em colunas, baldaquino que cobre duas imagens, uma de S. Sebastião voltada para o Sul, outra de S. Roque virada para o norte."[25]

O autor desta obra, Felipe Tercio, Terzi, Tersio ou Estercio, italiano, que Raczinski qualificou de arquiteto e pintor, foi artista notável. Sousa Viterbo diz não encontrar para Tercio a qualificação de pintor em nenhum documento oficial, mas Raczinski informa ter servido êle como pintor do cardeal rei Henrique por volta de 1580, e como arquiteto a Felipe. Em 1572 foi nomeado mestre das obras reais depois da morte de Antônio Rodrigues. Construiu a parte do Palácio de Lisboa, chamada o forte, ou torreão da Casa da Índia. Viterbo cita Frei Francisco de S. Luís, dando notícia de Tercio, na sua *Lista de Artistas*: "Delineou o forte de cinco baluartes, que defende a barra do Ave em Vila do Conde. Fêz o *grande aqueduto* que traz água ao convento de religiosas da mesma vila, e também os *arcos das águas* da cidade de Coimbra". Chegou a Portugal durante o reinado de D. Sebastião (em 1577 já estava em Lisboa), acompanhando o rei na expedição africana juntamente com Nicolau de Frias e foi feito prisioneiro em Alcacer-Kibir. O cardeal-rei empenhou-se pelo seu resgate.

Em 1583 Tercio era mandado a Coimbra para examinar as obras da ponte entre o rio Mondego e os mosteiros de S. Francisco e Santa Clara. Em 1584 foi nomeado mestre das obras do convento de Cristo, de Tomar. A obra executada por Tercio, em Tomar, foi o aqueduto. Em 1592 foi mandado a Coimbra de onde escreveu, "dizendo que, para efetuar bem o negócio, quis também ir ver a fonte e a valinha, que está dentro da cêrca dos religiosos de Santa

---

25. A. C. Borges de Figueiredo. *Op. Cit.*

Cruz, com o corregedor e juiz de fora. E outro dia foi também com a câmara ver os canos e arcas e tudo mais necessário. Dali partia para Vila do Conde, assim como mandava a carta de sua alteza, e que à volta deveria estar feito o atalho e então acabaria o negócio a que fôra mandado."[26]

São ainda de sua autoria: A reedificação do convento de Palmela e do colégio dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho em Coimbra. De sua traça também são considerados o Castelo de S. Felipe em Setúbal e a Igreja de S. Roque em Lisboa.

Atribui-se a Felipe Tercio uma ação fundamental no desenvolvimento da arquitetura portuguêsa do Século XVII, ação que, no dizer de Vergilio Correia, dada a importância social dêste arquiteto, poderia talvez considerar-se análoga ou paralela à exercida por Herrera em Espanha."[27]

Tercio construiu, portanto, os aquedutos de *Coimbra,* de *Tomar* e o de *Vila do Conde.* Frei Francisco de S. Luís também lhe empresta, na sua Lista dos Artistas, a autoria do forte de cinco baluartes de Vila do Conde. [28]

AQUEDUTO DO CONVENTO DE CRISTO EM TOMAR, CHAMADO DOS PEGÕES ALTOS, 1593 — 1614.

"Tomar foi cabeça, desde a sua fundação, da poderosa Ordem do Templo e, seguidamente, da riquíssima Ordem de Cristo."[29]

"O aqueduto é constituído por 180 arcos que galgam os vales da Falpinheira e dos Pegões, por vêzes em arcaria de duas ordens sobrepostas, e vem morrer ao cabo de 5 kms. no depósito do lavado do dormitório, que tem a data de 1617, e na fonte feita por Pedro Fernandes para o claustro dos Felipes. Importou em 80.000 cruzados, tendo sido, segundo rezam as inscrições, principiado em 1593 no reinado de Felipe II e acabado em 1614, no govêrno do segundo

---

26. Sousa Viterbo. *Op. cit.*
27. Pires e Cerdeira. *História de Portugal.*
28 Sousa Viterbo. *Op. cit.*
29. Augusto Garcez Teixeira. *Arte em Portugal,* n.º 6. Tomar.

intruso. Foi seu primeiro mestre Felipe Terzio, nomeado em 1584, dirigindo em seguida os trabalhos desde 1597 a 1616 (continuação do aqueduto e construção das fontes do convento) o arquiteto Pedro Fernandes de Tôrres. É uma obra monumental, e com o da Amoreira, em Elvas, talvez o mais nobre e elegante aqueduto do país. Encimam os pilares ou pegões uns coruchéus com pináculos rematados pela cruz de Cristo."[30]

O claustro principal foi começado em 1558, e terminado já debaixo da direção de Felipe Terzio, no reinado dos reis intrusos, a partir de 1587.

São já obras do período felipino, o lavabo da galeria inferior, de Felipe Terzio (1593), e a fonte central, de Pedro Fernandes Tôrres, muito harmônica com as linhas do claustro.

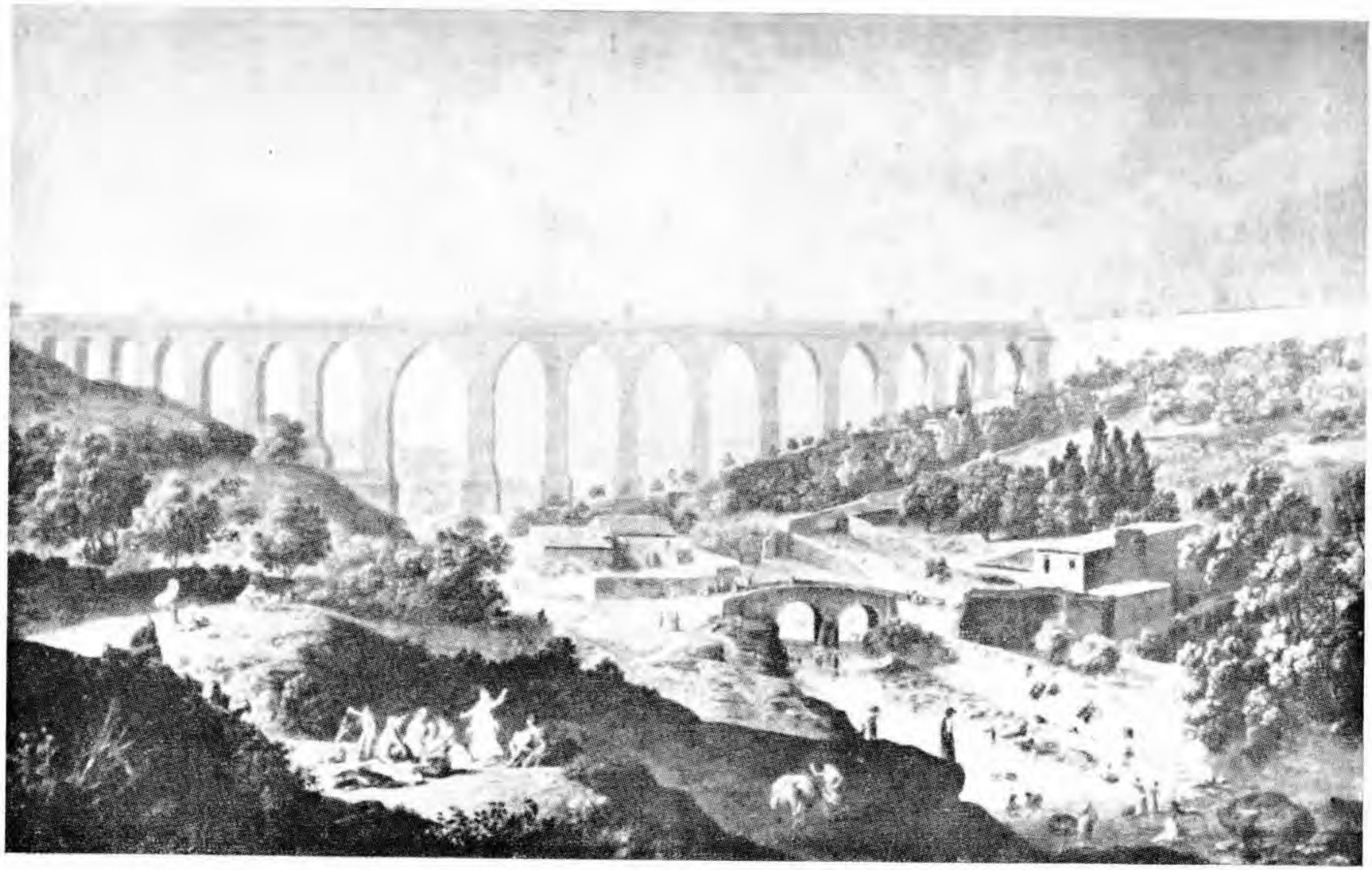
AQUEDUTO DAS AGUAS LIVRES, LISBOA — 1729-748.

"O aqueduto, porém, que a todos domina e sobreleva pelo seu desenho, dimensões, mármores e cantarias empregadas na fábrica, é o denominado Águas Livres de Lisboa."[31] É também chamado de Alcântara, por passar sôbre o vale dêste nome (Guia de Port. n.º 1).

A falta dágua tornava-se espantosamente sensível em Lisboa no reinado de D. João V. Atribui-se a construção do aqueduto à diligência de Cláudio Gurgel do Amaral e o seu risco a Manuel da Maia e Custódio Vieira. Foram os trabalhos iniciados sob a direção de Canevari, Custódio Vieira, Manuel da Maia, Ludovice e José da Silva Pais. Citam-se depois Carlos Mardel, Rodrigo Franco, Miguel Ângelo Blasco, Reinaldo Manuel dos Santos, Francisco Antônio Ferreira Leal e outros como continuadores da obra."[32] Não podemos deixar de mencionar as inspiradas palavras de Matos Sequeira na apresentação do catálogo, já referido, da Exposição organizada pela

---

30. *Biblioteca Nacional de Lisboa. Guia de Portugal,* 2.º Vol. 1924.
31. E. PEREIRA e G. RODRIGUES. *Op. Cit.*
32. Catálogo da Exposição cultural relativa ao Aqueduto das Águas Livres. Pref. de Matos Sequeira.



O aqueduto de Alcântara chamado de Águas Livres, gravura de L'Evêque — Lisbôa

Câmara Municipal de Lisboa sôbre êste aqueduto e o abastecimento dágua da cidade:

"Como Roma, onde o culto da Fonte ainda hoje perdura e se afervora, Lisboa, teve no século XVIII com a vinda festiva da água de Belas, a sua hora de devoção, a sua maré alta de entusiasmo agradecido. O aqueduto riscado por Manuel da Maia — grande figura que ainda não está no seu nicho — na parte monumental do salto sôbre a ribeira de Alcântara, em arcarias que ainda hoje impressionam, pela elegância e pela ousadia, pelo imprevisto e pela sobriedade, mal cravados os pegões estupendos que o trouxeram à que depois foi Arca da Água, gorgolejada a água no tanque das Amoreiras em 3 de Outubro de 1744."[33]

É ainda Sequeira que informa ser o Águas Livres réplica do velho monumento romano "cujos restos o século XVII ainda vira, trazendo a "Água Líbera" a Felicitas Júlia.

Luz Soriano refere-se, na *História do reinado de D. José,* à construção de aquedutos subterrâneos, no tempo dos romanos, para introduzir em Lisboa a água de Belas e Caneças e a um muro que servia de reprêsa às águas no vale da Ribeira d'Alcântara e diz que D. Manuel encaminhou aquelas águas para a cidade. No reinado de D. Sebastião também pensou-se em trazer para Lisboa as águas da Fonte ou Ribeira da Água Livre; e Felipe III tendo visitado aquela fonte que é próximo de Belas, em 1619, recomendou aos vereadores de Lisboa para fazerem conduzir logo aquela água à cidade. Também em 1683, fizeram-se estudos no mesmo sentido, por iniciativa do conde de Pontevel, presidente do Senado. Mas coube finalmente a D. João V a glória de se ter realizado durante o seu reinado aquêle empreendimento, por proposta do procurador da cidade, Cláudio Gurgel do Amaral, em 1728.[34]

O aqueduto parte da ribeira das Águas Livres e tem quasi 19 kms. do olival do Santíssimo em Caneças até a casa da Água nas Amoreiras, sem contar os ramais posteriores. A galeria vai du-

---

33. *Idem.*
34. E. Pereira e G. Rodrigues. Op. cit.

rante 4.650 mts. subterrânea, e passa sôbre 127 arcos de cantaria, incluindo os 35 da Ribeira d'Alcântara que são os mais notáveis; o cano coberto da abóbada tem 137 clarabóias."[35]

"A forma do aqueduto é a de um corredor ou mina artificial, com as paredes dos lados de alvenaria, indo assim até onde principia a volta do arco, que é de tijolo, matéria de que a abóbada é formada. Ao centro há um passeio de finíssimo lagedo, dos dois lados correm uns encanamentos de pedra liós que recebem 12 manilhas dágua tendo palmo e meio de boca, e palmo e quarto de largura."[36]

A parte entre o jardim, onde se inicia o antigo Passeio dos Arcos, isto é, a entrada para a passagem sôbre as arcarias, e o alto da Serafina tem quase 1 km. de extensão, sôbre o vale da ribeira de Alcântara. São 35 arcos, sendo de volta inteira os 18 primeiros do lado de Lisboa e os 3 últimos do lado do alto da Serafina, e os 14 restantes ogivais. O maior dêles, o Arco Grande tem 65,29 mts. de altura e 28,86 de largura. A galeria do aqueduto tem 2,88 de altura, havendo de cada lado uma caleira de lagedo e um passeio com 66 mts. de largura (Passeio dos Arcos)."[37]

O aqueduto termina na Casa das Águas Livres "vasta mole quadrangular com amplas janelas em roda e paredes de 5,14 mts. de espessura, e de cujo terraço se avista quase tôda a cidade".[38] O tanque tem capacidade para 5.500 m³ e mede 28,6X24,4. "Esta *mãe de água* começada no século XVIII, só foi concluída em 1834, e fazia parte do conjunto das obras para abastecimento das águas à capital iniciadas em tempos de D. João V. É de aqui que partem muitas das galerias que abastecem os chafarizes da cidade."[39]

"Salvando a R. das Amoreiras, o chamado Arco Grande, de ordem *dórica* e grande imponência e que é o arco final do grande

---

35. B. N. de Lisboa *Guia de Portugal.*
36. E. PEREIRA e G. RODRIGUES. *Op. cit.*
37. B. N. DE LISBOA. *Op. cit.*
38. *Idem.*
39. *Idem.*

aqueduto das Águas Livres. Na parte superior, duas inscrições laudatórias, comemorativas da introdução da água em Lisboa (1738)."[40]

O *Dicionário Portugal* transcreve a inscrição colocada no arco das Amoreiras: "No ano de 1748 Reinando o Piedoso, Feliz e Magnânimo Rei D. João V. O Senado e o povo Lisbonense, à custa do mesmo Povo, e com muita satisfação d'êle introduziu na cidade as Águas Livres desejadas pelo espaço de dois séculos, e isto por meio de um aturado trabalho, durante 20 anos, em arrasar, desfazer e furar outeiros na redondeza de nove mil passos".Lê-se na mesma obra que o marquês de Pombal alterou mais tarde esta inscrição.

"O fato de assentarem os seus alicerces sôbre os calcários do cretácico superior explica porque tão formidável fábrica pôde resistir ao terremoto." Num requerimento a D. João V, publicado por Sousa Viterbo, escreveu Manuel da Maia, primeiro mestre do aqueduto:

"... ou na eleição do terreno para a condução das Águas Livres em que trabalhou desde o ano de 1728 até o de 1734 de sorte que não só desembaraçou a grande confusão, em que aquela matéria se achava, mas a reduziu ao mais verdadeiro, seguro e conveniente método de conduzir as águas, de que não há outro exemplo, nem ainda advertido, ou ponderado nos autores..."

AQUEDUTO DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA EM VILA DO CONDE

"É um dos mais extensos de Portugal. Tem mais de 5 kms. de extensão e contava 999 arcos, todos de sólido granito, quase todos simétricos, prolongando-se em coluna cerrada e quase em linha reta desde o convento até a raiz da montanha que fecha o horizonte ao norte. Abastecia d'água o convento, e foi obra do arquiteto italiano Felipe Terzio. Acha-se hoje muito danificado, tendo numerosos arcos partidos. Fica junto à Igreja do extinto Convento de N. S.ª da Encarnação, da ordem de S. Francisco."[41]

---

40. *Idem.*
41. E. Pereira e G. Rodrigues. *Op. cit.*

"O aqueduto composto de 999 arcos é outra obra monumental do século XVIII, principiada pela Abadessa d. Bárbara Micaela de Ataide, auxiliada por seu irmão D. Manoel d'Azevedo e Ataide que [...] isentava do serviço militar todos os mancebos que trabalhassem na condução dos materiais para a mesma obra, motivo porque ficou muito barata ao Convento. A água trazida à distância d'uma légua, da freguezia do Terrozo, do conselho da Póvoa de Varzim, para o Mosteiro de Vila do Conde, por um processo primitivo, pois não era ainda conhecido o princípio do equilíbrio dos líquidos em vasos comunicantes, foi comprada em 1628, pela Abadessa D. Maria de Menezes; contudo as obras do novo projeto viável do aqueduto, modificação do antigo que não dera resultado, só começaram em 1705 e acabaram em 1714, conforme se lê na Fonte monumental da claustra, que era o *terminus* do referido aqueduto."[42]

A respeito da autoria do aqueduto da Vila do Conde, atribuído a Terzio por quase todos os autores inclusive Sousa Viterbo, transcrevendo a lista dos Artistas de Frei Francisco de S. Luis, e Reinaldo dos Santos, há uma versão diferente no livro do Mons. J. Augusto Ferreira:

"O arquiteto da obra nova foi o coronel d'engenheiros de Viana, Manoel Pinto de Vila Lobos, que modificou o projeto antigo. Sôbre o presumível autor dêste projeto antigo, vide adeante, quando se tratar do Castelo, nota 1."

"Os mestres pedreiros que fizeram o aqueduto foram João Rodrigues, de Ponte do Lima, e Domingos Moreira, da Maia."[43]

Nota da p.30: "O cardeal Saraiva diz que Felipe Tercio, arquiteto e engenheiro italiano "delineara o forte de 5 baluartes que defende a barra do Ave em Vila do Conde e *fizera o grande aqueduto que trazia água ao convento* de religiosas da mesma vila." É possível que para ambas as obras Felipe Tercio fizesse estudos; porém a construção delas, e sobretudo a segunda, é muito posterior à sua morte, que se diz ter ocorrido em 1598. É certo que em 19

---

42. *Mons, J. Augusto Ferreira. Vila do Condé e seu Alfoz.*
43. *Idem.*

de outubro de 1592 Tercio esteve em Vila do Conde, onde foi cumprir uma diligência de El-Rei, conforme lhe diz em carta daquela data, mas o resto é matéria para investigações, contudo é presumível que as citadas obras de Vila do Conde fôssem delineadas por Tercio ou por discípulos de sua numerosa escola. Cf. Viterbo, *Dicionário,* vol. III, 93."[44]

## VII. CARIOCA

Vós, solitários gênios dos desertos
Do meu pátrio Brasil, nunca invocados
Té-qui por nenhum vate, a cujas vozes
Doçura deram do Carioca as águas;

(Canto I, p. 4)

☆

Lá diviso a Tijuca tão saudosa
Cujas águas bebi; nelas banhei-me.
Ali, naquele morro, onde se eleva
O Corcovado píncaro ventoso,
Doce e manso desliza-se o Carioca,
A cujas margens minha mãe cantava
Tão mestos cantos, que eu chorando ouvia,
E ainda choro com a lembrança dêles...

(Canto I, p. 19)

☆

Natural, inspirada poesia
De todos os distingue, e os enobrece,
E tratáveis os torna, ainda que altivos.
Crêem êles que êsse dom, e as doces vozes,
As puras águas devem do Carioca.

(Canto II, p. 3)

☆

E onde? brada Aimbire aceso em ira,
Como si o inferno lhe estourasse n'alma:
E onde, estulto velho, onde acharemos
O céu de Niterói? As férteis plagas
Do nosso Paraíba? E as doces águas
Do saudoso Carioca, que suavizam
Dos cantores a voz melodiosa?

(Canto IV, p. 120)

---

44. *Idem.*

*Doçura deram do carioca as águas.*

"Diz Rocha Pita, apoiado em uma tradição, que as águas do Carioca têm a virtude de dar boas vozes aos músicos. Vem esta crença dos Índios, porquanto os Tamoios, que habitavam o Rio de Janeiro, eram mui dados à música, e mui conhecidos e estimados entre os selvagens pelo seu talento poético, como o afirma Gabriel Soares. Por muito tempo foram os filhos do Rio de Janeiro apelidados Cariocas, por causa do grande chafariz da sua capital, onde correm as águas dêsse rio, se bem que já hoje misturadas com as de outros: e sabem todos quanto os Fluminenses amam e cultivam a música e a poesia, e nisto como na bravura, no amor da pátria e liberdade, parecem-se êles com os antigos Tamoios."[45]

O Carioca, o rio sagrado dos Tamoios, nascido na serra do mesmo nome de que é ponto culminante o Corcovado, foi outrora navegável. "Tinha dois desaguadouros: um no sopé do morro da Glória (primitivo de Lery), e outro mais caudaloso na praia do Flamengo e antes Aguada dos Marinheiros, da Casa da Pedra, de Pedro Martins Namorado..."[46]

Mostra Afrânio Peixoto na monografia sôbre a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, publicada pelo Sphan, que foi "entre o Oiteiro e o boqueirão da Carioca, no sítio fragoso e elevado, que demorava o entrincheiramento de Biraoçumirim e os Franceses de Bois-le-Comte, providos de artilharia" que se travou o combate de 20 de Janeiro de 1567 (vitória decisiva no continente) com os portuguêses comandados por Cristóvão de Barros, Gaspar Barbosa e Estácio de Sá.

"É desta vitória, nesse lugar, desta data, que vem o Rio de Janeiro *efetivo*. O chão é mais que Carioca, Leripe, Uruçumirim: é a Glória. A santa invocação virá depois. Um fortim na praia,

---

45. GONÇALVES DE MAGALHÃES. *A. confederação dos Tamoios.* Rio, 1857.
46. J. VIEIRA FAZENDA. *Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro.* 5 Vols. Rio, 1921-1927.



ARCOS DA CARIOCA



ainda no fim do século XVII, se chama forte da Carioca ou da Glória."[47]

Era nos desaguadouros do Carioca, informa ainda Vieira Fazenda, que "os nossos antepassados mandavam índios e pretos da Guiné, buscar água, já que na cidade só havia poços de água salobra e pouco própria para os misteres da vida."

Rio das *Caboclas,* ou do Catete, ou da "Mãe d'Água" também foi chamado o Carioca. O significado da palavra, de origem tupi, é interpretado de várias maneiras. "Composta de duas palavras indígenas — *Cary* e *Óca* — que significam, segundo alguns etimologistas — Casa de água corrente — e segundo outros — Água corrente de pedra — foi pelos portuguêses chamada — "Mãe d'Água", como se lê nas antigas escrituras de sesmarias das terras circunvizinhas".[48]

Noronha Santos cita estas e mais as seguintes interpretações do vocábulo:

Casa dos Kariós, da tribu dos Tamoios, de Jean de Lery; casa de fonte, de Martius; casa de branco, de Varnhagen; descendente de branco, de Teodoro Sampaio; corrente saída do mato ou do monte, de Batista Caetano e Vale Cabral; caribócas, de Couto de Magalhães e, finalmente, rio do mato ou do monte, de Barbosa Rodrigues.

Numa das notas do Prof. Pirajá da Silva na *Notícia do Brasil,* de Gabriel Soares de Souza, lê-se:

"Rio Carioca, ou melhor *Caribóca de Caraíba* = homem branco + *oca* = morada: *casa do branco.* Afirmam outros que carioca, *carioc* ou *cari-boc,* significa o mestiço descendente de português e de índia. Nos *Episódios da História do Brasil,* por A. Kleisler, encontra-se um mapa antigo do Rio de Janeiro que trás o nome de Rio *Acarioca.* Êsse mapa é o mesmo com pequenas modificações, do mapa anterior a 1600, do "*O Rio de Janeiro* de 1922" por Ferreira da Rosa, onde também está *Acarioca. Acari,* alteração de *cari* — é um peixe de água doce, também chamado

47. Afrânio Peixoto. *Igreja da Glória do Outeiro.*
48. Pizarro e Araujo. *Memorias históricas do Rio de Janeiro.* T. VII. Rio, 1820.

cascudo, *Plecostomus plecostomus* (L). Vive nas tocas. O vocábulo Carioca, na língua tupi, provém de *acari* ou *cari* = peixe cascudo + *oca* = paradeiro, abrigo, casa: paradeiro dos acaris. (Cf. *Correio da Manhã* 1929 e 1-3-1936, Prof. Armando de Magalhães Correia)"

Magalhães Corrêa fala "em casa do acari" e diz que "segundo Gandavo, era êste rio abundante em peixes cascudos (caris), de saboroso paladar, os quais deram o nome ao rio Carioca, por serem seus habitantes, e aos filhos desta maravilhosa terra".

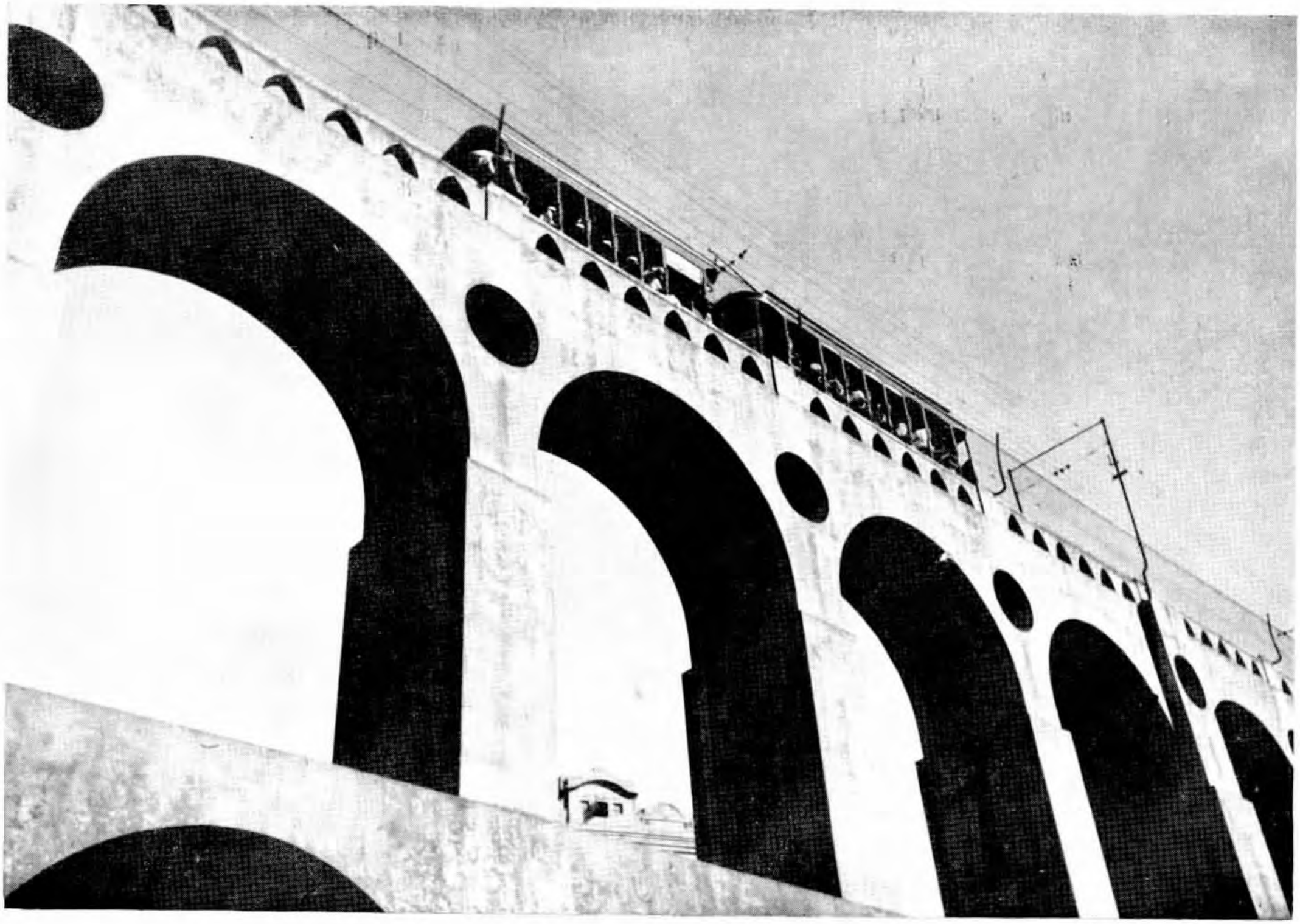
* * *

Não demorou muito tempo, depois do cruento combate travado junto ao Outeiro da Glória e ao boqueirão da Carioca, para que os colonizadores começassem a cogitar no aproveitamento do tão decantado rio dos Tamoios para abastecer a cidade ali fundada, naquele dia de S. Sebastião, 20 de Janeiro de 1567. Menos de quarenta anos, depois, no govêrno de Martim Correia de Sá (1602-608) "se cogitara do lançamento de uma finta para trazer as águas cristalinas do rio Carioca até o sítio de N. S.ª da Ajuda."[49]

É bem longa, entretanto, a história das providências administrativas que vizaram aquele objetivo, atravessando todo o século XVII, numa sucessão de autos de correição, provisões, ajustes, cartas régias, tributos, fintas e subscrições, que só muito lentamente iam produzindo resultados práticos. Freqüentes representações de governadores e oficiais da Câmara à Corôa Portuguêsa eram atendidas em muito escassa medida, apenas suficiente para não deixar de corresponder de todo à satisfação de uma necessidade primordial para a vida da população. A política administrativa portuguêsa desenvolvia-se no sentido de obter os maiores benefícios para a real fazenda e pouco admitia que pudesse contrariar aqueles interêsses, como se pode verificar na oposição declarada na carta régia de 1682, à cobrança do impôsto de 400 réis por barril d'aguardente do reino:

---

49. NORONHA SANTOS. "Aqueduto da Carioca". *Revista do Sphan,* n.º 4, 1940.



Arcos da Carioca

"...E quanto ao cruzado que se determinou impôr para a obra da água da Carioca se não imponha, nem permitais que o arrecade*m* os oficiais da Câmara, suposto que a dita obra tem consignação certa e abundantíssima, cumprindo-se muito inviolàvelmente a provisão que mandei passar em 6 de Maio de 672 e..."

Voltemos, porém, à ordem cronológica. É ainda Noronha Santos que refere um ajuste no segundo período do govêrno de Martim Correia de Sá (1623-27) com o arquiteto Domingos da Rocha para construir o encanamento que iria conduzir as águas As obras ajustadas não foram sequer iniciadas. Cita também o mesmo historiador: "...o lançamento de um tributo de 160 réis por canada de vinho que fêz o governador Rodrigo de Miranda Henriques (1633-37) para as obras do encanamento (*Anais do Rio de Janeiro,* Baltazar Lisboa, Tomo II, pág. 17); O auto de vereança de 19/1/1637, com o registro de petição do procurador do Conselho aos vereadores para a remoção de um curral de vacas, junto à água da Carioca; o auto de correição do ouvidor Diogo de Sá da Rocha, de 3/3/1638 para expulsar os moradores que ocupassem terras às margens do rio e impedir o aforamento dessas terras, bem como para construir-se "de outeiro a outeiro uma parede com suas bicas e canos para tomar água, com seus poiáis de redor e daí para baixo, um lavadouro"; o auto de vereança de 23/2/1641 que diz continuarem vários moradores ocupando a cordilheira da Carioca, inclusive um proprietário de curral de vacas; a correição de 7/9/1645 do ouvidor Damião de Aguiar notificando o Conselho da urgência em canalizar a água do Carioca até o campo de Nossa Senhora da Ajuda, obrigando para êsse fim os moradores a concorrerem monetàriamente; a correição de 25/4/1646 do ouvidor Manoel Pereira Franco cientificando os oficiais do conselho de que a cousa de mais utilidade para o povo era trazer à cidade a água da Carioca — pela grande necessidade que dela havia "e advertindo da urgência de representarem à Sua Majestade, rogando-lhe um pregão para semelhante obra, que se poderia realizar por meio de calhas de madeira e esteios, colocados em lugares nos quais se levantariam mais tarde os arcos"; e ainda, em 1658, as primeiras providências para a defesa

florestal, no govêrno de Tomé Correia Alvarenga, pois intrusos e moradores roteavam as terras e tornavam impuras as águas, o que já dera motivo a diversas representações populares.

Noronha Santos faz ver que, em desacôrdo com a versão corrente que marca o início das obras de canalização em 1673, em cumprimento da carta régia de 6/5/1672, e bem assim do que se lê nas *Memórias Históricas* de Monsenhor Pizarro e *nos Anais do Rio de Janeiro* de Baltazar Lisboa, os serviços já estariam em andamento nessa data. Para isto refere: — a correição do ouvidor Sebastião Cardoso de Sam Paio, em 26/5/1663, que registra não ter conseguido o tesoureiro arrecadar nenhuma importância, apesar das promessas de donativos, mas que mandava "prosseguissem as obras que estavam continuadas"; a correspondência de Salvador Correia de Sá e Benevides (1659-60), que no primeiro ano de seu govêrno reclamava à metrópole providências para ultimar aquele melhóramento e esclarece já estarem então construídas seiscentas braças de cano (Felisbelo Freire — *História da Cidade do Rio de Janeiro*); e, finalmente, a provisão de 13/9/1659, renovando a do governador geral Antônio Teles da Silva, de 21/2/1657, que mandara aplicar à obra metade da multa imposta aos fabricantes da aguardente de mel, na Bahia.

Entretanto, foi em 1673, que o governador João da Silva e Sousa, de acôrdo com os padres jesuítas, escolheu os mestres João Fernandes e Albano de Araújo, para a execução da obra. "No lugar, em que começaram as obras, ergueu-se um altar, no qual houve missa em presença do governador, da câmara, nobreza e povo; tomou o governador uma alavanca, afastou com ela alguma terra, e dêsse modo indicou dar princípio às obras".[50] Seriam utilizados cinqüenta índios, aos quais se dariam alimento e sete varas de algodão por mês a cada um. O custeio dos trabalhos seria feito com o subsídio pequeno dos vinhos, tributo estabelecido para aumento das rendas do conselho e aprovado pela carta régia de 5/10/1656, mais tarde destinado à obra pela de 6/5/1672. Mas já em 1673,

---

50. MOREIRA DE AZEVEDO. *O Rio de Janeiro,* vol. I. Rio, 1887.

dizia o auto de correição do ouvidor André da Costa Moreira: "os senhores oficiais da Câmara do Senado por não lhes bastarem as rendas, gastavam o dinheiro do subsídio pequeno dos vinhos, sendo êste aplicado e criado para a água da Carioca... pelo que mandou que o dito dinheiro de janeiro por diante se não gaste nem se divirta um só vintem, salvo nas cousas úteis e necessárias". E em 14/12/1675 uma carta régia respondendo à representação dos oficiais da Câmara, determinava que não se distraísse para outro fim qualquer aquela consignação.

Além da falta de recursos, atrasaram os serviços nesta fase, questões entre os jesuítas e vereadores a respeito do pagamento de 80 réis diários a cada trabalhador indígena conforme queriam os padres.

Em 3/6/1677 o príncipe regente ordenou o prosseguimento dos trabalhos de acôrdo com o plano escolhido, e em 1679 escrevia ao governador D. Manuel Lobo, ordenando-lhe que não se desviasse para outras coisas a consignação destinada à obra, apesar da nova representação da câmara de 7/8 do mesmo ano, que ponderava serem escassos os créditos do subsídio pequeno dos vinhos.

A exploração portuguêsa agravava cada vez mais a situação financeira da cidade, a cuja câmara eram impostas despesas para fins completamente alheios aos interêsses da população, tais como o custeio de festas alusivas à casa real portuguêsa e de cerimônias religiosas, contribuições para o tratado de paz com a Holanda e até para o dote da rainha da Inglaterra.

Foi então que a câmara pretendeu cobrar um impôsto sôbre a aguardente do reino para aplicar o seu produto nos trabalhos de canalização, provocando com esta medida a mais veemente desaprovação do govêrno metropolitano, conforme já referimos, traduzida na carta régia de 26/5/1672, ao governador Duarte Teixeira Chaves. E nesta mesma data outra carta régia era dirigida aos oficiais da câmara, reiterando o que fôra dito ao governador e ainda: "E vos estranha, (como por esta o faço), o descuido que tem havido e o dinheiro que se tem mal gastado"; também Duarte Teixeira Chaves, em carta de 30/6/1683 ao rei queixava-se que a obra da

Carioca estava parada "por o senado da câmara lhe divertir os efeitos consignados a ela".

A carta régia de 13/11/1686 a João Furtado de Mendonça ordenava-lhe que ajustasse o assunto das divergências sôbre o pagamento aos índios reclamado pelos jesuítas "de sorte que nem os índios trabalhem sem a justa satisfação, nem os padres da companhia queiram introduzir jornais excessivos".

"A câmara tomou dinheiro a juros conseguiu mandar construir arcos de pedra e cal, que tomando as águas na base do morro do Desterro, as encaminhassem até o campo d'Ajuda. Foram os chamados Arços Velhos, cuja notícia é encontrada em escrituras de casas e terrenos no lado ímpar da atual rua Evaristo da Veiga (antiga dos Barbonos".[51]

Mas já em 23/10/1700 o rei aprovava a suspensão das obras assentadas pelo Governador Artur de Sá e Menezes que se queixava de ir a mesma mal encaminhada, e resolvera aplicar o tributo correspondente para consêrto nos canos.

Finalmente a metrópole reconheceu a insuficiência do subsídio pequeno dos vinhos para a execução dos trabalhos e mandou substituí-lo pelas sobras da Casa da Moeda, juntando-lhe mais tarde, novamente, o subsídio dos vinhos (carta régia de 18/11/1701); e a 8/1/1704, El-Rei aprovava a resolução de D. Álvaro da Silveira de Albuquerque, "comprando os escravos necessários por conta da fazenda real para o trabalho". Mas, sobrevieram as invasões francesas de Duclerc e Duguay-Trouin (1710-1711) e novamente foram suspensas as obras do aqueduto.

A carta régia de 2/12/1715 ordenava ao governador do Rio de Janeiro examinar "a causa que houve para se divertir a consignação que estava aplicada para esta obra", em vista da comunicação do ouvidor geral Fernão Pereira de Vasconcelos de que as obras se achavam novamente paradas. E a 23/2/1717 El-rei dizia ter tido ciência de que a invasão francesa e as despesas com fortificações fôram a razão por que as obras haviam sido suspensas. Referindo-

51. VIEIRA FAZENDA. *Op. cit.*

se às fortificações da praça declarava: "o que lhe parecia que enquanto se não acabassem de todo se não bulisse com esta obra que estava tão mal começada que se principiaram os arcos às avessas". Ordenava porém a restituição da consignação, continuando-se a arrecadação da mesma, "e que se vá gastando o produto dela não só em reparar o que está feito, mas em continuar daqui em diante o que falta a findar a dita obra e que para que se emende algum êrro que nela haja, fareis que um dos engenheiros dessa praça risque a planta dela para que se siga o que se tiver por mais certo e conveniente".

Em princípios de 1718 (?), o governador Antônio de Brito Menezes escreve ao Rei uma carta importante sôbre o assunto. O respectivo texto inserto no volume X das Publicações do Arquivo Público Nacional está datado de 7/3/1719, mas parece haver engano na data, pois em 25/12/1718 o rei já acusa o recebimento de uma nova planta; é provável, portanto, que a data certa seja 1718. A carta é a seguinte:

"Como a V.Mag.$^{de}$ se tem já representado o grande detrimento que padece estes moradores com a falta de agoa, e a distancia aonde a vão buscar a Carioca, sô lhe faço prezente, q.não he menos necessária para a conservação deste povo, do que a fortificação para a deffensa delle, porq. não ha praça por mais bem fortificada que seja, que em lhe faltando a agoa senão entregue, e assim me parece que se deve considerar hua e outra obra tão util, que se fação ambas, sem que mereça mais aplicação hua que outra; e que senão espere acabasse a fortificação desta cidade p.$^{a}$ se comessar a obra da Carioca, fazendosse hûa conserva della dentro da praça, porq. a agoa dos possos, não pode ter toda a serventia, como pareceo ao Brigadeiro Massê, e sôa a terâ p.$^{a}$ que com o seu uzo se faça esta conserva mais pequena do que a de Elvas"... (refere-se à consignação insuficiente, ao que foi desviado para fortificações e ao que será necessário para continuar a obra, consêrtos, etc.)

"A planta que mandei tirar, remeto, p.$^{a}$ que V.mag.$^{de}$ mande ver o que esta feito desta obra, q. he o q. necessita de conserto, fora o que estâ por fazer, cujas importancias tenho refferido, e se ve no orsam.$^{to}$ do M.$^{e}$ Manoel do Reis Couto, e desprezandose esta

obra toda, por estar desconsertada e parecer menos perduravel, se ellegeo a arcada que vai juntam.te na mesma planta; mas como he de hum grande custo, ficou na delligencia dever como posso com mais commodo fazer o conserto, e mais perduravel, aproveitando a obra velha, p.a o que o detremino, havendo V.mag.de assim por bem, e parecendome ser do agrado deste povo, pello grande custo que lhe faz a agoa, q. me dem hum dia de trabalho dos seus escravos, cada quinze dias".

* * *

"... recebe varias e frescas Ribeiras, sendo as mais dignas de nota duas dellas. He a primeira a da celebrada Carióca, que depois de correr, e atravessar varias montanhas, se vem despenhar das ultimas, huma legoa antes da cidade, onde a hião os moradores buscar com muito trabalho; mas hoje, encaminhadas para ella, a tomão alli por um aqueduto de muitas, e curiosas bicas, que não só lhes serve de saborosa bebida, para conservar a saude, tambem de suave, e effectivo lambedor para affinar as vozes dos musicos; e sem artificio de vaidade, affirmão tambem, que para augmentar no vulgo feminino o lustroso do parecer."

JABOATÃO, FREI ANTÔNIO DE SANTA MARIA. *Novo Orbe Serafico Brasileiro, ou Chronologia dos Frades Menores da Provincia do Brasil;* impressa em Lisboa em 1761 e reimpressa no Rio de Janeiro, typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858. Vol. 1, p. 65.

Esta refência ao aqueduto, contida na obra do cronista franciscano impressa em Lisboa no ano de 1761; deve ter sido escrita alguns anos antes e é, provàvelmente, a primeira que foi feita ao aqueduto por escritor da importância de Jaboatão, um dos clássicos da nossa história do século XVIII.

A descrição, enaltecendo as virtudes das águas do Carioca, mostra que a tradição lendária dos Tamoios se foi transmitindo sempre e manteve-se viva. A linguagem peculiar do frei Antônio de Santa Maria traz como que novo encanto à lenda primitiva.

* * *

A 16 de maio de 1719, Aires de Saldanha de Albuquerque comunicava à metrópole que aqui havia chegado com 75 dias de viagem e achara seu antecessor Antonio de Brito de Menezes gravemente enfêrmo, tendo falecido no dia seguinte de seu desembarque. Iniciou-se então uma nova fase para a obra da Carioca: os trabalhos que se arrastaram durante dezenas de anos sem chegar a têrmo e, além disto, mal planejados, tomaram tão forte impulso sob a direção enérgica e esclarecida do novo governador, que dentro de quatro anos se achava concluído o aqueduto. Apresenta o maior interêsse para a história do monumento, a nosso ver, a correspondência trocada nesta fase, entre a administração do reino e o governador do Rio de Janeiro a respeito das obras. Por isto vamos seguí-la, destacando os trechos essenciais das diversas cartas, para mais fàcilmente acompanhar o andamento que iam tendo os trabalhos:

1) *Carta régia de 25-12-1718.*

"Dom Joam, por graça de Deus, Rey de Portugal, e dos Algarves da q.$^{m}$ e dalem mar em Africa Senhor de guinè &.$^{a}$. Faço saber a vòs Governador da Cap.$^{nia}$ do Rio de Janeiro, que fazendoseme prez.$^{te}$ o que respondeo vosso antecessor a ordem que lhe foi sobre a obra da agua da Carioca...

... remetendo-me huà nova planta por onde entendia seria mais conveniente o fazerce a obra della...

... façaes acabar a obra da Carioca pela planta antiga por estar a maior parte della feita... e que a obra que falta por se findar se faça nela os angulos boteados e nam agudos como se tem feito na mais obra ja feita...

... Mandareis aos Engenheiros, e pessoas praticas tomar o alivel a esta agua desde o seu nascimento, p.$^{a}$ que nam acontesa q.$^{e}$ por falta de sufficiente queda fique inutil a obra e que p.$^{lo}$ interim emq.$^{to}$ se nam aperfeisoa todo achandose que em alguais p.$^{tes}$ se possam fazer rezistos com tanques para o serviço publico...

... e que a consignação do subcidio se nam deve de devertir p.ª nenhum outro effeito e q.e se examine o q.e se està devendo delle a d.ª consignação p.la fazenda real e que isto se lhe consigno p.ª o d.º pagam.to o rendimento da passagem do Rio da Parahiba do Sul..."

2) *Ayres Saldanha, 8-7-1719.*

"Sñor

Respeitando ao que V. Mag.de me ordena quanto a continuação da obra da Carioca...

... e sem embargo desta ordem de V. Mag.de em que prohibe o arbitrio da nova planta que se deu, comtudo, como ella me parece q.e só respeita ao maior gasto, que se havia de fazer; e como aqui hâ hum homem que diz se atreve a conduzir a agoa de p.te mais junta â May, e por sitios muito mais eminentes com muito maior queda, que a da obra velha e sem ser ser necessario arco algum, e metella nos canos por baixo de nossa senhora da gloria com toda a segurança por menos dèz, ou doze mil cruzados do que quaesquer outros officiaes quizerem fazer a obra velha... fico na resolução de mandar executar a d.ª obra..."

3) *D. João, 16-11-1719.*

"Dom Joam por graça de Deuz Rey de Portugal... Faço saber a vòs Ayres de Saldanha de Albuquerque, Governador e Capp.m General da Capp.nia do Rio de Janr.º, q.e se vio o q.e ...

... Me parece dizervos q.e se vio a conta q.e me dais, e por ella se nam pode formar juizo certo se serâ milhor a nova obra q.e propondes ,ainda q.e seja por menos dèz, ou doze mil cruzados, porq.to nam declarais se na obra velha hà nella algum inconveniente de tortura no olivel, ou menos queda do q.e hè necessr.º, como tambem se a obra nova se poderâ fazer em o mesmo tp.º do q. a outra se havia de acabar, nem expremir se o home q.e dà este arbitrio convenceo as dificuldades q.e lhe oppuzerão os engenheiros o que tudo era necessr.º p.ª se poder entender qual das obras era maiz conveniente, e q. nesta concideração deveiz de mandar fazer a planta em que se mostre o interesse q.e hà em se antepor a obra nova a velha, assim a resp.to nam sô da despeza, mas da duração, e conservação desta obra, e se vos declara q.e sem novo avizo, nam entreis na obra nova, q.e intentais."

4) *Ayres Saldanha, 26-7-1720.*

"Sñor.

O anno passado dey conta a V. Mag.de do que se me offerecia a resp.to desta obra, e agora faço prezente a V. Mag.de q.e logo q.e a frotta partio

convoquey novam.te a Camr.a o enginhr.o, e mestres pedreiros q.e pareceram necessarios p.a o ultimo exame do sitio por onde seria mais conveniente conduzir a agoa desta Cid.e e convindo todoz na execução da nova planta assim pela estabelid.e, e segurança da obra q. nam leva arco algum, e sò huâ parede debaixo da terra em que se possam acentar os cannos, e ser por fora de fazendas a resp.to do extravio da agoa q.e infalivelm.te havia de ter, sendo por dentro dellas, como porq.e o empreiteiro abatia vinte mil cruzados do em q.e se avaliasse a reedificação da obra velha, obrigandose por escripturas, e fianças a contento da Provedoria da fazenda real a meter a agoa nesta cid.e dentro de anno, e meyo embolçando logo dèz, doze mil cruzados, q.e sem duvida dizem havia de levar mais de cal a obra velha; me resolvy a mandar pegar nella, e com effeito se principiou em 5 de outr.o do anno proximo passado, e se acha hoje com o maior trabalho vencido, q.e ha a cava, e jà se principiava a fazer a parede junto a may, e asentar os cannos, mas sem embargo disto, e de afirmarem todos os mestres q.e se se nam parasse com ella infalivelm.te estaria antes de hum anno na Cid.e, logo q.e recebi esta ordem, de V. Mag.e a mandey suspender; porem conciderando despoiz o gravissimo prejuizo q.e se experimentava de esperar nova resolução de V. Mag.e sobre este p.ar torney a convocar o enginheiro, e mestres pedreiros p.a exame da obra q.e estava feita, e asentando q.e se se parasse com ella seria necessr.o fazer novo trabalho a respeito de que a terra da cava por nam estar perfeitam.te movida tornaria a cahir na mesma cava; com esta vestoria, e a requerimento da Camara ponderando os prejuizos q.e se seguião ao ser.o de Deuz, de V. Mag.de, e deste povo q.e estava desconsoladissimo com a ordenada suspenção da obra, me resolvy a mandalla continuar, entendendo q.e V. Mag.de o haverâ assim por bem na concideração do referido, e de q.e a obra velha alem do vir p.lo meyo de muitas faz.dez, mostrou a experiencia q. no tempo q.e correo a agoa por algumas dellas estavão sempre os canos rotos por maleficio dos fazendeiros e q.e necessitava de se... hir na pedra digo na parede da mayor p.te dos arcos athê os alicerses por se achar quazi toda aluida com o tempo; como tambem do q. se o empreiteiro se abzentasse desta terra, como determinava nam haveria nella, como nam hâ, pessoa capàz de concluir a obra com a brevid.e, e p.lo sitio por onde elle a faz, e padeceria as mesmas dificuldades q.e hâ setenta e quatro annos a tem embaraçado. Desta obra nova remeto a V. Mag.de a planta incluza advertindo q.e o cam.o della tem de comprim.to vinte e quatro mil, e duzentos palmos thê a Igreja de nossa Sr.a do Desterro, e trez mil e quinhentos thè o primeiro arco do campo de Nossa Sr.a da Ajuda, q.e fazem vinte e sette mil e settecentos, e menos q.e o da obra velha trez mil e trezentos: *ainda nam estâ determinado se*

*há de continuar a obra p.ª os arcos do campo de nossa Sr.ª da Ajuda, separa o de S. Antonio, q.e foi a mais perto desta Cid.e* e como espero q.e para o anno q.e vèm esteja a agoa nella, tenho por mui conveniente q.e V. Mag^de seja servido mandar se remetam desse Reino dous, ou três xafarizes, nam sò porq.e a pedra desta terra nam hè capaz p.ª similhante obra, mas porq.e lavrandosse aqui ha fazer grande despeza. A real pessoa de V. Mag^de g.^de Deuz muitoz annoz. R.º a 26 de Julho de 1720 — Ayres Saldanha de Albuq.e Coutinho Mattos, e Mor.ª."

5) *D. João, 22-11-1720.*

"Faço saber a vós Ayres Saldanha de Albuquerque"...

(refere-se a todo o conteúdo da carta de Saldanha de 26-7-1720).

... "Me pareceu dizer-vos que nas circumstancias que propondes e não havendo fallencia n'esta obra na fórma que tendes disposto se vos approva o que resolvestes e que assim se deve continuar com a factura della. E o que respeita aos chafarizes para que se façam como convem que deveis mandar as medidas d'elles, tendo entendido que o custo d'elles ha de sahir da consignação applicada para a despeza d'esta mesma obra da agua da Carioca, remettendo a sua importancia a este reino nas náos de comboi na forma do meu novo alvará."

6) *D. João, 15-3-1721.*

(refere-se à contas e relações de despezas diversas).

"e por que a adição dos onze contos, quatrocentos e oitenta e quatro mil reis nas obras da Carioca hê concideravel: me pareceo ordenarvos informeis do estado della, declarando quanto importarâ o q.e resta fazer da d.ª obra."

7) *Ayres Saldanha, 30-9-1721.*

... "e pello q. respeita a obra da Carioca, esta se acha feita athê o sitio de nossa Sr.ª do Desterro, q. foi termo da primeira arematação por nam haver q.m se quizesse obrigar mais q.e thê o dito sitio, e p.la conveniencia com que se rematou ao empreiteiro, q.e a fez, por menos 20$ crz.os do mais barato lanço que houve na d.ª arrematação: *e convocando novamente a Cam.ra, Inginhr.º, e mestres Pedreiros, p.ª se detreminar porq.e parte seria milhor continuarse a obra, resolveram ser m.to mais conveniente continuarce p.ª a parte de S. Antonio, assim por fazer menos despeza, do q. p.la banda de nossa Sr.ª do Ajuda, como por ficar mais perto da Cid.e, e supp.to que para a agoa entrar nella se mette hum valle, p. q.e nesesitta de alguns arcos, sam muy poucos a respeito dos que necessitava*

*a obra velha, e nesta conformid.ᵉ fica feita a ultima arematação: e quanto ao q.ᵉ poderâ importar o resto sera the trinta e outo contos de reis,* o q.ᵉ se nam faria na reforma da obra velha com sincoenta contos, como diz o sarg.ᵗᵒ mor Inginhr.ᵒ no seu papel q. remetto incluzo: e remetto tambem as medidas dos chafarizés declaradas na planta incluza, como V. Mag.ᵈᵉ por outra me ordena."

8) *D. João, 14-4-1722.*

(refere-se à de Saldanha de 30-9-1721), em todo o seu conteúdo).

... "Me pareceo ordenarvos q.ᵉ da consignação q.ᵉ está aplicada p.ª a obra da dita agoa da Carioca remetaes a importancia dos ditos chafarizes a este reyno para delles se vos mandarem feitos na forma q.ᵉ apontaes."

9) *Ayres Saldanha, 16-11-1722.*

"Nam se remette nesta occazião o custo dos chafarizes tanto porq.ᵉ nesta ordem se nam declara quanto seja a sua importancia, como porq.ᵉ remetendoo, se faltaria ao pagamento dos off.ᵉˢ q.ᵉ trabalhão na obra da agoa da Carioca, a qual se acha jâ tam aventajada q.ᵉ dentro de dous mezes ficarâ posta junta ao muro da Cid."

10) *D. João, 4-5-1722.*

... "Faço saber a vòs Governador, e Capp.ᵐ Gn.ˡ da Capitania do Rio de Janr.ᵒ, que por p.ᵗᵉ de Costodia da Silva Serra, e mais socios empreiteiros da obra da Carioca dessa Cidade se me fez a petiçam, cuja copia com esta se vos remete, em que pedem se lhe mande medir a dita obra. e satisfazerlhe as mayurias, ou havellos por dezobrigado dos vinte mil cruzados q.ᵉ offerecerão fazer a resp.ᵗᵒ da obra velha, e nomearlhe consignação na Alfandega, ou caza da moeda dessa cidade p.ª se lhe satisfazer o q.ᵉ se lhe estiver devendo. Me pareceo ordenarvos q.ᵉ vendo os papeis incluzos q.ᵉ fizeram os dous Engenheiros desta Corte, conferindose este negocio, e a mesma junta q.ᵉ fizestes p.ª este mesmo ajuste com estes empreiteiros, convindo as pessoas mais practicas e inteligentes q.ᵉ houver a. daràm por escripto os seus pareceres informeis do q.ᵉ se vos offerecer neste p.ᵃʳ, p.ª que nelle se possa dar a providencia q.ᵉ for mais conveniente."

11) *Ayres Saldanha, 24-11-1722.*

"Sñor.

Ouvi sobre este requerim.ᵗᵒ assim as pessoas, que assistiram na junta, como as outras inteligentes nesta materia, os quaes repondem na forma, q.ᵉ

V. Mag.e verà dos seos pareceres q.e remetto incluzos: e se me offerece dizer, q.e hè sem duvida q.e para agora vir a Cid.e se necessitava das mayores alturas, e grosuras das paredes, q.e os supp.es requerem, e como nam puzeram esta condiçam no seu ajuste e me consta, q. nesta obra nam tiveram perda, parece, q.e de justiça se lhes nam deve pagar esta mayoria; porem attendendo ao fim pretendido de vir a agoa a cidade, que de outro modo se não podia conseguir, sempre se fazem credores de algum favor neste seo requerimento: E pelo que respeita a consignação da dizima, ou caza da moeda q.e pedem p.a o seo pagamento me conformo com o parecer do Prov.or da fazenda real Br.men da Siq.ra Cordovil."

12) *D. João, 19-5-1722.*

(refere-se à de Saldanha de 16-11-1722, sobre a remessa do custo dos chafarizes).

... "Me pareceo dizervos q.e pello orsamento q.e fizerão os officiaes de Pedr.o nesta corte (o qual acompanha esta) se mostra a import.a do custo destes dous chafarizes a q.e remetereis da mesma consignação, porq. de outra man.ra se dificulta m.to o poderem hir pella grd.e impossibilid.e em q.e se acha o meo Cons.o Ultr.o p.a poder acodir a despeza delles."

13) *Ayres Saldanha, 6-10-1724.*

"Como na frota de 1722 em q., se esperavão os chafarizes, se achava a agoa da Carioca junto da Cid.e, onde corria por canos de pao, e servia de tanque húa canoa: estando assim, em termos de arruinar, assim a obra, como a d.a canoa, se fez precizo fazerse chafarizes, o qual se acha feito, e acabado, ao pè da Ladr.a do Convento de S. Antonio, junto ao muro da Cid.e com dezasete bicas, e com grande commodid.e, e conviniencia deste povo, em cujos termos ficão sendo desnecessarios os chafarizes q. se pedirão." (52)

---

52. Governadores do Rio de Janeiro — Correspondência activa e passiva com a Côrte — *Public. dos Arch. Publ. Nac.* Dir. do Dr. Alcibiades Furtado, vol. X.

SENDO GOVERNADOR AIRES DE SALDANHA SE FÊZ SOB SUA DIREÇÃO ESTA OBRA.

PRINCIPIOU EM 1719.

E FOI CONCLUÍDA EM 1723.

(Inscrição que existiu na primeira fonte da Carioca)

A correspondência do rei D. João V com o governador Aires de Saldanha, cuja longa transcrição julgamos indispensável para o estudo da história do Aqueduto, parece demonstrar, a nosso ver, a procedência da tese defendida por José Vieira Fazenda, que atribui a Saldanha o início da construção dos Arcos da Carioca, cabendo ao conde de Bobadela as obras de melhoramentos e a reconstrução dos encanamentos.

Devemos referir-nos inicialmente à última carta de Antônio Brito de Menezes em que êste encarecia ao rei a necessidade de prosseguirem os trabalhos, mesmo a par das fortificações da praça; parece mesmo que êle, para isto, contestava a opinião do Brigadeiro Massê, encarregado de construir as fortificações da cidade, alegando que a "água dos poços, não pode ter tôda a serventia". Note-se ainda nessa carta do antecessor de Saldanha a hipótese, embora tímida, de modificar o plano das obras: "e desprezandose esta obra toda, por estar desconsertada e parecer menos perduravel, se ellegeo a arcada que vai juntamente na mesma planta; mas como he de hum grande custo, ficou na dilligencia dever como posso com mais commodo fazer o conserto e mais perduravel, aproveitando a obra velha".

Dizem todos os historiadores desta matéria que Aires de Saldanha foi advertido sôbre os defeitos do antigo plano do aqueduto pelo engenheiro tenente general Félix de Azevedo Carneiro e Cunha. O fato é que, menos de dois meses depois de sua posse, Saldanha já escrevia ao rei informando sua resolução de modificar o plano antigo, o que justificava com a economia que seria obtida conforme proposta que recebera para execução das obras, de acôrdo com novo traçado (18-7-1719). Contestou-lhe o rei na carta seguinte (16-11-1719), em que mandou suspender a obra nova até

que Saldanha provasse, com planta nova e razões, as vantagens do novo traçado.

Aires de Saldanha não obedeceu à ordem de suspender os trabalhos, e em minuciosa carta (26-7-1720) desculpou-se desta resolução com razões ponderáveis, terminando por lembrar: "e padeceria as mesmas dificuldades q.$^{e}$ hâ setenta e quatro anos a tem embaraçado." Remeteu tambem os esclarecimentos solicitados, planta e medidas, e informou dos pareceres favoráveis ao novo plano por parte da Câmara, do engenheiro e mestres pedreiros. No fim desta carta encontra-se uma referência de grande importância, como veremos adiante: *"ainda nam estâ determinado se hà de continuar a obra p.$^{a}$ os arcos do campo de nossa Sra. da Ajuda, se para o de S. Antonio, q$^{e}$. foi a mais perto desta Cid$^{e}$."*.

Disposto a levar a obra a têrmo, Saldanha já contava ter a água na cidade dentro de um ano, e por isto solicitava ao rei o envio de dois ou três chafarizes.

Já em 22-11-1720 D. João aprovava a resolução do Governador e, a respeito dos chafarizes, dizia que deviam vir as medidas para mandar executá-los, esclarecendo logo que o seu custo, a sair da consignação destinada à obra, fôsse remetido ao reino.

É na carta de 30-9-1721 de Aires Saldanha, que êste dá conta de se achar concluído o trabalho até o têrmo da primeira arrematação, isto é, até o sítio de N. S. do Destêrro e também, confirmando uma hipótese anterior sôbre a continuação da obra, diz que a Câmara, Engenheiro e mestres pedreiros resolveram continuar o aqueduto *"p.$^{a}$ a parte de S. Antonio, assim por fazer menos despeza, do q. p$^{la}$. banda de nossa Sr$^{a}$. da Ajuda, como por ficar mais perto da Cid$^{e}$., e supp$^{to}$ que para a agoa entrar nella se mete hum valle p. q.$^{e}$ necessitta de alguñs arcos, sam muy poucos a respeito dos que necessitava a obra velha..."*

Esta resolução que foi cumprida, não deixa dúvida quanto à justeza da reinvindicação, que faz Vieira Fazenda, da autoria de Aires Saldanha para os arcos da Carioca.[53]

---

53. VIEIRA FAZENDA. *Op. cit.*

Na mesma carta era ainda citada a avaliação de 38 contos para o resto da obra, "o q$^{e}$. se nam faria na reforma da obra velha com sincoenta contos, como diz o Sarg.$^{to}$ mor Inginhr.$^{o}$ no seu papel q. remetto incluso"; ainda nessa carta foram remetidas as medidas para os chafarizes.

O rei acusou a resposta de Aires dando conta do estado das obras, e ordenou a remessa da importância para mandar executar os chafarizes. Mas em 16-11-1722, Aires Saldanha diz não fazer a dita remessa, tanto por não saber a sua importância, como para não faltar ao pagamento dos oficiais que trabalham na *"obra da agoa da Carioca, a qual se acha ja tam aventajada q.$^{e}$ dentro de dous mezes ficarã posta junto ao muro da Cid.$^{e}$*. Êste é outro argumento citado por Vieira Fazenda para confirmar a localização do aqueduto de Aires Saldanha, pois que o muro da cidade levantado em 1711 pelo engenheiro João Massê, e destinado à fortificação do Rio de Janeiro, "corria em direção da atual rua de Uruguaiana, cortava o hoje largo da Carioca e devia terminar no morro do Castelo, passando por traz da igreja do Parto".

Eram empreiteiros da obra o capitão-mór das Minas Gerais, Custódio da Silva Serra e Vicente Lopes Ferreira, que depois pediram ao rei pagamento pelas "mayorias" do serviço.

Em 19-5-1723 D. João V remetia o orçamento dos chafarizes, mas em 6-10-1724, respondia Saldanha que, tendo aguardado a informação pela frota de 1722, quando a água da Carioca já se achava junto à cidade, "se fez precizo fazerce chafarizes, o qual se acha feito, e acabado, ao pé da Ladr.$^{a}$ do Convento de S. Antonio, junto ao muro da Cid.$^{e}$ com dezasete bicas, e com grande commodid.$^{e}$ e conviniencia deste povo..."

Êste chafariz foi demolido em 1829. Dêle são conhecidas as seguintes descrições: "A fonte da Carioca está situada entre dois lances da ladeira, sobre um plano elevado do chão, para o qual se sobe por cinco degraus; é tôda de pedra a sua fachada, e não muito alta; tem onze bicas de bronze, na frente, que lançam água com abundância sôbre o tanque, onde se recebe as mesmas águas nos barris e potes dos aguadeiros: o frontespício dessa fonte é

coroado pelas reais armas portuguêsas; abaixo destas está uma inscrição já ilegível e inferior a esta, as armas do governador Gomes Freire de Andrada. Por baixo do lance esquerdo da ladeira corre um cano que despeja água supérflua do tanque da fonte em outro do cano que fica no outro lance, onde bebem os cavalos, e dêste passa para outro tanque mais largo e estreito onde se lava a roupa."[54]

Outra descrição, feita por J. A. Cordeiro, publicada em 1846 na revista *Ostensor Brasileiro*, juntamente com uma estampa, diz terem sido as bicas ornadas com carrancas de bronze, dez na fachada principal, duas nos ângulos chapeados e quatro laterais; e que o corpo do chafariz dividia-se em três partes, coroando a última as armas da metrópole, na parte inferior havia um tanque estreito de forma exótica sôbre um patamar de três degraus, em curvas simétricas.

Em 21 de abril de 1725 D. João, atendendo à solicitação da Câmara de 18-10-1724, escreveu a Aires Saldanha ordenando-lhe que fizesse construir "um cano real de pedra com saída para o mar para a parte que mais conveniente fôr e tanques em que se possam lavar as roupas". Era que as sobras da água do chafariz, estagnadas, ameaçavam a saúde da população. Diz Vieira Fazenda que êsse esgôto tinha direção paraa a lagôa de Santo Antônio e boqueirão d'Ajuda, e que dêle foram encontrados rastros quando se procedia à edificação da Tipografia Nacional. A execução do escoadouro coube a Luiz Vaía Monteiro, o Onça, que governou de 1725 a 1732. A êle escreveu D. João V (20-2-1731) autorizando a conservação de uma sentinela junto ao chafariz para evitar conflitos entre os escravos: nesta carta refere-se o rei ao gasto de 600,000 cruzados na obra da Carioca num período de 50 anos. Houve nesta época diversas irregularidades, entre as quais a fuga do encarregado da conservação do Aqueduto, quando convidado a prestar contas pelo governador interino José da Silva Pais. Êste, para evitar os aten-

---

54. LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS, o Padre Perereca. *Memórias para servir a história do Reino do Brasil*, 1808.

tados que se repetiam, danificando os encanamentos, mandava que se fizesse o lançamento de um bando, impondo aos culpados penas de galés e açoites. Do exposto na carta régia de 19-2-1735, se verifica que José da Silva Pais queixava-se do mau estado do aqueduto: "reparar o aqueduto nas mais partes que estava arruinado, fazendo-lhe a sua cobertura de espigão não só por fazer mais difícil o rompê-la, como por que se não passasse por cima d'êste a pé nem a cavalo — como até aqui se fazia" e depois "querieis fazer em um lanço que se achava arruinado para em todos os que se fizessem de novo se obrar o mesmo, e dentro de doze ou vinte anos se reformar tudo o que está feito, um aqueduto de pedra e cal com seus canos de pedra que era só o perduravel bem betumados, cobertos de lagedo, deixando-se-lhe de 60 até 70 palmos um registro e a cada 2.000 uma pia de recepiente com sua porta, de sorte que se examine bem a quantidade d'água que diminuia de pia a pia..." E D. João V aprovou as medidas propostas pelo governador."[55]

A carta régia de 30-9-1743 é dirigida ao governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, e refere-se à resposta dêste sôbre a "ordem que vos foi sobre mandares examinar a pedreira que há na montanha da Carioca"... Dela se infere que Gomes Freire de Andrada, que desde 1733 governava a Capitania, sendo substituído temporàriamente por Silva Pais, achara a pedra capaz para os canos da obra, mas que informara não haver na cidade oficial que pudesse fazê-la. E assim, ordenaria o rei a continuação dos trabalhos de lavrar pedra para os canos que para aqui seriam remetidos. E na carta de 2-5-1747 há referência a uma ordem anterior "sôbre a arrematação que aí se fêz para se obrar o aqueduto da Carioca com as pedras que se descobriram em uma pedreira d'aquela montanha"; e adiante: "depois de chegar a água à cidade, pretendeis representar ser útil a despesa do coberto de lage, e ter só substância sendo de arco de ladrilho e que agora punheis na minha real presença, o que visto se pareceu ordenar-vos torneis a informar com o vosso parecer da despesa que faz a conducção dos canos da pedreira

55. Cartas régias insertas em *A Carioca — Memória histórica e documentada,* pelo Cônego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

em que se lavram até se assentarem no aqueduto, ainda que bem se infere será menor que as da cidade às montanhas por onde vêm, e outrossim informareis quantas varas de cano se intentam cobrir de arcos de ladrilho como agora propondes, a qual obra mandareis pôr em lanços e dareis conta do menor que houver para se examinar e resolver se convém fazer-se; e os canos que têm ido com suas tapadouras de lages se poderão e terão assentado em partes altas onde os negros não cheguem para as quebrarem, o que também se lhes dificultava estando as tapadouras bem unidas nas renhadouras que os canos levavam, entendendo-se que estas cobertas são mais a propósito para com facilidade se poderem consertar e alimpar os canos sendo necessário, do que será com os arcos de ladrilhos que será preciso desfazerem-se para isso..."

Vieira Fazenda informa, na quarta série das *Antiqualhas* e *Memórias do Rio de Janeiro,* que o Brigadeiro José Fernandes Pinto Apoim, o notável engenheiro que tanto auxiliou Bobadela, queria que se fizessem os canos para conduzir águas às fontes projetadas em 1749, com madeiras nossas; mas que a metrópole entendeu de mandá-los vir de Portugal, e encarregar a Carlos Mardel (um dos arquitetos cujo nome figura entre os que colaboraram na obra das Águas Livres, de Lisboa) do risco dos condutores, bem como da fonte do largo do Carmo.

Na parte interior de um dos arcos, no princípio da rua do Riachuelo, existe uma inscrição:

EL REY D. JOÃO V. N. S. MANDOU FAZER ESTA OBRA
PELO ILLM.º EXM.º SR. GOMES FREIRE DE ANDRADA
DO SEU CONSELHO SARGENTO-MÓR DE BATALHA DE
SEUS EXERCT. GOVR. E CAPIT. DAS CAPTN. DO RIO DE
JANEIRO E MINAS GERS.

Anno

MDCCL

E no começo do Aqueduto n'uma caixa próxima à Mãe d'Agua, esta outra:

REINANDO EL REY D. JOÃO V. N. S. E SENDO GOVR. E CAPM. G. DESTAS CAPTANAS. E DAS DE MAS GOMES FR DE ANDRA DO CONS. SARGTO. MAYOR DEB. DOS SEUS EXERCT.

Anno — 1744

* * *

"Further on, after passing the beach of the Gloria, we turned to the left, and entered the new part of that town through the arches of the great aqueduct built in 1718 by the viceroy Albuquerque. This supplies four copious fountains. The largest is the Carioca, near the convent of Saint Antonio; it has twelve mouths, and is most picturesque in itself: it is constantly surrounded by slaves, with their water barrels, and by animals drinking".

*Journal of a Voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823,* By Maria Graham, 1824.

O Aqueduto da Carioca originava-se dos mananciais do mesmo nome, no morro do Corcovado, lançando-se logo numa grande bacia, a chamada Mãe d'Água. Descia as encostas dos morros de Cosme Velho, Laranjeiras e Santa Teresa e atravessava o vale entre êste e o de Santo Antônio sôbre os "ARCOS", percorrendo uma extensão total de 6.600 mts. A parte em arcadas é constituída de duas séries de 42 arcos de volta completa, atingindo 17,60 mts. de altura e 270 mts. de extensão. Pouco depois do seu início o aqueduto era reforçado pelas águas do Riacho Silvestre e mais abaixo pelas do Lagoinha. (Êste refôrço foi obtido posteriormente por

meio de trabalhos iniciados sob o vice-rei D. Luís de Vasconcelos e continuados pelo Conde de Rezende). Ora subterrâneo, ora à flor da terra, êle era provido, a espaços, de bicas para tomada de água.

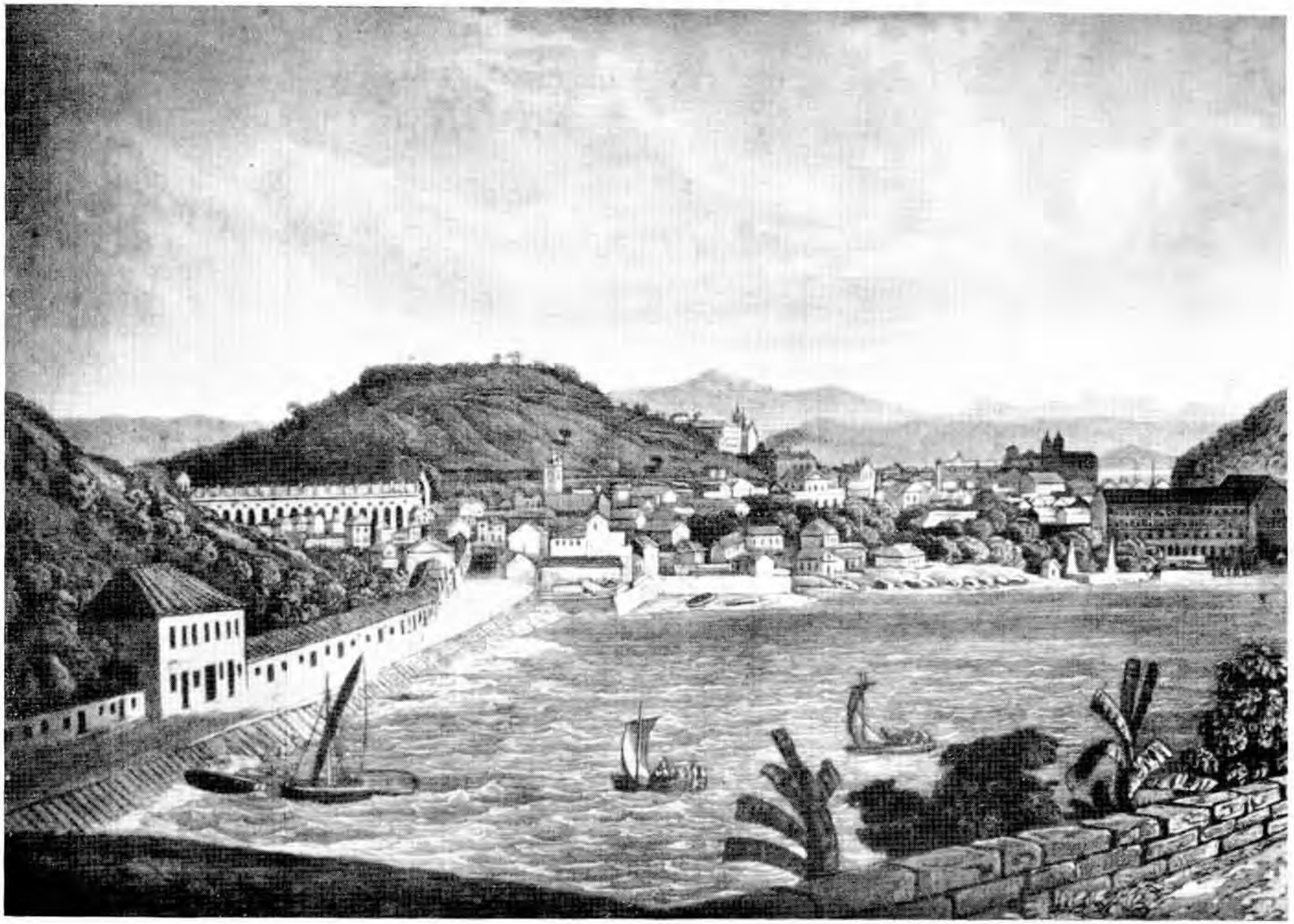
Já no govêrno de Gomes Freire iniciara-se a construção de uma abóbada de tijolos para cobrir o canal, conforme determinação da carta régia de 2 de Maio de 1747, obra essa que no entanto só foi concluída durante o vice-reinado de D. José Luís de Castro, segundo Conde de Rezende (1790-1801). Foi êste também, o autor de um novo plano para abastecimento de águas da cidade, aproveitando os mananciais da Tijuca e do Maracanã, quando já se tornavam insuficientes as do Carioca.

O aqueduto foi, por mais de um século, o principal abastecedor de águas da cidade, apesar das inúmeras vicissitudes ocorridas. A princípio houve necessidade de simples obras de reparo, nos arcos e nas muralhas já em 1774 e depois em 1779 e 1783, bem como de providências enérgicas para evitar o desvio de águas para uso de particulares. Sob D. João VI, em 1817, foram encaminhadas as águas do Maracanã até o campo de Sant'Ana, inaugurando-se no ano seguinte o chafariz de Paulo Fernandes Viana, primeiro dessa canalização. Também em 1817 era baixado um decreto mandando contar todos os terrenos junto às nascentes e ao Aqueduto da Carioca, reservando 3 braças de terreno de cada lado da construção.

Nos anos seguintes agravou-se o estado do Aqueduto; em virtude de não se tomarem os necessários cuidados para a sua preservação êle era fortemente atingido pelas famosas "águas do monte", por ocasião das grandes chuvas. Um relatório de 1821 dá conta dêste triste estado.

Em 1829 foi demolido o primitivo chafariz do tempo de Aires Sadanha, e construiu-se no ano seguinte um provisório, de madeira, com 36 bicas.

Entretanto, continuava insuficiente o abastecimento de águas. Em 1830 nova vistoria determinava a execução de grandes obras de consertos no Aqueduto, mas já em 1833 era tal a grita popular contra a falta d'água que o govêrno dâ regência determinou a franquia de chácaras que tivessem poços e nascentes ao povo. Foi o tempo da



Rio, vista da Gloria em 1842, do livro de Maria Graham

canção popular "Água por tamina", nascida como represália às brutalidades dos chacareiros.

Em 1832 iniciou-se a construção do último chafariz da Carioca... "informava o engenheiro José de Oliveira e Silva que essa obra obedeceria às regras da arquitetura e deveria ficar em frente à ladeira de Santo Antônio e da praça da Carioca". Desde 1834 começou a servir, mas só em 1842 foi inteiramente concluído "por lhe faltarem os adornos de bronze constantes do projeto organizado pelo arquiteto francês Augusto Vitor Grandjean de Montigny..." As fotografias da época mostram uma construção de cantaria, de linhas retas e aspecto sóbrio, assente sôbre um soco com 4 degraus em tôda a extensão. Na parte central elevava-se uma platibanda. Era provido de 40 bicas, 36 para barris e 4 para pipas.

Em 1836 estava normalizado o serviço de águas contando a população do Rio de Janeiro com dezoito chafarizes para seu uso.

Durante o segundo reinado fizeram-se trabalhos aproveitando o rio Maracanã para aumentar o abastecimento de água. Em 1886, um relatório do engenheiro inspetor das obras públicas atribuía aos mananciais da Carioca a possibilidade de fornecer 2 e meio milhões de litros em 24 horas quando tôdas as águas captadas somavam quase 37 milhões. Foram iniciados trabalhos para melhor aproveitamento das canalizações existentes, desobstruindo-se os condutos, bem como para a captação de outras nascentes.

No ano de 1872, a Companhia *City Improvements* fizera demolir dois arcos, substituindo-os por um arco duplo, na direção da rua dos Arcos. Informa Noronha Santos que já em 1859 a Câmara Municipal da Côrte resolvera retirar o pegão que ficava ao centro daquela rua. Era a primeira mutilação importante no velho monumento.

Em 1875 grandes obras foram iniciadas tendo em vista aumentar o fornecimento de água. Em 1880 inaugurou-se o reservatório do Pedregulho abastecido por nascentes da Serra do Tinguá.

Foi em 1889 que o engenheiro Paulo de Frontin teve oportunidade de cumprir a sua promessa de "água em seis dias" quando, discordando dos planos oficiais, propôs-se trazer à cidade, naquele

prazo, um refôrço de 13 a 15 milhões de litros diários com as águas dos rios Xerém e Mantiqueira. Já na República uma comissão de técnicos, entre os quais o Dr. Frontin, propunha o maior aproveitamento daqueles mananciais.

Finalmente, em 1895, os Arcos da Carioca foram transformados em viaduto, trafegando sôbre a antiga estrutura a linha de bondes da Companhia Ferro Carril Carioca. Em 1925 demoliu-se o último chafariz da Carioca.[56]

☆

Muitas são as referências feitas, em diferentes épocas, ao Aqueduto da Carioca pelos cronistas e homens de letras da terra, ou nela radicados, bem como as de estrangeiros ilustres que nos visitaram. A maior parte delas revela grande admiração pela vultosa obra, que suscitava, não raro, a surprêsa e o espanto dos viajantes que aqui chegavam, pouco esperançosos de encontrar monumentos comparáveis aos que haviam deixado em seus países.

Em virtude de seu interêsse histórico, citaremos algumas referências de escritores nacionais relativas ao aqueduto, além das que já foram mencionadas. Primeiramente a de frei Agostinho de Santa Maria, no volume 10.º do *Santuário Mariano*, editado em Lisboa no ano de 1723:

...corre hũa rua, que vay para a cidade, tôda povoada de casas nobres, & sempre frequentada de pretos & brancos; os pretos vão, & vem a buscar, & trazer agoa da Carioca, que he hũa Ribeyra, que desce da serra de excellente agoa; & os pretos para certificarem que a tomárão ao seu puro & crystallino manancial, enramão os cantaros, & barris em que a trazem, com huas folhas de huas hervas que só lá se crião. E os brancos vão buscar no campo os lugares frescos & deliciosos para o seu alivio & divertimento."

Parece estranho, à vista da data de edição — 1723, que frei Agostinho de Santa Maria ainda não desse conta do Aqueduto sôbre arcadas. Sucede porém que, como se verifica de uma citação

---

56. NORONHA SANTOS. *Op. cit.*

na pág. 34, pouco adiante do trecho transcrito, o volume 10 em aprêço fôra escrito em 1714, quando ainda não estava construído o aqueduto, na sua forma definitiva, o que se realizou de 1719 a 1723 sob Aires Saldanha, como já ficou esclarecido.

Já tivemos oportunidade de transcrever em outro capítulo a curiosa notícia sôbre o Aqueduto, de autoria de Jaboatão, no *Novo Orbe Seráfico Brasílico,* editado em Lisboa no ano de 1761. Citemos agora a de Aires Casal na *Corografia Brasílica,* impressa em 1817:

"O Chafariz da Praça do Palácio, com forma de tôrre, o das Marrecas, o da Praça de Moura, e o da Carioca, com doze bicas estam no Bairro Oriental. Para todos he a agua conduzida dos montes vizinhos por um aqueduto de duas arcadas, uma sôbre outra das quais a superior tem quarenta e dois arcos. Trabalha-se em outro Aqueduto, quazi todo ao nivel da terra, para fornecer d'agua a Cidade Nova, onde já se nota o novo Chafariz do Lagarto, e continua-se em completar outro no Campo do S. Anna."

Na sua alentada obra *Memórias históricas do Rio de Janeiro,* impressa no ano de 1820 em 8 volumes, Pizarro e Araújo fêz longo relato da construção do Aqueduto. E o padre Perereca, Luiz Gonçalves dos Santos, a êle se referiu da seguinte maneira nas *Memórias para servir a História do Reino do Brasil,* editada em 1825:

"Entre o monte de Sancta Teresa, e o de Santo Antonio, que lhe fica fronteiro, correm os Arcos, sobre os quaes passa a agua da Carioca de hum para outro monte, como já mencionei, esta grande obra he toda de alvenaria, mas muito forte, e perduravel; tem duas ordens de arcos, que chegarão á altura de oitenta palmos pouco mais ou menos; a ordem inferior terá de comprimento cem braças, que he a distancia de hum ao outro monte; porém a ordem superior he muito mais comprida, e terá cento e quarenta braças desde a caixa do monte de Sancta Teresa até á do monte de Santo Antonio, onde principia, e acaba o Aqueducto que sobre elles corre. Por entre dois destes arcos fronteiro á rua das Mangueiras se abrio ha poucos annos huma rua, intitulada rua Nova dos Arcos, a qual vai sahir á rua do Lavradio;..." Já tivemos ocasião de trans-

crever, também do padre Perereca, a descrição do primeiro chafariz da Carioca.

Balthazar da Silva Lisboa mencionou os principais eventos relativos à construção do Aqueduto nos *Anais do Rio de Janeiro,* em 7 volumes, edição de 1834.

Destacam-se entre os mais recentes historiadores da obra do Aqueduto: o cônego Joaquim Fernandes Pinheiro, em 1862; Moreira de Azevedo, em 1887; José Vieira Fazenda, 1921-1927 e Francisco Agenor Noronha Santos, em 1940. De todos êles fomos buscar ensinamentos para o presente estudo.

Manoel de Araújo Pôrto-Alegre descreveu a obra da Carioca, num de seus poemas do volume intitulado *Brasilianas*:

(*O Corcovado,* pág. 126.)

"Em amplas curvas, flanqueando os montes,
Se alonga murmurando o aqueducto
Que recebe o Carioca, e o despeja
Em tanques de granito, em bronzeas bicas
Ao feliz fluminense; mole excelsa,
De alvenaria serpe gigantesca,
Que a mão de Bobadella fabricára,
E entre o Monte Therezio e o Franciscano
Ao seu proprio triumpho ergueo com arcos
Que hão de eterna fazer sua memoria."

Entre as referências ao Aqueduto por parte de viajantes estrangeiros, as de John Luccock no seu *Notes on Rio de Janeiro,* constituído de notas registradas de 1808 a 1818 são as mais remotas que encontramos. Depois de descrever as condições de abastecimento de água no Rio, bem como algumas fontes e chafarizes, entre os quais o das Marrecas que *"in a city so little ornamented, may be called splendid"*, e o da *Caraoca,* diz o autor:

*"The Aqueduct, which supplies most of the public fountains, is a noble work, executed about the year 1750. It*

*consists of two walls, about six feet high, arched over, with sufficient space for workmen to enter it occasionally, and pass through its whole length. At suitable intervals, there are openings for the admission of light and air. Within is laid the canal, about eighteen inches wide, twenth-four deep, and three miles long. It commences at the bottom of the lofty conical peak of the Corcovado, where the waters, flowing from that mountain, are collected into a covered reservoir, and thence conveyed into the canal. Their course from the summit is through deep and shady woods, and the canal is defended from the sun-beams; and thus, until they reach the city, little of their freshnesse is lost. There seems to have been a work of the kind prior to this, in nearly the same line as the present; for I have noticed, in several places, the remains of it. A line of coarse earthen-ware, something like out chimney-pots, made so as that the smaller end of one should fit into the larger end of another, appear to have been laid under ground, to preserve it from injury; but the contrivers could have known nothing of the pressure of fluids, or they never would have trusted to such fragile materials in many of the descents. The present aqueduct, too, is ill constructed, and must be perpetually liable to accidents; for the water is sometimes compelled to change ist course in a right angular direction, and no provision is made. for the harmless discharge of any superfluity which may occasionally come down."* E mais adiante "*At every break among* the trees new views burst upon the passenger, first to the left and then to the right, as the wall which he follows crosses the projections of the over-shadowing mountain. Above the Convent of Santa Thereza, the aqueduct aproaches the very point of a hill and descends rapidly through the building to a suite of arches below; these convey it from the mountain, whose sides it has so long adorned, to the hill of St. Antonio, and to the city."

Spix e Martius, os famosos naturalistas bávaros, foram dos mais entusiastas admiradores do Aqueduto. Do *Travels in Brazil in the years* 1817-1820, tradução inglesa de sua obra feita por H. E. Lloyd destacamos:

> "But the finest and most beautiful monument of architecture of which Rio can at present boast, is the Aqueduct, which was completed in 1740; it is an imitation of the noble work of the same kind erected by John V at Lisbon, by the lofty arches of which, spring water is brought from Corcovado to the fountains in the city. The largest of these fountains in the square in front of the palace, and close to the harbour, supplies the ships and is constantly surrounded by crowds of sailors of all nations."

A versão que dá o Aqueduto como imitação do Águas Livres de Lisboa, deve provir da idéia que se tornou corrente, de ser o mesmo, com sua obra de arcadas, feito sob o Bobadela, já nos meados do século XVIII. Ocorre lembrar, porém, que os fatos históricos parecem demonstrar a autoria de Aires Saldanha para a obra citada, da arcaria entre os dois morros. E assim, construído entre 1719-1723, não poderia imitar o Aqueduto da Ribeira de Alcântara, cujas obras se realizaram entre 1729-1748.

Ainda da mesma obra de Spix e Martius é o seguinte trecho, na tradução brasileira de Lúcia Furquim Lahmeyer:

"Passando por diversos regatos cuidadosamente aproveitados e por morros cobertos de mata nova, alcançámos, finalmente, o terraço da eminência, ao longo do qual a água da fonte é conduzida para a cidade. Desenrolou-se sob os nossos olhares uma vista maravilhosa da baía, das ilhas verdes, flutuantes, do pôrto com os mastros e bandeiras sem número, e da cidade estendida ao pé da mais garbosa montanha, cujas casas e tôrres reluziam ao sol. Longamente nos reteve presos o mágico espetáculo de uma grande cidade européia, surgida no meio de rica natureza tropical. Prosseguimos estrada em fora ao longo das curvas do encanamento. O aqueduto é em

grande parte feito com cantaria de granito, porém, a cobertura arqueada, em cujo interior o naturalista encontra uma quantidade das mais raras Falângias, é construída com tijolo."

De James Henderson, encontra-se uma minuciosa descrição do Aqueduto, em *A history of Brazil,* de 1821:

...."The fountains in the eastern district of the city consists of one in the Palace Square, in the shape of a tower, the Marrecas; one in the Moura Place; and the Carioca, with twelve spouts; all of which are supplied bv the aqueduct already mentioned.

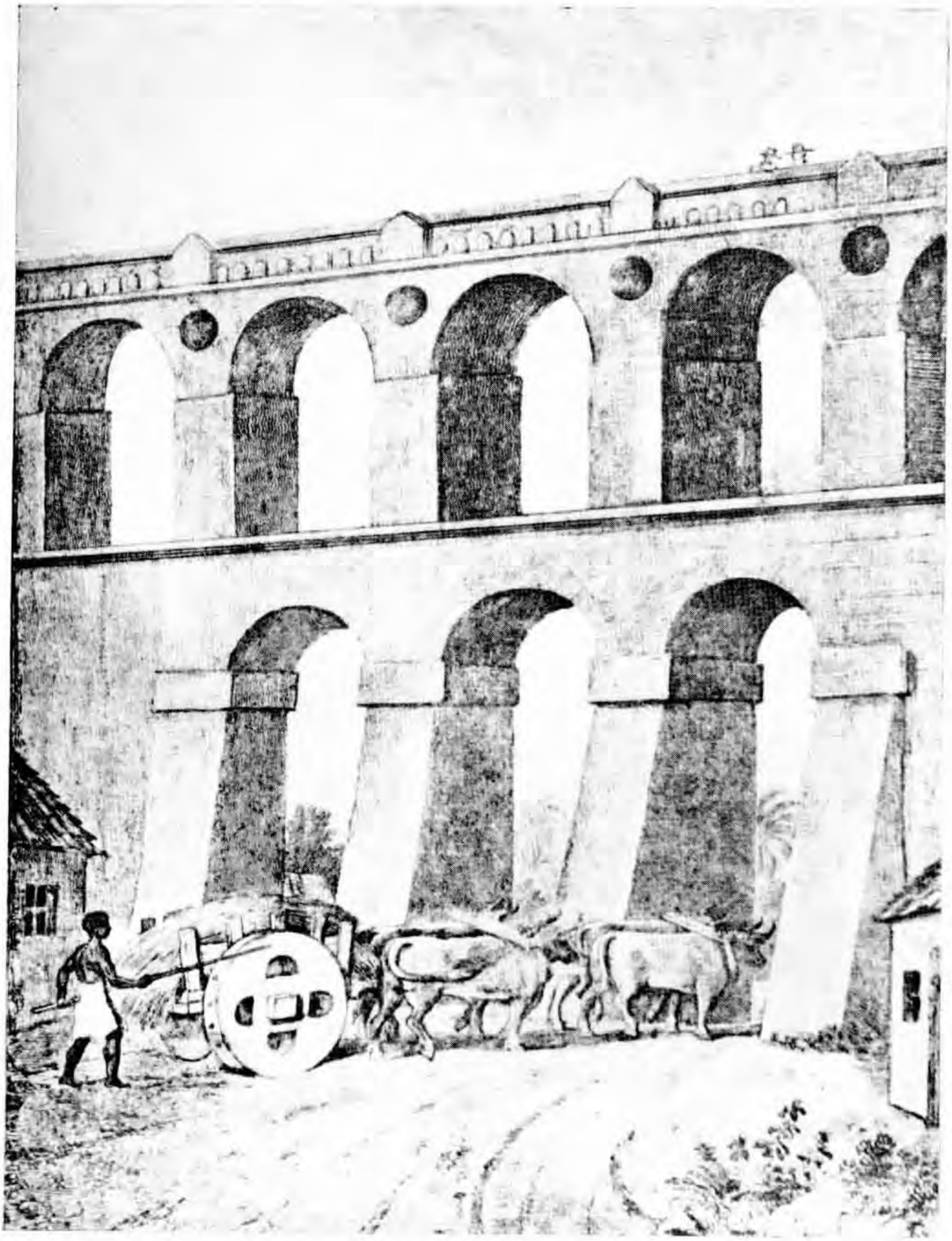
A visit to its source I found to be a most interesting excursion... We directed our course to the village of Matta Cavallos, passing underneath the double arcade, the superior *one having forty two arches, and which conducts the water from the Therezian hill across a valley close to the city... up a gradual ascent, covered with almost impervious woods, and, after crossing a deep glen, gained the terrace, which is formed by excavation along the sides of moutains and precipices for nearly four miles. As far as two pillars, opening into the Orange Valley, a distance of about three miles, the terrace has been recently repaired, and forms of itself a very fine promenade. Upon its inner side the range of aqueduct is erected, which is nearly eight feet high, consisting of two walls, a yard from each other, which space is arched over, and encloses the small stream of water that flows rapidly along a channel hewn out of stone. As far as the pillars it has been recently enlivened by white-washing, and at certain distances small apertures are left, for the purpose of ventilation. In some places, small iron gates are introduced into the wall, to admit of the ociasional entrance of persons within it; those gates are locked, and an opening is left at the bottom, large enough to receive the arm. There is likewise a basin, out of the stone, to supply the passers-by with water, which has rather a peculiar flavour."*

Maria Graham, observadora perspicaz, aqui esteve de 1821 a 1823. Do seu diário de viagem transcrevemos a interessante nota do início dêste capítulo. Diz ela, ainda na mesma obra:

> *"The aqueduct is of brick, and is supported on two ranges of arches across the valley between two of the five hills of the city."*

O reverendo Walsh permaneceu aqui de 1828 a 1829, deixando-nos, também, nas suas *Notices of Brazil* uma boa descrição da obra da Carioca:

> *"in the year 1719 it was led by an aqueduct, constructed by Albuquerque, the captain-general of the province, along the ridge, to the convent of St. Teresa. Nothing can be conceived more picturesque and beautiful, than the road formed to conduct this water. It is a green level avenue of considerable breath, winding its way through primeval woods over the before inaccessible ridges, on the summit level of these romantic hills, forming in different places artificial terraces and platforms; whence the travellers looks down from his airy height, on each side of him, on some of the most lovely wiews in nature. Beside him is the water gurgling along in its stony channel, covered above, but open at intervals, to afford him the means of using it; here he sees it eddying in broad granite reservoirs, presenting the most cool and refreshing object that can be conceived. Near Sta. Thereza, where I often climbed to take a morning or evening walk, is one of these artificial terraces; it passes a valley which opens to the sea, and looks down on a part of the city; and I believe I may say, without exageration, that there is not in the world so noble a combination of art and nature, as the prospect it presents.*
>
> *From hence, over a magnificent arcade, the water is conducted across the valley to the opposite hill of S. Antonio. This arcade was completed in 1750, by order of John V by Gomez*



Arcos da Carioca, gravura do livro do Rev. R. Walsh

*Andrade, captain-general of the province. It is constructed of two ranges of arches, which rise from the ground, one over the other, to the height of eighty palms; the lower extends to the lenght of 100, but the upper 140 fathoms, and consists of forty-two arches. On the latter range the aqueduct is formed, convewing the water to the opposite hills, whence it descends to the lower parts of the city. It is first received into a reservoir in the form of a tower, which communicates with a fountain in the largo or square of the Carioca.*

*This fountain is a semicircular edifice, approached by five steps, having eleven brass pipes in front, from which the water is constantly pouring. The surplus runs off, and is received in a large tank of hewn stone, where horses drink, and black women wash clothes."*

John Mawe, Carl Seidler, Charles Ribeyrolles, Jean Baptiste Debret, João Mauricio Rugendas, Émile Allain e Milliet de Saint Adolphe, mencionaram também em suas obras o Aqueduto da Carioca.

## OUTROS AQUEDUTOS NO BRASIL

Era comum nas antigas fazendas brasileiras, o emprêgo de canalizações de água a céu aberto para movimentar os engenhos e moendas. Descendo as encostas das elevações sôbre o próprio solo (levadas), conduziam as águas em calhas de madeira sôbre cavaletes, quando atravessavam o terreno baixo.

De aquedutos sôbre arcadas, existe um exemplar de grande interêsse no antigo Solar do Unhão, na Bahia, que pertenceu ao Ouvidor Desembargador Unhão Castelo Branco. A referida propriedade, situada junto e a pouca altura do mar, muito abaixo do planalto da cidade, foi depois adquirida pelo Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque, da famosa Casa da Tôrre de Garcia d'Ávila. Nela

existe uma igreja, já despojada. As águas conduzidas pelo aqueduto provinham de nascentes próprias e eram de excelente qualidade, conforme opinaram o Vereador e os Medidores do Conselho, por ocasião de uma vistoria em 1809, de que resultou concederem os mesmos, o uso da água à população. Já em 1787 fizera-se outra vistoria com objetivo de esclarecer assuntos relativos às canalizações de água na quinta.

O *Aqueduto do Unhão,* com uma série de arcadas de alvenaria, apresenta bom aspecto, sóbrio e um tanto pesado.

Em Pernambuco há notícia da ponte e *Aqueduto do Varadouro,* em Olinda, concluído em 1749, a que se referiram Jaboatão, Maria Graham, frei Bonifácio Mueller e Tollenare:

Na obra intitulada *Idéia da população da Capitania de Pernambuco e das suas anexas...* desde o ano de 1774, citada por frei Bonifácio Mueller em seu livro *Olinda e suas igrejas,* encontramos a referência seguinte:

"... ponte do Varadouro, com onze bicas donde vem os moradores do Recife conduzir em canoas e lanchas águas para os navios, e sumacas, e povo."

☆

Em Jaboatão[57] lemos:

"A falada Ponte do Varadouro, que lhe fica ao poente. Serve esta de dar passagem aos que entrão e saem da cidade, e reconcavos da terra... Fica esta sôbre as correntes do rio Beberibe... He a ponte do Varadouro da Cidade de Olinda, e foi sempre um bom divertimento de seus moradores e mais colonios de outras partes, servindo tambem, assim aos da cidade, como do Recife, de grandes conveniencias... Ao presente se acha nesta forma (em represa?) desde os anos de 1744, em que sendo juiz de fora de Pernambuco o Dr. João de Souza de Menezes, a diligencia, e cuidado seu, instancia dos vereadores de Olinda e concurrencia do povo, se fez

57. *Op. cit.* Jaboatão, Frei Antonio de Santa Maria.

a sua nova ponte de pedra lavrada, com 23 aquedutos, parte destes em sangradouros de 3 palmos de largo, e mais altos para despedirem as águas enchentes do rio, e a outra parte em bicas, ou canos da mesma pedra, e mais baixos que os sangradouros alguma cousa, de sorte, que nunca a maré, por mais alto que seja, lhes possa chegar, e fique conveniente e poder-se das canoas tomar a agoa, que por eles sae; ... ...Por cima do seu lagedo de 328 palmos de comprido, que é todo de pedra lavrada, tem uma bastante casa de 74 palmos de comprido, e 27 de largo, formada sobre arcos, cinco por cada lado, com seus assentos da mesma pedra, em que descanção os que passão, se divertem os que passeão, e os que vão tomar seus banhos, ou por necessidade, ou regalo... Esta é a tosca mas verdadeira descrição desta ponte de Olinda e rio Beberibe; e se acazo houver algum passageiro, ou critico por paixão, enfastiado por genio, que não goste da sua passagem neste papel, sem muitos rogos, lhe concedemos, que em chegado aqui ao seu principio, a tome de um salto, e se intrometa na cidade, aonde nós tambem agora tornamos a entrar".

Maria Graham consigna também a existência da reprêsa chamada do Varadouro como veremos a seguir:

> "*... the river Bibiriba falls into the aestuary which was formerly the port of Olinda. A dam is built across with floodgates which are occasionally opened; and on the dam there is a very open arcade, where the neighbouring inhabitants were accustomed in peaceable times to go in the evening, and eat, drink and dance. It is from this dam that all the good water used in Recife is daily conveyed in water canoes, which come under the* dam called the Varadouro, *and are filled from* 23 *pipes, led so as to fill the canoes at once, without further trouble. We saw seven-and-twenty of these little boats laden, paddle down the creek with the tide towards the town. A single car used rather than paddle guides the tank to the middle of the stream, where it floats to its destinations.*"

Em Tollenare — *Notas dominicais tomadas durante uma residência em Portugal e no Brasil nos anos de* 1816, 1817 *e* 1818 — parte relativa a Pernambuco e traduzida por Alfredo Carvalho, lemos ainda a mesma referência à reprêsa:

> "O rio Beberibe foi represado em Olinda por meio de dique que os holandêsses construíram (*nota I*) para impedir o acesso da água salgada."
>
> "*Nota I* — Não estou certo que fôssem os holandêses. O gênero da construção é português. Aqui não há cicerone; é preciso adivinhar tudo (N. do autor.)"
>
> "Era fundada a dúvida do A., porquanto a reprêsa do rio Beberibe, no Varadouro, foi construída pelos portuguêses (N. do trad.)"

E, por fim, num artigo publicado no Jornal do Brasil, em 1947, Mário Sette deu notícia da demolição do Arco do Varadouro, último remanescente da obra, transcrevendo o que viu, citado por A. P. de Figueiredo:

"No alto do Arco, sôbre a face que deitava para o Recife, via-se uma pedra em forma de paralelogramo..... ..dividia-se em 2 partes iguais: em uma das quais vê-se o símbolo da Cia. de Jesus, e na parte inferior a seguinte inscrição: "Esta obra se fez por direcção do doutor juiz de foro João de Souza de Menezes Lobo natural du[a]d uiana e do presente ovidor geral das minas do sabará. Principiou esta obra em 7 de ianero d 1745 sendo governador Henrique Luiz pr[a] freire Uereadores manuel alures de Moraes caetano camelo pessoa de Noronha uereadores ant[o] Borges Bento Barbosa ant[o] Almad[o] manuel bezera 20 de feur[o] 1749."

No Rio de Janeiro existem, também, alguns exemplares pequenos de aquedutos sôbre arcadas. Um dêles, nas terras da colônia de psicopatas de Jacarépaguá, com 8 arcadas de alvenaria, foi, segundo consta, o aqueduto do engenho da primitiva fazenda. É obra de agradável aspecto pelas proporções.

Magalhães Correia dá notícia de dois outros, o de Catumbi e o da Figueira e Padaria, dos quais apresenta os respectivos desenhos, escrevendo a respeito:

*Aqueduto de Catumbi* — "Êste aqueduto foi construído no tempo de D. Luiz de Vasconcelos, para trazer as águas do rio Catumbi, que veio aumentar o abastecimento dêsse líquido à cidade.

O chafariz do Lagarto foi o primeiro que jorrou água dêsse manancial, e, mais tarde, o de Catumbi e Lavadeira.

O aqueduto, partindo da "Cova da Onça", atravessava a rua Itapirú e vinha até à encosta do morro de Paula Matos, onde terminava.

Revestia o caráter das arcarias plenas superpostas, ou arcarias sôbre grandes maciços de alvenaria, sistema anterior aos sifões ou canos metálicos dos modernos abastecimentos dágua. Êle foi cortado pela rua Itapirú, de cuja demolição só ficou a parte da encosta do morro de Catumbi, e do que, até bem poucos anos atraz, se viam ainda as ruinas."

*Aqueduto da Figueira e Padaria— Pau de Fome.* — "Êstes mananciais captados vão por meio de adutores à caixa circular de areia de um metro e trinta de profundidade, situada no caminho, de onde partem as águas canalizadas, beirando a encosta da vertente da serra do Nogueira, até serem recebidas pelo aqueduto, construído em forma semi-circular, cujas linhas arquitetônicas são de belo efeito sôbre o fundo verde escuro da nossa natureza serrana.

O aqueduto, de cimento, tijolo e pedra, tem o seguinte traçado: mantém a canaleta das águas sôbre pilares com base em forma de dado, ligados entre si, na parte superior, por arcos de berço, de uma elegância severa. A canaleta, pilares e arcos emoldurados por frisos de dez centímetros de largura, dão um balanço agradável a êsse aqueduto, pela projeção da luz e sombra que desenha em seu conjunto, indo terminar na caixa d'água, em meio de um bem tratado jardim."

## CONCLUSÃO

Arquiteturas grandiosas, seculares, causa permanente de emoção estética... arquiteturas dramáticas, gloriosas, propiciadoras de vida e progresso, criadoras de grandes cidades... As *Arcuatum opus* têm inspirado àqueles que interpretam a razão e o sentimento dos povos, seus melhores filhos, filósofos ou poetas, tôdas as palavras da reverência e da admiração.

Sua finalidade simples, primordial, determinou a pureza da forma, a simplicidade dos volumes. As dimensões colossais, necessárias para vencer os grandes vales profundos, ligando morros, descendo colinas, conferem-lhes uma escala monumental com que dominam a paisagem, caracterizando-a. Os materiais fortes, consistentes, capazes de resistir ao tempo e às intempéries, enobrecem-lhes o aspeto, permitindo-lhes o arrôjo dos grandes vãos, elegância e leveza das arcadas sobrepostas.

À sua volta a natureza permanece intacta, a obra humana não a violenta, não destrói sua harmonia; pelo contrário, nela se integra, adatando-se aos acidentes do terreno, acompanhando-o sem alterar-lhe a conformação. A paisagem contínua visível, distanciando-se através dos grandes espaçamentos, emoldurada nos arcos e pegões enormes, marcada pela extensa horizontal dominante.

> *"In the days of Imperial Rome one of the most impressive sights in the Campagna must have been the long, level flights of magestic arches which bore the waters of the hills to the citizens of Rome. No more imposing triumphal procession ever entered old Rome than that of the aqueducts bearing captive the waters of the distant hills, and no greater manifestation of the adoption of simple means to supply a need of every-day life is anywhere to be seen than in these water-carrying arches.*[58]"

58. BANISTER FLETCHER. *A history of Architecture*...Londres, 1938.

Os aquedutos fazem parte da paisagem dos arredores de Roma. Êles marcaram indelèvelmente, com seus grandes e imponentes planos de pedra, vasados em grandiosas arcadas, o aspecto bucólico daquelas terras baixas que constituem a planície do Agro Romano, a chamada *Campagna.* É a robusta cantaria do *Água Cláudia,* o grandioso *Márcia,* de pedra calcárea, o *Água Virgem,* que Agrippa construíu com setecentas arcadas, a elevada estrutura do *Ânio Novo*...

> *"Los arcos de los acueductos romanos se suceden unos a otros con la misma abertura de diâmetro, aunque tengan diferentes alturas. Es curioso que una construción como la de los acueductos, regulada por los accidentes del terreno, donde el arquitecto tiene tan poca libertad de inspiración, contenga, a veces, tanta belleza. Acaso nos impresionen por su significación histórica más que por su forma. Pero hay mucho de belleza geométrica en la sucession de los arcos dc algunos acueductos romanos.*[59]"

Que outra obra humana poderá merecer mais justamente o nome de monumento do que o aqueduto romano de Nimes, o *Pont du Gard?* A harmonia da arquitetura com a natureza, o rio e as elevações marginais, é tão perfeita, que se torna difícil imaginar por abstração, as duas coisas, construção e paisagem, separadamente; elas se ligaram ìntimamente num efeito plástico supreendente.

Na sua obra admirável, que abriu as perspectivas do urbanismo contemporâneo, *La ville radieuse,* Le Corbusier estampou uma vista do aqueduto de Segóvia. A legenda é eloqüente: "vestige romain. Cet aqueduc, hors de l'échelle des maisons, détruira l'harmonie du site? Mais mon! L'aqueduc a fait le site!"

Podemos compreender bem a justeza destas palavras, lembrando-nos dos nossos, ainda que relativamente modestos, ARCOS DA CARIOCA. De fato, êles também fizeram o local, o centro da nossa cidade, nos períodos de sua formação e início de seu desenvolvimento.

---

59. J. PIJOAN. *Summa Artis. Historia General del artes.* Vol. V. Madrí, 1944.

É o monumento mais característico do Rio de Janeiro, já disse o escritor Tristão de Ataíde. Para ajuizarmos da verdade desta asserção basta percorrermos a longa série de estampas e gravuras que mostram vistas e panoramas desta cidade, dos meiados do século XVIII em diante. O aqueduto é mesmo a linha dominante da paisagem, ligando harmoniosamente as elevações de Santa Tereza e Santo Antônio. É a referência que assinala a posição do centro urbano, modulando as distâncias com os espaçamentos iguais de sua dupla arcaria.

Seja em Roma, Cartago ou Nimes, em Segóvia e Tarragona, como no vale da Ribeira de Alcântara em Lisbôa, ou aqui, no antigo campo de Santo Antônio, os aquedutos sôbre arcadas foram ou são mais do que grandes obras arquitetônicas. Tais como as auto-estradas, as pontes, os viadutos e os grandes blocos construtivos dos tempos modernos, êles constituem importantes elementos urbanísticos, que com seus perfis geométricos peculiares, caracterizam a fisionomia das cidades ou de seus arredores.

Não podemos deixar de repetir aqui as expressivas palavras de Jérôme Carcopino:

> *"Quant à l'inoubliable profil des aqueducs qui, en Gaule ou sur le plateau castillan de Ségovie, comme dans la capagne romaine, promènent la sublime procession de leurs arcades, il hante les conceptions de nos ingénieurs au point qu'à dix-neuf siècles de distance, le Pont du Gard et le Viaduc de Chaumont semblent jaillir d'une même formule."*

* * *

Um dos pontos que nos parecem de maior importância no tema em aprêço é o estabelecimento mais preciso da relação artística, que logo a princípio se adivinha, entre o AQUEDUTO DA CARIOCA e as construções da mesma espécie que o precederam alhures. Em outras palavras, desejariamos situar históricamente esta obra, hoje monumento nacional, em função da tradição artística que a originou.

*Não é sem surprêsa que esta indagação nos leva, logo aos primeiros confrontos, relativos à técnica e à feição arquitetônica, a classificá-la como o monumento de mais remota origem existente no Brasil, do ponto de vista da filiação artística.* De fato, o aqueduto mostra claramente nas suas características construtivas e formais a filiação à arquitetura romana das *arcuatum opus,* ainda que numa versão de menor magnificência. Evidentemente, o monumento em aprêço não é mais do que uma réplica, uma repercussão distante dos aquedutos romanos, através da tradição portuguêsa que os colonizadores nos trouxeram. Ocorre ponderar, entretanto, que êle se fundamenta na mais absoluta verdade construtiva, porquanto os processos usados na sua fábrica foram os mesmos dos originais romanos, com estruturas de idêntica natureza. (Pode-se dizer que até então não houvera modificação fundamental na respectiva técnica, salvo no apuro e no arrôjo góticos, de cujos métodos construtivos, aliás, os aquedutos romanos foram precursores).

Ora, as nossas construções cronològicamente anteriores aos Arcos da Carioca, erigidas nos dois primeiros séculos (XVI e XVII), procedem, tanto as que se classificam nos quadros da arquitetura religiosa, como nos da civil e militar, de períodos artísticos menos remotos. Sua filiação mais antiga, no campo da história da arte, encontra-se nos grandes modelos do Renascimento. São as Missões, Colégios e Igrejas da Companhia de Jesus, em que se desenvolveu o chamado "estilo jesuítico"; as elegantes Casas de Câmara e Cadeia, com seus pórticos em arcadas ou com escadarias no frontespício, que lembram bem as linhas características gerais da arquitetura renascentista italiana; as casas nobres com portadas brazonadas, reproduzindo a feição das "vilas" mediterrâneas; as numerosas e ricas igrejas em que se desenvolveu a arquitetura barrôca; as fortificações, traçadas à Vauban; as habitações urbanas e rurais. Entre tôdas não sabemos de alguma que se possa indicar como elo de uma tradição arquitetônica mais recuada no tempo do que aquela que deu origem ao AQUEDUTO DA CARIOCA.

É impossível dissimular a enorme importância dêste fato, na história da arte no Brasil. Filhos de uma terra que o mundo civilizado conheceu a partir de 1500, consideramos da maior vetustez os nossos exemplares de arte erudita procedentes da cultura europeia que atingiu o seu apogeu entre os séculos XV e XVI, o período da grande Renascença. Entretanto, os colonizadores dêste país, que aqui vinham aplicando seus conhecimentos em numerosas realizações, empreenderam também, ainda no século XVII, a construção de um grande aqueduto para abastecer a cidade do Rio de Janeiro, com as nascentes da Carioca. E que técnica e arte trouxeram êles para levantar a obra grandiosa? A mesma que lhes fôra legada pelos seus antepassados, e que se conservara intácta na península, através dos séculos, desde a conquista romana, nos tempos de Conímbrica, da velha *Aritium,* da *Pax-Júlia* e do Sertório em Évora. Como vimos, em 1719 aqui chegava o governador Aires de Saldanha dedicando-se logo à continuação das obras do aqueduto, que se vinham arrastando desde a primeira metade do século XVII, muitas vêzes interrompidas por diversas vicissitudes. A longa correspondência trocada entre êle e o rei D. João V, relativa ao assunto, transcrita no capítulo anterior, esclarece sôbre o ocorrido nessa fase culminante dos trabalhos, que em 1723 estavam concluídos. E assim foi construído o AQUEDUTO DA CARIOCA, retomando-se em terras brasileiras, o fio de uma tradição artística milenar nascida em Roma, antes da era cristã.

Que mais podemos dizer dêsse monumento? Resta-nos sim, reinvindicar para êle, o lugar de destaque que lhe compete entre todo o acêrvo do patrimônio histórico e artístico nacional. É o que fazemos, na certeza de sermos bem sucedidos.

* * *

Na apreciação das *Arcuatum Opus,* dentro do quadro geral da história da arte, é necessário considerar o que elas representam, comparadas aos demais monumentos construidos pelos romanos, seus in-

contestáveis criadores. Para êste fim devemos confrontá-las com todos os exemplares da arquitetura romana, templos, palácios, teatros, circos e arenas, etc., que se tornaram notáveis através dos tempos, graças à monumentalidade das proporções e à nobreza dos materiais, seus característicos inconfundíveis. Não é difícil concluir, depois desta análise, da enorme importância dos Aquedutos na arquitetura romana, pelo que apresentam de próprio e original da técnica e da arte daquele povo, além das qualidades gerais comuns às suas obras. De fato, ao abordarem os diferentes gêneros de edificação, os arquitetos romanos continuaram naturalmente a tradição que a êles chegara, desenvolvendo, principalmente, os modelos da arquitetura grega, ainda que os alterassem, por vêzes, de maneira fundamental. Assim é que vamos encontrar naqueles monumentos da antiga Roma, ao lado das arcadas de volta completa, das abóbadas de diversos tipos e das inovações que o seu emprêgo ía permitindo, a reprodução dos elementos da arquitetura grega, suas "ordens", "aparelhos", frontões e frisos esculpidos, etc., ainda que modificados na sua feição de origem. Era a evolução natural dos mesmos temas que se iam aos poucos transformando, perdendo, por um lado, a fôrça da primitiva singeleza, ganhando, por outro, com as novas aquisições do desenvolvimento técnico.

Não sucedeu o mesmo com os Aquedutos, cuja construção, transmitida aos romanos dos povos orientais em moldes rudimentares, pelos etruscos, foi, na verdade, desenvolvida quase como um tema novo por aquêles, atingindo então as formas arquitetônicas monumentais, das arcadas sobrepostas. Daí a liberdade de criação com que nasceram e se desenvolveram as *Arcuatum Opus,* chegando a constituir, em exemplares como o de Nîmes, a antiga *Nemansus,* e os de Segóvia e Tarragona, verdadeiros *padrões* de arquitetura, ricos da mais alta qualidade plástica. E tão características eram elas, que ficaram conhecidas como "marcas" de Roma nas províncias do Império; já nos referimos anteriormente às palavras de Pijoan: "*Puede decirse que lo que caracteriza más la civilización romana son las vias de comunicación y los acueductos suburbanos.*"

Fomos atraídos ao estudo dêste assunto pelos múltiplos aspétos de interêsse que êle encerra, por se referir a obras de arte plástica na sua mais completa acepção. Mas incitou-nos a isto, também, o aprêço relativamente pequeno, a nosso ver, que as escolas e a crítica de arte em geral vêm concedendo, desde muito tempo, aos monumentos em questão. Não diremos tanto como Frontinus, que não admitia comparação entre os Aquedutos romanos e "*ces pyramides inutiles de l'Égypte, et ces ouvrages fastueux des Grecs, beaucoup trop vantés*", mas compartilhamos irrestritamente o alto conceito que o *curator aquarum* tinha daquelas obras, a cujo trato e preservação dedicou-se com entusiasmo durante largo tempo de sua vida pública.

Acompanhando, como arquiteto, o movimento que se vem operando em nosso tempo, no campo das artes plásticas, não podemos deixar de sentir muito claramente a correlação existente entre os conceitos estéticos mais atuais e as chamadas *Arcuatum opus* dos romanos. Foi Le Corbusier que, nos seus primeiros escritos, começou a chamar a atenção dos arquitetos para as grandes estruturas de Eiffel, Freyssinet e outros, contrapondo-as, como obras que não falseavam a verdade construtiva, reais produtos que eram da técnica dos tempos modernos, aos modelos de pseudo-arquitetura, saídos das academias, em franca decadência. Era o início da grande campanha da arquitetura moderna, em que seus pioneiros foram buscar nas obras monumentais que a revolução técnica e industrial já estava produzindo, os exemplos "funcionais" capazes de inspirar a regeneração dos princípios básicos da arquitetura.

Os antigos aquedutos, grandes estruturas de outros tempos, também se fundamentaram rigorosamente, com relação à respectiva técnica, no mesmo princípio arquitetônico de verdade construtiva. E, da mesma maneira que as obras da arquitetura e do urbanismo contemporâneo, êles tiram sua fôrça plástica das grandes leis de rítmo e simetria, da simplicidade e proporções dos vastos planos e superfícies, e da escala monumental que lhes permite "contar" na paisagem. Feitas para prover à vida e saúde dos homens as *Arcuatum*

*opus* são soluções exatas e lógicas que impressionam pelas combinações das formas e volumes dentro da sua serenidade grandiosa: elas constituem grandes monumentos de arquitetura.

José de Souza Reis

Êste trabalho teve a colaboração de Helcia Dias, que elaborou a Bibliografia e auxiliou a pesquisa de fontes impressas.

## BIBLIOGRAFIA

*ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES. ARTES. LISBOA*
*Inventário artístico de Portugal,* vol. I — Luís Keil — *Distrito de Portalegre;* v. II — Virgílio Correia e Nogueira Gonçalves — *Cidade de Coimbra.* Lisboa. Bertrand irmãos. 1943 — 2 Vols.

Allain, Émile
*Rio de Janeiro. Quelques données sur la capitale et sur l'administration du Brésil.* 3.ª ed. Paris, L. Frinzine. Rio de Janeiro, Lachaud et cie. 1886.

Angulo Iñiguez, Diego
*História del arte hispanoamericano.* Tomo 1. Barcelona, Buenos Aires. Salvat ed., 1945.

Araújo Pôrto Alegre, Manoel de
*Brasilianas.* Viena. Imperial e real Tipografia, 1863.

*ARQUIVO HISTÓRICO PORTUGUÊS*
Lisboa, tip. da Calçada do Cabra, 1903/1916. 10 v.

Ayres Casal, Manoel
*Corografia brasílica ou relação histórica-geográfica do reino do Brasil, por um* presbítero secular do Gram priorado do Crato. Rio de Janeiro. Impressão régia. 1817. 2 vols.

Borges de Figueiredo, A. C.
*Coimbra antiga e moderna.* Lisboa. Ferreira, 1886

Bosc. Ernest
*Dictionnaire raisonné d'architecture et des sciences et arts qui s'y rattachent.* Paris. Firmin-Didot, 1877-80. 4 vols.

Burckardt, Jacob
*Le Cicerone. Guide de l'art antique et de l'art moderne en Italie.* Paris. Firmin-Didot et cie. S. D.

Cagnat, R. et Goyau, G.
*Lexique des antiquités romaines.* Paris. A. Fontemoing. 1896.

BIBLIOTECA da ESCOLA NACIONAL

CASTRO E ALMEIDA, VIRGÍNIA DE

*Itinéraire historique du Portugal.* Lisboa. Comissão Executiva dos Centenários. 1940.

CHOISY, AUGUSTE

*Histoire de l'architecture.* Paris. Georges Baranger. 1929. 2 vols.

DEBRET, JEAN BAPTISTE

*Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.* Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo. Martins. 1940.

EBERSOLT, JEAN

*Monuments d'architecture bysantine.* Paris, les Éditions d'art et d'histoire. 1934.

*ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA*

*The encyclopaedia britannica.* 14th ed. London. The enciclopaedia britannica comp. ltda.,/c.1932/.

*ENCICLOPÉDIA ITALIANA DI SCIENZE, LETTERE ET ARTI*

Roma. Istituto della Enciclopedia italiana, fondata da Giovanni Treccani. 1939. 36 volumes e 1 apêndice.

*ENCYCLOPÉDIE FRANÇAISE*

Paris. Larousse (c. 1935-36) tomes XVI — XVII, I — II: *Arts et littératures dans la societé contemporaine.*

EWBANK, THOMAS

*Life in Brazil.* New York. Harper & brothers. 1856.

FERNANDES PINHEIRO, JOAQUIM CAETANO, *cônego*

*A Carioca;* memória histórica e documentada *in — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* t. XXV. 1862.

FERREIRA, J. AUGUSTO, monsenhor

*Vila do Conde e seu alfoz, origens e monumentos.* Pôrto. Marques Abreu. 1923.

FIALHO, MANUEL

*Évora ilustrada.* Publicação de Antônio Gusmão e Antônio Franco. Évora. Ed. Nazareth. 1945.

FLETCHER, BANISTER

*A history of architecture on the comparative metho*d. 10th ed. London. B. T. Bastford. 1938.

FRONTIN, SEXTUS JULIUS

*Commentaire sur les aqueducs de la ville de Rome* (Celse, Vitruve, Censorin, Frontin.) Paris. Nisard ed., 1846 (Texto em latim e francês).

GARCEZ TEIXEIRA, F. A.

*Tomar. A cidade e seus monumentos.* Lisboa. Neogravura. S. D.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, DOMINGOS JOSÉ

*A Confederação dos Tamoios.* Rio de Janeiro. 1857.

GONÇALVES DOS SANTOS, LUÍS, também chamado *Padre Perereca.*

*Memórias para servir à História do reino do Brasil.* Lisboa. Impressão régia. 1825 2 vols.

GRAHAM, MARIA

*Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 22, 23.* London.

Longman, Hurst. 1824.

HENDERSON, JAMES

*A history of the Brazil.* London. Longman. Hurst. 1821.

JABOATÃO, ANTÔNIO DE SANTA MARIA O. F. M.

*Novo orbe seráfico brasilico, ou crônica dos frades menores da provincia do Brasil.* Impressa em Lisboa em 1761 e reimpressa pelo Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro. Tip. de Maximiano Gomes Ribeiro. 1858-61. 4 vols.

KIDDER, DANIEL PARISH

*Brazil and the Brazilians.* Philadelphia. Childs & Peterson. 1857.

*LISBOA, BIBLIOTECA NACIONAL*

*Guia de Portugal.* Lisboa. Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional. 1924. 2 vols.

*LISBOA, CÂMARA MUNICIPAL*

*Catálogo da exposição cultural relativa ao Aqueduto das Águas Livres e abastecimento de água à cidade de Lisboa.* Lisboa. Câmara Municipal. 1940.

LUCCOCK, JOHN

*Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil, taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818.* London. Strand. 1820

MAGALHÃES CORRÊA, ARMANDO

*Terra Carioca. Fontes e Chafarizes.* Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1930.

MARQUES ABREU

*A arte em Portugal.* Pôrto Ed. Marques Abreu. 1927-1932 (15 fascículos em 5 vols.)

MAWE, JOHN

*Travels in the interior of Brazil.* London. Longman. 1812.

MELO FRANCO, AFONSO ARINOS DE

*Desenvolvimento da Civilização material do Brasil.* Rio de Janeiro. Barbera, 1944.

MÈNARD, RENÉ

*Histoire des beaux-arts.* Paris. Ch. Delagrave. 1882. 3 Vols.

MILLIET DE SAINT ADOLPHE

*Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil.* Paris. J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1863. 2 vols.

MORALES DE LOS RIOS, ADOLFO

*Subsídios para a história da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro. (Separata da Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro). 1914.

*O Rio de Janeiro imperial.* Rio de Janeiro. Editora A Noite. 1946.

MOREIRA DE AZEVEDO

*O Rio de Janeiro. Sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades.* Rio de Janeiro. B. L. Garnier. 1887. 2 vols.

MUELLER, BONIFÁCIO, O. F. M.

*Olinda e suas igrejas.* Recife. Livraria Pio XII. 1945.

NAVAL, FRANCISCO

*Elementos de arqueologia.* Santo Domingo de la Calzada. José Saénz Moneo. 1903.

NORONHA SANTOS, FRANCISCO AGENOR DE

*Aqueduto de Carioca. in — Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Saúde. 1940. n.º 4.

PEREIRA, ESTEVES E RODRIGUES, GUILHERME

*Portugal. Dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico.* Lisboa, J. R. Torres, 1904-915. 7 vols.

PEREIRA ALMEIDA, ALBERTO

*Portugal artístico e monumental.* Lisboa, Tip. do Anuário comercial, S. D.

PERES, DAMIÃO E CERDEIRA, ELEUTÉRIO

*História de Portugal.* Edição monumental comemorativa do 8.º centenário da fundação da nacionalidade; profusamente ilustrada. Barcelos, Portucalense editora, 1928-1937. v vols.

PIJOÀN, JOSÉ

*Summa artis. História general del arte.* 2.ª ed. Madrid, Espasa — Calpe. 1944-47. 10 vols.

PIMENTEL, ALBERTO

*A Extremadura Portuguêsa.* Lisboa, Emprêsa da história de Portugal, 1908. 2 vols.

PIZZARRO E ARAÚJO, JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO

*Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas.* Rio de Janeiro. Impressão régia, 1820. 8 vols.

PLANAT, P.

Encyclopédie de l'architecture et de la construction. Paris, Dujardin et Cie., /s. d./ 6 v.

RACZYNSKI, A.

*Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre: Les Arts en Portugal.* Paris. J. Renouard et cie., 1847.

*Les Arts en Portugal. Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents.* Paris. Jules Renouard, 1846.

RÉAU, LOUIS (e outros)

*Histoire universelle des arts des temps primitifs jusqu'à nos jours.* Paris, A. Collin, 1930/39. 4 vols.

RECLUS, ÈLISÈE

*Estados Unidos do Brasil.* Geografia, Etnografia, Estatística. Rio de Janeiro. Paris, H. Garnier, 1900.

RIBEYROLLES, CHARLES

*Brasil pitoresco.* Tradução e notas de Gastão Penalva. S. Paulo, Martins, 1941.

RIO DE JANEIRO. ARQUIVO NACIONAL

*Publicações do Arquivo Nacional. Vol. 10.* 1910

RUGENDAS, JOÃO MAURÍCIO

*Viagem pitoresca através do Brasil.* S. Paulo, Martins, 1940.

SANTA MARIA, AGOSTINHO, frei

*Santuário Mariano.* Lisboa, Antônio Pedrozo Galram, 1723. 10 vols.

SANTOS, REYNALDO DOS

*A Arquitetura em Portugal.* Exposição portuguêsa em Sevilha. Lisboa, Imprensa Nacional. 1929.

— *Conferências de arte.* Lisboa. Oficinas gráficas da Gazeta dos caminhos de ferro. 1941.

SCHAEFFER, KARL

*La arquitetura de occidente.* Barcelona. Buenos Aires. Ed. Labor. 1929.

SEIDLER, CARL

*Dez anos no Brasil.* Tradução e notas do general Bertoldo Klinger. S. Paulo, Martins. 1941.

SILVA LISBOA, BALTAZAR DA

*Anais do Rio de Janeiro.* Contendo a descoberta e conquista dêste país, a fundação da cidade, com a história civil e eclesiástica até a chegada d'el rei D. João VI. Rio de Janeiro. Seignot-Plancher e Cia., 1834-35. 7 vols.

SETTE, MÁRIO

*O arco do Varadouro.* Jornal do Brasil. R. de Janeiro, 25-10-1947.

SOARES DE SOUZA, GABRIEL

*Tratado descritivo do Brasil em* 1587. 2.ª ed.
Rio de Janeiro, Tip. de João Inácio da Silva, 1879.

— *Notícia do Brasil.* Introdução, comentários e notas pelo professor Pirajá da Silva. São Paulo. Martins. S. D.

SOUSA VITERBO

*Notícia de alguns pintores portuguêses e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram sua arte em Portugal.* Lisboa. Tip. da Academia Real das Ciências. 1903-1911. 3 vols.

SOUSA, AUGUSTO FAUSTO DE

*A bahia do Rio de Janeiro.* Sua história e descrição de suas riquezas. in — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* t. XLIV, parte II. 1881.

SPIX, JOHANNES BAPTISTA VON, *and MARTIUS, Phil. von*
*Travels in Brazil in the years 1817-1820.* London, Hurst. 1824 (Trad. do original alemão por H. E. Lloyd.

— *Viagem pelo Brasil.* Tradução brasileira de LÚCIA FURQUIM LAHMEYER. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1938.

TOLLENARE, L. F.
*Notas Dominicais.* Tomadas durante uma residência em Portugal e no Brasil nos anos de 1816, 17 e 18. Parte relativa a Pernambuco — traduzida por Alfredo de Carvalho. Recife. Emprêsa Jornal do Recife. 1905.

TURNER, RALPH
*The Great Cultural Traditions. The Foundations of Civilization.* New York and London. McGraw-Hill. 1941.

VIEIRA FAZENDA, JOSÉ
*Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1921-1927. 5 vols.

WALSH, R., rev.
*Notices of Brazil in 1828 and 1829.* London. Frederic Westley and H. Davis. 1830.

WATSON, WALTER CRUM
*Portuguese Architecture.* London. Archibald Coustable and Co. 1908.

WRIGHT, MARIE ROBINSON
*The new Brazil.* Philadelphia. G. Barrie. 1901.

I. R. R.

# OURIVES DE MINAS GERAIS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

## JOÃO DE LANA

Contraste e ensaiador de ouro e prata em Vila Rica por nomeação da respectiva Câmara (provisão de 30 de abril de 1742), João de Lana era francês. De Baiona, sua cidade natal, emigrou para o Brasil, cêrca do ano 1695.

Era ourives e filho de ourives, e foi na oficina paterna que se adestrou na arte em que parece ter sido mestre. Ainda em Baiona se exercitou na mesma arte, com um certo Labady, segundo afirma um filho dêste como se verá de documento pôsto mais adiante.

No Rio de Janeiro casou-se com Maria de Jesus que lhe deu cinco filhas, a primeira das quais batizada na freguesia da sé fluminense, em 1703.

Era também do Rio de Janeiro a sua segunda filha.

A terceira era já mineira, nascida em Antônio Dias de Vila Rica em ano que não consegui determinar, mas anterior a 1714, porque neste ano era batizada em Cachoeira do Campo a sua quarta filha, Mariana de Jesus Lana que, em 1728 se casou em Vila Rica com Pantaleão da Costa Dantas, outro artista aqui relacionado.

É quase certo que João de Lana e o mencionado seu genro já trabalhavam, em 1728, na Casa da Fundição ou da Moeda em Vila Rica, como é licito conjecturar à vista do registro de casamento da referida Mariana, onde se lê que testemunharam aquêle casamento Dom Lourenço de Almeida e o "super Intendente da Casa da Moeda", Eugênio freire de Andrada.

As escassas notícias referentes a João de Lana colhem-se dos autos de habilitação *de genere* de seu José de Lana que se ordenou

no Rio de Janeiro e, em Mariana, teve provisão para a primeira missa a 5 de junho de 1748; foi vigário colado de Itatiaia, onde faleceu, fechando um paroquiato de trinta e oito anos, em 1790.

A referida habilitação foi processada em São Miguel de Fontoura, Portugal; em Baiona, França; e no Rio de Janeiro, lugares donde procediam seus ascendentes paternos e maternos. Em Baiona depuseram seis testemunhas. Transcreverei trechos de alguns depoimentos que servem à biografia de João de Lana.

Jean la Rur depôs: "...que não conhecia senão ao dito João de Lane, avô materno do pretendente (*habilitando*) tendo-o visto em Arrochella, cidade de França prompto a se embarcar, *haverá perto de quarenta e oyto annos;* e que o dito João de Lanne era ourives de profição e seo Pay Mestre ourives da presente cidade." (Redação do tradutor juramentado da época. *Habilitações de Genere,* Arq. da Cúria de Mariana — ano 1743)[1] Bernard Labady, "cidadão e ensayador da Casa da Moeda desta cidade..." depôs: "...que não conhecia senão o dito João de Lanne, avo materno do pretendente, do anno de mil seis centos oytenta e seis annos para o de mil seis centos oytenta e sete, tendo-o visto trabalhar em a Logea do defunto João de Lanne, seo Pay, Cidadão e Mestre ourives desta cidade, vendo-o frequentemente por rezão de seu seu vizinho e da mesma sorte sabendo tambem que o dito João de Lanne, avo materno do dito Joze de Lanne tinha sido aprendis da dita arte de ourives do Pay do depoente..." *Id. ib.*

Em 30 de abril de 1742 se passou provisão de ensaiador e contraste dos ourives por tempo de três anos a João de Lana. (*Códice n.º 44* — C. M. de O. P., fls. 33v., Arquivo Público Mineiro).

João de Lanna é tronco de uma ilustre e numerosa família mineira.

---

1. O processo é anterior à criação do bispado. Os referidos autos teriam pertencido ao arquivo da Comarca Eclesiástica da Vila do Carmo, incorporado, na instalação do bispado, ao arquivo da cúria.

Os documentos seguintes, transcritos na íntegra, referem-se não apenas à sua pessoa como à sua qualidade de artista, dando-nos a conhecer o regimento dos contrastes e ourives do Rio de Janeiro no século XVIII.

## *REGISTRO DE VÁRIOS DOCUMENTOS POR PARTE DE JOÃO DE LANA*

Senhores do Senado / / Dis João de Lana que vossas merces elegerem-no por contraste e ensayador do Ouro e prata nesta Villa e seu termo de que ouverão por bem mandarem ao suplicante juntar o regimento que nesta parte se observa na Cidade do Rio de Janeyro o que o suplicante satisfas juntando tambem certidão do Contraste da dita cidade dos emulimentos que leva na dita ocupação, por respeyto do que requer a vossas merces sejão servidos a vista do dito regimento, e certidão arbitrarem lhe o quanto de mais do dito regimento e certidão deve levar, visto a qualidade do dinheiro que por ora corre neste Pahis, e o estillo que se observa nelle, ser em tudo mais a vantejado do que na dita cidade do Rio de Janeyro, pelo que // Pede a vossas merces lhe fação merce a vista do refferido arbitrarem lhe o quanto deve Levar, a lem do dito regimento, e certidão, que aprezenta de seos emulimentos, confirmandolhes por seo despacho, emandar que todos estes documentos se registe nos Livros deste Senado, pera o tempo constar // E receberá merce // Responda o Procurador deste Senado Villa Rica em Camera de dezanove de septembro de mil setecentos equarenta e dous // Souza // Gomes // Lopes // Gomes // Maya // Senhores do Senado // O Regimento que o Supplicante apresenta he feyto pera outro Pahis muyto diverso do que este, comtudo se deve mandar registar a custa do supplicante nos livros deste Senado com todos os requerimentos e mais dependencias a elle juntas, mandandose outro sim observar em tudo aquillo que neste Pahis se puder acomodar ao dito regimento salvo os anexos das afferições por ser estillo rematarемse neste Senado aquem por ellas mais der, e ser a melhor renda do mesmo Senado, edeve o supplicante aprezentar neste Senado, digo aprezentar as marcas de que pertende uzar no dito, registallas neste Senado ou por no archivo delle as mesmas marcas que conrespondão igoalmente com as

do supplicante sendo examinadas, e conferidas, pera em todo tempo se descidir qualquer duvida que seoffereça e da mesma sorte se deve tambem mandar observar o mesmo pelo que respeyta as marcas com os mais officiaes de Ourives tendo o supplicante o cuydado de assim o fazer comprir, e com as mais obrigações que lhe são impostas noseo regimento, e emquanto aos salarios que o supplicante hade Levar, segundo o estado do Pahis meparece ser bastante Levarem em oytavas, oque no Rio de Janeyro seleva em mil reis, e ahesse mesmo respeyto Levar tudo oque náo chegar aoytava comforme acertidáo que apresenta domesmo Rio he oquanto semeofferece dizer sobre o requerimento dosupplicante Villa Rica dezanove deSeptembro demil setecentos equarenta e dous / / o Procurador do Senado // Joseph Correa Maya // Executese como parece aoProcurador deste Senado, oque havemos por confirmado por este noseo despacho Villa Rica em Camara de vinte dous de Septembro demil esetecentos equarenta edous // Souza // Gomes // Lopes // Maya // Senhores do Senado // Diz Joáode Lana morador nesta villa que vossasmerces foráo servidos mandallo conservar no officio de Contraste epassarlhe para isso Provisáo eporque selhe náo tem dado regimento a respeyto dos proes eprecalços, eporessa falta náo pode exercer adita occupação o que he preciso por estarem findos os dias dos edditaes // Pede avossas merces lhe façáo merce mandar selhede odito regimento, eque no emquanto possa osupplicante huzar doque selhedeo pelos antecessores devossas merces quando entrou nadita occupaçáo // Erecebera merce // oSupplicante faça acento das pessas aquem contrastar e marcar para cobrar pelo regimento que seobserva no Rio de Janeyro pera o que lhe concedemos espera de dous mezes pera nollo aprezentar neste Senado por certidáo corrente Villa Rica em Camara *devinte esinco de Mayo de mil esetecentos equarenta dous* // Souza // Gomes // Lopes // Gomes // Maya // Regimento para o emsayador do officio deourives do ouro, edos ourives dodito officio cada hum na parte que lhe tocar, naforma que noexordio deste regimento vay declarado //.

Vendosé noSenado da Camara a ley que sua Magestade foi servido mandar publicar emquatro de Agosto de anno de mil eseiscentos e oitenta e oito sobre selevantar amoeda, em a qual se declaráo os quilates, dinheyros, e gráos que ha de ter o ouro, e aprata que os Ourives Levarem, eOrdenando odito Senhor que o Senado faça dar aforma que lhe-parecer mais conveniente, pera que assim seexecute fazendo Sua Magestade amesma recomnedaçáo ao Sennado, por decreto de seis do refferido mes de Agosto oque tudo atentamente considerado, e

com os mais que odito Senhor Ordena emseo real decerto, rezolveo reprezentar a Sua Magestade, em consulta de seis de septembro do mesmo anno que pera seexecutar inviolavelmente oque na ley semanda, era precizo que o senado provesse dous officios de emsayadores elegendo para estas occupaçóes hum Ourives do Ouro, e outro daprata, pessoas detoda averdade, econfiança com a sciencia necessaria pera cada hum delles, pela parte que lhe tocar examinar todas as partes que os Ourives de hum e outro officio Lavrar, apurandose setem os quilates dinheyros, e gráos que na Ley seespecificáo achandoas ajustadas emtudo as marquem, eestes occupassem emdias de sua vida, arbitrandolhe osalario que cada hum hade Levar das pessas que examinar e marcarem respeytando o trabalho, eo tempo que em o fazer ham de gastar, impondo-lhe assim aelle como aos outros ourives as penas que parecerem justas para que com o temor do Castigo nem os Ourives falcificassem aspessas que obrassem nem os emsayadores as aprovassem sem primeyro averiguar exactamente setem os quilates, dinheyros, egráos declarados naley com aqual consulta foy Sua Magestade servido conformarse por rezolução de vinte de outubro do mesmo anno de mil e seis centos eoytenta e oyto em considerçáo do que e do mais que na consulta sexpredeo tornandose avir aconsiderar no Senado este negocio, com toda aponderaçáo necessaria precedendo todas aquellas diligencias que parecerem precizas pera ointento, tomandosse informaçóes compessoas intelligentes praticas noofficio de ourives do Ouro mais peritos com toda amiudeza, pela qualidade das pessoas que Lavráo, edifficuldades que se reprezentaráo para haver deser todas muyto tempo; Acentou o Senado vista a faculdade que odito Senhor foi servido muyto tempo; Acentou o Senado vista a faculdade que odito Senhor servido conceder lhe fazer regimento, pelo qual segovernem assim o emsayador do Ouro, como os ourives delles, e debayxo das penas nelle impostas, dandosse ao emsayador neste regimento capitulo particular da forma emque se hade emsayar como tambem os Ourives nas pessas que fizerem, ordenou este regimento na forma seguinte //.

*Cap.º 1.º*

O emsayador do Ouro emsayará as pessas do Ouro que denovo sefizerem nesta cidade, eseo termo, como tambem asque os Ourives tiverem em suas Lo-

geas, ecazas já feytas, oqual exame faráo por toque por ser este oque geralmente sepratica emtodos os reynos.

*Cap.º 2.º*

E porque se custuma fazer muytas pessas de Ouro, guarnecidas de pedraria, peroLas, aljofar, por huma e outra parte, ou exmaltadas pela mesma forma, como sáo joyas, brincos de orelhas, eaffogadores, cintilhos, habitos, e outras semelhantes, emque náo fica Lugar pera se marcarem, como tambem pessas defilagrana que pela sua miudeza e fineza náo podem ser marcadas, epara que o sejáo examinandose se o Ouro das ditas pessas tem os vinte quilates e meyo na forma da ley refferida noexordio deste regimento sefas adeclaraçáo noCamente sepratica emtodos os reynos.

*Cap.º 3.º*

Para boa observancia doque seaponta noCapitulo segundo, attendendo adificuldade que pode haver pera se porem as marcas nas joyas brincos de orelhas, habitos guarnecidos de pedraria, peroLas, aljofres, por huma eoutra parte ou exmaltadas pela mesma forma epessas de filagrana nas quaes não haja Lugar capas deselhe imprimirem as marcas, estas taes pessas seposáo fazer, cobrar com toda aprefeiçáo, sem deffeyto que se note, eporfalta das marcas senáo possa viciar o ouro dellas, e tenha averiguaçáo este danno, se ordena que da publicação deste regimento emdiante que qualquer Ourives do Ouro que obter algumas pessas declaradas neste capitulo ainda que lhe mande fazer pessoa particullar dequalquer qualidade, estado, e condiçáo que seja equepara a obrar lhe de Ouro, Seráo obrigado tanto que acabar alguma das ditas pessas Levalla Logo ao emxayador, para que a emsaye, na forma que sedeclara noCapitulo primeyro, eachando que tem oOuro della os vinte quillates emeyo que a ley ordena em signal deaprovaçáo em Lugar da marca que lhe havia de por no Livro que emseo poder ha deter numerado e rubricado pelo vedor dopelouro da almotaçaria fará hum termo em que declare o nome do Ourives que lhe aprezentou adita pessa para emsayar odia, mes, e anno em que a fes, qualidade epezo della, forma em que está Lavrada com tantas etaes pedras, declaraçáo do exmalte, e

com o feytio vale tanto, pouco mais ou menos, e em signal de aprovação fes odito termo que assignou com o mesmo Ourives, cujos signaes ficaráo servindo pelas marcas que cada hum delles havia depor na tal pessa na forma que sedeclara neste regimento, efeyto odito termo passará Logo com o theor delles huma certidáo desua Letra esignal, acuzando ao official dolivro em que fica Lançado, que entregará aodito Ourives pa. quando avender edar apessoa que lha comprar ou a quem lha mandou fazer, para que no cazo que em algum tempo seache que oOuro dadita pessa náo tenha os vinte quilates e meyo da ley, seproceder contra hum e outro com as penas declaradas no Capitulo onze deste regimento, e domesmo modo achado nas Logeas, ou cazas dos ditos Ourives alguma das pessas refferidas sem acertidáo deque sefas menção seprocederá contra elles com as penas cominadas noCapitulo quinze do mesmo regimento pela maneyra, e com adestinçáo que nelle seaponta.

*Cap. 4.º*

E porque náo haja pessa alguma que os Ourives do Ouro obrem que náo seja ensayada e marcada, eosCordões miudas de Ouro, eoutras semelhantes pessas, que pela sua miudeza náo tenha sido capás emque lhepossa imprimir as marcas pera que selheponháo se soldaváo emcada huma destas pessas huma xapinha de Ouro pendente emque possáo caber as destas marcas, por náo haver nas taes pessas com a xapinha soldada odefeyto que seconsideráo nas empregadas noCapitulo terceiro, eosditos Ourives asnáo poderáo obrar em outra forma.

*Cap.º 5.º*

Eporque os Ourives náo exprimentem algum damno pordolo dos vazadores aquem dáo o Ouro para ovazarem, moldarem, fundir, em viciando eofalsificando todas as vezes que os ditos Ourives ouverem deentregar barras de ouro aos vazadores para oeffeyto refferido, poráo asua marca emcada huma das ditas barras, eas Levaráo aoemsayador para as emsayar, eachando que o Ouro dellas tem os quilates da Ley as marcará comsua marca de emsayador, enesta forma fará aentrega aos vazadores, equando estes fizerem aos Ourives danos do Ouro

das pessas vazadas emtosco que delle rezultou, oufundido reduzido achapa ou fio, para averiguação da verdade hirá com as taes pessas deOuro fundido emcompanhia dos Ourives e caza do Emsayador para emsayar tudo emprezença deambos examinando setem o Ouro os quilates com que lhe foi entregue aos Ourives, seráo obrigados todas as vezes que ouver demandar emsayar Ouro para dar aos vazadores fazello asaber, para que querendo assistir aoemsayo opossáo fazer ese evitar qualquer duvida que por sua parte possa haver.

*Cap.º 6.º*

Todas as pessas que oEmsayador receber para emsayar eaprovar seráo marcadas pelos ourives que as obrarem com as suas marcas, que procuraráo sejáo muyto subtis a respeyto das pessas miudas que commumente selavráo para mais facilmente sepossáo marcar, eas ditas marcas seváo registadas noSenado da Camara em ordem a senáo mudar aforma dellas, esendo cazo que algum Ourives Leve alguma pessa para ser emsayada sem Levar asua marca lhanáo aceytará antes lhe ordenará lhavá por, tomando em lembrança em hum Livro, que para otal effeyto terá numerado e rubricado pelo verador do Pelouro da almotaçaria nome do Ourives que aprezentou apessa sem sua marca, pezo, equalidade della naqual Lembrança assignaráo os Ourives donos das ditas pessas, comdeclaraçáo que senáo comprehendem nestas expressadas noCapitulo terceyro que náo ham de ser marcadas, para que no cazo que náo tornem com ellas marcadas ao emsayo, selhes pedir a razao por que onáo fizeráo, eserem obrigados com as penas que parecer, por faltarem aodisposto neste capitulo.

*Cap.º 7.º*

Depois de recebidas as pessas pelo emsayador, fará nellas oemsayo na forma que se declara no primeyro capitulo deste regimento, eachando que alguma dellas, náo tem o Ouro vinte quilates emeyo que deve ter naforma da ley, para o que fará oemsayo emcada huma das ditas pessas nas partes que lheparecer necessario echamará aoOurives que obrou atal pessa elhe mostrará como náo tem OOurodella os quilates declarados naLey, ereconhecendo o Ourives

afalta lhequebrará Logo apessa em sua prezença entregando lha para que atorne afundir, enocazo que oOurives náo queyra reconhecer ademinuição que achar nos quilates doOuro, hirá comelle acaza da moeda, aonde emprezença do Emsayador della João de Andrade oudequem seo cargo servir, tornará aemsayar apessa duvidada, eachando odito Emsayador que aduvida do Emsayador da Cidade he verdadeyra sequebrará Logo apessa na forma que neste capitulo sedeclara e julgando que aduvida náo hé ajustada, por ter o Ouro datal pessa vinte quilates emeyo que aley manda, marcará oEmsayador aditta pessa, ejuntamente odito João de Andrade, ou quem seo cargo servir com amarca comque hade marcar as pessas deOuro obradas pelo emsayador da Cidade, em Signal que elle foi oque aprovou apessa duvidada, eamesma forma Seterá com as pessas que a forem aemsayar, que náo hamde ser marcadas senáo por certidáo como se expecifica no Capitulo tres deste regimento.

*Cap.º 8.º*

As pessas que oEmsayador achar depois de emsayadas, que o Ouro dellas tem vinte quilates emeyo naforma da Ley emsignal deaprovação asmarcará, com amarca particular quehadeter oEmsayador, naqual estará aletra 1, circullada comhuma diviza que elle eleger, e esta marca será registada noSenado para que senáo possa mudar emtempo algum.

*Cap.º 9.º*

Levará o Emsayador deemsayar emarcar qualquer cordáo deouro, o valor de hum gráo de ouro devinte edous quilates edetodas as mais pessas, digo de hum collar dous gráos emeyo deouro devinte edous quilates, edetodas as mais pessas ovalor de meyo gráo deouro dos ditos quilates, e neste numero entraráo as pessas nomeadas no Capitulo terceyro deste regimento que hamde ter por marca as certidões que nomesmo capitulo seapontáo, etambem haverá omesmo das barras deouro que emsayar emarcar; eomesmo salario Levará pela maneyra refferida das pessas que achar náo ter os vinte quilates emeyo daley, equebrar, os quaez salarios lhe pagaráo os Ourives que obrarem as taes pessas.

*Cap.º 10.º*

Eporque os Ourives doOuro por cauzadehuma concordata que entre elles, eo Ourives daprata ouve que sejulgou porsentença, eselançou no regimento deseo officio, podem obrar, elavrar varias pessas deprata como comeffeyto Lavráo, eaqualidade ediversidade dellas estáo todas declaradas, eespecificadas no termo dadita concordata senáo nomeáo neste capitulo, havendose nelle por nomeadasassim edamaneyra que estáo naconcordata, asquaes pessas seráo tambem emsayadas, emarcadas pelo Emsayador doofficio deOurives deOuro, com declaraçáo queoemsayo destas pessas deprata o fara por borilada na mesma forma que ofas oemsayador daprata, eos Ourives obraráo as ditas pessas demaneyra quehaja Lugar emcada huma dellas deselhepor as marcas, como sehade fazer nas deOuro exceptuando asdeclaradas no Capitulo terceyro, que náo hamde ser marcadas pelas razóes ponderadas nodito capitulo, o que tudo obraráo debayxo das mesmas penas que lhesáo impostas neste regimento.

*Cap.º 11.º*

Achandose emalgum tempo por emsayo doToque que oemsayador aprovou alguma pessa marcandoa, como tambem as nomeadas no Capitulo terceyro, pelo modo que nelle se relatta náo tendo o Ouro della osvinte quilates emeyo declarados naley incorrerá nas penas contheudas edeclaradas na Ordenaçáo do Reyno Lib. 5. tt.º 5654, ecom as mesmas será punido o Ourives que fez atal pessa, ebem assim será castigado com as penas dad.ª Ley, achandose em algum tempo por emsayo deborilada que marcou eaprovou alguma das pessas especificadas no Capitulo dessimo deste regimento pela maneyra que nelle seaponta, sendo inferior aprata della novalor dos dez dinheyros, eseis gráos da ley, e o mesmo castigo seexecutará no Ourives que obrou atal pessa.

*Cap.º 12.º*

Será obrigado oEmsayador aemformar té o numero deseis Ourives de Ouro aemsayar, os quaes nomeará oSenado, oque assim se ordena para que haja

pessoas Scientes aesta arte e nosimpedimentos doEmsayador possa nomear pessoa quepossa esayba fazer os ditos emsayos, Como tambem quando setornar aprover este officio, nafalta do proprietario nomeado, comdeclaraçáo que achandose por sua morte comfilho capas pela sciencia doemsayador para occupar este officio preferira aos mais sendo igoal com elles nasciencia sefará nelle oprovimento eomesmo sepraticará com os mais emsayadores que succederem napropriedade deste officio.

*Cap.º 13.º*

As pessas deOuro que o Ourives emsayador fizer marcará com amarca propria que hade ter como hade ter os mais Ourives, aqual será registada noSenado para que náo possa haver nella mudança, etanto que acabar qualquer pessa amarcará comadita marca, e a levará ao emsayador damoeda João deAndrade, ou aquem seo cargo servir para aemsayar namesma forma que oemsayador hade fazer nas pessas dos mais Ourives como neste regimento sedeclara comadvertença que amarca que oEmsayador João deAndrade ouquem seocargo servir hade ter pera marca aspessas dos Ourives emsayadores hade ser a Letra I dadita marca circullada comdiversa diviza dadoOurives dado Ourives emsayadores que ficará no arbitro dodito João deAndrade e tambem será registada nosenado para que náo possa abterarse pelo tempo adiante e Levará das pessas que emsayar emarcar aodito Ourives, omesmo salario que sedeclara no Capitulo nono deste regimento que oemsayador hadeLevar eno cazo que succeda acharemse algumas pessas obradas pelo Ourives emsayador depois de marcadas pelo dito João deAndrade, ouquem seo cargo servir, que oOuro dellas náo tenha osvinte quilates emeyo daley, incorrerá nas mesmas penas impostas aoemsayador Ourives, na forma que sedeclara noCapitulo segundo deste regimento etambem o Ourives emsayador que obrou apessa, edomesmo modo nas deprata como nodito capitulo seaponta epara que seevitem duvidas, eseja castigado oquedelinquir, seordena que apessoa que naCazadamoeda servirdeemsayador della, nas auzencias eimpedimentos doemsayador João deAndrade tenha este tal serventuario sua marca particular, naqual terá a letra R, circulada comhuma diviza que elle eleger, sendo diversa dadoemsayador Ourives, edado emsayador João deAndrade, quetambem será registada noSenado para náo tenba mudança pelo discurso do tempo, esesayba comtoda aclareza elegalidade os em-

savadores que marcarão eaprovarão aspessas obradas pelo Ourives emsayador paraseproceder contra elles quaesquer, quando succeda ocazo expressado neste capitulo.

*Cap.º 14.º*

Tanto que os Ourives acabarem de fazer qualquer pessa asmarcarão, een tregarão ao emsayador para as emsayar emarcar na forma que noCapitulo deste regimento vay declarado oque tambem sepraticará comaspessas que fizerem para quaesquer pessoas particulares que náo hajáo devender nas suas Logeas, ainda que para as obrarem lhedem oOuro eaprata.

*Cap.º 15.º*

Qualquer Ourives que nasuaLogea oucaza lhe for achada alguma pessa de ouro, ouprata das que pela concordata podem obrar sem estarem marcadas pelo emsayador eaprovadas por elle, as que náo hamde ter marca comacertidáo declarada noCapitulo sefará Logo nellas emsayo, eachandose que asdeOuro tem os quilates daley easprata os dinheyros e gráos, pagará des cruzados empena denáo observar odisposto neste regimento enáo tendo astaes pelos, digo astaes pessas os quilates dinheyros, egráos, as perderáo, será ametade para osdenunçiantes, eoutra para asdespezas doSenado, eestará trinta dias naCadeya epagará vinte cruzados queseváo applicados amesma forma.

*Cap.º 16.º*

Para melhor seaveriguar se os Ourives tem nas suas Logeas e cazas algumas das pessas refferidas nos capitulos deste regimento sem estarem marcadas pelo emsayador, eaprovadas comasuacertidão as que náo hamde ter marcas nomeadas noCapitulo terceyro, oSenado lhes mandará dar busca emsuas cazas todas as vezes que lheparecer oulhefor requerido pelo emsayador, tudo naforma da rezolução de Sua Magestade de treze de Agosto de mil eseis centos e oytenta enove emconsulta doSenado de treze de Julho dodito anno.

*Cap.º 17.º*

Provandose que algum dos Ourives falcificou ouviçiou promodo algum amarca doEmsayador oualetra esignaes dasCertidóes quehade passar naforma queseordena noCapitulo terceyro ouqualquer dasmarcas dos Ourives ouparasefazerem deo conselho, ajuda, favor, será castigado comaspenas declaradas naOrdenaçáo do Reyno Livro 5. tt.º 5251..

*Cap.º 18.º*

Nenhum Ourives vendera pessa algumadeOuro, nem deprata doque podem obrar declaradas neste regimento dequalquer peza que seja sem ser marcada pelo Emsayador, ou aprovada comasua certidáo aque náo hade ter marca, efazendo ocontrario achandose que oOuro da pessa vendida tem os vinte quilates emeyo daley, eapessa deprata os dez dinheyros, eseis gráos, será prazo, eestará trinta dias naCadeya, epagará vinte cruzados ametade pera odenunciante outra metade pera as obras dacidade eserá apessa marcada pelo emsayador, enáo tendo as taes pessas os quilates, dinheyros, egráos declarados nadita Ley será castigado com as pennas conhecidas na Ordenaçáo do Reyno Lib. 5. tt.º 56 § 4.

*Cap.º 19.º*

Tanto queoLivro emque oEmsayador hade estender os termos das pessas que náo hamde ter marca comosedispoem noCapitulo terceyro deste regimento estiver detodo escrito, otrará aoSenado para lhe mandar dar Outro, e oque troxer seentregue ao Escriváo daCamara paraoter emboa goarda econstar emtodo tempo dos termos que nelle estáo escritos, esepoderá conferir as certidóes quando forem necessarias para averiguaçáo da verdade dadita entrega lhedará recibo omesmo escriváo da Camara para sua goarda.

*Cap.º 20.º*

Os Ourives emtodas as materias tocantes aoemsayo respeytaráo, e obedeceráo aoemsayador damesma maneyra quesáo obrigados afazello ao Juis dooffi-

cio na forma doseo regimento enáo ofazendo assim mandará fazer autos delles, como ofazem os Juizes doofficio para serem castigados comas mesmas penas, chamaráo os Escrivaes dos dittos juizes para lhemandar fazer os taes autos, que será obrigado avir aoseo chamado para este effeyto Francisco daCrus godinho ofes emLisboa ades de Março demil esete centos etrinta enove // Antonio // Lisboa // Na officina de Miguel menescal impressor doSenadordaCamada Rebello ofes escrever // Dom Francisco deSouza // Sebastião Rodrigues Barros // Antonio Marcháo Themudo // Francisco Pereyra deRibeyros // Manoel Lopes // João Henriques // Antonio da Costa Novaes // Domingos NoGueyra de Araujo // Miguel de Mello // Antonio Duarte // Antonio Alvares // Lisboa // Na officina de Miguel menescal impressor doSenadodaCamara anno M.D.X.CIII etc.// comtodas aslicensas necessarias// Peição// Senhor Douttor Juis defora// Dis João de Lana morador na Freguesia de Nossa Senhora da Conceyçáo de Antonio Dias de Villa Rica, que por beneficencia do ilustre Senado dadita Villa foi aceyto emsayador dos Ourives, ecomo para exercer odito officio lhe he necessario regimento doqual havendo de ser provido, necessita deque este que aprezenta seconfira com odeLisboa, pelo qual se rege oEmsayador desta Cidade, portanto// Pede avossa merçe que como dignissimo-Prezidente daCamara seja servido mandar que oprezente regimento seja visto, econferido comodesta cidade pelo emsayador della, eestando conforme passe certidáo para que reconhecida possa darse inteyra fé aodito regimento no Senado dadita Villa // ereçeberá merce // Spinolla // Certifico euManoel Ferreyra Barboza emsayador proprietario dosOurives daprata e ouro desta Cidade deSam Sebastiáo doRio de Janeyro, eseo termo pormerce doSenado da Camara etc. que emvirtude dodespacho retro do Douttor Prezidente domesmo Senado Francisco Luis de Miranda Spinolla ly eexaminey todo o regimento incluzo deque esta petição fas mençáo capitulo por capitulo, enáo achey nem deminuição, nem acrescentamento algum antes emtudo está conforme aooriginal empreço que por ordem do Senado daCamara de Lisboa semandou imprimir no anno de mil eseiscentos etrinta enove emefoi dado pelo Senado desta Cidade comomesmo officio aque mereporto, deque passey aprezente certidáo deminha Letra esignal, oque tudo affirmo pelo juramento domeo officio, Rio deJaneyro vinte dejunho de mil esetecentos equarenta edous / / Manoel Ferreyra Barbosa / /Reconheço aLetra afirma assima passada Certidáo ser dapropria máo de Manoel Ferreyra Barboza Emsayador dosOurives desta Cidade nella conthendo,

Rio de Janeyro vinte edous de junho demil esetecentos equarenta edous // Emtestemunho deverdade// Francisco Xavier da Silva// O Doutor João Alves Simóes doDezembargo deSua Magestade seo Ouvidor Geral, ecorregedor da Comarca nesta cidade doRio de janeyro ejus das justificaçóes etc. Aos que aprezente Certidáo dejustificaçáo virem faço saber que amim meconstou porfé doEscriváo domeo cargo que esta sobscreveo seraLetra do reconhecimento assima, esignal publico, e razo delle doTebeliáo Francisco Xavier da Silva, oque hey por justificado Rio deJaneiro vinte edous deJunho demil esete centos equarenta edous annos, seu Domingos Rodrigues Ravora Escriváo asobescrevi // João Alves Simóes // Bernardo Pereyra daCosta contraste desta Cidade deSam Sebastiáo do Rio de Janeyro. Certifico emcomo oestillo que tenho, e regimento que observo dos estupendios que levo dos pezos eavaliaçóes e afferimentos demarcos ebalanças novas euzadas, he o seguinte// Decada pezo que faço, eavaliar quer tenha apessa Diamantes ou aljofar, ou outras quaesquer pedras me sáo dados quatro vintens, epasando certidáo della, tambem mesáo dados outros quatro vintens dadita certidáo, eade affilar osmarcos dos ourives, ou outra qualquer pessoa sendo novos ebrutos comosuas balança, sendo omarco de duas Livras mesáo dadas quatro patacas que sáo mil eduzentos eoitenta reis, esendo deLivra me sáo dados seiscentos reis, digo quatrocentos reis, isto só os novos comsuas balanças, enoque toca aos marcos dos Ourives deseo uzo emaffericáo de Janeyro mesáo dados duzentos equarenta reis, que vem aser domarco quatro vintens, dabalança outros quatro vintens, que tudo fas aconta assima, ena revista mesáo dados somenteçento eseçenta reis; Edeclaro quesefor necessario os pezos acrescentaLos, por razáo que estejáo deminutos do Padráo, sedeve pagar conforme o tempo que lhe levar eotrabalho que lhe der, conforme asua conciencia eoque Deos Manda paraseporem conforme os padróes he o que mepertence, epor me ser pedida aprezente, passey esta por mim feyta eassignada Rio deJaneiro vinte ehum deJunho demil eseteçentos equarenta edous// Bernardo Péreyra daCosta// Reconheço aLetra afirma assima posta aopé daCertidão ser dapropria máo de Bernardo Pereyra daCosta nella conthendo Contraste desta Cidade peLo ter visto ese rever, easigna muytas vezes, Rio deJaneyro vinte edous deJunho demil esetecentos equarnta dous, em testmunho deverdade// Francisco Xavier da Silva// O Doutor João Alves Simoens doDezembargo deSua-Magestade seo ouvidor geral, eCorregedor da Comarca nesta Cidade doRio de Janeyro e juiz das justificaçóes etc. Aos que aprezente certidáo dejustificaçáo virem faço

saber que amimmeconstou porfé doEscriváo domeo cargo que esta sobscreveo ser aletra do reconhecimento assima, esignal retro e razo delle, doTabaliáo Francisco Xavier da Silva oque hey por justificado Rio deJaneyro vinte esete deJunho demil esete centos equarenta edous annos, eeu Domingos Rodrigues Tavora escriváo osobscrevy // *João Alves Simóes* //

(Códice n.º 44 da Câmara Municipal de Ouro Prêto fls. 56v e seguintes. Arquivo Público Mineiro)

## CERTIDÃO DO CONSELHO DE BAIONA

Nós, Intendente e Vereadores do Conselho da Cidade Baiona, Conselheiros de El Rei, Juizes do Crime e Tenentes Generais de Polícia, Senhores de Alta Justiça de Santo Estêvão de Revolavor e Comandantes por El Rei na ausência de Monsieur o Governador e Tenente de Sua Majestade — Certificamos e Atestamos pelo conhecimento que temos da familia de Seur João de Lana, o Velho, mercador *ourives* natural desta Cidade que se acha ausente dela há muitos anos, e também sôbre a Certidã que temos averiguado não sòmente pelos Senhores João e Pedro de Lana, seus irmãos de pai e mãe, Cidadãos e Mercadores Ourives desta Cidade, e também o mesmo ser atestado e certificado pelo Reverendíssimo Guilherme Debrueg, Cônego da Sé Episcopal desta Cidade, antigo Provisor desta Diocese, e juntamente do Reverendíssimo Agostinho Darquibel, Cônego da Igreja Colegial e Vigário da Vara da Vila do Santo Espírito, parte desta Cidade, e também pelo Reverendíssimo Padre Beltrão de Benai, Sacerdote e Beneficiado da dita Igreja Catedral e Episcopal, como também pelo Senhor Pedro de Lana, Conselheiro de El Rei, Tenente General no Mestrado dos Postos de Mar, antigo Vereador desta Cidade, como também do Nobre João de Lana foi Cavalheiro e Escudeiro e antigo Secretário de El Rei e do Mestre Beltrand de Cartigue, Conselheiro de El Rei, Juiz e Guarda da Casa da Moeda e (ilegível), todos moradores nesta Cidade, Certificamos em nossa presença como testemunhas de vista que o Senhor João de Lana, o Velho, que conheceram nesta cidade, é natural dela, de idade de sessenta e três anos, pouco mais ou menos, e que ele é filho legítimo do pri-

meiro matrimônio do defunto Senhor João de Lana, Cidadão em sua vida e Mercador Ourives desta Cidade, e de Dona Marta de Tartas, sua Espôsa legítima, seus Pai e Mãe, que êle se passou para Portugal em sua mocidade, e daí se foi para as Minas do Ouro do Brasil, onde conforme o têm ouvido, e têm notícia, se tem casado e estabelecido e que êles todos desta família, como também seus Pais e Avós Paternos e Maternos foram sempre e são de boa vida e costumes bem regrados, havendo sempre professado e professado atualmente como sempre a Religião Católica Apostólica e Romana que só é a verdadeira, não havendo nenhuma pela Graça de Deus que fôsse seguida em utilidade, e sem mácula nem mistura de Judeus, Mouros, Hereges, nem seita alguma, que esta família que é das mais antigas e bem aparentadas se tem continuamente sustentado na mesma Religião com honra irrepreensível, e que também esta reputação e fama é de notoriedade pública, em fé do que temos mandado passar a presente Certidão a requerimento do dito Senhor João de Lana, o Moço, Ourives, morador nesta Cidade, assinada pelos Senhores Testemunhas atestantes e pelo Senhor do Rol Montperlier Cavalheiro Fidalgo Intendente do Conselho desta Cidade e contra-assinado pelo nosso Secretário e Escrivão da Câmara que tem posto o sêlo das Armas desta Cidade, feita e passada neste Palácio da Cidade de Baiona, onde o papel vulgo Timbre não está em uso, hoje vinte quatro de março de mil setecentos e trinta e oito anos // *Dubrueg // Darquibel // de Benai // de Lana // João de Lana // Pedro de Lana // Lafont = Rol Montperlier,* Intendente e primeiro Vereador // *B. Cartigue,* Juiz, *Meyrag,* Comissário // (Firmas reconhecidas) *"Do tradutor:"* Eu abaixo assinado o Doutor Felippe Delacontrici declaro haver traduzido estas Certidões vindas da Cidade de Baiona da Lingua Francesa na Portuguesa fielmente, e por verdade passei esta Certidão nesta Vila do Ribeirão do Carmo nas Minas Gerais hoje dezasseis de Junho de mil setecentos quarenta e seis digo quarenta e tres anos. *Felippe Delacontrici* // Nós abaixo assinados reconhecemos a letra supra e firma da própria mão e punho do Reverendo Doutor Felippe Lelancontrici, Vigário da Vara que foi desta Vila, por dela têrmos pleno conhecimento, o que juramos se necessário fôr. Vila de Pitangui (2) dezasseis de Março de mil e oitocentos e cinco // *Manuel da Silva Medeiros // Atanasio Alves //* (Firmas reconhecidas).

---

2. Pitanguí, porque um outro bisneto de João de Lanna prestava serviços militares naquela vila.

*Autos de Justificação — Letra F 3, maço 59, do Cartório do 2.º Ofício de Ouro Prêto.).*

* * *

## OUTROS OURIVES

ABREU, Antônio José de

*Mariana*

1739 — fev.º 20 — ... "deu por fiador as coimas a João de Almeida Faria de que fiz este termo que assinou... Eu Pedro Duarte Pereira Escrivão da Câmara que o escrevi". (*L.º de n.º 62 de fiança às coimas,* fls. 94v., do arquivo da Prefeitura de Mariana).

ALMEIDA, Henrique

*Mariana*

1737 — maio — 13 — "Deu por fiador as coimas a Manuel Roiz Vianna". (*Livro n.º 62 de fiança às coimas,"* fls. 73, do arquivo da Prefeitura de Mariana).

ALVERGARIA, Pedro Soares de

*Santa Rita Durão*

1722 — "natural da cidade do Rio de Janeiro, e de presente morador nestas minas freguesia do Inficcionado, homem solteiro, que vive de seu ofício de ourives, de edade de trinta e dous anos" ... (*L.º de registros de termos de visitas da Comarca da Vila do Ribeirão do Carmo,* fls. 32, do Arquivo da Curia de Mariana.

ALVES, Francisco de Paula (sargento).

*Ouro Prêto*

1808/1809 — "Pelo q pagou o d.º I.r Thezoureiro aó Sarg.to Fran.co de Paula Alves deConcerto dó Tribulo daOrdem e prata pa acrecentar

---

3. A justificação foi requerida por Francisco de Saldanha, bisneto de João de Lanna. Daí a letra F no tombamento do cartório.

as Corr.tes do m.mo e Cólher pª anaveta q tudo empertou quinze mil Sete Centos e quarenta ..... 15$740 Francisco de Paula Alves Joáo deDeos Mag.es Gomes" (*Livro 3.º de Receita e Despesa da Irmandade de Nª Sª do Carmo,* fls. 117).

1810 — "Pagou o Irmáo Procurador, e Thezoureiro, Antonio Tassara de Padua á Francisco de Paula Alvares de alimpar a Alampada, Castiçais, Ceriais, emais vazos de prata do Serviço daCapella deq.ta de Sette mil etrezentos ..... 7$300 Franc.co de Paula Alz. M.el Gomes Ferrª Simones" (Mesmo livro, fls. 195).

ALVES, Inácio

*Diamantina*

1733 — março 9 — Carta régia mandando prender no Tijuco o ourives Inácio Alves, pelo crime de moeda falsa (Lº 18, *Originais de cartas e ordens régias,* maço 24, do Arquivo Público Mineiro, Colonial — 1ª Secção).

ALVES, Manuel

*Mariana*

1739 — Registrou carta do ofício de Ourives, passada no Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1730. (*Lº de Registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 18, do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

ANTÔNIO José

*Mariana*

1738 — "deu por fiador as coimas a Manuel Coelho Varela, que assignou" (Lº 62, *"Fiança às coimas",* fls. 128, do arquivo da Prefeitura de Mariana).

ANTUNES, Alferes Antônio da Silva

*Cachoeira do Campo*

1731 — "Por ouro q dey aoAlferes Antonio da Sylva Antunes da coroa dehum Resplandor deprata q comprey pª o menino Jesus ... 12" (Livro de Receita e Despesa (1723-1773) da Irmandade de N. S. do Rosário de Cachoeira do Campo, fls. 19).

1731 — "Por ouro q dey aoAlferes Antonio da Sylva Tntunes da coroa de N. Snr[a] q Semandou aCrescentar efeitio della ... 20" (mesmo livro, fls. 19).

ARAÚJO, Caetano José de

*Catas Altas*

1745 — "Deu por seu fiador as coimas Manuel Alvares Miz." (*L° n° 147, "Fianças às coimas",* fls. 3v, do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

1749 — Morador em Catas Altas, registrou carta de exame do ofício de ourives, em Mariana (*L° n° 97 de exames de ofícios,* fls. 100, do arquivo Prefeitura de Mariana).

ARAÚJO, Domingos Álvares de

*Congonhas do Campo*

1776 — Fez o diadema da imagem do Senhor e a chave do sacrário, ambos de prata (*L° de Despesa do Santuário do Senhor Bom Jesus do Matozinhos,* fls. 11).

1781 — Recebeu 8 3/4 e 2 vs. "por hum resplandor e huma coroa de prata" (L° cit., fls. 13).

1783 — Recebeu 70 (?) "por diademas e cravos p[a] as Imagens do Christo" (L° cit., fls. 13).

AZEVEDO, Agostinho Lopes de

*Mariana*

1738 — Registrou carta de exame do ofício de ourives, passada na cidade de Angra, Ilha Terceira, em 1706 e confirmada pela Câmara da Vila do Carmo (Fls. 13 do L° n° 97 de *exames de ofícios,* do arquivo da Prefeitura de Mariana).

AZEVEDO, José Sousa e

*Rio do Peixe*

1736/1767 — Figura com a respectiva indicação do ofício de ourives, a fls. 45 do 1° n° 60, *Registro de petições e despachos-ofícios e lojas no Sêrro Frio,* do Arquivo Público Mineiro, 1ª Secção Colonial).



Escrivaninha de prata do Senado da Câmara de Vila Rica, feita pelo ourives Rodrigo de Brum, em 1742.

BARBOSA, João de Sousa

*Ouro Prêto*

1746/1747 — Morador em Antônio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizados naquela data na Comarca de Vila Rica. (*Códice nº 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 45v.).

BARROSO, Baltazar Dias

*Catas Altas*

1722 — "Natural da cidade do Rio de Janeiro e de presente morador nesta freguesia de Catas Altas, homem solteiro que vive de seu ofício de ourives, de idade de trinta e nove anos"... (*Lº de registros de termos de visitas da Comarca de Vila do Riberão do Carmo,* fls. i1v., do Arquivo da Cúria de Mariana).

BRUM, Rodrigo de

*Ouro Prêto*

1738/39 — Recebeu 66 e 1/ por "8 marcos e uma onça de peso de prata pª o pé da Cruz e feitio" (*Lº de Rec. e Desp. da Ordem 3ª de S. Francisco de Assis,* fls. 100).

1742 — 30 de abril. Provisão do ofício de ourives por um ano (*Códice nº 44* da Câmara Municipal de Vila Rica, fls. 33v.). Registro de uma provisão de escrivão do juís do ofício de ourives. (Mesmo livro, fls. 109).

1742 — setº 1º — ... "nesta Vila Rica de nosa Senhora do Pilar de Ouro Preto em os passos do Concelho dela aí aonde se achavam juntos em Câmera o juiz vereadores e Procurador dêste Senado comigo tabalião e porteiro Domingos Martins de onde se abriu praça a pregão os dez dias da lei uma escrivaninha de prata com seus tinteiros na forma de seú Risco e condições ao diante registadas e que pô-los a risco pregão chegara a êle dito porteiro Rodrigo de Brum ourives morador desta dita vila e lançara no feitio dêle e da dita escrivaninha na forma do dito Risco em cinco mil reis de feitio por cada marco de prata o que visto e ouvido por eles oficiais da Câmara mandaram o dito pregoeiro que afrontasse e rematasse" ... Foi fiador da obra Inácio da Silva

Barbosa (*Códice nº 41,* C. M. O. P. do Arquivo Público Mineiro, fls. 104v., 105 e 105v.).

*Cachoeira do Campo*

1744 — Executou 4 palmas de prata para o altar-mor da Matriz e outros objetos do mesmo metal (*Revista do Arquivo Público Mineiro,* vol. XIII, 1908, p. 104/108).

*Mariana*

1749 — junho 16 — Recebeu 24/8as "de feitio da vara e Bacia e Corôa de prata" que fez para a Senhora da Conceição (fls. 2v. do *Lº de recibos, acordãos e termos da Irmandade de N. S.ª da Conceição da Vila do Carmo,* do arquivo da Curia de Mariana.

1750 — Recebeu 2 e 1/2 "de consêrto de uma cruz e turíbulo da Sé-Catedral" (fls. 102v. do *Lº de Rec. e Desp. da Sé Catedral,* do arquivo da Curia de Mariana).

1751 — Registrou sua carta de exame do ofício de ourives (*Lº de registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 133, do arq. da Prefeitura de Mariana). Era morador em Mariana.

CAMPOS, Francisco Nogueira

*Mariana*

1746 — março 15 — Deu "por fiador as coimas Manuel Barbosa Lima" (*Lº nº 147, Fianças às coimas,* fls. 14, do arquivo da Prefeitura de Mariana).

*Catas Altas*

1749 — Registrou sua carta de exame do ofício de ourives (*Lº de registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 102v., do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

CAMPOS, José da Cunha

*Mariana*

1734 — Registrou carta do exame do ofício de ourives (*Lº de registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 37v., do arquivo da Prefeitura de Mariana).

CARDOSO, Mario Godoi

*Rio Manso*

1736 — Figura, com a respectiva indicação do ofício, a fls. 44v. do Lº 60, *Registro de petições e despachos — oficios e lojas no Serro-Frio.* do Arquivo Público Mineiro, 1ª Secção Colonial.

CERQUEIRA, Domingos de

*Ouro Prêto*

1746/1747 — Morador em Antônio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica. (*Códice nº 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 33 e 177).

COSTA, Antônio Pires da

*Mariana*

1738 — maio 23 — Deu por fiador a Manuel Coelho Varela (*Lº de Fiança às coimas,* n.º 62, fls. 131v., do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

COSTA, Caetano Nogueira da

*Mariana*

1743 — Registrou carta de exame do ofício de ourives (Fls. 42 do *Livro às coimas,* n.º 62, fls. 131v., do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

COSTA, Claudio Ferreira da

*Catas Altas*

1745 — fevº 17 — Deu "por seu fiador as coimas Manuel Miz. Basto". Lº 147, *Fianças as coimas,* fls. 4v., do arquivo da Prefeitura de Mariana).

*Mariana*

1749 — Morador em Catas Altas, registrou carta de exame do ofício de ourives (Fls. 101 v., *L.º n.º 97 de exames de ofícios,* do arquivo da Prefeitura de Mariana).

COSTA, Cosme Nogueira da

*Raposos*

1738 — "Solteiro, ourives, natural do Arrecife de Pernambuco, Bispado de Olinda, morador nesta freguesia"... (*L.º de registro de termos*

*de vistas da Freguesia de N. S. do Pilar de Pitangui (e outras freguesias)*, fls. 79v., do Arquivo da Curia de Mariana).

COSTA, Francisco Luís da

*Sabará*

1735/1740 — Prestou exame do ofício de ourives (vem a carta) *(L.º n.º 90, Exames de ofícios,* p. 36, do Arquivo Público Mineiro).

COSTA, Francisco Xavier da

*Mariana*

1743 — Registrou carta de exame do ofício de ourives *(L.º de registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 38v., do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

COSTA, José Nogueira da

*Raposos*

1738 — "Solteiro, ourives, natural da Vila de Santo Antônio do Arrecife de Pernambuco, Bispado de Olinda, morador nesta freguezia"... *(L.º de registro de termos de visitas da Freguezia de N. S. do Pilar de Pitangui (e outras freguezias),* fls. 77, do Arquivo da Cúria de Mariana).

COSTA, José

*Santa Rita Durão*

1747 — fev.º 11 — Deu "por seu fiador as coimas Francisco Machado Fontes" *(L.º n.º 147, "Finanças as coimas",* fls. 39, do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

CRUZ, Manuel Borges da

*Catas Altas*

1743 — "Termo em 1.º lapso que faz Manuel Borges da Cruz ourives morador neste arraial das Catas Altas pelo crime de concubinato com Perpétua de Miranda crioula forra" (*L.º de devassas,* s/n., do Arquivo da Cúria de Mariana, fls. 134).

1746 — jan.º 26 — Deu "por fiador as coimas Paulo Mendes Ferreira Campelo" (L.º 147, *"Fianças às coimas"*, fls. 11, do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

1749 — Morador em Catas Altas, registrou carta de exame do ofício de ourives (Fls. 116, L.º n.º 97 de *exames de ofícios,* arquivo da Prefeitura de Mariana).

1751 — dez.º 4 — Termo em que Manuel João da Silva, morador em Ouro Prêto, responsabiliza-se pelo alferes Manuel Borges da Cruz, morador em Catas Altas, para não mais exercer o ofício de ourives (Códice n.º 89, *"Termos de fianças e obrigações"*, fls. 8, do Arquivo Público Mineiro, 1.ª Secção — Colonial, S. G.).

DANTAS, Pantaleão da Costa

*Ouro Prêto*

Natural de São Miguel de Fontoura, arcebispado de Braga, filho de José da Costa Dantas e Maria Vicente de Sousa; casado, em Vila Rica, em 1728, com Mariana de Jesus Lana, filha de João de Lana. Com seu sogro, era já funcionário da Casa de Fundição, em 1728, ao que parece insinuar o documento seguinte:

"Aos vinte e sete dias do mes de Outubro de mil setecentos e vinte e oito nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica, pellas cinco horas da tarde feitas as admoestaçoens na forma do Sagrado Concílio Tridentino, nesta Freguezia e na de N. S.ª do Pilar, onde os contrahentes são moradores, se casaram solenemente por palavras de presente, em minha presença, Pantaleão da Costa Dantas, filho legítimo de José da Costa Dantas e de sua mulher Maria Vicente de Sousa, ja defuntos, naturais da freguesia de São Miguel da Fontoura, onde êle contraente foi batizado, termo e Arcebispado de Braga, com Mariana de Lana de Jesus, filha legítima de João de Lana e sua mulher Maria de Jesus, moradores nesta mesma freguesia, sendo presentes por testemunhas Dom Lourenço de Almeida, Governador e Capitão General destas Minas e o *Superintendente da Casa da Moeda* Eugênio Freire de Andrada, que todos assinaram comigo;

e logo os mesmos contraentes receberam as Bênçãos conforme os Ritos e Cerimônias da Santa Madre Igreja, de que tudo fiz êste termo no mesmo dia, que por verdade assinei com os sobreditos dia ut supra. O Vigario *Félix Simões de Paiva*// Dom Lourenço de Almeyda" "Eugenio Freire de Andrada" (Arq. paroq. de Antônio Dias, *L.º de Casamentos,* 1728, fls. 4).

Pantaleão da Costa Dantas teve mais tarde a patente de sargento-Mor, como consta de diversos assentamentos de batismo e casamento de filhos seus.

1746/1747 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela época na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 40).

1752 p.ª 1753 — Recebeu 1/8.ª pelo concêrto de um objeto de prata da Matriz de N. S.ª da Conceição *(L.º de Rec. e Desp. da Irmandade,* fls. 64v.).

DIAS, Francisco (alferes)

1798/99 — "Pagou ao Alf.ª Francisco Dias duas oitavas de oiro feit.º dehua bacia deprata que fes p.ª opeditorio e se assignaõ ..... ..... 2" *(Livro de Certidões de Missas e Recibos (1780-1805) da Irmandade do Senhor dos Passos da Matriz do Pilar,* fls. 72).

DIAS, Roque José

*Mariana*

1750 — Registrou carta de exame do ofício de ourives *(L.º de registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 130v., do arquivo da Prefeitura de Mariana).

DOMINGUES, João Dias

*Santa Rita Durão*

1721 — março 21 — "nesta freguesia de São Sebastião João Dias Domingues, homem casado em São Paulo, e assistente na freguesia do Inficcionado que vive, do seu oficio de ourives, de idade que disse ser

de trinta anos, p.ª ser admoestado"... *(L.º de termo de admoestações,* fls. 115, do Arquivo da Cúria de Mariana).

FAGUNDES, Antônio Muniz

*Ouro Prêto*

1746/1747 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela época na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 47).

FAGUNDES, Jacinto José

*Ouro Prêto*

1801 — 8 de abril. "Item á Jacintho José Fagundes de dous Resplandores de prata para o Santo, e o Menino Jesus, os quais tem de pêso Sento e dezasette oitavas de prata e de uma Cruz grande de prata para a mão do Santo, a qual pesa Sessenta, e quatro oitavas e do concerto de quatro castiçais grandes, e quatro palmas de prata para o Sacrário novo, em que gastou dezesseis oitavas de peso prata ..... 23 1/4.4 (*Livro 3.º de Receita e Despesa da Irmandade de Santo Antônio da Matriz do Pilar,* fls. 15).

FAGUNDES, Manuel

Registro de uma provisão de juís de ourives *(Códice n.º 57 da Câmara Municipal de Vila Rica,* fls. 131v.).

FARIA, Tomé Monteiro de

*Sêrro*

1736 — Figura, com a respectiva indicação do ofício, a fls. 16 do L.º 53, *Manifestos das lojas e ofícios do Sêrro-Frio e registro de cartas,* do Arquivo Público Mineiro, 1.ª Secção Colonial.

FERREIRA, Inácio Rodrigues

*Minas Novas*

1783 — julho 2 — Carta de João Caetano Botelho, juiz ordinário de Minas Novas, comunicando ao Governador que procedera a inquirição judicial, a fim de se apurar se Inácio Rodrigues Ferreira exerce o oficio de ourives e se tem feito alguma joia *(L.º n.º 223, Registro*

*de cartas das Câmaras, juizes e outras, autoridade dirigidas ao Governador,* fls. 33, do Arquivo Público Mineiro, Secção Colonial S. G.)

1783 — junho 14 — Carta do Governador ao juiz ordinário de Minas Novas mandando abrir devassa e prender o Ourives Inacio Rodrigues Ferreira *(L.º n.º 230, Registro de oficios do Governador às Câmaras, Juizes e outras autoridades da capitania,* fls. 32, do Arquivo Público Mineiro, Secção Colonial, S. G.).

FERREIRA, José

1750 — 7 de janeiro. Registro de ofício de juís de ourives. *(Códice n.º 57 da Câmara Municipal de Vila Rica, fls. 66).*

FERREIRA, Simpliciano Soares

*Mariana*

1819/20 — Recebeu 1$200 "de consertar com sua prata os dois turíbulos e navetas da Catedral que estavam arruinados". Recebeu mais .... 10$575 "da limpeza de tôda a prata da Catedral, consêrto do jarro de dar água às mãos e ferro da alâmpada do côro" (Fls. 147 do *L.º de Rec. e Desp. da Sé-Catedral,* no arquivo da Cúria de Mariana).

FERREIRA, Tomé

*Sêrro*

1748 — "Solteiro, natural de S. João de (ilegível), Bispado do Pôrto, de presente morador nesta Vila do Príncipe que vive do seu ofício de ourives" *(L.º de devassas,* de Arquivo da Curia de Mariana, fls. 8).

FRANCISCO, Caetano

*Tijuco*

1736 — "mor. no Tejuco, com o seu of.º de Ourives e pagou duas outavas, e doze vintens de ouro" (Fls. 19v. do *códice 53,* do Arquivo Público Mineiro).

FURTADO, Francisco

*Catas Altas*

1722 — "Natural da freguesia de São Salvador da Ilha do Faiol, de presente morador nesta freguesia de N. Senhora da Conceição das

Catas Altas, homem solteiro, que vive do seu ofício de ourives, de idade de vinte e cinco anos"... *(L.º de registros de termos de visitas da Comarca da Vila do Ribeirão do Carmo,* fls. 5v. do Arquivo da Cúria de Mariana).

GOMES, Lourenço

*Ouro Prêto*

1735/40 — Foi nomeado juiz de ourives *(L.º n.º 32, "Licenças,* fls. 44, do Arquivo Público Mineiro).

GONÇALVES, João

1793 — 3 de maio. "Item ao Orives João Gls. do concerto da alampada por Mão do Proc.ºr ..... 8" *(Livro de Certidões de Missas e Recibos (1780-1805) da Irmandade do Senhor dos Passos da Matriz do Pilar,* fls. 72).

GUIMARÃES, Domingos Ribeiro (?)

1762/63 — "Pelo que pagou a Domingos Ribr.º Guim.ºª de resto da Cruz de prata como consta do Recibo no L.º deles a fls. 111 ..... ..... 10 1/2. 4" *(Livro de Receita e Despesa (1737-1777) da Irmandade do Senhor dos Passos da Matriz do Pilar,* fls. 92v.).

LAGES, Manuel Ferreira

*Mariana*

1749 — Morador no arraial da Passagem, registrou carta de exame do ofício de ourives (Fls. 95, *L.º n.º 97 de exames de ofícios,* arquivos da Prefeitura de Mariana).

LEÃO, Manuel Fernandes

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Carijós, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela época na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 41).

LEITE, José de Faria

*Bento Rodrigues*

1745 — julho 27 — Deu "por seu fiador as coimas a João Ribeiro Callado" (L.º 147, *Fianças às coimas,* fls. 45v., 45v., do arquivo da Prefeitura de Mariana).

LIMA, Antônio de Oliveira

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 150/156).

LIMA, Matias Rodrigues

*Mariana*

1750 — Residente em Mariana (*L.º de registro de Irmãos da Irmandade do Rosário,* da Matriz do Carmo, fls. 88).

LISBOA, José Félix

*Sabará*

1738 — "Solteiro, ourives, natural da cidade de Lisboa, morador nesta Vila"... *(L.º de registros de termos de visitas da Freguezia de N. S. do Pilar de Pitangui (e outras freguezias),* fls. 55, do Arquivo da Cúria de Mariana).

LOBO, Manuel de Castro

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador no Padre Faria, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica (*Códice n.º 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 42).

LOPES, Manuel Ferreira

*Mariana*

1749 — Morador na Passagem, registrou carta de exame do ofício de ourives *(Lº de registro de cartas de exames de ofícios,* fls. 96v., do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

LOUREIRO, Luiz Pita

*Ouro Prêto*

1742 — 3 de abril. Carta do ofício de juís dos ourives *(Códice n.º 44* da Câmara Municipal de Vila Rica, fls. 33v.). Registro de uma provisão do ofício de ourives (Mesmo livro, fls. 108).

1746/47 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., fls., 168).

LUZ, Manoel Pereira da

*Mariana*

1737 — fev.º 14 — Deu por fiador "as coimas a José de Almeida Barreto" (L.º n.º 62, fls. 43v., *"Livro de Fiança às coimas"*, do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

MATOS, Domingos de

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador no Padre Faria, figura no Censo Geral dos Ofícios realizados naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 164).

MENDES, Felizardo

*Congonhas do Campo*

1803 — Recebeu 24/8ª "de Compor a Alâmpada"... *(L.º de Desp. do Santuário,* fls. 53).

1804 — Recebeu 150/8ª e 1/2 pela "fatura dos Canudos do Órgão da Capela do Sr." (L.º cit., fls. 57v.).

1805 — Recebeu 8/8ª e 3/4, por trabalhos no órgão (L.º cit., fls. 59v.).

1806 — Recebeu 67/8ª e 1/2 "de resto das Lâmpadas da Capela do Sr." (L.º cit., fls. 60).

1807 — Fez uma Âmbula nova" (L.º cit., fls. 64v.)

1808 — Recebeu 30/8ª "pela fatura de uma Âmbula para a Capela do Sr." (L.º cit., fls. 66v.).

1809 — Recebeu 64/8ª "q̃ ficou devendo o falecido Irmão Vicente de umas Sacras q comprou p.ª a Capela do Sr." (L.º cit., fls. 69).

MENDONÇA, Francisco

*Mariana*

1738 — jan.º 27 — ... "deu por seu fiador as coimas a Manuel Coelho Varella" *(L.º de Fiança às coimas,* n.º 62, fls. 89v., do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

MENEZES, Justiniano Moreira da Silva

*Ouro Prêto*

1801 — 6 de junho. "Item a Justiniano Moreira da Silva Menezes de uma Imagem de prata para a Cruz grande do altar, Título, Resplandor, e Cravos, que tudo pesa Cento, e setenta oitavas, e meia de prata, e de uma Cruz pequena de prata para a mão de um anjo, com o pêso de dezoito oitavas de prata ..... 5 1/2" *(Livro 3.º de Receita e Despesa da Irmandade de Santo Antônio da Matriz do Pilar,* fls. 17).

MUNIZ, José Antonio

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Antônio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica (*Códice n.º 90, D.F.,* Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 171).

NEVES, José Rodrigues

*Ouro Prêto*

1803 — "Por ouro, que pagou a José Roiz Neves por conta dos Castiçais de prata, q se mandam fazer ..... 11 1/2.2" *(Livro 3.º de Receita e Despesa da Irmandade de Santo Antônio da Matriz do Pilar,* fls. 34).

"Item, o Jozé Roiz Neves, do resto, que se lhe devia do feitio de quatro Castiçais novos de prata, e do consêrto das quatro palmas ..... 11$680" (Mesmo livro, fls. 56).

"P.ºlo que pagou o dito Tesoureiro João de Sousa Benavides a José Roiz Neves, do concerto de uma Palma de prata, por lhe faltar a cruz de cima, se gastou o Parafuso de prata da Alámpada, com o pêso de 15/8ªs lançado no Inventario a fls. 8 e p.ª acrescentar a Cruz,

e a Açucena de prata, p.ª a mão do Santo ..... 3$640"
(Mesmo livro, fls. 108).

NUNES, José

*Mariana*

1737 — fev.º 14 — Deu "por fiador as coimas a José de Almeida Barreto" (L.º de *"fianças as coimas"*, n.º 62, fls. 38 do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

OLIVEIRA, Antonio de

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 51).

OLIVEIRA, Felix Martins de

*São João del Rei*

1738 — "casado, ourives, natural da cidade do Rio de Janeiro, morador nesta Vila" *L.º de registro de termos de visitas da Freguezia de N.S. do Pilar de Pitangui (e outras freguezias* fls. 159v., do Arquivo da Cúria de Mariana).

OLIVEIRA, José Duarte de

*Tapera*

1736 — "mor. na Tapera, com o seu of.º de Ourives, e pagou duas outavas, e meia e oito grãos de ouro" (Fls. 35 do *Códice n.º 53,* do Arquivo Público Mineiro, 1.ª Secção Colonial).

1736/37 — Figura, com a respectiva indicação de ofício, a fls. 29 do L.º n.º 60, *"Registro de petições e despachos — ofícios lojas no Sêrro-Frio"*, do Arquivo Público Mineiro, 1.ª Secção Colonial.

PASSOS, Manuel Cardoso

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 39).

1749 — 2 de agôsto. Registro de uma carta de exame de ourives passada na cidade de Braga *(Códice n.º 44* da Câmara Municipal de Vila Rica, fls. 2 e 3).

PEREIRA, Diogo

*Mariana*

1738 — abril 19 — ... "Deu por fiador as coimas a Manuel Pinto da Conceição" ...(*L.º de fiança às coimas,* n.º 62, fls. 119, do arquivo da Prefeitura de Mariana).

PEREIRA, Francisco de Matos

*Guarapiranga*

1722 — "natural de Lisboa, de presente morador nestas minas freguesia de Guarapiranga, homem casado em Portugal, que vive de seu ofício de ourives do ouro, de edade de trinta anos, pouco mais" ... *(L.º de registros de termos de visitas da Comarca do Ribeirão do Carmo,* fls. 171, do Arquivo da Cúria de Mariana.

PEREIRA, Silvestre

*Mariana*

1738 — abril 24 — Deu "por fiador as coimas a Manoel Roiz Vianna" (L.º 62, de *fiança às coimas,* fls. 122, do arquivo da Prefeitura de Mariana).

PINHEIRO, Luiz

*Ouro Prêto*

1822/23 — Recebeu 3$000 pelo consêrto do turíbulo e naveta da igreja de S. Francisco de Assis *(L.º 2.º de Rec. e Desp. da Ordem 3.º,* fls.. 91).

PIRES, Antonio

*Mariana*

1739 — abril 19 — Deu "por fiador as coimas a José Roiz da Silva" (L.º 62, de *fiança às coimas,* fls. 72, do arquivo da Prefeitura de Mariana).

PITA, Luiz

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Ouro Preto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 38).

PONTES, Manuel da Costa

*Sabará*

1735/40 — Prestou exame do ofício de ourives (vem a carta) (L.º n.º 90, *Exames de ofícios,* p. 28v., do Arquivo Público Mineiro).

PORTUM, José da Silva

*São Sebastião*

1742 — "Termo que faz José da Silva Portum, ourives, morador no arraial de S. Sebastião de dar casa de alcouce" *(L.º de devassas,* s/n, do Arquivo da Cúria de Mariana, fls. 53v.).

RAMOS, Caetano Ferreira

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Antônio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 43 e 171).

REIS, Tomaz Henriques dos

*Furquim*

1716 — março 8 — "Oficial de Ourives, aleijado de uma mão, mor. no Furquim" e mais tarde em Santa Bárbara. Era devedor a "Ld.º Mel. de Noronha da quantia de 6/8as de ouro procedidas de uma espora de prata" que lhe comprou. (Doc. avulso do Arquivo da Curia de Mariana).

RIBEIRO, Manuel

*Camargos*

1722 — "Natural da cidade do Rio de Janeiro, e de presente morador destas minas na freguesia do Inficionado, digo Camargos, homem solteiro que vive de seu oficio de ourives, de idade de vinte e cinco

para vinte e seis anos" *(L.º de registros de termos de visitas da Comarca da Vila do Ribeirão do Carmo,* fls. 38, do Arquivo da Cúria de Mariana).

RODRIGUES, José Antônio

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Antonio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 45.v).

SANTA BÁRBARA, Inácio de

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Antonio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice n.º 90,* D.F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 171v.)

SANTIAGO, Amaro Medeiros

*Bom Retiro da Roça Grande*

1748 — "casado, morador neste Arraial de Santa Luzia, que vive do seu ofício de ourives, de trinta e cinco anos de idade, pouco mais ou menos". *(L.º de devassas* do Arquivo da Curia de Mariana, fls. 53).

SANTOS, Lourenço Teixeira dos

*São Sebastião*

1721, abril 5 — "nesta freguesia de São Sebastião, apareceu Lourenço Teixeira dos St.os homem casado na Bahia, e morador nesta freguesia, que vive do seu ofício de ourives, de idade que disse ser de vinte e cinco anos, p.ª vinte e seis, p.ª ser admoestado" ...*(L.º de termos de admoestações* fls. 118, do Arquivo da Cúria de Mariana).

SANTOS, Manuel Alvares dos

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador no Padre Faria, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica *(Códice nº 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 182).

SILVA, João Pereira da

*Sabará*

1735/40 — Prestou exame do ofício de ourives (vem a carta) (*Lº* 90, *Exames de oficios,* p. 29v., do Arquivo Publico Mineiro).

*Rio Acima*

1738 — "Solteiro, ourives, natural da Ilha do Faial, Bispado de Angra, morador nesta Freguesia". (*Lº de registro de termos de visitas da Freguezia de N. S. do Pilar de Pitangui e outras freguezias,* fls. 88v. do Arquivo da Curia de Mariana).

SILVA, João Teixeira da

*Conceição*

1736/67 — Figura, com a respectiva indicação do ofício, a fls. 34v. do Lº 60, *Registro de petições e despachos — oficios e lojas no Sêrro-Frio,* do Arquivo Publico Mineiro, 1ª Secção Colonial.

SILVA, Jorge Ferreira da

*Sabará*

1751 — outº 13 — Carta do Governador ao Intendente de Sabará, comunicando que, tendo em vista a falta de fundidores na Comarca, resolve permitir a permanência do ourives Jorge Ferreira da Silva, morador na Vila de Sabará (Códice nº 93, *Registro de ordens-régias, avisos,* etc., fls. 74v. do Arquivo Público Mineiro, Colonial, 1ª Secção, S. G.).

SILVA, José Ferreira da

*Ouro Prêto*

1744/45 — "P. dº q pagou a Jozé Ferrª da Sª de prata, e feitio de uma chave pª o Sacrário do Altar do Sr. onde se acha o Sto. Lenho, co Rc.º no Lº dêles a fls. 75 .....3" (*Livro de Receita e Despesa* (1737-1777) *da Irmandade do Senhor dos Passos da Matriz do Pilar,* fls. 33).

SILVA, Silvestre Caetano da

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Ouro Preto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica (*Códice nº 90, D. F.*, Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 47).

SILVA, Tomás Teixeira da

*Mariana*

1824 — abril 19 — Recebeu 9$600 do "feitio da Âmbula de prata" que fêz para a Ordem (*Lº de recibos da Ordem 3ª de S. Francisco de Assis,* fls. 137v.).

1824 — maio 28 — Recebeu 1$600 do "feitio de um diadema que fêz para o sº Padre" (Lº cit., fls. 138v.).

1827 — stº 28 — Recebeu 9$600 "de uma caldeirinha de prata com hissope da mesma e seu feitio, e 20$000 da Âbula" (Lº cit. fls. 149v.).

SILVERIO

*Mariana*

1795 — Recebeu 1$650 "dos colchetes de prata pª os Pluviais e de latão e prata pª os ditos" (fls. 125v. do *Lº de Rec. e Desp. da Sé-Catedral,* no arquivo da Cúria de Mariana).

SOUSA, Antonio Serafim de

*Minas Novas*

1778 — novº 26 — Carta do Governador ao alferes Antonio de Araujo, comandante do distrito de Minas Novas, mandando prender o latoeiro Antonio Serafim de Sousa que exerce a profissão de ourives e que veio da Bahia em companhia do padre Francisco Xavier da Rua (Lº 219, *Registro de cartas, ordens e instruções do Governador,* fls. 13, do Arquivo Público Mineiro, Secção Colonial, S. G.).

SOUSA, Francisco de

*Curral del Rei*

1734 — Figura, com a respectiva indicação do ofício, a fls. 65v. do *Livro de Devassas,* do arquivo da Cúria de Mariana.

SOUSA, José de

*Rio do Peixe*

1736 — "mor. no Rio do Peixe, com o seu ofº de Ourives, e pagou duas outavas, e doze vintens de ouro" (Fls. 21 do *códice 53*, do Arquivo Público Mineiro).

Figura, com a respectiva indicação do ofício, a fls. 21 do Lº 53, *Manifesto das lojas e ofícios do Sêrro-frio e registro de cartas*, do Arquivo Público Mineiro, 1ª Secção Colonial.

SOUSA, José Vidal de

*Mariana*

1749 — Morador na Passagem, registrou carta de exame do ofício de ourives (fls. 91, Livro nº 97 de *exames de ofícios*, arquivo da Prefeitura de Mariana).

SOUSA, Luiz Pita Loureiro de

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Antonio Dias, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na comarca de Vila Rica (*Códice nº 90*, D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 168).

1749 — Carta de exame do ofício de Juiz de ourives. (*Códice nº 57* da Câmara Municipal de Vila Rica, fls. 42).

SOUSA, Manuel do Couto

*Sabará*

1735/40 — Prestou exame do ofício de ourives de prata (Carta registrada no Lº 90, *Exames de ofícios*, fls. 25v., do Arquivo Público Mineiro).

*Congonhas do Campo*

1749 — "solteiro, natural da freguesia de N. Sª de Vitória, da cidade do Pôrto, que vive do seu ofício de ourives, de idade de setenta anos" (*Lº de Devassas* do Arquivo Público Mineiro, fls. 87).

SOUSA, Manuel Fagundes de

*Mariana e Ouro Prêto*

1738 — Deu por seu fiador às coimas, a Manuel da Cruz Vieira (Lº nº 62, de *fianças às coimas,* fls. 109, do Arquivo da Prefeitura de Mariana).

1746/47 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica (*Códice nº 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 46v.).

VASCONCELOS, Manuel Pina e

*Paracatu*

1800/1820 — Prestou exame do ofício de ourives de ouro e prata (Carta registrada a fls. 53v. do *Lº 1º de registros,* do Arquivo Público Mineiro).

VELOSO, Antônio Gonçalves

*Santo Antônio de São José*

1738 — "solteiro, ourives, natural da freguesia de São Payo de Parada, Arcebispado de Braga, morador nesta Vila" (*Lº de registro de termos de visitas da Freguesia de N. Sª do Pilar de Pitanqui (e outras freguesias*), fls. 126v., do Arquivo da Cúria de Mariana).

VENDIME, Manoel Felipe

*Ouro Prêto*

1721 — fevrº 2 — Nomeado por carta régia de Lisboa "ourives do ouro e ensaiador-mór da casa da moeda em Vila Rica" (Lº 17, *Registros de cartas, provisões e patentes régias,* fls. 73v. do Arquivo Público Mineiro, Colonial, 1ª Secção).

VIEIRA, Custódio Fernandes

*Bom Retiro da Roça Grande*

1748 — "Natural de Ponte Arcada, Povoa de Lanhoso, Arcebispado de Braga, de presente morador neste Arraial, que vive do seu Ofício de ourives, de idade de Quarenta e seis anos" (*Lº de devassas* do Arquivo da Cúria de Mariana, fls. 55v.).

VIEIRA, Custódio Fernandes

*Sabará*

1733/34 — Requereu exame do ofício de ourives (Carta registrada em Sabará no Lº 78, *Exames de Ofícios,* p. 46, do Arquivo Público Mineiro).

VIEIRA, Manuel

*Sêrro*

1736/67 — Figura, com a respectiva indicação do ofício, a fls. 42 do Lº 60, *"Registro de petições e despacos — ofícios e lojas no Sêrro-Frio"*, do Arquivo Público Mineiro, 1.ª Secção — Colonial.

XAVIER, André Francisco

*Ouro Prêto*

1746/47 — Morador em Ouro Prêto, figura no Censo Geral dos Ofícios realizados naquela data na Comarca de Vila Rica (*Códice nº 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 41).

XAVIER, Francisco da Costa

*Ouro Prêto*

1746/47 — Figura no Censo Geral dos Ofícios realizado naquela data na Comarca de Vila Rica (*Códice nº 90,* D. F., Avulsos, do Arquivo Público Mineiro, fls. 44).

(Notas coligidas pelo cônego Raimundo Trindade, com base em pesquisas efetuadas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pelo Sr. João B. de Magalhães Gomes).

CÔNEGO RAIMUNDO TRINDADE

# UM PINTOR INGLÊS NO BRASIL DO PRIMEIRO REINADO[1]

## I

### *Augustus Earle entre os Artistas do Primeiro Reinado*

Surgiu uma nova figura de relêvo entre os artistas europeus que exerciam suas atividades no Rio de Janeiro entre 1820 e 1824: aos nomes do francês Nicolas-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret e ao grande artista e viajante alemão, João Maurício Rugendas, que esteve no Brasil pela primeira vez entre 1821 e 1825, — a êsses nomes ilustres, temos a acrescentar o de um pintor dos mais talentosos e invulgares — Augustus Earle. Êsse exuberante viajeiro fêz três visitas ao Brasil: a primeira em abril e maio de 1820; a segunda, de janeiro de 1821 a princípios de 1824 e a última, de abril a junho de 1832.

Nesse breve estudo, procuramos apresentar todos os fatos conhecidos acêrca da vida e da carreira artística de Augustus Earle, acentuando particularmente o que se reporta a sua obra brasileira e concluir com um catálogo descritivo das aquarelas e gravuras dêste país, localizadas até o presente.

---

1. Êste artigo foi elaborado com a assistência do Bibliotecário da Commonwealth National Library da cidade de Canberra, na Austrália, — Mr. H. L. White, a quem agradeço pelas valiosas sugestões que me fêz e pela generosidade com que me forneceu reproduções fotográficas de diversas das aquarelas brasileiras de autoria de Augustus Earle, que se encontram na Coleção de Canberra.

## II

### *Os Earles, uma Família de Artistas.*

A família Earle estabeleceu-se, no século dezessete, na cidade de Worcester, na colônia inglesa de Massachusetts. Seu membro mais proeminente foi o retratista Ralph Earl (1751-1801)[2], cuja reputação nas Colônias Americanas cedia lugar apenas à de John Singleton Copley. O irmão mais novo de Ralph Earl, James Earle, foi também artista de grande talento, porém desapareceu prematuramente aos trinta e cinco anos de idade (1761-1796). Em 1789, James Earle desposou Carolina Pilkington Smyth, viuva de um *Tory* americano, de quem já tinha um filho, William H. Smyth (1788-1865), que veio mais tarde a ser um famoso almirante da Esquadra Britânica e era assim irmão por parte de mãe de nosso artista, Augustus Earle.

James Earle casou-se em Londres, onde continuou a residir com a mulher e o enteado, filho do primeiro matrimônio. Naquela cidade, o casal teve três filhos em rápida sucessão: Clara, Phebe e Augustus Earle, o último dos quais nascido em 1793. Clara parece ter morrido na infância, mas Phebe sobreviveu ao irmão Augustus e casou-se duas vêzes, — a primeira vêz com Denis Dighton, pintor de telas militares, acreditado na côrte de Jorge IV da Inglaterra[3], e a segunda vêz com Patrick Macintyre, com quem ainda vivia em Kilburn, nos arredores de Londres, em 1863[4].

---

2. "Catálogo de uma Exposição das Obras de Ralph Earle (1751-1801), Whitney Museum of American Art, 1954", preparado por William Sawitzky e Louiza Dresser.
3. Denis Dighton executou quatro cópias de desenhos de seu cunhado, Augustus Earle. Estas se encontram na Coleção de Gravuras (Print Collection) do British Museum (Binyon 1a, 1b, 2a, 2b). Seus títulos são: Costumes do Chile; Porta e Mercado de Escravos em Pernambuco; Cacique recebendo as Tropas de Carrera; e Viajando pela América Espanhola.
4. Os dados sôbre a família Earle provêm em grande parte de duas fontes: "Memórias de Pliny Earle, doutor em medicina, publicadas por F. B. Sanborn", Boston, Ramrell and Upham, 1898; e Pliny Earle: "Ralph Earle e seus Descendentes", Worcester, Press of Charles Hamilton, 1888.

Em 1796 James Earle fêz uma viagem aos Estados Unidos com a intenção de mais tarde ali voltar e se fixar com a família. Saíra de Nova York em viagem de regresso para a Inglaterra, mas o barco tocou primeiro em Charleston, na Carolina do Sul, onde êle contraiu febre amarela e morreu em agôsto de 1796.

Os jornais de Charleston publicaram elogiosas notícias e panegíricos de James Earle como artista de talento, comparando-o a Copley, Savage, Trumbull, West e outros gênios americanos da época. A viúva permaneceu na Inglaterra e ali criou os quatro filhos.

## III

### *Formação de Augustus Earle na Inglaterra*

O jovem Augustus seguiu a tradição do pai e do tio e, desde cêdo, começou a enviar quadros a exposições públicas. Entrou para a Academia Real (Royal Academy) de Londres em 1807 e durante os anos passados ali tornou-se amigo de numerosos pintores ilustres, ingleses e americanos, da era vitoriana, entre os quais figuravam Samuel F. B. Morse, inventor da telegrafia e excelente retratista que, em carta escrita ao Dr. Pliny Earle, contou que havia conhecido Augustus quando eram estudantes na Royal Academy, entre 1812 e 1814, e o afamado artista de Boston, Washington Allston. Entre os colegas ingleses, contavam-se C. R. Leslie, Sir William Landseer e William Turner. E' assim evidente que Augustus Earle teve oportunidade para aperfeiçoar sua técnica na pintura e beneficiar-se com o convívio de notáveis contemporâneos seus no mundo das artes, oportunidades essas que excederam de muito às que desfrutaram seu pai e seu tio.

Entretanto, tudo na obra de Augustus Earle manifesta-se como reação ou mesmo rebelião contra a tradição acadêmica em que se formara. Exceto no que diz respeito à correção do desenho, em anatomia e perspectiva, êle nada reteve de acadêmico, tudo em seu estilo sendo um comentário íntimo do fato social. Êle pertence

à grande tradição inglesa da sátira social na arte: Hogarth, Rowlandson e Cruikshank são seus antecessores e irmãos espirituais. Alia um requinte inato e gôsto da elegância a uma forte inclinação pelo vigor plebeu e pelo cômico e voluptuoso.

## IV

### *As Viagens e as Publicações de Augustus Earle.*

Durante os anos de estudo e de preparação na Academia Real em Londres, Augustus Earle enviou numerosos quadros a exposições. Os temas tratados refletem o néo-classicismo, interêsses históricos e militares das primeiras duas décadas do século dezenove: em 1806, êle expôs "O Julgamento de Midas"; em 1808, uma "Batalha de Poitiers"; em 1809, "Caius Marcius tomando posse da cidade de Corioli"; em 1812, exibiu "Banditti"; em 1814, "Navios de Guerra interceptando uma Fragata Francesa" e, em 1815, "Vista da Cidade e do Pôrto de Calais".

Entretanto, a paixão pela aventura e as viagens impelia Augustus para o mar desde muito jovem. Logo que as hostilidades entre a França e a Inglaterra cessaram, em 1815, êle partiu, via Sicília, a juntar-se ao irmão por parte de mãe, estacionado então em Malta como capitão de marinha de guerra[5]. Em 1816, pintou uma enorme vista do Pôrto de Valette na ilha de Malta, que foi mais tarde reproduzida em duplo-fólio, gravura em côres, por R. W. Smart e T. Sutherland, em Londres, em 1818[6].

A bordo de uma pequena embarcação incorporada à flotilha inglesa, Earle visitou muitos pontos do Mediterrâneo, acompanhando a frota de Lord Exmouth na canhoneira de seu irmão, durante

---

5. A descrição que se segue das viagens de Augustus Earle foi tomada do Prefácio à sua "Narrativa de uma Residência de Nove Meses em Nova Zelândia, em 1827", Londres, Rees, 1832.
6. Um exemplar dessa gravura rara acha-se no National Maritime Museum, em Greenwich, Inglaterra.

a primeira expedição daquele Almirante aos Estados Barbarescos. Tendo-se concluído a paz com o Rei de Tunis, Augustus visitou as ruínas de Cartago e também os remanescentes da antiga cidade de Ptolomea ou Lépida, situada na Líbia, e o Bei forneceu ao nosso viajante e a seus companheiros uma tenda, camelos e um forte contingente de janízaros para protegê-los contra os árabes. Depois dêsso, êle voltou a Malta, passou pela Sicília e escalou o Monte Etna. Em seguida, rumou para Gibraltar, tendo feito um minucioso estudo daquele possante rochedo, suas baterias, cavernas e ruínas mouriscas.

No verão de 1817, voltou à Inglaterra, de onde partiu de novo em março seguinte para os Estados Unidos da América. Após percorrer aquêle país durante quase dois anos, embarcou em 11 de fevereiro de 1820, a bordo do barco "The Warrior" com destino ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro a 2 de abril. Essa primeira visita a esta capital durou cêrca de dois mêses. Em junho de 1820, percorreu a costa do Chile e, no dia 18 de julho, chegou a Lima, onde permaneceu seis mêses, exercendo sua profissão de artista.

A 10 de dezembro de 1820, saiu de Calau, a bordo do "Hyperion", rumo à Inglaterra, na espectativa de encontrar um navio que seguisse para o Rio. O "Hyperion", tendo acostado a um barco sueco, "Anna", provindo de Estocolmo, Augustus foi posto a bordo e voltou ao Rio de Janeiro, onde prosseguiu seu trabalho artístico com grande perseverança e êxito durante os três anos seguintes. Êsse período importante em sua carreira será discutido no próximo capítulo — "Augustus Earle no Brasil".

Do Rio de Janeiro, Augustus Earle esperava seguir, via Cabo da Boa Esperança, para a Índia, de onde vinha recebendo propostas lisonjeiras de Lord Amherst, o novo Governador Geral. Contudo, Earle cansou-se de aguardar a chegada de uma embarcação que rumasse para o Cabo e, desatendendo ao conselho de todos os amigos no Rio, confiou a própria sorte ao "Duque de Gloucester", um navio velho e gasto, carregado até o máximo de sua capacidade com batatas.

No decurso dessa viagem, o navio foi forçado a fundear na ilha de Tristão d'Acunha. Augustus, com um companheiro, empreendeu uma breve excursão ao interior e, ao voltar, o navio tinha partido. Augustus viu-se retido naquela ilha quase desabitada desde 21 de março até 29 de novembro de 1824, quando foi recolhido pelo "Admiral Cockburn", que tinha como comandante o Capitão Cooling, e que se destinava a Van Dieman's Land. Dali êle prosseguiu para a Nova Gales do Sul, onde se tornou um dos primeiros artistas britânicos a registrar aspetos da vida na Austrália.

O Sr. Herbert Badham faz o seguinte relato dos trabalhos de Earle naquela distante colônia inglesa:[7] "Em 1825 Augustus Earle chegou a Sydney. "Estabeleceu-se" ali por três anos. Enquanto esteve na Austrália, pintou vários aspetos de Sydney e de Hobart, destinados a figurar em exposições em Londres e executou retratos de homens proeminentes, inclusive os dos Governadores Brisbane e Darling. Foi contratado para decorar o salão de jantar do Palácio do Govêrno, por ocasião do banquete de despedida oferecido ao Governador Brisbane."

Em outubro de 1827, Augustus partiu para a Nova Zelândia e dali retornou a Sydney. Durante essa permanência, preparou um álbum com oito litografias de vistas da Nova Gales do Sul, com o respectivo texto, que dedicou ao Governador, Sir Thomas Brisbane, K. C. B., com a seguinte declaração: "Foi durante o último período do govêrno de V. Ex.ª que residi em Nova Gales do Sul onde, não tendo terras a cultivar nem cargo a zelar, diverti-me passeando pela Colônia e esboçando os temas que ora me proponho a apresentar ao público."[8]

---

7. Herbert E. Badham: "Um Estudo sôbre Arte Australiana", Sydney, Currawong Publishing Company, 1949, pág. 14.

8. Augustus Earle: "Vistas de Nova Gales do Sul e da Terra de Van Diemen — — Livro Australiano de Esboços e Recortes — 1830", Londres, publicado em 10 de agôsto de 1830 por G. Gross e impresso por C. Hullmandel. O prefácio é assinado: Augustus Earle, 27 Howland Street, Fitzroy Square, Londres", o que indica ter êle regressado à Inglaterra pelo ano de 1830.

Depois de sua prolongada visita à Austrália, Augustus estava decidido a prosseguir em demanda da Índia e conseqüentemente deixou a costa da Nova Holanda a bordo do "Rainbow", barco comandado pelo "Honorable" Capitão Roos. Aquêle navio tocou nas Ilhas Carolinas, passou por Guam, uma das ilhas do arquipélago de Ladrones, dali para Manilha e em seguida para Singapura, onde Earle foi apresentado ao "Residente", que lhe dispensou tôdas as atenções. O navio continuou, após, através dos Estreitos de Málaca até Pulo-Penang, enquanto Augustus enriquecia seu álbum de desenhos e aquarelas em cada uma das escalas.

Em Madrás não só adquiriu renome como ganhou dinheiro e, durante sua breve permanência ali, executou os desenhos originais daquela presidência, os quais foram mais tarde copiados e expostos como panorama em Londres. Enquanto atingia o apogeu de sua celebridade, teve infelizmente a saúde comprometida e, em conseqüência, aconselharam-no a abandonar a Índia. Convencendo-se de que sua saúde dependia de pronto regresso, demandou com pressa a Pondicherri, onde tomou passagem para a Inglaterra, por via da França, a bordo de "La Julie", um navio mercante que se destinava a Bordéus e ia levando pesado carregamento de açúcar. Tendo sido, porém, apanhado por ventos adversos, o capitão foi forçado a aliviar a carga do navio e atirar ao mar o fardo. Só após sérias dificuldades chegaram à Ilha de Mauritius onde, tendo sido condenado o barco "La Julie", nosso viajante se viu obrigado a ali permanecer até a chegada do primeiro navio que seguisse para a Inglaterra. Durante sua permanência em Mauritius, Earle executou uma série de lindas vistas daquela ilha deveras pitoresca.

Earle regressou à Inglaterra a bordo do "Ressource", comandado pelo Capitão Stodart, e deve ter chegado a Londres por volta de 1830, ao mais tardar.

Ali, começou logo a escrever um relato de suas viagens aos mares do Sul, que foi publicada por Longman, Rees, em Londres, no ano de 1832, sob o título de: "Uma Narrativa de Nove Mêses de Residência em Nova Zelândia em 1827, com o Diário de uma Estada em Tristão d'Acunha."

O desejo de viajar para lugares distantes era forte demais, dado o temperamento de Augustus Earle, para que lhe fôsse possível permanecer por muito tempo na Inglaterra. Exprimiu êsse sentimento nas palavras seguintes do prefácio a seu livro sôbre a Nova Zelândia: "... Com o espírito em nada deprimido pelas vicissitudes e perigos que experimentara, mas, antes, com o desejo estimulado e insaciável de visitar céus que conhecia apenas através de leituras e não de vista, êle aceitou sem hesitação o posto de desenhista a bordo do navio de Sua Majestade, "Beagle", em viagem de descobertas."

A expedição do "Beagle" era comandada pelo Capitão Robert Fitzroy e, como naturalista, contava com um cientista moço, que estava destinado a se tornar um dos grandes homens do século — Carlos Darwin. O Capitão Fitzroy, em seu relatório sôbre os resultados da expedição do "Beagle", dá a seguinte informação sôbre as atividades de nosso artista: "... Contratei um artista, o Sr. Augustus Earle, para viajar em caráter particular, embora não sem a sanção do Almirantado, que o autorizou também a receber alimentos. Mr. Earle sofreu tanto em consequência do mau estado de sua saúde que não pôde permanecer a bordo do "Beagle" após o mês de agosto de 1832; contudo residiu em Montevidéu durante muitos mêses antes de sua volta à Inglaterra..."[9]

Charles Darwin e Augustus Earle passaram muito tempo juntos no Rio de Janeiro em 1832. Os pormenores daquela amizade serão também comentados em outra parte dêste artigo. Depois do regresso de Augustus à Inglaterra, provavelmente em princípios de 1834, pudemos encontrar apenas mais duas referências sôbre sua vida e obra.

Quando o "Beagle" aportou na Nova Zelândia, Darwin escreveu uma carta à família, na Inglaterra, comentando o livro de Augustus: "Ficamos indignadíssimos com o livro de Earle. Além de sua extrema injustiça, revela ingratidão. Os próprios Missionários

---

9. Capitão Robert Fitzroy: "Viagem do Navio de S. M. Beagle". Londres, 1839, Volume II, págs. 19 e 20.

que são acusados de frieza, sei, sem sombra de dúvida, que o trataram sempre com muito mais cortesia do que a franca licenciosidade de seus costumes lhe permitiria esperar."[10]

A referência de Darwin acêrca da conduta de Augustus fornece uma chave sôbre o fim provável da vida do artista na Inglaterra. Além de ter sofrido de febres tropicais na Índia, teve a saúde minada sem dúvida alguma pelo alcool e vida desregrada. Em 1837, êle expôs duas pinturas em Londres: "Vida no Oceano" e Cerimônia Religiosa a bordo de um Navio de Guerra". Estava ainda vivo em 1838, pois nesse ano enviou um quadro denominado: "Um Bivuaque de Viajantes na Austrália" a uma exposição da Royal Academy. Faleceu, porém, decerto logo após, talvez em 1839, embora até hoje não tenha sido possível descobrir qualquer referência ou documento informando sôbre sua última doença, local e data de sua morte.

## V

### *Augustus Earle no Brasil*

Com a exceção de seis mêses passados no Chile e no Peru (junho a dezembro de 1820), Augustus Earle viveu quase a totalidade dos quatro anos de 1820 a 1824 no Rio de Janeiro. Não encontramos indicação alguma de que houvesse penetrado pelo interior durante a primeira e mais longa visita feita ao Brasil. Não há dúvida de que parou em Pernambuco, provàvelmente enquanto seu navio se abastecia, porque, naquela cidade nortista executou uma pintura — "A Porta de Pernambuco, no Brasil", que êle enviou para ser exposta na Royal Academy em Londres, em 1824.

A mesma vista de Pernambuco foi reproduzida como uma das gravuras nò "Diário de uma Viagem ao Brasil" de Maria Graham,

---

10. "Charles Darwin e a Viagem do Beagle", publicado por Nora Barlow, Londres, Pilot Press, 1945, pág. 130; carta de Charles Darwin, datada de "27 de dezembro de 1835, Bay of Islands, Nova Zelândia."

publicado em Londres em 1824. A Sra. Graham estava morando no Rio de Janeiro exatamente no mesmo período em que aqui esteve Augustus Earle e é possível que tenha conhecido também tanto Debret como Rugendas. Temos a certeza de que conheceu o jovem Augustus porque ela nô-lo diz em seu "Diário", sob a data de 24 de setembro de 1823: "Tendo recebido agora o retrato que Mr. Earle (sic), um engenhoso jovem artista inglês, esteve pintando da Senhora Alerez, Dona Maria de Jesus, levei-o para mostrá-lo a seu amigo e patrono, D. José Bonifácio de Andrada e Silva".[11]

A aquarela original do retrato de Dona Maria de Jesus, feita por Augustus Earle, está agora na Coleção Nan Kivell na Biblioteca Nacional da Commonwealth (Commonwealth National Library) em Canberra, Austrália. Essa obra foi também reproduzida em gravura no livro de Sra. Graham, juntamente com mais um trabalho original de Earle no Brasil: "Um Mercado de Escravos no Rio". Êste último foi gravado por Edward Finden para o frontispício do livro da Sra. Graham. O original da aquarela de Augustus, do Mercado de Escravos no Rio, está preservado na Divisão de Estampas e Desenhos do British Museum em Londres (Binyon 1.)

A parte mais importante da produção artística de Earle, que excede de longe às demais, é a que está atualmente conservada em Canberra, na Austrália. Quase tôdas as aquarelas e desenhos conhecidos de Augustus Earle, vinte e um ao todo, figuram neste grupo que foi vendido na Sotheby's em Londres em 1926. Foi êle adquirido em um lote único pelo colecionador australiano, Sr. Rex Nan Kivell, que doou a coleção inteira à Commonwealth National Library. Aquelas obras anteriormente foram de propriedade do Sr. Hubert Warington Smyth, que as havia herdado de seu avô, o Almirante William Henry Smyth, irmão de Augustus Earle por parte de mãe, e seu freqüente companheiro de viagens.

As aquarelas brasileiras, feitas entre 1820 e 1824, podem ser divididas em quatro categorias: paisagens, cenas populares, retratos

---

11. Maria Graham: "Diário de uma Viagem ao Brasil", Londres, Longman, Hurst, 1824, pág. 302.

e espécimes de história natural. O primeiro grupo, vistas da baía do Rio de Janeiro, é interessante, porém não constitui exemplo marcante de pintura paisagística britânica. Uma das vistas tem considerável importância histórica, porque mostra, no primeiro plano, uma tripulação de marinheiros britânicos do navio de Lord Cochrane, o amigo e patrono de Maria Graham.

E' nas cenas populares que Augustus Earle revela seu grande talento para captar a essência da vida da gente do povo, no momento em que o Brasil passava de colônia a Império. Seu estilo é mais pungente e mais vigoroso do que o que se revela na arte um tanto pálida do desenho de Debret. E' também evidente que Earle não se sentia nem tolhido nem contrafeito pelas concepções e preconceitos neo-clássicos que David havia imposto a Debret e que por vêzes impedia o artista francês de desenhar com perfeita liberdade as cenas que se apresentavam a seus olhos.

Há maior similaridade entre a obra de Earle e a de Rugendas. Ambos êsses artistas estiveram no Rio de Janeiro no momento da coroação de D. Pedro I, em 1822, e registraram a cena (como, aliás, o fez Debret) à sua maneira. E' como "costumbristas" que Rugendas e Earle têm mais traços em comum. Em que consiste a diferença entre os dois? Talvez no desejo de Rugendas de ser sociólogo na accepção mais exatamente científica do termo. O grande bávaro está sempre consciente da origem antropológica de seus negros, das características precisas de suas tribos e se mostra empenhado, na melhor tradição germânica enciclopédica, em fixar ùnicamente a verdade óbvia. Por outro lado, em suas cenas de "costumbrismo" (as de S. Paulo, por exemplo,) Rugendas reflete todo o romantismo estilizado de sua época, em uma deformação do objeto tratado, que é análogo, porém diametralmente oposto à recomposição neo-clássica de Debret. Não se poderá jamais negar, contudo, mòrmente quem tiver examinado com cuidado seus esplêndidos desenhos a lápis, que Johann Moritz Rugendas fôsse o artista mais talentoso que visitou o Continente Sul Americano no século dezenove. Em períodos posteriores, seus desenhos e pinturas refletem uma forte sensibilidade poética.

Se houver alguma coisa de essencialmente francês no modo de Debret anotar os pormenores mais significativos, tal como há algo de tìpicamente germânico no desejo de Rugendas de abranger *todo* o Brasil de seu tempo, — assim também há muito da Inglaterra na completa liberdade com que Augustus Earle encara seus temas. A intensa concentração da negra extraindo um bicho de pé em seu amo; a crueldade da cena do castigo; o entusiasmo turbulento da dança de rua dos negros — todos êsses aspetos representam uma projeção em escala maior, através do microcosmo artístico de Augustus Earle, da emoção inerente à cena original.

A intensificação do material de que dispõe o artista é a característica essencial da arte inglesa, quer seja ela contida em uma tragédia de Shakespeare, quer em um romance de Dickens ou em uma gravura de Hogarth. A espectativa de um episódio de brutalidade, que se sente nos Negros de Augustus Earle prestes a entrar em luta, tem bastante afinidade com diversas cenas londrinas de violência em Dickens. Mas, ainda mais reminiscente dos protótipos ingleses é a cena irresistìvelmente cômica e jovial dos folguedos carnavalescos em um lupanar elegante no Rio, versão brasileira dos frequentados pelo "Rake" de Hogarth e que teria deliciado o "Doctor Syntax" de Thomas Rowlandson.

Os pormenores do entrudo, das fantasias, trajes e mobiliário, nesta cena, tornam-na uma das mais notáveis contribuições de Earle para a iconografia brasileira.

Entre os retratos executados por Augustus no Rio de Janeiro, o mais significativo é sem dúvida o de D. Pedro I no dia de sua Coroação. As particularidades da imperial indumentária correspondem de perto às que foram assinaladas por Debret, mas é provável que Earle haja modificado o caráter do trono, simplificando sua decoração. Os traços fisionômicos do Imperador neste retrato revelam aspetos carnais e letárgicos de seu temperamento.

O Mestre de Equitação da Imperatriz é um retrato com seguros antecedentes ingleses, onde transparece o vigor, o lado jocundo e a boa saúde de muitas gerações de cocheiros e personagens de cenas de caçadas.

Nìtidamente brasileiro, por outro lado, é o Eclesiástico do Rio de Janeiro, com o hábito da Ordem, magro e ascético, em um místico alongar da estrutura anatômica que era um recurso empregado por El Greco com a mesma intenção psicológica.

A elegância sensual de "Rita, decantada beleza negra do Rio de Janeiro", é realçada pela sinuosidade que lhe dá Augustus, envolvendo-a em um traje Império lisonjeiro às formas e que Josefina havia adaptado da túnica das patrícias romanas.

Parte da grande atração que o Brasil exercia sôbre os viajantes europeus, no início do século dezenove, era motivada pela riqueza e variedade de sua história natural. Cada artista estrangeiro era ao mesmo tempo um naturalista amador na tradição humanística do século dezoito. Tal como existem numerosos desenhos de plantas e animais brasileiros de Rugendas, que veio pela primeira vez à América do Sul como desenhista oficial da Expedição de von Langedorff, — assim também Augustus Earle deixou aquarelas da Bananeira, do Cacauzeiro e do Morcego brasileiro.

Foi uma circunstância deveras feliz a de se ter preservado o grupo tão representativo das obras de Earle relacionadas com a primeira de suas viagens ao Brasil. Por outro lado, temos a lamentar que haja tão pouca documentação acêrca de sua vida no Rio de Janeiro, suas amizades e atividades cotidianas, de 1820 a 1824. Acontece exatamente o contrário quanto a sua segunda e mais breve permanência na capital brasileira em 1832, com a expedição do navio de Sua Majestade, "Beagle". Sòmente três gravuras do Brasil, de Earle, foram reproduzidas por Robert Fitzroy em sua "Viagem do Navio de S. Majestade Beagle" (Londres, Henry Colburn, 1839). São as seguintes:

"Cais Palácio e Catedral, Rio de Janeiro", vol. I, p. 106
"Montanha do Corcovado, Rio de Janeiro", vol. I, p. 118.
"São Salvador, Bahia", vol. II, p. 62.

A despeito de terem os descendentes colaterais de Robert Fitzroy conservado mais de trinta das aquarelas originais de Conrad

Martens, o artista britânico que sucedeu a Augustus Earle a bordo do navio de S. M. "Beagle" em Montevidéu, em novembro de 1833, êles não têm pista alguma que conduza aos desenhos originais ou aquarelas de Earle, dos quais foram feitas suas gravuras para o "Beagle".

Não obstante, graças às anotações conscienciosas de Charles Darwin em seu Diário e nas cartas à família, conseguimos vislumbrar freqüentemente cenas da vida de Augustus Earle no Rio de Janeiro, quando de sua segunda visita. Quanto aos três primeiros dias da estada de ambos no Brasil, temos ampla informação sôbre as suas atividades:

"Rio de Janeiro, 5 de abril de 1832. De manhã desembarquei com Earle nos degráus do Palácio; passeamos pelas ruas, admirando seus aspetos alegres e movimentados."[12]

No dia seguinte, êle fazia planos para acomodações menos provisórias: "Rio de Janeiro, 6 de abril de 1832. Quando eu voltar [de uma excursão ao interior], vou morar em uma casinha na aldeia de Botafogo. Earle e King[13] serão meus companheiros. Antecipo o prazer de viver ali como em um Elysium. A casa e o jardim transbordam de flôres e estão situados junto a um lago retirado que se liga ao mar, porém é incrustado na terra por meio de altas colinas. Suponho que fiquemos aqui cinco semanas e, em seguida, rumo a Montevidéu, que será meu enderêço por muito tempo."[14]

Um dia depois, Darwin confirmou sua mudança para Botafogo: "Rio de Janeiro, 7 de abril de 1832. À tardinha transportei alguns de meus trastes e badulaques para Botafogo. Earle e King, por sua vez, prepararam-se para ir residir ali."[15]

Há mais uma referência, nas Cartas, depois do regresso de Darwin de sua excursão a uma "fazenda" a 150 milhas para o

---

12. Charles Darwin: "O Diario do Beagle (1831-36), publicado por Nora Barlow. Cambridge, 1833, pág. 48. A cena aqui descrita por Darwin é a mesma reproduzida por Earle na gravura da Escadaria do Palácio.
13. Philip Parker King, oficial do Navio de S. M. BEAGLE.
14. Darwin, Cartas, op. cit., pág. 63.
15. Darwin, Diário, op. cit., pág. 49.

interior: "Botafogo, 25 de abril de 1832. Earle e eu estamos agora morando neste sítio muito retirado e bonito."[16]

No decurso do mês sguinte, Earle caiu doente, talvez de alguma febre tropical semelhante à que quase lhe custara a vida na Índia. Seguem-se breves referências de Darwin à convalescença de Earle: "Rio, 11 de maio de 1832. Earle continua muito doente e está de cama."[17]

"Maio 16. Earle está bem melhor."[18]

"Domingo, 20 de maio. Ao anoitecer, Earle, que está quase bom e nós também [Darwin e um Sr. Derbyshire] demos uma volta a pé em torno da baía de Botafogo."[19]

"25 de maio. Fui ao encontro de Earle e Derbyshire e passamos a escalar o Corcovado."[20]

Duas referências a Earle, em junho de 1832, indicam que êle se havia mudado e tomara aposentos no centro do Rio, afim de estar mais próximo dos outros membros da Expedição do "Beagle". Seu mau estado de saúde, entretanto, obrigou-o, como já vimos, a abandonar o "Beagle" em Montevidéu, em fins de 1833.

Seria altamente desejável que os originais dos desenhos e aquarelas que Augustus levou para a Inglaterra, de regresso de sua visita ao Brasil em maio de 1832, fôssem encontrados algum dia e acrescidos ao precioso grupo que êle criou durante sua primeira e mais longa permanência.

DAVID JAMES

---

16. Cartas, pág. 65.
17. Diário, pág. 61.
18. Idem.
19. Idem.
20. Diário, pág 62

# CATÁLOGO DAS OBRAS BRASILEIRAS DE AUGUSTUS EARLE

## I

*Aquarelas e Desenhos da Coleção Nan Kivell, na "Commonwealth National Library", em Canberra, Australia.*

1. "Vista do Pico do Corcovado, perto do Rio de Janeiro". Aquarela. Dimensões: 13 1/2 x 8 polegadas. Vê-se um homem de casaca e chapéu alto, contemplando do alto o Pão de Açúcar e a estrada da baía de Guanabara.

2. "Vista dos arredores do Rio de Janeiro". Aquarela. Dimensões: 10 x 6 3/4. Pretas lavando roupa em um riacho. Uma delas leva um cântaro à cabeça e segue ao longo da estrada à direita do primeiro plano. A cena passa-se provàvelmente em Laranjeiras.

3. "Vista de perto do Rio de Janeiro". Aquarela. Dimensões: 10 1/4 x 7. Pescadores com pequenos barcos e cestos de peixes, à margem do que parece ser um braço da baía.

4. "Tripulação e bote de Lord Cochrane, com uma vista da baía do Rio de Janeiro". Aquarela. Dimensões: 10 1/4 x 7. Seis homens, em trajes ingleses, em torno de um bote a remo, à margem da baía. Um pescador vem trazendo um peixe, à esquerda do primeiro plano.

5. "Extraindo um bicho-de-pé. Cena nos Brasis." Aquarela. Dimensões: 8 1/4 x 8. A cena passa-se na cozinha (?) de uma hospedaria no interior.

Uma criada, de côr, extrai um bicho do pé de um homem que acabou de lavar os pés. Os arreios e o alforge jazem por terra à direita, no primeiro plano. O dono da hospedaria e um pretinho empregado vêem-se junto a um balcão, ao fundo.

6. "Castigando negros no calabouço". Rio de Janeiro. Aquarela. Dimensões: 10 1/4 x 9 1/4. Cena de crueldade no pátio de uma fortaleza. Sòmente um dos espectadores demonstra compaixão pelo sofrimento do escravo torturado.

7. "Negros brigando nos Brasis". Aquarela. Dimensões: 9 3/4 x 6 1/2. Dois negros moços entregues ao "jogo da capoeira", enquanto outros contemplam de uma casa próxima e um policia colonial prepara-se para saltar uma cêrca, afim de sustar a luta.

   Rugendas dá a seguinte descrição do jogo: "Os negros têm ainda um outro folguedo guerreiro, muito mais violento, a "capoeira": dois campeões se precipitam um contra o outro, procurando dar com a cabeça no peito do adversário que desejam derrubar. Evita-se o ataque com saltos dc lado e paradas igualmente hábeis; mas lançando-se um contra o outro mais ou menos como bodes, acontece-lhes chocarem-se fortemente cabeça contra cabeça, o que faz com que a brincadeira não raro degenere em briga e que as facas entrem em jogo, ensanguentando-a." "Viagem, p. 197."

8. "Folguedos durante o Carnaval no Rio de Janeiro." Aquarela. Dimensões: 13 1/2 x 8 1/2. Cena animada de homens e mulheres em uma grande sala, atirando limões perfumados uns nos outros e nas pessoas da casa fronteiriça.

9. "Dança de Negros na rua, Rua do Campo em Sant'Ana, junto ao Rio." Aquarela. Dimensões 13 1/4 x 8. Dança primitiva em frente a uma venda, com espectadores batendo palmas e vendedores de fruta exibindo sua mercadoria a pequena distância, no chão. A dança é provàvelmente o "Batuque".

10. "D. Pedro I no Dia de sua Coroação no Rio de Janeiro." Aquarela. Dimensões: 6 x 4 1/2. Vê-se o Imperador sentado em uma cadeira pousada sôbre uma plataforma ligeiramente mais alta. Traz à cabeça a coroa imperial; na mão direita segura o cetro em posição vertical. Usa

manto de arminho, calças brancas de uniforme e botas pretas de couro, com esporas de prata.

11. "O Professor de Equitação da Imperatriz dos Brasis." Aquarela. Dimensões: 8 1/2 x 5 3/4. Um cavaleiros de fisionomia saudável, em trajes de montaria e com um chicote na mão direita.

12. "Um Eclesiástico do Rio de Janeiro." Aquarela. Dimensões: 13 1/4 x 7. Um monge esguio e magro, apoiado em um longo bordão de peregrino, trazendo um chapéu alto e cônico, de abas largas.

13. "Rita, decantada beleza negra no Rio de Janeiro." Aquarela. Dimensões: 11 1/2 x 8. Uma preta langorosa e jovem, de cintura muito alta e comprido véu enrolado no braço esquerdo, apoia-se de leve em uma balaustrada de pedra.

14. "Negro Dormindo, Brasis, N.º 1." Aquarela. Dimensões: 7 1/2 x 7.

15. "Negro Dormindo, Brasis, N.º 2." Aquarela. Dimensões: 8 1/4 x 7 1/4.

16. "Mulher-Soldado na América do Sul". Aquarela. Dimensões: 6 3/4 x 5 1/2. Retrato de Dona Maria de Jesus, em uniforme militar". Êsse retrato foi mais tarde reproduzido por Edward Finden publicado no Diário de Maria Graham — "Journal of a Voyage to Brazil."

17. "A Banana, Brasis". Aquarela. Dimensões: 7 1/2 x 5.

18. "Coqueiro, Brasis". Aquarela. Dimensões: 7 1/2 x 4 1/2.

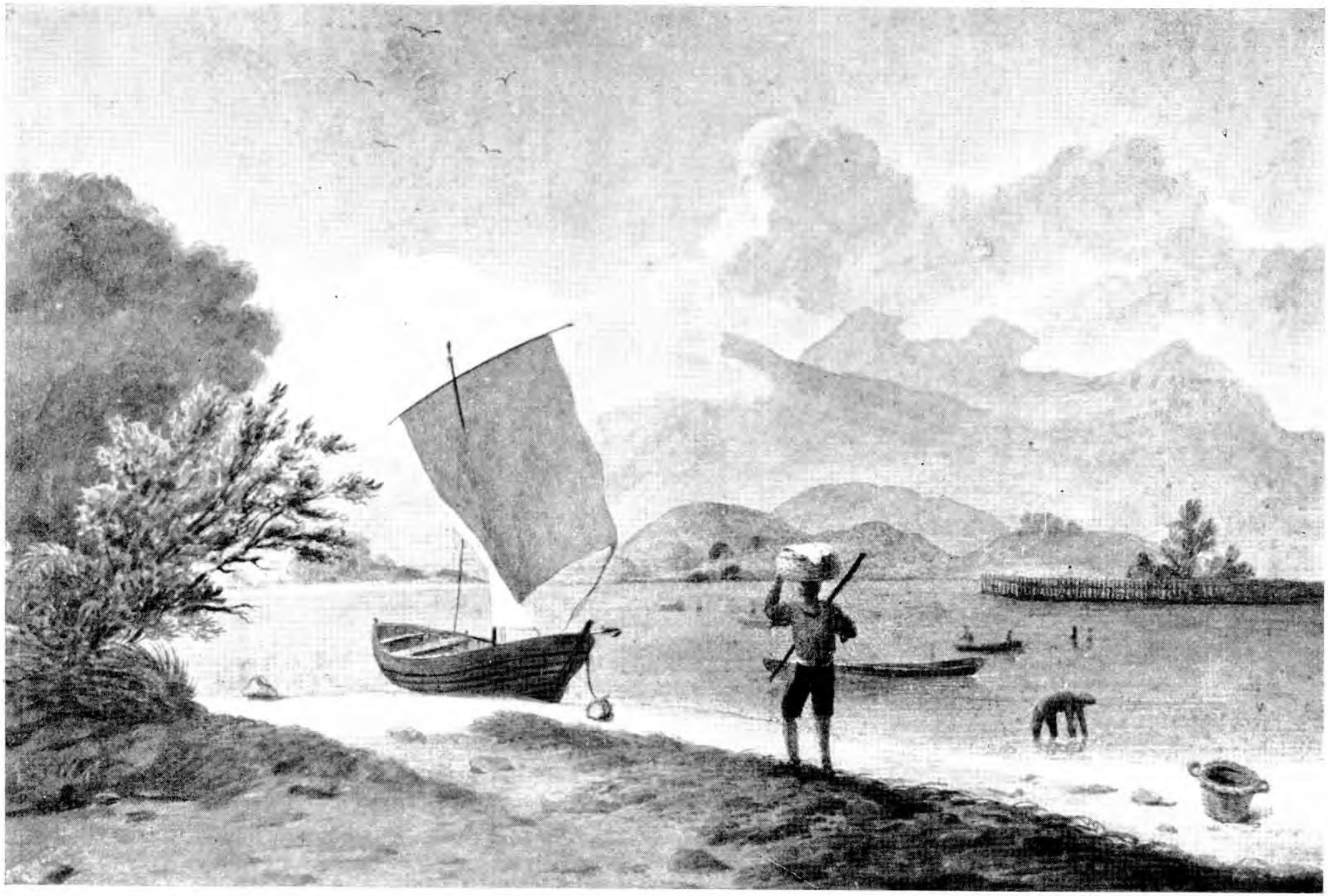
19. "O Morcego dos Brasis, 26 polegadas de comprimento." Datado. "Campos, 17 de março de 1822." Aquarela. Dimensões: 20 x 8 3/4. Esta é a única das aquarelas brasileiras que Earle datou.

20. "Costumes dos Brasis: Homem a cavalo e Quatro Figuras: (1) Escravo vendendo doces; (2) Padre; (3) Mineiros." Desenho a lápis. Dimensões: 11 1/2 x 6.

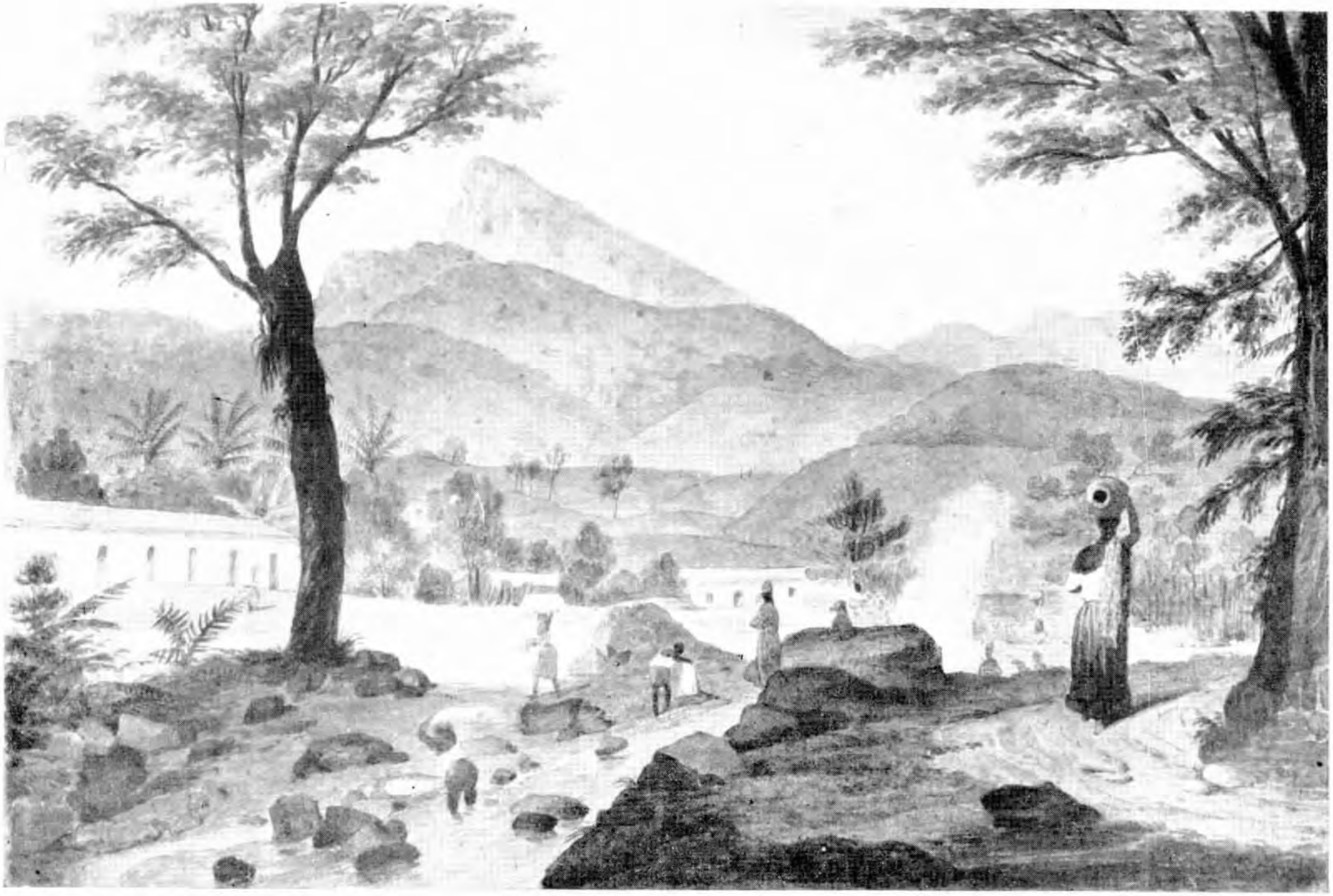
21. "Costumes dos Brasis: Quatro Figuras: (1) Duas senhoras brasileiras; (2) Nacionais conduzindo doces e legumes." Desenho a lápis. Dimensões: 1 1/4 x 6.



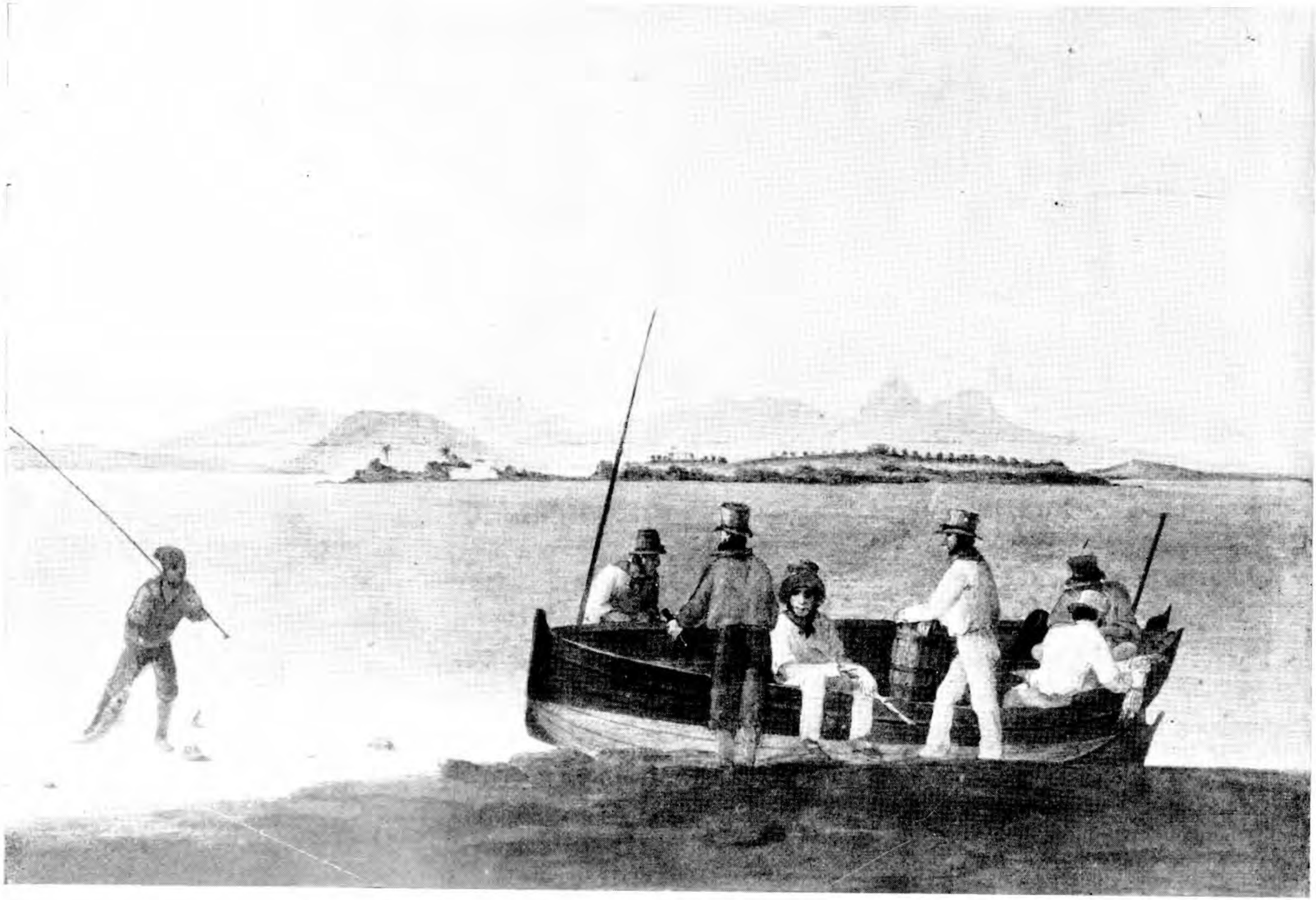
"Vista do pico do Corcovado, perto do Rio de Janeiro"



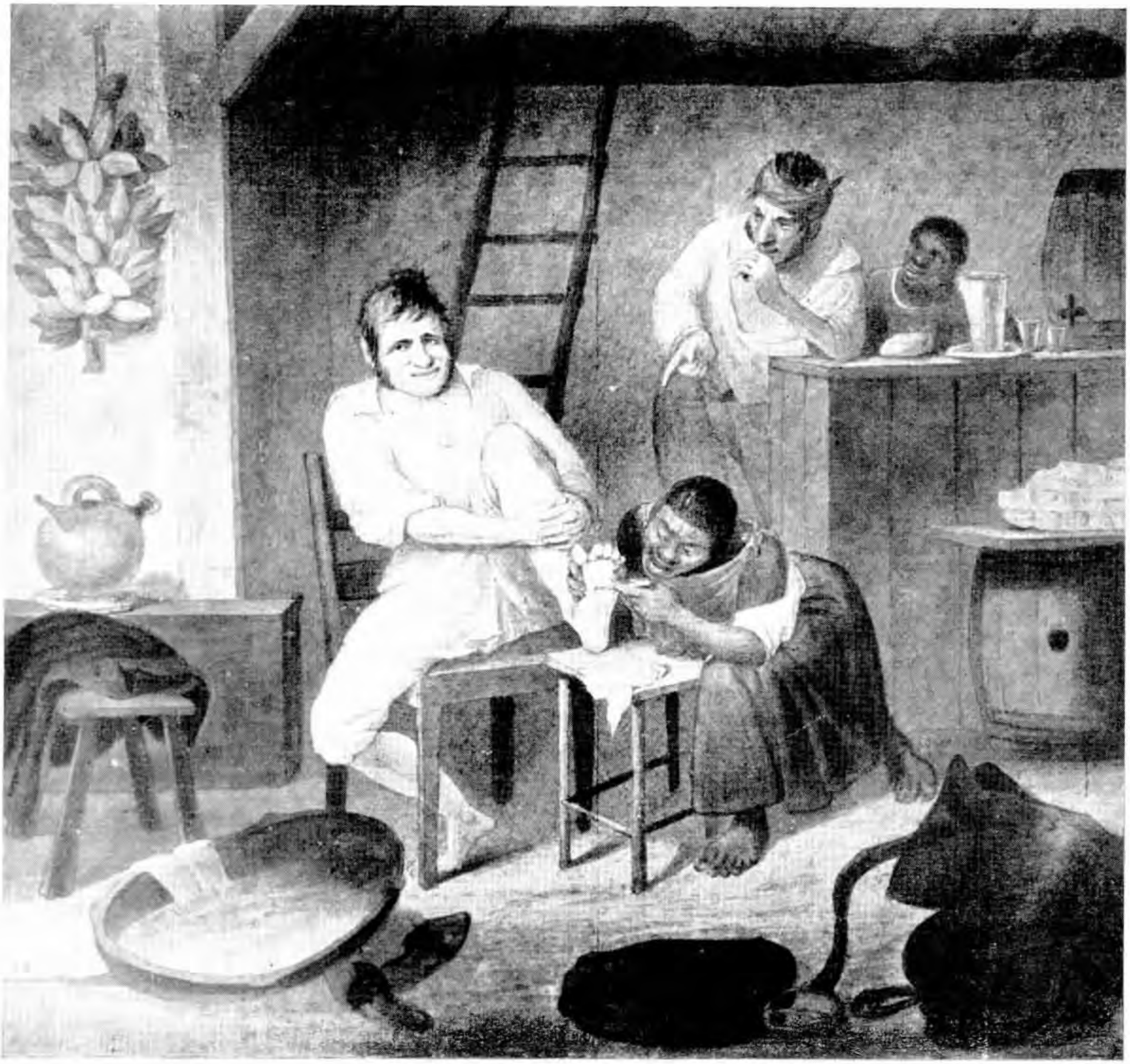
"Vista dos arredores do Rio de Janeiro". Pescadores com pequenos barcos e cestos de peixe.



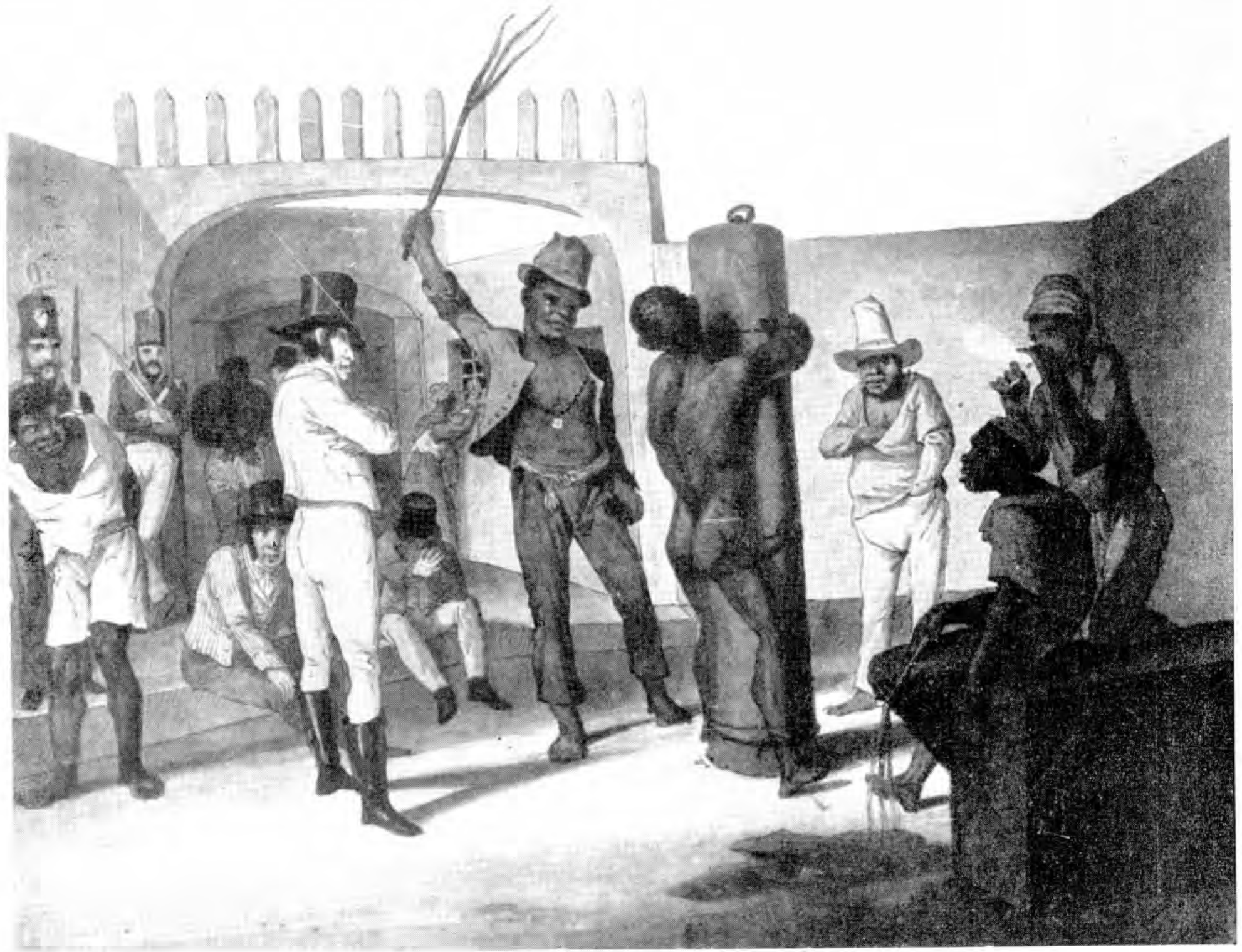
"Vista dos arredores do Rio de Janeiro". Pretas lavando roupa em um riacho.



"Tripulação e bote de Lord Cochrane, com uma vista da baía do Rio de Janeiro"



"Extraindo um bicho de pé. Cena dos Brasis"



"Castigando negros no calabouço". Rio de Janeiro



"Negros brigando nos Brasis"



"Folguedos durante o Carnaval no Rio de Janeiro"



"Dança de negros na rua. Rua do Campo em Sant'Ana, junto ao Rio."



"D. Pedro I no Dia de sua Coroação no Rio de Janeiro".



"O Professor de Equitação da Imperatriz dos Brasis".



"Um Eclesiástico do Rio de Janeiro".



"Rita, decantada beleza negra no Rio de Janeiro".



"Negro dormindo, Brasis, n.º 1"



"Negro dormindo, Brasis, n.º 2"



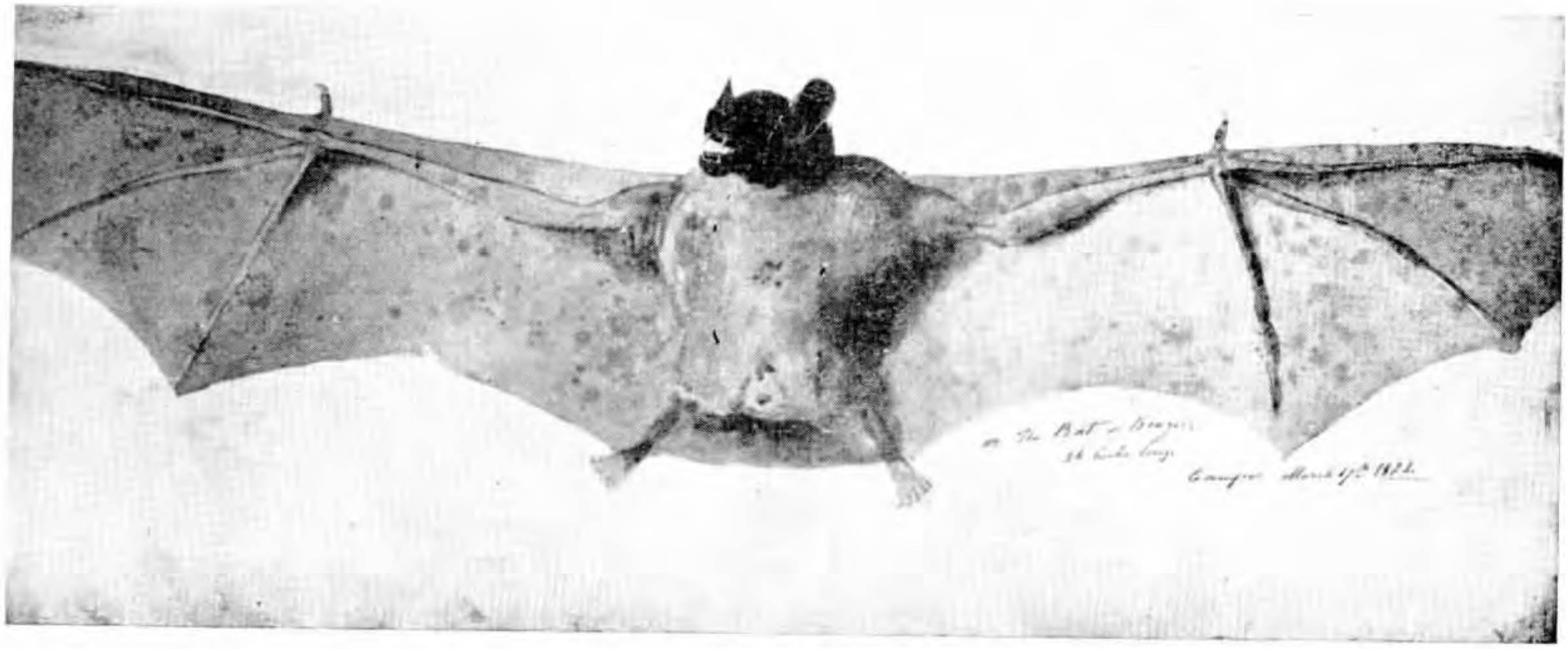
"Mulher — Soldado na América do Sul"



"A Banana. Brasis".



"Coqueiro, Brasis".



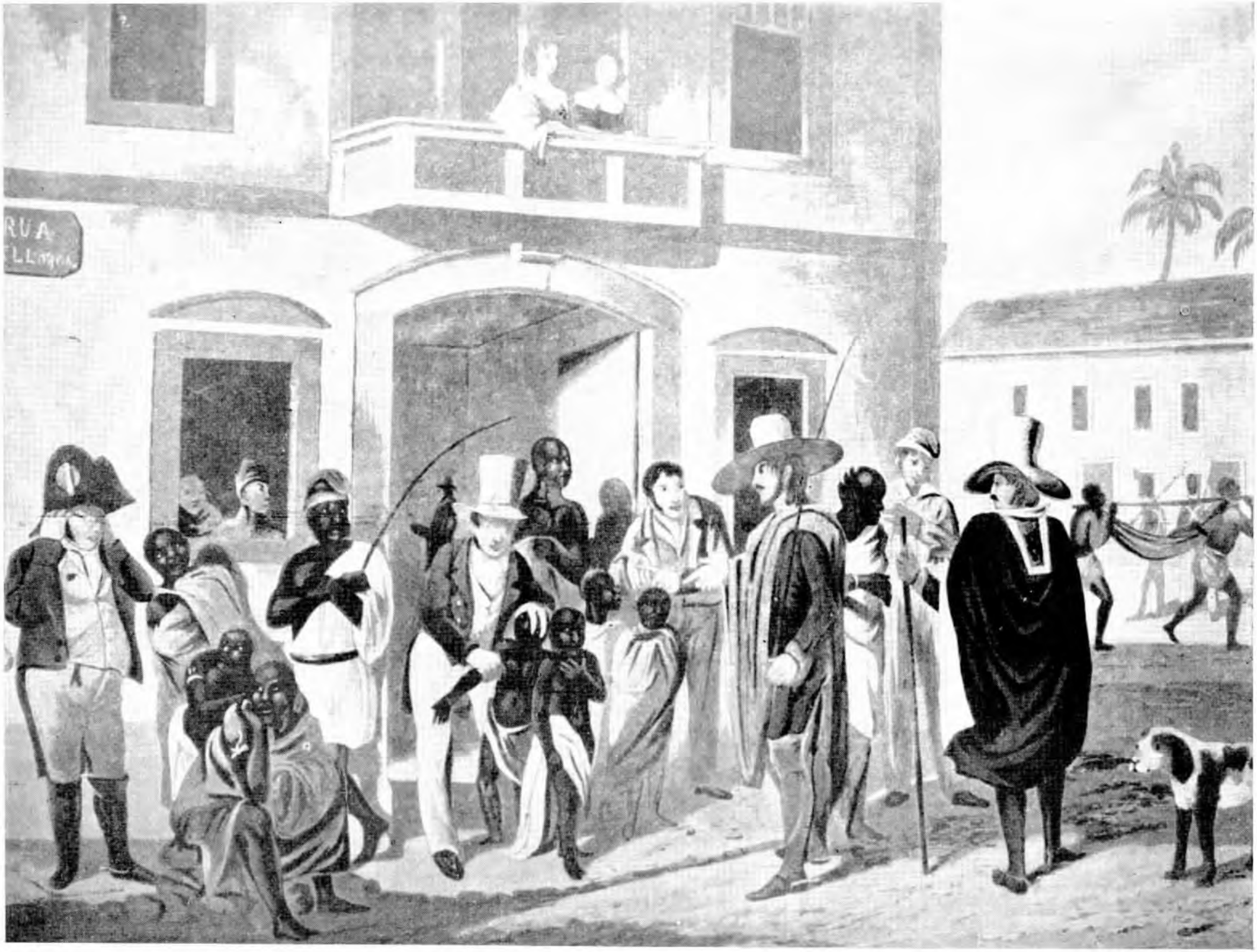
"O Morcego dos Brasis, 26 polegadas de comprimento".




"Costumes dos Brasis: Homem a cavalo e quatro Figuras: (1) Escravo vendendo doces; (2) Padre; (3) Mineiros.




"Costumes dos Brasis: Quatro Figuras: (1) Duas senhoras brasileiras; (2) Nacionais conduzindo doces e legumes".



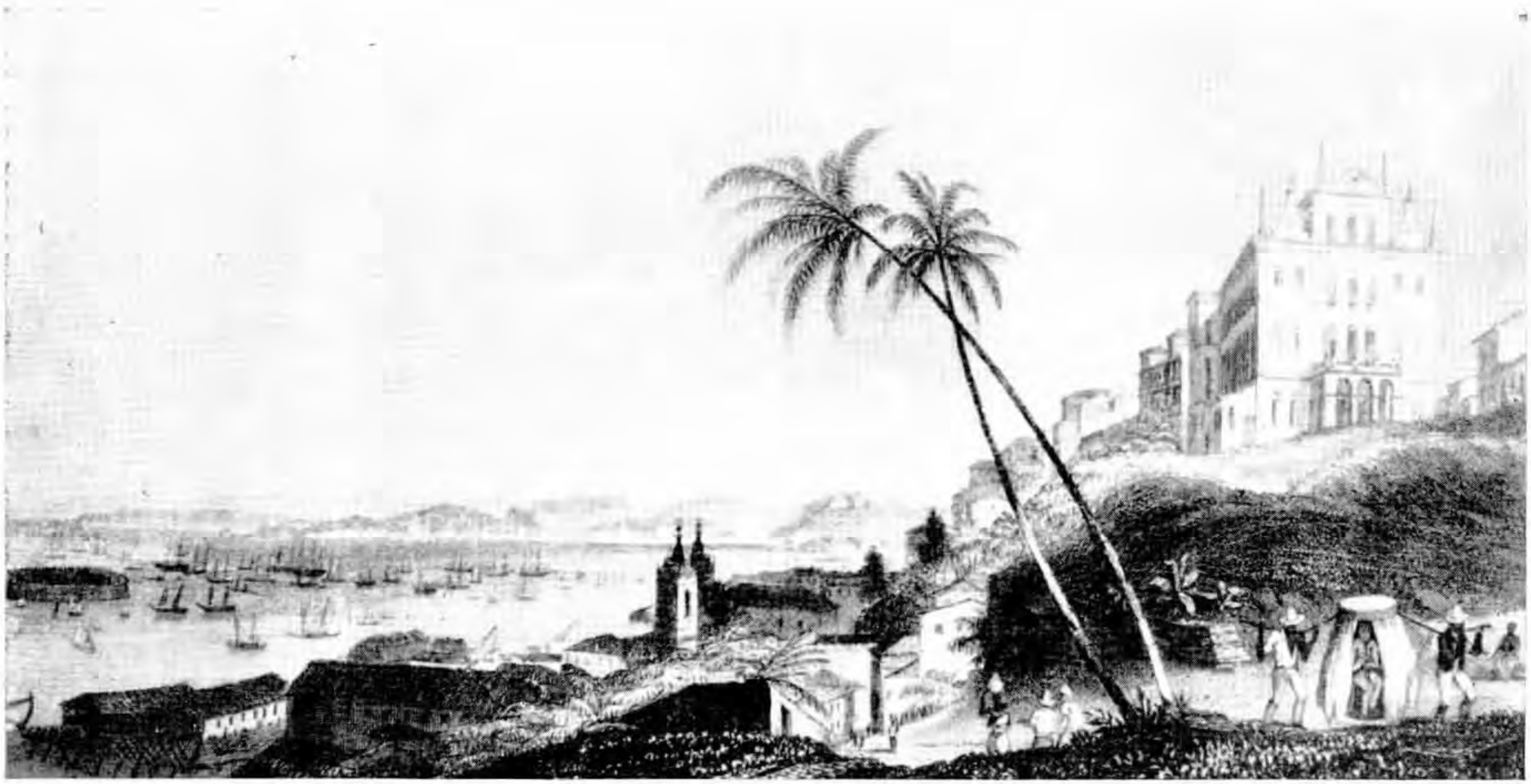
Mercado de Escravos no Rio de Janeiro



Um mercado de Escravos em Pernambuco



Cais, palácio e catedral do Rio de Janeiro



São Salvador, Bahia

## II

*Aquarela no British Museum (Divisão de Gravuras e Desenhos)*

22. "Um Mercado de Escravos no Rio", (Binyon 1), mais tarde gravado por Edward Finden para o "Journal of a Voyage to Brazil", de Maria Graham.

## III

*Trabalhos gráficos baseados em Aquarelas de Augustus Earle.*

A. In Maria Graham: "Journal of a Voyage to Brazil", Londres; Longman, Hurst, 1824:

1. Porta e Mercado de Escravos em Pernambuco.
2. Mercado de Escravos no Riò de Janeiro.
3. Dona Maria de Jesus.

Todos três gravados por Edward Finden.

B In Robert Fitzroy: "Voyage of the Beagle", London, Henry Colburn, 1839:

Volume I: 1. "Cais, Palácio e Catedral, Rio de Janeiro."
2. "Montanha do Corcovado, Rio de Janeiro."

Volume II: 1. "São Salvador, Bahia."

# COMO NASCEU OURO PRETO

## SUA FORMAÇÃO CADASTRAL DESDE 1712

### I

No número 5 desta Revista apresentamos, tanto quanto possível completa, sob o título *Os primeiros aforamentos e os primeiros ranchos de Ouro Preto,* a fisionomia cadastral de Vila-Rica, em 1712, pelas primeiras habitações, nomes de moradores, delineamento das primeiras ruas e fixação dos primeiros núcleos ou arraiais.

Em verdade, porém, a epígrafe do artigo resultou de certo modo invertida, porque, antes do primeiro aforamento, já o perímetro da Vila se achava pontilhado de posses e casinholas, com a chegada dos primeiros aventureiros do ouro. *Os primeiros ranchos e os primeiros aforamentos,* tal devia, pois, ter sido o título do nosso artigo.

Êsse primeiro arrolamento, todavia, lançado em livro especial e compreendendo o período de 1712 a 1721, era um trabalho evidentemente falho, por duas razões óbvias: 1.º) porque, depois de 1712 e até 1721, outras concessões de terrenos para edificações foram deferidas isoladamente, em atas e acórdãos da Câmara, registradas em livros diversos e com outra numeração, na medida das reuniões da Câmara; e 2.º) porque, conforme declarou expressamente o procurador da Câmara na abertura do livro de tombamento de 1737, adiante citado, todos os aforamentos processados até essa data, exigiam *revisão, visto como as primeiras habitações* eram quase tôdas de madeira, muitas já demolidas, enquanto outras mudaram de dono, além de muitas outras edificadas por intrusos, sem obediência às formalidades da lei.

Tendo sido o nosso primeiro trabalho, acima referido, calcado no Livro n.º 1 do Arquivo Público Mineiro, conforme declaramos na introdução do artigo, vamos hoje completá-lo nessa parte com o que consta do Livro n.º 2 do mesmo Arquivo, que, embora se refira à arrecadação dos *quintos* devidos à Fazenda Real, encerra, todavia, uma relação mais completa dos moradores da Vila em 1715, com discriminação das ruas e núcleos então já formados.

É o que passamos a fazer, incluindo, a seguir, outros tombamentos.

Assim, temos, de acôrdo com o Livro n.º 2, citado:

FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE ANTÔNIO DIAS

1 — Manuel Fernandes, ourives, com seis negros ..... 12"
2 — Luís Teixeira, pelo que interessa com seus escravos ..... 5"
3 — Pedro Machado, carpiteiro, paga pelo que interessa no seu ofício 14"
4 — Diogo Cabral, com seus escravos ..... 7"
5 — Diogo Fialho, pelo que interessa na sua loja ..... 9"
6 — O revmo. padre João Sanches de Abranches (nada)
7 — Francisco Gomes, dono de venda ..... 12"
8 — Alexandre Brandão, venda ..... 18"
9 — João de Lana, ourives ..... 9"
10 — Domingos de Carvalho, loja e negros ..... 24"
11 — Manuel Machado, loja e negros ..... 14"
12 — Francisco da Costa Rios, por 8 escravos ..... ..... 28"
13 — João Correia, seus negros ..... 28"
14 — Manuel Pinto, sapateiro ..... 7"
15 — Bento da Costa, alfaiate ..... 7"
16 — Domingos Ferreira Neto, loja ..... 7"
17 — Licenciado João de Sousa, botica ..... 7"
18 — Alferes Antônio Coresina, ferreiro ..... 14"
19 — Manuel Mendes Pimenta e seus escravos ..... 9"
20 — Caetano Saldanha e seus negros ..... 9"
21 — Domingos Ferreira, venda ..... 34"
22 — Domingos Franco, venda e negros ..... 8"
23 — Manuel de Sousa, venda e negros ..... 14"
24 — José Ferreira Lisboa, venda e escravos ..... 9"
25 — Manuel Pinto, venda e escravos ..... 7"
26 — Domingos Afonso, venda e escravos ..... 36"

27 — Luís Gomes e seu cunhado, ourives ..... 14”
28 — Manuel Nunes ..... 6”
29 — Licenciado Pedro Leal, botica ..... 6”
30 — Antônio Ferreira de Sousa e seus negros ..... 22”
31 — Manuel Ferreira (o velho da Bahia), loja ..... 72”
32 — Dionísio de Sousa e seu camarada, carpinteiros ..... 10”
33 — Alexandre de Viveiros, sapateiro ..... 8”
34 — João Cardoso, loja ..... 8”
35 — Alferes Domingos Correia e negros ..... 27”
36 — Francisco Xavier, loja e camarada ..... 14”
37 — Ana, preta fôrra, venda ..... 4”
38 — Francisco Ribeiro Peixoto, loja ..... 12”
39 — Manuel Vieira, venda ..... 18”
40 — Maria Madalena, pelo que comprou o rancho em que mora ..... 6”
41 — Alferes André Cordeiro e negros ..... 34”
41a — Francisco da Rocha, loja e negros ..... 18”
42 — Andreza, preta fôrra, venda ..... 7”
43 — Damião dos Reis e sua mulher, pretos forros, venda ..... 9”
44 — Santos Roiz Vieira e negros ..... 23”
45 — Manoel Lopes e seus negros ..... 88”
46 — João Afonso, venda ..... 12”
47 — Antônio Antunes, corte de gado e negros ..... 18”
48 — Martinho de Macedo, carpinteiro e 3 moradas de casa ..... 24”
49 — Antônio Marques, venda e negros ..... 18”
50 — Manuel Antunes e negros ..... 8”
51 — Manoel Roiz, loja e negros ..... 12”
52 — Lucas Gularte, corte de gado e um primo seu oficial de carpinteiro 12”
53 — José Cosme, loja ..... 3”
54 — Manuel Gonçalves, loja ..... 10”
55 — Pedro Roiz ..... 5”
56 — O cap. Paulo Borges e escravos ..... 14”
57 — O revº padre Vigário ..... (nada paga)
58 — O revº pe. Alexandre Freire de Carvalho ... (nada paga)
59 — O revº pe. Manuel Machado ..... (nada paga)
60 — João Domingos de Carvalho e negros ..... 14”
61 — O cap. Antônio Fernandes de Brito e negros ..... 18”
62 — João de Sousa, que mora por detrás do morro do cap. Francisco da Costa de Oliveira, e negros ..... 22”
63 — Miguel Cardoso e negros ..... 36”
64 — Pedro Nunes, preto fôrro, olaria e venda ..... 18”

65 — Caetano de Castro e negros ..... 8"
66 — O alferes Antº de Miranda, pelo que lançou com seus negros .... 36"
67 — Manuel Gonçalves de Medeiros, venda e negros ..... 20"
68 — O mestre de campo Ventura Ferreira Vivaz ..... 36"
69 — Ventura Rodrigues Graça, loja e negros ..... 18"
70 — O cap. Belchior Nogueira ..... 14"
71 — Antônio Mendes ..... 12"
72 — Mel. Montº Crespo( ourives) ..... 23"
73 — Mel. Gonçalves. açougue e negros ..... 10"
74 — João de Sam Payo, venda ..... 8"
75 — Elias da Fonseca, sapateiro ..... 5"
76 — Jm. da Fonseca, venda e negros ..... 12"
77 — João da Silva Mariz, loja ..... 8"
78 — Bonifácio da Silva, negros ..... 18"
79 — Rodrigo da Rocha, loja ..... 5"
80 — Francisco dos Santos, negros ..... 45"
81 — Manuel dos Santos, negros ..... 24"
82 — Dionísio Gonçalves e camarada ..... 12"
83 — João Jorge, loja ..... 9"
84 — Antônio de Almeida, loja e negros ..... 10"
85 — Ignácio Dias, loja e negros ..... 20"
86 — Antônio Góis, barbeiro ..... 2"
87 — Mel. Ferreira e camarada, carpinteiro e negros ..... 26"
88 — Francisco de Almeida Brito, negros ..... 18"
89 — O cap.-mor Henrique Lopes, pelas duas lavras e negros ..... 138"
90 — Daniel da Gaia, espadeiro e negros ..... 12"
91 — Cosme Barbosa, gado ..... 12"
92 — Manuel Batista e seu camarada, sapateiros ..... 18"
93 — Vitoriano da Silva, venda e negros ..... 12"
94 — Pedro Ribeiro, negros ..... 12"
95 — Lucas de Sousa Ribeiro, venda e negros ..... 18"
96 — Antônio Gomes de Abreu, loja e negros ..... 14"
97 — Manuel de Oliveira Azevedo, loja e negros ..... 14"
98 — Manuel da Cruz, ferreiro ..... 16"
99 — José de Menezes, venda e negros ..... 23"
100 — Antônio Nunes e negros ..... 18"
101 — Martinho Teixeira Botelho, loja ..... 7"
102 — Gabriel da Silva, venda e negros ..... 30"
103 — Manuel Gonçalves, prêto, alfaiate, venda e negros ..... 32"
104 — Gonçalo Álvares, loja ..... 7"
105 — Manuel Luís, loja e negros ..... 12"

106 — Manuel Roiz Barbosa ..... 7”
107 — Ana da Silveira, venda ..... 5”
108 — Alexandre Nunes, loja ..... 12”
109 — Manuel Lopes, loja e negros ..... 12”
110 — Jacinto dos Santos, loja e negros ..... 14”
111 — João Fernandes Lima ..... 10”
112 — José Roiz de Sam Paio, loja e negros ..... 12”
113 — Pedro Vaz ..... 9”
114 — Domingos Rodrigues, venda ..... 7”
115 — Manuel Rabelo, venda ..... 57”
116 — Duarte Ferreira ..... 13”
117 — Mel. de Sousa Freitas ..... 7”
118 — O licenciado José Ribeiro, cirurgião ..... 18”
119 — O cap. Domingos João dos Santos, negros ..... 20”
120 — Manuel Carvalho, venda ..... 5”
121 — O Revº Padre Francisco Peixoto (nada)
122 — João de Sousa Santos ..... 14”
123 — O revº pe. Luís Mendes de Andrade (nada)
124 — Pedro Pereira, venda e negros ..... 9”
125 — Manuel Teixeira, negros ..... 9”
126 — João da Silva, venda e negros ..... 7”
127 — Cap. Manuel Martins Carneiro, negros ..... 57”
128 — Francisco de Novilher ..... 2”
129 — Mel. Ribeiro, Meirinho ..... 5”
130 — Francisco de Sousa, Meirinho ..... 5”
131 — Tomás Soares, escrivão ..... 5”
132 — Francisco Barbosa, venda e negros ..... 18”
133 — Licenciado João Antunes e negros ..... 18”
134 — Miguel de Andrade Ferreira, escrivão da Câmara e seu negro .. 8”
135 — O cap. Francisco da Silva Neto e negros ..... 10”
136 — O cap.-mór Marcos da Costa da Fonseca Castelo Branco ..... 24”
137 — O dr. Agostinho Guido e negros ..... 14”
138 — José Severino Ruas, pelo seu ofício e outro que tem ..... 36”
139 — Gabriel Pereira, sapateiro ..... 8”
140 — Gregório de Macêdo ..... 9”
141 — João Lopes de Aragão, loja ..... 6”
142 — José Mendes e negros ..... 8”
143 — Domingos Lopes Chaves ..... 12”
144 — João Gomes, ferreiro ..... 14”
145 — Dorina Leonor ..... 8”

MORRO

146 — Manuel de Sousa Cerqueira e negros ..... 80”
147 — Francisco da Silva, prêto fôrro, casado ..... 7”
148 — Sebastião, prêto fôrro, casado ..... 5”
149 — Manuel de Lemos e negros ..... 14”
150 — Antonio Leão e negros ..... 23”
151 — Teotônio de Guimarães de Brito e negros ..... 9”
152 — Pascoal Marques, ourives e negros ..... 36”
153 — Domingos Francisco de Oliveira e negros ..... 46”
154 — Manuel Alves de Oliveira e negros ..... 16”
155 — O Mestre de Campo *Pascoal da Silva Guimarães* pelo que lucra com seus negros ..... 90”
156 — José dos Santos, prêto fôrro ..... 9”
157 — Bastião, prêto fôrro ..... 9”
158 — Antonio Ferreira ..... 18”
159 — O ajudante Joaquim de Medeiros e negros ..... 18”
160 — Domingos Fernandes Moreira e negros ..... 23”
161 — Francisco de Távora ..... 5”
162 — Manuel Ribeiro Pinto e negros ..... 18”
163 — O cap. Antônio Ramos dos Reis e negros ..... 73”
164 — Lucas Fernandes Guimarães, ferreiro ..... 12”
165 — Aleixo Ferreira Chaves, ferreiro ..... 4”
166 — Félix Rodrigues Mendes, seleiro ..... 7”
167 — O dr. Ernesto Humberto, lucros e negros ..... 93”
168 — O sargento-mór Arcângelo da Silva Vieira, negros e outro que tem 91”

OURO BUENO

169 — O cap. Francisco Peixoto Pinto, escravos ..... 50”
170 — O cap. Antônio Martins Lessa, negros ..... 144”
171 — Manuel dos Reis, ourives e negros ..... 14”
172 — José da Costa, pardo fôrro, ofº de alfaiate ..... 12”
173 — Francisco Gomes, pardo fôrro, alfaiate ..... 16”
174 — José Rodrigues Coutinho, ferreiro e negros ..... 12”
175 — Francisco Ribeiro, alfaiate ..... 9”
176 — Antônio Moreira ..... 7”
177 — João Teixeira de Sousa e seu irmão ..... (?)
178 — Antônio Teixeira e negros ..... 46”
179 — Domingos Gonçalves da Silva ..... 23”
180 — O revº pe. Luís Barbosa de Araujo (nada)

180a — O alferes Manoel de Sá, negros ..... 18”
181 — Antônio Álvares, venda e negros ..... 18”
182 — Salvador Gonçalves e camarada ..... 12”
183 — Diogo Nunes, carpinteiro ..... 7”
184 — Josefa dos Anjos, parda ..... 9”
185 — Manuel Nunes, venda ..... 16”
186 — José Borges, alfaiate e loja ..... 34”
187 — O licenciado João de Araujo Silva ..... 4”
188 — Joana, parda ..... 12”
189 — João de Sam Payo e negros ..... 9”
190 — João de Almeida Velho, venda ..... 9”
191 — O cap. João da Cruz Silva, venda ..... 34”
192 — Antônio dos Reis, prêto fôrro, venda ..... 12”
193 — Ignácio Gonçalves, sapateiro ..... 12”
194 — Custódio Nunes, boiadeiro ..... 12”
195 — Antônio da Silva, idem ..... 9”
196 — Isabel, prêta fôrra ..... 5”
197 — Domingos da Rocha, prêto fôrro, carpinteiro ..... 9”
198 — Andreza, prêta fôrra, venda ..... 7”
199 — Jorge, prêto fôrro, gado ..... 5”
200 — Francisco Madruga, ferrador ..... 7”
201 — *Felipe dos Santos* ..... 7”
202 — Francisco Nogueira, venda ..... 5”
203 — Manuel de Miranda ..... 12”
204 — Escolástica, prêta fôrra ..... 5”
205 — Manuel de Sousa, venda ..... 9”
206 — João Garcia, venda ..... 18”
207 — Domingos da Silva, alfaiate ..... 20”
208 — João Cordeiro, loja e negros ..... 30”
209 — O ajudante Manuel Gomes Maciel e negros ..... 14”
210 — João Álvares e negros ..... 14”
211 — Miguel de Oliveira e negros ..... 12”
212 — Miguel de Barros ..... 9”
213 — Bartolomeu da Costa e negros ..... 41”
214 — Antônio de Araujo, venda ..... 16”
215 — Antônio Fernandes de Abreu, venda e negros ..... 18”
216 — Gaspar de Godoi Ribeiro ..... 57”
217 — O cap. Pedro de Morais da Cunha ..... 23”
218 — Salvador Pires e negros ..... 7”
219 — Gaspar Pires e negros ..... 7”
220 — Paulo Fernandes, prêto fôrro ..... 7”

221 — Domingos Dias, escravos ..... 7"
222 — Apolinário Carvalho ..... 5"
223 — Antônio de Queiroz, venda ..... 7"

BOM SUCESSO

224 — Cel. Sebastião Carvalho e negros ..... 45"
225 — André Pires, lavras e negros ..... 79"
226 — João Francisco e camarada ..... 12"
227 — João de Barros Rêgo e camarada ..... 75"
228 — Virgolino Álvares e negros ..... 12"
229 — Matias da Costa ..... 3"
230 — Bruno Álvares ..... 3"
231 — Francisco Leite, venda ..... 23"
232 — Domingos de Oliveira e negros ..... 39"
233 — Domingos Rodrigues ..... 3"
234 — Manuel de Almeida ..... 3"
235 — Seu camarada ..... 14"

PADRE FARIA E CÓRREGO

236 — Domingos Gonçalves e escravos ..... 25"
237 — Antônio Gonçalves e negros ..... 34"
238 — Domingos Francisco ..... 50"
239 — Dionísio de Sousa, casado, venda ..... 14"
240 — José Teixeira e camaradas ..... 13"
241 — Manuel Gomes e camarada, venda e negros ..... 30"
242 — José Fernandes de Souza e negros ..... 18"
243 — Antônio Simões e escravos ..... 20"
244 — João Guarez ..... 37"
245 — Gonçalo Pereira e escravos ..... 23"
246 — José de Sousa e escravos ..... 9"
247 — Francisco Nunes e escravos ..... 24"
248 — Domingos da Cruz e escravos ..... 16"
249 — André Pais e escravos ..... 16"
250 — Antônio Dias e escravos ..... 30"
251 — Manuel da Cruz e escravos ..... 29"
252 — João Rodrigues, venda e negros ..... 14"
253 — José Ferreira Canaiz ..... 3"
254 — João Álvares e negros ..... 36"
255 — Manuel de Barros e negros ..... 18"

256 — Manuel Pereira e negros ..... 5”
257 — Francisco de Matos ..... 2”
258 — Leandro Moreira ..... 7”
259 — Antônio Gomes e seu irmão Francisco Gomes ..... 9”
260 — Luís Francisco e escravos ..... 10”
261 — João Pires e negros ..... 50”
262 — José Mendes ..... 7”
263 — Jorge Vieira e negros ..... 32”
264 — Luís Vieira e camarada ..... 20”
265 — O padre João Roiz ..... (?)
266 — Francisco Antunes e escravos ..... 14”
267 — João Monteiro e negros ..... 14”
268 — Um sobrinho do dito ..... 2”
269 — Domingos da Rocha e negros ..... 52”
270 — João da Silva e seu irmão e negros ..... 68”
271 — Pedro Martins ..... 18”
272 — Antônio da Silva, roça e negros ..... 25”
273 — Bartolomeu Álvares e negros ..... 25”
274 — Rafael Vaz da Silva e negros ..... 47”
275 — Cap. Luís de Almeida ..... 7”

## FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR

276 — João Francisco, venda ..... 12”
277 — José Pimenta, ferreiro ..... 5”
278 — O cap. dos pretos fôrros, Gaspar Dias. venda e negros ..... 25”
279 — Antônio Lopes Cardoso e negros ..... 16”
280 — O rev.º Padre Vicente de Sousa (nada) .....
281 — João Gonçalves e escravos ..... 23”
282 — Francisco Barreto ..... 9”
283 — Inácio Cardoso, gado e negros ..... 12”
284 — Antônio Fernandes, serrador e escravos ..... 19”
285 — Domingos Lopes, carpinteiro ..... 7”
286 — João Ribeiro e camaradas ..... 11”
287 — Alferes Domingos de Abreu Lisboa e negros ..... 43”
288 — Paulo Roiz, venda ..... 9”
289 — Bento Martins Monzedo ..... 27”
290 — Antônio de Sousa Crespo ..... 5”
291 — Mel. Tavares Pereira, escravos ..... 43”
292 — Domingos Rodrigues, sapateiro ..... 12”
293 — João Rodrigues dos Santos, violeiro ..... 14”

294 — Manuel Antunes, sapateiro ..... 12"
295 — Lourenço Francisco, loja e escravos ..... 23"
296 — Antônio Penedo e escravos ..... 16"
297 — Pedro de Barros, faiscador e negros ..... 57"
298 — Antônio Francisco ..... 5"
299 — Pedro Fernandes, loja ..... 14"
300 — Antônio de Pontes Ferreira e negros ..... 9"
301 — Cap. Antônio Pinto de Queiroz ..... (?)
302 — Pascoal de Almeida, gado e negros ..... 14"
303 — Estêvão da Cunha e camarada, gado ..... 7"
304 — Francisco Viana, loja ..... 30"
305 — Isabel Teixeira, prêta fôrra, venda ..... 7"
306 — Alferes Jorge de Macedo, loja e negros ..... 78"
307 — Matias Barbosa ..... 70"
308 — João de Sousa, em casa do dito ..... 14"
309 — Antônio da Costa Maciel, sapateiro ..... 18"
310 — Pedro Álvares Rosito, venda ..... 19"
311 — João Ferreira, ferreiro ..... 18"
312 — Manuel Lopes, corte de gado ..... 22"
313 — Cap. João Ferreira, loja ..... 80"
314 — José Roiz Leal ..... 5"
315 — Antônio Correia Adô, boticário e negros ..... 31"
316 — Lourenço da Silva, espadeiro ..... 10"
317 — Manuel Gonçalves, alfaiate e negros ..... 12"
318 — Manuel da Guerra, ourives ..... 6"
319 — João Álvares, loja ..... 90"
320 — Manuel de Freitas e camarada ..... 32"
321 — João de Barros Corrêia e escravos ..... 16"
322 — Roque Pereira, loja ..... 10"
323 — João Pires Loureiro, venda ..... 8"
324 — Alexandre Pinto, ourives ..... 10"
325 — Clemente Afonso Dourado, loja ..... 14"
326 — Antônio Sarmento, loja ..... 10"
327 — Antônio Dias da Cunha, loja ..... 20"
328 — Manuel Gonçalves, sapateiro ..... 7"
329 — Pantaleão das Neves, loja ..... 14"
330 — Cap. Bento Cabral de Sá, venda ..... 14"
331 — Pedro Pinto e negros ..... 18"
332 — André Pinto, venda ..... 5"
333 — Manoel Vaz, venda ..... 5"

334 — Antônio Álvares, meirinho da igreja ..... 7"
335 — Simão Teixeira, escrivão do dito ..... 5"
336 — Manuel Corrêa, venda ..... 14"
337 — Alferes José Pires Viana, loja ..... 28"
338 — Manuel Roiz Ramos, loja ..... 16"
339 — Alferes José da Silva, loja ..... 14"
340 — Licenciado Manuel Mendes, cirurgião ..... 18"
341 — André Duarte, lavras ..... 12"
342 — Manuel de Sales Ribeiro, loja ..... 19"
343 — Antônio de Brito, ferreiro ..... 14"
344 — Nicolau de Barros, engenho de farinha ..... 16"
345 — O Pe. Luís A. (nada) .....
346 — Nicolau de Freitas, loja ..... 14"
347 — Ventura Coelho, loja ..... 14"
348 — Manuel da Silva Castro, loja ..... 16"
349 — Cap. Manuel Vicente, tabelião ..... 9"
350 — Bartolomeu Moreira e camarada ..... 18"
351 — João da Costa, loja e negros ..... 17"
352 — Manuel Rodrigues Ramos, alfaiate ..... 10"
353 — José de Abreu Fialho, loja ..... 14"
354 — Ventura Roiz Velho, loja e negros ..... 48"
355 — José de Oliveira, sapateiro ..... 7"
356 — Jerônimo da Silva, loja ..... 14"
357 — André Ferreira, alfaiate ..... 5"
358 — André Ramalho, loja ..... 14"
359 — Francisco Pereira de Brito, loja ..... 12"
360 — Antônio Lobato, loja ..... 5"
361 — José Duarte, alfaiate ..... 14"
362 — Domingos Gonçalves Fontes, loja e negros ..... 12"
363 — Bernardo Corrêia, negócio e negros ..... 23"
364 — João Veloso de Carvalho, loja e negros ..... 100"
365 — Manuel Fernandes Pereira, lavras e negros ..... 18"
366 — João Francisco, sapateiro ..... 10"
367 — Licenciado José de Sá e camarada ..... 9"
368 — Cap. Jorge da Fonseca, olaria ..... 12"
369 — Dr. Antônio de Freitas, escravos ..... 18"
370 — Manuel Francisco, pardo ..... 7"
371 — José Gonçalves Trimez, negocio ..... 7"
372 — Domingos de Carvalho, loja ..... 50"
373 — José Lopes, loja ..... 14"

374 — Nicolau Henriques Ribeiro, sapateiro ..... 14"
375 — Vicêncio Lopes, pardo, escravos ..... 12"
376 — Manuel Gomes da Cruz, ofício e escravos ..... 14"
377 — Tomé Ferreira da Cruz, loja ..... 21"
378 — André Pereira, loja ..... 7"
379 — Manuel Gonçalves Bessa e 3 camaradas carpinteiros ..... 46"
380 — Francisco Gomes, carpinteiro ..... 14"
381 — Licenciado João Coelho, escravos ..... 5"
382 — Manuel Ribeiro, escravos ..... 23"
383 — João Teixeira e camarada, loja ..... 20"
384 — Lazário de Carvalho ..... 10"
385 — Pascoal e sua mulher, pretos forros, venda ..... 10"
386 — Dr. Antônio Monteiro e escravos ..... 14"
387 — Silvestre Machado, *pintor* ..... 10"
388 — Manuel dos Santos Larez, tesoureiro dos defuntos e ausentes .. 45"
389 — José Rodrigues, sapateiro ..... 30"
390 — Lourenço Nogueira, negócio e negros ..... 14"
391 — Francisco Dias, segurado, negócio ..... (?)

FAZENDA DO LANA

392 — O mestre de campo Manuel da Silva Rosa, roça e camarada ... 36"
393 — Antônio Neto, roça e escravos ..... 14"
394 — Manuel Freire, roça e escravos ..... 14"
395 — Gaspar de Carvalho, roça e escravos ..... 9"
396 — Domingos Martins, roça ..... 7"
397 — Daniel Borges, venda ..... (?)
398 — Manuel da Silva, roça ..... 12"
399 — Miguel Barbosa, roça ..... 12"
400 — João Fernandes, roça ..... 9"
401 — João Francisco, roça e escravos ..... 14"
402 — Antônio da Silva Brito, roça e escravos ..... 9"
403 — Domingos Fernandes, roça e negros ..... 9"
404 — Manuel Fernandes, roça ..... 4"
405 — Simão Lopes, roça e escravos ..... 12"
406 — Cap. Domingos de Araujo Dantas, venda ..... 71"
407 — Paulo Gonçalves, roça ..... 27"
408 — João Corrêa, roça e negros ..... 18"
409 — Lázaro Pacheco, negros ..... 10"
410 — Antônio de Azevedo, roça ..... 14"

411 — Padre Antônio de Almeida ..... (?)
412 — José Ferreira Canaiz, roça ..... 36"
413 — Antônio Velho, roça ..... 5"
414 — Paulo Duarte Coelho ..... (?)
415 — Francisco Fernandes, roça ..... 18"
416 — O Padre José de Figueiredo, roça ..... 14"
417 — Camarada do dito ..... 2"
418 — Cap. Antônio Fernandes, roça ..... 12"
419 — Antônio da Silva, roça ..... 27"
420 — João Cardoso Moreira, roça ..... 14"
421 — Manuel Ferreira, roça ..... 9"
422 — José Roiz, roça ..... 23"
423 — João Pinto, roça ..... 9"
424 — Cap. de cavalos Leonel da Gama, roça ..... 4"
425 — Gonçalo Roiz, roça ..... 19"
426 — José da Fonseca, roça ..... 18"
427 — Cap. Paulo Borges, roça ..... 9"
428 — Lourenço Pereira, roça ..... 9"
429 — José da Costa Freitas, roça ..... 36"
430 — Tenente-general Félix de Gusmão, roça ..... 30"
431 — Inácio Roiz ..... 10"
432 — Felipe da Rosa, negros ..... 18"

## CAPÃO DO FORNO

433 — João Monteiro Santiago, roça e negros ..... 56"
434 — Manuel Gonçalves, negros ..... 6"
435 — Francisco Rodrigues, roça ..... 4"
436 — Teotônio da Silva Cabral, roça e negros ..... 15"
437 — João Rodrigues Pestana, roça ..... 10"
438 — Daniel Borges de Azevedo, roça e negros ..... 24"
439 — Licenciado Antônio Lopes, roça e negros ..... 20"
440 — Domingós Francisco, roça e negros ..... 20"
441 — Domingos Ferreira e Manuel Marques, roça e escravos ..... 20"
442 — Paulo de Barros, roça ..... 20"
443 — Manuel Vieira de Brito, roça ..... 15"
444 — Francisco Pacheco, roça ..... 4"
445 — Antonio Barbosa de Amorim, roça ..... 8"
446 — Manuel de Sousa Barreto, roça ..... 20"
447 — José da Silva Antunes, roça ..... 12"

448 — Belchior Carvalho, roça ..... 8"
449 — Francisco da Rocha, roça ..... 17"
450 — Um sítio do cap. Domingos de Araujo ..... (?)
451 — Um sítio de Francisco da Silva Machado, na Itatiaia ..... 10"

OURO PODRE

452 — Manuel Pinheiro, lavra e negros ..... 29"
453 — João da Costa Lima, venda ..... 9"
454 — Manuel Lourenço, venda ..... 16"
455 — Antônio Monteiro, venda ..... 18"
456 — Jorge Roiz Feio ..... 3"
457 — Domingos da Costa ..... 16"
458 — Luís Fernandes de Araujo ..... 23"
459 — Antônio Rabelo, venda ..... 16"
460 — Antônio Frutuoso, venda ..... 7"
461 — João Vieira de Brito, venda ..... 14"
462 — Braz Rodrigues Soares ..... 7"
463 — Antônio Roiz, carpinteiro ..... 5"
464 — João Teixeira Monteiro, alfaiate ..... 20"
465 — João Roiz da Silva, lavras ..... 27"
466 — Manuel Gonçalves Braga, venda ..... 14"
467 — Antônio Ribeiro, pardo fôrro ..... 14"
468 — José Henriques, sapateiro ..... 22"
469 — Antônio da Silva, venda ..... 16"
470 — José Antunes, lavras ..... 16"

II

Aos arrolamentos de 1712 e 1715 referidos, seguiu-se um outro, de 1724, que consta do Códice n.º 262 do atual arquivo da Prefeitura de Ouro Prêto, com alterações já sensíveis, com a indicação de ruas em boa ordem, porém, sem localização das casas nem confrontações. Declaram os assentos, de um modo geral, apenas isto: "Fulano de tal obteve tantas braças, pagando de foro tantas oitavas". Por não interessar, em razão disso, ao presente estudo, deixamos de parte êsse arrolamento.

## III

A êsse, seguiu-se outro aforamento de 1737, que constitui, a bem dizer, o primeiro tombamento da Vila, feito depois de regularizada a Sesmaria da Câmara.

Consta êsse trabalho do códice n.º 38 do Arquivo Publico Mineiro, Seção Colonial, C. M. O. P., pág. 21 e seguintes, após o termo de Sesmaria da vila.

Dêle extraimos as notas seguinte:

### RUA E ENTRADA DO PASSA-DEZ, ATÉ O ROSARIO

Casas de Sebastião Rodrigues, mestre ferreiro; as quais partem do lado do Passa-Dez com terras devolutas; do norte com a via pública e do nascente com casas de Felipa Ribeiro, prêta fôrra.

Casas de Felipa Ribeiro, prêta fôrra, que partem do poente com casas de Sebastião Rodrigues, ao nascente com o beco deixado para a expedição das águas.

Casas de Antônio Afonso, que partem ao poente com o beco que medeia entre as ditas casas e outras de Felipa Ribeiro, e fazem frente para o norte com a rua pública.

Casas de Francisco Mexia Migueis, que partem ao poente com Antônio Afonso, ao nascente com quintais de Patrício de Sá, ao norte com a rua pública.

Casas de Patrício de Sá, no Alto do Passa-Dez.

Casas e chãos de Antônio da Silva, ao poente com Patrício de Sá, ao nascente com chãos devolutos.

Casas de Ana Gomes, prêta fôrra, ao nascente com chãos devolutos e o caminho que vem da Olaria, ao poente com chãos devolutos.

Casas e chãos de Valentim Pereira Rumão, mestre ferreiro, que partem ao nascente com o caminho que vai para a Olaria e ao poente com João Rodrigues de Oliveira.

Casas de João Rodrigues de Oliveira mestre ferrador.

Casas de Antonio Dias Soares.

Casas e chãos de Félix Mendes.

Casas de João Corrêia dos Santos, que partem ao nascente com o beco e casas de Pedro Álvares da Silva ao poente com casas de Félix Mendes.
Casas de Pedro Álvares da Silva.
Casas de Jacinto Ferreira.
Casas de Manuel Esteves.
Casas de Antônio Guedes de São Paio.
Chácara de Francisco Xavier Vieira.
Casas de Manuel de Távora.
Casas de Antônio Gomes Cardoso.
Casas de Antônio Lopes de Carvalho.
Casas de Manuel Ferreira.
Casas de Manuel Rodrigues da Costa, na rua do Passa-Dez, que partem ao nascente com o córrego do Caquende e ao poente com casas de Manuel Ferreira.
Chãos de Antônio dos Santos Lisboa.
Casas e chãos de Antônio Lopes Carvalho.
Casas e quintal de Francisco Alves.
Casas de Antônio Ramos, prêto fôrro, que partem ao nascente com chãos devolutos e ao poente também com chãos devolutos.
Casas de Manuel Francisco de Oliveira.
Casas de Manuel de Távora.
Casas de João Peixoto.
Casas de Antônio Lopes de Carvalho.
Casas de João Francisco Vaz.

Pág. 54 V.:

DO CAQUENDE PARA A RUA DO ROSÁRIO PELA PARTE DO MORRO, ATÉ O CORREGO, DEFRONTE DE JOSÉ DE SÃO BOA VENTURA

Casas de Antônio da Câmara Quental, ao nascente com João da Silva Guimarães e ao poente com terras do Rosário.
Casas de João da Silva Guimarães.
Casas de Francisca de Matos Lobo, prêta fôrra.
Casas de Antônio Correia, prêto fôrro.
Casas de Antônio Ramos da Cruz, ao nascente com uma barranceira, ao poente com a Igreja do Rosário.
Casas e chãos de André João, ao nascente com D. Maria Pereira de Sousa, ao poente com o barranco e chãos do mesmo André.

Pág. 60 V.:

DO CAQUENDE PARA A RUA DO ROSÁRIO PELA PARTE DO CÓRREGO, ATÉ DEFRONTE DAS CASAS DE JOSÉ DE SÃO BOA VENTURA

Casas de Domingos Esteves, ao nascente com Francisco Lopes, ao poente com o córrego do Caquende.
Casas de Francisco Lopes de Carvalho.
Casas de Manuel Pacheco Ribeiro.
Casas de João Peixoto.
Casas de André Álvares de Azevedo.
Casas de João Pereira de Sá.
Casas de Francisco Rodrigues Barros.
Casas de João Fragoso dos Santos.
Casas de Bento da Rocha Corrêia.
Casas de Inácio Pereira do Amaral.
Casas de Carlos José da Silva.
Casas de Padre Alexandre Jorge Botelho, ao nascente com o beco que vai para o córrego de Ouro Preto, ao poente com casas de Manuel Pinto Ferreira.
Casas de mesmo, ao nascente com casas do padre Manuel Machado Dutra, ao poente com o beco que fica entre as casas de Antônio da Costa.
Casas de Jerônima da Silva, mulher parda.
Casas de Manuel Francisco, mestre sapateiro.
Casas de Henrique Ribeiro.
Casas de Domingos Pereira.
Casas de Ventura Marques.
Casas de Henrique Ribeiro.
Casas de Luisa Maria da Conceição.
Casas de Francisco Barbosa, prêto fôrro.

Pág. 81 V.:

RUA DO ARRAIAL DOS PAULISTAS DE OURO PRETO, DA PARTE DO CÓRREGO SÊCO

Casas de Francisco Xavier Vieira, ao nascente com casa do mesmo, ao poente com uma travessa que vai para o córrego.
Casas de João Lopes Viçoso.
Casas de Francisco Xavier Vieira.
Chãos do licenciado Antônio Labidrone.
Casas de Manuel Gonçalves, mestre sapateiro.

Pág. 86 V.:

RUA DE BAIXO DO OURO PRETO

Casas de Antônio de Noronha da Câmara.
Casas de Manuel Mateus Tinoco.
Casas de Manuel Ferreira de Macedo.

Pág. 89 V.:

TRAVESSA DO TEIXEIRA DO CANTO DA RUA DE BAIXO DE OURO PRETO

Casas de Bento Antônio Colaço.

Pág. 90 V.:

RUA NOVA DO SACRAMENTO, PELA PARTE DE SÃO JOSÉ

Chãos de Antônio Ramos da Cruz, ao sul com o quintal do mesmo, ao norte com chãos do Rosário.
Casas de José Martins Maia, ao nascente com chãos do Rosário.
Casas e chãos de Antônio Moreira, ao nascente com chãos do Rosário.
Casas de Antônio Gomes Loureiro.
Casas de Antônio Pinto.
Casas de Manuel da Mota Agrela.
Casas de João da Cruz Mota.

Pág. 97 V.:

RUA NOVA DO SACRAMENTO PELA PARTE' DO CÓRREGO

Casas e chãos de Manuel Carvalho Pinto.
Casas de André João.
Casas de Alberto Gomes, ao nascente com um beco que vai para o córrego, ao poente com André João.
Casas de Manuel da Mota Agrela, ao nascente com chãos de Caetano Fernandes, ao poente com um beco que vai para o córrego.
Casas e chãos de Ventura Marques.
Casas e chãos de José Gonçalves.
Casas e chãos de João da Graça.
Casas de Caetano Fernandes.

Casas de Manuel Carvalho da Cruz.
Casas de João Gonçalves.

Pág. 108 V.:

RUA DIREITA DE CIMA DO ROSÁRIO PARA A PONTE DE OURO PRETO PELA BANDA DE BAIXO

Casas do tenente Manuel Martins Viana.
Casas do mestre de campo Antônio Ramos dos Reis.
Chãos de Henrique Ribeiro, ao nascente com um beco ao pé das casas do padre Manoel Lopes, ao poente com casas de Antônio Ramos dos Reis.
Casas de Francisco Coelho da Silva, cabo de esquadra.
Casas de Manuel Pinto Ferreira.
Casas de Antônio Francisco da Silva.
Casas de Gregório de Matos Lobo.
Casas de João Pereira da Silva.
Casas de Domingos Machado.
Casas do mesmo, ao nascente com a rua que vai para o córrego, ao poente com o mesmo Domingos.
Casas de Gregório de Matos Lobo, ao nascente com a rua Direita, ao poente com as casas caídas de Antônio da Silva Pôrto.
Casas de João de Siqueira Lima, que partem do nascente com Domingos da Silva Neves e do poente com a travessa do Teixeira.
Casas de Antônio Gomes de Sousa, que partem do nascente com a rua que vai para o córrego de trás da Igreja e do poente com a Igreja do Ouro Preto.
Casas de Manuel Fernandes Casal de Ouro (sic).
Chãos do capitão-mór José de São Boaventura Vieira.

Pág. 123 V.:

RUA DIREITA DE CIMA DO ROSÁRIO PARA A PONTE DE OURO PRETO PELA PARTE DE CIMA

Chãos do reverendo padre Miguel Moreira da Silva, ao nascente com um beco que vai para a rua Nova do Sacramento, ao poente com João Ferreira da Costa.
Casas de Sebastião Martins.
Casas de Bernardo Ribeiro de Carvalho.
Casas de Teresa de Jesus, prêta fôrra.
Casas de Sebastião Martins.

Casas de Licenciado Antônio de Souza Lobo.
Casas de Manuel Rabelo Borralho que foi preso e mandado para Portugal por culpa de moeda falsa.
Chãos de Antônio de Meireles Rabelo.
Casas de Micaela de Matos, prêta fôrra.
Casas de Antônio da Silva Pôrto.
Casas de Domingos da Costa Guimarães.
Casas de Silvestre da Silva Araújo.
Casas de Antônio Fernandes Guimarães.
Casas de Manuel Pires de Carvalho, ao nascente com a travessa de São José e do poente com Antônio Fernandes Guimarães.
Casas de Domingos Francisco do Couto, ao nascente com Manoel Cardoso Pinto, ao poente com a travessa que vai para São José.
Casas de Constantino da Mota Silva.
Casas de Luís Pires Lopes.
Casas de Manuel Teixeira de Matos.
Casas de ajudante Pedro Gomes Lima.
Casas de Manuel José dos Santos.
Casas de Manuel da Costa Gontijo.
Casas de Domingos de Carvalho, ao nascente com o córrego do Ouro Preto, ao poente com Manuel da Costa Gontijo.

Pág. 145 V.:

TRAVESSA DE SÃO JOSÉ DA PARTE DO NASCENTE

Casas de Manuel Pires de Carvalho, ao norte com Domingos Lourenço Sampaio, ao Sul com um beco.
Casas de Domingos Lourenço Sampaio.
Casas de Manuel Pires de Carvalho.
Casas de Quitério de Matos.
Casas de Manuel da Costa Coelho.
Casas de Diogo Vaz de Freitas.
Casas de Domingos Fernandes Souto.
Casas de Manuel Dias Teixeira.
Casas de Manuel Pires de Carvalho.
Casas de Domingos Fernandes Souto.
Casas de José Pinto.
Casas de João da Graça.
Casas de João Marques de Oliveira.

Casas de Lourenço Pires Ramalho.
Casas de Romana Teresa, ao norte com o caminho Novo, ao Sul com Lourenço Pires Ramalho.

Pág. 160 V.:

## LADEIRA DE OURO-PRETO, DA PONTE ATÉ A CASA DA CÂMARA, PELA PARTE DO SUL

(Assento do livro primeiro, e fls. 56, dos chãos que foram de Pedro da Fonseca Neves e hoje são de João Fernandes de Oliveira e do defunto reverendo vigário de Ouro Preto, Francisco da Silva e Almeida)

Casas de João Fernandes de Oliveira, que partem do poente com o córrego de Ouro Preto, ao nascente com o defunto reverendo vigário Francisco da Silva e Almeida.
Casas de José Lopes Ribeiro (que foram de João Francisco), que partem ao poente com um beco, ao nascente com a casa de João Francisco.
Casas de João Francisco.
Casas de Manuel de Sousa Portugal, na rua Nova que vai do Ouro Prêto para a Casa da câmara e partem da banda de baixo com Manuel Gomes e de cima com o rancho de Álvaro Henriques e os fundos que lhe pertencem, que partem com a rua Velha.
Casas de Domingos João Ferreira.
Casas de o mesmo.
Casas de o mesmo, no bairro de Ouro Prêto da rua Nova da Casa da Câmara; que partem com Francisco Gomes pela banda de cima e pela de baixo com Tomé João.
Casas de o mesmo, que partem ao nascente com um beco, ao poente com o mesmo.
Casas de José da Silva Terra, ao poente com um beco, ao nascente com Gonçalo Brandão.
Casas de Joana Peregrina, no bairro de Ouro Preto, na rua Nova que vai para a casa da Câmara; da banda de baixo com o rancho de Francisco Gomes.
Casas de Francisco Pereira da Silva.
Casas de Joana Peregrina.
Casas de Antônia Pimenta no caminho Novo que vai do Ouro Preto para Antônio Dias, no alto do morro da banda de cima e os fundos que lhe pertencem.
Casas de mesma, ao poente com outras da dita, e ao nascente com o Morro de Santa Quitéria.
Casas do coronel Manuel de Almeida Coutinho, ao poente com o Morro de Santa Quitéria, ao nascente com terras do mesmo.

Casas do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas de Jerônimo Pereira de Andrade (defunto).
Casas de Manuel Antônio, mestre sapateiro, no caminho Novo que vai do Ouro Prêto para Antônio Dias, da parte direita fazendo frente ao Morro e partem com casas de Manuel Ribeiro.
Casas de Francisco Pereira da Silva, no Caminho Novo que vai para o pelourinho.
Casas de Antônio Leite de Almeida.
Casas de Manuel Ferreira.
Casas de Manuel Francisco.
Casas de Maria da Cruz, prêta fôrra.
Casas de Antônio de Faria Barros, ao poente com as de Maria da Cruz, ao nascente com as de Francisco da Silva Neto.
Casas de Luís Pita Loureiro.
Casas de Manuel Rodrigues de Oliveira.
Casas de Manuel Pinto Ferreira.
Casas de Pedro de Araujo Pereira.
Casas de Manuel de Andrade Dias.
Casas de José Lopes, mestre ferreiro.
Casas de Antônio Antunes de Araujo.
Casas de Francisco Vilas Boas.
Casas de Manuel Pereira, pardo fôrro.
Casas de Jerônimo da Silva, na rua Nova da Praça, de uma banda com o dr. Manuel da Costa Reis e da outra com chãos de Domingos Martins de Afonseca.
Casas do Capitão Lourenço Dias Rosa, na rua Nova da Praça, confrontando com Manuel de Siqueira e partem com chãos da mesma Praça.
Casas do mesmo.
Casas de José Pinto Monteiro, ao poente com o córrego do Ouro Preto e, ao nascente, com casas de João Rodrigues Lima.

Pág. 210:

## RUA DIREITA DA CASA DA CÂMARA PELA PARTE DO NORTE, QUE PRINCIPIA NA PONTE DE OURO PRETO [1]

Casas de José Pinto Monteiro, ao poente com o córrego de Ouro Preto, ao nascente com casas de João Rodrigues Lima.

---

1. É a ponte de pedra que fica no começo da atual ladeira do Pilar, perto da Matriz.

Casas de João Rodrigues Lima.
Casas de Manuel Nunes.
Casas de Francisco José Bandeira, no bairro de Ouro Prêto, por cima do córrego e subindo para Antônio Dias, por cima de um rancho que está sôbre o mesmo córrego, de Manoel do Couto, sapateiro, e de outro mais pequeno.
Casas de Clemente Fialho.
Casas de Alexandre Pinto de Miranda, na subida do morro que vai do Ouro Prêto para o pelourinho, junto de um rancho dêle foreiro.
Casas do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas de Tomás Dias, na rua Nova que vai do Ouro Prêto para casa da Câmara.
Casas do mesmo.
Casas de Pedro de Araújo Pereira.
Casas de Rodrigo Brum, ao poente com um beco, ao nascente com casas de Domingos Machado de Azevedo.
Casas de Domingos Machado de Azevedo.
Casas de Manuel da Mota.
Casas do mesmo.
Casas de José da Silva.
Casas de Custódio Corrêia Salazar.
Casas de Pedro de Araujo Ferreira.
Casas de Bento Peixoto Reis.
Casas de André João.
Casas de Manuel Borges de Brito, que foram de Domingos Corrêia, na rua da Câmara, indo para Ouro Prêto.
Casas de Lourenço Gonçalves.
Casas de Antônio da Costa Sintra.
Casas do mesmo, ao nascente, com um beco, ao poente, com outras do mesmo
Casas de João Teixeira de Moura, na rua Nova da Praça.
Casas de Francisco José Bandeira.
Casas de Marcos de Afonseca.
Casas do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas de André Alves Rainho, negro fôrro.
Casas de Gaspar Vicente.
Casas de Alferes Carlos José da Silva.
Casas de Manuel da Silva Peixoto.
Casas de Rodrigo de Brum.

Casas de Inácio Duarte.
Casas de João de Figueiredo Pereira, ao nascente com casas de Antônio Coelho de Barros, ao poente com um beco.
Casas de Antônio Coelho de Barros.
Casas de Antônio Martins Fagundes.
Casas de Bento da Silva Couto, pardo fôrro.
Casas de Pantaleão da Costa Dantas.
Casas do mesmo.
Casas de José Pereira.
Casas de Jerônimo dos Santos.
Casas de Jerônimo Dias Ferreira.
Casas de José Ribeiro Guimarães.
Casas de Lourenço Dias, roças que foram de João Veloso de Carvalho que pediu ao Senado 3 braças de chãos em terras devolutas para nelas fazer umas casas, as quais eram em o caminho novo que vai dêste Ouro Prêto para o pelourinho desta Vila, da parte do morro.
Casas de Antônio dos Santos.
Casas de Antônio Gomes Cardoso.
Casas de Manuel Nunes.
Casas de reverendo doutor Bartolomeu Gomes Pombo.
Cassa de Matias Barbosa, na rua Nova da Praça, que partem de um lado com Manuel Ferraz e de outro com José Martins.
Casas de Dr. Francisco Xavier Ramos.
Casas de Manuel José dos Santos Cordeiro.
Casas de Dr. João Corrêia de Macedo.
Casas de Manuel Vaz Fagundes.
Casas de Dr. José de Souto.
Casas de João Luís de Azevedo.
Casas de Tomé Ferreira da Cruz.
Casas de reverendo dr. Manuel Freire Batalha, que foram de Francisco Barreto Lima e constam do Livro I.º, fls. 53 e constam do termo seguinte: "Aos 18 dias do mês de Dezembro de 1714, nesta Vila Rica e nas Casas da Câmara, estando junto os oficiais dela, apareceu Francisco Barreto Lima com uma petição em que queria aforar 3 braças de terra que estão devolutas na Praça desta Vila que partem com as casas da Câmara fazendo esquina na rua Nova e aforou os ditos chãos por preço de oitava e meia em cada ano." (Segue-se o têrmo do reverendo Manoel Freire Batalha).

Pág. 274:

PRAÇA, PELA PARTE DO POENTE

Casas de Matias Borges, que foram de José Pereira e constam do Livro I.º, fls. 30: "Em 9 de Março de 1724, aforou ao Senado José Pereira dez braças de terra, a 5 oitavas. Nota ao lado. É a Santa Casa de Misericórdia desta Vila. André Alves Rainho."
Casas de André Teixeira.
Casas de Antônio da Silva Dias.
Casas de José da Cunha de Macedo, que partem ao norte com o hospital e ao sul com casas de Antônio da Silva Dias.

Pág. 279 V.:

RUA NOVA, PELA PARTE DO POENTE

Casas de Rosa, escrava de Gaspar Vilas Boas Jácome.
Casas de João Domingos da Veiga.
Casas de João Félix de Moura Teles.
Casas de Rosa Moreira, prêta fôrra.
Casas de José Álvares Roseiro.
Casas de Francisco de Azevedo.
Casas de Antônio Dias Ferreira.
Casas de Teresa da Rosa, prêta fôrra.
Casas de Manuel dos Santos, prêto fôrro.
Casas de José de Sousa.
Casas de Francisco de Azevedo.
Casas de Manuel Vieira.
Casas de Rosa Gonçalves, que partem ao norte com um beco e ao sul com casas de Manuel Vieira.
Casas de Quitéria, prêta fôrra.
Casas de Joana Gonçalves, prêta fôrra, as quais partem do norte com casas da mesma e do sul com um beco.
Casas da mesma.
Casas de João Ferreira de Morais.
Casas de Teotônio da Costa.
Casas de Antônia Vieira, prêta fôrra.
Casas de José Soares.
Casas de Custódio de Oliveira Braga.

Pág. 301 V. e seguintes:

RESTO DOS FOROS QUE FICARAM POR MEDIR E RECONHECER NA FREGUEZIA DE OURO PRÊTO

LADEIRA DO ROSÁRIO

Casas de Antônio Rodrigues, pardo fôrro, ao nascente com um beco, ao poente com o padre Alexandre Jorge.
Casas de padre Manuel Machado Dutra.

RUA DA IGREJA DO OURO PRÊTO

Chãos de Antônio da Costa Cintra, ao poente com um beco, ao nascente com João Ribeiro.

RUA DIREITA DE OURO PRÊTO

Chãos de Antônio da Silva Pôrto.

TRAVESSA DO TEIXEIRA

Casas de Antônio da Costa Cintra.

RUA DO LARGO DA IGREJA DE OURO PRÊTO

Casas de Antônio Dias da Costa.

CÓRREGO DE OURO PRÊTO

Casas e chácaras de Lourenço Ferreira Esteves, que partem de uma parte com o córrego e da outra com o morro de Santa Quitéria. [2]

TRIPUÍ

Chãos de João Henrique de Afonseca, ao nascente com terras e matos do Passa-Dez, ao poente com um morro cujas terras são na Olaria Velha, no alto dos matos do mesmo Tripui.

---

(2) Deve ser a antiga chacara dos Albugarias, ao lado da atual rua Diogo de Vasconcelos, no rumo da estação ferroviária.

VENDA DA SERRA (sic)

Casas e cêrca de Tomé Gonçalves da Costa na serra e estrada que vai para São Bartolomeu e Santo Antônio.

FREGUEZIA DE ANTÔNIO DIAS NA PRAÇA PELA PARTE DO NASCENTE

Casas de Félix de Sousa Pôrto.
Casas de João Gomes Cardoso.

RUA NOVA PELA PARTE DO NASCENTE

Casas de Domingos de Rus, ao sul com chãos devolutos, ao norte com uma travessa.
Casas de José Guedes de Carvalho, ao sul com um beco, ao norte com Antônio do Carmo.
Casas de Antônio do Carmo.
Casas e Chãos de Gaspar de Vilas Boas Jácomo, ao sul com a rua dos Paulistas, ao norte com casas do mesmo foreiro.
Casas de Joana Coelho, prêta fôrra.
Casas da mesma.
Casas de Rosa Maria, prêta fôrra.
Casas de Sebastião Pereira.
Casas de Veríssimo de Abreu.
Casas de Manuel Ferreira Santos.
Casas de Ana Domingues, prêta fôrra.
Casas de Francisca Vieira de Matos.
Casas de Jerônimo de Carvalho.
Casas de Domingos de Rus.
Casas de Caetano Dias Bacelar.
Casas de Francisca de Freitas, prêta fôrra.
Casas de Tereşa Gomes da Costa, prêta fôrra.
Casas de Joana Ferreira de Morais.
Casa de Joana de Barros, prêta fôrra.
Casa de Gaspar de Barros.
Casa de Manuel de Freitas Guimarães.
Casa de Joana Maria do Rosário, prêta fôrra, escrava que foi de João Gomes Martins; partem ao sul com Manuel de Freitas Guimarães e ao norte com o Morro.

ARRAIAL DOS PAULISTAS PELA PARTE DO NORTE

Casa de Maria Salomé, prêta fôrra, ao sul e ao norte com chãos devolutos.
Casa de Manuel Jácome que foram de Antônio Ferreira Ribeiro.
Chãos de Lourenço Mendes Coelho, junto ao Morro, na rua dos Paulistas.
Casa de Leonor Narcisa de São José.
Casa de Pedro da Costa Pereira.
Casa do mesmo.
Casa de João de Afonseca.
Casa de João Fererira de Oliveira.
Casa do mesmo.
Casa de Caetana Rodrigues de Sousa, preta fôrra, ao sul com João Ferreira de Oliveira, ao norte com um beco que vai para a fonte.
Casa de Ursula Rodrigues de Souza, prêta fôrra.
Casa de João Ferreira Brandão.
Casa de Josefa Maria da Conceição, prêta fôrra.
Casa de Antônio Francisco.
Casa de Bernardo Leitão.
Casa de Josefa Maria da Conceição.
Casa de Francisca Maria de Brito.
Casa de João de Lana.
Casa de Pedro Ribeiro.
Casa de Manuel Guedes.
Casa de Antônio Nunes Ferreira.
Casa de Antônia Corrêa, prêta fôrra.
Chãos de Antônio Corrêa da Cunha, na rua dos Paulistas.
Casa de Manuel Fernandes São Paio.
Casa do mesmo.
Casa do mesmo.
Casa de Francisco Dias Ferreira.
Chãos de Pedro Vaz, no bairro de Antônio Dias, na rua que chamam a Fonte.
Casa de Manuel Francisco.
Casa de Maria de Jesus, prêta fôrra.
Casa de Josefa Maria da Conceição, prêta fôrra, em Antônio Dias, na rua Direita, na ponta da travessa que vai para o arraial que chamam dos Paulistas.

ARRAIAL DOS PAULISTAS PELA PARTE DO SUL

Casa de Quitéria, prêta fôrra.
Casa de Lourenço Mendes Coelho, ao norte com o caminho que vai para a rua Nova, ao sul com Inês Rodrigues.

Casa de Antônio Marques Rodrigues, na rua dos Paulistas.
Casa de Antônio Gonçalves Pereira.
Casa de Sargento-mor Gabriel Fernandes Aleixo.
Casa do mesmo.
Chãos de João Carvalho da Cunha.
Casa de Manuel dos Santos Pereira.
Casa de Gabriel Fernandes Aleixo.
Casa de João Antônio e Domingos de Oliveira.
Casa de João Francisco de Sacramento.
Casa de Manuel Fernandes de Sampaio.
Casa de Agostinho Gonçalves.
Casa de Catarina Martins, prêta fôrra.
Casa da mesma.
Casa de Francisco Gomes da Rosa, ao sul com Luís Pereira, ao norte com a rua Direita de Antônio Dias.

## PRAÇA PELA PARTE DO NASCENTE, QUE FICOU DA MEDIÇÃO DÊSTE SÍTIO

Casa de Antônio Lopes de Leão, ao sul com Lourenço Mendes Coelho, ao norte com um beco que vai para o Arraial dos Paulistas.

## RUA DA PRAÇA PARA ANTÔNIO DIAS DA PARTE DO NORTE

Casa de Lourenço Mendes Coelho, ao poente com a Praça e ao nascente com Manuel Álvares, mestre cabeleireiro.
Casa de sargento-mor Gabriel Fernandes Aleixo.
Casa de Domingos da Costa Lage.
Casa do mesmo, ao poente com o mesmo e ao nascente com a rua Direita que vai para a praça de Antônio Dias.

## RUA DIREITA DA PRAÇA PARA ANTÔNIO DIAS, PELA PARTE DO SUL

Casa de Manuel Bernardes de Almeida.
Casa de Gaspar Gonçalves de Oliveira.
Casa de sargento-mor Gaspar Gonçalves de Oliveira.
Casa de Manuel Lopes de Faria, ao poente com um beco e ao nascente com Manuel Ferreira de Macedo.
Casa de Dona Francisca Josefa Coutinho.
Chãos de Manoel João Mata.
Casa de sargento-mor Gaspar Gonçalves Ribeiro, ao poente com o mesmo, ao nascente com o caminho que vai para a Barra.

Casa de padre Nicolau Barreto de Gusmão, ao poente com um beco e ao nascente com o mesmo foreiro.
Casa de José Gomes da Rocha.

RUA DIREITA DE ANTÔNIO DIAS, PELA PARTE DO NORTE

Casa de Bernardo Ventura, ao poente com a rua dos Paulistas, ao nascente com Manuel Ferreira de Carvalho.
Casa de Manuel Luís dos Santos.
Casa de Manuel de Assunção da Costa.
Chãos de Manuel Melo, no arraial de Antônio Dias, na travessa que vai para o Morro, os quais chãos ficam na rua Direita.
Casa de Francisco Barbosa, ao poente com um beco que vai para o córrego, ao nascente com o mesmo foreiro.
Casa de Francisca Barbosa.
Casa de Rosa Maria, prêta fôrra.
Casa de Manuel de Assunção da Costa.
Chãos de José Nunes da Silveira, na rua Direita, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição. antes de chegar à igreja.
Casa de Manuel de Assunção da Costa.
Casa do mesmo.
Casa do mesmo.
Casa do mesmo.
Casa de Alexandre Gomes.
Casa de José Fernandes Leite.
Casa de João Machado, na ponte de Antônio Dias, ao poente com um caminho que vai para o Palácio Velho e ao nascente com Belchior Álvares Fernandes.
Casas de Belchior Álvares Fernandes.
Casas de Manuel de Magalhães.
Casas de Afonso da Tôrre, ao nascente com um beco e ao poente com Manoel de Magalhães.
Casas de Manuel da Cunha.
Casas de Francisco da Costa Coimbra, ao poente com o mesmo, ao nascente com o córrego de Antônio Dias.

RUA DIREITA DE ANTÔNIO DIAS PELA PARTE DO SUL

Casas de Belchior Barbosa, ao poente, com a rua da Cadeia Velha, ao nascente com Sebastião Pereira.
Casas de Sebastião Pereira, ao poente com Belchior Barbosa, ao nascente com o sargento-mor Domingos de Moura.

Casas de João de Sousa Silva.
Casas de Antônio Dias Ferreira (Casa da Confraria de Santo Antônio), que partem, ao poente com Domingos Francisco Prado e ao nascente com casas de Santo Antônio.
Confraria de Santo Antônio, na rua Direita da Igreja.
Casas de Alexandre Gomes.
Casas de Antônio Pereira, ao nascente, com casas da Confraria de Santo Antônio, às quais partem ao poente com casas de Alexandre Gomes e ao nascente com uma travessa que vai para a rua da Cadeia Velha.

RUA DA CADEIA VELHA, PARTE DO SUL

Casas de João da Silva, ao poente com um monturo, ao nascente com Gualter Moreira de Oliveira.
Casas de Gualter Moreira de Oliveira.
Casas de do mesmo.
Casas de Josefa Maria da Conceição.
Casas de José Cordeiro.
Casas de José Gomes da Rocha, que partem, ao poente, com a Casa dos Ausentes, ao nascente, com uma travessa.
Casas de Manuel Francisco Lisboa, com termo seguinte:

"Sendo no mesmo dia, mês e ano, no referido lugar e sendo presente o doutor Juiz do Tombo, comigo, escrivão dêle e porteiro do Conselho João Pimenta, aí deu fé o alcaide Luís Gonçalves Magro de haver citado a Manoel Francisco Lisboa para reconhecimento do Tombo e medição das casas que possuia neste sitio, as quais partem do poente com casas de Roque Rabelo e do nascente com um beco que vai para a Barra, e sendo apregoado pelo mesmo porteiro do Conselho, apareceu o mesmo foreiro e declarou que era verdade serem as referidas casas que possuía neste sítio foreiras ao Senado da Câmara e delas pagar meia oitava de ouro de fôro por braça e meia, de um ano, e que por tais as reconhecia e se obrigava a pagar o mesmo fôro e que para medição se louvava em Alexandre Pinto de Miranda, o qual, debaixo de doutor Fernandes Leite Lobo, ouvidor geral, corregedor desta Comarca, Juiz dêste Tombo, prometeu fazer, na verdade, a dita medição, sendo testemunhas presentes Bernardo Ventura e José Antônio Martins que todos assinaram com o doutor Juiz do Tombo e dito foreiro e eu, Antônio Fabião Pereira, escrivão do mesmo Tombo, que o escrevi."

(a) Manuel Francisco Lisboa
(a) Bernardo Ventura de Amorim
(a) José Antônio Muniz
(a) João Pimenta."

*(Pág. 436 do Livro 38, CMOP do Arq. Públ. Min.)* [3]

Casas de Caetano Saldanha Tavares, no hairro de Antônio Dias, na rua da ponte, junto às lavras do padre Salvador Dias dos Reis ... com seus fundos até uma aguada que fica por detrás.
Casas de Antônio Ferreira, na Rua da Cadeia Velha.
Casas de Pedro Rodrigues.
Casas de Paulo Fernandes da Rocha, no bairro de Antônio Dias, em a rua que chamam da Fonte, detrás da Igreja.
Casas de Valentim Monteiro, que jartem ao poente com Bernardo Ferreira de Assunção e ao nascente com uma travessa que vai para a Barra.
Casas de Manuel Corrêa Maia.
Casas do licenciado Sebastião Alves Teixeira, na rua da Cadeia Velha.
Casas de José de Oliveira.
Casas de Manuel Antunes Cordeiro.
Casas de Estêvão Rodrigues.
Casas de Maria Vitória, parda fôrra, ao poente com Jacinto Monteiro de Matos, ao nascente com o córrego de Antônio Dias.

RUA DA CADEIA VELHA PELA PARTE DO NORTE

Casas de Eugênio Ferreira de Abreu, citas na rua da Cadeia Velha.
Casas de José Pereira da Gama.
Casas de Francisco Corrêia Maia.

RUA DA BARRA, PELA PARTE DO POENTE

Casas de Pedro da Costa Neiva.
Casas de Garcia Pedroso, prêto fôrro.
Casas de João de Sousa, ao norte com Garcia Pedroso, ao sul com a Casa do Juiz dos Ausentes.
Casas do Cabo de esquadra José de Sousa.
Casas de Francisco Mendes Pimentel.

RUA DA BARRA QUE VAI PARA O OURO PRÊTO PELA PARTE DO CÓRREGO

Casas de Manuel de Couto de Medeiros, que partem do norte e sul com chãos devolutos.

---

3. Nessa casa, possìvelmente, terá nascido Antônio Francisco Lisboa.

Casas de Manuel Fernandes da Costa, ao poente com chãos devolutos e do nascente com um beco que vai para o córrego da Barra.
Casas do mesmo, ao ponete com o caminho que vai para o córrego, ao nascente com chãos devolutos.
Casas de Maria de Sousa, prêta fôrra.
Casas de Manuel Lopes de Oliveira.
Casas do mesmo.
Casas do Manuel Dias Coelho.

## CAMINHO DA BARRA DEPOIS DE PASSAR O CÓRREGO QUE VAI PARA AS LAVRAS NOVAS DA PARTE DO NASCENTE

Casas e chãos de Domingos Peixoto Pais.
Casas de Agostinho Corrêia Maciel.

## RUA DIREITA DO PADRE FARIA ATÉ O ALTO DA CRUZ PELA PARTE DO NORTE QUE PRINCIPIA NA PONTE DE ANTÔNIO DIAS

Casas de Manuel João Lima, "... os quais chãos são passada a ponte que fica no Córrego indo para o Padre Faria fazendo frente ao caminho..."
Casas de Manuel João Lima, as quais partem ao poente com o córrego de Antônio Dias e ao nascente com Luís Teixeira de Lemos.
Casas de Luís Teixeira de Lemos.
Casas de Francisca da Trindade, prêta fôrra.
Casas de João Francisco Afonso, da parte do córrego que vai de Antônio Dias para o Padre Faria passada a ponte, as quais partem do poente com Francisca da Trindade, prêta fôrra e do nascente com um beco.
Casas de Antônio da Silva, as quais passado o córrego que vai para o Padre Faria, depois da ponte e fazem frente ao caminho.
Casas de Manuel Vieira da Cruz.
Casas de Amaro Francisco Rodrigues, "passando a ponte de Antônio Dias indo para o Padre Faria da Banda do Morro", que partem do poente com um beco e do nascente com casas de Antônio Ferreira, pardo fôrro.
Casas de Antônio Ferreira Velho.
Casas de Custódio da Silva Ferreira.
Chão de Francisco Gonçalves, que foram de Manuel Antônio de Vale, sitos no princípio da ladeira que vai para a Cruz das Almas.
Casas de Francisco da Silva Lira.
Chãos que foram de Manuel Antônio, na ladeira que vai para a Cruz das Almas, caminho para o Padre Faria e hoje de Manuel Monteiro.

Casas de Manuel da Costa Silva, na rua Direita do Padre Faria.
Chãos que foram de Domingos dos Santos de Oliveira, na ladeira indo para a Cruz das Almas e para o Padre Faria, aforadas em setembro de 1718.
Casas de telheiro de Manuel Fernandes Campos.
Casas do mesmo.
Casas de Bento Ferreira Velho, na rua do Padre Faria.
Casas de David de Madrugada.
Casas de telheiro, de João Gomes da Silva.
Casas de Maria da Costa, prêta fôrra.
Casas que aforou Jacinto Manuel de Afonseca e constam do livro I.º, fls. 16 e hoje de Luís da Silva Maia, que partem ao poente com um beco e ao nascente com outras do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas de Josefa Rodrigues Gondim, prêta fôrra, na rua Direita do Padre Faria.
Casas de Antônio Henrique, ferreiro.
Chãos que foram de Manuel Lopes da Cruz, na ladeira que vai para a Cruz das Almas, e hoje de Luís Soares Pereira.
Casas de João Martins dos Santos.
Casas de Manuel Álvares.
Chãos que foram de Domingos Ferreira e hoje de Pedro da Silva.
Casas de Antônio Fernandes Santiago.
Casas de João da Costa Magalhães.
Casas de Manuel Carvalho Moreira dos Santos.
Casas do sargento-mor Fernando da Mota.
Casas de Antônio José de Carvalho.
Casas de José Carvalho da Cunha.
Casas do mesmo.

## RUA DIREITA DO PADRE FARIA ATÉ O ALTO DA CRUZ PELA PARTE DO SUL, QUE PRINCIPIA DA PONTE DE ANTÔNIO DIAS

Casas de Domingos Fernades Souto. ao poente com o córrego de Antônio Dias, ao nascente com o caminho que vai para a rua Direita, com seus fundos até a chácara de José Fernandes Cruz.
Casas e chãos de Manuel Pinto de Souza, ao poente com o córrego de Antônio Dias, ao nascente com casas de João Rodrigues Colares.
Casas de João Rodrigues Colares.
Chãos ocupados pelo padre Manuel Machado Dutra.
Chãos que foram de Antônio Antunes Ribeiro e hoje de Antônio da Silva Dias.
Casas do mesmo.
Casas de Francisco Veloso dos Santos.

Casas de Francisco João.
Casas de João Vieira Braga.
Casas de Antônio da Costa Ribeiro.
Casas de Teresa de Jesus, prêta fôrra.
Casas de Antônio Martins Viana.
Casas de Joana da Silva, prêta fôrra.
Casas de Joana da Costa, prêta fôrra.
Casas de Mariana da Costa, prêta fôrra.
Casas de Jerônimo Pinto de Carvalho, mestre ferreiro.
Casas de João de Sousa Linhares.
Casas de Maria Dias da Cunha.
Casas de João de Crasto.
Casas de Pedro de Bastos.
Casas de Bento Gonçalves.
Casas de Vitória de Brito, prêta fôrra.
Casas de Manuel Francisco dos Santos.
Casas de Joana Nunes Cabral, prêta fôrra.
Casas de Pascoal Gonçalves da Costa.
Casas do licenciado Bento Braz de Bessa, as quais partem do poente com casas de Pascoal Gonçalves da Costa e do nascente com o largo da capela de Nossa Senhora do Rosário.

## LADEIRA DA CAPELA DO ROSÁRIO DO PADRE FARIA PARA BAIXO, PELA PARTE DO NORTE ATÉ O CANTO DA TRAVESSA QUE VAI PARA A RUA DIREITA DAS DUAS PONTES

Casas de Braz de Almeida e Maria, sitas na Cruz das Almas, à mão esquerda, indo para o bairro do Padre Faria e partem, de um lado, com casas de Lourenço Dias Rosa e, do outro, com o caminho que vai para o morro vizinho à capela.

Casas de Francisco Gomes de Oliveira, na ladeira que desce para a capela do Padre Faria para baixo e partem, ao poente, com a estrada que sobe para o morro e, ao nascente, com casas de José Marinho Monteiro.

Casas de Ana Álvares dos Santos, prêta fôrra.
Casas de Ventura da Costa, na rua Direita que desce da capela do Padre Faria para as duas pontes.
Casas do mesmo.
Casas de Teresa de Jesus, prêta fôrra.
Casas de André Pais.
Casas de Jerônimo Gomes Peixoto.

Casas de Matias Pereira Pena.
Casas de Manuel Antônio de Afonseca, que partem ao nascente com um beco e ao poente com José Pinho Braga.
Chãos de Teodoro Gonçalves, que partem ao nascente com o mesmo e ao poente com o caminho que vai para a (p) fonte.
Casas do mesmo Teodoro.
Casas de Henrique da Costa.
Casas de Roque Domingos Marques.
Casas do mesmo.
Casas do sargento-mor Luís da Silva.
Casas de João Francisco Vieira.
Casas de Braz Manuel, as partem ao nascente com a travessa que vai para a rua Direita da Água Limpa e ao poente com casas de José Ferreira Canaes.

## RUA DA CAPELA DO ROSÁRIO DO PADRE FARIA, BELA PARTE DO SUL

Casas de Antônio Pinto Pereira.
Casas de padre Batista Ferreira.
Casas de Capitão José da Costa Ribeiro, na rua que vai para o bairro chamado Padre Faria, adiante da Cruz das Almas.
Chãos que foram de Matias da Costa Gonçalves, na rua que vai para o Padre Faria, adiante da Cruz das Almas e hoje de David da Silva.
Casas de David da Silva.
Casas do mesmo.
Casas de Antônio Francisco de Sousa.
Casas do mesmo.
Casas do mesmo.
Casas de Francisca Pinta de Jesus, prêta fôrra.
Casas de Manuel Leite Pereira, mestre ferreiro.
Casas de Manuel Marques.
Casas de José de Faria Pereira.
Chãos de Manuel Marques.
Casas de José de Faria Pereira.
Casas de José Antônio da Cruz.
Casas de Veríssimo Vieira.
Casas de Domingos de Araujo Velho, as quais partem ao poente com Veríssimo Vieira e ao nascente com um beco que vai para o campo.
Casas de Teotônio dos Reis e Cunha, que partem ao poente com um beco que vai para o campo e ao nascente com Manuel Henrique.

Casas de Manuel Henrique.
Casas do mesmo.
Casas de Antônio Tavares dos Reis.
Casas de Domingos Ferreira, as quais partem ao poente com um beco que vai para o Campo, e, ao nascente, com casas de Manuel Pereira Braga.
Casas de Manuel Pereira Braga.
Casas de Pedro Veloso.
Casas de Jerônimo Alvares Pereira.

### RUA DIREITA QUE CORRE DA 1.ª PONTE E PELA 2.ª PELA PARTE DO POENTE E DO NORTE PARA AGUA LIMPA

Chãos e casas de Domingos Fernandes, *mestre entalhador.*
Casas de Antunes Xavier Braga.
Casas de Ângela Teixeira, prêta fôrra, as quais partem, ao sul com o córrego, ao norte, com Manuel Teixeira Pacheco.
Casas de Inácia de Paços, prêta fôrra.
Casas de Catarina Gomes, prêta fôrra, na rua Direita que corre da primeira e segunda ponte da capela de Padre Faria para Água Limpa.
Casas de Bernardo Gonçalves, mestre sapateiro.
Casas de Amaro Antônio de Vieira, que foram de Domingos Moreira, aforadas em 1722, as quais partem, ao poente com os quintais de Bernardo Gonçalves, e, ao nascente, com a ponte grande e travessa que vai para o Tapanhuacanga, da parte do norte.
Casas de João Antunes Braga, ao poente, com o Tapanhuacanga, ao nascente, com outra do mesmo foreiro.
Casas de Manuel Loureiro Soares.
Casas de Domingos de Andrade, que partem, ao nascente, com um beco e, ao poente, com Manuel Loureiro Soares.
Casas de *Luís Fernandes Calheiros.*
Casas de Antônio Rodrigues Lamego.

## IV

A êsse primeiro tombamento[4] seguiu-se o de 1769-1885, que consta do códice n.º 263 do atual Arquivo da Prefeitura de Ouro

4. O termo de encerramento, a fls. 598 é datado de 1.º de janeiro de 1738.

Prêto e que não dá confrontações, indicando apenas, vagamente as ruas, a saber:

Casas de Ana de Sousa, na *travessa do Virassaia,* em Antônio Dias.
Manuel Pinheiro de Faria, idem.
Antônio Moreira Duarte, idem.
José Ribeiro de Melo, idem.
Francisco de Magalhães Canavez, idem.
Casas da Irmandade das Almas, idem.
D. Teresa Maria de Ulhôa, idem.
Francisca, creoula fôrra, idem.
Josepha Gomes, idem, idem.
Maria, prêta surda, idem.
Maria Alves Chaves, *bairro do Pissarrão*
Angelo de Freitas, idem.
Tenente Costa Souto, idem.
Frutuoso Martins de Siqueira, *rua do Padre Lobo. ...*
Capitão Antônio Leite da Silva, *acima da Igreja de São José.*
Maria da Cunha, na *rua Direita, por baixo da ladeira de Santa Quitéria.*
João Alves da Costa, *rua do Monjaí.*
Miguel Alves da Costa, *na Água Limpa do Padre Faria.*
José Fernandes, no *Passa-Dez.*
E asim por diante.

Êsse lançamento, portanto, tem hoje apenas um valor quase que evocativo: quanto aos nomes dos povoadores, sem outras indicações para o levantamento de um cadastro completo.

## V

O verdadeiro tombamento, aquêle que seguiu rigorosamente as exigências de um serviço cadastral da Vila-Rica do Ouro Prêto, foi o mandado executar por provisão de D. João VI, de 9 de outubro de 1809, e consta do códice n.º 264 da atual prefeitura, que abaixo resumimos.

Não nos foi muito fácil estabelecer êsse nexo ou essa seqüência dos trabalhos realizados nesse primeiro século da vida evolutiva de

Ouro Prêto, dada a diferença de numeração dos livros respectivos, visto tomarem os livros que vieram para o Arquivo Publico Mineiro a numeração de 1 a *x*, e alterada tambem a numeração dos que ficaram na Câmara, renumerados, como foram, de acôrdo com a catalogação a que alí se precedeu ùltimamente.

Êsse de número 264, por exemplo, trazia na lombada do anitgo numeração n.º 1-12.º; o de número 263, atrás citado, era primitivamente o n.º 1.º; assim como o 265, do seguinte tombamento, de 1830-1883, trazia a numeração — n.º 2-13.º.

O de que vamos tratar (n.º 264, do tombamento de 1809-1812), traz a seguinte exposição preliminar:

> "Diz o Cap.m Luís José Maciel, Procurador atual da Câmara desta Vila Rica que a referida Vila foi Tombada por Ordem Regia de 4 de Janeiro de 1735, tendo princípio o dito Tombamento no 1.º de Junho de 1737, e como quase todos os edifícios erão de madeira desde a superficie da terra, a corrução do tempo tem consumido muita parte delles, não havendo a providencia de se fazer declaração das que se demolirão. e passagens que se fizerão de possuidores a possuidores, e alguns entruzos que fizerão outras sem a solenidade da Ley, de sorte que se acha o Tombo da Vila em tal confusão que he impossivel ver-se no conhecimento do seu total rendimento para delle se poder verificar a Decima, na conformidade do Alvará de 3 de Junho de 1809, que se refere ao outro Alvará de 7 de Junho de 1808, e porque a V. S. Pertence, como Provedor da Camara, semelhantes declarações na conformidade da Ley de 15 de Julho de 1744 e a de 23 de Julho de 1766 § 6, e Alvará de 10 de Fevereiro de 1654, alem de assim estar deferido por V. S. mesmo nos requerimentos que os Procuradores da Camara nas audiencias gerais que em Correção se fazem na Casa da Camara: porisso requer a V. S. se digne nomear dia para se dar principio á referida declaração do Tombo, e como com esta senão e nova cousa algũa, porisso se faz necessario novas citações dos moradores para reconhecimento do foro pelo estarem ha muitos anos pagando, e só devem ser notificados alguns entruzos que se acharem com propriedade sem as referidas solenidades; á vista do relatado sirva se V. S.

nomeiar tambem Escrivão para a dita declaração, e Arruador do Conselho para se fazer algũa indicação aonde ouver suspeita, e Procurador que requeira a beneficio do Conselho, arbitrando V. S. pagamento a cada hum deles com a modificação pocivel, vista a decadencia em que se achão as rendas da Câmara.

Pede a V. S. seja servido deferir ao Justo Requerimento do Supp. na forma que tem requerido.

..E.R.M."

Vem, ao lado, esta nota:

"Vai deferido na Provisão do Dezb.º do Paço, adiante copiada — Monteiro."

Segue-se a Provisão, que é de D. João VI, datada de 9 de outubro de 1809.

Esta Provisão confirma a Carta de Sesmaria concedida à Câmara em 1734, e autoriza o tombamento mandado fazer pela provisão de 4 de Fevereiro de 1735, o qual se principiou em 1.º de Junho de 1737.

Também êsse tombamento de 37, porém, conforme atrás já acentuamos, e se declara na petição retro, foi muito falho e incompleto.

O verdadeiro tombamento, pois, que passou a prevalecer, foi o ordenado por D. João VI e que passaremos a resumir.

Começou no Alto das Cabeças, em 1812, nos termos seguintes:

RUA DO ALTO DO PASSA-DEZ TÉ A PONTE DO ROSARIO

1 — Tenente Domingos Fernandes Rebelo, a sua chácara sita *por cima do córrego da Olaria,* que parte do Poente com a *estrada que vai para* Tripuí, e do nascente com a chácara de Domingos de Castro Novais.

2 — Domingos de Castro Novais, sua chácara do *córrego da Olaria* que parte ao poente com a do tenente Domingos Fernandes Rebelo e ao nascente com casas de João da Silva Machado.

3 — João da Silva Machado, sua chácara perto dessa.

4 — Domingos da Cunha Vaz, de suas casas na rua que desce para o *Passa-Dez,* ao poente com chãos devolutos e ao nascente com João Gonçalves Dias.

5 — Alferes João Gonçalves Dias, casas na mesma rua.
6 — Antônio Joaquim de Jesus, casas na mesma rua.
7 — Sebastião Veloso de Amorim, casas na mesma rua.
8 — Alferes Manuel José de Magalhães, casas na mesma rua.
9 — Violante Maria do Céu, casas na mesma rua.
10 — Alferes João Gonçalves Dias, casas na mesma rua.
11 — Teresa Maria de Jesus, casas na mesma rua.
12 — José Pereira da Fonseca. casas na mesma rua.
13 — Pe. Manuel da Silveira Gato, casas na mesma rua.
14 — Capitão Jerônimo Fernandes da Silva Macedo, *lado de cima do córrego do Passa-Dez* e *estrada da Cachoeira (É o antigo Jardim Botânico)* (320 braças).
15 — Alferes João Gonçalves Dias, *alto do Passa-Dez,* descendo para o Ouro Prêto.
16 — João Gomes da Cruz, *rua do Passa-Dez.*
17 — Sebastião Ferreira Coelho, *rua do Passa-Dez.*
18 — Sebastião Vieira Soares, *rua do Passa-Dez.*
19 — Pe. Tomás Rodrigues Braga, *rua do Passa-Dez.*
20 — Antônio Moreira da Silva, *rua do Passa-Dez.*
21 — Joaquim Teixeira Ramos, *rua do Passa-Dez.*
22 — Antônio José Gonçalves, *rua do Passa-Dez.*
23 — José Joaquim Cardoso, *rua do Passa-Dez.*
24 — Viuva e herdeiros do alferes José Gonçalves de Magalhães, *rua do Passa-Dez.*
25 — Joaquim José Dias, *rua do Passa-Dez.*
26 — Francisco da Costa Oliveira, *rua do Passa-Dez.*
27 — Vitoriano Gomes Mafra, soldado, *rua do Passa-Dez.*
28 — Francisco Faria de Sousa, *rua do Passa-Dez.*
29 — Manuel da Costa Carreiros, *rua do Passa-Dez.*
30 — Cel. José Veloso do Carmo, *rua do Passa-Dez.*
31 — Manuel José Lopes, *rua do Passa-Dez.*
32 — Herdeiros de Manuel Moreira Maia, *rua do Passa-Dez.*
33 — Maria Bela, *rua do Passa-Dez.*
34 — Ana Moreira de Faria, *rua do Passa-Dez.*
35 — Ana Pereira Pinto, *rua do Passa-Dez.*
36 — Pe. Pantaleão da Silva Ramos, *rua do Passa-Dez.*
37 — Pe. José Fagundes Serafim, *rua do Passa-Dez.*
38 — Pe. Domingos Francisco de Carvalho. *rua do Passa-Dez.*
39 — Maria Joaquim de Castro, *rua do Passa-Dez.*
40 — Luzia Genoveva Moreira, *rua do Passa-Dez.*

41 — Cabo picador Antônio Pires de Novais, *rua do Passa-Dez.*
42 — Pulquéria Maria da Silva, *rua do Passa-Dez.*
43 — Os devotos da Capela das Almas, *rua do Passa-Dez.*
44 — Ana, viuva de Cândido de Souza Lima, *rua do Passa-Dez.*
45 — Herdeiros de Miguel Maia, *rua do Passa-Dez.*
46 — Pe. Manuel de Campos, *rua do Passa-Dez.*
47 — Cap. José Gervásio de Sousa, *rua do Passa-Dez.*
48 — Cap. João Xavier Teixeira Guimarães, *rua do Passa-Dez.*
49 — Serafim Francisco, *rua do Passa-Dez.*
50 — Joana Felícia, *rua do Passa-Dez.*
51 — Antônio Moreira Tavares, *rua do Passa-Dez.*
52 — Manuel Coutinho, *rua do Passa-Dez.*
53 — João Ferreira da Silva Tavares, *rua do Passa-Dez.*
54 — Vicência Ferreira Leite, *rua do Passa-Dez.*
55 — Ajudante Silvério Teixeira da Costa, suas casas que partem no poente com o *córrego e adro da Capela das Almas* e do nascente com casas de terceiros.
56 — Alferes Manuel José de Magalhães, *córrego e adro da Capela das Almas.*
57 — Cap. Manuel Fernandes da Silva, *córrego e adro da Capela das Almas.*
58 — Caetano da Costa Neto, *córrego e adro da Capela das Almas.*
59 — Rufino Simão, *córrego e adro da Capela das Almas.*
60 — Ana Faustina de Sousa, *córrego e adro da Capela das Almas.*
61 — Antônio Coelho Neto, *córrego e adro da Capela das Almas.*
62 — Antônio José de Sousa Nascimento, *córrego e adro da Capela das Almas.*
63 — Silvana Angélica de Sousa, *córrego e adro da Capela das Almas.*
64 — Cap. Manuel Fernandes da Silva, *córrego e adro da Capela das Almas.*
65 — Páscoa Maria das Flores, *córrego e adro da Capela das Almas.*
66 — Juliana Teodoro da Silva, *córrego e adro da Capela das Almas.*
67 — Teodoro Cardoso da Silva, *córrego e adro da Capela das Almas.*
68 — O furriel da tropa da linha, José Antônio Ribeiro, *córrego e adro da Capelas das Almas.*
69 — Josefino José da Silva, *córrego e adro da Capela das Almas.*
70 — Cap. João Batista Pereira, *córrego e adro da Capela das Almas,* dividindo ao poente as suas casas e ao nascente com o *beco que sai para o campo* e *córrego da Olaria.*
71 — Antônia Gonçalves, prêta fôrra, *córrego e adro da Capela das Almas,* por detrás dos quintais do Cap. João Batista Pereira, ao poente com o Antônio Joaquim Cardoso; ao nascente, Vicente Xavier Gomes da Silva. Gomes da Silva.

72 — Antônio Gomes da Silva, *córrego e adro da Capela das Almas,* por detrás do quintal do furiel José Antônio Ribeiro Gonçalves e ao nascente com (Pag. 37... seguem-se outros nessa mesma rua, até a pág. 47). Gonçalves e ao nascente com terras devolutas.

73 — Joana Gonçalves Fontes, no *beco denominado da Forca,* que parte ao sul com a *rua das Cabeças* para a *Ponte do Rosário* e com o fundo desde Cecília dos Passos Vieira.

74 — Pe. Matias José de Abreu, suas casas no *beco da Força* que partem ao sul com Joana Gonçalves Fontes e ao norte com as dêle foreiro.

75 — O mesmo, na mesma rua.

76 — O mesmo, na mesma rua.

77 — O mesmo, na mesma rua.

78 — O mesmo, na mesma rua.

79 — O mesmo, na mesma rua.

80 — Ana Jacinta do Nascimento, *beco da Força,* partindo ao sul com o padre acima, e ao norte com as de Josefa Maria das Virgens.

81 — Josefa Maria das Virgens, *beco da Forca,* ao sul com Ana Jacinta do Nascimento e ao norte com o *morro da Forca.*

82 — Luís Gomes Pereira, casas na mesma rua. Ao poente, com o *Largo do Chafariz,* contíguo à casa do ajudante Manuel Fagundes da Costa, ao norte, com as do alferes Antônio Joaquim Cardoso.

83 — Alferes Antônio Joaquim Cardoso, na mesma rua (das Cabeças) 5. Ao poente, casas de Luís Gomes Pereira; ao nascente, herdeiros do cel. Manuel José Fernandes.

84 — Herdeiros do Cel. Manuel José Fernandes, na mesma rua.

85 — Vicente Xavier Gomes, na mesma rua. Ao poente, cel. Manuel José Fernandes; ao nascente, Manuel de Assunção.

86 — Herdeiros do cel. Manuel José Fernandes, na mesma rua, casas e terrenos e cercados à frente da rua que partem ao poente, com casas do Pe. Rodrigues Serafim; ao nascente, com a *Fonte do Caquende.*

87 — Manuel da Assunção Caldeira, na mesma rua, casas que partem ao poente com Vicente Gonçalves Xavier; ao nascente, com casas de Catarina Dias Ramos.

88 — Catarina Dias Ramos, na mesma rua. Ao poente, com Manuel da Assunção Caldeira; ao nascente, com Domingos de Castro Novais.

89 — Domingos de Castro Novais — na mesma rua. Ao poente, Catarina Dias Ramos; ao nascente, cap. Manuel Marques Ferreira.

---

5. Chamava-se rua dos Cabeças o trecho que vinha do bico da Força até ao Caquende.

90 — Manuel Marques Ferreira, na mesma rua. Ao poente, Domingos de Castro Novais; ao nascente, o *beco que segue da mesma rua para a praia e Campo do Caquende.*

91 — Inácio Domingues de Andrade, casas na *praia por debaixo da Ponte do Caqeunde.* Ao poente, o beco que vem da mesma rua para a praia; ao nascente, o córrego que vem por baixo da mesma ponte.

92 — Sargento-mor Manuel Pinto Lopes, casas místicas na *Ponte do Caquende,* que partem ao poente, com o beco que segue da rua para a praia e casas de Inácio Domingues; ao nascente, com a mesma ponte.

93 — O mesmo, uma casa, digo uma chácara ou quintal murado de pedra da outra parte da *praia do Caquende* em frente à rua que segue da mesma para as *Cabeças.*

## MORRO DO RAMOS ATÉ AS PRAIAS DO CÓRREGO DO CAQUENDE (fls. 52v.)

1 — Ajudante João Rodrigues de Abreu, sua chácara sita no *Morro dos Ramos,* que parte ao norte, com as lavras do cel. José Veloso; ao sul, com chãos dêles mesmo foreiro.

2 — O mesmo ajudante João Rodrigues de Abreu, chãos contíguos à mesma sua chácara supra, partindo ao norte, com a mesma chácara; ao sul, com terrenos devolutos que seguem para a *rua das Cabeças.*

3 — Cap. João Nepomuceno Simões Borges, sua chácara sita no lugar denominado fundo do *Morro dos Ramos,* partindo ao norte, com o córrego e lavras que vem do cel. José Veloso Carmo; ao sul, com a chácara do cap. Mel. José Monteiro de Barros.

4 — O mesmo capitão João Nepomuceno, terrenos anexos.

5 — José Fernandes, preto fôrro, casas na paragem denominada *Água Limpa,* das lavras do cel. José Veloso, partindo ao poente, com o caminho que segue das lavras do mesmo e ao nascente com o córrego que vem das mesmas lavras.

6 — Antônia Gonçalves, parda fôrra, na mesma paragem da *Água Limpa,* casas que partem ao poente com o engenho de socar pedra do cel. José Veloso do Carmo e ao nascente com Luís Ramos.

7 — Herdeiros de Maria Pinto, casas na mesma paragem da *Água Limpa,* partindo ao poente com o caminho que segue para Luís Ramos; ao nascencente, com o morro que segue para o Campo do Raimundo.

8 — Luís Ramos, mesma paragem. Poente, Antônio Gonçalves; nascente, morro e caminho que segue para as lavras do tenente Antônio de Abreu Lobato.

9 — Vitória Inácia, *mesma Água Limpa.* Poente, caminho que segue para o campo do Raimundo; nascente, o morro acima.
10 — Alferes Paulo Pereira Campos, fundo do campo do Raimundo. Poente, Vitória Inácia; nascente, casa e chácara de João Thimóteo.
11 — João da Silva Leça, *Água Limpa.* Poente, o morro acima; nascente, o caminho da chácara do tenente Antônio de Abreu Lobato.

(Seguem-se outros aforamentos sem importância, abrangendo o Morro dos Ramos e o campo do Raimundo, descendo depois para a praia, no córrego das Agulhas, que vai passar na ponte do Caquende.)

RUA QUE PRINCIPIA NA PONTE DO CAQUENDE ATÉ CHAFARIZ DEFRONTE DA CAPELA DO ROSÁRIO (fls. 292)

1 — Antônio Moreira Tavares, da parte do norte da mesma ponte, em terreno do poente, com a mesma ponte; do nascente, com casas dêle foreiro.
2 — Antônio Moreira Tavares, junto à *Ponte do Caquende,* partindo do poente, com terrenos dêle foreiro; do nascente, com Maria Anastácia de Jesus.
3 — Maria Anastácia de Jesus, na mesma rua. Poente, Antônio Moreira Tavares; nascente, o beco que sai da mesma *rua do Rosário* para a praia acima.
4 — Luís Antônio de Barros, junto à ponte. Poente, a mesma ponte, nascente, o mesmo foreiro.
5 — Romana Teresa de Jesus, mesma rua. Poente, Luís Antônio de Barros; nascente, Ana Machado Lima.
6 — Ana Machado Lima, mesma rua. Poente, Romana Teresa de Jesus; nascente, Joaquim José da Silva.
7 — Joaquim José da Silva, mesma rua. Poente, Ana Machado de Lima; nascente, Agostinho Luís dos Santos.
8 — Herdeiros de Catarina de Sena, mesma rua. Poente, o beco que sai da rua para a praia acima; nascente, Nicolau de Vasconcelos Pereira.
9 — Nicolau de Vasconcelos Pereira, mesma rua. Poente, herdeiros de Catarina de Sena; nascente, Felipe Vaz da Silva.
10 — Felipe Vaz da Silva, mesma *rua do Rosário.* Poente, Nicolau de Vasconcelos Pereira; nascente, alferes José Pereira Deça.
11 — José Rodrigues Graça, mesma rua. Poente, José Pereira Deça, nascente, Maria Correia de Sá.
12 — Maria Correia de Sá. Poente, José Rodrigues Graça, nascente, padre Joaquim Pereira de Magalhães.
13 — Padre Joaquim Pereira de Magalhães. Poente, Maria Correia de Sá; nascente, o beco que sai da mesma rua para a Capela do Rosário.

14 — Narciso José, mesma rua. Poente, o *beco que sai da mesma rua para a Capela do Rosário;* nascente, Ana Maria Barbosa.
15 — Ana Machado Lima, mesma rua. Poente, Ana Maria Barbosa; nascente, Rita Maria.
16 — Pantaleão da Silva Ramos, mesma *rua do Rosário.* Poente, Teresa de Jesus; nascente, João Pereira Coelho.
17 — Joaquim José Barroso Pereira, mesma rua. Poente, casas do padre Pantaleão da Silva Ramos; nascente Marcos Coelho Neto.
18 — Marcos Coelho Neto, mesma rua. Poente, Joaquim José Barroso Pereira; nascente, casas da Irmandade do S.S. Sacramento de Ouro Prêto.
19 — Teresa de Jesus, mesma rua. Poente Irmandade do S.S. nascente, casas do Pe. Panteleão da Silva Ramos.
20 — João Pereira Coelho, mesma rua. Poente, casas do Pe. Panteleão da Silva Ramos.
20 — João Pereira Coelho, mesma rua. Poente, casas do Pe. Pantaleão da Silva Ramos; nascente, Maria Gonçalves de Jesus.
21 — Francisca Romana da Silva Aguiar, mesma rua. Poente, Marcos Gonçalves de Jesus; nascente, o furriel João Ferreira de Almeida.
22 — Furriel de tropa de linha João Ferreira de Almeida, mesma rua. Poente, casas de Francisca da Silva Aguiar; nascente, largo e descida para a praia e *Ponte Sêca.*
23 — Serafim da Costa Ferreira, mesma rua. Do sul com o beco que desce para a *Ponte Sêca;* norte, casas do alferes Felipe dos Santos Lisboa.
24 — Brigadeiro Antônio José Dias Coelho, mesma rua. Sul, casas de Joana de Araujo, chãos de Joaquim Francisco de Sousa.

## RUA NOVA DO SACRAMENTO QUE PRINCIPIA DETRÁS DA CAPELA DO ROSÁRIO ATÉ A PONTE DE SÃO JOSÉ

1 — Maria Joana, em um terreno junto à praia e *beco que segue para a Capela do Rosário.* Poente, a mesma praia; nascente, casas de Josefa Pereira da Rocha.
2 — Josefa Pereira da Rocha, na rua que vem da *praia do Hospício para a Capela do Rosário.* Poente, terrenos de Maria Joana; nascente, casas do Cap. Bernardino de Sena.
3 — Cap. Bernardino de Sena. Poente, Josefa Pereira da Rocha; nascente. *Largo do Jôgo da Bola,* ao pé da Capela do Rosário.
4 — Cap. Joaquim José dos Santos, *na rua de cima da Rosário.* Poente, *praia que vem do Hospício;* norte, paredão da referida Capela.
5 — Maria da Assunção, mesma rua. Poente, casas da cap. João José dos Santos; nascente, as de Inácia Creoula.

6 — Inácia Creoula, mesma rua. Poente, casas de Maria de Assunção; nascente, as de d. Damásia Bandeira.

7 — Damásia Bandeira. Poente, Inácia Creoula; nascente as de Antônio Vieira Garrixa.

8 — Antônio Vieira Garrixa. Poente, casas de Damásia Bandeira; nascente Francisca Tavares.

9 — Francisca Tavares da Silva. Poente, Antônio Vieira Garrixa; nascente, Francisca Rocha Campos.

10 — Francisca da Rocha. Poente, Francisca Tavares da Silva; nascente, Narcisa Maria de Jesus, prêta fôrra.

11 — Narcisa Maria de Jesus. Poente, Francisca da Rocha Campos; nascente, Rita Helena de Jesus, prêta fôrra.

12 — Rita Helena de Jesus, na mesma *rua Nova do Sacramento*. Poente, casas de Narcisa Maria de Jesus; nascente, as do alferes José Rodrigues Caiado.

13 — José Rodrigues Caiado. Poente, casa de Rita Helena de Jesus; nascente, Padre José Fagundes Serafim.

14 — Padre José Fagundes Serafim, *na mesma rua Nova do Sacramento*. Poente, alferes José Rodrigues Caiado; nascente, casas de d. Maria Umbelina.

15 — D. Maria Umbelina, filha do cap. Francisco Dias Novais, na mesma rua. Poente, pe. José Fagundes Serafim; nascente, Luís José de Figueiredo.

16 — Luís José de Figueiredo, mesma rua. Poente, casas de d. Maria Umbelina, nascente, *rua que segue para o Hospício da Terra Santa*.

17 — João Rodrigues do Nascimento, mesma rua. Suas casas que partem do sul, com as do alferes Laurenciano Antônio Castelo Branco; do norte, com a *ladeira que segue para o Hospício do Terra Santa*.

18 — Nicolau Pacheco da Cunha, *rua da Olaria que segue para o Hospício da Terra Santa*. Sul, herdeiros do sargente-mor Pedro Luís Pacheco da Cunha; norte, beco que segue para a Capela de São José.

19 — Pe. Joaquim Pereira de Magalhães, mesma rua. Poente, quintais de Rita Helena de Jesus; nascente, Pe. José Fagundes Serafim.

20 — Cap. Luís Antônio Pereira, mesma rua. Poente, Pe. José Fagundes Serafim; nascente, cap. Antônio José Peixoto.

21 — Cap. Antônio José Peixoto, mesma rua. Poente, cap. Luís Antônio Peixoto; nascente, João Rodrigues do Nascimento.

22 — Sargento-mor Pedro Luís Pacheco da Cunha, mesma *rua do Sacramento*. Poente, ladeira que sobe para o Hospício; nascente, Mariana Rodrigues.

23 — Joana Francisca de Sousa, mesma rua. Poente, brigadeiro Antônio José Dias Coelho; nascente, casas da Irmandade de N. S.ª do Rosário.
24 — Oficiais da Irmandade de N. S.ª do Rosário dos Pretos, mesma rua do Sacramento. Poente, terreno de Maria Francisca de Sousa; nascente, Raimundo Fernandes Machado.
25 — Raimundo Fernandes Machado, mesma rua. Poente, oficiais da Irmandade do Rosário; nascente, Francisco Antônio Pimenta.
26 — Francisco Antônio Pimenta. Poente, Raimundo Fernandes Machado; nascente, Francisco Gonçalves de Carvalho, digo, nascente com José Antônio de Abreu.
27 — José Antônio de Abreu. Poente, Francisco Antônio Pimenta; nascente, Francisco Gonçalves de Carvalho.
28 — Mariana Rodrigues, mesma rua. Poente, herdeiros do sargento-mór Pedro Luís Pacheco; nascente, Domingos Gonçalves de Barros.
29 — Domingos Gonçalves de Barros, mesma rua. Poente, Maria Rodrigues; nascente, berdeiros de Manuel Durães.
30 — Francisco Gonçalves de Carvalho. Poente, José Antônio de Abreu Lisboa; nascente, Joaquina Marcelina.
31 — Joaquina Marcelina. Poente, Francisco Gonçalves de Carvalho; nascente, beco que segue da mesma rua para os fundos dos quintais.
32 — Ana Inês de Sousa, prêta fôrra. Poente, beco que segue para os quintais; nascente, Joana Ferreira.
33 — Joana Ferreira. Poente, Inês de Sousa; nascente, sarg.-mor Marçal José de Araujo.
34 — Sarg.-mor Marçal José de Araujo. Poente com Joana Ferreira, nascente o cap. Manoel Teixeira de Souza.
35 — Cap. Manuel Teixeira de Sousa. Poente, sarg.-mor Manuel José de Araujo; nascente, chãos do cap. Luís Antônio Ferreira.
36 — Luís Antônio Ferreira. Poente, Manuel Teixeira de Sousa; nascente, padre-mestre de filosofia Manuel Joaquim Ribeiro.
37 — Herdeiros de Manuel Durães. Poente, Domingos Gonçalves de Barros; nascente, Ana Corrêia da Gama.
38 — Ana Corrêia da Gama. Poente, herdeiros de Manuel Durães; nascente, cel. José Veloso do Carmo.
39 — Cel. José Veloso do Carmo. Poente, Ana Corrêia da Gama; nascente, beco que sobe mais acima.
40 — Irmandade de S. José deta Vila. Poente, beco que segue da rua morro acima; nascente, herdeiros de Felizarda Teresa.
41 — Herdeiros de Felizarda Teresa. Poente, casas da Irmandade de S. José; nascente, Joaquim Pinto de Sousa.

42 — Joaquim Pinto de Sousa. Poente, herdeiros de Felizarda Teresa; nascente, Joaquim José Dias.
43 — Joaquim José Dias. Poente, Joaquim Pinto de Sousa; nascente, ladeira *que sobe para a Capela de S. José.*
44 — Cap. Manuel Marques Ferreira, terreno sem edifício. Poente, ladeira que sobe para S. José; nascente, cap. Jerônimo Fernandes da Silva.
45 — Cap. Jerônimo Fernandes da Silva. Poente, herdeiros do cap. Manuel Marques Ferreira; nascente, pe. Manuel Marques Ferreira.
46 — Pe. Manuel Marques Ferreira. Poente, cap. Joaquim, digo cap. Jerônimo Fernandes da Silva; nascente, Ana Guedes.
47 — Ana Guedes. Poente, pe. Manuel Marques Ferreira; nascente, terrenos do sarg.-mor Manuel Pinto Lopes.
48 — Sarg.-mor Manuel Pinto Lopes. Poente, Ana Guedes; nascente, Vicente Batista Rodrigues.
49 — Vicente Batista Rodrigues. Poente, sarg.-mor Manuel Pinto Lopes; nascente, cap. João de Deus Magalhães Gomes.
50 — Cap. Joaquim da Silva Guimarães. Sul, terrenos cercados e murados de pedras que partem ao poente, com chãos devolutos; nascente, com casas de José Ribeiro de Carvalhais.
51 — José Ribeiro de Carvalhais. Poente, cap. Joaquim da Silva Guimarães; nascente, cap. Joaquim dos Reis.
52 — Cap. Joaquim dos Reis. Poente, casas de José Ribeiro de Carvalhais; nascente, paredão e chafariz que segue para a ladeira denominada *de Simão da Rocha.*
53 — Cap. João de Deus Magalhães Gomes. Poente, casas do cap. Vicente Batista Rodrigues; nascente, beco que segue morro acima para a *ladeira de S. José.*
54 — Antônio Velho Brandão nascente, casas do pe. mestre Vitorino Martins Machado; poente, rua que segue para a ponte de S. José.
55 — Cap. Joaquim Coelho Pereira. mesma rua. Poente, casas de Marcelo Moreira Ribeiro; nascente, Serafim da Costa Ferreira.
56 — Serafim da Costa Ferreira. Poente, cap. Joaquim Coelho Ferreira; nascente, cap. Francisco Guilherme de Carvalho.
57 — Cap. Francisco Guilherme de Carvalho. Poente, Serafim da Costa Ferreira; nascente, d. Isabel Corrêia da Silva.
58 — Isabel Corrêia da Silva. Poente, cap. Francisco Guilherme de Carvalho; nascente, d. Maria de Jesus e Freitas.
59 — Maria de Jesus e Freitas. Poente, d. Isabel Corrêia da Silva; nascente, João Timóteo da Silva Bueno.
60 — João Timóteo da Silva Bueno. Poente, d. Maria de Jesus e Freitas; nascente, pe. Bernardo Fernandes Guimarães.

61 — Pe. Bernardo Fernandes Guimarães. Poente, João Timóteo da Silva Bueno; nascente, *beco que segue da rua para o córrego.*

62 — Custódia Maria do Sacramento, prêta fôrra. Poente, *beco que segue* da rua morro acima para a Capela de S. José; nascente, casas de Joaquim da Silva Meireles.

63 — Joaquim da Silva Meireles, *na mesma rua do Sacramento e São José,* suas casas que partem do poente, com casas de Custódia Maria do Sacramento; nascente, com o alferes Paulo Pereira de Campos.

64 — Paulo Pereira de Campos. Poente, Joaquim da Silva Meireles; nascente, Domingos Quintiliano da Silva.

65 — Domingos Quintiliano da Silva. Poente, alferes Paulo Pereira Campos; nascente, Feliciano Manuel da Costa.

66 — Feliciano Manuel da Costa. Nascente, Francisca Arcângela de Sousa, poente, Domingos Quintiliano da Silva.

67 — Francisca Arcângela de Sousa. Poente, Feliciano Manoel da Costa; nascente, cap. José Marques Guimarães.

68 — Cap. José Marques Guimarães. Poente, Francisca Arcângela de Sousa; nascente, Rosa Maria Gomes.

69 — Rosa Maria Gomes. Poente, cap. José Marques Guimarães; nascente, alferes João José da Costa Gesteira.

70 — Alferes João José da Costa Gesteira. Poente, casas de Rosa Maria Gomes; nascente, paredão que se acha nessa mesma rua.

71 — Herdeiros do sarg.-mor Domingos Pereira do Amaral Coutinho. Poente, paredão; nascente, casas do pe. Pantaleão da Silva Ramos.

72 — Pe. Pantaleão da Silva Ramos. Poente, herdeiros do sarg.-mor Domingos Pereira do Amaral Coutinho; nascente, cap. Bento Soares.

73 — Cap. J. Bento Soares. Poente, casas do pe. Pantaleão da Silva Ramos, nascente, *beco e ladeira que sobe para a Capela de S. José.*

74 — Teodósia Bernarda Pinto. Poente, beco que sai da rua para o córrego; nascente, casas do cabo de esquadra Joaquim Fidélis de Andrade.

75 — Cabo de esquadra Joaquim Fidélis de Andrade. Poente, Teodósia Bernarda Pinto; nascente, cap. Antônio José Peixoto.

76 — Cap. Antônio José Peixoto. Poente, Joaquim Fidélis de Araujo; nascente, Isabel Teixeira da Silva.

77 — Isabel Teixeira da Silva. Poente, Antônio José Peixoto; nascente, casas de Iria Luisa da Cunha.

78 — Iria Luisa da Cunha. Poente, Isabel Teixeira da Silva; nascente, Inácio da Silveira.

79 — Inácio Antônio da Silveira. Poente, Iria Luisa da Cunha; nascente, cap. Joaquim José dos Santos.

80 — Joaquim José dos Santos. Poente, Inácio Antônio da Silveira; nascente, beco que desce da rua para os fundos dos quintais e córrego.
81 — Joaquim Pinto. Poente, beco que segue da mesma rua para os fundos dos quintais e córrego.
82 — Joana Princesa de Oliveira. Poente, Joaquina Pinto; nascente, Rosa de Araújo Silva.
83 — Rosa de Araújo Silva. Poente, Joana Princesa de Oliveira; nascente, Antônio Rodrigues de Barcelos.
84 — Antônio Rodrigues de Barcelos. Poente, Rosa de Araújo Silva; nascente, estalagem de Serafim José dos Santos.
85 — Serafim José dos Santos. Poente, Antônio Rodrigues Barcelos; nascente, Apolônia Júlia de Santana.
86 — Apolônia Júlia de Santana. Poente estalagem de Serafim José dos Santos; nascente, alferes Antonio Luís da Cunha.
87 — Alferes Antonio Luís da Cunha. Poente, Apolônia Júlia de Santana; nascente, Bernardo Lopes de Babo.
88 — Bernardo Lopes de Babo. Poente, Antônio Luís da Cunha; nascente, *praça do Sr. Bom Jesus.*
89 — Marcelina Maria de Oliveira. Poente, Inácio Antônio da Silveira; nascente e norte, d. Ana Margarida.
90 — Ana Margarida. Poente, Marcelina Maria de Oliveira; nascente, beco que dá servidão às duas casas.
91 — Joana Francisca de Sousa. Poente, Mel. Vieira da Cunha; nascente, ten.-cel. José Pereira Marques.
92 — Ten.-cel. José Pereira Marques. Poente, Joana Francisca de Sousa; nascente, *ponte denominada de S. José.*
93 — Herdeiros de Teodósio Bernardes da Fonseca, na mesma *rua de S. José.* Casas que partem ao poente, com a ponte e córrego que desce para o Ouro Prêto; ao nascente, com Luís Antonio de Barros.
94 — Luís Antônio de Barros. Poente, Teodósio Bernardes da Fonseca; nascente, dr. Joaquim Veloso de Miranda.
95 — Dr. Joaquim Veloso de Miranda. Poente, Luís Antônio de Barros; nascente, fundos dos quintais do cap. Joaquim Ferreira da Fonseca e esgôto das águas para o córrego (antigo Jardim Botânico).

## LADEIRA DA RUA QUE SEGUE PARA A CAPELA DO MORRO DE SÃO JOSÉ

1 — Inácio Antônio da Silveira, de suas casas ao princípio da *ladeira de S. José.* Nascente, casas de Marcelina Maria de Oliveira; poente, casas do alferes João Francisco Ferreira.

2 — Alferes João Francisco Ferreira. Nascente, Inácio Antônio da Silveira; poente, Basílio dos Santos.

3 — Basílio dos Santos. Nascente, alferes João Francisco Ferreira; poente, Vicença Moreira de Oliveira.

4 — Vicença Moreira de Oliveira. Nascente, Basílio dos Santos; poente, pe. Francisco Xavier Pereira.

5 — Pe. Francisco Xavier Pereira. Nascente, Vicência Moreira de Oliveira; poente, cap. José Gonçalves Reis.

6 — Cap. José Gonçalves dos Reis. Nascente, pe. Francisco Xavier Pereira; poente, um beco estreito.

7 — Procurador da Irmandade de N. S.ª das Mercês, na mesma rua e ladeira. Poente, terreno de Luciano Pereira de Jesus; nascente, um beco estreito que divide as casas do cap. José Gonçalves dos Reis.

8 — Luciano Pereira de Jesus, terreno. Nascente, Irmandade supra; poente, terrenos de José Gonçalves dos Reis.

9 — José Gonçalves dos Reis. Nascente, terreno de Viana Pereira Jesus; poente, Maria de Macedo, prêta fôrra.

10 — Maria de Macedo. Nascente, José Gonçalves Reis.

11 — Felipe Coelho de Macedo, prêto fôrro. Nascente, terreno de Maria Macedo; poente, Serafim José dos Santos.

12 — Serafim José dos Santos. Nascente, Felipe Coelho de Macedo; poente, calçada que segue para a Capela de S. José.

13 — Maria Ribeiro do Nascimento, parda fôrra, terreno sem edifício. Nascente, Francisca Arcângela de Sousa; poente, terras devolutas.

14 — Cap. Vicente Batista Rodrigues, em frente à calçada que segue para S. José, em fundos da propriedade que tem pela parte da *rua do Sacramento.*

15 — Alferes João Gonçalves Dias, zelador da Irmandade de S. José, casas junto à mesma Capela. Nascente, fundos das casas da ladeira que sobe para a mesma capela; poente, o *caminho que segue para a Piedade* (Trata-se da antiga Capela de S. Francisco de Paula).

16 — D. Joaquina Rosa do Sacramento, viúva do cap. Manuel Francisco de Andrade, sua chácara no *Morro da Piedade* e caminho que segue para a mesma Capela.

17 — Padre Matias José de Abreu, suas casas do Morro da Piedade, no mesmo caminho.

18 — Alferes João Gonçalves Dias, zelador da Ordem 3.ª de S. Francisco de Paula, no Morro da Piedade. Sul, casas do pe. Matias; norte, córrego da capela (já tombada no 5.º, fls. 174).

19 — Cap. Vicente Batista Rodrigues, sua chácara no morro da Piedade. Sul, chácara de d. Joaquina do Sacramento; norte, *caminho que desce do morro de São Sebastião.*
20 — Ana Machado Lima, chácara no morro da Piedade. Norte, caminho que desce de S. Sebastião; sul, *caminho e beco que vai da Capela de S. José para o Hospício.*

RUA QUE SEGUE DA PONTE SÊCA ATÉ A PONTE DO OURO PRÊTO

1 — Pe. Antônio José Velho Coelho.
2 — Luisa Pereira da Trindade.
3 — Ana Francisca da Conceição.
4 — Francisca dos Santos.
5 — Joaquim de Sousa Machado.
6 — Francisco Xavier.
7 — Antônio Caetano de Pina.
8 — Sarg.-mor Caetano José Cardoso (entre a Capela do Paço até a esquina).
9 — Maria Coelho Neto.
10 — Cel. José de Sousa Lobo, *em rua denominada do Vigário* (Cons.º Santana).
11 — Maria Gonçalves de Jesus.
12 — Cap. Rodrigo Pereira Soares.
13 — João Fernandes Salgado.
14 — Mateus Machado.
15 — Manuel Pereira de Magalhães, prêto.
16 — Miguel Alves de Sousa, prêto.
17 — Isidoro Pinto de Sousa, *na rua de cima que da Ponte Sêca segue pelo Bom Jesus para o Ouro Prêto.*
18 — Sebastião de Barros, pardo.
19 — Pe. Pantaleão da Silva Ramos, *na rua de Cima que segue para o Bomfim.*
20 — Faustino Vieira de Sousa.
21 — Caetano Gonçalves de Carvalho.
22 — Furriel Antônio Monteiro da Fonseca.
23 — Cap. João Joaquim da Silva Guimarães.
24 — Herdeiros de Manuel Gomes Labarinho.
25 — João Soares do Carmo.
26 — José Joaquim da Silva.
27 — Antônio Soares Gomes.
28 — Pe. Hipólito Antônio de Freitas.
29 — José Rodrigues Neves.
30 — Joaquim Teixeira de São José.

31 — Cipriano de Lima Soares. Poente, Manuel de Freitas; nascente, as da Irmandade de Santana.
32 — Joaquim Ferreira da Fonseca.
33 — Pe. Pantaleão da Silva Ramos.
34 — Felisberto Barreto.

RUA DIREITA, QUE PRINCIPIA NA PONTE DO OURO PRÊTO ATÊ A PRAÇA

1 — Herdeiros de Felizarda Teresa de Assunção, casas mestiças. Poente, a sobredita ponte e córrego; nascente, casas de Maria Carolina Martins Peixoto.
2 — Maria Carolina Martins Peixoto, na mesma rua. Poente, herdeiros de Felizarda Teresa de Assunção; nascente, beco que sai da rua para detrás dos quintais.
3 — Herdeiros de Eusébio da Costa Ataide, na mesma rua, junto à ponte. Poente, a referida ponte e córrego; nascente, casas do mesmo foreiro.
4 — Herdeiros de Eusébio da Costa Ataide, na mesma rua. Poente, casas do mesmo foreiro; nascente, Catarina da Costa Pinheiro.
5 — Catarina da Costa Pinheiro. Poente, herdeiros de Eusébio da Costa Ataide; nascente, os de Tomé Joaquim Alves.
6 — Herdeiros de Tomé Joaquim Alves. Poente, Catarina da Costa Pinheiro; nascente, herdeiros de Eusébio da Costa Ataide.
7 — Herdeiros de Eusébio da Costa Ataide. Poente, Tomé Joaquim Alves; nascente, rev.º vigário Vidal José do Vale.
8 — Herdeiros de Eusébio da Costa Ataide. Poente, Micaela Arcângela de Sousa; nascente, ditos foreiros.
9 — Ditos herdeiros. Poente, casas do mesmos acima; nascente, Senhorinha Marcelina de Sousa.
10 — Rev.º vigário de Ouro Prêto, Vidal José do Valle. Poente, casas dos herdeiros de Eusébio da Costa Ataide; nascente, as do cap. Pantaleão Alves da Silva.
11 — Cap. Pantaleão Alves da Silva. Poente, rev.º vigário; nascente, ajudante José Joaquim de Oliveira.
12 — Cap. Jerônimo Lopes da Cruz. Poente, herdeiros do alferes Francisco de Araujo Corrêia; nascente, herdeiros de José Carlos de Cerqueira Martins.
13 — Herdeiros de José Carlos de Cerqueira Martins. Poente, cap. Jerônimo Lopes da Cruz; nascente, tenente Francisco de Paula Barbosa.
14 — Tenente Francisco de Paula Barbosa. Poente, herdeiros de José Carlos da Cerqueira Martins; nascente, rev. Manuel de Abreu Lobato.

15 — Pe. Manuel de Abreu Lobato. Poente, tenente Francisco de Paula Barbosa; nascente, d. Angela Micaela da Trindade.

16 — D. Maria Emerenciana, viúva do sarg.-mor Manuel Ribeiro Guimarães. Poente, casas de d. Angela Micaela da Trindade; nascente, muro do quintal de Eugênia Alves Carneiro.

17 — Ajudante José Joaquim de Oliveira. Poente nascente, casas dêle, foreiro.

18 — O mesmo. Poente, cap. Pantaleão Alves da Silva; nascente, casas dêle mesmo, foreiro.

19 — O mesnio, várias outras casas. Poente, êle, foreiro; nascente, as do tenente Manuel José Dias.

20 — Tnente Manuel José Dias. Poente, ajudante José Joaquim de Oliveira; nascente, herdeiros do alferes Pedro de Oliveira Jaques.

21 — Herdeiros de Pedro de Oliveira Jaques. Poente, Manuel José Dias; nascente, terreno do quartel-mestre José de Deus Lopes.

22 — Quartel-mestre José de Deus Lopes, terreno ou quintal cercado pela frente da rua. Poente, casas dos herdeiros de Pedro de Oliveira Jaques; nascente, pe. José Martins Machado.

23 — Eugênia Alves Carneiro, viúva do sarg.-mor José Leão de Paiva. Poente, *canto da rua que desce para a dos Caldereiros;* nascente, casas do cadete Antônio Bento de Vasconcelos.

24 — Cadete Antônio Bento de Vasconcelos. Poente, Eugênia Alves Carneiro; nascente, as do quartel-mestre José Dias Lopes.

25 — Quartel-mestre José de Deus Lopes. Poente, cadete Antônio Bento de Vasconcelos; nascente, *caminho ou rua que segue para a Barra.*

26 — João Mendes Barreto, soldado da tropa. Poente, *ladeira que sobe para o beco de Santa Quitéria;* nascente, casas do alferes Francisco Pereira Duarte.

27 — Alferes Francisco Pereira Duarte. Poente, João Mendes Barreto; nascente, Ana Maria de Oliveira Rosa.

28 — Ana Maria de Oliveira Rosa. Poente, alferes Francisco Pereira Duarte; nascente, Lúcia Pereira de Sousa.

29 — Lúcia Pereira de Sousa. Poente, Ana Maria de Oliveira Rosa; nascente, herdeiros de Jerônimo Rodrigues de Aragão.

30 — Herdeiros de Jerônimo Rodrigues de Aragão. Poente, Lúcia Pereira de Sousa; nascente, José Rodrigues de Sousa.

31 — José Rodrigues de Sousa. Poente, herdeiros de Jerônimo Rodrigues de Aragão; nascente, chãos de d. Francisca de Paula de Jesus.

32 — Terrenos de d. Francisca de Paula de Jesus. Poente, José Rodrigues de Sousa; nascente com a *travessa e rua que seguem para Santa Quitéria.*

33 — Sarg.mor Bernardo José Simões, na mesma rua, um edifício principiado com paredes de pedra. Poente, casas que foram do pe. José Martins Machado da Costa; nascente, as do pe. Francisco Machado da Costa.
34 — Pe. Francisco Machado da Costa, na mesma *rua Direita,* suas casas. Poente, edifício principiado do sarg.-mor Bernardo José Simões; nascente, as dos herdeiros do dr. Francisco de Miranda de Barbosa Saldanha.
35 — Herdeiros do dr. Francisco Miranda de Barbosa Saldanha. Poente, casas do pe. Francisco Machado da Costa; nascente, herdeiros do cap. Manuel Ribeiro dos Santos.
36 — Herdeiros do cap. Manuel Ribeiro dos Santos. Poente, casas dos herdeiros do dr. Francisco Barbosa de Miranda Saldanha; nascente, Manuel Ribeiro dos Santos.
37 — Cap. Antônio Ribeiro da Costa. Poente, herdeiros de Manuel Ribeiro dos Santos; nascente, ajudante Bernardo dos Reis.
38 — Ajudante Bernardo dos Reis. Nascente, d. Ana Maria de Queiroz, viúva de Jerônimo de Sousa Lobo.
39 — D. Ana Maria de Queiroz. Poente, casas do ajudante Bernardo dos Reis; nascente, as do pe. Manuel Abreu Lobato.
40 — Pe. Manoel Abreu Lobato. Poente, d. Ana Maria de Queiroz; nascente, cap. Joaquim Ferreira da Fonseca.
41 — Cap. Joaquim Ferreira da Fonseca. Poente, pe. Manuel de Abreu; nascente, *rua e largo do Chafariz de São José.*
42 — Ajudante Manuel Coelho Pereira, *na mesma rua Direita.* Poente, travessa e ladeira que segue para a rua de Santa Quitéria; nascente, casas de d. Joaquim Rosa do Sacramento.
43 — Joaquina Rosa do Sacramento. Poente, ajudante Manuel Coelho; nascente, sarg.-mor Marçal José de Araujo.
44 — Sarg.-mor Marçal José de Araujo, *na mesma rua Direita.* Poente d. Joaquina Rosa do Sacramento; nascente, Teodoro de Araújo Corrêia.
45 — Teodoro de Araújo Corrêia. Poente, sarg.-mor Marçal José de Araújo; nascente, o pe. Jerônimo Fernandes Lana.
46 — Herdeiros do pe. Jerônimo Fernandes Lana. Poente, Teodoro de Araujo Corrêia; nascente, êles mesmos, foreiros.
47 — Os mesmos herdeiros.
48 — José do Espírito Santo, soldado. Poente, Francisco Xavier Duarte; nascente, pe. Manuel de Abreu Lobato.
49 — Pe. Manuel de Abreu Lobato. Poente, José do Espírito Santo; nascente, Angélica Alves de Miranda.
50 — Angélica Alves de Miranda. Poente, casas do pe. Manuel de Abreu; nascente, ela mesma, foreira.
51 — A mesma.

52 — Antônia Maria de Oliveira. Poente, d. Angélica Alves de Miranda; nascente, Albina Rodrigues da Silva.
53 — Albina Rodrigues da Silva. Poente, Antônio Maria de Oliveira; nascente, *beco que segue da mesma rua para a de Santa Quitéria.*
54 — Antonio Velho Brandão, na mesma rua. Poente, *rua e beco do córrego do Chafariz;* nascente, pe. Domingos Francisco de Carvalho.
55 — Pe. Domingos Francisco de Carvalho. Poente, Antônio Velho Brandão; nascente, êle mesmo foreiro.
56 — Cap. Fernando Luís Machado de Magalhães, *na mesma rua Direita.* Poente, pe. Domingos Francisco de Carvalho; nascente, cap. Manuel José Martins de Barros.
57 — Cap. Manuel José Martins de Barros. Poente, cap. Fernando Luís Machado de Magalhães; nascente, herdeiros do pe. Jerônimo Fernandes Lana.
58 — Herdeiros do pe. Jerônimo Fernandes Lana.
59 — Cap. Nicolau Soares do Couto. Poente, herdeiros do pe. Jerônimo Fernandes Lana; nascente, cap. Manuel José Monteiro de Barros.
60 — Cap. Manuel José Monteiro de Barros. Poente, Nicolau Soares do Couto; nascente, Ana Joaquina Felícia.
61 — Ana Joaquina Felícia. Poente, cap. Manuel José Monteiro de Barros; nascente, d. Francisca Cutódia do Pilar.
62 — Francisca Custódia do Pilar. Poente, Ana Joaquina Felícia; nascente, casa do Patrimônio do S. S. Sacramento da O. 3.ª de N. S.u do Carmo.
63 — Cap. Antônio da Cruz Machado. Poente, pe. José Caetano da Costa; nascente, sarg.-mor Manuel Pinto Lopes.
64 — Sarg.-mor Manuel Pinto Lopes, na mesma rua Direita. Poente, cap. Antônio da Cruz Machado; nascente, tenente Manuel Moreira Ribeiro.
65 — Tenente Manuel Moreira Ribeiro. Poente. Manuel Pinto Lopes; nascente, Mariana Gomes, prêta fôrra.
66 — Mariana Gomes. Poente, Manuel Moreira Ribeiro; nascente, herdeiros de Luís Gomes da Fonseca.
67 — Herdeiros de Luís Gomes da Fonseca. Poente, Maria Gomes, prêta fôrra; nascente, cirurgião-mor Antônio José Vieira de Carvalho.
68 — Cirurgião-mor Antônio José Vieira de Carvalho. Poente, herdeiros de Luís Gomes da Fonseca; nascente, tenente Agostinho Duarte da Silveira.
69 — Tenente Agostinho Duarte da Silveira. Poente, alferes Manuel Marques Duarte.
70 — Alferes Manuel Marques Duarte. Poente, tenente Agostinho Duarte da Silva; nascente, *beco ou travessa que segue para os quartéis da tropa.*
71 — Herdeiros de Domingos Tomé da Costa. Poente, beco ou travessa que segue para os quartéis da tropa; nascente, casas do ajudante Bernardo dos Reis.

72 — Ajudante Bernardo dos Reis. Poente, herdeiros de Domingos Tomé da Costa; nascente, d. Antônia Luisa, viúva do sarg.-mor Teotônio Maurício de Miranda Ribeiro.

73 — Antônia Luisa. Poente, Bernardo dos Reis; nascente, quartel-mestre Antônio José Ribeiro.

74 — Quartel-mestre Antônio José Ribeiro. Poente, Antônia Luiza; nascente, guarda-mór Domingos Álvares de Oliveira Maciel.

75 — Guarda-mór Domingos Álvares de Oliveira Maciel. Poente, quartel-mestre Antônio José Ribeiro; nascente, Genoveva Maria Angélica.

76 — Manuel Correia de Sá. Poente, Genoveva Maria Angélica, que não é foreira; nascente, *a Praça.*

77 — Guarda-mór Domingos Álvares de Oliveira Maciel, na mesma rua. Poente, sarg.-mor Maximiano de Oliveira Leite, que não é foreiro; nascente, paredão que divide a casa de João Ribeiro Guedes.

78 — João Ribeiro Guedes, na mesma rua. Poente, paredão que divide a casa do guarda-mor Domingos Álvares de Oliveira Maciel; nascente, porta-estandarte José Ferreira da Silva.

79 — Porta-estandarte José Ferreira da Silva. Poente, João Ribeiro Guedes; nascente, a praça.

## RUA DE SANTA QUITÉRIA

1 — Francisco de Melo Rodrigues. Poente, ladeira que desce da mesma rua para o Ouro Prêto; nascente, sarg.-mór Marçal José de Araujo.

2 — Sarg.-mór Marçal José de Araujo. Poente, Francisco de Melo Rodrigues; nascente, herdeiros do cap. Manuel Ribeiro dos Santos.

3 — Herdeiros do cap. Manuel Ribeiro dos Santos. Poente, sarg.-mór Manuel José de Araujo; nascente, o pe. Antônio Ferreira de Araujo.

4 — Pe. Antônio Ferreira de Araujo. Poente, herdeiros do cap. Manuel Ribeiro dos Santos; nascente, Joaquim Pinto de Sousa.

5 — Joaquim Pinto de Sousa. Poente, casas e terras do pe. Antônio Ferreira de Araujo; nascente, cabo de esquadra José Pires.

6 — Cabo de esquadra José Pires. Poente, casas de Joaquim Pinto de Sousa; nascente, Ana Micaela Arcângelo.

7 — Ana Micaela Arcângelo. Poente, cabo de esquadra José Pires; nascente, Antônio Ferreira dos Santos.

8 — Antônio Ferreira dos Santos. Poente, êle, foreiro; nascente, Inácia Maria de Jesus.

9 — Antônio Ferreira dos Santos. Poente, êle, foreiro; nascente, Ana Micaela Arcângelo.

10 — Inácia Maria de Jesus. Poente, Antônio Ferreira dos Santos; nascente, terras pertencentes à O. 3.ª do Carmo.

11 — O. 3.ª do Carmo, terreno místico e Capela da mesma Ordem, setenta braças em toda a circunferência. Poente, casas de Inácia Maria de Jesus fronteando com a *rua que segue da praça costeando a Cadeia* a fazer frente com os fundos de sua chácara, sobrando as *ruas que estão projetadas* e já tombadas no Liv. 4.º, fls. 34 e 345.

12 — Cadete Joaquim Manuel da Silva, na mesma *rua de Santa Quitéria.* Poente, travessa que desce da mesma rua para a *rua Direita;* nascente, casas de José das Neves de Gusmão.

13 — José das Neves de Gusmão. Poente, cadete Joaquim Manuel da Silva; nascente, d. Francisca Pulquéria Teodora de Sales.

14 — D. Francisca Pulquéria Teodora de Sales, viúva do dr. Paulo José de Lana Costa e Dantas; poente, José das Neves de Gusmão, nascente alferes Luciano Pinto de Sousa.

15 — Alferes Luciano Pinto de Sousa. Poente, d. Francisca Pulquéria Teodora de Sales; nascente, beco que desce da mesma rua para a *rua Direita.*

16 — Herdeiros do cap. Manuel Fernandes Pinto. Poente, beco que desce da mesma rua para a rua Direita; nascente, Casa da Ópera.

17 — Casa da Ópera, na mesma *rua de Sta. Quitéria.* Poente, casas de herdeiros do cap. Manuel Fernandes Pinto; nascente, casa de d. Francisca Xavier de Sousa.

18 — D. Francisca Xavier de Sousa, na mesma rua de Sta. Quitéria. Poente, Casa da Ópera; ao nascente, as da viuva e herdeiros do cap. Florêncio Guedes Pinto de Carvalho.

19 — Viuva e herdeiros do cap. Florêncio Guedes Pinto de Carvalho. Poente, casas de d. Francisca Xavier de Sousa; nascente, terreno sem edifício do sarg.-mór Francisco Pereira de Velasco.

20 — Sarg.-mór Francisco Pereira de Velasco, terreno sem edifício. Poente, herdeiros de Eusébio da Costa Ataíde e beco que divide as casas da viúva e herdeiros do cap. Florêncio Guedes; nascente, herdeiros de Eusébio da Costa Ataíde.

21 — Herdeiros de Eusébio da Costa Ataíde. Poente, terrenos de Francisco Pereira de Velasco; nascente José Caetano Ferreira de Carvalho.

22 — Herdeiros de José Caetano Ferreira de Carvalho. Poente, herdeiros de Eusébio da Costa Ataíde; nascente, fundo dos quintais do guarda-mór Domingos Álvares de Oliveira Maciel.

23 — Alferes Francisco Pereira Duarte, mesma rua. Poente, fundo de outras casas do guarda-mór Domingos Álvares de Oliveira Maciel; nascente, cap. Domingos Gonçalves da Cruz.

24 — Domingos Gonçalves da Cruz. Poente, Francisco Pereira Duarte; nascente, a praça.
25 — Isabel Felícia de Seixas, viúva do sarg.-mór Francisco de Sanches Brandão. Poente, adro da Capela do Carmo; nascente, *travessa da Cadeia e Praça.*

ALTO DA PRAÇA, SEGUINDO A RUA DIREITA DE ANTÔNIO DIAS ATÉ A PONTE

1 — Herdeiros do coronel Carlos José da Silva, em frente à Praça. Nascente, Hospital Real; sul, casas do cap. Pedro da Costa Fonseca.
2 — D. Ana da Silva Teixeira Menezes, na mesma praça. Norte, *beco que sai da mesma Praça para a rua dos Paulistas;* sul, a mesma foreira.
3 — Manuel Joaquim Pereira, na descida da praça para Antônio Dias. Poente, largo da mesma Praça; nascente, casas do cap. Vitoriano Caetano Faria.
4 — Cap. Vitoriano Caetano Faria. Poente, Manuel João Pereira; nascente, d. Iria Vitorina de Ávila e Silva.
5 — D. Iria Vitorina de Ávila e Silva. Poente, cap. Vitoriano Caetano Faria; nascente, Santa Casa de Misericórdia.
6 — Santa Casa de Misericórdia, na mesma rua. Poente, d. Iria Vitorina; nascente, Feliciano José Rebelo.
7 — Feliciano José Rebelo. Poente, Santa Casa de Misericórdia; nascente Joaquina Antônia Vaz.
8 — Joaquina Antônia Vaz, viúva de Luís Pinheiro Lobo. Poente, Feliciano José Ribeiro; nascente, vigário João Antônio Pinto Moreira.
9 — João Ribeiro Guedes. Poente, Manuel José Barbosa; nascente, beco que segue da mesma rua para a dos Paulistas.
10 — Manuel da Rocha Monteiro, na mesma rua. Poente, beco referido; nascente, Isabel Feliciano de Abreu.
11 — Isabel Feliciano de Abreu. Poente, Manuel da Rocha Monteiro; ao nascente, pela parte de trás do chafariz público da mesma rua.
12 — Viúva do dr. João Gaulberto Monteiro de Barros. Poente, Domingos Álvares de Oliveira Maciel; nascente, José Veríssimo da Fonseca.
13 — José Veríssimo da Fonseca. Poente, viúva acima; nascente, *travessa* que segue para S. Francisco.
14 — Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, na mesma rua. Poente, travessa referida; nascente, *rua que segue para a Barra* [6]

6. Trata-se da antiga casa de Claudio Manuel da Costa.

15 — Pedro de Lemos Magalhães. Poente, Francisco Pereira Campos; nascente, *rua dos Paulistas.*
16 — Francisco Xavier de Andrade. Poente por detrás denominada *Cadeia Velha;* nascente, casas de d. Caetana Eufrásia de Figueiredo, viúva.
17 — Caetana Eufrásia de Figueiredo. Poente, Francisco de Andrade; nascente, casas dela mesma, foreira.
18 — Alferes José Sutério de Jesus. Poente, d. Caetana Eufrásia; nascente, Hilária Cardoso de Mendonça.
19 — Hilária Cardoso de Mendonça. Poente, José Antônio de Jesus; nascente, Joaquim José Benevides.
20 — Tenente João Pinto da Rocha. Poente, *rua dos Paulistas;* nascente, Manuel de Assunção Cruz.
21 — Torquato Álvares de Meireles. Poente, Manuel de Assunção Cruz; nascente, Manuel Álvares de Meireles.
22 — Manuel Álvares de Meireles. Poente, Jacinto Alves de Meireles; nascente, êle mesmo, foreiro.
23 — Manuel Fernandes Sobreira. Poente, beco que sai da mesma rua para a parte de trás dos quintais e fontes; nascente, Antônia Moreira Creoula.
24 — Antônia Moreira Creoula.
25 — Maria Pereira Vila Nova. Poente, Antônia Moreira; nascente, Manuel Fernandes Sobreira.
26 — Manuel Fernandes Sobreira. Poente, Maria Pereira Vila Nova; nascente, Genoveva de Melo.
27 — Genoveva Ribeiro de Melo.
28 — Antônio Pereira Malta. Poente, Genoveva Ribeiro de Melo; nascente, Antônio José Pereira.
29 — Antônio Velho Brandão. Poente, Antônio José Ferreira; nascente, com as da O. 3.ª de São Francisco.
30 — Juliana de Sousa Lobo. Poente Angélica de Velasco; nascente, Custódio José Coelho.
31 — Custódio José Coelho. Poente Juliana de Sousa Lobo, nascente, Manuel Marques Ferreira.
32 — Oficiais de N. S.ª da Boa Morte, Antônio Dias, no terreno em que fundaria a Tôrre dos Sinos, com frente à rua e adro da matriz.
33 — Manuel Lopes da Cruz.
34 — Inácio da Costa Pereira, pardo fôrro. Norte, ponte que vai para o *Palacio Velho;* sul, Manuel Lopes da Cruz.
35 — Ana Martins Viana, prêta fôrra, na mesma rua. Norte córrego e ponte do Palácio Velho; sul, Caetano Bernardo.
36 — Antônio Lopes de Oliveira, da outra parte do córrego e *ponte do Palácio,* frente do caminho que divide os muros do mesmo Palácio Velho.

34 — Antônio Moreira da Silva, na mesma rua. Norte, Manuel Lopes da Cruz; sul, beco que desce para a Ponte de Antônio Dias.
38 — Maria Ferreira dos Santos, na mesma rua. Poente, Antônia Moreira da Silva; nascente, alferes José Dias Monteiro.
39 — Alferes José Dias Monteiro. Poente, Maria Ferreira dos Santos; nascente, um beco escuro que sai da rua para detrás dos quintais.
40 — Mariano Vaz de Carvalho, na mesma rua, a descer para a Ponte de Antônio Dias. Poente, Antônio Vaz de Carvalho; nascente, Pe. Manuel dos Santos Abreu.
41 — Porta-estandarte Mariano Ferreira da Silva. Poente, o padre acima; nascente, córrego e ponte de Antônio Dias.

## RUA DE TRÁS DE ANTÔNIO DIAS, DENOMINADA DA CADEIA VELHA

Número de ordem, 935.

Basílio Pereira da Silva, pardo fôrro, na mesma rua. Nascente, viúva e herdeiros de Domingos Pinto Correia; poente, casas de *Antônio Francisco Lisboa,* que não paga fôro, e sendo-lhe medidos pela frente se lhe acharam tres braças já tombadas no Livro I, a fls. 435, em nome de José Gomes da Rocha.[7]

SALOMÃO DE VASCONCELOS

7. No lançamento de 1724, alude-se às casas de Manuel Francisco Lisboa.
Em outro, fala-se no lançamento do Padre Félix Antônio Lisboa, na rua da Barra junto à Casa da Moeda.

# LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA — 1756-1802.

## EXPLICAÇÃO

A presente publicação do *Livro do gasto da Sacristia do Mosteiro de São Bento de Olinda,* 1756-1802, constitui mais um dos numerosos trabalhos de decifração e transcrição, feitos pelo Revmo. D. Bonifácio Jansen, o 72.º abade daquele veneravel cenóbio beneditino. O extenso manuscrito do *Índice geral do Arquivo do Mosteiro de São Bento,* de S. Paulo (feito entre 1916 e 1918), assim como tôdas as publicações da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano,* dêsde o ano de 1940 até 1948, nos oferecem provas, das mais elucidativas, do constante e paciente labor do monge beneditino, que hoje ocupa, mui dignamente, o lugar de seu grande antecessor, Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, irmão de Frei Gaspar da Madre de Deus.

Uma cópia datilografada do *Livro do gasto da Sacristia,* que o Revmo.º D. Abade Bonifácio nos mandara gentilmente, em 15 de outubro de 1941, deu-nos ensejo de compilar uma grande parte do estudo *Artistas beneditinos do Brasil,* especialmente, dos *Artistas de Pernambuco,* cujo manuscrito pudemos entregar ao dedicado Diretor Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, em fins de 1946.

Não é exagero afirmar que os maiores artistas de Pernambuco deixaram registrados os seus nomes no precioso códice das obras e dos gastos feitos na igreja e na sacristia de São Bento de Olinda: arquitetos e pintores, carapinas e entalhadores, ourives e calígrafos, organeiros e mestre de obras, aí estão êles, com seus trabalhos e suas contas, bem marcados.

Destacamos em primeiro lugar o mestre de obras e arquiteto Francisco Nunes Soares que levantou o frontespício novo da igreja abacial, em 1761, percebendo por esta obra 700 milreis Apuramos que o mesmo mestre de obras é o autor (da parte superior aos arcos) da bela fachada da igreja votiva dos Guararapes (1786-1792), assim da igreja rural da Jaqueira, como de uma das igrejas de Igarassú.

Entre os entalhadores encontramos João Garcia que trabalhou como ajudante da talha da capela-mor, em 1759; o mestre Simão, autor da obra de escultura do altar do Pilar, em 1778, e o mestre Gregório, que fez as imagens de S. Gregório e Santa Escolástica para o altar-mor novo, em 1785.

O carapina José Corrêa fêz em 1762, por 100 mil reis as belas portas da entrada da igreja, sendo que no mesmo ano o carapina João André colocou as janelas e o óculo do novo frontespício. Foi o habil Mestre Manuel que em 1789 dotou a rica sacristia nova com os dois imponentes *repositórios,* ou armários meio-embutidos, pela quantia de 27 mil e cento e dez reis.

Não menos interessante é a lista dos pintores que com os seus trabalhos ornaram a igreja, a sacristia e o mosteiro. Em 1775, o Mestre Potenciano pintou o painel do Pilar; e parece, êle ser também o autor dos diversos retratos feitos naquele tempo: do bispo de Olinda, D. Tomás da Encarnação Costa e Lima, natural da Bahia; do bispo do Rio de Janeiro, o monge beneditino Frei Antônio do Destêrro; do bispo do Pôrto, Frei Gonçalo de Morais, antigo D. Abade-Geral da Ordem de São Bento de Portugal-Brasil; e o retrato do fundador do mosteiro olindense, Jorge d'Albuquerque, o terceiro donatário de Pernambuco. A quantia que o retratista ganhou, variava entre seis a dez mil reis por retrato.

O mestre-pintor José Eloi, "pela empreitada que ajustou de hum painel da Sachristia e sua circunferencia", em 1785, recebeu 40 mil reis; evidentemente, trata-se do grande painel do fôrro, que representa diversas cenas da vida de São Bento. Quatro anos mais tarde, em 1789, o mesmo mestre-pintor ganhou 32 mil reis "da impleitada que com o dito se fez de pintar o painel do

altar da Sacristia, e fingir tudo o que se vê de pedra." Êste painel de Nossa Senhora da Piedade é de grandes proporções; pois têm 220 cms de altura e 215 cms. de largura. Tambem a douração da suntuosa sacristia (e talvez, da própria capela-mor?) correu por conta de José Eloi, sendo que em abril de 1789, o livro registra: "Por molhadura ao Joze Pintor, e seos companheiros de dourar a Sacristia — 1$280."

O pintor Francisco Bezerra (que já em 1782, fizera os paineis da capela-mor da igreja de S. Pedro dos Clérigos, de Recife, paineis hoje infelizmente desaparecidos, em 1791, terminou os oito grandes quadros da vida de São Bento, que revestem as paredes da sacristia do Mosteiro de Olinda. Cada um mede de altura 215 cms. e de largura 120 cms. e foi confecionado por 19 mil reis. Foram êles pintados à vista de uma coleção de estampas antigas que já em 1745 serviram para seis paineis sôbre táboas no côro da igreja de São Bento do Rio de Janeiro, onde mais uma vez, foram reproduzidos em oito grandes paineis, nos anos de 1757 a 1760.

Em 1760, o ourives Manuel Dias da Ascenção forneceu ao mosteiro uma naveta de prata, por 21$245, sendo que o organeiro Agostinho Rodrigues Leite, em 1775, montou um orgão novo por 800 mil reis. Êste artista, nasceu em Recife, aos 22 de agosto de 1722, filho de João Rodrigues Leite e de sua mulher Ana Teixeira Leite, e "sem outro mestre que a propria penetração faz excellentes orgãos, e para os templos da patria, e da Bahia os tem feito primorosissimos", afirma o seu conterrâneo, o monge beneditino D. Domingos de Loreto Couto, ao tratar "dos que pela sua rara habilidade sem terem mestres, de quem aprendessem, forão insignes em alguas Artes", na sua monumental obra *Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco,* publicada nos *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro,* vol. XXV, p. 37. Além do mencionado órgão, o mestre Agostinho fêz um outro no mosteiro do Rio de Janeiro, em 1773, que em parte ainda existe, um terceiro para o mosteiro beneditino da Bahia, e finalmente, em 1784, um *realejo* ou órgão pequeno para o mesmo mosteiro de Olinda, no valor de oitenta mil reis.

Por fim, não podemos esquecer o nome do Cônego Caetano da Silva o incansável calígrafo e iluminador de tantos livros corais, que hoje se acham nos mosteiros de S. Bento de Olinda e da Bahia, no seminário de Olinda e na igreja de S. Pedro dos Clérigos em Recife. Já em abril de 1942, o grande conhecedor e amigo da arte de sua terra, José Maria C. de Albuquerque prestou as justas homenagens ao cônego-artista, na *Revista do Norte,* Pernambuco, série III, n.º 1.

Além das notas interessantes para a história da arte, o presente *Livro do gasto da Sacristia* oferece os mais amplos elementos para o estudo de economia social e política do Brasil, de 1756 a 1802.

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1949.

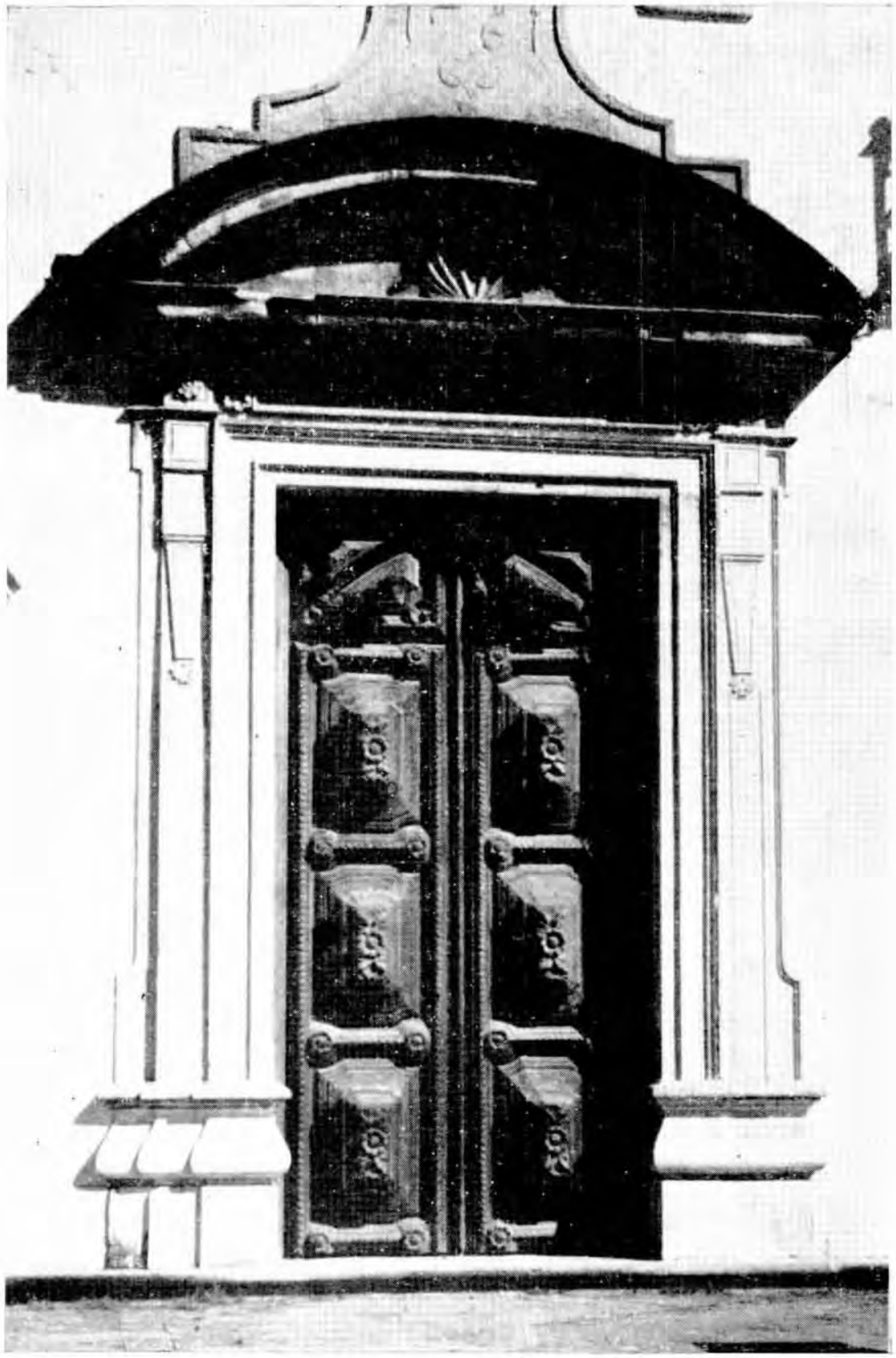
D. CLEMENTE MARIA DA SILVA O. B.
Arquivista-mor da Ordem de S. Bento no Brasil



Igreja do Mosteiro de S. Bento, Olinda. Fachada concebida e executada pelo mestre Francisco Nunes Soares, entre 1761 e 63, por 700 mil réis.



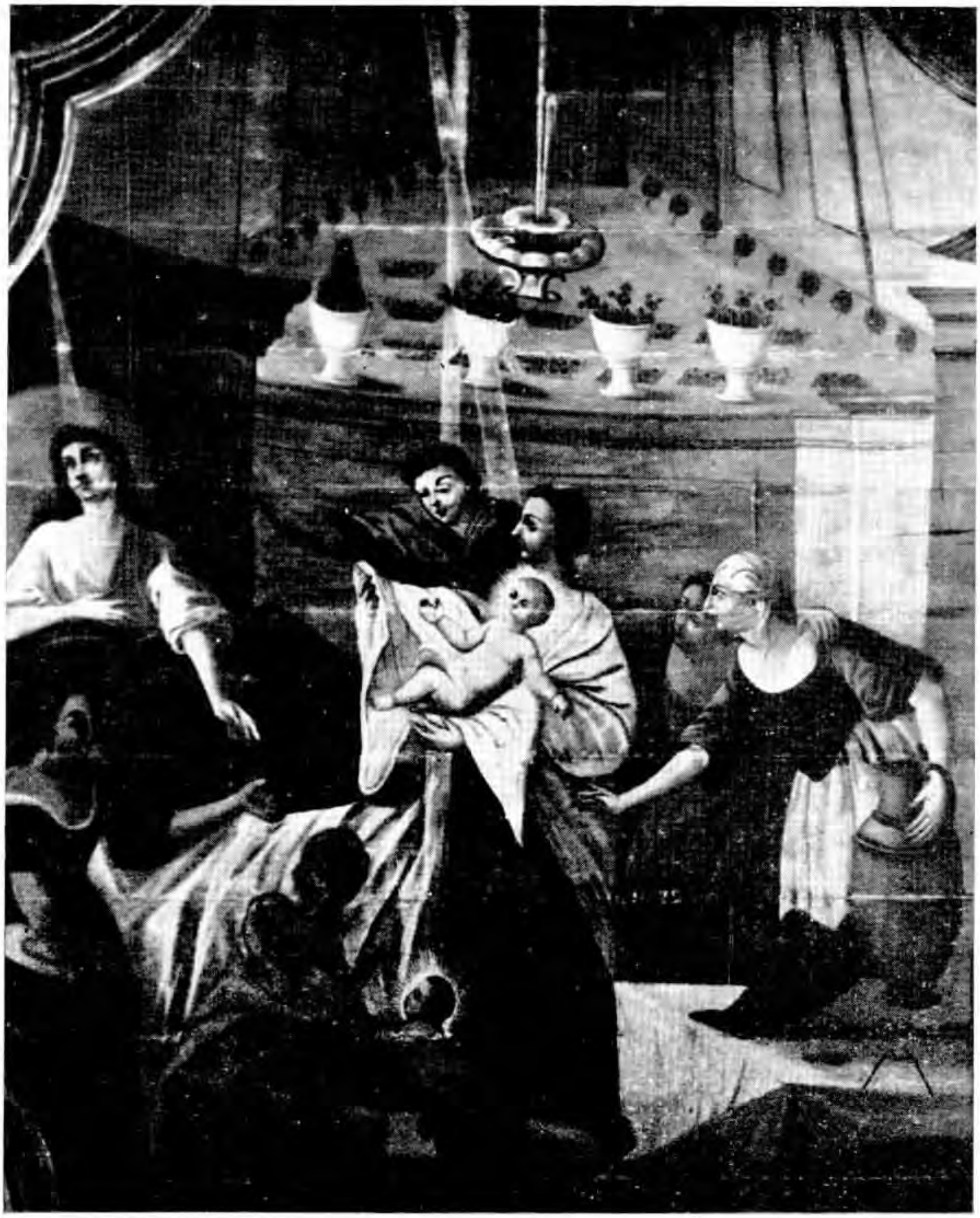
Igreja do Mosteiro de S. Bento, Olinda. Altar de N. Sª. do Pilar, feito pelo mestre-ensaiador Simão, em 1778.



Igreja do Mosteiro de S. Bento, Olinda. Uma das portas de entrada da igreja, obra do carapina José Correia, em 1762.



Igreja do Mosteiro de S. Bento, Olinda. Repositório da sacristia, obra do mestre Manuel, em 1789.



Igreja do Mosteiro de S. Bento, Olinda. Parte superior de um dos painéis do fôrro da sacristia: "O jovem Bento se decide a abandonar a carreira das ciências pela vida religiosa." Obras do mestre-pintor José Eloi, em 1789.



Igreja do Mosteiro de S. Bento, Olinda. Um dos oito painéis nas paredes da sacristia: "O abade Bento expulsa o demônio de um possesso." Obra executada em 1791 pelo pintor Francisco Bezerra, ao preço de 19 mil réis por cada quadro.

## MOEDAS E PESOS ANTIGOS, QUE VÊM MENCIONADOS NESTE E OUTROS VELHOS LIVROS DO ARQUIVO DO MOSTEIRO:

### PESOS

| | | |
|---|---|---|
| Quintal | (são 4 arrobas) ..... | 58,759 kilogramas |
| Arroba | (são 32 libras) ..... | 14,690 " |
| Libra | ( " 16 onças) ..... | 459 gramas |
| Marco | ( " 8 onças) ..... | 230 " |
| Onça | (são 8 oitavas) ..... | 28,790 gramas |
| Oitava | ..... | 3,586 |
| Quilates | (são 4 grãos) ..... | 0.199 |
| grão | ..... | 0.049 |

### MEDIDAS

| | | |
|---|---|---|
| Legua 3 milhas | ..... | 6.600 metros |
| Milha | ..... | 2.200 |
| Braça | (são 2 varas) ..... | 2.20 |
| Vara | (são 5 palmos) ..... | 1.10 |
| Palmo | (são 8 polegadas) ..... | 0.23 |
| Covado | ( " 3 palmos) ..... | 0.66 |
| Polegada | ( " 12 linhas) ..... | 0.028 ou 2,8 cm |
| Linha | ..... | 23 mm. |
| Tonel | (2 pipas) ..... | 958 litros |
| Pipa | (15 almudes) ..... | 479 " |
| Almude | (12 canadas) ..... | 31 " |
| Canadas | (4 quartilhos) ..... | 2,662 |
| Quartilha | (4 martelos) ..... | 0,666 |
| Martelo | | 0,166 |
| Pipa | (são 15 almudes) ..... | 479 litros e 32 |
| Almude | (12 canadas) ..... | 31 litros e 944 |
| Canada | (são 4 quartilhos) ..... | 2 " 662 |
| Quartilho | | 0 " 666 |

### MOEDAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Doble ..... | 12$800 | cruzado | 400 |
| Meio Doble ..... | 6$400 | meio pataca | 160 |
| Sello ..... | 480 | tostão | 100 |
| Pataca ..... | 320 | vintem | 20 |

# LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA DE 1756 até 1800.

*Nov. de 1756*

| | | |
|---|---|---|
| Vinho 11 | por hú frasco de v.º p.ª missas húa pataca | $320 |
| vinho 14 | por hú frasco de v.º p.ª missas húa pataca | $320 |
| vinho 16 | por hú frasco de v.º para missas húa pataca | $320 |
| vinho 18 | por hú frasco de v.º p.ª missas hú pataca | $320 |
| vinho 21 | por hú frasco de v.º branco p.ª missas dezassete vint. | $340 |
| | por aluguer de coatro tochas p.ª o Off.º dos da Ordem a cruzado cada húa mil e secentos | 1$600 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vintens | $080 |
| vinho 24 | por hú frasco de v.º branco p.ª as missas hua pataca | $320 |

*Dezembro de 56*

| | | |
|---|---|---|
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vintens | $08$ |
| | por húa L.ª de f... p.ª .... húa pataca | $320 |
| concerto | por concerto de hú resplendor de St Amaro sete vint. | $140 |
| vidros | por tres pares de galhetas hú sello | $480 |
| lubas | por hú par de lubas p.ª os Pontificaes doze vint. | $240 |
| Solideo | por hú Solideo tres patacas digo coatro patacas | 1$280 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vintens | $080 |
| Alfinetes | por húa carta de alfinetes meia patacas | $160 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vinte. | $080 |
| farinha | por húa L.ª de farinha coatro vint. | $080 |

*Janr.º de 57*

| | | |
|---|---|---|
| vinho | por hú frasco de v.º p.ª missas hua pataca | $320 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vint. | $080 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª missas húa pataca | $320 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vintens | $080 |
| vinho | por hú ..... de vinho p.ª missas dous tostoens | $200 |
| vinho | por hú frasco de vinho p.ª missas húa pataca | $320 |

*Fevr.º*

| | | |
|---|---|---|
| vinho | por hú frasco de vinho p.ª as missas húa pataca | $320 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias coatro vintens | $080 |
| cera | por ..... de cera p.ª as missas a seis centros reis a L.ª vinte mil e cotro centos | 20$400 |
| | por ..... prateados p.ª o altar mor sete m. | 7$000 |

| | | |
|---|---|---|
| lucernas | por duas lucenas de folha de flandres p.ª o altar de St.º Amaro seis patacas | 1$920 |
| Galão | por hú palmo de galão de ouro p.ª cruzes das luvas | $200 |
| retroz | por húa 8.ª de retroz cor de ouro coatro vintens | $080 |
| sera | por sete arobas e meya de sera de L. ..... a quinhentos e sesenta-cento e trinta coatromil e coatro centos | 134$4000 |
| carreto | por carreto da dita coatra cintens | $080 |
| vinho | por canada e meya de vinho branco, que se gastou no ..... a dous cruzados mil duzentos e vinte | 1$220 |
| vinho | por húa canada e meyo coartinho do dito pelo mesmo preço nove centos reis | $900 |
| vinho | por húa canada digo duas canadas e hú coartilho de vinho branco pello mesmo presso mil oitocentos | 1$800 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco dezasete vintens | $340 |
| far.ª | por húa L.ª de farinha para hostias hú tostão | $100 |
| | | 168$780 |

R.º 177$000

G.º 177$000

Em 2 de Março de *1757* tomando contas a este Livro do gasto da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º cento e sesenta e sete mil reis e haver gasto a mesma quantia; e nesta forma damos estas contas por ajustadas dia, mes, e anno ut supra.

*Fr. Ant.º* *D. Abbade* *Fr. Joze*

*Março*

| | | |
|---|---|---|
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas húa pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª missas húa pataca | $320 |
| sera | por aluguer de coatro tochas p.ª a Noite de Natal coatro patacas | 1$280 |
| farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias hú tostão | $100 |
| Farinha | por húa L.ª de farinha p.ª hostias hu tostão | $100 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas húa pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª missas húa pataca | $320 |
| | | 2$760 |
| farinha | por hua L.ª de farinha para hostias hú tostam | $100 |
| vinho | por hú frasco de v.º p.ª as missas branco hua pataca | $320 |
| Madr.ª | por Madr.ª de pomba p.ª o sepulcro seis patacas | 1$920 |
| farinha | por duas libras de farinha p.ª hostias dous tostins | $200 |
| | por hú frasco de v.º quatorze vintens | $280 |

*Abril*

| | | |
|---|---|---|
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª missas hua pataca | $320 |
| vinho 11 | por hú frasco de v.º branco p.ª missas hua pataca | $320 |
| vinho 13 | por hú frasco de v.º branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| ferros 17 | por corente ferrois p.ª o Sepulcro catorze v. | $280 |
| vinho | por hú frasco de v.º branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 21 | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas hua pata. | $320 |
| vinho 26 | por hú frasco de vinho p.ª missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua L! de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |

*Mayo de 57*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 | por hú frasco de v.º branco p.ª missas hua pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco hua pataca | $320 |
| vinho 7 | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 11 | por hú frasco de vinho p.ª missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| ferros 17 | por coatro escapulas p.ª os coadros da Sachristia, 12 v. | $240 |
| vinho 21 | por hú frasco de vinho p.ª as misssas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua L.ª de farinha hostias hú tostam | $100 |
| vinho 25 | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 31 | por hú frasco de v.º hua pataca | $320 |

*Junho de 57*

| | | |
|---|---|---|
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 9 | por hú frasco de vinho branco p.ª missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua L.ª de farinha para hostias hú tostam | $100 |
| vinho 13 | por hú frasco de vinho p.ª missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hu tostam | $100 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas húa pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| gatos P. Prior | por hua L.ª de farinha hú tostam | $100 |
| pregos | por 600 pregos cayxares e coatrocentos ripares e sincoenta soalhares mil nove centos e corenta | 1$940 |
| papel | por hua resma de papel p.ª o sepulcro coatro patac. e meia | 1$440 |
| Verde | por meya L.ª de verd..... sinco tostoens | $500 |
| Tinta | por meya L.ª digo hua L.ª de vermelho catorze vintens | $280 |
| asafrão | por asafrão meya pataca | $160 |
| linhas | por linhas de fung... coatro meadas seis vint. | $120 |
| goma | por gomarabica meya L.ª doze vintens | $240 |
| caparrosa | por meya L.ª de capa roza meya pataca | $160 |

| | | |
|---|---|---|
| corda | por hua pessa de corda coatro vintens | $080 |
| ga. to | pello que dei o pintor de pintar hu papel huma pataca | $320 |
| gotaguma | por gota gomma dous vintens | $040 |
| | por hua duzia de folhas de ..... p.ª o sepulcro | $840 |
| alfinetes | por coatro cartas de alfinetes a tostam-hú cruzado | $400 |
| sera | por tres latas de sera de terra (3 libras) doze vint. | $240 |
| tochas | por feitio de coatro tochas de sera que ..... sete mil e quinze reis | 7$015 |
| cortina | por noventa covados e meyo de Rua. Roxo p.ª a cortina da Semana Santa a nove vintens o covado dezaseis mil duzentos 90 | 16$290 |
| Jornal | pello jornal do carapina que fez o sepulcro sinco dias a cruzado dous mil réis | 2$000 |
| pano | por vinte covados de linho para sobrepelizes vinte p. | 6$400 |
| concerto | pello concerto do libro de Missas da sacristia, 3 pat. | $960 |
| | por hua L.ª de fio para rollos hua pataca | $320 |
| Linhage | por duas p... de linhagem p.ª capas de pedras daras, | $480 |
| | pello concerto da Naveta da Sachristia seis vintens | $120 |
| vinho 29 | por hú frasco de vinho p.ª as missas dezasete vintens | $340 |

R.º
53$025

gastou o mesmo

Em 30 de Junho de 1757 tomando contas a este Livro da Sachristia achamos haver Recebido do Dep.º sincoenta e tres mil e vinte e sinco rs, e haver gasto a mesma quantia. E nesta forma damos estas contas por ajustadas.

*Fr. Ant.º* *O D. Abbade* *Fr. Joze*

*Julho de 1757*

| | | |
|---|---|---|
| Vinho 2 | por hú frasco de vinho branco p.ª as misas tres toestoins | $320 |
| Farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hu Tostam | $100 |
| vinho 5 | por hú frasco de vinho p.ª missas hua pataca | $320 |
| vinho9 | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 13 | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam nada | $000 |
| vinho 16 | por hú coartilho de vinho branco p.ª as missas dous tostoins | $200 |
| vinho 19 | por hú frasco de vinho branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 24 | pór hú frasco de vinho branco p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª as hostias hú tostam | $100 |
| vinho 29 | por hú frasco de vinho p.ª as missas tres tostoins | $300 |

*Agosto de 57*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 | por hú frasco de vinho p.ª as missas tres tostoins | $300 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª as hostias hú tostam | $100 |
| vinho 5 | por hú frasco de vinho p.ª as missas tres tostoins | $300 |
| vinho 9 | por hú frasco de vinho de vinho p.ª as missas tres tostoins | $300 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 12 | por hú frasco de vinho p.ª as missas tres tostoins | $300 |
| vinho | por hú frasco de vinho p.ª missas tres tostoins | $300 |
| vinho 15 | por hú frasco de vinho p.ª missas tres vintens | $260 |
| costura | pello que o Mestre Vicente a conta do feitio dos sobrepellises hua pataca | $320 |
| arame | por arame p.ª argolas do enserramento do trono trinta reis | $030 |
| sera | por meya aroba de sera oito milreis | 8$000 |
| sobrep. | por feitio de tres sobrepelizes tres patacas | $960 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 23 | por hú frasco de vinho p.ª as missas catorze vintens | $280 |
| vinho 26 | por hú frasco de vinho p.ª missas catorze vintens | $280 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hu tostam | $100 |
| concerto | por concerta du caliz hua pataca | $320 |
| vinho 29 | por hú frasco de vinho p.ª as missas tres tostoins | $300 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |

*7bro de 57*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 2 | por hú frasco de vinho p.ª as missas catorze vintens | $280 |
| vinho 5 | por hú frasco de vinho p.ª as missas catorze vintens | $280 |
| vinho 8 | por hú frasco de vinho p.ª as missas doze vintens | $240 |
| | por hua l.ª de hua pataca | $320 |
| vinho 11 | por hú frasco de vinho p.ª as missas catorze vintens | $280 |
| vinho 14 | por hú frasco de vinho catorze vintens | $280 |
| farinha | por hua l.ª de farinha pQ hostias hú tostam | $100 |
| vinho 18 | por hú frasco de vinho p.ª as missas catorze vintens | $280 |
| vinho 20 | por hú frasco de vinho p.ª as missas duzentos e setenta | $270 |
| farinha | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 23 | por hú frasco de vinho p.ª as missas treze vintens e dez rs | $270 |
| vinho 27 | por hú frasco de vinho p.ª as missas duzentos e setenta | $270 |
| vinho 30 | por hú frasco de vinho p.ª as missas duzentos e setenta | $270 |

*8bro de 57*

| | | |
|---|---|---|
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hu tostam | $100 |
| vinho 2 | por hú frasco de vinho p.ª as missas duzentos e setenta rs | $270 |
| vinho 5 | por hú frasco de vinho p.ª as missas duzentos e setenta | $270 |

| | | |
|---|---|---|
| vinho 8 | por hú frasco de vinho p.ª as missas duzentos e setenta | $270 |
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| cortina | por hua vara de p.ª cortina dez reis | $010 |
| vinho 10 | por coatro canadas de vinho p.ª as missas e tres patacas | 3$840 |

R.º 23$470 gastou o mesmo

Em 16 de 8bro de 1757 tomando contas a este Livro do gasto da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º vinte e tres mil quatro centos e setenta, e haver gasto a mesma quantia e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Mes, dia e ano ut supra.

*Fr. Ant.º* *O D. Abbade* *Fr. Joze*

R.º 253$555 gasto o mesmo

O M. Fr. Hanoel de S. Joze Jublillado em a Sagrada Theologia Proval da Ordem de S. Bt.º dos Estados do Brazil com o nosso Comp.º o Pe. Fr. Ant.º da Graça vizitando Nos este nosso Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este L.º do gasto da Sanchristia achamos haver recebido do Dep.º em duzentos e sincoenta e tres mil quinhentos e sincoenta e sinco rs e haver gasto a mesma quantia, e nesta forma damos estas contas porboas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, 23 de 8bro de 1757.

*Pe. Fr. Ant.º da Graça-Compr.º* *Fr. Manoel de S. Joze Provincial*

| | | |
|---|---|---|
| farinha | por duas libras de farinha p.ª hostias dous tostoins | $200 |
| pregos | por pregos p.ª huas ..... hú vintem | $020 |
| farinha | por huma 1.ª de farinha p.ª hostias, hú tostam | $100 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| farinha | por duas libras de farinha p.a hostias dous tostoins | $200 |
| sera | por sinco velhas de libra p.ª o altar Mayor dez patacas | 3$200 |
| feitio | por feytio de ..... tres milreis | 3$000 |
| ttafeta | por 5 covados de tafeta branco e sinco de tafeta roxo a coatrocetnos e corenta coatro mil coatro centos e cor | 4$400 |
| Ramos | por huns galos prateados p.ª o altar Mayor doze vintens | $240 |
| | por hua 8.ª de retroz de ambas as cores coatro vintens | $080 |
| sera | por hua vella de libra hú cruzado | $400 |
| V.º | por hú frasco de vinho branco hua pataca | $320 |
| ..... | por dous livros de prata p.ª concertar os ramos do altar mayor dous cruzados | $800 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha do Reyno p.ª hostias hú tostam | $100 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha para hostias hu tostão | $100 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vintens | $120 |
| carbão | por hú saco de carbão p.ª o ferro.º fazer pregos dous tostoim | $200 |
| farinha | por duas libras de farinha p.ª hostias dous tostoins | $200 |

*Dezembro de 57*

| | | |
|---|---|---|
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vintens | $120 |
| farinha | por hua L.ª de Farinha p.ª hostias seis vintens | $120 |
| | por hua colher p.ª fazer hostias na sacristia dous vintens | $040 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vintens | $120 |

*Janr.º de 1758*

| | | |
|---|---|---|
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vint. | $120 |
| vinho | por ..... de vinho branco p.ª as missas 335 | $335 |
| sera | por sinco arobas e nove libras de sera lavrada em cento e setenta e seis vellas de livra e hua de quarta a trezentos e secenta reis a livra sesenta mil oitocentos e quarenta | 60$840 |
| estopa | por sete varas de estopa p.ª a dita a cento e vinte e sete reis a vara oito centos e oitenta e nove | $889 |
| custo | pello custo do cunhete coatro centos e quarenta | $440 |
| sera | por hú cunhete com coatro arrobas e seis livras de sera com quinhentos e setenta e sete vellas de quarta a dezoito vinteins a livra quarenta e oito mil e 240 | 48$240 |
| estopa | por sete varas descestopa p.ª a dita a cento e vinte e sete reis a v.ª oito centos e oitenta e nove reis | $889 |
| custo | pello custo do cunhete trecentos e sincoenta e nove | $359 |
| frete | pello frete dos cunhentos dous mil e oitocentos | 2$800 |
| vinho | por tres canadas e meya e meyo coartilho de v.º a tres patacas tres mil oitocentos e coarenta | 3$840 |
| careto | por careto do garrafão hú vintem | $020 |
| oleos | por hua garrafa p.ª a sachristia seis vintens | $120 |
| vinho | por coatro canadas de vinho branco p.ª missas a tres pat doze patacas | 3$840 |
| seda | por doze covados de tafeta branca p.ª forro do Çetral o covado a sello sinco milsete centos e sesenta | 5$160 |
| obra | pello que paguey ao ourives pelo pezo e feytio do calis des mil e oitocentos e sinco reis | 10$850 |
| algodão | por hua livra de fyo de Re.... hua pataca | $320 |
| alfinetes | por hua carta de alfinetes meya pataca | $160 |
| vidros | por coatro vidros p.ª a lampada a nove vint. sete cent, 20 | $720 |
| grizetas | por coatro grisctas p.ª os vidros coatro vintens | $080 |
| Retroz | por coatro oitavas de retroz branco a seis vint. hu selo | $480 |
| vinho | por 18 coartilhos de vinho branco p.ª as missas e mais trez.....coatro mil e sesenta reis | 4$060 |
| carreto | por carreto dos ditos tres ..... | $060 |
| Almofares | por hú almofares de lata p.ª a sacristia hú sello | $480 |

| | | |
|---|---|---|
| martella | por hú martellinho p.ª a sachristia meia pataca | $160 |
| farinha | por tres livras de farinha p.ª hostias deszoito vintens | $360 |
| aviamentos | aviamentos p.ª o Sepulcro | $160 |
| cera | por cera da terra nove vintens | $180 |
| ..... | por lata quinhentos e sesenta | $560 |
| lata | por vermelhão quinhentos e sesenta | $560 |
| Tinta | craxa catorze vintens | $280 |
| | gomarabica tres tostoins | $300 |
| | pinceis coatro vts | $080 |
| | frexas dous vts | $040 |
| | verdete dous tostoins | $200 |
| | capa roza meia pataca | $160 |
| | tinta amarela dous vts | $040 |
| | papel dourado seis vts | $120 |
| | alfinetes dous tostoins | $200 |
| | nastros doze vts | $240 |
| | taxas hú vtm | $020 |
| | p.ª ..... p.ª os Ramalhetes coatro vts | $080 |
| Papel | por hua resma de papel . . . . . do sepulcro. sinco patacas | 1$160 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vts | $120 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vts | $120 |
| farinha | por hua 1.ª de f.ª p.ª hostias seis vts | $120 |
| vinho | por meyo quartilho de vinho p.ª as missas cento e quinze | $115 |
| farinha | por farinha p.ª hostias seis vts | $120 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vts | $120 |
| vinho | por 18 quartilhos de vinho branco p.ª as missas tres mil novecentos e sesenta | 3$960 |
| carreto | por carreto da .... dous vintens | $040 |
| feyti | pelo feytyo da . . . . . .quarenta e nove mil e 500 | 49$500 |
| cera | por cera da terra p.ª o sepulcro tres vts | $060 |
| gastos | pello que dei de molhadura aos oficiaes que fizeram a cruz da S. . . . dous milreis | 2$000 |
| ..... | por setenta . . . . . de estanho p.ª ..... oito pat. | 2$560 |
| gastos | por hú . . . de Pau e hua tarraxa de ferra p.ª a Cruz do S. . . . duas patacas | $640 |
| cera | por coatro tocas p.ª a Semana Santa sinco mil trezentos e vinte | 5$320 |
| emsenço | por emenlo p.ª a sachristia duas pat. | $640 |
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias seis vts | $120 |
| farinha | por hua 1.ª de farinha p.ª hostias seis vts | $120 |
| farinha | por duas livras de farinha p.ª hostias | $320 |

vinho — por vinho p.ª as missas seis vts — $120
farinha — por hua livra d efarinha p.ª hostias dous tostoins — $200

R.º 230$523 — gastou o mesmo

Em 30 de Abril de 1758 tomando Contas a este L.º de gasto da Sachristia achamos haver recebido duzentos e trinta mil quinhentos e vinte e tres rs, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr.Ant.º* *o D. Abbade* *Fr. Joze*

*Mayo de 58*

Por hua 1.ª de farinha p.ª hostias dois tostoins — $200
por hua bassoura p.ª a Sachristia dous vts — $040
10 por hua 1.ª de farinha p.ª hostias dous tostoins — $200
por meya livra de farinha p.ª hostias hú tostam — $100
por hua livra de farinha p.ª hostias dous tostoins — $200

*Junho*

2 por hua 1.ª de farinha p.ª hostias dous tostoins — $200
por agoa forte p.ª se dourar hú caliz coatro vts — $080
8 por hua 1.ª de farinha p.ª hostias dous tostoins — $200
por meyo coartilho de vinho p.ª as missas seis vts — $120
por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze vts — $240
por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca — $320
por hú frasco de vinho branco p.ª as missas dezoito vts — $360

*Julho*

1 por hú frasco de vinho p.ª as missas dezoito vts — $360
por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca — $320
5 por hú frasco de vinho p.ª missas hua pataca — $000
por sinco livras? de farinha p.ª hostias a tres pat.
a L.ª coatro mil e oito centos — 4$800
pello que paguey ao ourives por dourar hú caliz novo
vinte mil reis — 20$000
vinho p.ª hum frasco hua pataca — $320
por meyo coartilho de vinho branco p.ª as missas 6 vts — $120
por hu frasco de vinho p.ª as missas trezentos e trinta — $330
16 por hú frasco de vinho p.ª as missas trezentos e trinta — $330
por hú frasco de vinho p.ª as missas trezentos e hu vtin — $320
19 por hú coartilho e meyo de vinho p.ª as missas dezoito vts — $360
27 por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze vts — $240
29 por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze vts — $240

*Agosto*

| | | |
|---|---|---|
| 8 | por meio coartilho de vinho p.ª as missas seis vts | $120 |
| 9 | por coartilho e meio de vinho p.ª as missas desoito vts | $360 |
| | por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze vts | $240 |
| | por hú frasco de coartilho e meyo de vinho p.ª as missas | $360 |
| | por hú frasco de vinho coartilho e m.º de v.º desoito vts | $360 |
| vinho | por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze vts | $240 |
| | por meyo coartilho de vinho p.ª as missas seis vts | $120 |
| | por meyo coartilho de vinho p.ª as missas seis vts | $120 |
| | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| | por hú coartilho de vinho p.ª as missas dous Vts | $240 |
| | por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze Vts | $240 |
| | por coatro canadas e coartilho e meio de vinho branco p.ª as missas em o primeiro de . . . . trez mil oitocentos 50 | 3$850 |
| | por hua L.ª de farinha p.ª a sacristia hua pataca | $320 |
| | por L.ª e meia de encenço p.ª a sachristia seis tostoins | $600 |
| farinha | por dez libras de farinha p.ª hostias dez patacas | 3$200 |
| fio | por hua livra de fio p.ª a sachristia hua pataca | $320 |
| encenço | por hua libra de encenço p.ª a sachristia hú sello | $480 |
| vinho | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |

*Setembro*

| | |
|---|---|
| por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| pello concerto das cadeiras abaciais e hua p.ª o capitulo sete patacas | 2$240 |

Rec.º 45$338

gasto o mesmo

Em 4 de 7bro de 1758 tomando contas a este livro do gasto da sachristia achamos haver recebido quarenta e sinco mil trezentos e trinta e oito rs, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra

*Fr. Ant.º* *O D. Abbe* *Fr. Joze.*

*7bro 1758*

| | | |
|---|---|---|
| vinho | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 14 5. f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 17 Dom | por meio coartilho de vinho p.ª as missas seis vts | $120 |
| vinho 19 3,f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 30 Sab.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |

*8bro*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 4 4. f.ª | por meio coartilho de vinho p.ª missas seis vts | $120 |
| vinho 7 sab.º | por hú frasco de vinho p.ª missas hua pataca | $320 |
| vinho 10 3f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 13 6f.ª | por gasto de vinho p.ª missas que dice o Sachristão que tinha comprado por varias vezes seis centos e sesenta | $660 |
| farinha | por meia libra de farinha p.ª hostias coatro vintens | $080 |
| vinho 15 Dom.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho | por vinho p.ª missas que tinha comprado asima Fr. Luiz | $140 |
| vinho 21 sab.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 25 4f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho | por . . . . . de vinho p.ª as missas | $240 |
| concerto | pello concerto de hua alampada da capella Mayor quinhentos e sesenta | $560 |
| vinho 1 2f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 2 | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 6 Dom.º | por hú frasco de vinho digo coartilho doze vts | $240 |
| vinho 8 3f.ª | por hú coartilho de vinho p.ª as missas doze vts | $240 |
| vinho 12 sab.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas dezoito vts | $360 |
| vinho 15 4f.ª | por hú frasco de vinho trezentos e corenta | $340 |
| alfinetes | por alfinetes dous vts | $040 |
| vinho 19 Dom.º | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 23 5f.ª | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 26 dom.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |

*Dezembro de 1758*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 6f.ª | por hú frasco de vinho hua pataca | $230 |
| vinho 5 3f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 13 6f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| fitas | por fitas p.ª os missaes catorze vintens | $280 |
| vinho 21 f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas dezoito vts | $360 |
| vinho 25 2f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas dezoito vts | $360 |
| vinho 28 4f.ª | por dous frascos de vinho de missas setecentos e vtm | $720 |
| concerto | pello concerto de huas sobrepellizes tres vts | $060 |

*Janr.º de 59*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 4f.ª | por hú frasco de vinho p.ª as missas dezoito vts | $360 |
| farinha 8 5f.ª | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| farinha 22 2f.ª | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| farinha 31 4f.ª | por duas libras de farínha p.ª hostias dous tostoins | $200 |
| | por hua 1.ª de fyo de algodam tres tostoins | $300 |

*Fevr.º de 59*

| | | |
|---|---|---|
| Farinha 12 2f. | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hu tostam | $100 |
| farinha 16 6f.ª | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hu tostam | $100 |
| feityo 18 Do. | pello feytio de hua alcatifa hua pataca | $320 |
| farinha 23 6f.ª | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| Farinha 28 4f.ª | por hua libra de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |

*Março*

| | | |
|---|---|---|
| farinha 11 Do. | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| farinha 18 Do. | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| farinha 22 5f.ª | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| Taboada | por hua duzia de Taboada p.ª o Sepulcro dezaseis pat | 5$120 |
| caibros | por sinco caibros a tostam sinco tostoins | $500 |
| vinho | por meyo coartilho de vinho p.ª as missas sento e 15 | $115 |
| ouro | por dourar . . . . . ee concerto de dous payneis da portaria e da porta do coro tres mil novecentos e 20 | 3$920 |
| encenço | por duas libras de encenço tres patacas | $960 |
| sera | por coatro tochas p.ª . . . . . sete mil quinhentos 25 | 7$525 |
| encenço | por hua l.ª de encenço e duas de farinha e vinho p.ª missas que tudo comprou o Rabello dois mil e 660 | 2$660 |
| Du. ... | pello que paguei o ajudante João Gracia a conta da entalha da Capela Mayor secenta e nove 800 | 69$800 |
| Louza | por meia duzia de pires p.ª as galhetas dezoito vts | $360 |
| encenço | por hua l.ª de incenso p.ª a sachristia hú cruzado | $400 |
| Pedras | por 26 pedras de Ara a meia pataca treze patacas | 4$160 |
| | por mais sete pedras ditas a sete vintens novecentos e oitenta | |
| encenço | por duas libras de enscenso ... tres patacas | $960 |
| feitio | pelo feytio de . . . . de N. P. S. Bento dezoito mil | 18$000 |
| tafete | por hú covado de tafete branco 440 e hú roxo a 400 | $840 |
| retroz | por meya 8.ª de retroz verde e meia de rouxo | $080 |
| aparadr.ª | por hua aparadr.ª grande p.ª a Sachristia noventa rs | $090 |
| quartas 2 | por duas quartas dealfinetes dois tostoins | $200 |
| alfinetes 1 | por hua pessa de nastro vermelho p.ª a S. . . seis vts | $120 |
| vinho | por sinco canadas e meya de vinho p.ª as missas, coatro mil seis centos e coarenta | 4$640 |
| vinho | por 4 canadas e meya de vinho branco a 880 reis tres mil nove centos e sescenta | 3$960 |
| encenço | por oito livras de ensenso a sello doze patacas | 3$840 |
| vinho | por sinco frascos de vinho p.ª as missas, mil quinhentos e corenta | 1$540 |

| | | |
|---|---|---|
| sera | por feytyo do sirio da Semana Santa dous mil e 50 | 2$050 |
| | por tres canadas e meya de vinho branco p.ª as missas e . . . . . coartoho... tres mil duzentos e | 3$240 |
| tinta | por meya libra de capa roza dous vts | $040 |
| fitas | por hua vara de fita p.ª a sachristia catorze vts | $280 |
| ouro | por hú Livro de ouro coatro vts | $040 |
| Tinta | por meya libra de azarcão hú tostam | $100 |
| moytoins | por coatro moytoins p.ª a Sachristia hú sello | $480 |
| jornal | por jornal a hú carapina, que trabalhou no sepulcro dias e meio sinco patacas e vvtm | 1$620 |
| sera | por nove arobas de sera da L.ª e de 4.ª a 54 ..... cento e sincoenta e sinco mil quinhentos e vinte | 155$520 |
| pano | por duzentos e oitenta e sete . . . de panno de . a cruzado p.ª | ? |
| papagaio | por 93 covados de papagaio a 850 reis, o covado, setenta e nove mil e sincoenta | 79$050 |
| divida | pello que paguey ao talhador p.ª ajuste de contas da . . . . . trinta e seis mil oitenta | 36$080 |
| sera | por tres libras de sera da terra p.ª o sepulcro s720 | $720 |
| tinta | por tinta vermelhão doze vts | $240 |
| | por tinta .....hú vtm | $020 |
| | por tinta amarella para o dito dous tostoins | $200 |
| | por verdete para o dito seis vts | $120 |
| alfinetes | por alfinetes hú sello | $ 480 |
| por | por ..... doze vts | $240 |
| papel | por papel duas patacas | $640 |
| goma | por goma arabica coatro vts | $080 |
| tinta | por capa roza seis vts | $120 |
| seda | por sete covados de seda p.ª hua casulla p.ª o D. Abbade a tres mil reis o covado vinte e tres mil e trezentos 50 | 23$350 |
| tafeta | por seis covados de tafeta carmezim para forro 2$860 | 2$860 |
| galão | por 12 vara de galão de ouro ..... quinze mile 360 | 15$360 |
| farinha | por coatro libras de farinha p.ª hostias a tostam hú cruz. | $400 |
| farinha | por hua libra de farinha p.ª hostias noventa reis | $090 |
| farinha | por hua libra de farinha p.ª hostias seis vts | $120 |

R.º do Dep.º
467$900

g.º o mesmo

Em 11 de Mayo de 1759 tomando contas a este L.º do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º quatro centos sesenta e sete mil, e nove centos, e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por ajustadas, dia, mes e anno ut supra

*Fr. Ant.º* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

R.
743$753

G.º
o mesmo

O M. Fr. Manoel de S. Joze Proval da Provincia de S. Bento do Brasil com o nosso vice compr.º Fr. Mauro de Jesus Maria, vizitando nós este Mostr.º de S. Bento de Olinda e tomando contas a este Livro do gasto da sachristia, achamos haver recebido do depozito desde a visita passada sette centos, e quarenta e tres mil e sette centos, e sincoenta e tres reis, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, 16 de Mayo de 1759

*Fr. Mauro de Jezus Maria*
O Vice Compr.º

*Fr. Manoel de S. Jozé*
Provincial

*Mayo*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 10 6f. | por hua livra de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| Far! 18 6f. | por hua l.ª de farinha hú tostam | $100 |
| pintura | por pintar as grandes da capela mor das tribunas 2 pataca | $640 |
| farinha 25 6f | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |

*Junho*

| | | |
|---|---|---|
| farinha 1 6f | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| fio | por duas libras de fio p.ª ..... duas patacas | $640 |
| vinho 8 6f.ª | por meio coartilho de vinho p.ª missas cento e quinze | $115 |
| | por hua l.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| | por hua peça de linha de pescador p.ª as cortinas | $360 |
| vinho 24 Do | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 28 4f | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua libra de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| cordas | por duas pessas de cordas . . . . . coatro vts | $080 |

*Julho*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 Do | por meio coartilho de vinho p.ª as missas cento e quinze | $115 |
| vinho 5 5f | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 11 4f | por hu frasco de vinho p.ª as missas dozasete vts | $340 |
| vinho 14 sab. | por hú frasco de vinho p.ª a missas hua pataca | $320 |
| vinho | por hú frasco de vinho de as missas dezesete vts | $320 |
| feitio | pello feitio de coatro alvas a duas patacas cada hua oito patacas | 2$560 |
| vinho 17 3f. | por meio coartilho de vinho p.ª as missas | $115 |
| vinho 18 4f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 21 sab. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| far! 24 3f | por coatro libras de farinha p.ª hostias hú cruzado | $400 |
| vinho 26 5f | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 29 D.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |

*Agosto de 1759*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 4f.ª | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 4 sab. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua libra de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 7 3f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 10 6f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| feitio | pello feitio dos paninhos das galhetas e purificadores e amictos p.ª a sachristia doze vts | $240 |
| vinho 13 | por hú frasco de binho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por duas libras de farinha p.ª hostias dous tostoins | $200 |
| vinho 15 4f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 18 sab. | por meyo coartilho de vinho p.ª as missas cento e quinze | $115 |
| vinho 20 2f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 23 5f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 26 D.º | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por duas Libras de farinha p.ª hostias dous tostoins | $200 |
| vinho 29 4f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| farinha | por hua L.ª de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |

*Setenbro de 59*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 1 sab. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 3 2f. | por hú frasco de vinho, digo hú coartilho onze vts e de | $230 |
| farinha | por hua libra de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 5 4f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 8 sab. | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinholl 3f. | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 14 6f. | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho 17 2f. | por hú frasco de vinho p.ª as missas, hua pataca | $320 |
| far.ª | por hua libra de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 21 | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| vinho 24 | por meio coartilho de vinho p.ª as missas cento e 15 | $115 |
| vinho 25 | por hú frasco de vinho p.ª as missas hua pataca | $320 |
| far.ª | por tres libras de farinha p.ª hostias tres tostoins | $300 |
| vinho 28 | por hú frasco de vinho hua pataca | $320 |
| vinho | em 16 de mayo por 21 hú quartilhos de vinho branco p.ª as missas coatro mil cento e vinte | 4$120 |
| frete | pello freteda fra.... dous vts | $040 |
| obras | por dozes betentes que se concerta .... p.ª as grades *da Igreja nova* nove patacas | 2$880 |
| galão | por vara e meya mais de galão .... de ouro fino p.ª o ornamento dos Abbades seis patacas | 1$920 |

| | | |
|---|---|---|
| feytio | pelo feytio da cazula dos Abbades sete mil e 372 | 7$320 |
| seda | por tres covados tafeta mil trezentos e vinte | 1$320 |
| renda | por coatro varas de renda hú palmo com 27 oitavas catorze mil e sinco | 14$005 |
| seda | por hú covado de tafeta carmezim quinhentos e sessenta | $560 |
| retroz | por duas oitavas e meya de retroz dous tostoins | $200 |
| renda | por tres oitavas e trez quartas de renda de ouro p.ª acabar o véo da custodia mil oitocentos setenta e 5 | 1$875 |
| renda | por mais 4 oitavas de renda dita sinco patacas | 1$600 |
| seda | por meyo cavado de tafeta onze vts | $220 |
| fyo | por libra e meya de fyo p.ª ..... quinhentos e 60 | $560 |
| carreto | pello carreto da sera tres vts | $060 |
| franja | por 50 oitavas e hua 4.ª de franja de retroz de corda de ouro para os sa ..... do sacrario sinco mil 50 | 5$050 |
| sera | pello que se gastou de sera no Te Deum laudamus de .... e por fazer 4 tochas que levaram 4 libras e 34. de cera catorzemil cento trinta 5 | 14$135 |
| vidros | por coatro vidros p.ª a lampada sete centos e vinte | $720 |
| grizetas | por grizetas doze vintens | $240 |
| argollas | por argollas p.ª cortina de boca da tribuna onze vts | $220 |
| gastos | por tachas alfinetes e moit... p.ª sachristia 5 tost | $500 |
| | por tres libras de ensenço coatro pataca e... | 1$840 |
| ouro | por hu .... de ouro p.ª dourar o sacrario hú cruzado | $400 |
| alfinetes | alfinetes p.ª a sacristia onze vts | $220 |

Em 2 de 8br.º de 1759 tomando contas a este L.c da sacristia achamos haver recebido do Deposit.º setenta e sete mil quinhentos e setenta, e haver gasto o mesmo: e nesta forma damos estas contas por ajustadas era, dia e mez ut supra

*Fr. Ant.º* *O D. Abbe* *Fr. Jozé*

*8bro 59*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 5 6f. | Por hú frasco de vinho p.ª as missas trezentos 55 rs | $345 |
| vinho 9 3f. | Por hú frasco de vinho p.ª as missas trezentos 55 rs | $355 |
| far.ª 10 4f. | Por hua libra de farinha p.ª hostias hú tostam | $100 |
| vinho 14 Do. | Por hum quartilho de vino p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| Retroz 15 2f. | Por retroz p.ª se fazer cortinas p.ª o N. P. S. Bento dous vts | $040 |
| vinho 18 5f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| vinho 22 2f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| Far.ª | Por hua libra de farinha p.ª hostia hum tostam | $100 |
| vinho 27 sab | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| vinho 30 3f. | Por hum quartilho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |

*Novembro*

| | | |
|---|---|---|
| vinho 2 6f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| vinho 5 2f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| vinho 8 3f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| Far.ª 9 6f. | Por hua libra de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| vinho 12 2f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |
| Far.ª 17 sab. | Por hua libra de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| vinho 30 6f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas onze vts e dez rs | $230 |

*Dezembro*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 5 4f. | Por hua livra de Farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| Vinho 11 3f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |
| Far.ª 13 5f. | Por hua livra de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| vinho 15 sab. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |
| vinho 19 4f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |
| vinho 22 sab. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |
| Far.ª 23 Dom. | Por huma livra de farinha p.ª hostias hum tostam | $100 |
| vinho 24 2f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |
| vinho 29 sab. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |
| vinho 31 2f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |

---

| | | |
|---|---|---|
| feitio | Por feitio de *hua naveta de prata* con trezentas, enoventa e nove oitavas, que pagou ao contraste da Prata *Manoel Dias da Ascenç*.. de a fazer vinte, e hum mil duzentos e quarenta e cinco rs | 21$245 |
| cera | Por sette vellas de livra p.ª o altar mor, e quatro tochas nove mil, e vinte e sinco rs | 9$025 |
| .. .. .. | Por duas varas de astro p.ª as cortinas do N. SSmo Patriarcha hum vintem | $020 |
| Damasco | Por nove covados de Damasco branco p.ª as cortina do Sacrario o cov.º a mil quinhentos, quatorze mil, e 500 | 14$500 |
| Tafeta | Por quatro covados de tafeta branco, p.ª forro do ornamento roixo dos Prelados o cov.º a cruzado, sinco patas. | 1$600 |
| concerto | Por concerto das correntes do tribulo hua pataca | $320 |
| concerto | Por concerto das cortinas branas dos altares oitocent. 80 | $880 |
| Incenço | Por tres libras de incenço a quatrocentos, e oitenta quatro patacas e meya | 1$440 |
| fio | Por livra e meya de fio, qinhentos e sincoenta rs | $550 |
| Cera | Por hua arroba de cera lavrada a quinhentos e sessenta, dezasette mil, nove centos e vinte | 17$920 |
| Galhetas | Por dous pares de galhetas de vidro a meya pataca o par hua pataca | $320 |

| | | |
|---|---|---|
| Xamalote | Por hua vara de xamalote para complimento das cortinas do N. SSmo Patriarcha meya pataca | $160 |
| Paniculo | Por vara e meya de paniculo, p.ª sanefas das cortinas do altar mor quatrocentos e oitenta | $480 |

*Janeiro de 1760*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 2 4f. | Por hua livra de farinha p.ª hostia hum tostam | $100 |
| Feitio 6 Dom. | Por feitio de tres amitos novos doze vts | $240 |
| vinho | Por hum quartilho de vino p.ª as missas duzentos e 30 | $230 |
| vinho 9 4f. | Por hum quartilho de vinho p.ª as missas duzentos e trinta | $230 |

R.º do Dep.º 74$160

g.º o mesmo

Em 2 de Janr.º de 1760 tomando contas a este L.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º setenta e quatro mil cento e sessenta; e haver gasto a mesma quantia: e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

*Fr. Ant.º* *O Prezidente* *Fr. José.*

*Abril de 1760*

| | | |
|---|---|---|
| Vinho | Por vinho p.ª as missas mil, e oitocentos reis | 1$800 |
| Cera | Por vinte Livras e meya de cera nove mil oitocentos 40 | 9$840 |
| Vinho | Por mais vinho p.ª as missas mil sette centos e vinte | 1$720 |
| Musica | Por musica de S. Bento, nove mil reis | 9$000 |
| Taboada | por hua duzia de taboada p.ª o sepulcro sinco milreis | 5$000 |
| Incenso | Por oito livras de incenso tres mil oitocentos e 40 | 3$840 |
| Alfinetes | Por hua quarta de alfinetes seis vintens | $120 |
| Vinho | Por mais vinho p.ª as missas duzentos e noventa | $290 |
| concertos | Por varios concertos de hua prata da sanchristia pat. | $320 |
| Trono | Por jornal que paguey ao crapina que armou o trono | 2$600 |
| Farinha 1 | Por farinha para hostias seis vintens | $120 |
| Cera | Por sette vellas de L.ª p.ª a festa de N. P. S. B. | 3$710 |
| Far.ª 15 3f. | Por farinha para as hostias hua livra seis vintens | $120 |
| cera | Por onze livras e meya de cera de .... p.ª as missas seis mil duzentos e dez | 6$210 |
| cera | Por tres arobas de cera para o sepulchro sincoenta e hum mil oitocentos e quarenta | 51$840 |
| cera | Por 14 vellas de cera amarella p.ª o candieyro 1$920 | 1$920 |
| cera | Por cera da terra, tintas que as ...., e malacaxeta | $960 |
| Tinta | Por capa roza para tinta das escadas, neya livra 4 vts | $080 |
| Madeira | Por oito caibras p.ª armar o sepulcro oito centos rs | $800 |

| | | |
|---|---|---|
| vinho | Por vinho p.ª as missas dois mil cento e quarenta | 2$140 |
| Musica | Por musica da Semana Santa vinte e quatro milreis | 24$000 |

R.º do Dep.º 126$430

D.º o mesmo

Em 21 de Abril de 1760 tomando contas a este L.º do gasto da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º cento e vinte e seis mil quatro centos e trinta; e aver gasto a mesma quantia;e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

*Fr. Ant.º* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

| | | |
|---|---|---|
| V.º 22 | Por vinho para as missas hum frasco duzentos e noventa | $290 |
| Far.ª | Por farinha para hostias hua livra seis vintens | $120 |
| V.º | Por vinho para as missas hum frasco quatorze vint. e meyo | $290 |
| V.º | Por hum frasco de vinho para as missas, quatorze vnt. e meyo | $290 |

*Maio*

| | | |
|---|---|---|
| V.º 2 | Por hum frasco de vinho p.ª as missas quatorze vts e meyo | $290 |
| farinha | Por farinha para hostias seis vintens | $120 |
| V.º 8 | Por vinho p.ª as missas quatorze vts e meyo | $290 |
| V.º 10 | Por vinho p.ª as missas quatorze vts e meyo | $290 |
| V.º 15 | Por vinho p.ª as missas hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |
| Farinha | Por farinha para hostias seis vintens | $120 |
| V.º 19 | Por vinho p.ª as missas hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |
| V.º 22 | Por vinho p.ª as missas hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |
| V.º 27 | Por vinho para as missas hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |

*Junho*

| | | |
|---|---|---|
| V.º 1 | Por vinho para as missa hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |
| Farinha | Por farinha para hostias seis vintens | $120 |
| V.º 4 | Por vinho p.ª as missas hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |
| Farinha | Por farinha para hostias hum tostam | $100 |
| V.º 7 | Por vinho p.ª as missas hum frasco quatorze vts e meyo | $290 |
| V.º 10 | Por vinho p.ª as missas hum frasco quatorze vts. e meyo | $290 |
| Farinha | Por farinha para as hostias seis vintens | $120 |
| V.º 17 | Por vinho p.ª as missas quatorze vintens e meyo | $290 |
| V.º 21 | Por vinho para as missas quatorze vintens e meyo | $290 |
| V.º 26 | Por vinho para as missas quatorze vintens e meyo | $290 |

*Julho*

| | | |
|---|---|---|
| V.º 1 | Por vinho para as missas quatorze vintens e meyo | $290 |
| V.º 4 | Por vinho, para as missas quatorze vintens e meyo | $290 |
| Farinha | Por farinha para hostias meya livras quatro vintens e meyo | $080 |

| | | |
|---|---|---|
| V.º 8 | Por vinho para as missas quatorze vintens e meyo | $290 |
| V.º 10 | Por vinho para as missas quatorze vintens e meyo | $290 |
| Far.ª | Por farinha para hostias huma livra meya pataca | $160 |
| Concertos | Por hua renda para consertar os manguitos de N... pat. | $320 |
| Concertos | Por retroz p.ª consertar as dalmaticas vermelhas hua... | $080 |
| Farinha | Por farinha para hostias meia pataca | $160 |
| Cera 21 | Por cera do sepulchro que se reformou 15 livras 750 | $750 |
| Cera | Por quatro velhas que se reformaram tres mil e 510 | 5$510 |
| Jornal | Por jornal do Crapina q' fez a grade do painel e algumas obras mais | 3$120 |
| Cera | Por 23 livras para as missas a 540 doze mil quatrocentos | 12$420 |
| V.º | Por vinho branco p.ª as missas, dous mil e 420 e vint | 2$420 |
| Lona | Por vinte e oito varas de Lona p.ª o painelda boca da tribuna,, e sanchristia | 13$440 |
| Pintor | Pelo que se deo ao Pintor por pintar os paineis 29$3.Q | 29$3.0 |
| Pregos | Pelo que se pagou ao Ferro.º por oito centos pregos 8 pat. | 2$560 |
| Pregos | Por mais pregos ripares p.ª o sepulcro 5 pat. , | 1$600 |
| Pregos | Por mais hum milheiro de preguinhos p.ª os dous paineis da boca da Tribuna, e sacristia a 120 doze tostoens | 1$200 |

R.º 78$000 gasto o mesmo

Em 27 de Julho de 1760 tomando contas a este L.º de gasto da sachristia achamos haver recebido do Dep.º setenta e oito milreis; e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por ajustadas.

*Fr. Ant.º* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

*Agosto de 1760*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 1 | Por farinha para hostias meya pataca | $160 |
| Far.ª 9 | Por farinha para hostias meya pataca | $160 |
| Far.ª 19 | Por farinha para hostias hua livra meya pataca | $160 |

*Setembro*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 3 | Por farinha para hostias hua livra meya pataca | $160 |
| Far.ª 14 | Por farinha para hostias hua livra meya pataca | $160 |
| Far.ª 23 | Por farinha p.ª hostias hua livra meya pataca | $160 |

*Outubro*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 4 | Por farinha p.ª hostias hua livra meya pataca | $160 |
| Far.ª 12 | Por farinha p.ª hostias hua livra meya pataca | $160 |
| Far.ª 24 | Por farinha p.ª hostias hua livra meya pataca | $160 |
| Far.ª 31 | Por farinha p.ª hostias hua livra meya pataca | $160 |

*Novembro*

| | | |
|---|---|---|
| Guastos | Por feitio de 30 sanguinhos e manusterjos duas patacas | $640 |
| Far.ª 10 | Por farinha p.ª hostias hua livra meya pataca | $160 |
| Far.ª 19 | Por hua livra de farinha p.ª hostias meya pataca | $160 |

*Dezembro*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª 1 | Por hua livra de farinha p.ª hostias meya pataca | $160 |
| Taboado | Por meya duzia de taboado para os ramalhetes sinco mil 500 | 5$500 |
| Vinho | Por duas canadas e meya de vinho p.ª as missas e meyo quart.º a 880 | 2$250 |
| Fio | Por meya livra de fio hua pataca | $320 |
| Cera | Por aroba e meya d ecera para as missas a 540 | 25$970 |
| Cera | Por mais sete livras queymada a 500 | 3$500 |
| Cera | Por feitio de hum brandão p.ª o Snr. Bispo | $270 |
| Missaes | Por custo de sete missaes que vieram de L.ª | 37$8.0 |
| Vinho | Por dez frascos de vinho p.ª as missas com 15 quartil. | 3$300 |
| Galhetas | Por 6 pares de galhetas a meya pataca | $960 |
| Jornal | Por 73 e meya de Jornal que se deu ao carapina de fazer os ram. a 240 | 17$640 |
| Vinho | Por tres canadas de vinho e meio quat.º p.ª as missas | 3$210 |
| Incenso | Por duas livras de incenso a 400 rs | $800 |
| Vinho | Por 3 canadas de vinho 3 quartilhos e meyo | 3$1.. |
| Prata | Por hum milheiro de prata para os ramalhetes | 5$000 |
| Tintas | Por tintas que se tem dado p.ª os ramalhetes, e payneis | 6$870 |
| | | 121$110 |

R.º 121$110 — gasto o mesmo da Ordem de Trienio passado R.º do Dep.º 161$730 — g.º o mesmo

Em 9 de Dezr.º de 1760 tomando contas a este L.º do gasto da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º cento e vinte e hum mil cento e dez reis; e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

*Fr. Ant.º* *O D. Abbe* *Fr. Jozc*

O M. Fr. Joam de Santa Maria Jubliado na sagrada Teologia, Proval S. Bento nos Estados do Brazil, com o nosso compr.º o P. M. Dor Fr. Bento da Graça Varajam, viz tanto Nós este nosso Mosteiro de Olinda ,e tomando contas a este livro, que serve do gasto da sachristia desde a ultima visita athe o fim do triennio, achamos haver recebido do Depozito cento, e sincoenta e hum mil, sette centos, e trinta, e haver gasto a mesma quantia.

Trienio pres. R.º do Dep.º 325$540

E tomando contas do trienio passado, digo presente, achamos haver recebido do Deposito trezentos, e vinte sinco mil, quinhentos, e quarenta, e haver gasto a mesma quantia. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Olinda, em 12 de Dezbro de 1760.

O Dor Fr. Bento da Graça Varajam
Compr.º e Secret.º.

*Fr. João de Sta Maria*
Provincial

Gastou o mesmo

Guastos do Pe Procurador com a Sanchristia

| | | |
|---|---|---|
| Tintas | Por tintas p.ª pintar ramalhetes, e sanchristia | 12$000 |
| Retroz | Por 5 oitavas de retroz p.ª concertar os ornamentos | $400 |
| Fita | Por 4 varas de fita de linho para os ditos | $080 |
| Vinho | Por 3 canadas e 3 quartilhos de vinho | 3$.00 |
| Cera | Por 30 vellas de Livra e meya Livra p.ª o livras | 0$000 |
| Cera | Por cera ..... e L.ª e meya Livra p.ª o Natal a livras a 540 | 4$800 |
| Cera | Por 30 vellas de quarta a 540 | 16$200 |
| vinho | Por 3 canadas de vinho dous mil seis centos e 40 | 2$640 |
| Alfinetes | Por duas quartas de alfinetes nove vintes | $180 |

Em 8 de Abril de 1761 tomando contas a este livro da Sacristia achamos haver recebido do Depozito trinta e nove mil seis centos e sessenta, e haver gasto o mesmo e desta sorte damos estas contas por ajustadas era ut supra.

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

| | | |
|---|---|---|
| Fio | Por hú novello de fio de algodão p.ª a Sacristia | $180 |
| Far.ª | Por far.ª p.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª | Por far.ª p.ª hostias hua L.ª m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª 18 | Por far.ª p.ª hostias hua L.ª m.ª pat.ª | $160 |
| | *Mayo* | |
| Far.ª 2 | Por hua 1.ª de Far.ª p.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª 10 | Por hua L.ª de far.ª de far.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª | Por hua L.ª de Far.ª p.ª hostias m.ª pataca | $160 |
| | *Junho* | |
| Far.ª 4 | por hua 1.ª de Far.ª p.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª 13 | Por hua L ! de far.ª p.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª | Por hua L.ª de far.ª p.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |
| Far.ª | Por hua L.ª de far.ª p.ª hostias m.ª pat.ª | $160 |

| | | |
|---|---|---|
| Pregos | Por duzentos pregos de gellozias | $160 |
| Pregos | Por sincoenta e sinco pregos deasoalho | $340 |
| Pregos | Por hú cento de pregos de guarnição | $240 |
| Escapollas | Por duas escapulas gr... p.ª a crux do descendimento | $160 |
| Pregos | Por dezoito pregos de guarnição | $040 |
| Far.ª | Por L.ª e m.ª de Far.ª p.ª hostias doze vts | $240 |
| Far.ª | Por hua L.ª de far.ª p.ª hostias | $160 |
| Far.ª | Por quatro libras de far.ª p.ª hostias | $640 |
| sera | Por seis libras de sera p.ª N. P. S. Bt.º a 540 | 3$240 |
| sera | Por seis libras de sera digo dezoito libras de sera p.ª a Pascoa a 560 | 10$080 |
| Far.ª | por 3 libras e m.ª de far.ª p.ª hostias á m.ª pat.ª | $560 |
| cera | Por vinte e quatro livras de cera p.ª as Missas, a quinhentos, e sesenta, e trez mil reis | 13$000 |
| Cera | Por oito Livras de cera a sello doze patacas | 3$840 |
| Vinho | Por vinte e duas canadas de vinho p.ª as missas, a oito centos, e oitenta e dez dezanove mil trezentos secen, | 19$360 |
| S. Bt.º | *Por huá Imagem* de Madr.ª de N. P. S. Bt.º quarenta milreis | 40$000 |
| cola | Por cola p.ª preparar a dita Imagem dez patacas | 3$200 |
| Gesso | Por gesso boldo etc sinco mil, quinhentos e vinte | 5$520 |
| Brochas | Por brochas, e pregos p.ª quatro missaes oitocentos e quar. | $840 |
| Officio Viegas | Pello *q'se pagou aos RR. PP. Capitulares* da St.ª Sê pello officio de Anna Viegas dez mil reis | 10$000 |
| *Frontespicia* | Pello q'se deo ao Mestre da obra do Fronespicio a conta trezentos milreis | 300$000 |
| Incenso | Por trinta livras de Incenso a quatorze vintens, oito mil, e quatrocentos | 8$400 |
| Capellos de N. Sra. | Por dous capellos p.ª n. Srª das angustias, mil seiscentos e vinte | 1$620 |
| Toalha | Por húa toalha de renda p.ª os Pontificaes, quatro mil | 4$000 |
| Prato das galhetas | Por dous pratinhos de estanho p.ª as galhetas oitocentos reis | $800 |
| Fitas | Por duas varas de fita p.ª os calices de 5.ª fr.ª maior seiscentos e quarenta | $640 |
| | | 427$820 |
| Fitas | Por mais fitas p.ª os Missaes de novo encadernados 320 | $320 |
| Annel | Por concerto de hum annel Abbacial, e ponteiro do Mestre de ceremonia trezentos e vinte | $320 |
| Colchete | Por hum colchete de prata para a palla do Sacrario 100 | $100 |

| | | |
|---|---|---|
| Colchetes | Por sinco pares de colchetes p.ª as cortinas 140 | $140 |
| Prata | Por Livro e meio de prata oitocentos e sincoenta | $850 |
| Faca | Por húa faca p.ª a sacristia cento e vinte | $120 |
| Tintas | Por tintas p.ª o forro da Sacristia, e portas da Igreja | $640 |
| Tintas | Por tintas, ouro, e cam.... p.ª as quatro taboas dos casos reservados, Indulgencias, mil duzentos, e oitenta | 1$280 |
| Verniz | Por tres onças de verniz p.ª as mesmas taboas quatro centos e oitenta | $480 |
| Dr.º | Por *dr.º q'dei ao Conego, q'*as fes, p ª tintas 4 patacas | 1$280 |
| Lucernas | Por seis Lucernas p.ª os altares, e tintas p.ª ellas, oito mil quinhentos e quarenta | 8$540 |
| Ramalh. | Por papel, tintas, e lata p.ª os ramalhetes, e capellas dos castiçaes mil duzentos e oitenta | 1$280 |
| Tintas | Por tintas p.ª os degrás do altar mor duzentos oitenta rs. | $280 |
| Pregos | Por pregos de latão p.ª repregar os frontaes cento e vinte | $120 |
| Sabão | Por sabão, e goma p.ª os corporaes oitenta reis | $080 |
| Cadarso | Por seis peças de cadarso p.ª concertar todas as cortinas brancas de damasco, e frontaes oitocentos e quarenta | $840 |
| Linhas | Por linhas p.ª as pallas, concerto de cortinas etc 520 | $520 |
| Retros | Por retros p.ª conçertar os ornamentos, cortinas etc 480 | $480 |
| Escapolas | Por huas escapolas p ª as taboas dos cazos duzentos e quar. | $240 |
| Pregos | Por duzentos pregos de genolozia p.ª concertar os caixões da sacristia, e entalhos da Igreja cento e secenta rs | $160 |
| Ferro | Por hum ferro de marcar os bancos. moxos etc quatrocentos rs | $400 |
| Escapolas | Por duas escapolas grandes p.ª a cruz, cento e secenta rs | $160 |
| Fechadu. | Por huas fechaduras p.ª as gavetas da sacristia emord.. a se ..... da prata mil duzentos oitenta | 1$280 |
| Argolas | Por quatro argolas p.ª as ditas gavetas seis patacas e m.ª | 1$120 |

R.º
449$730

Gt.º
o mesmo

Tomando contas a este livro do gasto da sacristia em 10 de 7bro de 1761 achamos haver recebido do depozito quatrocentos e quarenta e nove mil sete centos e trinta, e haver gasto o mesmo e desta sorte damos estas por ajustadas era ut su supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª | Por hua l.ª de Far.ª do reyno p.ª a Sachristia p.ª hostias | $100 |
| Far.ª | Por .2 livras de far.ª p.ª hostias | $200 |
| alfinetes | hua carta de alfinetes | $080 |
| V.º p.ª Mis. | Por dezeseis canadas de v.º p.ª as missas por varios preços trezemil trezentos e oitenta | 13$380 |
| *Frontep.* | Que se deu ao Mestre Frc.º Fr. a *conta do Frontespicio* trezentos milreis | 300$000 |

| | | |
|---|---|---|
| Sera | Pro dez livras de sera a duas patacas | 6$720 |
| sera | Por sera p.ª 4 tochas e seos feytios sete mil e trinta sinco | 7$035 |
| Imagens | Por *tres Imagens de Santos Christos* novas p.ª os altares e huma encarnada de novo sete milreis | 7$000 |
| Tintas | Por tintas, e malacaxetas p.ª ramalhetes dous mil cento 70 | 2$170 |
| Cal | Por dez sacaduras de *cal p.ª o frontespicio* a quatro milreis quarenta mil reis | 40$000 |
| Tijolo | hum milheiro de tijolo p.ª *o frontespicio* sinco mil reis | 5$000 |
| Cal | Por mais sinco sacaduras de cal a tres milreis, quinze m | 15$000 |
| Pedras | Pro quinze pedras p.ª *o frontespicio,* humas mais compridas, outras mais curtas vinte e sinco milreis | 25$000 |
| | pello que paguey a..... da ferraria pelas obras que fizeram para a sacristia | 1$380 |

Em 30 de Janr.º de 1762 tomando contas a este Livro de gasto da Sacristia achamos haver recebido do dcpozito quatro centos vinte e tres mil oitocentos e sinco reis e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos as contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. Sylvestre de St.ª Anna* *o D. Abbe* *Fr. Custodio*

R.º do Dep.º
913$195

G.º
o mesmo.

O R. P. Fr. Manoel da Graça, D. Abbe do Mostr.º da Parahyba, com o nosso compr.º o P. Preg. Urbico Fr. João Bautista de S. Gertrudes, vizitando Nos este nosso Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este L.º, que serve do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito novecentos e treze mil, cento e noventa, e sinco, e havendo gasto o mesmo: e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas.

Olinda em o 1.º de Fevr.º de 1762

*Fr. João Baut.ª de S. Gertrudes* — Vice Compr.º

*Fr. Manoel da Graça* — Vizitador

| | | |
|---|---|---|
| Pagam.º | Por resto do segd.º *pagamento do pedreiro cem mil rs.* | 100$000 |
| cera | Por cento e secenta livras de cera a 450 setenta e dous | 72$000 |
| Ouro | Por dous milheiros de ouro p.ª os ramalhetes e mais obras vinte e tres milreis | 23$000 |
| V.º | Por 14 canadas de vinho branco p.ª as missas a 960 treze mil quatrocentos e quarenta | 13$440 |
| far.ª | Por 15 livras de far.ª hostias a 100 quinze tostoes | 1$500 |
| Galhetas | Por onze pares de galhetas de vidro a 160, mil sete cent 60 | 1$760 |
| Pratos | Por tres pratos de estanho p.ª as galhetas a cruzado doze t., | 1$200 |
| fio | Por fio p.ª ..... m.ª Libra dous tostoens | $200 |

| | | |
|---|---|---|
| Cousseiras | Por húa duzia de cousseiras p.ª as portas, e hum carreto trinta e quatro mil setecentos e vinte | 34$720 |
| Cal | Por sete sacaduras de cal a quatro milreis vinte oito m | 28$000 |
| Agoa de cravo | Por hú frasquinho de agoa de cravo p.ª a festa de N. P. S. Bento | $320 |
| grude | Por 13 livras de grude p.ª as portas da Igr.ª dous mil.. | 2$960 |
| Pedras | Por 11 *pedras p.ª o frontespicio* de sete palmos cada huma e cada palmo a 2 tostoens e quarenta | 18$480 |
| Carreto | Por carreto de trinta pedras do varadouro p.ª sima a pataca nove mil e seis centos | 9$600 |
| Frete | Por frete de quinze pedras que mandou Frco So... quinze patacas, quatro mil oito centos | 4$800 |
| Cano de chumbo | Por hú *cano de Chumbo* com 4 a.. e vte Livras a 100, p.ª tomar as agoas, q'da Igreja correm p.ª a torre, 15$200 | 15$200 |
| Feytio | Por feytio do d.º.. soldas, tres patacas | $960 |
| Pedra | Pello ultimo pagamento ao pedr.º trezentos milreis | 300$000 |
| Cera | Por seis vellas de cera p.ª o altar mor a 560 | 1$360 |
| Cera | mais 4 vellas de cera p.ª o altar mor a selo | 1$920 |
| Cera | mais seis vellas de sera p.ª o dito a seis tostoens | 3$600 |
| Alfinetes | duas cartas de alfinetes meia pataca | 1$160 |
| far.ª | Por tres libras de far.ª p.ª hostias a 10 | $300 |
| V.º | tres canadas de v.º p.ª as missas dous mil setecentos | 2$760 |
| fio | hú novello de fio p.ª trocidas m.ª pataca | $160 |
| Couçoeyras | huma duzia de couçoeyras e carrto dellas catorze mil oito centos e quarenta | 14$840 |
| V.º | duas canadas, e a metade de 4.º a 920 | 2$350 |
| Far.ª | tres livras de far.ª p.ª hostias a 100 | $300 |
| Lixas | tres lixas a seis vts cada huma | $360 |
| V.º | sete coatros de vinho brc.º p.ª Missas a 920 | 1$705 |
| pias | Por feytio de *duas pias de pedra marmore* p. ªagoa benta da porta da Igreja seis patacas | 1$920 |
| bronze | por hú *canudo de bronze* p.ª segurar hua das piramides do *frontespicio* duas patacas | $640 |

Em 22 de Julho de 1762 tomando conttas ao livro dos gastos da Sachristia, achamos haver recebido sete centtos dous mil cento e quinze rs, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos as conttas p. ajustadas era ut supra

*Fr, Sylvestre* *Fr. Sustodio*

| | | | |
|---|---|---|---|
| V.º | Por des canadas e tres coatros de v.º a 960, des mil 580 | | 10$580 |
| V.º | Por mais tres canadas e tres coatros a 970 | 3$135 | 3$135 |

| | | |
|---|---|---|
| Far.ª | Por 24 livras de far.ª p.ª hostias a tostam, dous mil 400 | 2$400 |
| sera | Por sinco livras de sera a seis tostoens tres mil rs. | 3$000 |
| sera | Por 4 arobas de sera a sello sesenta e hum mil 440 | 1$440 |
| Tintas | Por tintas, p.ª a Imagem de N. St.º Patriarca so.. | |
| | Do Frontespicio, e Sacrario da capella mor vinte quatro setecentos e des | 24$710 |
| Jornal | Pello que se deu ao pintor p.ª este faz a Imagem pintar o Sol, e dourar o Sacrario desenove mil e 720 | 19$920 |
| Resplendor | Pello resplendor do N. St.º Patriarcha vinte sinco e 190 | 25$190 |
| Coucoeyras | Por quatro duzias de cousoeyras p.ª as portas e janelas a catorze mil reis a duzia sincoenta e seis m. | 56$000 |
| Chumbo | Por desoito livras de chumbo p.ª chumbar as portas a quatrocentos vts, mil quatro centos e quarenta | 1$440 |
| Ouro | Por hú milheiro de ouro, e meio livro p.ª dourar o Sacrario sol e acabar a Imagem de N. St.º Patriarca, doze mil sete centos e oitenta | 12$780 |
| Entalho | Pello que se deu ao Intalhador por Madeyra e feitio do Sacrario e nicho de N. St.º Patriarcha noventa mil rs | 90$000 |
| ..... | Por ..... , lixa mil duzentos e quarenta | 1$240 |
| tachax | Por cento sincoenta tachas de latão p.ª os frontais 240 | $240 |
| Alfinetes | Por húa carta de alfinetes quatro vintens | $080 |

Em 10 de Janr.º de 1763 tomando contas a este livro do gasto da saqristia achamos haver recebido do depozito tresentos, e doze mil e cento e sincoenta e sinco reis, e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos as contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. João* *D. Abbe* *Fr. Custodio*

| | |
|---|---|
| Não vale este ..... por faltar a despeza, que vai abaixo. | |
| Pelo que paguei ao carapina *Joze Correa pelo feitio das portas* da Igreja cem mil reis | 100$000 |
| Pelo que paguei a *João André* por feitio *do OCULO, e* janellas *do Côro* vinte mil nove centos, e secenta | 20$960 |
| Por meia arroba de xumbo p.ª xumbar as portas pequenas da Igreja quatro patacas | 1$280 |
| Por tres livras de farinha p.ª hostias tres tostoens | $300 |
| Por tres canadas de vinho p.ª missas dous mil setecentos secenta | 2$760 |
| | 125$300 |

R.º
437$455
———
gastou
o mesmo

Em 10 de Janr.º de 1763 tomando contas a este livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do depozito quatro centos trinta e sette mil quatrocentos, e sincoenta e sinco reis, e haver gasto o mesmo, nesta forma damos as contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. João* *o D. Abbe* *Fr. Custodio*

| | |
|---|---|
| por dezesete en.. das de chumbo para..... e canos a 240 | 4$000 |
| por tres livras de grude a meia pataca | $480 |
| por 12 canadas e meia de vinho para as missas a nove centos 60 | 12$000 |
| por mais seis canadas e meia do m.º a mil e oitenta | 6$480 |
| por trinta e húa livras de farinha p.ª ostias a 110 rs | 3$100 |
| por duas livras de Incenço a pataca | $640 |
| por concerto do ferro das ostias | $320 |
| pelo que paguey ao da ferraria pelos ferrajes das portas grandes e pequenas e janellas cento sincoenta e hú duzentos e 80 | 151$280 |
| Por concerto de hum castiçal e hum thuribulo nove centos e 60 | $960 |
| por hua tezoura e sincoenta tachinhas de latão seis centos rs. | $600 |
| por covado e meio de Olanda para foro de hum pavilhão | $540 |
| por oito varas de fita a 40 rs trezentos e vinte | $320 |
| por agoa de cheiro e pastilhas seis tostones | $600 |
| | 161$400 |

Em o pr.º de Junho de 1763 tomando contas deste livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do depozito cento e oitenta e hum mil e quatrocentos, e haver gasto o mesmo, e desta sorte damos as contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. Antonio*

Triennio do N. M. R. P. D. Abbe Fr. Bartholomeo dos Martyres

| | |
|---|---|
| Por vinho seis mil trezentos e quarenta | 6$340 |
| por far.ª seis tostoens | $600 |
| por húa carta de alfinetes seis vintens | $120 |
| por meia livra de alfinetes de doze vts | $240 |
| por hua tocha de libra sei tostoens | $600 |
| | 7$900 |

R.º
7$900
gasto
o mesmo

Em 12 de Julho de 1763 tomando contas a este livro de gasto da sacristia achamos haver recebido do Depozito sette mil e nove centos, e haver gasto o mesmo e nesta forma damos as contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Antonio*

| | |
|---|---|
| Por treze canadas e meya de vinho para as Missas quinze mil cento e vinte | 15$120 |
| por hua arroba de cera e tres livras a 600 rs. vinte e hum mil e seiscentos | 21$600 |
| por feitio e cera p.ª reformar as tochas seis mil e 780 | 6$780 |

| | |
|---|---|
| por quatro livras e meya de O... a 480 dois mil e 160 | 2$160 |
| por fio dous tostoens | $200 |
| por farinha para ostias nove tostoins | $900 |
| por alfinetes a doze vintens | $240 |
| por hua caldeyra d eestanho p.ª a sacristia duas patacas | $640 |
| por concerto da cruz de prata e do pé da naveta dous mil 495 | 52$495 |
| | 50$135 |

Em 31 de outubro de 1763 tomando contas a este livro do gasto da sachristia achamos haver recebido do Depozito sincoenta mil cento e trinta e sinco, e haver gasto o mesmo, e desta forma damos as contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. Antonio* *O D. Abbe* *Fr. Custodio*

| | |
|---|---|
| por vinte e seis canadas e meya quartilho de vinho para as missas vinte e tres mil trezentos e 25 rs, sendo a canada a mil e oitenta reis, são 21 canada e meya a..... e de meyo quartilho e 30 reis.. | 23$325 |
| por nove livras de farinha para ostias a cem reis | $900 |
| por trinta e quatro livras e hua quarta de cera a 600 rs. | 20$5.0 |
| por mais duas livras a quinhentos e secenta, mil e cento e 20 | 1$120 |
| por quatro livras de Incenço a sello mil nove centos e vinte | 1$920 |

R.º
47$815

Gasto
o mesmo.

Em 8 de Fevr.º de 1764 tomando contas a este livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito quarenta e sette mil oitocentos e quinze reis e haver gasto o mesmo e nesta forma damos as contas por ajustadas era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Antonio*

R.º
do trienn
1:320$970

Entregou
o mesmo

O Pe. Pr. Fr. Francisco de S. Joze Provincial da Ordem de S. Bt.º da Provincia do Brazil com o nosso compr.º o Pe. Pr. Fr. Mauro de JESUS MARIA, vizitando Nós este Mostr.º de Olinda, e tomando contas a este L.º que serve do Gasto da Sachristia, achamos, haver recebido do triennio passado do Dep.º hú conto trezentos, e vintemil novecentos, e settenta rs, e haver gasto o mesmo

R.º
do trien. pzte.
105$850

G.º
o mesmo

E tomando contas do Triennio prezente achamos haver recebido do Dep.º cento, e sinco mil oito centos e sincoenta, e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Olinda de Fevr.º 9 de 1764

*Fr. Mauro de JESUS MARIA* *Fr. Franc.º de S. Joze*
Compr.º e Secretario Proval.

| | |
|---|---|
| por doze libras, de cera.. a 600rs. | 7$200 |
| Por mais duas libras a 430 | $860 |
| por reformar hua tocha de cera de libra | 1$630 |
| por sinco canadas de vinho a mil e oitenta | 5$400 |
| por dezesette canadas e meya e hú quartilho de vinte a 920 | 15$520 |
| por trez quartas de alfinetes a 120 | $360 |
| por duas quartas dos ditos a 100 reis | $200 |
| por seis libras de Incenço a 400reis | 2$400 |
| por tres libras a ataca | $960 |
| por doze libras de farinha a 100 reis | 1$200 |
| por doze pregos dourados p.ª o L.º dos Hymnos quinhentos reis | $500 |
| por tres varas de ..... para amictos a 560 | 1$680 |
| por hua meada de tintas para os ditos cem reis | $100 |
| *por húa folhinha para o coro* duzentos reis | $200 |
| por seis varas de fita para os livros do coro a 140 | $840 |
| por tres oitavas de retroz a 100 reis | $300 |
| por seis pares de galhetas a 200 reis | $1200 |
| por Gr..... para o livro do coro hú cruzado | $400 |
| por *agoa de flor* para o dia de S. Bt.º 240 | $240 |
| por fio para ret... a saber hua quarta | $120 |
| por covado e meyo de damasco p.ª as (sobras?) a 1600 | 2$400 |
| por . . . . . .de . . . . . .as ditas a... reis | $.60 |
| por . . . . . ditas | 1$280 |
| por . . . . . .cruz pectoral | 2$880 |
| por hua vela de meya libra 200 reis | $200 |
| por hum covado de . . . . . de N. Snr.ª das Angustias | $.20 |
| por duas oitavas de retroz ver.. para o manto da dita | $.60 |
| por nove . . . .de .branhas p.ª as toalhas do..... | $180 |
| por feitio de hum ramalhete p.ª o N. St.º Patriarca | $160 |
| por huma meada de linhas | $080 |
| por hua corda p.ª o docel | $040 |
| por seis varas de fitas p.ª o docel a 20 rs | $120 |
| por hua vara de fita de seda para a chave do Sacrario | $320 |
| por tres varas de amburgo para capas das pedras de 300 | $.00 |
| por feitio de hua semanarias | $300 |
| por ..... varas de fi ..... de arame p.ª ..... | $1.. |
| por duas oitavas de pastilhas p.ª a festa de a 160 | $320 |
| por dous *vidrinhos de agoa de Cordova* p.ª festa de N. S. Patr. | $320 |
| por hua libra de fio p.ª rolos quatro centos reis | $400 |
| por doze libras de cera a seis centos reis | 7$200 |
| por quatro canadas, e hum coartilho de vinho | 3$840 |
| por tres libras de farinha a cem reis | $300 |

R.º
64$730
———
G.º
o mesmo

Em 16 de Agosto de 1764 tomando contas a este L.º do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito sessenta, e quatro mil setecentos e trinta reis, e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. Francisco* *O D. Abbe* *Fr. Custodio*

| | |
|---|---|
| Por huma canada de vinho para as missas, mil cento e vinte | 1$120 |
| por mais vinho para as missas, duas canadas, dous mil e outenta | 2$080 |
| por tres livras de farinha para as hostias, tres tostões | $300 |
| por duas camadas de vinho para as missas, dous mil e outenta | 2$080 |
| por tres livras de farinha para as hostias (fls 20 v.º), tresentos rs | $300 |
| por hum novello de fio de algudão para rolos, duzentos e secenta | $260 |
| por duas canadas de vinho para as missas, dous mil reis | 2$000 |
| por tres livras de farinha para as hostias, trezentos reis | $300 |
| por huma livra de incenso, pataca e meya | $480 |
| por concerto das procições, e ..... de prata, que levou a argola, que ..... oitocentos, e quarenta e cinco reis | $845 |
| de reformar vinte, e seis livras de cera mil, trezentos e cincoeta | 1$350 |
| por tres livras de farinha para as hostias, tresentos reis | $300 |
| por tres canadas de vinho para as missas, a outocentos reis a canada, dous mil e quatrocentos reis | 2$400 |
| por tres livras de incenso, a 320 a livra | $960 |
| por huá libra de fio de algudão rollos, trezentos e secenta | $360 |
| por tres libras de farniha para as hostias, trezentos reis | $300 |
| por tres canadas de vinho para as missas a 880 a canada | 2$640 |
| por tres librasde farinhapara as hostias, trezentos reis | $300 |
| por tres libras de farinha para as hostias, 300 reis | $300 |
| por tres canadas de vinho para as missas a 880 a canada | 2$640 |
| por tres libras de farinha para as hostias 300 reis | $300 |
| por quarenta e oito rezistos para os Padres no primeiro de Janeiro, duas patacas | $640 |

*anno de 1765*

| | |
|---|---|
| por tres canadas de vinhopara missas a 880 a canada | 2$640 |
| por farinha para hostias, tres livras a tostão | $300 |
| Por duas resmas de papel para o sepulcro a 1$280 | 2$560 |
| Por 4? de lata a 1$280 a lihra | 5$120 |
| Por seis auartas dealfinetes a 80 rs (fls 21 no original) | $480 |
| Por meia arroba de malacchet. quatro patacas | 3$840 |
| Por tintas para os papeis do sepulchro milnove centos e trinta | 1$930 |
| Por duas pessas de Lapis (?) quarenta reis | $040 |
| Por duas libras de cera da terra duzentos reis | $200 |
| Por huma libra de caparossa (?) trezentos e sessenta reis | $360 |

| | |
|---|---|
| Por huma libra de fio para ..... trezentos e sessenta | $360 |
| Por varas e meia de fita branca para o esquixo, sescentos rs | $600 |
| Por 5 maços de cordas para as cortinas, duzentos rs | $200 |
| Por tres canadas de vinho a 960 a canada | 2$880 |
| Por reformar as tochas, cirio e mais cera-dous mil e duzentos | 2$200 |
| Por uma peça de cadarço para ..... quinhentos rs | $500 |
| Por pastilhas para a sachristia, tresentos e vinte | $320 |
| Por dous apagadoures de folha cento e vinte | $120 |
| Por duas varas e meia de pano brim para concerto do painel da sachristia a? a vara | 1$400 |
| Pelo que se deo ao pintor de pintar e reformar o d.º quadro, 4 mls | 4$000 |
| Por dinheiro ao carpinteiro que fez o sepulcro a conta | $960 |
| Por vinho para missas tres canadas,, a 960 | 2$880 |
| Por huá libra de fio para rolos trezentos e sescenta rs | $360 |
| Por 4 libras de farinha para hostias a 100 | $400 |
| Por 3 libras de cera a trezentos e vinte | $960 |
| Por hú coco de beber agoa trinta reis | $030 |
| Poruma colher para fazer hostias vinte reis | $020 |
| Por dinheiro a costureira pelo concerto da roupa da sachristia | 1$600 |
| Por hum vidro de agoa de Cordova para o Natal cento e sessenta | $160 |
| Por meia oitava de pastilhas quatro vintens | $080 |
| Por humá quarta de fio para rolos hum tostão | $100 |
| Por duas Sabtas Regras para Manoel Gomes, e João Lobo-trez, e vinte | $320 |
| Porhum Ritual Romano para a Sachristia-tres patacas (*Orig. fls* 21vº) | $960 |
| Por huá Folhinha para a Sacristia cento e sessenta | $160 |
| Por 150 rosas a 60 rs cada huma nove mil | 9$000 |
| Por 5 estantes de jacarandá a 1$175 | 5$875 |
| Por huá oitava de pastilhas para S. Bento, cento e cecenta | $160 |
| Por hú vidro de agoa de Cordova, meia pataca | $160 |
| Por huma palma para N. S-Patriarcha-tres partacas | $960 |
| Por concertar as cadeas de hú thuribulo cento e vinte | $120 |
| Por 4 arrobas de cera a 13$600,-sincoenta e quatro mil e quatroc | 54$400 |
| Por cera e feitio das tochas. — seis milquatroc e sessenta | 6$460 |
| Por tres libras de cera seis tostões-mil oitocentos | 1$800 |
| Por covado e meio de damasco branco mil oitocentos | 1$800 |
| Por nove covados de tafeta branca a 4 tostões tres mil e seisc. | 3$600 |

R.º
146$925

G.º
o mesmo

Em 17 de Abril de 1765 tomando contas a este 1.º do gasto da Sachristia achamos haver recebido do Depozito cento e quarenta e seis mil novecentos e vinte sinco milreis, e ter gasto o mesmo, e assim damos essas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. Frsc.º* *O D. Abbe* *Fr. Custodio*

| | |
|---|---|
| Por duas miadas de linho para os amictos a 80 rs | $160 |
| por seis rozas para ..... interior da Sachristia a 60 rs | $360 |
| Por huma livra de grude oitenta rs | $080 |
| por hú masso de cordas p,ª o..... trinta reis | $030 |
| por hum p.ª o grude des rs | $010 |
| por livra e meya de grude a duzentos reis a livra | $300 |
| por canoa que se pagou quando se *cobrarão os foros doze* vintes | $240 |
| por um masso de linhas p.ª rendas detoalhas | $... |
| por papel p.ª hum *livro dos foros oito* centos e vinte reis | $820 |
| por quatro massos de cordas finas p.ª a capella mor meia pataca | $160 |
| por sinco ..... a 20 rs | |
| Por dr.º que se deo ao sericeiro reformar 42 libras de cera em vellas de quarta dois mil cento e quarenta | 2$140 |
| Por dr.º ao dito de reformas de 4 toxas oito centos e vinte sinco | $825 |
| Por meia arroba de cera a 400 rs | 6$400 |
| Por duas libras de farinha a meia pataca | $320 |
| porduas canadas de vinho p.ª as missas a tres patacas | 1$920 |
| por dous covados de tafeta verde para dous veus a 400 rs | $800 |
| por meia oitava de retroz verde dous vintes | $040 |
| por duas de vinho para as missas a trez patacas | 1$920 |
| por oito libras de farinha para hostias a seis vintens | $960 |
| por seis pares degalhetas de vidro a meia pataca | $960 |
| por duas canadas de vinho a tres patacas | 1$920 |
| por tres libras e meia de cera a cruzado | 1$400 |
| por des libras de farinha p.ª hostias a meia pataca | 1$600 |
| por húa libra de fio para Rolo huma pataca | $320 |
| por sete libras de farinha a meia pataca | 1$120 |
| por duas canadas de vinho a dous cruzados e 4 vintes | 1$760 |
| porpor hua libra de fio p.ª rollo desoito vts | $360 |
| por duas canadas de vinho a tres patacas | 1$920 |
| Por duas canadas ..... | 1$920 |
| por duas canadas..... | 1$920 |
| porduas canadas de vinho a tres patacas | 1$920 |
| por meia arroba de incenso a doze vintens | 3$840 |
| por concerto de isope de agoa benta hum sello | $480 |
| por duas canadas de vinho a dous cruzados e coatro vintens | 1$760 |
| | 48$705 |

R.º
48$705

G.º
o mesmo

Em 16 de 9bro de 1765 tomando contas a este livro do gasto da sacristia achamos haver recebido do Depozito quarenta e oito mil, sete centos, e sinco, e achamos haver gasto o mesmo e desta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbade* *Fr. Domingos*

R.º
do Depozito
260$360

Gasto
o mesmo

O Dr. Fr. Alexandre da Purificação V.. Vizitador Comissario pelo N. Rmo Pe. Proval Fr. Francisco de S. José com o nosso Compr Fr. Francisco Feijo; vizitando nos este Mosteiro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este L.º do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º duzentos e sessenta mil trezentos e sessenta reis, e gasto o mesmo: e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Olinda 19 de Novbr.º de 1765

*Fr. Frc.º Feijo* — Secretario

*O Dr. Fr. Alexandre da Purificação* — Vizitador

| | |
|---|---|
| por hum livro de ouro p.ª os presbiterios coatro patacas | 1$280 |
| por duas brochas grandes p.ª os pintores a seis vts | $240 |
| por tres mais pequenas a dous vintens | $120 |
| por duzia de pinceis huma pataca | $320 |
| por coatro pequenos dos mesmos a vintem | $080 |
| por sinco libras de alvaiade a seis vintens | $600 |
| porsabão seis vintens | $120 |
| por meia libra de cera dous tostoens | $200 |
| por huma oitava de flor de anil p.ª presbiterios doze vinteins | $240 |
| coatro onças de vermelhão a doze vintens | $960 |
| meia libra de azarcão seis vintens | $120 |
| machim, secante, anil, alvaiade fino doze vintens | $240 |
| sombra, e oleo decup..... hua pataca | $320 |
| Por hum livro de ouro mais p.ª o Presbiterios coatro patacas | 1$280 |
| huma quartinha para a sacbristia hum vintem | $020 |
| meia arroba de alvaiade para as portas da capella mor | 1$920 |
| meia onça de flor de anil para os mesms tres ptas | $960 |
| huma folhinha para a Sacristia dous tostoens | $200 |
| con... gama para as cruzes dos altares dous vts | $040 |
| hum livro de prata para as mesmas hum vtm | $... |
| huma quartinha para a sacristia hum vtm | $020 |
| mais de sabão hum vintem | $020 |
| mais meia aroba de alvaiade p.ª as portas a seis vintens | $920 |
| duas oitavas de flor de anil para as mesmas hum sello | $480 |
| Hum livro de ouro para os estantes coatro patacas | 1$280 |
| duas vassouras a vintem | $040 |
| hua oitava de flor de anil digo sabão dois vintens | $040 |
| por concertar a folha de flande do alampada de o parar azeite debaixo do vidro dous vintens | $040 |
| duas oitavas de flor de anil para o frontal de Jaguaribe hum selo | $480 |
| alm..... doze vintens | $240 |
| meia libra de alvaiade fino dous cruzados | $800 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| sombra hum cruzado | | | $400 |
| huma onça de machim dous tostoens | | | $200 |
| tres oitavas de nacre a coatro vintens | | | $240 |
| coatro libras de ocre doze vts | | | $240 |
| coatro livros de prata a sello | | | 1$980 |
| sangue de draco meia pataca | | | $160 |
| duas onças de vermelhão para as janalozias a doze vintens | | | $480 |
| oleo de cupauba para as portas meia pataca | | | $160 |
| hua quarta de exarção para as janallozias doze vintens | | | $240 |
| mais seis quartinhas p.ª a sacristia na Semana santa | | | $100 |
| carvão para a limpar a prata da sacristia meio saco | | | $080 |
| hum fexe de lenha para o mesmo effeito dous vinteins | | | $040 |
| por reformar doze libras de cera de quarta 345 rs | | | $345 |
| pelo que se pagou ao pintor | | | 6$405 |
| por des canadas de vinho p.ª missa a 880 rs | | | 8$800 |
| por 23 canadas de vinho para missas a 960 | | | 22$080 |
| por concertar o ferro das ostias hum sello | | | $480 |
| hua libra de fio para.... | 340 | | $340 |
| por hu par de luvas de linho para os Pontificaes dous milreis | | | 2$000 |
| por meia oitava de galão para as ditas dous tostoens | | | $200 |
| por hua vara de fita para guarnecer as ditas doze vintens | | | $240 |
| por duas pessas de cordas p.ª cortinas dous tostoens | | | $200 |
| por 4 . . . de lata para o sepulcro a 4 patacas sinco..... | | | 1$170 |
| por hua resma de papel quatro patacas | | | 1$280 |
| por seis cartas de alfinetes a 80 rs hú sello | | | $480 |
| cera | por duas libras de cera da terra a m.ª pataca hua pataca | | $320 |
| tintas | por tintas para os papeis doze tostoens | | 1$200 |
| frontal | por pintar o frontal do Altar mayor oito milreis | | 8$000 |
| cera | por feitio de arroba de cera mil sete centos e 55 | | 1$755 |
| fio | por huma libra de fio dezoito vts | | $360 |
| ornam. | por dous amictos bordados com duas bolças des mil rs | | 10$000 |
| cera | por tres libras de cera br. mil e cento e vinte | | 1$120 |
| fio | por hua lihra de fio dous tostoens | | $200 |
| far.ª | por hua arroba de far.ª a 80 rs 2$560 | | 2$560 |
| cera | por 5 arobas de cera de libra a 421 reis | 67$440 | 67$440 |
| cera | por hua ar.ª de cera de quarta a 502 reis dezeseis mil. | | 16$064 |
| cera | por meia ar.ª de cera de meia libra a 502 rs 8$032 | | 8$032 |
| cera | por 160 libras de cera a 300 reis quarenta e oito mil | | 48$000 |
| | por avanço da dita | | 23$180 |
| | donativos da d.ª mil nove centos e vinte | | 1$920 |

R.º
268$112
g.º
o mesmo

Em 2 de Mayo de 1766 tomando contas a este 1.º do G.º da sacristia achamos haver receb.º do Dep.º duzentos e secenta e oito mil, cento, e doze, e haver g.º o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

Triennio do N. M. R. Pe. D. Abbe Fr. João da Trindade, que tomou posse em 25 de Mayo de 1766.

| | |
|---|---|
| Por tres canadas de vinho, e meio quartilho, a hú vintem a 960 a can | 3$020 |
| por hua arroba defarinha tres mil oitocentos e quarenta | 3$840 |
| Por duas canadas de azeite doce para a lampada tres mil e 520 | 3$520 |
| Por trinta e sinco libras de cera deseseis mil reis | 16$000 |
| Por tres canadas de vinho a novecentos e secenta; dous mil 880 | 2$880 |
| Por huma peça de linho para toalhas dos altares onze mil reis | 11$000 |
| Por 5 covados de L.º p.ª o dezencerro a..... vts, tres mil e 600 | 3$600 |
| Por seis cartas de alfinetes a cem reis cada huma | $600 |
| Por hua oitava de retroz branco a cozer o dezencerro | $100 |
| Por dous vidros da alampada a cento e sescenta: trezentos e vinte | $320 |
| Por feitio de doze Lebras? de cera em quarta seisc. reis | $600 |
| Por tres canadas de vinho: dous mil oitocentos e oitenta | 2$880 |
| Por *dinheiro ao Concgo Caetano pelas sessenta e duas letras grandes* no L.º novo dos canticos, e missas da Senhora a trinta rs cada | 1$860 |
| Por lenha vinte reis | $020 |
| Pelo que dei a Lavandeira quarenta reis | $040 |
| Por mais sabão quarenta rs | $040 |
| Por lenha para as hostias hum vintem | $020 |
| Por carvão para o thribulo trezentos e vinte | $320 |
| Por lenha para as hostias quarenta reis | $040 |
| Por seis varas de fita de bretanha p.ª forro do veu duzentos e 70 | $270 |
| Por . . . de mais estreito a trinta reis? | $030 |
| Por tres quartos de fio a oitenta reis | $240 |
| Por quatro pessas de corda a 30 reis, cento e vinte | $120 |
| Por lenha quarenta reis | $040 |
| Por ..... para hostias 1 libra a cento e quarenta | $140 |
| Pela musica dos ossos de Patriarca doze patacas | 3$640 |

R.º
55$560
———
g.º
o mesmo

Em 7 de Setembro de 1766 tomando contas a este L.º do g.º da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito, sincoenta e sinco mil, quinhentos e sessenta reis, e haver gasto o m.º, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra.

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

| | |
|---|---|
| Por tres canadas de vinho para as missas, a 960 rs, 2mil 880 | 2$880 |
| Por meya arroba de farinha para hostias | 1$600 |
| Por meya arroba de cera de quarta a quinhentos reis | 8$000 |
| Por quatro livros de lata? a mil duzentos e oitenta | 5$120 |
| Por huma vazilha para farinha | $020 |
| Por secenta e quatro oitavas de galão de ouro p.ª a cadeira abbacial e hum escabello a quatro centos e quarenta a oitava | 28$160 |
| Por sete oitavas de renda de ouro para o vcu do trono a 560 a oit.ª | 3$920 |
| Por huma oitava de retroz da dita cor | $100 |
| Por tres canadas de vinho branco pe.. mes de Outb.º a 750 | 2$250 |
| Por huma taboa de amarella para a grade do painel da sancristia | $960 |
| Por carrto da dita | $040 |
| Por tres canadas de vinho branco de mes de Novbr.º a 750 | 2$250 |
| Por duas taboas de louro para huma porta da Igreja | .$800 |
| Por carreto das ditas | $0.0 |
| Por dous livros de prata a seis centos e quarenta | 1$280 |
| Por hum livro de ouro | 1$280 |
| Por huma onça de nacor de granito | $640 |
| Por huma onça de ..... Gama | $.20 |
| Por huma livra de Olio de cupauba | $480 |
| Por huma vazilha para o dito | $020 |
| Por carreto de hum caixão de sera da quarta | $200 |
| Por huma meada de linhas brancas | $080 |
| Por feitio de quatro toalhas do esquicho e huma meada de linhos para se fazerem | $320 |

R.º
59$840

g.º o mesmo

Em 5 de Dezbro de 1766, tomando contas a este 10 L.º do g.º da Sancristia achamos haver recebido do dep.º sincoenta e nove mil oyto centos, e quarenta reis, e haver gasto a mesma. quantia, e nesta forma damos estas contas por ajustadas mez e era ut supra.

*Fr. Custodio* *O. D. Abbe* *Fr. Manoel*

| | |
|---|---|
| Por huma libra de algodão para a sacristia | $400 |
| Por nove vara de renda para dous corporaes a preço de 320 | 2$880 |
| Por mais 4 varas e meia da dita estreita pera huns manustergios | $720 |
| Por feitio de humas toalhas que foram dos altares | $200 |
| Por concerto de huma lucerna 80 rs | $080 |
| Por seis varas de fita de linho a 30 rs | $180 |

| | |
|---|---|
| Por roupa que mandouce lavar da sacristia 160 | \$160 |
| Por sinco livras de cera a preço de 400 rs | 2\$000 |
| Pella crus de N. P. Sam Gregorio, onze vintens *(no original fls 52 vcrso)* | 220 |
| Por duas meadas de linhas de bertanha pera concerto das alva, meia pat. | 160 |
| Pello que se deu ao pintor por pintar a porta e dourar a crus, e oliar as grades das tribunas | 1\$920 |
| Pella muzica do dia do Natal | 6\$400 |
| Por sete canadas de vinho branco para as missas a setecentos e sincoenta | 5\$250 |
| Por concerto do prato da Lampada e coberta do vidro, doze vinteins | \$240 |
| Por feitio de dous corporais e quatro manustergos | 1\$600 |
| | 15\$790 |

Rs: 22\$710 ——— g.º o mesmo

Em 3 de Fevr.º de 1767, tomando contas a este L.º do g.º da sancristia. achamos haver recebido do dep.º vinte e dous e dous mil, sette centos e des reis; e haver gasto a mesma quantia, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. mêz e era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

R.º do Trien. passado 267\$112 ——— e g.º o mesmo.

O Me. Fr. Gaspar da Madre de DS, D. Abbe Prov do ordem de S. Bt.º do Brazil etc com o nosso comp.º P. Preg. Fr. Miguel da Conceição, vizitando nos este Mostr.º de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro de gasto da Sachristia, achamos haver recebido no trienio pass.º dos Padres depozitarios duzentos, e seszenta e oito mil, cento e doze reis; e haver gasto o mesmo,

Triennio prez: 138\$110 gastou o mesmo

Triennio prezente: achamos haver recebido dos pdres Depositarios cento, e trinta e oito mil, cento, e dez reis. e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mosteiro de S. Bento de Olinda, 7 de Fevereiro de 1767.

O Me Fr. Gaspar da Madre de Ds Provincial
Fr. Miguel da Conceição Companheiro e Secretario

*(no original fls 26)*

| | |
|---|---|
| Por hum caixote de sera de quarta com cento e secenta livras com donativos e avanços setenta e tres mil, quinhentos e noventa e sete rs | 73\$597 |
| Por hum dito de cera de livra para o sepulcro com cento e secenta e seis livras com donativos e avanços, setenta e seis mil e nove centos e secenta | 76\$960 |
| Por carretos dos ditos sem reis | \$100 |
| Por seis cartas de Alfinetes groços oitenta reis, digo um sello | \$480 |

| | |
|---|---|
| Por duas oitavas de retroz roixo para as tunicelas, sento e secenta | $160 |
| Por quinhentos pregos cayxares para a armação da Eça da Condeça | 1$000 |
| Por mais quatro cartas de Alfinetes, compradas em Olinda, oito centos | $800 |
| Por duas oitavas de retroz cor de ouro para cozer as franjas que tiraram para oficio, sento e secenta | $160 |
| Por huma dita vermelha, oitenta reis | $080 |
| Por feitio de quatro tochas de nove livra de cera, mil cento e dez | 1$110 |
| Por aluguel de seis tochas e dous brandoens e cera, que se gastou | 2$080 |
| Por duas folhinhas para a sacristia e choro, trezentos e vinte | $320 |
| | 156$847 |

(*no original fls 26 verso*)

| | |
|---|---|
| Por carretos dos preparos para o dito oficio miltrezentos c sinc. | 1$350 |
| pelo que se deu ao carpina para ornar a Eça, seiscentos e quarenta | $640 |
| Por meia arroba de farinha para hostias, mil novecentos e vinte | 1$920 |
| Por huma arroba de incenso a duzentos e quarenta a livra, | 7$680 |
| Por tres canadas e meia de vinho branco, a oito centos reis | 2$800 |
| Por quatro livras de cera da terra | $240 |
| Por huma livra de breu secenta reis | $060 |
| Por quatro cartas se alfinetes trezentos e vinte | $320 |
| Por tres canadas de vinho para missas a sette centos e sincoenta | 2$250 |
| Por seis caibros para sepulcros seiscentos reis | $600 |
| Por duzia e meia de taboas pera o dito, a trezentos e vinte reis | 5$760 |
| Pello que se deu a hum official de carapina, sete dias a 320 rs | 2$240 |
| Por doce pera os anjos e figuras mil e seiscentos | 1$600 |
| Por duas canadas vinho para semana santa a cetecentos e sincoenta | 1$500 |
| Por seiscentos pregos caixares para o sepulcro mil e duzentos e 80 | 1$280 |
| Por quatro maços de corda pera as cortinas, trezentos e vinte | $320 |
| Por cravo da Índia pera casoulla oitenta reis | $080 |
| Por huma livra de..... oitenta reis | $080 |
| Por nove onças de vermilhão mil novecentos e vinte | 1$920 |
| | 32$090 |

(*no original fls 27*)

| | |
|---|---|
| Por huma livra e duas onças de verdete ..... mil novecentos e 20 | 1$920 |
| Por cete onças de cinzas azuis, mil e duzentos | 1$200 |
| Por quatro onças de anil, oitocentos de reis | $800 |
| Por huma livra de colla duzentos e oitenta | $280 |
| Por huma livra de sombra de Colonia, quinhentos e secenta | $560 |
| Por duas livras e meia de zarcão duzentos e quarenta | $240 |
| Por seis onças de gota goma mil duzentos | 1$200 |

| | |
|---|---|
| Por tres livras de ocre 320 | $320 |
| Por hua onça de ..... 240 | $240 |
| Por huma livra de ..... 320 | $320 |
| Por huma livra de Geco mate 280 | $280 |
| Por tres resmas de papelo quatro mil e oitocentos | 4$800 |
| Por seis livras de cera amarella mil oitocentos e oitenta | 1$880 |
| Por quatro varas e meia de fita branca p.ª o Snr. do descimento 900 | $900 |
| Por dinheiro ao pintor que pintou os papeis do sepulcro quatro m. | 4$000 |
| Por feitio do cirio e vellas vinte e seis livras mil e 350 | 1$350 |
| Por seis livras de cera pera a noute de Pascoa a quinhentos rs | 3$000 |
| Por tres canadas de vinho no mes de Abril a sete centos e sincoen. | 2$250 |
| Por meia arroba de farinha a sento e secenta dous mil e 560 | 2$560 |
| Por hum ferro de hostias sete milreis | 7$000 |
| Por tres canadas de vinho no mes de Mayo dous mil quinhentos 50 | 2$550 |
| Por quarenta varas de panno de linho para seis alvas a 400 rs | 16$000 |
| Por seis meadas de linhos pera as fazer quatrocentos e oitenta | $480 |
| Por meia arroba de cera e meia livra pera a Assenção a 500 rs | 8$000 |
| Por huma peça de comb ..... pera corporaes quatro mil oito centos | 4$800 |
| Por meia arroba de farinha mil sete centos e secenta | 1$760 |
| Por tres canadas de vinho pera o mes de Junho dous mil duzentos 50 | 2$250 |
| Por renda pera as alvas seis centos quarenta | $640 |
| Por huma arroba de cera e meya libra doze mil quatrocentos e 40 | 12$440 |
| Por tres canadas de vinho pera o mes de Julho dous mil e 350 | 2$250 |
| Por concerto de esquicho que se não pagou no trienio passado 160 | $160 |
| Por huma oitava de retroz branco pera concerto dos ornamentos 80 | $080 |
| Por huma oitava de retroz vermelho quarenta reis | $040 |
| Por huma livra de fio quatro centos reis | $400 |
| Por tres canadas de vinho pera o mes de Agosto dous mil duzentos 50 | 2$250 |
| Por duas peças de Rondilha e huma de gallão de retros cor de .... e huma qu.. da mesma. erde — companhia com seus.. e donativos vinte e tres mil seis centos e oitenta | 23$680 |
| Por oito covados de damasco roixo de .... pera os ..... 4$480 | 4$480 |
| Por dous covados de tafeta pera o forro das bolças a 440 rs | $880 |
| Por papelão pera os ditos duzentos e quarenta | $240 |
| Por quatro alemares . . . . . pera os ditos oitocentos 80 | $880 |
| Por retroz e linhas quatro centos e vinte | $420 |
| Por feitio do ornamento sinco mil nove centos e secenta | 5$960 |
| Por tres covados de tafete roixo pera veos a quatrocentos e 80 | 1$440 |
| Por tres ditos verde a quatrocentos e quarenta 1$220 | 1$220 |
| Por tres meadas de linhas de Bertanha a cem reis trezentos reis | $300 |
| Por *quatro milheiros de Tijolos pera ladrilhos da Igreja* a quatromil oitocentos reis, dezenove e duzent. | 19$200 |

Por duas meadas de linhos pera concerto das cortinas brancas meya pataca $160
Por hum coartilho de vinho pera missas cento e trinta $130

R.º 336$227 ——— g.º o mesmo

Em 8 de Agosto de 1767, tomando contas a este L.º do g.º da sancristia achamos haver recebido do dep.º trezentos, e trinta e sics mil, duzentos e vinte e sete reis, e haver g.º a mesma quantia, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, mez e era ut supra.

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

P. tres canadas de vinho a cete centos e sincoenta 2$250
P. quinze cartas de alfinetes a cento e vinte reis cada huma 1$800
P. hum *barril* de vinho brc.º quatorze mil e quinhentos 14$500
P. carreto do dito oitenta reis $080

18$630

P. quatro livras de cera lavrada a quatrocentos reis 1$600
P. que paguei a hum official de pedreiro que trabalhou no *ladrilho da Igreja* a duzentos e quarenta por dia, dous mil oitocentos e 80 2$880
P. sacaduras de cal pera o *dito ladrilho* sete mil 620 7$620
P. oito meadas de linhos de bertanha pera fazer rendas pera corpor. $720
P. feitio de vinte livras de cera a sincoenta reis des tostoins 1$000
P. duas folhinhas pera o choro e a sacristia trezentos e vinte $320
P. doze livras de farinha a duzentos reis a livra 2$400
P. hum vidro da alampada duzentos reis $200
Por feitio de seis alvas ..... dous mil quinhentos e secenta 2$560
Por huma livra e meya de cera lavrada seis centos reis $600
P. oitava e meya de retroz pera concerto de ornamentos sente e 20 $120
P. vinte e duas canadas e hum quartoho e a metade de meio quartilho de vinho branco pera as missas a cete centos sincoenta a canada dezesete mil e trezentos e quarenta 17$340
P. quatro Ramalhetes de sola .... teados pera a Capella mor 5$420 5$420
P. dous vidros da lampada quinhentos e secenta $560
P. feitio de trinta e tres livras de cera em quarta a 50 rs 1$650 1$650
P. tres pares de galhetas de vidro a duzentos e quarenta — 720 $720
P. doze livras de farinha a cem reis mil e duzentos 1$200

R.º 65$540 ——— g.º o m.º

Em 22 de Fevr.º de 1768, tomando contas a este L.º do g.º da Sancristia, achamos haver recebido do dep.º sescenta e sinco mil, quinhentos, e quarenta rs, e haver g.º a m.ª quantia e nesta forma damos estas contas por ajustadas, mes e era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

| | | |
|---|---|---|
| P. | meya arroba de sera de quarta pera missa oito mil trezentos | 8$300 |
| P. | cete covados e meyo de Damasco branco pera a *cadeira abbacial* e mocho a mil duzentos e oitenta o covado 3$600 | 3$600 |
| P. | seis covados de Rendilha pera forro da mesma a 240 — 1$440 | 1$440 |
| P. | meya arroba de cera de livr.. a 520 — 8 mil trezentos e vinte | 8$320 |
| P. | doze covados de Nobreza?.... pera as tunicellas a nove centos e seçenta-onze milquinhentos e vinte | 11$520 |
| P. | seis covados de seda branca pera huma tunicella a mil rs-6 | 6$000 |
| Por | feito de dezoito libras e meya de sera a sincoenta reis | $925 |
| P. | concerto de duas lucernas dos Altares cento e vinte | $120 |
| P. | tres canadas e meya de vinho branco a cete sentos e sincoenta | 2$625 |
| P. | concerto de dous castiçais trezentos e vinte | $320 |
| Por | pratear os ditos dous mil reis | 2$000 |
| P. | dous Ramalhetes em pau mil quatrocentos centos e quarenta | 1$440 |
| P. | pratear e dourar os ditos mil cete centos e sesenta | 1$760 |
| P. | huma vella de livra trezentos e secenta | $360 |
| P. | concerto de duas arondellas pera os castiçais cento 50 | $150 |
| P. | concerto da prata quando se alimpou duzentos e setenta | $270 |
| P. | huma livra de cera e huma quarta pera o Cyrio e feitio 920 | $920 |
| P. | feitio de quatro sobrepelizes a duzentos e quarenta 960 | $960 |
| P. | hum caixão de cera de livra con cento e cecenta e oito livras com o avanço e donativos setenta e oito mil e 180 | 78$180 |
| P. | .alha e capa roza pera tingir ..... do descimento | $080 |
| P. | carreto da dita cera cem rs | $100 |
| P. | duas livras e meya de cera da terra duzentos reis | $200 |
| P. | cento e cecenta pregos cayxares trezentos e secenta | $360 |
| P. | huma resma de papel mil e seiscentos | 1$600 |
| P. | Quatro livras de m..... trezentos e vinte | $320 |
| P. | huma canada de vinho pera os profetas (?) e trabalhadores 750 | $750 |
| P. | hum oficial de carapina seis dias nove centos e secenta | $960 |
| P. | doce pera os Anjos mil e seiscentos | 1$600 |
| P. | meya onça de vermilhão pera concerto dos papeis cento e quarenta | $140 |
| P. | feitio de *prato de prata com des marcos* e des oitavas a quatro mil e trezentos cada marco-quarenta e trez mil seiscentos 70 | 43$670 |
| P. | huma *cruz em pao com St.º Christo* em madeira dois mil e 880 | 2$880 |
| P. | quatro livras e tres quartos de sera amarella . . . . pera o *candieiro de trevas* a duzentos e quarenta a livra 1$140 | 1$140 |
| P. | seis pares de galhetas mil nove centos e vinte | 1$920 |
| P. | sinco *covados de Ceda de ouro* pera o veo de hombros a dez mil reis o covado sincoenta mil reis | 50$000 |
| P. | *sinco varas e meia* de gallão de garca p.ª o d.º veo, 25 mil rs | 25$000 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | nove covados de tafeta carmezim (?) p.ª o forro do d.º e pera o ponham (?) do estante grande a 480-quatro mil e 320 | 4$320 |
| P. | *vinte e seis covados e meyo* e huma terça de damasco de .... pera fazer *duas Dalmaticas* . . . . . e *huma cazulla* a oito mil e quinhentos o covado-duzentos vinte e quatro mil e oito centos e noventa e sinco | 224$895 |
| P. | nove maços de fio de ocero. quatrocentos reis a oitava pera as borlias dos .....e veo de hombros vinte oito mil oito centos e dez | 28$810 |
| P. | feitio das ditas onze mil e duzentos | 11$200 |
| P. | *trezentas e sincoenta* e nove oitavas e meya de gallão de ouro a trezentos e secenta a oitava, cento e vinte e nove mil 420 | 129$420 |
| P. | Retroz a linhas quatrocentos e oitenta | $480 |
| P. | Feitio da cazulla e dalmaticas e veo de hombros onze mil | 11$000 |
| P. | hum covado e huma terça de.... p.ª o veo de hombros 960 | $960 |
| P. | meia arroba de cera de quarta p.ª as missas a 480 a livra-7$6 | 7$680 |
| P. | seis palmos de franja de ouro p.ª a capa vinte hum mil e 520 | 21$520 |
| P. | sinco livras e meia de sera a quatrocentos reis dois mil | 2$000 |
| P. | feitio de desaseis livras de cera a sincoenta reis a livra e cete livras e meia de cera em casa do Serieiro p.ª as quatro tochas a quinhentos reis a livra, 4$550 | 4$550 |
| P. | seis . . . de vidro para purificadores de Finados, e Natal | $640 |
| P. | des varas de renda por duas alvas, e huma toalha da capella mor | 3$200 |
| P. | quatro canadas de vinho para as missas a 760 — 3$040 | 3$040 |
| P. | huma arroba de farinha p.ª hostias, 6. pat. | 1$920 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | huma pessa de Ruão verde com vinte e quatro covados com avanço e donativo sinco mil cento e quarenta e dous reis | 5$142 |
| P. | mais doze covados do d.º a duzentos e quarenta, dous mil 880 | 2$880 |
| P. | huma tizoura p.ª a sacristia quatorze vintens | $280 |
| P. | meia arroba de incenço a duzentos e quarenta a livra 3$880 | 3$880 |
| P. | trinta vidros para vidraças da sacristia a trezentos e vinte cada vidro nove mil e seis centos | 9$600 |
| Por. | tres canadas de vinho a sete centos e sincoenta dous mil e250 | 2$250 |
| P. | huma taboa de amarello para grade das vidraças mil cento 20 | 1$120 |
| P. | feito de tivras de cera cento e sincoenta | $150 |
| P. | feitio desquatro . . corpos dez mil duzentos e quarenta | 10$240 |
| P. | que se pagou de prateados oit mil novecentos e sesenta | 8$960 |
| P. | quatro vidros para as reliquias do peito trezentos e vinte | $320 |
| P. | livra e meia de cera lavrada quatro centos e oitenta | $480 |

P. feitio da grade da vidraça doze patacas 3$840
P. mais hum vidro por hum se quebrar huma pataca $320

P. cortar seis vidros para chegarem nas vidraças a quarenta cada $240
P. linha para a mulher que lave a roupa da sacristia dous vts $020

R.º
904$088

g.º o mesmo

Em 19 de Setembro de 1768, tomando contas a este L.º de g.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º nove centos quatro mil, oytenta e oyto reis, e haver gasto a mesma quantia; e nesta forma damos estas contas por ajustadas, mez e era ut supra.

*Fr. Custodio* *o D. Abbe* *Fr. Manoel*

O P. P. Fr. Miguel da Conceiçam, comp.º e Vizitador, por comissão do N. Rmo Pe. Me. O Dor Jubilado Fr. Gaspar da Madre de Deus, com o nosso Compr. o Pe. P. Fr. Bt.º da Conceiçam, vizitando nós a este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, tomando contas a este L.º do gasto da Sachristia, achamos haver recebido do depozito hum conto, trezentos e sinco mil oitocentos e sincoenta e sinco e haver gasto o mesmo; e nesta forma, damos estas contas por boas e ajustadas.

*Fr. Bento da Conceição*
O Compr.º

*Fr. Miguel da Conceição*
Vizitador

Por indireitar a custodia tres patacas $960
P. doze varas de cadar.. de linho p.ª concertar as cortinas doze vts $240
P. concerto do esquife huma pataca $320
P. quatro tinteiros para os confessores meia pataca $160
P. tres meadas de linhas para fazer quatro mezas de corporaes tres tos. $300
P. feitio de quatro mesas de corporais dous cruzados $800
P. hum covado e duas terças de seda da fabrica para o . . . . . de N. Snra das Angustias a dous mil e quatrocentos o covado, quatro mil. 4$000
P. vara e meia de fita de Poncol para baixo da salva, trezentos rs $300

P. hum covado de meia melania para abas do jus .ilho 960 $960
P. quatro oitavas de retroz para cons... o mesmo ..... da Snra e concertar os ornamentos huma pataca $320
P. Arroba e meia de cera e onze livras e meia digo lavrada e quatro centos reis a livra vinte e tres mil e oitocentos 23$800
P. duas meadas de linhas para concertar os ornamentos e cozer as roupas da Snra sete vintens $140

| | | |
|---|---|---|
| P. | meia livra de fio para roles meia pataca | $160 |
| P. | seis covados de veludo preto para huma cazulla a tres milreis | 8$000 |
| P. | settenta e duas oitavas de gallão de ouro para a dita a pataca, | 23$040 |
| P. | doze covados de Damasco de ouro para capa de asperge a sinco mil oitocentos o covado, secenta e nove mil e seis sentos | 69$600 |
| P. | quatro covados de . . . . para gremial a 490 nove mil e seis centos | 9$600 |
| P. | doze covados de tafeta para o forro da Capa a 340 rs, 4$080 | 4$080 |
| P. | duas peças de Olandilha para forros dos ornamentos, a 550-1$100 | 1$100 |
| P. | dezoito varas de gação de ouro para a capa de Asperges e para o estante vinte e quatro mil e oitocentos | 24$800 |
| P. | sinco vara de granja p.ª o pano do estante dous mil reis | 2$000 |
| P. | despachos, carretos e tintas por cento e fretes sinco mil oitoc. | 5$800 |
| P. | sinco cazullas de Damasco com todos os preparos e gastos que vierão de Lx.ª oitenta e cinco mil e trinta e sette Reis | 88$037 |
| P. | Mitra Rica que veio de Lx.ª sincoenta e dous mil duzentos e oit.ª | 52$280 |
| P. | que pagoa quem leva o dinheiro de comissão quinhentos e vinte | $520 |
| P. | feitio de doze livras de cera a cincoenta reis a livra 600 | $600 |
| P. | quatro covados de tafeta verinelho para foro do pano do estante, digo do Gremial a cello seis patacas | 1$920 |

*(folha 33 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | lenha que demos para engomar a Roupada sacristia sanguinhos, e corporaes meia pataca | $160 |
| P. | huma peça de Olanda amarela para os *ornamentos, chamados &Ricos* e p.ª tres da sa.. de Sn . . a qual tinha vinte e quatro covados com avanço, e donativo sinco mil 304 | 5$304 |
| P. | quatro livras de cera da terra que por esquecimento não sahi com algarismo fora a folhas vinte e seis, trezentos e vinte | $320 |
| P. | doze canadas e meia de vinho branco p.ª as missas a 750 | 9$375 |
| P. | sinco cordoins de retros p.ª as estollas novas a cem reis 500 | $500 |
| P. | pintar a caixa da mitra nova seis centos e quarenta reis | $640 |
| P. | covado e meio de setim para o forro mil e quinhentos | 1$500 |
| P. | feitio que se deu a quem forrou quinhentos e secenta | $560 |
| P. | vinte, e sinco covados de villudo preto para a capa de Asperges, dalmaticas, a dous mil oitocentos e catorze reis, setenta mil. | 70$350 |
| P. | des covados, digo trinta e hua covados de tafeta para forro da dita asima e mais a cazula a quatro centos e oitenta 14$880 | 14$880 |
| | | 103$589 |
| P | duas livras e meia de Retroz de Italia para franja da capa, e dalmaticas a oito mil reis vinte mil reis | 20$000 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres peças de Olandilha para a dita obra com a venço e donativo tres mil trezentos, e quarenta e seis | 3$346 |
| P. | mais tres oitavas de froja de ouro para o..... preto — 1$500 | 1$500 |
| P. | duas peças mais de Rondilha para a capa preta com avenço e donativo dous mil duzentos trinta e hum reis | 2$231 |
| P. | nove oitavas de gallão p.ª o peito da cazulla digo da *capa Rica* a trezentos e secenta, tres mil trezentos e sincoenta | 3$350 |
| P. | quatro argollas para a dita oitenta reis | $080 |
| P. | oito oitavas de Renda de ouro para o panno do estante em lugar de franja por esta servir p.ª o ornamento preto a 400 rs | 3$200 |
| P. | Retroz p.ª a capa Rica, panno do estante, e gremial, 280 rs | $280 |
| P. | Feitio destas tres couzas seis mil reis | 6$000 |
| P. | vara e meia da fita de ..... p.ª o Gremial trezentos reis | $300 |
| P. | hum covado e terça de Damasco Roixo p.ª concertos mil e seiscent. | 1$600 |
| | | 41$887 |

(*folha 34 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | duas oitavas de retroz p.ª concertos cento e secenta | $160 |
| P. | nove covados de villudo carmezim p.ª o vestido de N. Snra das Angustias a tres mil cete sentos e.. tenta rs — 34$020 | 34$020 |
| P. | oito varas e meia de renda da Prata com sincoenta e tres oitavas e meia a trezentos e secenta. deze nove mil e duzentos 60 | 19$260 |
| P. | des covados de tafeta p.ª forro do manto a trezentos e oitenta 4 | 3$840 |
| P. | hum castiçal digo feitio delle quatro centos e oitenta | $480 |
| P. | Pratear dous castiçaes seis patacas | 1$920 |
| P. | seis vellas de livra a quatro centos reis dous mil e quatro centos | 2$400 |
| P. | tres pares de galhetas de vidro a cento, e secenta, 480 reis | $480 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | feitio de doze livras de cera a sincoenta reis seis centos reis | $600 |
| P. | quatro blihotes para o coxim do.... mil seis centos | 1$600 |
| P. | duas folhinhas p.ª o Choro, e sacristia trezentos e vinte | $320 |
| P. | duas arondelas meia pataca | $160 |
| P. | quitação das missas do sitio mil cento e secenta | 1$160 |
| P. | cento, e setenta livras de cera para o sepulcro deste anno de 1769 com avanço, e donativo setenta e nove mil reis | 79$000 |
| P. | carreto da dita oitenta reis | $080 |

Declaro que se acha a folhas vinte e nove acentado o Gallão de guardado veo de hombros para custo de vinte e sinco mil e tantos reis, que, é erro . . pois custou trinta e quatro mil e quarenta.

tambem a folhas trinta se acha seis palmos de franja por vinte e hum mil e tantos, he erro por que seu custo foi doze mil quatro centos e oitenta que hum herro com outro faz o mesmo computo do acento atraz.

R.° 621$793 ——— g.° o m.°

Em 13 de Fevr.° de 1769, tomando contas a este 1) do g.° da sancristia achamos haver recebido do dep.° seis centos, vinte e hú mil sete centos noventa e tres reis e m.° haver gasto a mesma quantia, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, mes e era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe.* *Fr. Manoel*

| | | |
|---|---|---|
| P. | huma lingoa de ferro que sez p.ª enogmmar a roupa da sacristia | $120 |
| P. | duas taboas de louro para hum arco do sepulcro, mil cento, e vinte | 1$120 |
| P. | Livra de lata para o sepulcro mil duzentos e oitenta | 1$280 |
| P. | feitio de quinze livras de cera de quarta a sincoenta reis 775 rs | $775 |
| P. | meia pataca p.ª lenha para engomar a roupa da sacristia | $160 |
| | | 3$455 |

(*fls 35 no original*)

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | seis varas de arame para concerto das rozas doze vintens | | $240 |
| P. | quatro livras de cera da terra trezentos reis e vinte | | $320 |
| P. | tres canadas de vinho branco a setecentos e sincoenta | 2$250 | 2$250 |
| P. | quatro maços de corda para o sepulcro huma pataca | | $320 |
| P. | dous . . . para o dito meia pataca | | $160 |
| P. | duzentos pregos caixares a duzentos reis p.ª sepulcro 480 rs | | $480 |
| P. | trezentos pregos ripares p.ª o mesmo a sento e secenta 480 | | $480 |
| P. | duzentos e sincoenta. roxos a oitenta rs — duzentos reis | | $200 |
| P. | meia arroba de farinha para hostias a cem reis sinco patacas | | 1$600 |
| P. | mais cem pregos caixares p.ª o sepulcro doze vintens | | $240 |
| P. | dou para as figuras do Passo se.... sinco patacas | | 1$600 |
| P. | dous frascos de vinho para os ditos quinhentos e setenta | | $570 |
| P. | hum còrdão para a Estolla Rica duzentos reis | | $200 |
| P. | duas varas e meia de fita branca p.ª a sobredita cazula 200 rs | | $200 |
| P. | dous pares de cholxetes quarenta reis | | $040 |
| P. | mais dois covados de tafeta p.ª forro de bolça, Estolla e manipulos da cazulla preta nove centos e secenta | | $960 |
| P. | quatro argollas, e colchetes p.ª a capa meia pataca | | $160 |
| P. | papelão para a bolça, quatro vinten | | $040 |
| P. | feitio da cazulla, Capa, Dalmaticas de velludo preto, dez mil e 500 — | | 10$500 |
| P. | feitio de todos franjos bellotas e trevo que levaram as dalmaticas cazulla preta sinco mil e cete centos | | 5$700 |

P. sette canadas, e hum cartilho de vinho branco p.ª missas a 750 rs 5$440
P. que se deu por concertar hum ponteiro de prata, e endireitar baculo que estava amação huma pataca $320
P. onze livras e meia de cera que levou o Cyrio, e tochas a quatrocentos e oitenta a livra 5$520 5$520
P. feitio de quatorze livras e meia de cera do Cyrio e vellas e os tocos das quatro tochas velhas sincoenta rs $725
P. Sinco livras de cera la rada vellas para o altar, e candelabro 1$400
P. meia arroba de cera e meia livra p.ª o dia de N. S. P. a 500 rs 8$000
P. quatro livras mais a quatro centos e oitenta seis patacas 1$920
P. mais meia arroba de cera lavrada a quatro centos rs 20 patac. 6$400
P. tres canadas e cuartilho e meio de vinho para missas a 750 rs 2$535

*(folha 36 original)*

P. treze covados de veludo preto p.ª frontal, e panno do estante a dous mil oito centos, e oitenta —trinta sete mil quatro c. 40 37$440
P. duas pessas de Rondilho p.ª forro do mesmo a mil duzentos — 2$400 2$400
P. huma livra de retroz p.ª franjas oito mil reis 8$000
P. feitio de vinte e huma vara de franja estreita a 45 rs cada vara $945
P. D.º de quatro varas e huma..... de larga a 240 mil e quarenta 1$040
P. feitio do d.º frontal, e pano de estante retroz, e linhas des patac. 3$200
P. meia arroba de sera de quarta para missas a 400 rs — seis mil e 400 6$400
O feitio da mesma sera a sincoenta reis oito centos $800
P. pintar o estrado do docel pequeno p.ª o Snr duas patacas $640
P. huma. orca de Damasco branco p.ª sanefa hum sello $480
P. treize oitavas e meia de Galão extrafino a cem rs, mil 350 1$350
P. dez oitavas de renda de ouro p.ª a rosa da sanefa a cem rs 1$000 1$000
P. meio cavado de tafeta carmezim p.ª o forro das sanefas 240 $240
P. meio covado de Ru.. p.ª o forro do docel por sima seis vts $120
P. doze livras de farinha para hostias a cento e vinte — 1$440 1$440
P. tres canadas de vinho a sete centos e sincoenta dous mil e 250 2$250
P. lenha para a engomadeira meia pataca $160
P. de traz da folha vinte e seis se acham acentados quatro meços para as cortinas que por esquecimento não sahio com o algarismo fora huma pataca $320
P. A folhas vinte e sete se acha acentado tres canadas de vinho a cete centos e sincoenta e se acha no algarismo mil e duzentos e sincoenta pello que faltam des tostoins que aqui sahem com os ditos fora 1$000
P. por tres livras de sera e meia livra pera a festa dos Ossos de N. S. P. a quatro centos reis doze tostoins 1$200
P. nove covados, e huma terça de Damasco de ouro p.ª o frontal a nove mil reis oitenta e quatro mil 84$000

| | | |
|---|---|---|
| P. | cento e desaseis oitavas de galão p.ª o d.º a tresentos e secenta a oitava quarenta e hum mil sete centos e 60 | 41$760 |
| P. | secenta e duas oitavas de franja para o dito a quatrocentos reis vinte e sinco mil reis | 25$000 |
| P. | feitio do d.º seis patacas | 1$920 |
| P. | *muzica* da festa dos Ossos *de 1769* vinte patacas | 6$400 |

(*fls 37 no Original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | huma arroba de farinha para hostias a cento e vinte doze pata. | 3$840 |
| P. | huma canada de vinho para as missas sinco patacas | 1$600 |
| P. | duas patacas que dei para confeites da Magdalena | $640 |
| P. | dez varas e meia de renda p.ª os corporais finos dez tostoins | 1$000 |
| P. | feitio de quatro corporais quatro patacas | 1$280 |
| P. | oito varas de fita para os missaes huma pataca | $320 |
| P. | feitio de mais seis corporaes bordados dous mil reis | 2$000 |
| P. | vinte, e duas varas de renda para os ditos dous mil e duzentos | 2$200 |
| P. | seis varas de bico de renda a tres vintens desoito vintens | $360 |
| P. | uma vara renda larga para concertar huma alva duzentos reis | $200 |
| P. | feitio de quatro amitos ..... oitenta reis | $080 |
| P. | feitio de duas toalhas de esquinho de vintens | $060 |
| P. | duas varas, digo meadas de linhas para os .....de seis amitos de bertanha dous tostoins | $200 |
| P. | feitio de oito livras de sera e huma quarta quatro centos e 40 | $440 |
| P. | tres canadas de vinho branco p.ª as missas a sete centos e sincoenta dous mil duzentos e sincoenta | 2$250 |

R.º
307$990
g.º o m.º

Em 26 de Agosto de 1769 tomando contas a este libro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito trezentos e sete mil novecentos e noventa, e haver gasto o mesmo e nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra.

*Fr. Custodio* *O Prezidente* *Fr. Manoel*

Triennio do N. M. R. P. D. Abbade Fr. Miguel Arcanjo da Anunciação que tomou posse em *27* de Agosto *de 1769*

| | | |
|---|---|---|
| P. | trinta e quatro canadas de vinho p.ª missas a 750 rs — 25$500 | 25$500 |
| P. | carreto do dito oitenta reis | $080 |
| P. | doze livras e meya de sera lavrada, a quatrocentos rs | 5$000 |
| P. | dezaseis varas de fita para os Missaes a quarenta rs a vara | $640 |
| P. | duas duzias de botões p.ª os ditos duas patacas | $640 |
| P. | seis ramalhetes em pao, seis patacas | 1$920 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | sinco livros de prata p.ª pratiar, sinco patacas | 1$600 |
| P. | hum de ouro quatro patacas | 1$280 |
| P. | feitio dos novos nove patacas | 2$880 |
| P. | huma peneira, hum cruzado | $400 |
| P. | huma pele de viado p.ª a capa de hum breviario do..... 12 vts | $240 |

(*Folhas 38 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | hum cunhete de sera de quarta com sinco arrobas com o avanço e donativo settenta e seis mil e trezentos e nove | 76$309 |
| P. | carreto do d.º secenta reis | $060 |
| | | 76$369 |

*1769-1770*

R.º
116$549

g.º o m.º

Em 14 de Nov.º de 1769, tomando contas a este L.º do g.º da sancristia achamos haver recebido do dep.º cento, e dezaseis mil, quinhentos e quarenta e nove reis, e haver g.º a mesma quantia, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, mes e era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

| | | |
|---|---|---|
| P. | duas folhinhas p.ª o choro, e sachristia huma pataca | $320 |
| P. | concerto de hua campainha quatro vintens | $080 |
| P. | *Pella Musica da noite do Natal* vinte patacas | 6$400 |
| P. | seis livras e meya de sera lavrada a cruzado | 2$600 |
| P. | huma arroba de sera de meia libra a cruzado | 12$800 |
| P. | feitio de dezoito livras de sera a sincoenta rs | $900 |
| P. | hum baranda com duas livras, e meya coarta de sera, a 480 | 1$080 |
| P. | hum vidro da alampada doze vts | $240 |
| P. | dous pares de galhetas huma pataca | $320 |
| P. | des livras de farinha para hostias a cento e vinte | 1$200 |
| P. | hum caixão com cento e secenta livras de sera de livra para a Semana Sta com avanço, e donativo | 79$180 |
| P. | carreto do dito oitenta rs | $080 |
| P. | dous covados e meio de c.... de flores para o desencerro a seis patacas, quatro mil e oito centos | 4$800 |
| P. | tres varas de fita para o dito cento e vinte | $120 |
| P. | huma livra de lata sinco patacas | 1$600 |
| | | 111$660 |
| | Pella quitação das Missas do Sitio mil e quinhentos e onze | 1$511 |
| P. | quatro varas de fita p.ª os cuadernos da Ordem cento e vinte | $120 |
| P. | nove coardenos de escritos de confissão sette centos e 40 | $740 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | *muzica do dia de N. P. S. Bt.º* quatorze mil reis | 14$000 |
| P. | huma arroba de sera que pagou o Pe do Monte e consta de que estava devendo a dita capella ao Mostr.º a quinhentos e sessenta a livra dezasette mil novecentos e vinte | 17$920 |
| P. | manto, e sarje de seda de . . p.ª N. Sra da Solidade 6$400 | 6$400 |
| P. | huma resma de papel para o sepulcro quinhentos e sessenta | $560 |
| P. | *Musica da Semana Santa* trinta e hum mil, e duzentos | 31$200 |
| P. | feitio do sirio, huma pataca. | $320 |
| P. | quatro livras e meya de sera lavrada amarela, a duzentos e 80 | 1$660 |
| P. | sinco canadas de vinho a setecentos e sincoenta, tres mil 750 | 3$750 |
| P | feitio de doze livras e meya de sera a quarenta rs — 500 | $500 |
| P. | concerto do jarro, e seis oitavas e meya de prata que levou 2$315 | 2$315 |
| | | 80$596 |

R.º do Dep.º
192$256

G.º o mesmo

Em nove de Junho de 1770, tomando contas a este L.º que serve do gasto da sachristia, achamos haver recebido do Depozito cento, e noventa, e dous mil, duzentos, e sincoenta, e seis reis: e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

(*Folhas 39 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | dezasete livras e meya, e huma quarta de sera lavrada a 400 rs | 7$100 |
| P. | meya livra de cera branca, dous testoens | $200 |
| P. | huma chave ... nova prata para sacrario, e por concerto de outra, emportarão ambas sette patacas.... e hum vintem | 2$260 |
| P. | hum vidro grande para vinho hum sello e quatro vintens | $560 |
| P. | huma theziura para aparar hostias meia pataca | $160 |
| P. | hua aparadeira para se fazer as hostias nove vinteins | $180 |
| P. | hum resplendor em madeira, huma pataca | $320 |
| P. | fio para rolos, quatro vintens | $080 |
| P. | lenha para hostias dous vintens | $040 |
| P. | huma pena de lapis, hum vintem | $020 |
| P. | dr.º á mulher que lava os sanguinhos, meya pataca | $160 |
| P. | dr.º que se deo ao latoeiro p.ª por . . . . . resplandores 100 | $100 |
| P. | dr.º para sera amarella p.ª o sepulcro, dous tostoins | $200 |
| dr. | para doce para os Anjos etc quatro patacas | 1$280 |
| P. | dr.º que se deo para dorar o d.º resplendor, hum sello | $480 |
| P. | dr.º para fio para rolos, meia pataca | $160 |
| P. | *Vinte e seis resistros* de pergaminho, a vintem cada hum, 520 | $520 |
| P. | dhr.º p.ª se comprar lenha p.ª hostias, quatro vinteins | $080 |
| P. | dr.º que dei *quando fui cobrar os foros ao canoeiro* doze vintens | $240 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | dr.º para . . para a sacristia hum vintem | $020 |
| P. | dr.º que dei para se comprar enxof . . p.ª o fogo novo hum vintem | $020 |
| P. | dr.º que dei para se comprar hum frasco de tinta quatorze vintens | $280 |
| P. | dr.º que dei para se comprar huma miada de linhas quatro vintens | $080 |
| P. | dr.º que para se comprar asafrão para se dar nas velas dois vts | $040 |
| P. | dr.º que dei ao Mestre p.ª alimpar a prata, quatro patacas | 1$280 |
| | | 15$860 |

*1770*

(*Folhas 39 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | dr.º que se deo a *Freira Benta* para mandar concertar a Coroa de d.º N. Sra das Angustias, meya pataca | $160 |
| P. | d.º para lenha para se fazer hostias, meya pataca | $160 |
| P. | dr.º que dei para se comprar mais duas livras de sera amarela p.ª o Sepulcro meia pataca | $160 |
| P. | dr.º que dei para comprar huma vara de algodão p.ª se encapar o veo do desencerro meia pataca | $160 |
| P. | dr.º que dei para tintas dous cruzados | $800 |
| P. | dr.º que dei para comprar o arame p.ª se fazerem os colchetes 280 | $280 |
| P. | dr.º que dei para se comprar hum barril de sabão de S. R. . . p.ª sw dar .....sto dia, doze vintens | $240 |
| P. | dr.º que dei Lenha para se fazerem hostias, dous vintens | $040 |
| P. | dr.º que dei a lavandeira para sabão, e p.ª lavar as alvas ricas, e a toalha grande do descendimento, hum tustão | $100 |
| P. | dr.º que dei para se comprar hum livrinho de ouro tres vts | $060 |
| P. | dr.º que dei para se comprar izarcam para se dar no pão dofogo novo | $040 |
| P. | dr.º que dei para huma carta de alfinetes de ferro, hum tostão | $100 |
| P. | dr.º que dei por outra hum tostão | $100 |
| P. | dr.º que dei para se comprar tinha vermelha p.ª as rozas de sera | $260 |
| P. | dr.º que dei para se comprar pastilhas, seis vintens | $120 |
| P. | dr.º que dei para se comprar rom para se pintar os galões, meia pat | $160 |
| P. | dr.º que dei a mulher que lava os sabguinhos meya pataca | $160 |
| P. | dr.º que dei para se comprar hum alg.. dar que serve de batisterio | $050 |
| P. | dr.º que dei para feitio do anel abacial meya pataca | $160 |
| P. | dr.º que dei para macaxeta, meia pataca | $160 |
| | | 3$410 |

(*Fls. 40 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | dr.º que dei para huma quarta de incenso, doze vinteins | $240 |
| P. | dr.º por meia arroba de incenso, a quatro centos e settenta | 7$600 |
| P. | treze canadas e meya de vinho, a sette centos e sincoenta 10$125 | 10$125 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | concerto do barril, ear... para o dit.º meya pataca | $160 |
| P. | carreto do dito oitenta rs | $080 |
| P. | huma arroba de sera que se tomou da *festa de S. Anna* a conta do que havia dar a caza, dezaseis milreis | 16$000 |
| P. | feitio de vinte e trez livras, e tres quartas de sera a 50 rs, | 1$185 |
| P. | seis cartas de alfinetes um sello | $480 |
| P. | dr.º que mandei a mulher que lava os sanguinhos, manustergios | $160 |
| P | dr.º que dei para duas oitavas de prata para se concertar o turibulo, e p. feitio do d.º hum sello, e quatro vintens | $560 |
| P. | dr.º que dei para se por huin pê de campainha secenta rs | $060 |
| P. | dr.º que dei para quatro canadas de vinho branco. tres milreis | 3$000 |
| P. | dr.º para doze livras de farinha para hostias a cento e vinte a livra mil quatro centos, e quarenta | 1$440 |

R.º
60$380
———
G.º o m.º

Em 22 de 8bro de 1770 tomando contas a este L.º do g.º da sacristia achamos haver recebido do Depozito secenta mil trezentos e oitenta, e haver g.º o mesmo; e desta forma damos estas contas por ajustadas, mez, e era ut supra.

*Fr. Custodio* *O D. Abbe* *Fr. Luiz*

R.º do triennio pass.º dep.º
929$783
———
g.º o m.º

Pe. P. Fr. Custodio da Conceiçam Vizitador por comissão do N. Rmo Pe. Proval Fr. Jeronimo da Ascenção com o nosso compr.º o Pe. P. Fr. Paulo de S. Jozé vizitando nós este Mostr.º de S. Bento de Olinda e tomando contas a este L.º do g.º da Sacristia no triennio passado achamos haver rec.º nove centos e vinte e nove mil sette centos eoitenta e tres, e haver gt.º o mesmo.

Prezente
R.º do Dep.º
369$185
———
e g.º o m.º

E no triennio presente haver receb.º do Deposito tres centos secenta e nove mil sento e oitenta e sinco, haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas: Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, aos 8 de 9bro de 1770

*Fr. Custodio da Conceição*
Vizitador

*Fr. Paulo de S. Jose*
Compr.º

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres canadas e meia de v.º a sette centos, e sincoenta 2$625 | 2$625 |
| P. | Feitio de sinco livras de sera, a sincoenta rs, duzentos e sinc. | $250 |
| P. | *Trinta e oito resistos p.ª dia de Janr.º*, sette centos e secenta | $760 |
| P. | huma livra de sera lavrada trezentos e secenta | $360 |
| P. | tres canadas e meia de v.º a sette centos e sincoenta 2$625 | 2$625 |
| P. | hum barril do dito de ..... em pipa quatorze mil quinhentos | 14$500 |
| P. | carreto do dito cem reis | $100 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | oita meadas de linhas para rendas de humas ..... oitocentos | $800 |
| P. | pela Musica da Noite de Natal de 1770, vinte patacas | 6$400 |
| | | 28$420 |

*1771*

| | | |
|---|---|---|
| P. | livra e meia de cera lavrada seis centos rs | $600 |
| P. | feitio de nove livras de cera, quatro centos, e sincoenta | $450 |
| P. | huma vara de fita para o Breviario do coro quarenta reis | $040 |
| P. | Tres livras de sera p.ª o dia das candeias p.ª os Religiosos a sello mil quatrocentos e quarenta | 1$440 |
| P. | hum brandão duas livras e hua *quarta p.ª o Sr. Bispo 960* | $960 |
| P. | sinco arrobas de sera p.ª o sepulcro, setenta e seis mil 800 | 76$800 |
| P. | carreto da dita oit.ª reis | $080 |
| P. | oito livras de sera tomada a conta da *festa de S. Gonçalo do* Monte, a sinco tostoins, quatro mil reis | 4$000 |
| P. | sinco vellas de sera de meia livra oitocentos reis | $800 |
| P. | tres libras de sera, tres patacas | $960 |
| P. | ram para as rozas de sera seis vintens, digo meia pataca | $160 |
| P. | malacacheta meia pataca | $160 |
| P. | Pastilhas seis vintens | $120 |
| P. | cera da terra duzentos reis | $200 |
| P. | cera da terra digo arame oitenta reis | $080 |
| P. | Brochas para o sepulcro cem reis | $100 |
| P. | vermelhão duzentos e secenta | $260 |
| P. | tres pelles por tres passionarios nove centos reis | $900 |
| P. | huma arroba de farinha para hostias des patacas | 3$200 |
| P. | *Muzica do dia de* N. S. Patriarcha, quatorze mil reis | 14$000 |
| P. | *Muzica da Semana* Santa vinte e oito mil réis | 28$000 |
| P. | Doce das figuras de sexta feira Mayor quatro patacas | 1$280 |
| P. | sete centos pregos caixares para o sepulcro, mil seiscentos e oit.ª | 1$680 |
| P. | nove livras de sera, e des peças, que sendo as toxas e o cirio e feitio, sinco mil trezentos e trinta | 5$330 |
| | | 141$600 |
| P. | tres livras e meia das velas amarellas, que se gastou no candelabro, mil duzentos e secenta | 1$260 |
| P. | quatro velas de livra a cruzado, mil e seis centos | 1$600 |
| P. | quatro toxas de feitio delas, oito centos e quarenta | $840 |
| P. | duas folhinhas para o Coro, e Sacristia duzentos reis | $200 |
| | | 3$900 |

R.º do Dep.º
173$920

gt.º o m.º

Em 10 de junho de 1771 tomando contas a este L.º do gt.º da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º cento e settenta e tres mil nove centos e vinte, e haver g.º o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra.

*Fr. Custodio* *O. D. Abbe* *Fr. Luiz*

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres cordões da Alva hum sello | $480 |
| P. | dous amitos de bertanha, e dous sanguinhos duas patacas | $640 |
| P. | Hum *anel de ouro com seu topazio* seis mil reis | 6$000 |
| P. | tres canadas e hum 4.º de vinho p.ª as missas, dois mil e 435 | 2$435 |
| P. | Feitio de duas dalmaticas ricas, e *hú veo de hombros preto 6$4* | 6$400 |
| P. | retroz, e linhas para se fazer as ditas couzas huma pataca | $320 |
| P. | seis cartas de alfinetes. seis tostoins | $600 |
| P. | meia arroba de incenso a cruzado vinte patacas | 6$400 |
| P. | des livras de cera a cruzado quatro mil reis | 4$000 |
| P. | huma pessa de fita cor de ouro, p.ª se por debaixo da renda do palio de Lo sette patacas | 2$240 |
| P. | huma canada de v.º para as missas, sette centos e sincoenta | $750 |
| | | 30$265 |

*(Fls 42 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres canadas de v.º dous mil duzentos e sincoenta | 2$250 |
| P. | seis Livras de sera a cruzado dous mil, e quatro centos | 2$400 |
| P. | duas vellas de Livra sette centos e vinte | $720 |
| P. | meia pataca p.ª ingomadeira dos sanguinhos para lenha | $160 |
| P. | duas varas de amburgo a doze vintens cada huma | $480 |
| P. | quatro centos e oitenta para a ingomadeira que ingoma os sanguinh. | $480 |
| P. | *Rezistos para o dia do anno bom,* oitocentos reis | $800 |
| P. | tres canadas de v.º para as missas a settecentos e sincoenta 2$250 | 2$250 |
| P. | huma oitava e meia deretroz branco p.ª o palio novo, cento e 20 | $120 |
| P. | sinco oitavas de renda de ouro, que faltou, para o palio, a 400 rs | 2$200 |
| P. | vinte e duas oitavas de retroz que levaram o scordões p.ª o d.º Palio mil e sette centos e secenta | 1$760 |
| P. | feitio dos ditos cordões, quinhentos | $500 |
| P. | seis Livras e tres quartas de sabão de pedra, mil trezent. e 50 | 1$350 |
| P. | Musica da Noute de Natal do anno de 1771, seis mil e quatro cent. | 6$400 |
| P. | duas folhinhas, *p.ª o coro, e sacristia, da cra de setenta e dous* pat. | $320 |
| P. | hum *cordão p.ª a cruz peitoral,* hum cruzado | $400 |
| P. | hua arroba de farinha, p.ª as hostias a cem reis | 3$200 |
| P. | o que se pagou ao ourives a conta do feitio do jarro de prata | 16$000 |
| P. | duas canadas dev.º mil e quinhentos | 1$500 |
| | | 41$610 |

*1772*

(*folhas 42 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | verdete, para as rozas de cera do sepulcro dous vintens | $040 |
| P. | caparross p.ª tinta, p.ª tingir a escadas, e Cruz etc hú vintem | $020 |
| P. | retroz branco, amarello, vermelho, e roixo meia oit.ª de cada, 160 | $160 |
| P. | converto do vaxo da communhão; cadeia do turibulo, e xave do sacrario. hua pataca | $320 |
| P. | hú pé de huma cruz, e mais huma nova com seo pé, que se pagou ao intalhador, mil e sei centos | 1$600 |
| P. | o que se pagou ao pintor por fingir duas cruzes *de tartaruga* | 1$600 |
| P. | concerto de fero da ingomadeira que ingoma os sanguinhos e corpor. | $320 |
| P. | o que se pagou ao pintor de incarnar huma imagem do st.º Christo para o Altar de St.º Amaro duas patacas | $640 |
| P. | o que se deo ao escultor que a fez dous tostões des tostoins | 1$000 |
| P. | o que se pagou ao entalhador por fazer dous castiçaes p.ª altar mor sinco patacas | 1$600 |
| P. | o que se pagou de os pratear seis patacas | 1$920 |
| P. | meia pataca de lenha para ingomadeira dos sanguinhos | $160 |
| P. | seis varas, e meia de renda, para quatro corporaes sete centos e 80 | $780 |
| P. | duas varas de bico a tres vts para as fixolas, seis vts | $120 |
| P. | linhas para os ditos corporais, seis fixolas, seis sanguinhos, e des manustergios oit.ª reis | $080 |
| P. | dr.º que se deo a quem fez as ditas obras, huma pataca | $320 |
| P. | huma vara e meia de fio p.ª a sachristia, sento e sincoenta | $150 |
| P. | o que se pagou ao pintor por fingir duas cruzes de tartaruga, e incarnar hua Imagem do St.º Christo, sete patacas | 2$440 |
| P. | linhas p.ª acabar a renda de nove amitos, que se fizeram de bertanha | $240 |
| P. | meio livra de fio para a sacristia meia pataca | $160 |
| P. | duas oitavas de retroz para concertar as cortinas nove vintens | $180 |
| P. | Fio para a sacristia huma e tresquartas, quinhentos e vinte | $520 |
| | | 14$370 |

(*folhas 43 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | tinta amarela, para pintar as velas, hú vintem | $020 |
| P. | Meia pataca, para lenha, para a ingomadr.ª dos sanguinhos | $160 |
| P. | tintas para as cortinas brancas oit.ª reis | $080 |
| P. | Concerto do Hizope, duzentos reis | $200 |
| P. | concerto das cortinas brancas doze vts | $240 |
| P. | Lenha para alimpar a prata, cem reis | $100 |
| P. | feitio de huma vara de franja de ouro para o docel, para se expor o Senhor, duas patacas | $640 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | *des milheiros de ouro* com o seo avanço, e donativo, cento e11$550 | 111$550 |
| P. | mais d.º *hum milheiro* nove mil reis | 9$000 |
| P. | *varias tintas* compradas na Pedra p.ª *o forro de Igreja* seis mil080 | 6$080 |
| P. | huma receita de tintas, que veio de Portugal *para pintar o forro* da Igrja vinda de Portugal cento, e secenta e oito mil, duzentos, e sincoenta; entra nesta conta hum caixão com sinco arrobas de cera de Lx.ª | 168$250 |
| | | 296$400 |
| P. | huma . . . de Lô branco de ouro com vinte covados a 2$400 Lx.ª de Lixboa | 48$000 |
| P. | huma peça de Olandilha comprada ex Lx.ª mil e duzentos | 1$200 |
| P. | Dezaseis covados de tafeta carmezim, e sinco de roxo comprados em lx.ª sete mil sento e quarenta | 7$140 |
| P. | sinco covados de sitim preto sinco mil reis | 5$000 |
| P. | vinte e sinco covados de *renda de ouro* com trezes onças e sinco oitavas a dous mil reis a onça vinte e sette mil e 250 | 27$250 |
| P. | Quarenta e tres varas de *Galão de ouro* com trinta e sinco onças a mil, e seis centos sincoenta e seis mil reis | 56$000 |
| P. | tres onças de *fio de ouro* a mil e seis centos, quatro mil e 800 | 4$800 |
| | | 445$790 |
| P. | seis palmos de *franja de ouro* com tres onças, e sette oitavas, e meia seis mil e trezentos | 6$300 |
| P. | dezasete covados de *Damasco branco de ouro* a seis mil, e quatrocentos — cento e oito mil, e oitocentos reis | 108$800 |
| P. | que importaram quatro cazulas de Damasco branco, e vermelho, e dous coxins de Damasco Grameola quarnecidas de galão de fita sincoenta e nove mil sete centos e secenta e trez | 59$763 |
| P. | dous caixotes com oito arrobas de sera de quarta, e meya libra setenta e nove mil trezentos e secenta | 79$360 |

R.º do Dep.º
787$258

G.º o m.º

Em 25 de Janr.º de *1772* tomando contas a este L.º do gasto da sadristia achamos haver recebido do Dep.º sette centos oitenta e sette mil duzentos, e sincoenta e oito reis; e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra

*Fr. Frc.º* *O D. Abbe* *Fr. Vicente*

R.º do Dep.º
961$178

g.º o m.º

O Pe. Pregor Fr. Custodio da Conceiçam vizitador por comissão do N. Rmo Pe. Proval Fr. Jeronimo de Ascenção com o nosso compr.º o Pe. Colegial Theologo Fr. Luiz da Assumção vizitando nos este nosso Mostr.º de S. Bt.º de Olinda e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido desde a vizitada passada athe o prezente nove centos, e secenta e hum mil, cento setenta e oito, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, aos 31 de Janr.º de *1772*

*Fr. Custodio da Conceição*
Vizitador

*Fr. Luiz da Assumção*
compr.º

(*Fls 44 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | sinco cobados, e meia, de tafeta carmezim, p.ª forrar as cortinas do sacrario, a sinco tostoins, dous mil sete centos e sincoenta | 2$750 |
| P. | tres cobados de Olandilhas p.ª forroda cupula, a cento e 90 — 570 | $570 |
| P. | quarenta e sette oitavas de retroz, para as franjas do d.º pano do sacrario, a oitenta reis, tres mil, e oito centos | 3$800 |
| P. | feitio da dita tres patacas | $960 |
| P. | uma vara de algodão, para se goardar o palio nove centos e 60 | $960 |
| P. | *Quitação das Missas do citio,* mil quinhentos e noventa | 1$590 |
| P. | quatro canadas e meia de v.º branco, a sette centos e sincoenta | 3$375 |
| P. | Tintas, sabão, *para o forro da Igreja,* sinco mil e duzentos e 40 | 5$240 |
| P. | sette can. e meia de v.º branco, a sette centos e sincoenta, 5$625 | 5$625 |
| P. | feitio de doze livras e meia de cera, a sincoenta reis, 625 | $625 |
| P. | huma livra de cera desoito vintens | $360 |
| P. | mais *dez milheiros de ouro com* o abanço, e donativo, cento e onze *mil, quinhentos* e sincoenta | 111$565 |
| | | 137$565 |

(*folha 44 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | dous livros de bençõis hú, e outro da Missa do Natal por se incadernàr, quatro mil, e oito centos | 4$800 |
| P. | duas varas de fita para os ditos, duzentos e oito | $280 |
| P. | quatro onças de vermelhão para *fingir a pedra do arco* a duzentos reis, dois cruzados | $800 |
| P. | duas onças de . . . fino, a quinhentos e secenta, mil e 120 | 1$120 |
| P. | o que se pagou a quem a fixou os ganlões para as cortinas de Sta Anna, e Sra dos Prazeres oit! reis | $080 |
| P. | huma oitava de retroz para se fazer o docel, p.ª se expor o Senhor | $080 |
| P. | quatorze e meia oitavas de *Galão de ouro,* p.ª acabar o docel de expor o Snr a pataca quatro mil, seiscentos e quarenta | 4$640 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | seis oitavas de *renda de ouro,* p.ª a pala do Sacrario, a 320-2$080 | 2$080 |
| P. | vara e meia de fita para por por baixo da renda, cento e vinte | $120 |
| P. | Papelão para a dita pala, cem reis | $100 |
| P. | meio cobado de de tafeta para forro da dita duzentos e quarenta | $240 |
| P. | sinco libras de *ouro, sinco* mil reis | 5$000 |
| P. | mais *quatro milheiros de ouro,* quarenta e quatro mil, 620 | 44$620 |
| P. | mais *hum dito* doze milreis | 12$000 |
| P. | Muzica da festa do N. St.º P. do anno de 1772, quatorze mil reis | 14$000 |
| P. | linha, para fazer rendas, para as alvas, mil, seis centos e 40 | 1$640 |
| | | 91$600 |

*(Folhas 45 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | feitio de vinte, e oito livras de cera, mil quatrocentos | 1$400 |
| P. | oito cartas de alfinetes, seis centos, e quarenta | $640 |
| P. | duas L. de .. de ouro, para o mordente do arco, 480 | $480 |
| P. | quatro onças de vermilhão, dous cruzados | $800 |
| P. | duas onças de Nacar, a quinhentos e secenta, mil cento e vte | 1$120 |
| P. | huma livra de amarello para o mordente quarenta reis | $040 |
| P. | meia livra de sombra, duzentos e quarenta | $240 |
| P. | huma livra de espirito quatrocentos e oit.ª | $480 |
| P. | quatro livras de cera da terra, para o sepulcro, a tostam | $400 |
| P. | tintas para renovar os paneis do sepulcro oito centos rs | $800 |
| P. | feitio do cirio pascal trezentos e vinte | $320 |
| P. | seis livras de cera amarella do candelabro mil quatro centos 40 | 1$440 |
| P. | huma vela de hum cruzado | $400 |
| P. | *doce para os Anjos e figuras,* mil duzentos e oit.ª | 1$280 |
| P. | huma canada de v.º p.ª as ditas figuras, settecentos, e sincoenta | $750 |
| P. | Muzica da Semana Santa do anno de 1772, vinte, e sinco mil 800 | 25$800 |
| P. | Tres canadas de v.º p.ª as missas, dous mil seiscentos e 25 | 2$625 |
| P. | dous pares de galhetas hum cruzado | $400 |
| P. | sinco varas de renda para huma toalha de mãos mil reis | 1$000 |
| P. | hum fugareiro de cobre sinco mil seis centos e oitenta | 5$680 |
| P. | sete couros de viado p.ª hú livro do coro, e incadernar os missaes oito patacas | 2$560 |
| | | 48$655 |

*1772*

*(fls 45 verso no Original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres oitavas de retroz amarello, vermelho p.ª concertas cortinas | $240 |
| P. | duas varas de fita p.ª as toalhas do esquixe dous vts | $040 |
| P. | oito varas de fitas p.ª os Missaes, e Breviario do coro huma pat. | $320 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | oito varas de fitas p.ª os Missaes e Breviario do coro huma pat. | $320 |
| P. | meia duzia de botões de retros p.ª os missais 160 | $160 |
| P. | tinta para a sacristia, hú vintem | $020 |
| P. | oito pessas de corda p.ª os carriteis das Cortinas da Igreja 1 pat. | $320 |
| P. | lenha p.ª alimpar a prata, e p.ª a engomadeira, duzentos rs | $200 |
| P. | concertar hú castiçal de prata, e pôr hua argolla no turib.º 1$320 | 1$320 |
| P. | sinco quartas e meia de fio, quinhentos reis | $500 |
| P. | *agoa de cheiro* p.ª o dia de N. S. Patriarcha, e Semana Sta, trezent. 20 | $320 |
| P. | concerto de húa chave do Sacrario meia pataca | $160 |
| P. | oito canadas de v.º a sette centos e sincoenta, seis mil reis | 6$000 |
| P. | Rendas tintas, e feitio de quatro alvas, vinte e oito mil e 960 | 28$960 |
| P. | tres peças de ruam de cofre p.ª cortinas dos Altares, e com seo avanço, e donativo trinta e dous mil seis centos e set e seis | 32$676 |
| P. | coatro meiadas de linhas para as cozer hua pataca | $320 |
| P. | vermelhão para pintar hú Livro do coro meia pataca | $160 |
| P. | dez pregos dourados p.ª o dito Livro hum cruzado | $400 |
| | | 72$116 |

(*Folhas 46 no original*)

R.º do Dep.º 349$936

g.º o m.º

Em 23 de Junho de 1772 tomando contas deste Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito trezentos quarenta e nove mil nove centos, e trinta e seis, e haver gasto o mesmo e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra.

*Fr. Luis* *O D. Abbe* *Fr. Vicente*

Triennio do M. R. P. P. D. Abbe Fr. Ant.º de S. Joze Valença
(Tomou posse em 24 de Junho de 1772)

| | | |
|---|---|---|
| P. | meia libra de fio duzentos reis | $200 |
| P. | concerto do ponteiro, turibulo e naveta quatrocentos e vte | $420 |
| P. | Lenha para a engomadeira meia pataca | $160 |
| P. | quatro cartas de alfinetes hum cruzado | $400 |
| P. | lenha para a engomadeira oitenta reis | $080 |
| P. | vinho para as missas sincoenta reis | $050 |
| P. | tres Missaes dourados trinta mil reis | 30$000 |
| | coatro torcidos de cera sinco mil quatro centos, e des | 5$410 |
| P. | Muzica para a Missa dos Ossos desoito milreis | 18$000 |
| P. | v.º para as missas, nove mil cento trinta e sinco | 9$135 |
| P. | coatro velas de libra mil duzentos e oitenta | 1$280 |
| P. | cera tres arrobas e meia, quarenta e tres mil seis centos e oitenta | 3$680 |
| P. | feitio da dita sinco mil quinhentos e quarenta | 5$540 |
| P. | v.º com que assistiu o Pe Mordomo, mil quatrocentos e quarenta | 1$440 |
| P. | Fio para as cortinas de N. Sra. hua pataca | $320 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | huma folha para cobrir o vidro da Alampada secenta reis | $060 |
| P. | huma libra de incenço quinhentos e secenta | $560 |
| P. | farinha para hostias dous mil e quatro centos | 2$400 |
| P. | huma canada de v.º para as missas sete centos e sincoenta | $750 |
| P. | mais meio coartilho de v.º noventa e sinco reis | $095 |
| | | 119$980 |

*(Folha 46 verso no original)*

R.º
119$980
g.º o m.º

Em 5 de Dezembro de 1772 tomando contas a este L.º do gasto da sacristia, achamos haver recebido do Dep.º cento e dezenove, nove centos e oitenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. João*

R.º
Triennio pass.º
349$936
g.º o m.º

O Rmo P. Pr. João da Trindade proval da Ordem de S. Bt.º do Brazil, com o nosso vice compr.º o Lente Fr. Manoel de S. Jozé Simões mostrando Nós este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda e tomando contas a este livro do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º do triennio passado trezentos e quarenta e nove mil, novecentos e trinta e seis reis, e haver gasto o mesmo.

Triennio pres. R.º
119$980
g.º o m.º

No triennio prezente achan.os haver recebido do Depozito cento e desenove mil novecentos e oitenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas, Olinda, 7 de Dezembro de 1772.

*Fr. João da Trindade*
Proval

*Fr. Manoel de S. Joze Simões*
Vice compr.º

| | | |
|---|---|---|
| Em 15 de Dezbr.º | por sete canadas de v.º a 84, sinco mil 880 | 5$880 |
| Por vinte e quatro | libras de farinha p.ª hostias a 120 dous mil 880 | 2$880 |
| Pelo que se pagou | a Musica pela festa do Natal | 6$400 |
| | | 15$160 |

*anno 1773*

*(folhas 47 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| Galhetas | Por seis pares de galhetas de vidro a 640 rs — 3$840 | 3$840 |
| Cera | Por feitio de vinte e sinco libras de cera a 50 rs — 1$250 | 1$250 |
| Cera | Por seis arrobas de cera p.ª o sepulcro etc a 480 — 92$160 | 92$160 |
| Papel | Por folhinhas de rez.... huma pataca | $320 |
| Incenso | Por libra e meia de Incenço oitocentos e quarenta | $840 |
| Muzica | Por Muzica de S. Bt.º seis mil e quatrocentos | 6$400 |
| Sola | Por huma libra de cola sinco patacas | 1$600 |

| | | |
|---|---|---|
| Muzica | Pela Muzica da Semana Santa vinte e sinco mil e oito cent. | 25$800 |
| | Por tres cartas de alfinetes trezentos e secenta | $360 |
| Vinho | Por dez canadas de *vinho tinto* a 750 sete mil e quinh. | 7$500 |
| Anel | Por hú Anel de ouro para a sacristia | 16$000 |
| Vinho | Por tres quartilhos de vinho, quinhentos e setenta | $570 |
| Lenha | Por lenha p.ª a engomadeira oitenta reis | $080 |
| Fio | Por meia libra de fio sento e secenta | $160 |
| Concerto | Por concerto da chave do Sacrario quatrocentos | $400 |
| Lenha | Por lenha para a engomadeira oitenta reis | $080 |
| Fio | Por huma libra de Fio para rolos hua pat. | $320 |
| Doce | Por doce para os Anjos, e Figuras quatro patacas | 1$280 |
| Verdete | Por tres onças de verdete para as folhas das rozas do sepulcro a 60 reis a onça, cento e oitenta | $180 |
| Rom | Por rom para pintar as palmas secenta reis | $060 |
| Tinta | Por vermelhão para as rozas do sepulcro seiscentos reis | $600 |
| Sahão | Por sabão para as ditas e tinta preta secenta reis | $060 |
| Alfinetes | Por duas cartas de Alfinetes, duzentos reis | $200 |
| Agoa | Por *agoa de Cordova para Lava pes*, trezentos e vinte | $320 |
| | | 16$460 |
| Lenha | Por lenha, e sabão p.ª a engomadeira meia pataca | $160 |
| Fio | Por hua libra de Fio para rolos hua pataca | $320 |
| | | 16$940 |

R.º do Dep.º
176$100
———
c.º o m.º

Em 2 de Julho de 1773 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito cento, e setenta e seis mil, e cem reis, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

*Fr. Joze* *O D. Abbe*

| | |
|---|---|
| Por seis aciprestes p.ª *a capela do Pilar* tres mil e 600 | 3$600 |
| Por hua cruz de talha com seo Christo, tres mil 360 | 3$360 |
| Por trezentos e secenta ramalhetes de talha quatro pat. | 1$280 |
| Por tres co.. cueiros de Cedro p.ª o forro do Pilar 2$600 | 2$600 |
| P. jornaes ao oficial que a forrou sinco mil e 440 | 5$440 |
| P. canoas ao Me. Carmelo Frete dos negros que carregaram tijolos, e sustento dos ditos, e Frete dos coucueirs 1$120 | 1$120 |
| P. pregos para a dita obra sete centos e oit.ª | $780 |
| P. cola meya pataca | $160 |
| P. seis Ramalhetes, a 420, dous mil quinhentos e vinte | 2$520 |
| P. huma Diadema em pau para *S. Caetano* hum selo | $480 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | dourar o dito huma pataca | $320 |
| P. | dourar o . . . de N. *Sra dos Prazeres* duas patacas | $640 |
| P. | mais 6 Ramalhetes, a 420 dous mil e quinhentos e vinte | 2$520 |
| | | 24$820 |

(*Folhas 48 no Original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | mais dois Ramalhetes a 420 oitocentos reis | $800 |
| P. | que se deo ao Pintor de pratear seis Ramalhetes, seis patac. | 1$920 |
| P. | duas arrobas de cola a 280 a libra dezasete mil novecentos e vte | 17$920 |
| P. | tres arrobas de gesso groço a 80 rs a libra, sete mil e 680 | 7$680 |
| P. | Por hua arroba de Alvaiade groço tres mil oito centos e 40 | 3$840 |
| P. | *dourar o pulpito, atraz do Pilar,* quatorze mil e quinhentos | 14$500 |
| P. | oito castiçaes a 560 quatro mil quatrocentos e oit.ª | 4$480 |
| P. | quatro targes p.ª a *capela do Pilar* seis mil reis | 6$000 |
| P. | jornal que se deo ao *Entalhador que fez o retabulo da* Capella *do Pilar* secenta mil reis | 60$000 |
| P. | que se deo ao Mestre que *pintou o forro do coro* | 60$000 |
| P. | que se deo ao Pintor de estufar N. Sra. do Pilar quatro mil | 4$000 |
| P. | tres arrobas de cola para as pinturas da Igreja, vinte sinco 920 | 25$920 |
| P. | meia arroba de alvaiade groço a 12, mil nove centos e vinte | 1$920 |
| P. | doze oitavas de flor de Anil, a 220, doiys mil seiscentos e vte | 2$620 |
| P. | seis onças de gota G ma a 220, mil e trezentos e vinte | 1$320 |
| P. | hua arroba de gesse oito patacas | 2$560 |
| P. | vinte livras de Bolo a 240, quatro mil e oito centos | 4$800 |
| P. | sangue de Drago quatro vintens | $080 |
| | | 220$400 |

*anno 1773*

(*Fls 48 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | jornal ao Pintor q'dorou o *altar de S. Gertrudes* deza nove milreis | 19$000 |
| P. | jornal ao Pintor de *dourar o Pulpito, e Arco das Angustias* treize m | 13$000 |
| P. | jornal a hú official de concertar, o *altar de St.º Amaro,* meya pataca | $160 |
| P. | Jornal ao Pintor q'dorou o Altar de St.º Amaro | 20$000 |
| P. | molhadura aos officiaes, quando acabaram de dourar o d.º altar, duas p. | $640 |
| P. | quatro ramalhetes, a 300 p.ª o d.º altar, dize tostoens | 1$200 |
| P. | Azarcam quatro libras duas patacas | $640 |
| P. | duas arobas de Fauâ (?), quatro patacas | 1$280 |
| P. | meya araba de gesso grosso, mil, e trezentos | 1$300 |
| P. | mais meya aroba do d.º, quatro patacas | 1$280 |
| P. | Jornal ao Mestre Xavier de ajustar os pulpitos, mil, sete centos e 60 | 1$760 |
| P. | pratear, e encarnar a Cruz de St.º Amaro, e outro St.º Christo, tres mil 2 | 3$200 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | estufar e encarnar de novo *S. Caetano,* tres mil e duzentos | 3$200 |
| P. | Estufar, e encarnar de novo st.º Amaro tres mil quinhentos e vinte | 3$520 |
| P. | 5 onças de Jarde fino seis centos reis | $600 |
| P. | oleo de cupauba quatro vintens | $080 |
| P. | 5 onças de vermelhão dous cruzados | $800 |
| P. | 5 oitavas de Flor de Anil dous cruzados | $800 |
| P. | Alvaiade fino 4 libras a 280, mil cento e vinte | 1$120 |
| P. | dourar o Diadema da Senra das Angustias huma pataca | $320 |
| | | 73$9.. |

(*Folhas 49 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | 4 onças de vitriolo duas patacas | $640 |
| P. | quatro libras de Alvaiade groço, digo fino quatro patacas | 1$280 |
| P. | vermelhão oito onças mil cento e vinte | 1$120 |
| P. | oito onças de Nanquim a 100, dous cruzados | $800 |
| P. | pó de sapateiro hum vintem | $020 |
| P. | Azarcam 4 libras duas patacas | $640 |
| P. | 6 onças de vermelhão tres patacas | $960 |
| P. | mais vitriolo 2 onças huma pataca | $320 |
| P. | seis oitavas de flor de Anil tres patacas | $960 |
| P. | carreto, e canoa das arges p.ª o Pilar cento e quarenta | $140 |
| P. | duas oitavas de Nacre meya pataca | $160 |
| P. | seis onças de Vermelhão tres patacas | $960 |
| P. | seis oitavas de flor de Anil tres patacas | $960 |
| P. | quatro libras de açarquam duas patacas | $640 |
| P. | 5 onças de .. ormentina trezentos reis | $300 |
| P. | sinco onças de Grossa graxa sinco tostoens | $500 |
| P. | mais 6 oitavas de flor de Anil tres patacas | $960 |
| P. | quatro onças de vermelhão duas patacas | $640 |
| P. | oito oitavas de flor de Anil quatro patacas | 1$280 |
| P. | *almoço* aos pintores qd.º *acabaram de pintar o forro* quinhentos 60 | $560 |
| P. | quatro onças de vermelhão | $640 |
| P. | dois milheiros de tijolos des mil reis | 10$000 |
| P. | pratear 6 castiçaes, e seis ramalhetes, e hú St.º Christo, oito milrs | 8$000 |
| | | 33$1.. |

(*fls 49 verso no Original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | quatro libras de Alvaiade fino mil cento e vinte | 1$120 |
| P. | Jornal q'se deu ao Pintor de *dourar a capella do Pilar,* sincoenta | 50$000 |
| P. | duas libras de alvaiade grosso duzentos e quarenta | $240 |
| P. | mais meya libra do d.º tres vintens | $060 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | seis castiçais de talha grandes, tres mil oitocentos e quarenta | 3$840 |
| P. | oitenta libras de cola a 270 vinte tres mil sete centos e secenta | 23$760 |
| P. | oito libras de Alvaiade fino a 480 tres mil, oito centos e quarenta | 3$840 |
| P. | meya aroba de cera a 480, sete mil seis centos e oitenta | 7$680 |
| P. | r.o ao *talhador do Altar do Pilar* oito milreis | 8$000 |
| P. | .....de alvaiade groço a 80 mil duzentos e oit.ª | 1$280 |
| P. | meia aroba de Alvaiade groço, tres mil oito centos e quarenta | 3$840 |
| P. | duas onças de vitriolo, a 160, húa pataca | $320 |
| P | oito oitavas de Flor de Anil, a 140, mil cento e vinte | 1$120 |
| P. | mais onças de vermelhão a 160, tres patacas | $960 |
| P. | mais onças de Jarde fino, a 120, sete centos e vinte | $720 |
| P. | duas libras de sombra da Colonia, a 480, tres patacas | $960 |
| P. | meia araba de verdete a 960, quinze mil trezentos e seccnta | 15$360 |
| P. | mais onças de lacre fino a 480, mil quatrocentos e quarenta | 1$440 |
| P. | meia aroba de cera sete mil seis centos e oitenta | 7$680 |
| P. | quatro tocas com tr... Libras, quatorze mil, e quatrocentos | 14$400 |
| P. | mais meya aroba de Cera sete mil seis centos e oit.ª | 7$680 |
| | | 154$300 |

*(Fls 50 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | d.º ao Entalhador q'fez as Targes da Capela do Pilar | 4$000 |
| P. | meya aroba de gesso groço a 80 a libra oito patacas | 2$560 |
| P. | duas libras de cera mil nove centos e vinte | 1$920 |
| P. | hua canada e meya de vinho a João Tavares mil duzentos e secenta | 1$260 |
| P. | hum barril de Oleo de Linhaça vinte e dous mil novecentos e doze | 22$912 |
| P. | *oitenta milheiros de Ouro, a 7500* quatrocentos e sincoenta mil | 450$000 |

*ano 1773-1774*

*(Folhas 50 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | *quatorze arobas de gesso* mate a tres patacas tres mil e 440 | 13$440 |
| P. | quatro arobas de gesso groço, a 400, sinco patacas | 1$600 |
| P. | quatro libras de Bolo húa pataca | $320 |
| P. | meya aroba de pintacenha cento e vinte | $120 |
| P. | dous Barris de gesso, quatrocentos e secenta | $460 |
| P. | hú caixão para o ouro quatrocentos reis | $400 |
| P. | carreto do gesso para a Praya quinhentos e oitenta | $580 |
| P. | *tres Missaes* em papel a 150 quatro mil, e quinhentos | 4$500 |
| P. | *tres cadernos* para os ditos a 480, mil quatrocentos e quarenta | 1$440 |
| P. | *Rezistos para* os ditos a 600 mil, e oitocentos | 1$800 |
| P. | *Broxas* para os ditos a 800 dous mil e quatro centos | 2$400 |
| P. | encadernar os ditos a 6400, dezanove mil e duzentos | 19$200 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | encadernar os ditos a 6.400, dezanove mil e duzentos | 19$200 |
| P. | hu ritual romano trezentos reis | $300 |
| P. | frete do caixão em que veyo o ouro des tustoens | 1$000 |
| P. | frete de dous Barris de gesso quatro mil reis | 4$000 |
| P. | vinte e sinco libras de cera doze milreis | 12$000 |
| P. | meya aroba de Incenso a 400 reis *meya dobla* | 6$400 |
| P. | oito canadas de vinho a 750 seis mil reis | 6$000 |
| P. | q'se pagou das contas q'se deo do Legado da Capela de missas | 1$970 |
| | | 560$582 |

(*Fls 50 verso no Original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | vinte libras de cera a quatrocentos, oito milseiscentos e 40 | 8$640 |
| P. | oito libras de farinha para hostias a seis vintens, tres pat. | $960 |
| P. | húa aroba de cola a duzentos e oit.ª a libra, oito mil 960 | 8$960 |
| P. | vinte libras de cera a quatrocentos e oit.ª, oito mil e 640 | 8$640 |
| P. | sete brandões quatro mil oitocentos | 4$800 |
| P. | quatro canadas de vinho tres mil reis | 3$000 |
| Por | dr.º a Muzica de Natal doze mil oitocentos | 12$800 |
| Por | dr.º ao *organista, q'concertouos* folles do organo, quatro milreis | 4$000 |
| Por | seis libras de cera a pataca, mil novecentos, e vinte | 1$920 |
| Por | quatro arobas e meya de cera a quatrocentos e oit.ª c/, 69$120 | 69$120 |
| Por | mais vinte e quatro libras para as Candeias, onze mil e 520 | 11$520 |
| Por | tres libras de farinha para hostias trezentos e sessenta | $360 |
| Por | feitio de dezessete libras de cera, oitocentos e sincoenta | $850 |
| Por | sinco canadas de vinho, tres mil, setecentos e sincoenta | 3$750 |
| Por | oito libras de farinha nove centos e sescenta | $960 |
| Por | *dr.º a Muzida* de S. Bento, seis mil e quatrocentos | 6$400 |
| Por | dr.º a Muzica da Semana Santa, vinte e sinco mil e oitocentos | 25$800 |
| | | 172$480 |

(*Folha 51 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| Por | oito libras de cera a quatrocentos e oit.ª, doze patacas | 3$840 |
| Por | *trinta Rezistos para dia de anno bom* | 1$200 |
| Por | sinco quartilhos de vinho dous mil e quatrocentos e quarenta | 2$440 |
| Por | tres canadas, e hú quartilho de vinho, dous mil, quatroc. e 40 | 2$240 |
| Por | oito libras de farinha para hostias, nove centos e secenta | $960 |
| Por | sinca candas de vinho, tres mil, sete centos e sincoenta | 3$750 |
| Por | sincoenta, e sinco libras de cera a quatrocentos, e oit.ª 26$400 | 26$400 |
| Por | feitio do Sirio, quatrocentos reis | $400 |
| Por | feitio de quatro tocas duzentos e vinte e sinco rs | $225 |
| Por | oito libras de farinha para hostias tres patacas | $960 |
| Por | húa quarta de Incenso cento, e vinte | $120 |
| Por | lenha para a Engomadeira oit.ª reis | $080 |

| | |
|---|---|
| Por meya libra de incenso doze vintens | $240 |
| Por concerto do Thuribulo, e limpar o respandor de St.º Amaro, 400 | $400 |
| Por quatro cartas de alfinetes a 100 hú cruzado | $400 |
| Por meia libra de fio para rolos duzentos reis | $200 |
| Por mais meya libra de fio para rolos duzentos reis | $200 |
| Por lenha, e sabão para Engommadeira oit.ª reis | $080 |
| Por huma libra de fio para rolos hú cruzado | $400 |
| Por mais lenha, e sabão p.ª a Engommadeira oit.ª reis | $080 |
| Por q'dei ao Pintor de pratear seis ramalhetes, seis castiçaes grandes para o altar mor, e dous pequenos | 8$480 |
| | 51$355 |

*(Folhas 51 verso no original)*

| | |
|---|---|
| Por duas cartas de alfinetes hua pataca | $620 |
| Por tres libras de cera preta a 80 reis doze vintens | $240 |
| Por húa quarta de vermelhão para as rozas oitocentos reis | $800 |
| Por doce para os Anjos, e Figuras quatro patacas | 1$280 |
| Por *Agua de Cordova para o Lava pés,* húa pataca | $320 |
| Por B . . . para pintar as palavras secenta reis | $060 |
| Por .alha e capa roca p.ª tingir o passo preto meya pataca | $160 |
| Por pratear quatro ramalhetes de sola, e seos pes p.ª a Capela Mor | 1$920 |
| Por vinte e seis arandelas p.ª os castiçaes, mil seis centos e oit.ª | 1$680 |
| Por pratear seis rozas para flores a 160 tres patacas | $960 |
| Por que dei a lavandeira dos sanguinhos hua pataca | $320 |
| Por húa libra de fio para rolos trezentos e oitenta | $380 |

*anos 1774-1775*

*(folhas 51 verso do original)*

| | |
|---|---|
| Por vinte e sinco varas de renda para seis mezas de corporaes a 100 | 2$500 |
| Por linhas para os ditos duas meadas a 10 duzentos reis | $200 |
| Por oito varas de renda para seis manustergios a 80 reis duas patac. | $640 |
| Por feitio de seis mezas de corporaes, húa duzia de sanguinhos, e outros tantos manustergios | 1$920 |
| | 13$700 |

R.º do Dep.º
1:304$657

G.º o m.º

Em 4 de Julho de 1774 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º hú conto, trezentos e quatro mil seis centos, sincoenta e sete, e haver g.º o mesmo: e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

*Fr. Joze* *O D. Abbe* *Fr. João*

(*Fls 52 no Original*)

| | |
|---|---|
| Por seis libras de cera a pataca mil nove centos e vinte | 1$920 |
| Por feitio *da coroa de N. Senhora do Pilar,* e feitio do resplandar do Menino. seis mil e quatro centos | 6$400 |
| Por duas folhinhas para o coro, e sacristia huma pataca | $320 |
| Por tres canadas de vinho dous mil duzentos e sincoenta | 2$250 |
| Por seis libras de cera a quatro centos e oitenta, dous mil 880 | 2$880 |
| Por trinta e seis libras de cera a dous cruzados vinte, e oito mil 800 | 28$800 |
| Por mais duas libras de cera a 450 nove centos reis | $900 |
| Por quatro pares e m... de galhetas de vidro a quinhentos e secenta | 2$520 |
| Por quatro libras de Alvaiade fino para pintar a porta do... a 400 | 1$600 |
| Por tres oitavas de Flor de Anil para a dita a meya pataca 480 | $480 |
| Por nove libras, e meya de cera para a noite de Natal a 800 rs. | 7$600 |
| Por mais onze libras, e meya para a d.ª noite, a 720, oito mil duz. e oit.ª | 8$280 |
| Por mais dezasete libras de cera a 800 reis, treze mil e seiscentos | 13$600 |
| Por hua libra de fio para rolos hú cruzado | $400 |
| Por tres cartas de alfinetes trezentos reis | $300 |
| Por húa pessa de Betanha para duas toalhas do Pilar, dous mil 720 | 2$720 |
| Por Feitio das Letras do .... e corp. hum selo | $480 |
| Por húa meada de linhas para se cozerem as toalhas oitenta reis | $080 |
| Por *hú penacho* para a Sacristia mil duzentos e oit.ª | 1$280 |
| | 82$810 |

(*folhas 52 verso no Original*)

| | |
|---|---|
| Por oito canadas de vinho para as missas a 750, seis mil reis | 6$000 |
| Por tres quartilhos e meyo a cento e noventa seis centos e 65 | $665 |
| Por oito libras de farinha para hostias dus cruz. | $800 |
| Por mais des libras de farinha a 140 reis, mil e quatrocentos | 1$400 |
| | 8$865 |

R.º do Dep.º
91$675
———
g.º o m.º

Em 3 de Fevr.º de 1775 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º noventa e hú mil seiscentos, e setenta e sinco; e haver despendido o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. Joze*

R.º do Dep.º
1:572$432
———
g.º o mesmo

O P. P. Fr. Custodio da Conceiçam, visitador por comissão do N. Rmo P. Proval Fr. João da Trindade com os nossos compr.º o P. P. Jub.º Fr. João Bautista de Sta Gertrudes, vizitando Nos este Mosteiro e tomando contas deste L.º, que serve do g.º da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º hú conto, quinhentos, e

setenta e dous mil, quatrocentos e trinta e dous, e haver g.º o mesmo. Nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º, aos 6 de Fevr.º de 1775

*Fr. João Bautista* — Compr.º

*Fr. Custodio da Conceição* — Vizitador

| | |
|---|---|
| Pelo que dei ao Pintor que pintou o forro do orgão por duas vezes, 2 pat | $640 |
| Por *seis livros de ouro,* a tres patacas e meya cada huma, seis mil 720 | 6$720 |
| Por húa onça de secante hum tostão | $100 |
| | 7$440 |

(*Folhas 53 no original*)

| | |
|---|---|
| Por duas libras de Alvaiade groça a 180 trezentos e secenta | $360 |
| Por húa onça de Nacar hum sello | $480 |
| Por duas oitavas de Flor de Anil a 140 duzentos e oitenta | $280 |
| Por nove varas de renda para duas toalhas do Pilar, a tostão a vara | $900 |
| Por feitio das ditas huma pataca | $320 |
| Por sinco oitavas de Flor de Anil a 160 oitocentos reis | $800 |
| Por ..... oitenta reis | $080 |
| Por . . fino 15 oitavas huma pataca | $320 |
| Por oleo de nozes meya libra duas patacas | $640 |
| Por húa onça de vermelhão dous tostoens | $200 |
| Por meia libra de oleo de cupauba doze vintens | $240 |
| Por mais *hú livro de oiro* tres patacas e meya | 1$120 |

*1775*

(*Fls 53 no original*)

| | |
|---|---|
| Por mais hú livro de oiro tres patacas e meya | 1$120 |
| Por duas oitavas de Flor de Anil huma pataca | $320 |
| Por mais húa onça de vitriolo meya pataca | $160 |
| Por húa libra de fio para rolos hú tostam | $100 |
| Por húa peça de cordas para as cortinas do Altar trez vintens | $060 |
| Por tres pares de galhetas a pataca tres pataca. | $960 |
| P. quatro libras de cera a 800 reis tres mil e duzentos | 3$200 |
| P. duas libras de tinta para o forro do Orgão duzentos duzentos reis | $200 |
| P. dr.º ao *Capitam Agostinho pelo Orgão oito centos mil reis* | 800$000 |
| P. vinte e oito libras de cera a 720 vinte mil cento e secenta | 20$160 |
| P. hú quartilho de vinho cento, e noventa | $190 |
| P. mais hú dito cento, e noventa | $190 |
| P. mais húm dito cento, e noventa | $190 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | mais meyo quartilho para Jaguaribe | \$095 |
| P. | mais quatro canadas, e meyo quartilho de vinho, a 750, 3\$475 | 3\$475 |
| | | 835\$040 |

(*Fls 53 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | des libras de farinha para hostias, a cento e quarenta, mil e 400 | 1\$400 |

R.º do Dep.º 836\$440

G.º o m.º

Em 10 de Mayo de 1775, tomando contas a este 1) do G.º da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º oito centos e trinta e seis mil, quatro centos e quarenta, e haver dispendido o mesmo e nesta forma damos estas contas por ajustadas: era ut supra

*Fr. Joze* *O Presidente* *Fr. João*

| | | |
|---|---|---|
| P. | húa libra de Incenso hú cruzado | \$400 |
| P. | dezasete libras de cera a 720 doze mil duzentos e quarenta | 12\$240 |
| P. | Por dr.º ao Pintor por pintar de baixo do Orgão, vinte mil reis | 20\$000 |
| P. | tres libras de cera mil novecentos e vinte | 1\$920 |
| P. | seis libras de cera, a 720 quatro mil, trezentos e vinte | 4\$320 |
| P. | duas canadas e meya de vinho p.ª as missas, 760, mil e novecentos | 1\$920 |
| P. | Mais húa canada de vinho a 750 | \$750 |
| P. | meyo quartilho do d.º noventa e cinco reis | \$095 |
| P. | oito libras de farinha para hostias, a 120, tres patacas | \$960 |
| P. | feitio da Diadema da Snra das Angustias, seis mil, quatrocentos | 6\$400 |
| | | 48\$985 |

R.º do Dep.º 48\$985

G.º e m.º

Em 12 de Julho de 75 tomando contas a este 1) do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º quarenta e oito mil novecentos, e oitenta e sinco, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

*Fr. Luiz* *O Presidente* *Fr. João*

(*Fls 54 no Original*)

| | | |
|---|---|---|
| Por | duas velas de libra a duas patacas | 1\$280 |
| Por | húa libra de fio p.ª rolos | \$400 |
| Por | hua carta de alfinetes | \$120 |
| Por | húa vara e húa terça de pano de linho p.ª o painel do Bispo do Rio de Janeiro | \$560 |
| Por | pregos p.ª o dito | \$100 |
| Por | feitio de duas toalhas para o Esquixo | \$160 |
| Por | que se deu á custureira de concertar seis alves da Sacristia | \$640 |
| Por | duas velas de meya libra a 280 cada húa | \$560 |

| | |
|---|---|
| Por 6 varas de pano de linho *p.ª o painel do Pillar,* e do Bispo Diocesano a 440 a vara | 2$640 |
| Por que se pagou ao Pintor de fazer o retrato do Bispo Diocesano | 10$000 |
| Por feitio de hú pé novo para o Esquixo dos Padres | $200 |
| Por feitio de hú pé do estante do faldistorio dos Abbades | $240 |
| Por que se deo em tintas ao *Pintor Potenciano* p.ª o painel do Pilar | 7$020 |
| Pelo que se levou em conta no livro das casas ao Mestre Pintor Potenciano por pintar o Painel do Pilar | 8$975 |
| Por seis libras de farinha para hostias | $720 |
| Por oito canadas, e meyo quartilho de vinho p.ª as missas | 3$155 |
| Por oito libras de incenso a 400 reis | 3$200 |
| Por meya aroba de cera a 720 | 11$520 |
| Por mais 18 libras de cera | 12$900 |
| Por hú garrafão de vinho branco p.ª as missas, com 3 canadas e meyo quartilho a 960 | 3$480 |
| Por feitio da grande da Tribuna | 10$000 |
| Por que se deo ao Pintor que fez o Painel do Bispo do Rio de Janr.º | 6$320 |
| | 87$255 |

(*Fls 54 verso no Original*)

R.º do Dep.º
87$255

G.º o m.º

Em 15 de Novembro de 1775 tomando contas a este L.º do G.º da Sachristia, achamos haver recebido do Dep.º oitenta e sete mil, duzentos e sincoenta e sinco, e haver g.º o mesmo: e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra.

*Fr. João* *o Presidente* *Fr. Luiz*

Livro dos Conselhos e das Resoluções do Santo Convento de Olinda principiado por ordem do N. M. R. P. D. Abade, o Dor Fr. José da Natividade em 11 de Setembro de 1793, e numerado pelo Fr. Manoel Felix.

---

Aos 13 de Janr.º de 1794, convocando o N. M. R. P. D. Abade os Mto Rdos Pes do Conselho lhes perguntou si havião algumba couza que advertir para o bem espiritual, e temporal do Mosteiro . . . . . .devia haver cuidado com que os Irmãos comungassem nos dias em que man . . . . . .

E logo propoz N. P. se era conveniente se venderse o nosso escravo Luiz por mãos costumes; assentaram os Padres que sim, ao menos por cem mil reis; e não dando o comprador esta quantia o mandassem para Para, onde o reputa bem melhor, e c segurança. Nada mais se passou do que dou minha fé. Era ut supra.

*O D. Abbade* *Fr. Manoel de S. Feliz.*

Aos 20 de Fevr° de 1794 convocando o N. M. R. P. D. Abbade os Mto Rdos Pes do Conselho lhes perguntou, si tinham alguma cousa que advirtir para o bem espiritual, e temporal do Mosteiro, e responderam, que suas faltas e negligencias. Nada mais se passou, de que dou m. fé. Era ut supra.

O D. Abbade

Fr. Manoel de S. Feliz
Vice Notario

---

Aos 18 de Março de 1794 convocando O N. M. R. P. Me D. Abbade etc..... negligencias. E logo advirtiu o N. Rmo Pe. Ex Proval Fr. Miguel Arcanjo da Anuncião que se devia com brevidade cuidar na

*1775/76*

| | | |
|---|---|---|
| P. | oito libras de farinha p.ª hostias, a 140, mil e cento e vinte | 1$120 |
| P. | oito libras de cera a 720, cinco mil, sete centos e vinte | 5$720 |
| P. | hú garrafão de vinho branco, com tres canadas e meya, e 1/2 quart. | 3$480 |
| P. | quarenta libras de cera p.ª a festa do Natal a 720, vinte sete | 27$760 |
| P. | dous Brandoens *p.ª o Snr Bispo, e o General* com duas libras cada hú quatro mil quatrocentos e oitenta | 4$480 |
| P. | mais meya arroba de cera a 1$120 dezasete mil, novecentos e vte | 17$920 |
| P. | mais seis libras de cera a 720 | 4$320 |
| P. | oito libra de farinha para hostias, a 140, | 1$120 |
| P. | oyto libras de incenso a 400 dez patacas | 3$200 |
| P. | dr.° a Muzica do p.ª a Festa do S. Bento | 8$000 |
| P. | huma libra de cera | $500 |
| P. | quatro tochas com doze libras, e hua quarta a 800, 9$200 | 9$200 |
| | | 86$820 |

*(Fls 55 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres folhas de lata a 80 reis cada huma | $240 |
| P. | duas arrobas e meya de cera p.ª a Semana St.ª a 667 a libra | 53$360 |
| P. | mais húa arroba de cera a 667 a libra — 21$344 | 21$344 |
| Pelo | Sirio Paschoal com quatro libras a 720, dous mil, oito ctos e 80 | 2$880 |
| P. | duas *Palmas p.ª o Snr. Bispo, e General* a tres mil cada hua | 6$000 |
| P. | duas varas de fita para as ditas a quatro patacas e meya a vara | 2$880 |
| P. | meya libra de cera da terr seicenta reis | $060 |
| P. | Mais quatorze velas amarellas, para o candieiro com 7 libras a 280 | 1$960 |
| P. | mais tres libras de cera p.ª as festas da Mata a 667 rs, 2$ e hu real | 2$000 |
| P. | quatro velas de libras a 500 rs | 2$000 |
| P. | mais seis libras a 240 | 1$200 |
| P. | que paguei ao Pintor de concertar o Painel do Bispo do Rio | 1$280 |

| | |
|---|---|
| P. meya libra de fio para rolos duzentos reis | $200 |
| P. *hú coco* hum vintem | $020 |
| P. húa carta de Alfinetes cento e des | $110 |
| P. elo que paguei ao Pintor de engraxar quatro ramalhetes do Pilar | 1$920 |
| Pelo que dei ao Carapina de preparar os dous paos dos estantes peque | 1$920 |
| Pelo que dei ao Entalhador de feitio dos dous ramalhetes do Pilar | $960 |
| | 100$325 |

*Fls. 55 no Original, digo Fls 55 verso*

| | |
|---|---|
| Pelo que dei ao Pintor de engraxar os dous ramalhetes do Pilar | $960 |
| P. *doce para os Anjinhos,* e figuras quatro patacas | 1$280 |
| P. húa carta de alfinetes sem reis | $100 |
| P. duas velas de libra a 480 | $960 |
| P. feitio de dous Paineis do Bispo do Porto e o nosso Fundador, 12$ | 12$000 |
| P. oito canadas de vinho para as missas a 750 a canada, 6$045 | 6$045 |
| *Pela obra de Tomassina* em folio para a Livraria oito mil reis | 8$000 |
| | 29$345 |

Recebido do Depozito 219$200

Em 9 de Mayo de 1776 tomando conta a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º duzentos e dezanove mil, e duzentos reis e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

gt.º o m.º *Fe. João* *o Presidente* *Fr. Luiz*

| | |
|---|---|
| P. quatro livras de cera para o *dia da Ascenção,* a 667, 2$668 | 2$668 |
| P. oito libras de farinha para hostias a 140 mil cento e vinte | 1$120 |
| P. quatro covados e húa terça de tafeta p.ª concertar os ornamentos roxo para as sinco bolças, e dous veos a 480 2$080 | 2$080 |
| P. tres oitavas de retroz de todas as cores p.ª concertamento dos or | $240 |
| P. dous covados de amasco rocho p.ª as sinco bolças a 2$000 — 4$000 | 4$000 |
| | 10$108 |

*Folhas 56 no original*

| | |
|---|---|
| P. feitio das ditas, quatro centos reis | $400 |
| P. Papelão para as ditas doze vintens | $240 |
| P. dezaseis oitavas de retroz p.ª a careilar a oitenta reis 1$280 | 1$280 |
| P. feitio do dito cairel, e pregal-o a doze vintens cada hú, 1$200 | 1$200 |
| P. dous canadas e meya, e meyo quartilho | 1$995 |
| P. concertar o vazo de Comunhão que se desoldou, hú cruzado | $400 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | hua grizeta p.ª a lampada oit.ª reis | $080 |
| P. | duas meadas de linhas p.ª a custureira, q'este fazendo as sobrepel. | $160 |
| | | 5$755 |

R.º do Dep.º 15$863 ——— G.º o m.º

Em o 1.º de Julho de 1776 tomando contas a este Lv.º do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º quinze mil oito centos, e secenta e trez rs., e haver despendido o mesmo. E nessa forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. João* *O Presidente* *Fr. Luiz*

*1776/1777*

| | | |
|---|---|---|
| P. | sete varas de fita p.ª as missaes a 40, 280 | $280 |
| P. | tres varas de cadarço p.ª as cortinas | $120 |
| P. | duas meadas de linhas p.ª a costureira dos amitos e corporaes | $160 |
| P. | Feitio *a nossa Freira* de 6 toalhas p.ª os altares | $.80 |
| P. | Feitio *a mesma Freira* de quatro sobrepelizes | 1$520 |
| P. | Linhas para a d.ª obra huma miada oit.ª reis | $080 |
| P. | feitio a costureira de duas duzias de Amitos a 80 reis cada hú | 1$920 |
| P. | Feitio de meya duzia de corporaes a meya pataca | $960 |
| P. | feitio de quatorze sanguinhos a 60 reis, oitocentos e quarenta | $840 |
| P. | feitio de trezs fixolas a 40 reis, quinhentos e vinte | $520 |
| P. | feitio de hua duzia de palas a 60 reis | $720 |
| | | 7$400 |

(*Fls 56 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | feitio de meya duzia de manusterjos a 40 reis cada hú 240 | $240 |
| P. | onze vara de renda estreita p.ª as fixolas, e palas a 40 rs 440 | $440 |
| P. | *canoa de hir o Sacristão* a Recife, e vir | $200 |
| P. | quatro taboas de amarello para concertar as gavetas da sacrist | 4$000 |
| P. | oito libras de farinha p.ª hostias a 120 — tres patacas | $960 |
| P. | meya aroba de cera, a 667 a libra, dez mil seis ctos e set.ª 2 | 10$672 |
| P. | duas folhinhas para o coro e sacristia a ano passado | $160 |
| P. | oito libras de farinha para hostias tres patacas | $960 |
| P. | hu vidro p.ª a alampada desoito vintens | $360 |
| P. | treze peças de Bertanha a 2$296, vinte, e nove mil e 848 | 29$848 |
| P. | trinta e quatro libras de cera a 667, vinte e dous mil 678 | 22$678 |
| P. | mais duas libras, mil trezentos trinta e quatro | 1$334 |
| P. | seis canadas e meya, e meyo quartilho de vinho p.ª missas a 750 | 5$010 |
| P. | oito libras de farinha a 120 tres patacas | $960 |
| P. | sete libras de cera p.ª a noite de Natal a 667, 4$669 | 4$669 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | duas falhinhas p.ª o coro, e sacristia huma pataca | $320 |
| P. | feitio de quatorze libras de cera a 50 reis | $700 |
| P. | huma vela de meya libra para as candeias | $384 |
| P. | dous Brandoens com quatro libras a 667 cada libra 1$334 | 1$334 |
| | | 85$979 |

R.º d.º Dep.º 93$379 ——— g.º o m.º

Em 16 de Janr.º de 1777 tomando contas a estes L.º do G.º da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º noventa e trez mil trezentos, e setenta e nove; e haver g.º o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

*Fr. João* *O Prezidente* *Fr. Luiz*

*Folhas 57 no original*

| | | |
|---|---|---|
| Por dourar dous brandoens *p.ª o Snr. Bispo e General* a 160 cada | | $320 |
| Por duas cartas de alfinetes a 100 | | $200 |
| Por doce p.ª os Anjinhos quatro patacas | 1$280 | 1$280 |
| Por tinta para as rozas, e palmas, meya pataca | | $160 |
| Por agua de *Cordova p.ª o lavapes,* meya pataca | | $160 |
| Por húa pataca para Paulo | | $320 |
| Pera Muzica do dia de N. P. S. Bento meya dobla | | 6$400 |
| Por meya canada *de vinho para a Comunhão* de 5.ª e sexta fr.ª da Sem S. D. | | $375 |
| Por duas taboas de louro o descendimento a 560 | | 1$120 |
| Por tres canadas e meya de vinho a 750 | | 2$625 |
| Por quatro folhas de lata p.ª o sepulcro, hua pataca | | $320 |
| Por vinte e quatro libras, e meya de cera a 750, vinte mil e 334 | | 20$334 |
| Por huma libra de cera da terra seis vintes | | $120 |
| Po duas almas p.ª *o Snr Bispo e General* seis mil reis | | 6$000 |
| Por duas varas de fita *p.ª os laços das* ditas a 4 pataca e meya | | 2$880 |
| Por tres arrobas de cera p.ª o Sepulcro a 690 a libra | | 66$240 |
| Por sete libras de cera amarella p o Candieiro a 320 2$240 | | 2$240 |
| Por dous pares de galhetas de vidro p.ª a sacristia a cuzado | | $800 |
| Por vinho p.ª as missas húa canada e meyo quartilho a 800 rs | | $800 |
| Por oito libras de farinha p.ª as hostias a 120 tres patacas | | $960 |
| Por tres frascos de vinho p.ª as missas oito centos, e vinte | | $820 |
| Por feitio de 6 libras e meya de cera a 50 rs. | $325 | $325 |
| Por treze libras de cera para o dia da Ascenção, a 690 — | 8$970 | 8$970 |
| Pelo que seu ao..... da conta do Legado de Gaspar de Amorim do anno de 1777 | | 1$18 |
| | | 125$654 |

*Folhas 57 verso no original*

P. quatro canadas e tres quartilhos de vinho 3$570 3$570

R.º do Dep.º 128$624 ——— G.º o m.º

Em 11 de Mayo de 1777 tomando contas a este l.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º cento e vinte oito seis centos e vinte quatro; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

*Fr. João* *O Presidente* *Fr. Luiz*

(*Fls. 57 verso no original*)

*1777/78*

P. duas libras de Incenço a 400 $800
P. meya arroba de cera a 690 onze mil e quarenta 11$040
P. húa canada e meya de vinho p.ª missas, dois mil e oitenta 2$080
P. húa pele de carneiro p.ª encadernação de tres livros 250 $250
P. húa pasta p.ª os ditos doze vintens $240
P. tres quartilhos de v.º e dous frascos de vinho 3$100
P. oito libras de farinha para hostias tres patacas $960
P. hua libra e 3/4 de cera, que se pagou da diminuição de quatro tochas alugadas 1$111
P. feitio das ditas $600
P. vinte e quatro libras de cera a 690, dezoito mil e 560 18$560
P. que se deu a custureira de feitio de seis alvas ricas, 96$000 96$000

134$741

*Fls 58 no original*

R.º do Dep.º 134$741 ——— g.º o m.º

Em 18 de Agosto de 1777 tomando conta a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º cento e trinta e quatro mil, sete centos quarenta e hum, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra.

*Fr. João* *O Presidente* *Fr. Luiz.*

Em 20 de Ag.º por hua canada de vinho p.ª missas 1$760
P. mais dois frascos com tres quartilhos, e meyo 720 $720
P. oito libras de farinha p.ª hostias a 120 $960
P. vinte e oito libras de cera a 696 19$320
P. duas libras de Incenso a 440 $880
P. hum frasco de vinho trezentos e secenta e sinco $365
P. hua canada de vinho oito centos e vinte $820
P. seis velas de libra p.ª a Capela mor 4$17.

| | |
|---|---|
| P. duas canadas de vinho p.ª as missas a 820 mil seis centos e 40 | 1$640 |
| P. que se pagou *a nossa Freira* de concerto da roupa da sacristia | $960 |
| | 31$601 |

R.º 31$601 G.º o m.º

Em o primeiro de (bro de 1777 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º trinta e hum mil, e seiscentos e hum real, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

*Fr. João* *o Prezidente* *Fr. Luiz*

*Fls 58 verso no original*

| | |
|---|---|
| P. que se pagou ao Escrivam do resto do ..... que se..... do Legado de Gaspar de Amorim | $2.. |
| P. quatro libras de cera p.ª os Santos da Ordem a 696-2$780 | 2$780 |
| P. vinho que se pagou ao Cavalb... que se lhe devia p.ª missas | 2$550 |
| P. sinco canada e meya de vinho para missas a 840 4$620 | 4$620 |
| P. duas libras de incenso a 400 | $800 |
| P. vinte e seis libras de cera para missas a 696 | 18$096 |
| P. trez libras de cera para as festas da Mata | 1$302 |
| P. dous Brandoens p.ª o *Snr Bispo e General* | 2$784 |
| P. feitio de reformar oito libras, e meya de cera a 0 reis | $425 |
| P. farinha para hostias oito libras a 120 | $960 |
| P. dr.º ao Pintor de dourar os dous Brandoens | $640 |
| P. duas folhinhas para o coro e Sacristia | $320 |
| P. sete peças de Bertanha para toalhas dos altares com avanço e d.º | 15$387 |
| P. huma pessa de Bertanha de França para o Lençol do senhor morto por se furtar o outro | 5$847 |
| P. duas varas e meya de Cambraia para abanhar o dito a dous *milr.* | 5$000 |
| | 62$446 |

R.º do Dep.º 62$446 G.º o m.º

Em 20 de Fevro de 1778 tomando contas a este L.º do G.º da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º secenta e dous mil quatro centos e quarenta e seis reis, e haver gasto o m.º, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. João* *O Prezidente* *Fr. Luiz*

Declaramos que se deo ao Mestre *entalhador Simão,* que fez a obra de N. Snra do Pilar, cento e trinta mil réis de cuja quantia ficam abonados secenta milreis, que se recebeu em dr.º contado a fl. 48 deste Livro, e os setenta se lhe *pagou em hum negro* que elle pedio ao Padre Procurador que lhe tirasse (?) da Companhia em

preço de sententa mil reis cuja quantia esta abonada *no Livro da mordomia* a fls 126, por se comprar juntamente com mais quatro escravos para o Mostr.º

O Presidente.

*1778/79*

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | quatro pares de galhetas a pataca | quatro patacas | 1$280 |
| P. | tres canadas de vinho para missas a dous cruzados, dous mil e 400 | | 2$400 |
| P. | quatorze libras de cera a seis centos, e seicenta e seis, 9$324 | | 9$324 |
| P. | dr.º da *Muzica da Cesta de S. Bt.º*, seis mil e quatro centos | | 6$400 |
| P. | Jornal ao *Pintor de encarnar o st.º Cristo do* capitulo — 12$640 | | 12$640 |
| P. | hum xicote de barbantes para encadernar os missaes doze vintes | | $240 |
| P. | duas libras *de Resina* para os ditos oit.ª reis | | $080 |
| P. | huma pasta grossa para encadernar os cadernos da sacristia 240 | | $240 |
| P. | trez arrobas e meya de cera para o sepulcro, a 615, 68$880 | | 68$880 |
| P. | carreto da dita da Comp.ª p.ª a Casa, e da caza p.ª | | $060 |
| P. | sinco libras de cera para o sirio Paschoal a 666, tres mil e 330 | | 3$330 |
| P. | quatorze velas e meya libra p.ª tocheiras amarelas com 7 libras e meya, a pataca a libra dous mil quatrocentos | | 2$400 |
| P. | mais duas velas de meya libra para tocheiras | | $6.. |
| P. | oito libras de farinha para hostias tres patacas | | $960 |
| | | | 108$900 |

(*Folhas 59 verso no original*)

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | refazer oito libras de cera que quebrou o negro a 50 reis a libra | | $400 |
| P. | duas Palmas para *o Sr. Bispo e General* | | 6$200 |
| P. | tres varas e meya de fita para as ditas a 1600 | | 5$600 |
| P. | quatro folhas de lata hum cruzado | | $400 |
| P. | huma onça de vermelhão para as rozas meya pataca | | $160 |
| P. | oito libras de farinha para hostias, digo de cera em quarto a 666 | | 5$380 |
| P. | seis patacas para os missaes oitocentos e secenta | | $860 |
| P. | dr.º aos Muzicos da Semana Santa, vinte e oito milréis | | 28$000 |
| P. | quatro couros para encadernar os missaes a 240 tres patacas | | $960 |
| P. | oito varas de fita para os missaes encadernados, a 60 rs, hum selo | | $480 |
| P. | seis varas de renda p.ª hua toalha de Comunhão a 400 rs, dous mil 400 | | 2$400 |
| P. | tres canadas de vinho branco para missas a 750, dous mil e 250 | | 2$250 |
| P. | tinta para os Missaes, e cadernos huma pataca | | $320 |
| P. | seis tranquilhas de retroz p.ª os missaes a 160, tres patacas | | $960 |
| P. | vinte e quatro botoens para os ditos a 29 hum selo | | $480 |
| P. | seis varas de fitas para os missaes velhos a 40 doze vintens | | $240 |
| P. | huma pasta para hum caderno da sacristia doze vts | | $240 |
| P. | seis varas de renda para outra toalha de comunhão a 400 rs — 2$400 | | 2$400 |

P. huma peça de Bertanha p.ª amitos oito patacas 2$560
P. retroz para concerto do frontal do ..... oitava $080
P. duas cartas de alfinetes duzentos reis, e mais duas outras 200 $400
P. mais retroz doce p.ª os Anjinhos quatro, patacas 1$280
P. feitio de dourar as piramides do Relogio $640
P. quatro peças de cordas p.ª o sepulcro $120
P. *agoa de Cordova* para quinta feira mayor meya pataca $160
P. concerto da cortina das Angustias oit.ª reis $080
P. tinta para tingir as escafas do descendimento $340
P. pregos para o sepulcro trezentos e quarenta $340

63$650

*Folhas 60 no original*

P. feitio de 300 sanguinhos, 22 manustergios e 7 toalhas de altarlinho 1$440
P. feitio de 6 mezes de corporaes e doze amitos de pano de linho 1$680
P. onze varas de renda larga p.ª duas toalhas de Altar mor, a saber, sinco e meya a desoito vintens, e as outras a pataca — 3$740 3$740
P. mais 7 varas, e huma terça de renda p.ª 2 toalhas de altar lateral 1$760
P. mais 12 varas p.ª tres toalhas pequenas de altar a 200, — 2$400 2$400
P. mais 4 varas para outra toalhas a 140, quinhentos e seceta $560
P. mais 8 varas para duas toalhas pequenas de altar a 190, mil e 520 1$520
P. feitio de des toalhas, e sete sanguinhos, 12 amitos, e hu corporal 4$120
P. . e seis varas de renda estreita p.ª 12 amitos a oitenta reis, 2$880 2$880
P. sinco varas e meya de renda p.ª o corporal fino a 185 a vara, mil 15 1$015

21$115

R.º 193$665 — g.º o m.º

Em 10 de Mayo de 1778 tomando contas a este 1.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º cento e noventa e tres mil seiscentos e secenta e sinco, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. Jozé* *O Prezidente* *Fr. Luiz*

P. dr.º do feitio de huma toalha de comunhão $200
P. dous curos de cabra para encadernar dous missaes hum selo $480
P. tinta para os ditos $..
P. cuatro ataques femeas meya pataca $160

1$...

*(Folhas 60 verso no original)*

P. hua aroba e treze libras de cera a 666 a libra — 29$970 29$970
P. duas libras de incenso a cruzado-dous cruzados $800

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | duas canadas de vinho branco a 750 | | 1$500 |
| P. | oito libras de farinha a 120 tres patacas | | $960 |
| P. | hua duzia e meia de botoens p.ª os missaes a 40 rs, uma meada de linha | | $800 |
| P. | 2 taboas p.ª húia caixa a 660 — e que se deu a custureira 280 | | 1$600 |
| | | | 35$630 |

R.º
45$630
———
g.º o m.º

Em 7 de Junho de 1778 tomando contas a este livro do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º quarenta, e sinco mil, seis centos e trinta, e haver gasto o mesmo, nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. João* *O Prezidente* *Fr. Luiz*

*Triennio do N. M. R. Pe. Dom Abbade Fr. Miguel Arcanjo*

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | seis quartos e meyo de vinho mil trezentos des | | 1$310 |
| P. | concerto de hum esquixo duzentos e quarenta | | $240 |
| P. | tres canadas e hum quarto de vinho branco para as missas | 4$150 | 4$150 |
| P. | nove libras de farinha de trigo para hostias, mil e oitenta | | 1$080 |
| | | | 6$780 |

*Fls 61 no original*

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | 63 libras de cera para a scristia, trinta mil, quatrocentos 68 | | 30$468 |
| P. | huma libra de incenso quatrocentos reis | | $400 |
| P. | tres canadas de vinho para as missas, dois mil seiscentos e 30 | | 2$630 |
| P. | seis libras de farinha para as hostias nove centos e secenta | | $960 |
| P. | huma carta de alfinetes cento, e quarenta | | $140 |
| | | | 34$598 |

R.º do D.º
41$378
———
g.º o m.º

Em 28 de 7bro de 1778 tomando contas a este 1.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º o padre Sacristão mor quarenta e hú mil trezentos e setenta e oito, e haver despedido o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra.

*Fr. João* *O D. Abbade*

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | huma sentença de quitação de húma capela de missas 1$666 | | 1$666 |
| P. | 11 canadas de vinho branco para as missas a 750 | 8$250 | 8$250 |
| P. | duas libras de incenso para a sacristia oitocentos | $800 | $800 |
| P. | dous paens de sera com 135 libras secenta, e sinco mil e 110 | | 65$110 |
| P. | feitio *de duas pedras para se sagrarem* quinhentos e secenta | | $560 |

| | | |
|---|---|---|
| P. limpar a cruz dos Subdiaconos trezentos e secenta | $360 | $360 |
| P. concertar o Baculo de S. Bt.º, e o limpar duas patacas | $640 | $640 |
| | | 77$386 |

(*Fls 61 verso no original*)

R.º do Dep.º
77$386
———
g.º o m.º

Em o primeiro do Janr.º de 1778 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º setenta e sete mil, trezentos oitenta e seis, e gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. João*

| | | |
|---|---|---|
| Pelo que dei a Paulo para frete da canoa em que foi ao Recife | | $400 |
| Pelo que custou hú novelinho de fio de algodão para fazer rolo | | $400 |
| Por húa perneira para a sacristia hum sello | | $480 |
| P. meya quarta de alfinetes para a sacristia quatro vintens | | $080 |
| Pelo concerto de hú cadeado da sacristia sete vintens | | $140 |
| P. hostias *a Freyra Benta* dous vintens | $040 | $040 |
| P. fio de algodão para rolo 440 | | $440 |
| Por a metade de meyo quarto de vinho para missas hú tostão | | $100 |
| Por meya quarta de incenso para o oficio meyo tostão | | $050 |
| Por 4 quartas de alfinetes *para a essa do oficio da irmã* do Snr Governador a 120 rs cada huma | | $480 |
| Por. balaust.. da Igreja ao Marcineiro e fretes, 4$350 | | 4$350 |
| Por vinho para as missas | | $780 |
| Por retroz para concertar os ornamentos 200 | | $360 |
| Por huma folhinha para a Sacristia meya pataca | | $160 |
| Por hum covado damasco branco para concertar ornamentos | | 2$080 |
| Por 3 covados de tafeta branco para veos de caliz a 540 | | 1$620 |
| Pelo frete da canoa, em que veio o vinho e farinha de hostias do Re | | $020 |
| | | 11$160 |

(*Fls 62 do original*)

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. huma libra de Incenso quinhentos e secenta | | | $560 |
| P. hum frasco de v.º para missas, e mais hum quarto de v.º | | | $700 |
| P. farinha para hostias 6 libras a 780 | | | $780 |
| Por vinho de missa quarto e meyo sete centos | 700 | | $700 |
| Por farinha para hostias 6 libras sette centos e vinte | | $720 | $720 |
| | | | 3$460 |

R.º do Dep.º
14$620
———
Gt.º o m.º

Em 28 de Fevr.º de 1779 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º quatorze mil, seis centos, e vinte, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra.

*Fr. João*

Trienio pass.º
R.º do Dep.º
1:897$829
———
gasto o mesmo

O Dr. Fr. Alexandre da Purificação (Vieira?) jubilado na Sagrada Theologia Provincial da Ordem de S. Bento nesta Provincia do Brazil com o nosso Vice compr.º o Dr. Jub. fr. Manoel de S. Joze Simoens vizitando nós este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este L.º do gasto do Padre Sacristão Mor achamos haver recebido do Dep.º no trienio passado hum conto oito centos e noventa e sete mil oito centos e vinte e nove, e haver gasto o mesmo.

*1779/80*

Trienio prezente

R.º do Dep.º
133$384
———
G.º o m.º

E no trienio prezente haver recebido do dep.º cento e trinta e trez mil trezentos e oitenta e quatro; e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º, 28 de Fevr.º de 1779

O Mestre Fr. Alexandre da Purificação
Provincial O Dr. Fr. Manoel de S. Jozé Simões
Vice Compr.º

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | hú quarto de v.º para missas | | $200 |
| P. | 6 varas de cadarço de linho para as cortinas a 30 rs a vara | | $180 |
| P. | Muzica da noite do Natal | | 8$000 |
| P. | 1 frasco de v.º para missas | | $280 |
| P. | 1 libra de incenso para a sacristia hú cruzado | $400 | $400 |
| P. | 4 arrobas e meya de cera para o sepulcro a 490 | | 70$560 |
| P. | mais duas arrobas ditas em pão a 390 | | 24$960 |
| P. | carreto da dita de hir *buscar a Boa Vista* | | $300 |
| P. | Muzica de S. Bento *meya dobla* | | 6$400 |
| P. | *Muzica da Semana Santa* | | 22$840 |
| P. | feitio do sepulcro | | 12$000 |
| P. | molhadura, a quem o fez | | $640 |
| P. | farinha para hostias 12 libras a 140 | | 1$680 |
| P. | 4 mãos de papel para o sepulcro | | $400 |
| P. | enfeite das palmas | | $640 |
| P. | 14 velas amarelas para o *candieiro das Trevas* a 240 | 3$360 | 3$360 |
| P. | 6 libras e meya de velas em quarta para as missas a 560 | | 3$640 |
| P. | velas de libra para a festa de S. Bento a 560 | | 3$360 |
| | | | ——— |
| | | | 159$920 |

R.º do Dep.º 159$920 ——— e g.º o mesmo

Em 3 de Junho de 79 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º sento e sincoenta, e nove mil, novecentos e vinte reis, e haver gasto o mesmo. — nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

*Fr. João* *D. Abbe* *Fr. Mauro*

| | |
|---|---|
| P. húa salva grande de prata para a sacristia com 4 libras e 28 oitavas de prata a 150 setenta, e sinco mil, e 310 | 75$310 |
| P. hua libra de incenso hú cruzado | $400 |
| P. húa libra de fio para rolos hú tostão | $100 |
| Pela Muzica do dia dos ossos do Patriarcha | 4$000 |
| | 79$810 |

(*Fls. 63 no original*)

R.º do Dep.º 79$810 ——— G.º o m.º

Em 17 de Setb.º de 1779, tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do dep.º setenta e nove mil, oitocentos e dez reis, e haver gasto o mesmo. Enesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

| | | |
|---|---|---|
| P. 8 libras de farinha para hostias a 110 | | $880 |
| P. 5 varas de fita para hú missal a 100 | | $500 |
| P. duas varas da dita para hú Breviário a 50 rs | | $100 |
| P. 2 varas e meia de ruão amarello por hua cazula a 240 | | $600 |
| P. meya oitava de retroz | | $400 |
| P. Pela *Muzica do Off.º dos defuntos da Ordem* | | 4$000 |
| Pela *muzica* do Officio *da May do Snr Bispo* | | 16$000 |
| P. frete de canoas para conduzir os estrados para o dito oficio | | 1$400 |
| P. 10 velas de libra a 390 | | 3$900 |
| Por que se deo a 6 muzicos do Coro da Sé para assistir ao d.º oficio | | 1$920 |
| P. dr.º ao armador do tumulo | | $640 |
| Por 10 libras de farinha para hostias a 160 | | 1$600 |
| P. 1 libra de incenso | $400 | $400 |
| P. 4 brandoens com 2 libras cada hum a 500 | | 4$000 |
| P. 202 varas de possanane para o *tumulo da May do Sr. Bispo* a 50 | | 10$100 |
| P. 189 varas de galão (falso?) para o dito | | 7$960 |
| P. 4 tochas com 3 libras e meia cada huma a 520 | | 7$280 |
| P. aluguel de do brandonens para o mesmo oficio | | 1$000 |
| P. 4 libras de cera que os ditos gastaram a 520 | | 2$080 |
| P. 2 duzias de rezistos para *o anno de 1780* | | $400 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | *Pela muzica, e organista* que tocou na noite de Natal | 12$000 |
| P. | hua libra de Incenso, 400-8 libras de farinha a 100-fio para | $900 |
| | | 18$100 |

(*Fls 63 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | hu libra de incenso | $400 |
| P. | brandoens para o Sr. Governador e Sr. Bispo dia das candeias | 2$240 |
| P. | ouro e tinta para os pintar | $200 |
| P. | 10 cartas de alfinetes a 100 | 1$000 |
| P. | 5 covados de ruão preto para sintas para os esquifes dos religiozos a 240 | 1$200 |
| P. | dous quartos de v.º para missas, sendo hú em fevr 79 | $380 |
| P. | concertar e limpar o Diadema de S. Bt.º, e hú turibulo | $320 |
| P. | tintas, e feitio das rozas, e palmas do Sepulcro | $640 |
| P. | duas folhas e meya d elata p.ª o Sepulcro | $800 |
| P. | fio de algodão para rolos | $220 |
| P. | 4 libras de malacaxeta para as palmas | $240 |
| P. | 4 mãos de papel p.ª rozas do serpulcro | $400 |
| P. | Linhas e retroz para as capas | $040 |
| P. | 5 libras e meya de sera | 3$020 |
| P. | 1 .ucat. p.ª o sacristão | $100 |
| P. | hum aparad... | $040 |
| P. | 1 Breviario | 1$920 |
| P. | 6 arrobas de sera de 4.ª a 400 | 77$800 |
| P. | 4 arrobas de cera de libra a 400 | 51$200 |
| P. | 2 arrobas e meya libra a 400 vinte e cinco mil seiscentos | 25$600 |
| | | 167$760 |

R.º do Dep.º
245$860

g.º o m.º

Em 22 de Fevr.º de 1780 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º duzentos e quarenta e cinco mil oitocentos e sessenta reis e haver g.º o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra

*Fr. João* *D. Abe.* *Fr. Luiz*

(*Fls 64 no original*)

R.º do Dep.º
485$990

G.º o m.º

O Dor Fr. Manoel de S. Joze Simões Jubilado na Sagrada Theologia Vizitador comissario do N. Rmo Pe. Me. Proval o Dr. Fr. Alexandre da Purificação Vieira, com o nosso compr.º o P. Pr. Jub.º Fr. João Bautista de S. Gertrudes, vizitando Nós este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este L.º do g.º da Sachristia, achamos haver recebido do Dep.º quatro centos, e oitenta e cinco mil, no-

vecentos e noventa, e g.º o mesmo, e nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mostr.º de Olinda, 22 de Fevr.º de 1780.

Fr. João Bautista de S. Gertrudes — Compr.º

Fr Manoel de S. Jozé Simões — Vizitador

| | | |
|---|---|---|
| P. | 50 varas de linho para as toalhas do Lavapés | 13$610 |
| P. | feitio das ditas toalhas a 140 | $840 |
| P. | 4 cartas de alfinetes para a Semana Santa a 100 | $400 |
| P. | hua libra de incenso | $460 |
| P. | dous vintens de enxofre para ... | $040 |
| P. | 14 velas amarellas para o candr.º da Semana Santa a 420 a libra | 2$940 |
| Pela Muzica da Semana Santa | | 28$000 |
| P. | hua libra de fio para rolos | $200 |
| P. | tintas e papeis etc | $.80 |
| Pela Muzica de S. Bt.º | | 6$400 |
| P. | meya arroba? de farinha para hostias | $... |
| P. | feitio de huma Mitra simples | .$... |
| P. | dr.º ao *organista* no dia da Ascenção | 2$... |
| P. | covado e meyo de Damasco branco para huma Mitra simples a 1880 | 2$880 |
| P. | hú covado e meyo de tafeta carmezim para forro da dita a 600 | $900 |
| P. | meyo covado de setim para *dous solideos* | $... |
| P. | feitio de dois solideos a 400 | $800 |
| P. | hu covado de Damasco para concerto de hua cazula | .$... |
| P. | duas canadas e meya de vinho para as missas a? | .$... |
| P. | hua libra de incenso | $... |
| P. | duas canadas e hu coartilho de vinho a? | .$... |
| | | 65$2.. |

*Fls 64 verso no original*

| | | |
|---|---|---|
| P. | camurça para forrar dous solideos huma pataca | $320 |
| P. | 10 libras de sera a 560, sinco mil e seiscentos | 5$600 |
| | | 5$920 |

R.º do Dep.º 75$190 — gasto o mesmo

Em 14 de Agosto de 1780 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º settenta e sinco mil cento e noventa, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

O D. Abbe

Triennio do N. M. R. Pe. Me. Fr. Manoel de S. Jozé Simões

| | | |
|---|---|---|
| P. | duas canadas e meya de vinho para missas a 880, e oito a 800 | 8$600 |
| P. | tres libras de incenso a 400 | 1$200 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | fio p.ª rolo 100 e 6 varas de fita p.ª os Breviarios do coro 240 | | $340 |
| P. | hum *ornamento verde, e roxo* de xamalote, com bolça, tres veos br. verde e roxo *para o Certão* | | 17$370 |
| P. | hua peneira p.ª as hostias 320-e hua aparadeira p.ª fazer hostias | | $480 |
| P. | duas libras de farinha para hostias a 80 | 160 | $160 |
| P. | meya arroba de farinha para hostias a 60 reis | | $960 |
| P. | hum par de galhetes de vidro | | $600 |
| P. | 24 *rezistos para o dia de Janeiro* | | $320 |

*1781*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Por | 3 libras de incenso | | 1$200 |
| P. | 4 brandoens com 9 libras a 560 | | 5$040 |
| P. | varias coalidades de tintas para pintar o retabulo | | 3$880 |
| P. | cola para a dita pintura | | $520 |
| P. | feitio ao Pintor | | 5$000 |
| P. | 4 tigelas de vidro para lavatorios a 80 reis | | $320 |
| | | | 44$.60 |

(*Fls 65 no original*)

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | 34 libras de cera a 560 | | 14$560 |
| P. | feitio de huá aroba de cera a 50 reis a libra | | 1$600 |
| P. | . livro de ouro para dourar o painel do Bispo de Arcopolis, e o relogio do Sol | | $560 |
| P. | *pastilhas para a noite de* Natal | | $.60 |
| P. | dr.º aos Muzicos da Noite do Natal | | 8$000 |
| P. | concerto de Ambula pequena, e a Lampada | | $160 |
| P. | 5 cartas de alfinetes a 100 | | $500 |
| P. | dous Brandoens p.ª o Bispo, e Governador dia das candeias com quatro Libras, e hua quarta a 560 | 2$380 | 2$380 |
| P. | dr.º a lavandeira da roupa da sacristia | | $480 |
| P. | oito libras de farinha para hostias a 100 | | $800 |
| P. | quinze libras, e huma quarta de cera para as missas a 560 — 8$550 | | 8$550 |
| | | | 38$... |

R.º do Dep.º 82$610

gt.º

o mesmo

Em 6 de Março de 1781 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º oit.ª dous mil. seis centos e dez reis, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. Miguel*

| | | |
|---|---|---|
| P. | huma canada de vinho para as missas | $7.. |
| P. | hua libra de incenso a 400 | $400 |
| P. | Pastilhas para a festa de N. Patriarcha meia pataca | $160 |
| P. | Muzica para o dia de S. Bento oito milreis | 8$000 |
| P. | timbales, e tromas para o mesmo dia sete patacas | 2$240 |
| P. | duas arrobas de cera para o Sepulcro a 600 — quarenta e oito | 48$000 |
| P. | huma arroba de cera para o sepulcro a 560 | 17$9.. |
| P. | vinte libras de cera em quarta para as missas a 560 — 11$200 | 11$200 |
| P. | 14 velas amarelas para o candieiro a pataca libra | 2$240 |
| P. | 5 libras de cera em velas de meya libra a 600 — tres mil reis | 3$000 |
| | | 93$... |

(*fls 65 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | tanto... para pintar papeis p.ª o sepulcro qutr.º mil e 185 | 4$185 |
| P. | 12 folhas de ..... para o sepulcro a 80 reis, tres patacas | $960 |
| P. | um livrinho de oiro p.ª palmas 80, e outro de prata para as mesmas 40 | $120 |
| P. | sete canadas de vinho branco para as missas a 750, cinco mil e 250 | 5$250 |
| P. | quatro tochas com 11 libras e meya de cera p.ª a Semana Sta a 600 | 6$900 |
| P. | pastilhas oitenta reis, e Beajuim secenta reis | $140 |
| | Pela Muzica da Semana Santa vinte e oito mil reis | 28$000 |
| | Por dous quartilhos *de vinho tinto para a Comunhão de 5.ª e 6.ª da Sem. Sta* | $360 |
| | Por duas canadas de vinho branco para as missas a 800 sinco patacas | 1$600 |
| P. | 18 libras de cera em 4.ª para missas a 600, dez mil oitocentos | 10$800 |
| P. | duas onças de vermelhão para pintura dos Apostolos p.ª .....1 pat. | $320 |
| P. | alvaiade fino para os ditos meia pataca | $160 |
| P. | Muzica do dia dos Ossos quatro milreis | 4$000 |
| | | 62$795 |

(*Fls 66 do original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | tintas para os paineis do ..... trezentos reis | $300 |
| P. | duas cartas de alfinetes duzentos | $200 |
| P. | 3 libras de farinha para hostias a 120 reis trezentos e secenta | $360 |
| P. | 9 libras de cera para as missas a 660, sinco mil e quatrocentos | 5$400 |
| P. | húa quarta de alvaiade fino para os paineis seis vintens | $120 |
| P. | duas canadas de vinho para as missas a 800 | 1$600 |
| P. | dus resmas de papel inferior para o sepulcro a 1000, dous milreis | 2$000 |
| P. | húa Imagem de Cristo com sua cruz para o altar da Sanzala | 4$000 |
| P. | húa colxa de xamalote franjada por preço de sette mil e quinhentos | 7$500 |
| P. | hú mrtelo meya pataca | $160 |
| | | 21$640 |

R.° do Dep.° 178$345 — G.° o mesmo

Em 22 de 8bro de 1781 tomando contas a este L.° do G.° da Sacristia achamos haver recebido do Dep.° cento e settenta e oito mil, trezentos quarenta e sinco, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. João* *Fr. Miguel*

| | | |
|---|---|---|
| P. | meya arroba de farinha para hostias a 100 rs | 1$600 |
| P. | coatro brandoens com oito libra de cera a 609, quinze patacas | 4$800 |
| P. | seis libras de cera em coarta a seis tostoens, tres mil, seiscentos | 3$600 |
| P. | húa canada de vinho para missas tres patacas | $960 |
| P. | recistos para o *dia de ANNO BOM* trezentos e secenta — Muzica Natal | 8$360 |
| | | 19$320 |

*1782/83*

(*Folhas 66 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | tres canadas de vinho para missas a tres patacas, 9 patacas | 2$880 |
| P. | dous vidros para a lampadas a 120 rs doze vintens | $240 |
| P. | dous Brandoens de cera Para o Snr Bispo, e General dia das Candeias com 4 libras a 560 | 2$240 |
| P. | dous livros de ouro para os doirar meya pataca | $160 |
| Pela | Muzica dia de S. Bento oito milreis | 8$000 |
| P. | 10 folhas de lata p.ª o sepulcro a 80 dous cruzados | $800 |
| P. | pstilhas, meya pataca, e duas cartas de alfinetes meya pataca | $320 |
| P. | húa terça de escomilha para o capelo da Snra das Angustias, 420 | $420 |
| Pela | *Muzica da Semana Santa* vinte e oito milreis | 28$000 |
| P. | dous livros de ouro p.ª as palmas e vermelhão para as rozas, | $320 |
| P. | duas libras de far.ª a 120, e quatro a 100 rs para hostias | $640 |
| P. | Lavagem de roupa da sacristia duzentos e noventa | $290 |
| P. | duas canadas de vinho a 128 oito patacas | 2$560 |
| P. | 6 libras e meya carta de fio p.ª a corda da lampada a 320 — 1$960 | 1$960 |
| P. | coatro canadas de vinho a 112, quatro mil quatrocentos e oit.ª | 4$480 |
| P. | sete libras de velas amarelas para o candiciro da Semana Sta | 2$240 |
| P. | feitio do cerio com 8 libras a 50 rs, hú cruzado | $400 |
| P. | oito libras de gesso p.ª aparelho de hús *ramalhetes do capitulo*, e Santo Amaro a 60 reis hú selo | $480 |
| P. | húa arroba de incenso vindo de Portugal a 150 a libra, 4$800 | 4$800 |
| P. | *hu cunhete* com quatro arrobas de cera em velas de libra 385 (?) | 49$280 |
| P. | ..... do cunhete, e pregos trezentos e quarenta | $340 |
| P. | outro s.° com quatro arrobas em velas de libra a 385, 49$280 | 49$280 |
| | | 164$1.. |

(*Folhas 67 no original*)

P. custo do caixão, e pregos trezentos e quarenta $340
Por *tres cunhetes* com loza .....cera em velas de.... e meya libra
Cento e quarenta e sete mil oitocentos e quarenta 147$840
P. custo dos caixoens, e pregos mil e vinte 1$020

149$200

R.º do Dep.º 332$650

g.º o mesmo

Em 19 de Julho de 1782 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia, achamos haver recebido do Dep.º trezentos e trinta e dous mil, seiscentos, e sincoenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. Miguel*

Trien.º pass.º
R.º do dep.º
75$190

gt.º o m.º

Fr. Lourenço da Expectação Valadares D. Abbe Proval da Ordem de S. Bt.º nesta Provincia do Brazil, com o nosso Compr.º o Preg. Fr. João de Sta Maria Egypciaca vizitando noz este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando conta a este L.º do G.º da sacristia, achamos haver o Padre Sacristão Mor recebido pelo depozito da vizita passada athê o fim de .... setenta e sinco mil cento e noventa reis e haver g.º o mesmo, — e no prezente .... haver recebido do mesmo depozito quinhentos e noventa e tres mil seis centos e sinco reis, e haver gt.º o mesmo: e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º, 20 de Julho de 1782

Trien.º prez.
R.º do Dep.º
593$605

Gt.º o m.º

Fr. Lourç.º da Expectação Valadares
Proval

Fr. João de St.ª Maria Egypciaca
Compr.º e Secretario

P. ... de Cap... p.ª encarnar S. Sebastião de Mussurepe 80, e .....80 $160
P. meya oitava de flor de Anil 80, e quatro pinceis finos 80 $160
P. huma coarta de ..... 160, e meya libra de vermelhão 80 $240
P. quatro canadas de vinho para as missas a 1280 5$120
P. hum cento de preguinhos doirados p.ª o Cap... $100
P. Jarde fino para as pinturas das portas das tribunas $120
P. quatro libras de roxa terra para as mesmas $200
P. hum barril de vinho branco com 16 canadas para as missas 16$ 16$000
P. carreto do mesmo e frete da canoa 180, e hú par de galhetas de vidro $380
P. quatro brandoens com 8 libras para os oficios dos Santos 3$520
P. feitio de hua diadema de prata p.ª o Santo Xt.º do capitulo 3$520
P. quarenta duas oitavas de prata para a mesma diadema a 108 4$200
P. concertar o hisope grande de prata $480
P. RESISTOS PARA O DIA DE ANNO BOM (1783) $320

| | | |
|---|---|---|
| P. 5 cartas de alfinetes a 70 reis | | $350 |
| P. tres varas e meya de renda para húa Alva a quatrocentos reis | | 1$400 |
| Pela Muzica da Noite de Natal | | 8$000 |
| P. Pastilhas para a mesma noite | | $160 |
| P. oito libras de farinha para hostias a 90 reis | | $720 |
| P. dous brandoens p.ª o Snr Bispo, e General dia das Candeias com 4 libr | | 1$920 |
| P. ouro, e vermelhão, e anil para se pintar ditos | | $160 |
| P. oito folhas de lata p.ª a Semana ST.ª 640, | | $640 |
| P. húa vara de fita branca p.ª os sapatos dos Prelados qd.º pontifi. | | $080 |
| Pela muzica de S. Bento no anno de 1783 | | 8$000 |
| | | 55$960 |

*1783*

*(Folhas 68 do original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. Fimbales, e trompas para esse dia | | 2$240 |
| P. duas folhinhas para o Coro e Sacristia | | $320 |
| P. vermelhão p.ª as rozas 240, e pastilhas p.ª a Semana Santa | 200 | $440 |
| P 14 velas amarelas para as trevas a 320 a libra | | 2$240 |
| P. feitio de renovar 17 libras de cera a 50 reis | | $850 |
| P. dous brandoens p.ª a Semana Santa com 4 libras a 520 | | 2$080 |
| *Muzica da Semana Santa* no anno de 1783 | | 28$000 |
| P. tres meyas peças de cordas finas p.ª .... 90, e 8 libras farinha 800 | | $890 |
| P. concerto das *lucernas grandes,* e pequenas que *servem p.ª as missas* | | 1$920 |
| P. *dous milheiros de oiro* p.ª se dourar as portas das Tribunas, e seis ostensorios e St.º Amaro | | 20$000 |
| P. Húa libra de rolo p.ª os ostensorios ditos 160, 1 campainha grde para a Capela mor 2$400 | | $160<br>2$400 |
| P. Vermelhão hua onça p.ª o fosco dos ostensorios de St.º Amaro | | $160 |
| P. hua onça de gota p.ª o mesmo. 80, e hua libra de grude de luxo 300 | | $380 |
| Pela Muzica no dia dos Ossos no anno de 1783 | | 4$000 |
| P. feitio de reformar 39 libras de cera a 50 | | 1$950 |
| P. meya canada de vinho branco p.ª as missas | | $560 |
| P. vinte varas e meya de renda p.ª as alvas do Mostr.º a 180, | | 63$690 |
| P. dez varas ditas para as mesmas a 160, e 15 ditas p.ª toalhas a 80 | | 2$800 |
| P. feitio de oito toalhas a 100, e mais 2 toalhas a 120, | | 1$040 |
| P. feitio de mais duas p.ª comunhão a 30 rs, e feitio de duas alvas 960 | | 1$980 |
| P. numa terça de cambraya p.ª o capelo de Sta Gertrudes | | $395 |
| P. mais varas de renda p.ª toalhas a 140, mais 14 varas de.. p.ª alvas | | 1$520 |
| P. feitio de mais duas toalhas de Comunhão | | $060 |
| | | 81$... |

*(Folhas 68 verso no original)*

P. duas canadas e meya de vinho branco para missas a dez tostoens 2$500
P. húa .. bela de Damasco de oiro com seos galões de palhete 70$000
P. ouro que se comprou p.ª doirar huma cruz p.ª a fazenda de Jaguaribe $480

73$240

R.º do Dep.º 210$295 ——— gasto o mesmo

Em 9 de Agosto de 1783 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º duzentos e dez mil duzentos noventa e sinco, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas era ut supra

*O D. Abbe* *Fr. Miguel*

Fr. João de Sta Thereza França Exleitor de Theologia, Vizetador comissario do N. Rmo. P. Proval Fr. Lourenço da Expectação Tavares com o nosso compr.º o R. Pe Ex leitor Fr. Frsc.º Xavier Feijó, vizitando nós este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido, e dispensado o mesmo, que consta do termo supra, e nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de Olinda aos 11 de Agosto de 1783

Fr. Frsco Xavier Feijó
Compr.º

Fr. João de Sta Thereza França
Vizitador comissario

P. duas canadas e meya de vinho para as missas 2$400
P. quatorze libras de farinha para hostias a 100 1$400
P. quatro brandoens com oito libras de cera a 400 3$200

7$000

*(Folhas 69 no original)*

R.º do D.º 7$000 ——— g.º o mesmo

Em 13 de 8br.º tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver receb.º do Dep.º sete mil reis, e haver gasto o mesmo: e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. João*

Pelo que se pagou em dr.º de oitenta e hua missas que devia a Caza, e se pagou aos Religiozos,. quem se devia para ..... a sacristia a 200 reis 16$200

Pelo que se deixou em Depozito para se mandar dizer em missas em satisfação do Legado Manoel de Xaves de .... cazas na rua do

Janienses em que se ..... satisfaça conforme o rendimento recebido athê o anno de 1783 em que se averigou este emcargo 72$000

88$200

Em 13 de 8bro de 1783 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia, achamos; digo, e reformando o termo supra: achamos haver recebido do Dep.º oitenta e oito mil, e duzentos, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

R.º do Dep.º 88$200

g.º o mesmo

Fr. João O Prezidente

*1783/84*

*(Folhas 69 verso no original)*

*Trienio do N. M. Rd.º Pe. Pr. D. Abbe Fr. Miguel Arcanjo da Anunciação*

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | duas canadas de v.º p.ª as missas a 960, e canoa em q'veio o garaf. 20 | | 1$940 |
| P. | oito canadas de vinho p.ª missas a 960 | | 7$680 |
| P. | duas cartas de alfinetes a 100 | | $200 |
| P. | meya arroba de cera 12 velas de libra e meya | | 4$025 |
| P. | quatro libras de farinha p.ª hostias, digo 6 libras | | $640 |
| P. | quatro libras de cera em quarta | | 1$440 |
| P. | mais quatro libras em quarta. | | 1$440 |
| P. | 28 rezistos a 30 reis para Anno Bom 1784 | | $840 |
| P. | feitio de 12 velas de lib. seis tostoens | | $600 |
| P. | duas oitavas de retroz amarelo 160, e 6 folhas de lata a 80 rs | | $640 |
| P. | húa faca 60 rs, e mais duas oitavas de retroz para concerto | 160 | $220 |
| P. | 34 velas de meya libra | | 8$160 |
| P. | mais 20 velas de quarta | | 2$400 |
| P. | duas oitavas de retroz p.ª concertos 160, e duas libras de cera | | 1$120 |
| P. | feitio de 12 libras, e de meya libra | | 1$000 |
| P. | 5 libras de quarta, e 1 de meya libra | | 3$840 |
| P. | cento, e trinta, e sette velas de libra, e 8 brandões | | 54$880 |
| P. | concerto de hú anel duas patacas, e por rol. p.ª cinr.. dois vintens | | $680 |
| P. | hú ferro de engomar duas ptas e por retroz amarelo p.ª concertar 80 | | $720 |
| P. | pastilhas p.ª a Semana St.ª 160, e por duas velas de meya libra 480 | | $640 |
| P. | húa libra de cera em 4.ª 960, | | |
| P. | 20 velas de meya libra, e 40 de quarta | | 9$600 |
| | *(Folhas 70 no original)* | | 103$565 |
| P. | condução a cidade | | $040 |
| P. | vermilhão, oiro e tinta amarela, 140, e reforma do cirio paschoa 2$480 | | 2$620 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | dinheiro ao *Escultor Gregorio* p.ª madeira das Imagens | 20$000 |
| P. | tinta p.ª velas, carreto, e frete 140, dnr.º p.ª Freyra fazer hostias 640 | $780 |
| P. | Muzica da noyte de Natal | 8$000 |
| P. | Muzica da Festa de N. P. S. Bt.º | 8$000 |
| | | 39$740 |

R.º do Dep.º
143$305

g.º o m.º

Em 26 de Abril de 1784 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos aver recebido do Depozito cento e quarenta e trez mil, trezentos e sinco. E haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. Manoel*

| | | |
|---|---|---|
| P. | Muzica da Sem.ª Sta de 1784 vinte e oito milrz | 28$000 |
| P. | 4 canadas, e 2 quartos de v.º para missas a 1$000 | 4$500 |
| P. | 4 velas de Libra a 320, e trez brochas p.ª o pintor 90 | $410 |
| P. | reforma de huma e meia arroba de cera q'sobejou Semana Santa a 50 rs | 2$400 |
| P. | tintas q'se comprarão p.ª reformar os paineis *do capitulo* 520 | $520 |
| P. | hu livro de ouro q'se entregou ao Pintor, mil oit.ª | 1$080 |
| P. | mais tintas, a saber, maquim, cr... estilado, lacre e diferente para os paineis do Capitulo 360 | $360 |
| P. | frete da canoa ao Feliz 40, e 2 duzias de pinceis p.ª o Pintor 400 | $440 |
| Por dnr.º | ao *M. Agostinho organeiro por hú realejo novo* oitocentos milrs digo *oitenta milreis* | 80$000 |
| | | 119$15. |

(*Folhas 70 verso no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | meya oitava de flor de anil 100 reis | $100 |
| P. | muzica na festa dos Ossos quatro milreis | 4$000 |
| P. | duas canadas e hum quarto de vinho para missas a 960 | 2$160 |
| | | 6$260 |

R.º do Dep.º
125$410

g.º
o m.º

Em 19 de Julho de 1784 tomando conta a este L.º do G.º da sacristia, achamos haver receb.º do Dep.º cento, vinte e sinco mil, quatrocentos e dez reis, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, dia, e era ut supra.

*Fr. Manoel* *O D. Abbe*

O Me Fr. Manoel de S. Paio Proval da Ordem de S. Bt.º do Brazil com o nosso compr.º o M. R. Pe Preg. Fr. Bento de S. Joze Vie-

Trienio pass.º
95$200

g.º o mesmo

Trienio prezente
268$715

g.º o mesmo

gas, vizitando nós este nosso Mostr.º de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da sacristia achamos haver recebido do Dep.º desde a vizita passada athe o fim do Trienio noventa e sinco mil e duzentos, e haver gasto o mesmo — E no prezente Trienio haver recebido do Dep.º duzentos e secenta, e oito mil, sete centos e quinze, e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mostr.º de Olinda em 21 de Julho de 1784.

Fr. Manoel de S. Paio
Proval

Fr. Bento de S. Joze Viegas
*Compr.º e Secretario*

*1784/85*

(*Folhas 71 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | coarto de pozes pretos p.ª o forro da Igreja duzentos e oit.ª | $280 |
| P. | de ouro p.ª a d.ª obra quatro vintens | $080 |
| P. | carriteis p. as tribunas da Capella mór duas patacas | $640 |
| P. | farinha para ostias duas patacas e hum tostão | $740 |
| P. | que se deu para preparos de se tingir as cazulas pretas doze t. | 1$200 |
| P. | sinco oitavas de retroz amarelo para concerto das cazulas a 100 | $500 |
| P. | ingredientes para se tingirem os Damascos das cazulas oit.ª rs | $080 |
| P. | tintas para se fa.. icar hum pouco de oleo grauxo | $120 |
| P. | hua pedra para moer tinta hum tostão | $100 |
| P. | tintas que pedio o pintor a saber verdaxo Jal.... escuro, 5 pat | 1$600 |
| P. | duzentos rezistos oitocentos e sincoenta | $850 |
| | | 6$790 |

R.º do Dep.º
6$790

gt.º o mesmo

Em 22 de Dezbro de 1784 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º seis mil setecentos e noventa, e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

*Fr. João* *O. D. Abbe*

| | | |
|---|---|---|
| P. | pastilhas para a noite de Natal meya pataca | $160 |
| P. | Muzica do Natal no anno de 84, oito mil | 8$000 |
| P. | hum brandão de 2 libras para os oficios dos defuntos da Igr.ª e Ord. | $800 |
| P. | 7 libras de farinha do Reino p.ª hostias a 120 | $840 |
| P. | 4 brandoens para o sipulcro da Semana St.ª, tres mil e duzentos | 3$200 |
| P. | duas cartas de alfinetes p.ª o Sepulcro, dous tustoens | $200 |
| P. | 5 folhas de lata para o dito a oitenta reis hum cruzado | $400 |

P. reforma do sirio que levou 6 libras e tres quartos a 720 — 4$500 4$500
P. Muzica da Semana St.ª de 85, vinte e oito milrs 28$000
P. que paguei pela Muzica do Patriarcha, oito mil 8$000
P. que se pagou ao *Escultor Gregorio* pelo resto que se lhe devia das Imagens novas *de S. Gregorio, e Sta Escolastica*, sincoenta e 5 55$000

(*Fls 71 verso no original*) 109$100

P. que se deu *ao Tellis p.ª* comprar pozes pretos, e fezes de ouro. $320
P. mais ao d.º p.ª 16 libras. a cento e oitenta dous — 1$880 1$880
P. mais ao dito p.ª varias tintas p.ª as lunetas 120. e mais tinta 200 $320
P. mais ao d.º p.ª varias tintas, mil quatrocentos e quarenta 1$440
P. meya arroba de pelica p.ª cola a 180, dous mil, oito centos e oit.ª 2$880
P. meya aroba de geço Matte seis tostões $600
P. duas folhinhas para o Coro, e Sacristia hua pataca $320
P. hum brandão de 2 libras p.ª o Sr. General em dia das Candeias 640 1$280
P. asafrão p.ª meter *os foscos no doramento da Capela Mor,* 5$500 5$500
P. 4 arrobas de gesso Matté, a 1200; quatro mil, oitocentos 4$800
P. 3 covados e huma terça de tafeta.....p.ª veos dos Calices a quatro centos e oitenta, sinco patacas, vai lançado na Mordomia
P. 4 libras de azarcão a 120, e pastilhas p.ª a Sem.ª St.ª, meya pataca $440
P. tintas p.ª o forro da Igreja comprado pelo Telles, sinco patacas 1$600
Por canoa p.ªca..... 40 rs., e duas cartas de alfinetes p.ª a sacristia $280
P. que paguei ao *Pintor FRANCISCO XAVIER*..... de estufar as Imagens de S. Bento, e Sta Escolastica, sincoenta milreis 50$000
P. reforma de arroba e meya de sera a 50 rs a libra 2$400 2$400
P. *Muzica das festas dos Ossos* de 85, quatro mil reis 4$000
P. que dei ao Telles p.ª comprar varias tintas p.ª o forro da Sacristia dez petacas 3$200

82$460

R.º do Dep.º 191$560 — g.º o mesmo

Em 5 de 9bro de 1785 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Depozito. cento e noventa e hum mil, quinhentos e secenta, e haver gasto a mesma quantia. E nesta forma damos estas contas por ajustadas Era ut supra

*Fr. Manoel* *O D. Abbe* *Fr. Jozé*

R.º do Dep.º 191$350 — gasto o mesmo

O Doutor Fr. Manoel de S. Joze Simoens, Jubilado na Theologia e Vizitador comissario de N. Rmo Pe. Me. Provincial Fr. Manoel de S. Payo com o nosso compr.º o Rvd.º ....urbico Fr. Francisco da Madre de Deus, vizitando nós este Mostr.º de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da sacristia achamos haver recebido

do depozito sento e noventa e hum mil, trezentos e sincoenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mostr.º de Olinda, em 5 de Nov.º de 1785.

Fr. Francisco da Madre de Deus
Compr.º

Fr. Manoel de S. Jozé Simão
Vizitador

*1785/86*

(*Fls 72 no original*)

| | |
|---|---|
| P. muzica do Natal de 85 | 8$000 |
| P. sette pinceis de dourar 280 — 4.ª de sombra da Colonia 120 | $400 |
| P. 3 onças de lacra p.ª emcaroza de novo a imagem do Sr. a 800 rs a onça, dous mil e quatrocentos | 2$400 |
| P. ouro pimenta p.ª as grinaldas, 800 — 3 carrafinhas a 80 rs | 1$040 |
| P. olho de nozes p.ª a d.ª obra, 160 meya arroba geço matte p.ª a Sacri. | $760 |
| P. 2 onças de olho de nozes p. obra mais duas onças de nacar (160 mais 1600) | 1$600 |
| P. hua onça de Jaldenine, meya pat. + fazes de ouro, 2 vintens | $200 |
| P. rede onsa de virnis p.ª a obra do St.º Christo, meya pataca | $160 |
| P. fazes de ouro, 2 vts, + rede onsa de virnis | |
| P. hua arroba de jeço matte p.ª as portas das tribunas, e capella mor | 1$200 |
| P. sombra de colonia, tres vintens + 3 onças de cinzas azues a 200 | $660 |
| P. 4 onsas de sinopla a meya ptc.ª + 2 frascos de olho de cupauba 4 p | 4$160 |
| P. pastilhas p.ª a festa de S. Bento 120 + huma carta de alfinetes 70 | $190 |
| P. agua de Cordova para as alvas cento e vinte | $120 |
| | 20$090 |

(*Folhas 72 verso no original*)

| | |
|---|---|
| P. muzica p.ª a d.ª festa (?) ..... vindo do Recife 14$400 | 14$400 |
| P. que se pagou ao Cappit. Franc.º Xavier de resto que se lhe devia das Imagens novas, que estafou, vinte e sinco milreis | 25$000 |
| P. Hum vidro p.ª a Alampada, | $360 |
| P. 25 varas de bico de renda p.ª 5 roquetes novos que se fizerão a oitenta rs a vara | 2$000 |
| P. huma panelinha vidrada p.ª meter grinaldas e frete de vanoa p.ª Te | $060 |
| P. que se pagou ao Capp. Franc.º Xavier por *23 milheiros de ouro* que vendo por vezes a 8$000 rs | 184$000 |
| P. que se pagou ao *Me. Jozé Eloy* pela empreitada que ajustou de *hum painel da sacristia*, e sua circumferencia, 40$000 | 40$000 |
| P reforma de hua aroba e duas libras e meya de sera | 1$885 |
| P. 17 onsas de verde estilado p.ª as portas das tribunas | 3$400 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | 2 onsas ditas p.ª o mesmo a 240 | $480 |
| P. | 1 libra de regraxo amarelo p.ª o mesmo | 2$200 |
| P. | 2 ditas de arçacão p.ª o mesmo a 120 | $240 |
| P. | hostias que se compraram para as missas | 2$980 |
| P. | hua caixinha de folhas de Flandres para as ditas | $600 |
| P. | hua folha de lata p.ª o sepulcro de 1786 | $320 |
| P. | hua carta de alfinetes hum tostão + 1 libra de sera da terra 160 | $260 |
| P. | feitio do sirio que ficou reformado com 10 libras e 3 quartas | $700 |
| | | 279$225 |

R.º do Dep.º 299$315

Gasto o mesmo

Em 11 de Abril de 1786 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia, achamos haver receb.º duzentos noventa e nove mil trezentos e quinze reis, digo receb.º do Depozito: e haver gasto a mesma quantia. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. Manoel* *O D. Abbe* *Fr. João*

(*Folhas 73 no original*)

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | .....de retalho p.ª cola | | 58$880 |
| P. | 4 arrobas de alvaiade groço a 1$700 | | 6$800 |
| P. | meya arroba do dito, digo arroba e meya de alvaiade fina a 3$200 | | 4$800 |
| P. | huma arroba de bolo des tostoens | | 1$000 |
| P. | 13 arrob. e 8 libras de gesso matte a seis tostoens | | 7$950 |
| P. | 18 arobas e 8 libras de gesso grosso a duzentos e sincoenta | | 3$310 |
| P. | 200 libras de oleo de linhaça a cento e quinze | | 23$000 |
| P. | *10 milheiros de ouro* a 7$300 | | 73$000 |
| P. | *17 ditos pelo mesmo* preço | | 124$100 |
| P. | *55 ditos pelo mesmo* preço | 401$500 | 401$500 |
| P. | meya libra de pintaunha | | $120 |
| P. | 16 libras de Rom a 1$920 | | 30$720 |
| P. | 1 quarta de sangue de Drago | | $550 |
| P. | quatro libras de vermelhão fino | | 4$000 |
| P. | 1 libra de Sinopla de Italia e 1 libra de Maquim (400+200) | | $600 |
| P. | 1 libra de sombra 60 e meya libra de vitriolo 100 | | $160 |
| P. | 1 arroba de Incenso | | 3$200 |
| P. | 2 duzias de broxas de arco de ferro 1980, e 2 duzias dita 120 | | 2$100 |
| P. | duzias ditas de picos | | 1$080 |
| P. | *4 dusias de pinceis de pegar em ouro* | | $960 |
| P. | 4 duzias ditas de cabra | | $240 |
| | | | 880$070 |

(*Folhas 73 verso*)

| | | |
|---|---|---|
| 4 dlzias ditos pequenos | | $2.. |
| P. 4 duzias ditos de abrir sentidos | | $280 |
| P. 12 pedras de bornir | | 5$520 |
| P. custo dos baris, carretos, caixotes, e mais despezas miudas | | 7$730 |
| P. 1 pipa de vinho branco para missas | | 51$200 |
| P. 628 Libras de sera a cruzado | | 251$200 |
| P. 2 arrobas de gesso matte p.ª a Sacristia nova a 120 | 2$400 | 2$400 |
| P. *Musica da Transladação* dos ossos do N. Smo Patriarcha 1786 | | 4$000 |
| P. 2 libras de farinha do reino p.ª hostias | | $240 |
| P. *muzica da* Semana Santa de 86 | | 28$000 |
| P. huma onça de verdete restitado p.ª completar a obra das Tribunas | | $240 |
| P. reforma de hua arroba e 21 libras e meya que sobejou do sepulcro, e se poz em cera de quarta para missas a 50 libra | | 2$675 |
| P. 398 varas de galão, estreito, e largo de retroz amarelo para os ornamentos da Sacristia, a 50 rs a vara 19$900 | | 19$900 |
| P. 3 brandoens com 6 libras a 640 a libra doze patacas | | 3$840 |

R.º do Dep.º 1:257$535 — gastou o mesmo

Em 28 de 7bro de 1786 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia, achamos haver recebido do Dep.º Hum conto duzentos sincoenta e sete mil quinhentos e trinta e sinco; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. João* *O D. Abbe* *Fr. Caetano*

(*Folhas 74 no original*)

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. *30 milheiros de ouro* a 7$300 | 219$000 | | 219$000 |
| P. *16 ditos de prata fina* a 1$440: | 23$040 | | 29$440 |
| P. 8 arrobas de retalho de pe a 115 a libra 29$440 | | | 29$400 |
| P. 1 arroba de bolo armenio: a 60 rs a libra 1$920 | | | 1$920 |
| P. custo do caixão e mais despezas p.ª o embarque 1$740 | | | 1$740 |
| P. *mais 30 milheiros de ouro* a 7$300 | 219$000 | | 219$000 |
| P. 16 e meio covados de Lustrina carmezim: para o docel do Patriarca | | | 15$400 |
| P. 16 e meio ditos de ilhama branca p.ª outro docel a 2$800 | | 46$200 | 46$200 |
| P. galão para os titos doceis: oitenta e nove mil, 445 | | | 89$445 |
| P. franja de ouro para os ditos 40$780 | | | 40$780 |
| P. 32 covados de olandilha para ..... 3$200 | | | 3$200 |
| P. duas varas de linhagem para os embrulhos 380 | | | $380 |
| P. caixote de folha de Flandres para os condicionar | | | 1$440 |
| P. ferragem para os *caixões da Sacristia* 131$840 | | | 131$840 |
| P. 2 libras de verde destilado 2$400 | | | 2$400 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | custo do caixote que veio a dita ferragem 400 | $400 |
| P. | hum reposteiro de pano verde bordado 41$765 | 41$765 |
| P. | 4 argolas de latão doiradas 12$800 | 12$800 |
| P. | custo do caixote, capa p.ª embrulho, e condução p.ª bordo 2$020 | 2$020 |
| | | 1:025$8.0 |

(*Folhas 74 verso*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | 20 capaxos de Esparto p.ª o choro: a 220 | 4$400 |
| P. | custo de *ESQUIXE DE PERDA MARMORE*: 300$370 | 300$370 |
| P. | 4 torneiras com remates de bronze p.ª o mesmo 5$000 | 5$000 |
| P. | feitio dos dous doceis e sanefas p.ª o Patriarcha 4$800 | 4$800 |
| P. | comissão a quem comprou em Lx.ª 2$090 | 2$090 |
| | | 316$660 |

R.º do Dep.º
1:342$460

G.º o mesmo

Em 6 de 8bro de 1786 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito; hum conto trezentos quarenta e dous mil quatrocentos e secenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

.....*Triennio do N. M. R. P.* Me. Pe. Abbe Fr. Manoel de S. Joze Simoens.....

| | | |
|---|---|---|
| P. | reforma de 27 libras e meya de sera: a 50 rs a libra | 1$375 |
| P. | 106 hostias: hua pataca | $320 |
| P. | 3 canadas de vinho branco p.ª as missas, menos a metade de meyo quarto a canada a quatro e meya pataca | 4$230 |
| P. | *hum cento de hostias*: doze vintens | $240 |
| P. | duas duzias de botoens para os missaes seis tostoens | $600 |
| P. | duas cartas de alfinetes: doze vintens | $230 |
| P. | 4 varas de fita p.ª marcar os Missaes: meya pataca | $160 |
| P. | 1 covado e 2 terças de tafeta brc.º para véos dos calices | 1$170 |
| | | 8$335 |

(*Fls 75 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | velas de libra a selo cada huma: 2$400 | 2$400 |
| P. | 4 arrobas de sera e 21 libras do ..... a 500 rs a.... | 65$000 |
| P. | hum caixão p.ª as .... | $800 |
| P. | 25 libras de libra e de meya e dous brandoens: 12$140 | 12$140 |
| P. | que se deo ao P. Manoel Feliz pela Musica do Natal | 8$000 |
| P. | 1 vara de fita p.ª os Breviarios do coro | $040 |
| P. | 400 hostias: oitocentos rs | $800 |
| P. | 3 canadas de vinho branco a 1520 a canada | 4$50 |
| P. | velas de libra: | 1$680 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | hum garrafão de v.º br.º 3640, outro garrafão 4$320, + 2 canadas 3060 | | 11$020 |
| P. | concerto da Cruz, e portapaz: | | 1$920 |
| P. | reforma de 20 libras de sera: dez tostoens | | 1$000 |
| P. | 300 hostias seis vintens digo tostoens | | $600 |
| P. | 41.ª e mea libras de sera a 33 rs, + libra e meya de sera a 600 | | 2$400 |
| P. | 7 libras de incenso para o gasto a 320 a libra | 2$240 | 2$244 |
| P. | 6 folhas de lata 480, 1 carta de alfinetes 80, pastilhas 160 | | $720 |
| P. | muzica do dia do Patriarcha | | 8$000 |
| P. | vermelhão p.ª flores 240, 6 cadernos p.ª as ditas flores 120 | | $360 |
| P. | seis cadernos de papel p.ª flores 120, quatrocentas hostias | 800 | $920 |
| P. | sinco libras de sera, no sirio Pascal | | 2$500 |
| P. | ao Mestre da Capella, pella muzica da Semana Santa | | 28$000 |

*(Folhas 75 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | reforma de vinte e tres libras de sera | 1$150 |

R.º do Dep.º 164$585

Gasto o m.º

Em 13 de Abril de 1787 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º, cento e secenta e quatro mil, quinhentos, e oitenta e sinco rs e haver gasto o mesmo. e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. Joze* *O D. Abbe* *Fr. Franc.º*

Rec.º do Dep.º 3:063$825

Gasto o m.º

O Pe. Preg. Fr. Miguel Arcanjo da Annunciação Proval da Ordem de S. Bt.º com o nosso compr.º o Pe. Preg. Fr. Luiz da Assunção vizitando nos este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando conta a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º tres contos secenta, e tres mil oito centos, vinte e sinco reis, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de Olinda, 13 de Abril de 1787.

Fr. Luiz da Assunção
Compr.º e Secretario

Fr. Miguel Arcanjo da
Anunciação Provincial

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | ouro p.ª as palmas 160-300 hostias 600 — mais 300 hostias 600 | | 1$360 |
| P. | seis canadas de vinho branco e meyo quartilho | | 8$980 |
| P. | 2 brandoens, e hum velho de 1.ª | | 2$000 |
| P. | feitio do sirio pascal | | $600 |
| | | | 12$980 |

*(Folhas 76 no original)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | que dei ao Capp. Me Barboza pella Muzica dos Ossos | 4$000 |
| P. | 5 canadas, e meyo quartilho de vinho branco á 1520 — | 7$790 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | 4 canadas e meya de vinho branco, a 1520 | 6$840 |
| P. | 300 hostias 600 + 100 hostias 200 — 300 hostias 600 — 275 hostias 550 | 1$950 |
| P. | 2 libras de incenso oitocentos reis | $800 |
| P. | reforma de 8 libras de sera hum cruzado | $400 |
| P. | 2 canadas, e meio quartilho de vinho branco a 1600 a canada | 3$400 |
| P. | REZISTOS para o dia do ANNO BOM | $720 |
| P. | 5 livros de ouro a 3 patacas menos dous vintens | 4$800 |
| P. | duas folhinhas | $320 |
| P. | huma meada de L.ª para renda da toalha da S. Comunhão | $080 |
| | | 31$1.0 |

R.º do Dep.º 44$080

g.º o mesmo

Em 4 de 9br.º de 1787 tomando contas a este Livro do Gasto da Sacristia, achamos haver receb.º do Depozito quarenta e quatro mil, e oitenta, e haver gasto a mesma quantia. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. Jozé* *O D. Abbe*

*(Folhas 76 verso no original)*

| | | |
|---|---|---|
| Por | feitio de 12 libras de cera a 50 reis | $600 |
| Por | 8 canadas e meya, e tres coartilhos de v.º brc.º p.ª missas a 1600 | 14$200 |
| P. | 300 hostias. 600 rs, hostias 600 rs, 350 hostias 700, 300 h. 600 | 2$500 |
| P. | flor de anil 120 — por pastilhas 80, hum vidro p.ª a alampada Cap. Mor | $520 |
| Pello | que se deu ao Me Manoel Feliz pella muzica Natal | 8$000 |
| Por | duas canadas de vinho 1600 a canada | 3$200 |
| Por | 23 missas que se mandou dizer a Portugal pela alma do Re. Feijó | 1$150 |
| Por | 3 canadas de vinho | $840 |
| Por | 400 hostias | $800 |
| Por | tres pratos de estanho p.ª as galhetas 600, 2 cartas de alfin. 160 | $760 |
| P. | vermilhão p.ª rozas da Sem.ª St.ª 240 — Por vermelhão 240 | $480 |
| P. | flor de anil 160 —, por pastilhas 160 —, | $320 |
| Pello | que se deu ao Pé Manoel Barboza pela muzica da Semana Sta. | 28$000 |
| pelo | que se deu a Capp Manoel Barboza pela Muzica de S. Bento | 8$000 |
| P. | tres canadas de vinho a coatro patacas a canada | 3$840 |
| P. | anil p.ª o pintor 40 —, e 2 canadas e meio cantilho de v.º a | 2$720 |
| P. | 600 particulas hostias que se compraram a Joze de Almeida | 1$280 |
| Por | mais 400 hostias ..... | $800 |
| P. | feitio de 4 brandoens 400, — e 18 libras de cera p.ª cirio Pasc. á 460 | 8$680 |
| P. | feitio do dito cirio 1$280 — e 3 canadas de vinho a 4 pat. a canad — | 3$840 |
| P. | diversos | 8$780 |
| | | 10.$030 |

(*Folhas 77 no original*)

*1778/1789*

| | |
|---|---|
| Por hostias varias vezes (550 + 1$100.., + 1$250 + 800 + 700) | 3$870 |
| Por vinho varias vezes (1 coartilho 280 + 320 + 4$060 + 3$840) | 8$500 |
| Por diversas? 80 rs — por? folhas de lata 240 rs —, por grude 120 | $440 |
| Por *hu milheiro de ouro* | 9$600 |
| Por hum livro de prata | $720 |
| Por ..... geço matte | $160 |
| Por *tres milheiros de ouro* a nove mil | 27$000 |
| Por feitio de *dous castiçaes grandes em madeira* ao official que os fez | 40$000 |
| P. huma quarta de lustrina p.ª as cortinas do Coro | $160 |
| P. forro e fita p.ª as ditas 300 rs + concerto do por ..... e purific. 400 | $700 |
| P. concerto da ..... 320 rs, | $320 |
| P. hum barrete de clerigo p.ª as Pontificaes | 1$160 |
| P. rendas p.ª as toalhas, e Alvas | 8$000 |
| | 100$650 |

R.º do Dep.º 204$160 ——— G.º o mesmo

Em 27 de 8br.º de 1788 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Depozito duzentos e quatro mil cento e secenta e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. Jozé* *O D. Abbe*

| | |
|---|---|
| Alvaiade p.ª o pintor 120 rs — por vinho 140 rs, por hostias 840 rs | 1$100 |
| Por *hum milheiro de ouro* | 9$600 |
| | 10$700 |

(*Folhas 77 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Por resto que paguei do feitio das alvas e rendas p.ª as toalhas | 8$500 |
| Por *dous milheiros de ouro* | 18$000 |
| Por hua carta de alfinetes 160 rs, — por hostias 600 rs | $760 |
| Por dous co catifa. a seis patacas o covado | 3$840 |
| Por reforma de 6 libras de cera a 50 rs a libra | 1$300 |
| Por vinho p.ª as missas 540 rs, — pella muzica do Natal Pe. M.. Feliz | 8$540 |
| Por Pello que paguei Manoel de Barros no Varadouro de vinho p.ª missas | 5$140 |
| Por hostias varias vezes, total 1870 a 2 rs | 3$740 |
| Por vinho por 9 vezes | 18$560 |
| Por duas oitavas de retroz para concerto dos ornamentos | $160 |
| Por vermelhão p.ª flores 240 rs, hua carta de alfinetes 80 rs | $320 |
| Por 4 peças de corda fina 120rs, pelo feitio de 14 libra cera a 50 | $700 |
| Pela muzica da Semana Santa ao Pe. Manoel Feliz | 28$000 |

| | |
|---|---|
| Por 23 libras e meya de cera nova que se pagou ao Cerieiro a 44. | 10$340 |
| Por hua garrafa de vinho para as missas | $.40 |
| | 109$300 |

(*Folhas 78 no original*)

| | |
|---|---|
| Por hua arroba de incenso com o seo caixote | 3$500 |
| Por dezaseis arrobas de cera lavrada a 390 a libra e seos caixotes | 202$260 |
| Por *vinte milheiros de ouro* a 7300 com o seo caixote, e panos em que vinham embrulhados | 149$940 |
| Por hua garrafa de vinho para as missas | $160 |
| Por concerto das lucernas da Igreja | $640 |
| Por quatro libras de oleo, gesso, e vermelhão para pintar as ditas | 1$620 |
| Por *molhadura ao Joze Pintor, e seos companheiros de dourar a Sacristia* | 1$280 |
| Por dr.º que dei ao *Pintor Jozé Eloi da Impleitada* que com o dito se fez de *pintar o painel do altar da Sacristia,* e fingir tudo o que se ve depe..... | 32$000 |
| | 391$400 |

R.º do Dep.º 511$480

g.º o mesmo

Em 4 de Mayo de 1789 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º quinhentos e onze mil, quatro centos e oitenta rs, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos por ajustadas estas contas. Era ut supra.

*Fr. Joze da .....* *O D. Abbe*

Rec.º do Dep. 759$720

G.º o mesmo

O P. Pr. Fr. Miguel Archanjo d'Anunciação Proval da Ordem de S. Bt.º do Brazil com o nosso Compr.º o Pe Pr. Fr. Luiz da Assunção vizitando Nós este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este L.º do G.º da sachristia, achamos haver recebido do Dep.º desde a vizita passada athe o prezente sete cntos e sincoenta e nove mil, setecentos, e vinte; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º de Olinda.... Maio de 1789

Fr. Luiz de Assunção
Compr.º e Secretario

r. Miguel Arcanjo da Anun-
Provincial

(*Folhos 78 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Por hostias, varias vezes total 2300 a 2 rs cada 4$600 | 4$600 |
| Por vinho, varias vezes, 8 canadas a 4 patacas e meio coartilho 160 | 7$840 |
| Por nove covados de Damasco p.ª o frontal a 1700 | 15$300 |

| | | |
|---|---|---|
| Por 13 covados de Olandilha a 240 o covado | | 3$120 |
| P. feitio do d.º, retroz e linhas | 1$620 | 1$620 |
| P. reforma de 20 libras de cera á 50rs — 1$000, e 1 libra de cera 320 | | 1$320 |
| P. hua carta de alfinetes 80 rs, e mais meya libra de cera p! caix. 160 | | $240 |
| Por 19 vellas de libra 6$080 e 21 ditas porque a 360 7$580 | | 13$660 |
| P. sinco brandões a 720 | | 3$600 |
| P. feitio de 28 libras e meya a 50 rs | | 1$425 |
| P. 8 vellas de libra queimadas a 320 e mais 4 por queimar a 360 | | 4$000 |
| P. p.ª vidra da Sacristia 80 rs, e duas brochas p.ª a sacrist. 320 | | $400 |
| Pello que paguei ao *Me. Manoel* ..... pellos repozitorios que fez p.ª a Sacristia | 27$110 | 27$110 |
| Por 8 vellas de libra coatro queimadas....., e 4 por queimar a 360 | | 2$720 |
| Por dez covados de ..... de prata | | 1$800 |
| P. mais outra libra de cera p.ª os caixoens | | $320 |
| P. oito vellas de libra por queimar e huma queimada | | 3$000 |
| Por sete brandoens 4$480 —, por refazer 12 libras, 600, | | 5$080 |
| Por seis libras de cera por queimar | | 2$... |

(*Folhas 79 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| Por cinco canadas e meyo 4.º de vinho branco p.ª missas | | 4$920 |
| Por hostias duas vezes 400 + 960 | | 1$360 |
| Por 14 libras e meya de cera para as missas, a 360 rs a libra | | 5$180 |
| Por hum veu de setim preto p.ª o calice 1360, e galão para o d.º 960 | | 2$320 |
| Por sete velas de libra a 360 | | 2$520 |
| Por huma *imagem do Snr resuscitado* | | 15$000 |
| Por concerto do porta paz 120 — e meio quartilho de vinho 120 | | $240 |
| Por duas varas de pano de linho aberto *p.ª orlar as duas toalhas da credença da capella mór* | | $880 |
| Por dois covados, e huma 4.ª de melania preta p.ª *huma mursa* a 320 | | $720 |
| Por dous covados, e huma 4.ª de durante p.ª forro da d.ª a 300 | | $675 |
| Por duas oitàvas, e meia de troçal 220, — e meia 8.ª de retroz 40 | | $260 |
| Por duas duzias, e nove botoens cobertos de retrozilho | | $500 |
| *Feitio da murza* | | 1$000 |

R.º do Dep.º 136$020

G.º o mesmo

Em 13 de 8bro de 1789 tomando contas a este 1) do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º cento e trinta e seis mil e vinte, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. Frc.º* *O Prezidente* *Fr. Jozé*

*Triennio do N. M. R. P. L Fr. Luiz da Assunção*

(*Folhas 79 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Por 13 canadas e meia de vinho para missas a tres patacas | 12$960 |
| Por mais dez canadas e meia de vinho | 10$080 |
| Por 24 libras de cera as missas a 440 a libra | 10$560 |
| Por duas velas de libra 640 rs — e por 6 ramalhetes 1$920 | 2$560 |
| Por hostias, 4 vezes 350 — 500 — 500 a 2 rs | 3$700 |
| Por *dinheiro* que se mandou *p.ª a Bahia para as novas lampadas* | 1:200$000 |
| Por duas libras de cola 400 rs — e por 2 libras de gesso matte a 80 | $560 |
| Por gesso groço duas libras a 50 rs | $100 |
| Por seis ostensorios p.ª o altar das Angustias | 4$000 |
| Por meio *milheiro de ouro* | 4$700 |
| Por tinta que comprou Jozé Pintor 320 rs-e 24 libras de cera a 460 | 11$360 |
| Por libra e meia de cera | $480 |
| Por muzica do Natal ao Manoel Feliz | 8$000 |
| Por 3 libras de cera p.ª as missas 460 a libra | 4$600 |
| Por 6 libras de cola a 180 rs — e | 1$080 |
| Por geço matte 4 libras 320 rs — e geço grosso 4 libras 200 rs | $520 |
| Por cera de meya libra com.. huás vellas a 160 rs, e outra a 180 e húa vela de libra 400 | 2$560 |
| Por velas em 4 vezes: 1$800 — 1$040 — 720 — 1$280 | 4$840 |
| Por dous brandoens 1$280 e por duas velas de libras 720 | 2$000 |
| Por hua de Alvaiade grosso digo libra... | $220 |
| Por hua pouca de cera comprada no Mostr.º | 2$860 |
| Por hua libra de oleo de linhaça | $160 |
| Por 10 canadas e meya de vinho branco a 960 rs a canada | 10$880 |
| Por 24 libras de cera de 4.ª para as missas a 460 a libra | 11$040 |
| Por cirio pascal ... com 31 ..bra . . . . . .460 | 14$6.5 |
| Por feitio do cirio, tochas em vellas | 1$000 |
| | 1:312$615 |

(*Folhas 80 no original*)

| | |
|---|---|
| Por Tinta para o pintor 80 rs — por 1 vela de libra queimada 280 | $360 |
| Por 3 ditas por queimar 720 rs —, por 3 velas queimadas a pataca 60 | 1$680 |
| Por mais 1 queimada 240 rs — 5 velas não queimadas 1$800 — 5 queimadas | 3$680 |
| Por meio *milheiro de ouro* | 4$500 |
| Por 400 hostias 800rs —, 3 velas de libra a 400, — por.. 1$180 | 3$180 |
| Por luzia e meia de botões p.ª os ..... 360 rs e 3 varas de fita 1120 | 1$480 |
| | 14$840 |

*1790*

(*Folhas 80 no original*)

R.º do Dep.º
1:327$800
———
G.º o mesmo

Em 12 de Março de 1790 tomando contas a este L.º do G.º da Sachristia, achamos haver recebido do Depozito hum conto e trezentos, e sete mil, e oito centos rs, e haver g.º o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. Frc.º* *O D. Abbe* *Fr. José*

| | |
|---|---|
| Pelo que paguei ao Capp. Manoel Barboza pella muzica de S. Bento 1790 — | 8$000 |
| Por duas onças de vermelhão 240 rs e huma carta de alfinetes 80 | $320 |
| Pello que paguei a *muzica no Officio do N. Rmo S. Payo* | 4$000 |
| Dei ao pintor p.ª tintas em 28/3 120 rs-e um covado de seti mcarmez. | 1$170 |
| Por hum galão p.ª a bandeira do Sr. resuscitado | 1$930 |
| Por feitio de 18 libras de cera de 4.ª 900 rs, | $900 |
| Por tres libras de cera de 4.ª a 460 — 1$380 e 300 hostias 600 rs | 1$980 |
| Por duas libras de cera amarela p.ª .. a 120 e meia | $300 |
| | 18$600 |

(*Folhas 80 verso*)

| | |
|---|---|
| Pello que se pagou da muzica da Semana Santa | 28$000 |
| Por doce . . . . . comprado no . . . . . do Rmo S. Payo | 1$760 |
| Deia o pintor p.ª tintas 1$280 — por tres libras de gesso groço 400 | 1$680 |
| Por 24 libras de cola 180 — 4$320 —, e condução p.ª a canoa 20 rs | 1$340 |
| Por hostias compradas na Conceição duas vezes 320 + 360 | $700 |
| Por oito libras de gesso grosso | 4$320 |
| Por dinhr.º que se mandou *p.ª a Bahia vindo* do Rio de Janr.º para *as duas lampadas* | 150$000 |
| Por mais dinhr.º que se mandou p.ª Bahia por via do Cap. Joze Lopes *Reis para as Alampadas* | 800$000 |
| Por dinhr.º que se mandou p.ª Bahia, pertencente a Fr. Salvador *..para as Alampadas* | 12$000 |
| Por 2 brandoens p.ª pagar a 800 — 1$600, e meia arroba de cola a 180 a libra 2$880 | 4$480 |
| Condução da cola p.ª canoa 20 rs —, e frete da canoa 40 rs | $060 |
| Por uma arroba e meia de Alvaiade a 90 reis | 4$320 |
| Por refazer oito libras de cera vella em cera de 4.ª | $400 |
| Por 10 libras de cera de 4.ª a 460 a libra | 3$680 |
| Por coatro velas de libra a 360 | 1$440 |
| Por tinta, brochas para o pintor 960 — e por nacar, vermelhão, zarcão | 2$480 |
| Por 6 libras de incenso 1$920, e dois copinhos p.ª tijilinhos 40 | 1$960 |

| | |
|---|---|
| Por dez canadas e meia de vinho branco p.ª as missas a 3 patacas | 10$080 |
| Por 8 velas de meia libra a 160 — 1$220 — e mais 4 de libra a 360 — 1440 | 2$660 |
| Por mais cera dita 320 rs, 2 libras de gesso grosso 80, | $400 |
| Pello que paguei ao organista Gerigo tocar na festa dos ossos | 2$000 |
| Por 1 libra de gesso matte 120 rs e por cinzas azues 120 | $240 |
| | 1:034$200 |

*(Folhas 81 no original)*

| | |
|---|---|
| Sombra de Colonia hua 4.ª 80 rs, por brochas 720 | $800 |
| Por canoa p.ª o pintor vir.. Recife 20 rs, por hostias 320 | $400 |
| Por 12 libras de alvaiade grossa a 90 rs | 1$180 |
| Por 4 libras de oleo de linhaça a 180 rs 720 —, flor de anil 640 | 1$360 |
| Por vermilhão tres onças 360 reis, — por nacar 320 | $680 |
| Por alvaiade fino libra e meia 360 reis, — por estampas e zarcão 280 | $640 |
| Frete de canoa ao pintar hir e vir | $040 |
| Por 6 castiçaes, e quatro ramalhetes em madr.ª p.ª o altar da Sacristia? | $000 |
| Por 9 folhas de lata p.ª as rozas e palmas da Sem.ª Sta. a 80 rs | $720 |
| Por molhadura ao nosso pintor por estofar a Imagem de Sr. Resuscitado | $480 |
| | 10$220 |

R.º do Dep.º 1:063$020

G.º o mesmo

Em 4 de Agt.º de 1790 tomando conta a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do dep.º hum conto secenta e tres mil e vinte rs, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*Fr. Frc.º* *O D. Abbe* *Fr. Joze.*

Trienio passado: R.º do dep.º 136$$020

Gastou o mesmo

Trienio prezente: Rec.º do D.º 2:390$020 g.º o mesmo

O preg. Fr. Antonio de S. Joze Valença D. Abbe Proval da Ordem de S. Bento da Provincia do Brazil, com o nosso compr.º O P. Pr. Fr. Jozé de Sta Izabel, vizitando nós este Mostr.º de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido o Pe Sacristão Mor do Dep.º desde a ultima vizita no trienio passado sento e trinta e seis mil e vinte reis; E haver gasto a mesma quantia

E no presente Trienio achamos haver recebido o d.º Pe do depozito: dous contos, trezentos e noventa mil. e oitocentos e vinte reis. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas Mostr.º de S. Bento de Olinda, 5 de Agosto de 1790.

Fr. Antonio de S. Joze Valença
Proval

Fr. Joze de Santa Izabel compr.º e Secretario

*1790-1791*

(*Folhas 81 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Por cinzas azues 240 rs, por 4 libras de cera de 4.ª a sello a libra | 2$160 |
| Por mais 2 libras de cera 960 rs, por vermelhão e outras tintas 410 | 1$370 |
| Por huma vela de libra 360 rs, — por tintas em 29 de Agosto 280 | $640 |
| Por 6 onças de vermelhão a 120 a onça 720 rs, 1 onça de nacar 320 | 1$040 |
| Por flor de anil 4 oitavas 480 rs, Alvaiade grosso 8 libr. a 90-720 | 1$200 |
| P. tinta que comprou o pintor 900 rs, — por 6 onça sde vermelhão 720 | 1$620 |
| Por 2 libras de alvaiade fino 600 rs, — por 5 libras de cera. a selo | 3$000 |
| Por hum brandão que comprou João da Costa | $640 |
| Por vermelhão, nacar, e alvaiade fino, our opint.. Nanquim sombra de col.ª | 1$430 |
| Por 29 libras de cera de 1.ª a sello 3 vezes | 13$920 |
| Por hum frasco de vinho p.ª as missas 360 rs, — 5 brandoens 3$520 | 3$880 |
| Em *21 de setembro dei ao Mestre que faz a Imagem do Christo p.ª o Coro* | 5$000 |
| Por 6 .....Castiçaes da Sacristia a sello | 2$880 |
| | 33$850 |

(*Folhas 82 no original*)

| | |
|---|---|
| Por dnr.º, que se mandou p.ª a Bahia p.ª a ajuda da factura *das novas Alampadas* trinta e hum mil seiscentos e oitenta | 31$680 |
| Por 40 varas de renda larga p.ª alvas a 1880 a vara, sete mil e duz. | 7$200 |
| Por mais dez ditas para as mesmas a 180 | 1$800 |
| Por 40 ditas mais estreita a 140 rs, sinco mil e seiscentos | 5$600 |
| Por 80 ditas estreita com bico a 80 rs, seis mil, e quatro centos | 6$400 |
| Por 2 toalhas finas rendadas para os Pontificaes, tres mil e quarenta | 3$040 |
| Por feitio de huma *Imagem de Santo Antonio* com 3 palmos p.ª *a nossa Igreja* sinco mil e quinhentos | 5$500 |

R.º do Dep.º
100$870

g.º o mesmo

Em 16 de 9bro de 1790 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver receb.º do Dep.º cem mil oito centos, e setenta, e haver g.º o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*O D. Abbe*

| | |
|---|---|
| que dei ao pintor para tintas 600rs — meia arroba de alvaiade fino | 2$040 |
| P. meia arroba de gesso grosso a 30 rs 480 rs — 2 brocas grandes 300 | $780 |
| Por 2 brocas pequenas 100 rs —, huma onça de vermelhão 120 | $220 |
| Por meia oitava de flor de anil —, e 4 pinceis de cabra 80 | $.80 |
| Por dous *livros de ouro* | 1$920 |
| Por hua libra de Alvaiade fino 320 rs, e meia onça de anil fino 320 | $640 |
| Por diversas tintas, em 3 vezes | $220 |

| | |
|---|---|
| Por mais *dous livros de ouro* | 1$920 |
| Por 8 libras de alvaiade p.ª ..... 720, e meya libra de cola .. .90 | $810 |
| | 8$680 |

(*Fls 82 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Por meya onça de nacar 320 rs, por vitriolo 80 rs, | $400 |
| Por 16 libras de alvaiade grosso a 100 rs a libra, e mais 6 libras | 2$200 |
| Por meia onça de flor de anil 320 rs e por mais meia arroba... 1$600 | 1$920 |
| Por mais meia arroba que foi buscar o d.º ..... | 1$600 |
| Pello que se deu *ao organista que* foi tocar nas festas da Matta | 6$400 |
| Por *aluguel de hum escravo que* foi tocar nas *festas de Jaguaribe* | 2$560 |
| Pello que se pagou ao Pe. Manoel Feliz pela muzica do Natal | 8$000 |
| Por meia arroba de gesso grosso a 30 rs a libra | $480 |
| Por flor de anil 320 —, duas onças de vermelhão 240 —, | $600 |
| *Por resto que se pagou* ao . . . . . *que fez a Imagem para o Coro* trinta e oito mil duzentos e oitenta | 38$280 |
| Por 2 onças de anil 640, onça e meia de Nacar 960, 2 onças de verm. 240 | 1$840 |
| Por tintas 140, por par... o.... de ouro .80, tintas e alfinetes | $380 |
| Por dinheiro que se deu *a Jozé Gomes* par D. Abbe da Bahia dar outro *tanto para as alampadas* | 220$000 |
| Dei ao organista alugado 2$000, por 2 *livros de ouros 1$920* | 3$920 |
| P. meia arroba de geço grosso a 30 reis a libra | $480 |
| Por onça e meia de vermelhão 180 —, ..... 8 libras 160, sombra de Col.ª | $720 |
| Por *dous calices* | 91$820 |
| Por tres vellas de meya libra e trez mais pequenas | $960 |
| Pello que paguei ao Me da Capella Manoel Barboza pela festa de S. Bt.º | 8$000 |
| Por reformar 17 libras de cera 850 —, por coatro vellas..... 1$600 | 2$450 |
| Por vernis (?) | 2$000 |
| | 394$670 |

*1791*

(*Folhas 83 no original*)

| | |
|---|---|
| Por 36 garrafas de vinho p.ª as missas a cruzado (em 2 vezes) | 14$400 |
| Por *2 milheiros de prata* por 4$480 e *2 milheiros* por 4$160 | 8$640 |
| Por pinceis 250 rs —, duas velas de libra 720 rs —, tres onças de verm. | 1$210 |
| P. 3 libras de cera amarela 360 rs —, e por 2 cartas de alfinetes 160 | $520 |
| P. 3 folhas de lata 800 rs —, por huma vela de libra 400 | 1$200 |
| Pello que paguei a Manoel Feliz pela muzica da Semana Santa | 28$000 |
| Por 4 mãos de papel imperial a 640 — 2$560 —, e 12 velas de libra a 320 | 6$400 |
| Por 2 pares de galhetas de vidro 400, e 2 pratos de estanho p.ª ditas 640 | 1$040 |

| | |
|---|---|
| Por hum milheiro de ouro | 8$500 |
| Por 1 brandão e 1 vela de libra 1$200 —, e outra vela de libra 320 | 1$520 |
| Por hua carta de alfinetes 160 rs —, por trez velas de libra a 400 | 1$360 |
| Por huma duzia de botoens p.ª os missaes 2.0 —, | $2.0 |
| Por *hum bronze p.ª a Imagem do Coro* com dez libras a 560 | 5$600 |
| Por hu parafuzo para *o d.º bronze* 2$000 | 2$000 |
| Pella *coroa de espinhos para a Imagem* do Coro | 6$000 |
| Pello que paguei ao Me ferreiro p.ª abrir os ..... no *sobred.º bronze* | .$640 |
| Por meia aroba de cera de 4.ª p.ª as missas a sello a libra | 7$680 |
| Pello que paguei a Manoel Caetano de 2 quitações das capelas de missas de Gaspar de Amorim de dous annos | 2$820 |
| P. 1 peça de bertanha de França | 4$300 |
| Por hum panno de linho . . . p.ª as toalhas da Sacristia | 6$400 |

*(Folhas 83 verso)*

| | |
|---|---|
| Por 5 varas de bico de renda p.ª as pallas, e fixollas a 70 rs | $350 |
| Por 14 varas de renda em bico a 120, e mais 4 ditas | 2$160 |
| Por 5 ditas mais inferior a 70 rs | $350 |
| Por 7 livros *de oiro p.ª estantes da livraria* a 900 | 6$300 |
| Por *milheiro e meio de prata* p.ª pratear os ramalhetes, e castiçaes da Igreja | 3$360 |
| Por 6 ostensorios em madeira para o altar de N. Snra do Pilar a 600 | 3$600 |
| Por 4 ramalhetes em madeira para o altar dos Prazeres a 420 | 1$680 |
| | 17$800 |

R.º do Dep.º
529$545

gasto
o m.º

Em 22 de Setr.º de 1791 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º quinhentos e vinte e nove mil quinhentos e quarenta e sinco reis, e haver gasto o mesmo; e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

*O D. Abbe*

| | |
|---|---|
| Por feitio da Imagem de N. Sra. do Pillar, catorze milreis | 14$000 |
| por 300 hostias que se não lançaram nas contas passadas | $600 |
| Da mesma sorte meya onça de nacar | $320 |
| Por pinceis p.ª o pintor 790 rs —, por nacar, 4 oitavas, hua pataca | 1$110 |
| Por meia onça de vermelhão 60 rs, 3 brochas 440 rs, alvaiade 100 | $600 |
| Por 4 covados de setim, a 3 patacas o covado | 3$840 |
| Por hua pedra de gernir, que comprou o pintor 2 patacas | $640 |
| P. hum par de galhetas de vidro 240 rs —, duas cartas de alfinetes 160 | $400 |

| | |
|---|---|
| dei ao pintor p.ª tintas 360 + 880 | 1$240 |
| Pello que dei *ao pintor Francisco Bizerra* (?) *por pintar 8 paneis da Sacristia, a 19 Milreis, cada hum,* cento sincoenta e dous mil | 152$000 |
| Por meya onça de vermelhão 60 rs —, por mais ouro pint 40 rs | $100 |
| Por tres arrobas de cera comprada. N. Sra. do Monte (?) | 38$400 |
| Por 1 milhr.º de prata 2$240 —, e por ..... 40 rs | 2$280 |
| | 215$530 |

(*Folhas 84 no original*)

| | |
|---|---|
| Por 41 covados de Damasco ..... | 65$600 |
| Por 4 covados e meio de tafeta a 400 rs o covado | 3$400 |
| P. oitava e meia de retros amarelo 120 rs —, por vinho p.ª missas 600 | $720 |
| P. 4 libras de rouxo de.. a 25 rs — 100 rs, e 1 libra de amarelo 600 | $700 |
| P. duas canadas e meya 4.º de vinho p. as missas, a 3 patac. e meya cada | 2$460 |
| Por varas e duas terças de galão ..... | 1$925 |
| Por 8 varas e tres terças .... | 1$000 |
| Por 206 oitavas e meya de franja trocida a 100 rs | 20$650 |
| Por 4 covados de tafeta verde | 1$920 |
| P. 3 varas e meya de arame p.ª os colchetes a 80 rs a vara | $280 |
| P. 1 vela de meia libra 180 rs —, — por 4 livros de prata 800 | $980 |
| Por hú . . . . com *1047 oitavas de prata a 105* reis..... | 109$935 |
| P. hua peça de Bertanha fina 5$000 —, | 5$000 |
| Por 9 covados e duas terças de ..... com ramos de ouro p.ª o vestido de N. Senhora a 3 mil e duzentos o covado | 30$935 |
| Por dr.º que mandei *p.ª a Bahia as Alampadas,* vinte e nove mil 725 | 29$725 |
| P. 1 onça de verde restil.. ? —, por sete covados de tafeta cor de .....p.ª o vestido de N. Sra das Angustias a 400 rs o covado | 2$800 |
| Por vermelhão 640 rs —, Pela muzica de São Bento 8$000 | 8$640 |
| Por 98 oitavas de galão para o vestido de N. Sra, a pataca | 31$360 |
| Por diversos para o sobredito vestido | 3$840 |
| Pello que dei ourives, que limpou a prata | 2$560 |
| Dei p.ª limpar a coroa de N. Sra 400 rs, — p. 2 velas de libra a 340 | 1$080 |
| P. feitio de 52 libras e meya de cera a 50 rs | 2$600 |
| Por duas canadas e metade de meio coartilho de vinho p.ª missas | 2$310 |
| | 325$120 |

(*Folhas 84 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Pelo que se deu ao pintor que pintou a Imagem do Coro | 42$000 |
| Pela muzica da Semana Santa | 28$000 |
| Por 3 onças de vermelhão a 120 rs — 360 —, | $360 |

| | |
|---|---|
| Por ferias a um alimpador 4 dias | $720 |
| Por 5 varas de.. dassa p.ª o docel? 100 rs e para broxas p.ª o mesmo $60 | $160 |
| P oitava e meia de retroz amarello p.ª cozer os panos da meza da livraria | $120 |
| Por 4 ostensorios grandes para a Capella môr a des tustoens | 4$000 |
| Por concerto do Baculo dos Pontificaes | $320 |
| Por 3 oitavas de retroz p.ª cozer o vestido de N. Snra das Angustias | $240 |
| | 73$920 |

R.º do D.º
616$570

G.º o m.º

Em 25 de Abril de 1792 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º seiscentos e dezaseis mil quinhentos e setenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*O D. Abbe*

R.º do Dep.º
1:246$985

G.º o mesmo

O M. R. P. Me. Jubilado Fr. Ignacio de S. Frc.º Xavier Vizitador comissario do N. Rmo Pe. Proval Fr. Antonio de S. Jozé Valença, com o nosso compr.º O. R. P. Passante Fr. Manoel de S. Felix, vizitando nos este Mostr.º de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia desde a vizita passada athe o prezente, achamos haver recebido do R. P. Sacristão môr hum conto duzentos quarenta e seis mil novecentos, e oitenta e cinco, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º de Olinda 25 de Abril de 1792

Fr. Manoel de S. Felix
Compr.º

Fr. Inacio de S. Franc.º Xavier
Vizitador Comissario

(*Folhas 85 no original*)

| | |
|---|---|
| Dei ao pintor a conta da Imagem do Pillar, quatro patacas | 1$280 |
| Por meia libra de sombra e nanquim | $140 |
| Pello que paguei ao P. M. Manoel Feliz pella *musica, no enterro de Pe Abbe Fr. Custodio,* tres mil e quatrocentos | 3$400 |
| Pella muzica do Natal, que não se acha lançada | 8$000 |
| Por 3 folhas de lata, e vermelhão para a semana Santa | 1$440 |
| Por huma aroba de cera tres libras .... | 14$000 |
| Por 3 velas de libra e huma de libra | 1$160 |
| Por 2 canadas e meio 4.º de vinho para as missas a 3 patacas e meia | 2$310 |
| Por dois castiçaes com 311 oitavas a 110, trinta e quatro mil 210 | 34$210 |
| Por feitio do *diadema, cravos, e titulo, que pezou catorze marcos e* setenta oitavas e meya, sesenta mil reis. | 60$000 |

| | |
|---|---|
| Por trezentos *cincoenta e oito oitavas*, que se comprou, p.ª com a *prata velha, que se lhe deu fazer a dita obra* a cento e des oitava trintae nove mil trezentos e oitenta | 39$380 |
| Por duas vellas de libra, oito centos reis | $800 |
| Por duas canadas e ..... coartilho de vinho para as missas | 2$310 |
| Por *resto que se pagou das duas Alampadas*, que se fizeram na Bahia coatro centos e sesenta e dous, quinhentos e oit.ª 5. | 462$585 |
| Por 6 vela de libra a 340 | 2$380 |
| Por hu garrafão de vinho 2$310 e duas canadas de vinho oito patacas | 4$870 |
| Por feitio de 300 hostias, tres tustoens | $300 |
| | 669$765 |

R.º do Dep.º
669$765

G.º
o mesmo

Em 7 de Agosto de 1792 tomando contas a este L.º do G.º da sacristia achamos haver recebido do Dep.º seiscentos e sessenta e nove mil, setecentos e secenta sinco; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*O D. Abbe.*

(*Folhas 85 verso no original*)

| | |
|---|---|
| Por 76 covados de Lhama branca para seis cazulas, duas Dalmaticas, e capas de Asperges, cento e noventa e sete mil, e seiscentos | 197$600 |
| Por 5 covados ditos com estrellas de oiro para o veo de hombros | 21$000 |
| Por 9 cóvados, e meio de dita Lhama carmezim, e oiro p.ª huma cazula e seus pertences a 3200 | 30$333 |
| Por covados da dita Lhama verde, e oiro p.ª huma cazula, e seus pertences a 2800 | 20$533 |
| Por .. covados da dita Lhama verde, e oiro p.ª huma cazula, e seus pertences a 2800 | 20$533 |
| Por 162 onças de galão de oiro, e palhetas para orlar ditos ornamentos 1760 | 286$660 |
| Por franja de oiro para os ditos | 49$359 |
| Por renda de oiro para os ditos | 14$512 |
| P. que se pagou do cerigueiro dos preparos, e enfeites que fez para os ditos ornamentos | 94$045 |
| P. Ollandilhas, fitas de seda, e linho e retroz p.ª os ditos ornamentos | 7$.70 |
| Por feitios dos ditos ornamentos trinta e sinco mil e oitocentos | 35$800 |
| Por 29 1/2 covados de damasco branco de Italia para 4 cazulas, e seos preparos a 1450 | 42$533 |
| Por 92 covados de tafeta carmezim p.ª forros de todos os ornamentos | 44$550 |
| Por 19 ditos de cores para vestimentas, e bolsas a 420 | 7$910 |
| Por 13 covados de nobreza para vêos a 850 | 11$050 |

| | | |
|---|---|---|
| Por galoens de retroz, e franjas p.ª os ornamentos simplices | | 13$940 |
| Por 113 covados de. landa cor de oiro p.ª camizas, e forros dos ornam. | | 1.$080 |
| Por 6 covados de baeta verde para embrulho a 420 | 2$520 | 8$520 |
| Por feitio do caixão, aparas | | $980 |
| Por *dois thuribulos de prata* com 11 marcos„ e duas onças a .400 | | 72$000 |
| Por feitio dos ditos a 3500 | | 39$400 |
| Por hum *calix p.ª os Pontificaes* com tres marcos, e seis onças de prata a 6$400 | | 24$000 |
| Por feitio do dito | | 16$000 |
| Por oiro, e trabalho a quem o doirou | | 14$130 |
| Por duas caldeirinhas de cobre p.ª os turibulos | | $960 |
| Por doze argollas, e 2 ganxos de prata p.ª as dalmaticas, e capa de Asp. | | 2$500 |
| Por despezas miudas, carretes para o embarque | | $520 |
| Por duas navetas com oito marcos 5 onças, 3 oitavas a 6400 | | 54$700 |
| Por feitio das ditas a 3500 o marco | | 29$900 |
| Pelo que paguei *ao Mestre da Capela pela muzica na colocação da Imagem do Coro quatro milreis* | | 4$000 |
| Pelo que paguei pela muzica do oficio do P. Manole Simoens 4$800 | | 4$800 |
| Por feitio do vestido rico de N. Sra. | | 4$000 |
| Pelo que paguei a Jozé Pintor de estofar a imagem de N. Sra do Pilar | | 2$560 |
| | | 1 :198$948 |

(*Folhas 86 no original*)

| | | |
|---|---|---|
| Por hum pam de sera com 34 libras a 240 a livra 11$560 | | 11$560 |
| Por feitio da sobredita sera | | 1$800 |
| Por duas canadas de vinho em 20 de Setbr.° oito patacas | | 2$560 |
| Por feitio de dozentas ostias 200rs e 12 livras de Taoá do reino | | $800 |
| Por dito da terra oito livras dozentas e quarenta | | $240 |
| Por roxotelo 8 livras hua pataca, e 2 livras de sombra de Colonia 640 | | $960 |
| Por diversas broxa grande, roxotel. jes.. de ouro, sombra de Colonia | | $600 |
| Por duas canadas de vinho e 19 de 8bro | | 2$560 |
| Por trez varas de renda para huma alva a 1280 a vara | | 3$840 |
| Por 2 velas 640 e concerto nas torneiras dos esquixos da sacristia 800 | | 1$440 |
| Por 4 1/2 livras de sera, | | 1$800 |
| Por 5 livras de incenso a cruzado p.ª a sacristia e festas da Mata | | 2$000 |
| Por duas canadas e quartilho e meio de vinho p.ª missas á 4 patacas | | 3$040 |
| Por duas arobas de sera *inteira de N. Sr.ª do Monte* | | 25$600 |
| Por mais huma aroba de tocos a pataca a livra des mil e duzentos 40 | | 10$240 |
| | | 129$040 |

*(Folhas 86 verso no original)*

| | |
|---|---|
| Por vinte livras de cera a cruz.º a livra | 8$000 |
| Pelo que paguei ao M. da Capela pela muzica do Natal | 5$000 |
| P. duas canadas e meio cuartilho de vinho p.ª as Missas em 17 de Jan.º | 2$720 |
| Por hostias 1110 hostias, em 4 vezes, cada a 2 rs | 2$220 |
| Por nove libras de cera por queimar a 340 | 3$060 |
| Por 11 ditas queimadas a pataca | 3$520 |
| Por 4 não queimadas a 340 | 1$360 |
| Por duas canadas de vinho | 1$920 |
| Por 9 folhas de lata, 720 rs —, por 3 cartas de alfinetes 240 rs | $960 |
| Por 3 onças de vermelhão 360 rs, — por 3 onças de verdete 180 | $540 |
| Por 4 libras de incenso 1$600 —, e meia aroba de cera de 4.ª p.ª Missas a 480 | 9$280 |
| Por libra e meia de cera amarela a 120 | $180 |
| Pelo que paguei a M. da Capela Manoel Barboza pella muzica de S. Bento | 6$000 |
| Por hua vela de libra não queimada 340 rs e 2 onças de vermelhão 240 | $580 |
| Pelo que paguei a P. Manoel Feliz pela muzica da Semana Santa | 28$000 |
| Por huma aroba de cera | 12$800 |
| Por quartilho e meio de vinho p.ª missas e mais 2 canadas a 4 patac. | 2$820 |
| Por 2 velas compradas ao P. Pregador Fr. Manoel de S. Bento | $620 |
| Por ..... cinco libras de cera de 4.ª | 1$250 |
| | 91$070 |

*(Folhas 87 no original)*

| | |
|---|---|
| Por hua vela de libra 320 rs, e por hostias 320 rs | $640 |
| Por duas canadas de vinho para missas e por mais tres ditas | 6$400 |
| Por dr.º p.ª hostias, por varias vezes | $580 |
| Por farinha para ostias e panela para ella | $640 |
| Por huma aroba e meia libra de cera que comprou ao P. M. Camilo | 13$000 |
| Pella muzica dos ossos | 4$000 |
| Por duas velas de meia libra | $320 |
| Por dous brandoens e duas velas de meia libra | 1$680 |
| Por meia aroba de cera, seis mil e quatrocentos | 6$400 |
| Por farinha para hostias | $600 |
| Por meyo livro de prata, des tostoïs | 1$000 |
| Por hu á vela de libra e duas de meia libra, seiscentos e oitenta | $680 |
| Por tres pares de galhetas, sete centos e vinte | $720 |
| Por cecenta e sete missas, que se pagaram aos religiosos a 200 rs | 13$400 |

| | |
|---|---|
| Pelo q' se pagou ao Pe. Pr. Fr. João da Madre de Ds por 29 missas, que dice da Sacristia a 200 rs | 5$800 |
| Por 9 velas de libra, em 3 vezes | 3$020 |
| Por 5 libras de cera | 1$780 |
| Por 40 ferroens para o sepulcro | $400 |
| Por 4 ostensorios pera os pez de N. P. S. Bento, em madeira | 1$.00 |
| Por 120 missas q' se mandaram dizer à Portugal conforme a tenção das ditas pela alma do Pe. Me Fr. Manoel Simões a 160 rs (1792) | 19$200 |
| Por 119 pela mesma tenção do Pe Ex-Abbe Fr. Custodio da Conceição | 19$040 |
| Por 51 missas pela alma, digo, pelo Pe. Ex. Abbe Fr. João Fraga, pela mesma intenção | 8$160 |
| Por 20 folhinhas, q' se repartiram pelos Religiosos *no anno de 1793.* e tambem para o coro e sacristia | 3$200 |
| Por seis castiçais, em madeira, para o nixo do Patriarca a 600 | 3$600 |
| Por duas velas de libra a pataca duas patacas | $640 |
| Por 61 covados de damasco verde para 4 cazulas, duas dalmaticas, e seos capellos, huma capa de Asperges, e mais pertences a mil e quinhentos o cov.º | 92$250 |
| Por ruão, e Olandilha para forros | 11$800 |
| Por galão largo, e estreito, e franjas | 26$018 |
| Por 16 borlas pequenas, 16 pares de alamar.., dois cordões para os capellos, fita, argollas, ganxos, e retroz, tres mil oitocentos e 40 | 3$840 |
| Por feitio de tudo | 10$480 |
| Por hum véu de ombros, e seis varas de renda para o guarnecer | 30$480 |
| Por 30 milheiros de oiro de pintar a 7$200 | 216$000 |
| Por custo da caixa, portage, e carretos a bordo | $720 |
| Por comissão | 1$067 |
| Pelo *custo de dous espelhos quatrocentos dezanove mil duzentos e* cinco | 419$205 |

(*no original fls 87 verso*)

| | |
|---|---|
| Por comissão a 3% — por cento | 12$576 |
| Por uma ambula de oiro com o peso de 4 marcos, sete onças, e meia oitava de oiro a 1450 | 454$575 |
| Por feitio da dita | 230$000 |
| Pelo custo da capa... dadura, caixoz, e mais despezas | 38$610 |
| Pelo que se deo a quem fes o risco para a dita ambula | 6$400 |
| Por comissão aos 3 portadores | 21$897 |
| Por dous barris de vinho branco para missas, | 19$625 |
| Por cera . . . . vellas de libra, e quarta a 376 | 74$155 |
| Por meia aroba de incenso | 4$800 |

| | |
|---|---|
| Por mais 6 arobas de cera em vellas de libra e quarta | 73$470 |
| Por 20 milheiros de oiro a 7200, e o custo da caixa | 144$280 |
| | 1:080$388 |

R.º do Dep. 3:454$921 — G.º o mesmo

Em 4 de Agosto de 1793 tomando contas a este livro do gasto da Sachristia achamos haver recebido do Dep.º tres contos quatrocentos e sincoenta e quatro mil novecentos e vinte e hum; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

O Prezidente

Trienio do N. M. R. P. M. Fr. José da Natividade

| | |
|---|---|
| Por oito livras de cera.... tres mil oitocentos e quarenta | 3$840 |
| Por hua garrafão de vinho para as missas com duas canadas e metade de meyo custilho a 1600 a canada, tres mil e trezentos | 3$300 |
| Por renda par hum amito sete centos e oitenta | $780 |
| Por seis libras de cera para as missas a sello, dous mil oito cento 80 | 2$880 |
| Por seis varas de fitas para os missais, duzentos e quarenta | $240 |
| Por dez libras de cera para missas a sello, quatro mil oitocentos | 4$800 |
| Por duas velas de meya libra, trezentos e secenta | $360 |
| Por seis libras de incenso a cruzado dois mil e coatro centos | 2$400 |
| Por duas carta de alfinetes, meya pataca | $160 |
| Por oito libras de cera para as missas a quinhentos ..... | 3$360 |
| Por dous brandões com 4 libras ..... dous mil duzentos e 40 | 2$240 |
| Por hum garrafão de vinho para missas, com tres canadas quatro mil 800 | 4$800 |
| | 29$160 |

R.º do Dep.º 29$160 — Gastou o mesmo

Em 5 de 9br.º de 1793, tomando contas a este L.º do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º vinte nove mil, cento e seçcenta; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

O D. Abbe

*(No Original fls 88)*

Trienio pass.º Rc.º do Depozito 4:124$ 686 — G.º o mesmo

Fr. Antonio do Desterro Gouvea Provincial da Ordem de S. Bento do Brazil com nosso compr.º P. Pr. Fr. Joaquim da Incarnação: vizitando Nôs este Mostr.º de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este L.º do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º desde a Visita Passada athe o fim do Triennio quatro contos cento vinte e quatro mil seiscentos oitenta e seis reis e ha-

Trienio prezte
R.º do Dep.º
29$760
G.º o mesmo

ver gasto o mesmo. No prezente Triennio achamos haver recebido, e despendido o mesmo que consta do termo em frente. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas.

Mostr.º de Olinda, 5 de 9br.º de 1793

Fr. Joaquim da Incarnação
Vice Compr.º

Fr. Antonio do Desterro Gouvea
Provincial de S. Bento

| | | |
|---|---|---|
| Por 8 libras de cera de 4.ª a 560 a libra | 4$480 | 4$480 |
| Por hú garrafão de vinho para as missas 3$200, farinha p.ª host. | 600 | 3$800 |
| Por meia arroba de cera de 4.ª para as missas a 640 a libra | | 10$240 |
| Pella muzica do Natal | | 8$000 |
| ..... organista por tocar na sobredita noute | | 2$000 |
| Por tres canadas de vinho p.ª as missas a 1$280 a canada | | 3$840 |
| Por feitio de 12 libras de cera | | $600 |
| Por vinho, em 3 vezes, | | 4$640 |
| Por hua gamb. (?) de cera com 156 libras a 460 a libra | | 71$760 |
| Por hua libra de incenso 400 rs e coatro onças de vermelh. | 480 | $880 |
| Pella muzica de S. Bento | | 8$000 |
| | | 118$036 |

*(Folhas 88 verso no original)*

| | |
|---|---|
| Por tres onças de ..... | $240 |
| Por feitio de 15 libras de cera, e 3 arobas e 3 l. a 50 rs | 10$500 |
| Por 8 folhas de lata 640 rs — e 2 vellas de cera 640 | 1$280 |
| Pella muzica da Semana Santa 1794 | 28$000 |
| Por 6 canadas de v.º p.ª missas e 3 coartilhos, em 3 vezes | 8$240 |
| Por 2 libras de incenso 800 rs e por 2 apagadores 240 | 1$040 |
| Por farinha para ostias 600, 2 cartas de alfinetes 160 760 | $760 |
| Pella ..... de São Bento em Março, organista | 2$000 |
| ao dito na festa dos nossos organistas | 2$000 |
| Pello que paguei ao Me de Capela pella muzica dos Ossos | 4$000 |
| | 58$060 |

R.º do D.º
176$420
———
G.º o m.º

Em 24 de Julho de 1794 tomando conta a este L.º do G.º da Sacristia, achamos haver rec.º do Dep.º cento e setenta e seis mil, quatrocentos e vinte; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*Fr. Jozé* *O D. Abbe* *Fr. Jozé*

| | |
|---|---|
| Por 5 libras de cera | 1$600 |
| Por 4 canadas de missas e 2 metade de meio 4.º | 5$280 |

| | |
|---|---|
| Por fetio de húa aroba libra 50 rs — 1$600 e far.ª p.ª hostias 600 | 2$200 |
| Por 3 varas de renda para hum amito | $660 |
| | 9$740 |

(*Folhas 89 no original*)

| | |
|---|---|
| Por hua meada de linhas de bertanha | $140 |
| Por hú garrafão de trez canadas (?) | 1$620 |
| Por 5 canadas de vinho p.ª as missas a 1280 e.. de 9bro | 6$720 |
| | 8$880! |

R.º do D.º
I8$620

G.º o mesmo

Em 22 de Novr.º de 1794 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º dezoito mil, seiscentos e vinte e haver gasto o mesmo, e nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

*O D. Abbe* ....

Recibo do Depos.º
195$040

g.º o mesmo

O P. P. e ex-Abbe Fr. Vicente da Trindade Ferr.ª vizitador Comissario do N. R. P. Proval Fr. Antonio do Desterro Goveia com o Nosso Companheiro o Pe. Fr. Manoel de Sta Thereza vizitando nos este Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, e tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos aver recebido sento e noventa e sinco mil, e quarenta reis, e aver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de Olinda, aos 22 de 9br.º de 1794

Fr. Manoel de Sta Thereza
Compr.º

Fr. Vicente da Trindade Ferr.ª
Vizitador

*1795*

| | |
|---|---|
| Por sete varas de renda para toalhas 2$240 — e cera, em 3 vezes, 3$600 | 5$840 |
| Por feitio de ..... 800 rs, concerto de colhe de calix 120 | $920 |
| Por 103 libràs de cera a 640 | 65$920 |
| Por 2 1/1 varas de renda p.ª a cam.. de N. Sora | 1$200 |
| Por muzica do Natal | 8$000 |
| Por 2 meadas de linho 240 rs, por 3 canadas e hú quarto de vinho 4$160 | 4$400 |
| Por cera, q' se comprou 1$400 — por humas cordas p.ª das Angustias 120 | 1$520 |
| Por 3 canadas de V.º p.ª a sacristia a 4 Patacas | 3$840 |
| Por 3 onças de vermelhão 360 — 3 folhas de lata 240, 3 cartas de alf. 460 | 1$060 |
| Por 4 libras de farinha p.ª hostias 480, por verdete p.ª a sacristia 80 | $560 |
| Por Muzica p.ª S. Bento | 8$000 |

| | |
|---|---|
| Por feitio de 23 libras de cera 4 patacas menos 30 reis | 1$250 |
| Por carreto da dita cera 40 rs, Por farinha 200 rs, 3 folhas de lata 18 | $420 |
| Por 1/2 onça de flor de anil 40 rs — 1 oitava de vermelhão 60 rs | $100 |
| Por muzica da Semana Santa | 28$000 |
| Por feitio de 4 brandoens 815 rs — P. 2 canada de v.º p.ª a sacristia | 2$440 |
| Por 24 varas de pano de linho para alvas da Sacristia | 13$440 |
| Por ..... de linho branco, 2$240 —, por cera, em 2 vezes, | 6$210 |
| | 155$855 |

(*Folhas 90 no original*)

| | |
|---|---|
| Por 10 canadas de vinho para a sacristia a 1$280, em 4 vezes | 12$800 |
| Por mais uma canada a 960 | $960 |
| Por farinha de trigo a 100 rs a libra | 1$200 |
| Por feitio de 4 alvas 3$200 — por muzica para os ossos de S. Bt.º 4$ | 7$200 |
| Por feitio de 18 libras de cera a 50 $900 — por 6 libras de cera 2$860 | 3$760 |
| Por 3 varas de renda p.ª hu amito | $.60 |
| Por 3 arobas e 7 libras de cera a 600 rs, e carreto da dita 40 | 61$840 |
| Por feitio de 72 velas 3$600 | 3$600 |
| Por 51 missas, que se mandaram dizer do rol do defunto Fr. Pedro a 240 rs | 12$240 |
| Por feitio de huma coroa p.ª N. Snra das Angustias com 274 oitavas, para a qual obra se fundiu huma naveta velha, que jâ não servia, e a coroa velha, e quebrada da mesma Senhora | 20$000 |
| Por feitio do PORTAPAZ, que *se fez simples* para os dias comuns com 48 oitavas | 10$000 |
| Por feitio *de hum d.º para os dias solenes,* abatendo-se mil oito centos, e sincoenta de 18 oitavas, que sobraram da mesma naveta, e coroa com 192 oitavas | 13/150 |
| Por 7 varas de renda 2$240 — por cera em 2 vezes 3$500 | 5$740 |
| Por ..... de cera a 600 compr.. Pe. Me. Definidor Camilo | 14$400 |
| Por 16 libras de incenso a 200 — 3$200 — e por 2 libras de cera 1$500 | 3$700 |
| Por *128 missas que* se pagaram aos Padres a 200 | 25$600 |
| Por *297 missas, que se mandaram dizer a Castella* por via do M. R. Pe Priro de Sta Thereza, e 126 pelo Fr. Joze do Desterro, 69 pelo Pe. Prior *Fr, Caetano de Sta. Thereza,* 51 pelo Pe. Me Fr. Manoel de Sta Anna Pacheco, 51 pela alma de Pe Fr. João Campos, cuja esmolla, como não sabe com certeza, a quanto chegaria por não chegar ainda avizo se tem tirado por cada huma quatro vintens, que hê o mais, em que pode importar | 23$760 |
| | 221$630 |

R.º do D.º
377$485
———
G.º o mesmo

Em 21 de Setbr.º de 1795 tomando contas a este 1.º do G.º da Sachristia achamos haver recebido do Depozito trezentos, setenta e sete mil quatrocentos oit.ª e sinco; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damas estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*O D. Abbe*

(*Folhas 90 verso no Original*)

Triennio do N. M. R. Pe. D. Abbe Fr. Manoel de St'Anna
Observação quasi ilegivel, estando a tinta quasi totalmente apagada

| | | | |
|---|---|---|---|
| Por | | seis patacas | 1$920 |
| Por | | tres patacas | $960 |
| Por | | da sacristia | .5$6.. |
| Por | | ao que limpar a prataria | 2$5.. |
| Por | | | 13$0.. |
| Por | Muzica do Natal | | 8$000 |
| Por | frete do vinho para a sacristia | | $040 |
| Por | 7 arobas de cera a 750 a libra | | 167$000 |
| Por.. | para hum anel dos Ab..... | oito patacas | 2$560 |
| Por | vela queimadas | 640 | $640 |
| Por | | dous tostões | $200 |
| Por | | | $480 |
| | | | 204$520 |

R.º do D.º
205$520
———
G.º o mesmo

Em 20 de Janeiro de 1796 tomando conta a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Depozito duzentos e quatro mil, quinhentos e vinte reis; e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

*O D. Abbe*

Trienio p.º
377$485
———
G.º o m.º

O P. Pr. Fr. Luiz da Assunção Proval da Ordem de S. Bt.º da Brasil com nosso Vice-Compr.º o R. Pe. Manoel de Sta. Thereza Vizitando Nos este Mostr.º de Olinda; e tomando conta a este L.º do Gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Dep.º desde a Vizita passada athe o fim do trienio pass.º trezentos setenta e sete mil quatrocentos, e oitenta e sinco, e haver gasto o mesmo.

R.º do D.º
no trienio prezente
e gasto o mesmo
que consta do termo
dos contadores

No prezente trienio achamos haver recebido, e despendido o mesmo, que consta do termo supra dos contadores. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bt.º de Olinda, 20 de Janr.º de 1796

Fr. Manoel de Sta Thereza
Vice Compr.º

Fr. Luiz da Assunção
Provincial

(*Folhas no Original 91*)

Observação: Toda esta pagina está no original totalmente apagada. Só no fim da mesma lê-se:

R. do Dep.º 134$560 ——— G.º o mesmo

Em 26 de Junho de 1796, tomando conta a este L).º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Depozito cento e trinta e quatro mil quinhentos e secenta, e haver gasto o mesmo, E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

O D. Abbe

(*Folhas 91 verso no original*)

Observação: a primeira desta página é ilegivel, por apagada, no fim da primeira metade continua:

| | |
|---|---|
| P. vinho p.ª sacristia 2$560 —, vinho p.ª sacristia 4 canadas 1/2 6$480 | 9$040 |
| P. Muzica da festa de S. Bento em 1797 | 8$000 |
| P. vermelhão 640 rs, verdete 320 rs, Latta 960 rs, Galhetas 1$280 | 3$200 |
| P. Empulheta 240 rs, fittas p.ª os Ramos 240 rs, fio p.ª rollos 640 rs | 1$120 |
| P. sera, e feitio do Sirio pascal 7$025, sera da terra 360 rs | 7$385 |
| P. Tinta p.ª o Sirio 160 rs, fitas mais p.ª os Ramos 240 | $400 |
| P. farinha p.ª hostias 480, por fumos p.ª a Semana Santa 320 | $800 |
| | 93$105 |

(*Folhas 92 no Original*)

| | |
|---|---|
| P. cordas p.ª cortinas 60 rs, por que se deu aos meninos do coro, que vieram ser acolitos 160 | $220 |
| P. Muzica p.ª a Semana Santa | 52$000 |
| P. hum garrafão de v.º com 3 canadas a 960 | 2$880 |
| | 55$100 |

R.º do D.º 148$205 ——— g.º o mesmo

Em 11 de Junho de 1797 tomando contas a este 1.º do G.º da Sacristia axamos haver recebido do Depozito cento quarenta e oito mil duzentos e sinco rs, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

| | |
|---|---|
| P. 7 cartas de alfinetes 980 rs, por vinho varias vezes 18$920 | 19$900 |
| Por farinha p.ª hostias 640 rs, p. vinho p.ª a sacristia, sinco can. 9$600 | 10$240 |
| P. mais vinho para a dita oito canadas a 2$500 | 20$000 |
| P. aluguel das baetas para o oficio da Igreja seis patacas | 1$920 |
| Por hum barril de vinho branco p.ª a Sacristia | 32$000 |

| | |
|---|---|
| Por aluguel das baetas para o Oficio da Ordem 8 patacas | 2$660 |
| Por REZISTOS para o ANNO BOM de 1798 nove tostoens | $900 |
| P. farinha para hostias hum sello (480), | $480 |
| P. aluguel das baetas do Oficio de Ex Provincial Fr. Lourenço 6 pata | 1$920 |
| P. viativo para dois minoristas que vieram assistir ao dito oficio 2 patacas | $640 |
| P. Muzica no dia do Natal no dia do Natal | 12$000 |
| P. farinha p.ª hostias 640 rs, hum barril de v.º branco 24$000 | 24$640 |
| P. muzica no dia de S. Bento dezoito milreis | 18$000 |
| O resto é ilegivel, por apagado, somente aparece bem legivel a soma total ou a lauda desta pagina | |
| | 327$783 |

*Folhas 92 versoQ*

R.º do Dep.º 330$665

G.º o mesmo

Em 16 de Agosto de 1798 tomando conta a este L.º do G.º da sacristia, achamos haver recebido do Depozito trezentos e trinta mil, seiscentos e secenta e sinco reis, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas, era ut supra

R.º do Dep.º 613$430

G.º o mesmo

O P. P. Fr. Luiz da Assunção Proval da Ordem de S. Bento do Brazil com o nosso Vice Compr.º o R. P. Fr. Manoel de Sta Thereza: Vizitando Nos este Mostr.º de Olinda e tomando contas a este Livro do Gasto da Sacristia, achamos haver R.º do Dep.º desde a Vizita passada the a prezente seis centos e treze mil quatrocentos e trinta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostr.º de S. Bento de Olinda, 3 de Setembro de 1798

Fr. Manoel de Sta Thereza
Vice compr.º

Fr. Luiz da Assunção
Proval

*(Folhas 93 no original)*

| | |
|---|---|
| P. dourar o sino meião 4$000, p. Vinho p.ª sacristia e Monte 2$000 | 4$000 |
| P. aluguel das baetas para o Oficio de Pe. Me Camillo | 1$920 |
| P. tingir 4 cazulas 1$600, por hostias p.ª a sacristia 200 rs | 1$800 |
| P. tintas para os bancos da Capella Mor | 1$600 |
| P. hum garrafão de vinho branco | 5$400 |
| Por carreto e frete 200 rs, por canoa a Antonio..... 40 rs | $240 |
| Por hostias 360, mais hostias hum sello (480) | $840 |
| Por aluguel das bautas para o Oficio fa Ordem, e de Fr. Bento | 5$..0 |
| Por huma folha p.ª a Sacristia 160 rs, huma corda p.ª a dita 30 rs | $190 |
| P. quatro brandoens, e mais cera quando morreo o Pe Me. Camillo | 33$280 |

| | | |
|---|---|---|
| P. | reforma de 20 libras a 50 rs 2$000! hostias 340 rs | 2$340 |
| P. | mais hostias 80 rs, — farinha do Reyno 720 rs — | $800 |
| P. | dous garrafões de vinho comprado a Manoel dos Passos | 5$440 |
| P. | cera p.ª o dia do Natal duas arrobas? a 520 | 33$280 |
| POR REZISTOS PARA O PRIMEIRO DIA DO ANNO de 1799) | | $360 |
| P. | Muzica dia do Natal 1$600 (?!) | 1$600 |
| P. | 4 canadas de vinho p.ª a sacristia a 1280 | 5$440 |
| P. | uma aroba de cera a 400 rs 12$800 — + 5 ar. de cera a 520 rs 66$560 | 69$360 |
| P. | 4 folhas de lata p.ª a Sacristia 480 rs, p. vermelhão 640 | 1$120 |
| P. | cera da terra hum sello 480 rs, por 6 cartas de alfinetes 960 | 1$440 |
| P. | 35 1 ..... de refazer cera a 50 1$735 — Agoa de .... 320 | 2$055 |
| P. | vinho branco 4 canadas a 1$280 e carreto 80 rs | 1$360 |
| P. | Muzica para a Semana Santa | 20$000 |
| | | $ |

(*Folhas 93 verso*)

| | |
|---|---|
| Por hum sino de 51 arrobas e 17 libras a 280 | 461$720 |
| Por diversas para o dito sino: ..... 7$355, item 2$400, item 3$600 | 13$350 |
| Por diversos do dito sino: despezas a bordo 3$120, frete ao navio | 3$120 |
| Por frete ao navio | 2$120 |
| Por premio a quem assistiu com dinheiro para o sino | 28$8.8 |
| Por comissão a quem cuidou dele | 14$409 |
| | 523$537 |

R.º do D.º
738$502
———
G.º o m.º

Em 21 de Junho de 1799 tomando contas a este 1.º d oG.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º sete centos e trinta e oito mil quinhentos e dois rs, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

| | |
|---|---|
| Por huma arroba de cera a 500 16$000 — e huma arroba p.ª os ossos | 16$000 |
| P. huma arroba de sera p.ª a Semana St.ª a 560 | 17$92. |
| P. arroba e? para os Ossos de S. Bento a 560 | 26$880 |
| P. mais cera que comprei quando morreu o Medico | 12$3.. |
| P. Isenço 960 — hostias 320 — vinho 640 — vinho 280 — hostias 480 | 2$680 |
| P. vinho 3$840 — Insenso 320 — vinho 5$720, — incenso 640 — 9$920 | 9$940 |
| Por hum varão para o sino meião | 5$7.. |
| Por vinho 5$120, Incenso 640 Concerto do cirial 1$280 | 7$040 |
| | 99$500 |

R.º do D.º
99$500
———
g.º o m.º

Em 16 de 7bro de 1799 tomando contas a este L.º do G.º da Sacristia achamos haver recebido do Dep.º noventa e nove mil e quinhentos rs, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra

(*Folhas 94 no original*)

Trienio do N. Rm.º Pe D. Abbe Fr. Luis da Assunção

| | |
|---|---|
| Por vinho 1$920 — um garrafão com 4 canadas 6$...., | 8$... |
| Por 12 libras de cera a 520 | 6$240 |
| Por 2 libras de incenso 960. — e mais huma libra a 480 | 1$440 |
| Por aluguel de baetas p.ª os oficios da Ordem, e Igreja em 99 | 3$840 |
| Por 3 libras de farinha 480 — huma panela para a farinha 40 rs | $520 |
| Por huma vela de libra 360 rs — por? 480 rs — 5 canadas de v.º 6$160 | 9$700 |

O resto desta página é dificil para ler, e são sempre de menor importância os assentamentos

(*A. fls 94 verso*)

| | |
|---|---|
| Por aluguel dos baetas para os officios da Ordem, e da Igreja de 1800 | 3$8.. |
| P. dinheiro que se pagou a trez Musicos na noite do Natal | 6$400 |
| P. muzica da Semana Santa | 19$000 |

R.º do D.º
196$700
———
g.º o m.º

Em 20 de 9bro de 1800 tomando contas a este L.º do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito cento e noventa e seis mil. e sete centos e haver gasto o mesmo: e nesta forma damos estas contas ajustadas. Era ut supra.

Trienio pass.º
R.º do Dep.º
838$002
———
g.º o mesmo

O P. Me Jubilado D. Abbe Fr. Ignacio de S. Francisco Xavier e Vizitador Comissario do N. Rmo Pe. Provincial Fr. Vicente Jozé de Sta Catharina, com o nosso companheiro o M. R. P. Me. Fr. Manoel de Loreto Bastos, vizitando nos este Mosteiro de S. Bento de Olinda e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido desde a vizita passada até o prezente no trienio antecedente do Depozito oito centos trinta e oito mil, e dous reis e haver gasto o mesmo

E no Triennio prezente o que consta do termo dos contadores. E nesta forma achamos estas contas por boas e ajustadas.

(*Fls. 94 verso*)

R.º do Dep.º no trienio prezente, e gasto o mesmo que consta do termo dos contadores.

E no trienio prezente o que consta do termo dos contadores. E nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mostr.º de S. Bento, de Olinda, 20 de 9bro de 1800

Fr Manoel de Loreto Bastos compr.º

Fr. Ignacio de S. Frc.º Xavier Vizitador

No Original tem mais uma folha completamente apagada, salvo algumas palavras. Assim:
Por 5 massos de Ledainha lauretana p.ª o. ..... a 30
Dinhr.º p.ª rezistos. Na ultima pagina, i. é.º fls 95 verso vem o ultimo termo da tomada de contas em ... Julho de 1802.

*Livro das Despezas da Sacristia desde Julho de 1860 até Julho de 1895, quando chegaram os Monges de Neuron.*

Apontamos só o que mais interessa para a história. Triennio do M. R. P. M. D. Abbe Fr. Manoel da Conceição Monte que tomou posse a *27* de Julho de 1860.

| | | |
|---|---|---|
| 26 Julho. | 3 missas pelo Pe Fr. Patricio falecido *em Santos* | 3$000 |
| 21 de Março de 1861 | Muzica de Batalhão | 50$000 |
| | Dita da Igreja, incl. a das Vesperas | 220$000 |
| | Despezas dos Padres | 44$000 |
| | Fogo | 115$000 |
| 15 Dez.º de 1861 | | |
| | Restante do vêo de hombros, que se pagou ao Ramos | 371$220 |
| 25 de out.º de 1862 | Concerto do crucifixo do Altar mor | 6$000 |
| 15 de Março de 1863 | Por troca de uma imagem de S. Caetano | 10$000 |
| 21 de Marçode 1863: | | |
| | Flores para a festa (de S. Bento) | 6$800 |
| | Aluguel de lustres e arondelas | 70$000 |
| | Cera que se gastou | 23$905 |
| | Vidros grandes p.ª os quadros que se tomaram emprestados que tb. se quebraram | 10$000 |
| Gratificação aos Padres que serviram | | 32$000 |
| Diversos carretos e canoas | | 7$500 |
| Ao armador da Igreja | | 200$000 |
| Muzica e organista de Vesperas e Terça | | 182$000 |
| Muzica do Batalhão: gratificação | | 50$000 |
| Fogo incl. a salva e tiroteio de Santos | | 96$000 |
| Um caixão de espermacete | | 17$000 |

Em 31 de Março de 1860, tomamos conta a este livro de despezas da Sacristia, e achamos haver despedido desde 27 de Julho de 1860 até o prezente a quantia de tres contos vinte e quatro mil quinhentos e cincoenta e cinco reis Rs: 3:024$555, que sahiu do Depozito. Mosteiro de São Bento era ut supra

Fr. Joaquim O D. Abbe Fr. José de Sta Julia

Abril 1.º 1863 Restante da Imagem de S. Caetano ao Joãosinho que por engano deixou de lançar-se 90$000

Em 18 de Junho de 1863 tomamos conta a este livro de despezas da sacristia achamos haver despendido desde o 1.º de abril do corr. ano até o prezente a quantia de 123$400, que sahio do Depozito, enetsa forma damos estas contas por boas e ajustadas. Era ut supra.

Fr. Jose de Sta Julia O Prezidente

Triennio do N. Rmo Ex Geral Pe. Me. Jub.º D. Abbade Fr. Antonio de Patrocinio Araujo que tomou posse a 18 de Junho de 1863.

Agosto de 1865:

| | | |
|---|---|---|
| | Concerto do Altar do SSmo | 200$000 |
| | Concerto dos gradames, e de alguns novos castições | 115$500 |
| | Prateamento dos gradames | 193$600 |
| | Por conta do ouro para outros gradames | 50$000 |
| | Por conta de grande de ferro p.ª o SSmo | 150$000 |
| Dez.º de 1865 | | |
| | Restante do Portão de fero para a Capella do SSmo | 564$800 |
| | Carretos e fretes do supradito no Recife e Olinda | 20$000 |
| Março de 1865 | | |
| | Douramento dos gradames | 214$000 |
| | Uma Mitra bordada de ouro com pedras cravadas que se mandou vir de Lisboa | 189$044 |
| | Dr.º por conta da compra dos sinos que se encomen. para Lisboa | 1:000$000 |
| | Resta da conta do entalhador em 14 de outubro 64 | 60$200 |
| | Por pratear os gradames | 85$000 |
| | Gratificação ao Joaquim d'Assumção, entalhador | 5$000 |

O Padre Mestre Jubilado Pregador Imperial Fr. João de S. Bento Pereira D. Abbade Geral da Congregação Benedictina do Brasil com o nosso compr.º o Rmo Pe. Pregador Fr. Jesuino da Conceição Mattos, Vizitando Nos este Mostr.º de S. Bento de Olinda. e tomando contas a este libro de despezas da Sacristia, achamos haver-se gastos desde a ultima vizita até 18 de Setembro de 1876 (excepto as contas do Rmo Pe. Me. I. P. I.

Fr. João de S. Joze Paiva, por não as acharmos legaes) a quantia de 318$880 reis, que recebeu do Depozito. E nesta forma damos estas contas por ajustadas Mostr.º de S. Bento de Olinda 21 de Septembro de 1876.

Fr. João de S. Bento Per.ª
Dom Abbe Geral

Fr. Jesuino da Conceição Mattos
Compr.º

Junho 13 de 1885

| | |
|---|---|
| Funeral do Rmo Pe. Ex Abbe Fr. Felipe de S. Luiz Paim na Freguezia de Muribeca, inlusive ataude rico no valor de 120$000 | 200$000 |

*Folha* 94

Trienio do N. Rmo P. D. Abbade Fr. Luis da Assumpção

| | |
|---|---|
| Por vinho por um garrafão com 4 canadas | 1$920 |
| por huma libra de Incenso | 0$.... |
| Por aluguel de baetas para os officios da Ordem, e Igreja, de 99 | 3$840 |
| huma panela para farinha | $040 |
| Por 12 libras de cera a 520 | 6$240 |
| Por duas libras de incenso | $960 |
| Por farinha 3 libras | $480 |
| Por aluguel de baetas para os officios da Ordem, e da Igreja de 99 | 3$840 |
| Por huma panela para afarinha | $040 |
| Por 3 canadas de vinho em.... | 5$600 |
| por mais duas | 2$560 |
| por uma vela de quarta para dia de Natal | $... |
| por ... pares de galhetas | $640 |
| por mais hum | $320 |
| Por Rezistos em Janeiro | $... |
| Por hum barril de vinho branco | 19$200 |
| Por quatro velas de Libra a 360 | 1$440 |
| Por mais huma dita | $400 |
| Por huma carta de alfinetes | $280 |
| Por ..... incenso | $360 |
| Por .... libra de cera para o dia de S. Bento | $480 |
| Por uma vara de fita para os Ramos | $080 |
| Por .... de cera da terra | $460 |
| Por vermilhão | $320 |
| Por vinho branco duas canadas | 3$840 |
| Por concerto do esope caldeir .... | 2$560 |
| Por arrobas e meia ?? a 440 | 49$280 |

| | |
|---|---|
| por o cirio | 3$9.0 |
| por feitio de 18 ... a 50 rs | $920 |
| por uma canada de vinho | 1$920 |
| por vinho branco huma canada | 1$920 |
| por vinho branco meia canada | $960 |
| por Carreto do barril de vinho branco para a cidade | $080 |
| | $160 |
| por 3 pares de galhetas, a 440 | 1$320 |
| por covados de tapetes para ... | $1.. |

*(Folhas 94 verso)*

| | |
|---|---|
| Por aluguel de baetas para os officios da Ordem e Igreja de 1800 | 3$840 |
| Por cera | 2$000 |
| Por reformar 10 libras | $500 |
| Por dinheiro que se pagou a tres musicos na noite de Natal | 6$000 |
| Por treze libras de cera para a mesma noite | 4$600 |
| Por 8 Livras de prata para se pratear os castiçaes da Igreja à 480 | 3$840 |
| Por 2 livras de cola para o mesmos | $... |
| Por alvaiade grosso, e Balo para os mesmos | $... |
| Por 9 libras de cera a 360 | 3$240 |
| Por Muzicos da Semana Santa | 19$... |
| Por huma arroba de cera a 440 | 14$... |
| Por 2 canadase huma de .... de vinho branco para as missas À 1440 | 3$8.. |
| Vale a Lauda pelo erro da quantia 65$280 | 65$... |

Recebido do Depozito e 196$700

Em 20 de 9bro de 1800, tomando contas a este Livro do gasto da Sacrastia achamos haver recebido do Deposito cento e noventa mil, e sete centos rs e haver gasto o mesmo: E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

Gastou o mesmo

Triennio passado:
Receb. do Depozito 838$000

O Pe Me Jubilado D. Abbe Fr. Ignacio de S. Franc. Xavier, Vizitador Comissario, do N. Rmo P. Provincial Fr. Vicente Jozé de Sta Catharina com o nosso Compro o M. R. Pe. Me Fr. Manoel de Loreto Bastos, visitado nós este Mosteiro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido desde a visita passada até a presente, no Trienio antecedente do Depozito oitocentos e trinta e oito mil, e dous reis, e haver gasto o mesmo.
E no Trienio prezente o que consta do termo dos contadores. E nesta

Gastou o mesmo

forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mosteiro de S. Bento de Olinda, 20 de 9bro de 1800.

Manoel de Loreto Bastos
Companheiro

Fr. Ignacio de S. Francisco Xavier
Vizitador

(*Folhas 95 no original*)

Alugueis de Baetas, pratas que os .....
Por alugueis de baetas para os

Observação: as folhas 95 e 95 verso, estão totalmente apagadas.
No fim da fl. 95 verso, achamos estas palavras: ..... de 1802, tomando ..... da Sacristia .....

(*Folhas 96 no original*)

Trienio do Nosso Rmo Pe. Me .... Manoel dos Prazeres

| | |
|---|---|
| Por uma canada de vinho | 1$160 |
| Por duas garrafas de vinho branco | $760 |
| Por huma canada de vinho | 1$160 |
| Por huma camada de Vinho | $760 |
| Por huma cana de vinho | $760 |
| Por ..... de incenso | $800 |
| Por 3 canadas de vinho | 2$400 |
| Por aluguel de baetas para os defuntos da Igreja e da Ordem | 3$840 |
| Por mais vinho | 1$600 |
| Por Muzica do Natal | 8$200 |
| Por mais vinho | 1$600 |
| Por trez quartilhos e meio de vinho | 1$760 |
| Por duas covados emeio de tafeta para o véo da Mitra | 1$960 |
| Por hum barril de vinho | 19$200 |
| Por 3 varas de fita pas os palmos | $360 |
| Por duas alvas com seos amictos de bertanha da França .... bordadas e rendadas | 100$000 |
| Por Muzica da Semana Santa | 27$280 |
| Por aluguel das baetas para o Oficio do P. Fr. Manoel de S. Bento | 3$920 |
| Dito para o Oficio do P. Me Fr. Manoel de Sta Anna, e | 3$200 |
| P.. os dous muzicos que vieram cantar no dito Oficio | 1$600 |
| Por 24 covados de baeta preta para ornação da essa | 19$360 |
| Por 8 cavados de veludo para os coxins das cadeiras 6$400 | 6$400 |
| Por seis covados e meio de damasco vermelho para as ditas | .$320 |
| Por dous e meio de branco para as ditas | 1$800 |
| Por 400 pregos para pregaros ditos coxins | .$320 |
| Por 100 broxas para expixar o coiro crû dos ..... das ditas | .$400 |

| | |
|---|---|
| Por huma pesa de bertanha com 16 varas para os ..... e amictos etc. | 60$000 |
| Por nove meiadas de linho para ..... | 1$080 |

(*folhas 96 verso*)

| | |
|---|---|
| Por linhas para cozer os forros das capas, que se concertam | $... |
| Por concerto da cruz grande | $300 |
| Por tres maçanetes torneadas para as cadeiras | $300 |
| Por 100 broxas para as ditas | $100 |
| Por quatro varas de cadarço para as ditas | $080 |
| Por huma duzia de pregos feitos na terra para as ditas | $100 |
| Por linhas para cozer os ferros da ditas | .30 |
| Por 24 registos para a comunidade no principio do ano de 1803 | $640 |
| Por cera que se comprou por varios presos, e alguam que se reformou | 119$300 |
| | 121$645 |

Recibo do Depozito
350$435
gastou o mesmo.

Em 16 de 9bro de 1803, tomando contas a este Livro go Gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito trezentos e sincoeta mil, quatrocentos e trinta e sinco rs, e gastou. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. Era ut supra.

O D. Abbe

Fr. Manoel de Loreto Bastos
Depozitario

Fr. Manoel .... Souza
Depozitario.

Trienio passado:
Rec. do Depozito
606$340 rs
Gasto o mesmo

No Triennio prez:

O Pe. Me. Jubilado o Dor Fr. Jozé da Natividade, Provincial da nome de S. Bento do Brasil, com o nosso Vice Companheiro O Pe. Me. Jubilado Fr. Manoel do Loreto Bastos, vizitando Nós este Mosteiro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do depozito desde a Vizita passada athé..... no Trienio ..... Seiscentos, e sessenta mil trezentos e quatrois, e haver gasto o mesmo haver recebido do Depozito e ..... do recibo supra dos contadores. E nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mosteiro de São Bento de Olinda, em 15 de 9bro de 1803

Fr-Manoel do Loreto Bastos. Vice-Companheiro.

o Dr. D. José da Notividade Santos
Provincial

(*folhas 97*)

| | | |
|---|---|---|
| Por 30 covados de veludo preto para os | | 16$800 |
| Por 16 covados de velbutina preta para o pre... | (21$120) | 21$120 |
| Por 40 covados de tafeta para forro dos ..... a seiscentos e quarenta | | 25$... |
| Por 151 oitava de franja em oitavaras e humaterza a dezoita vintens a oitava | | 56$520 |
| Por duas varas e trez quartos do espequilha para o uzo do Calis | | $880 |
| Poroitava e meia de rendinha de ouro para o dito, a celo | | $720 |
| Por mais quarta e meia de setim, .... para | | 1$750 |
| Por oiro e feitio do bordado do dito | | 3$360 |
| Por 46 cavados de Olandilha para os entretelas dos ditos ..... | | 2$370 |
| Por 27 covados e trez quartos de brim para resguardo dos ditos a duz. rs | | 5$550 |
| Por oito oitavas de retroz roxo a 100 rs | | |
| Por 10 oitavas do dito amarelo a 100 | | 1$000 |
| Por seis meiados de linha para a .... a 100 | | $600 |
| Por hum ma... de linhas roxas para cozer os ditos | | $320 |
| Por feitio dos ditos | | 30$000 |
| Por vermelhão | | $640 |
| Por oito folhas de .... | | $640 |
| Por quatro cartas de alfinetes de ferro | | $480 |
| Por duas libras de cera da terra | | $320 |
| Por duas varas e meia de fita | | $080 |
| Por huma quarta de verdete | | $350 |
| Por seis pares de colretes de prata para a capa e dalmaticas, pezou 21 oitavas e meia a 100 | | 2$150 |
| Por feitio dos ditos | | $960 |
| Por seis meiadas de linhas de bretanha para se acabar .... dos corporais e amictos a120 | | $720 |
| Por broxas para as coxins das cadeiras | | 1$600 |
| Por tres canadas de vinho branco a doze tostoens | | 3$600 |
| Por cera comprada a Antonio Ignacio para o Natal se mand. ..... que se mandou reformar, e outra para gasto comprada por varios preços | | 39$545 |
| Por ..... da .... para o Livro do coro a.... | | $780 |
| Por hum barril de vinho comprado a 7 de julho | | 20$000 |
| Por a Muzica do Natal | | 5$760 |

(*Folhas 97 verso*)

| | |
|---|---|
| Por cincoenta e quatro varas de bico para os corporaes e amitos | 6$780 |
| Por dinheiro a hum clerigo que cantou a Epistola na festa do Monte | 1$000 |
| Por pregos para as cadeiras da Sacristia | $080 |

| | |
|---|---|
| Por huma oitava de retroz vermelho para cozer o coxim das cadeiras | $050 |
| Por tinta para hum breviario do coro | $040 |
| Por Dinheiro a Muzica da Semana Santa | 17$280 |
| Por huma xave de prata para o Sacrario, e concerto de porta-paz | $480 |

Recibo
630$165

Gastou o mesmo

Em 6 de Agosto de 1804 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebeido seis centos e trinta mil cento e sessenta e cinco, haver gasto o mesmo e nesta forma damos estas contas por justificados. Era ut supra.

Fr. João O D. Abbe Fr. Bento

O P. Pregador Fr. Sylvestre de Santa Anna, Vizitador Commissario do N. Rmo Pe. Me. Dr. Provincial Fr. João ..... com o nosso companheiro o Mto Rev. Pe. Frei João do Rozario Vizitando Nós este Mosteiro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido como consta do termo supra dos contadores e nesta forma damos estas contas por boas ejustificadas.
Olinda, 6 de Agosto de 1804.

Fr-João do Rozario
Companheiro

Fr. Sylvestre de Santa Anna
Vizitador Commissario

(*Folhas 98 no original*)

| | |
|---|---|
| Por cera para o gasto da Sacristia | 40$320 |
| Por 52 Missas que se pagaram ao Padre Fr. ..... do Rozario | 10$400 |
| Por 90 Missas que se pagaram a Frei João ..... | 19$800 |
| Por 40 Missas que se pagaram ao Padre Fr. Bastos (?) | 8$000 |
| | 78$520 |

Recebido do Dezoito
78$520

Gastou o mesmo

Em 14 de 8bro de 1804 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido setenta e oitomil quinhentos e vinte res, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos esta conta por ajustada. Era ut supra.

O Prezidente

Fr. João.

3. Trienio do N. Rmo Pe D. Abbe Fr-Luiz da Assumpção.

| | |
|---|---|
| Por que paguei a Muzica para o Oficio do N. Revmo Fr. Miguel | 51$200 |
| Por cera alugada para o dito Oficio | 6$480 |
| Por 2 brandoens para a Sacristia | 1$920 |

| | |
|---|---|
| Por dinheiro a Muzica do Natal de 1804 | 3$840 |
| Por rezistos para a Comunidade de 1805 | .$400 |
| Por hum brandão na ..... | .$2.. |
| Por 6 folha de lata | .$600 |
| Por 2 cartas de alfinetes | $260 |
| Por vermilhão $040 | $000 |
| Por huma quarta de verdete | $500 |
| Por huma libra de cera da terra | $260 |
| Por dinheiro a Muzica da Semana Santa | 17$280 |
| Por hum Barril de vinho branco | 19$200 |
| Por 6 ..... de ca .... avrada | 8$900 |
| Por 6 pelles de camurça para os folles | 1$920 |
| Por 127 oitavas de prata que levou demais a cadeirinha (?) | 13$970 |
| Por feitio da dita | 28$000 |
| | 156$110 |

(*Folhas 98 versos*

| | |
|---|---|
| Por reformar 39 livras de cera a 50 rs | 1$950 |
| Por que se deo a hum .... que cantou na noite de Natal | 1$600 |
| Por 3 arrobas de cera ao ..... | 57$200 |
| Por a dita a mais | 32$000 |
| Por huma pessa de panico fino para ..... | 10$500 |
| | 113$250 |

Recibo do Depozito
269$520
———
Gastou o mesmo.
Fr-João

Em 11 de Novembro de 1805 tomando contas a este Livro de gasto da Sacristia achamos haver gasto duzentos, e sessenta e nove mil quatro centos, e vinte reis, e haver recebido o mesmo. E nesta forma damos estas contas por austadas. Era ut supra.

O D. Abbe Fr. Jozé

Triennio passado
Rec. do Depozito
78$520
———
Gastou o mesmo

O Pe. Preg. Fr. Antonio de S. Jozé Valleça Proval da Ordem de S. Bento do Brazil com o nosso Vice Companheiro o R. P. Fr. Izidoro Ant. de S. Jozé Nabuco: vizitando-Nõs este Mosteiro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do Gasto da Sacristia achamos haver recebido desde a vizita passada até o fim do Triennio do Depozito settenta e oito mil quinhentos e vinte, e haver gasto o mesmo.

Triennio prezente
Recibo e Gasto o

E no triennio prezente achamos haver recebido do Depozito, e gasto o mesmo que consta do termo supra das contadores. E

mesmo que consta do termo supra dos contadores

nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mosteiro de Olinda, 15 de 9bro de 1805.

Fr. Izidoro Antonio de S. Jozé Nabuco
Companheiro

Fr. Antonio de São Jozé Valença
Provincial

(*Folha 99 no original*)

| | |
|---|---|
| Por varas e meia de bico para os roquetes a 36. | 10$395 |
| Por 29 ditos ..... meia ..... a 300 | 8$625 |
| Por ..... e meia de renda para ..... | $840 |
| Por Feitio de seis roquetes a 1920 | 11$520 |
| Por 25 rezistos para a comunidade no primeiro de Janeiro de 1806 | $400 |
| Por Muzica do Natal 1805 | 5$440 |
| Por hum barril de vinho branco em 8 de Fevereiro | 22$000 |
| P.. conducção do dito para o porto | 0$160 |
| P... 6 cartas de alfinetes a 120 | $720 |
| Por quatro arrobas de cera para a Semana Sta de 1806 a 640 | 81$920 |
| Por Muzica da Semana Santa | 17$280 |
| Por meio milheiro de pos de prata | 1$600 |
| Por ..... ao Dionisio, que foi cantor no dia dos ossos | $640 |
| Por 49 varas de pano de linho de França para alvas a 800 | 38$800 |
| Por hum barril de vinho branco em 21 de 9bro de 1806 | 20$000 |
| Por concerto da caldeirinha de Latão | $960 |
| Por 6 folhas de lata a 100 | $600 |
| Por 6 cartas de alfinetes a 140 | $840 |
| Por Muzica da Semana Santa de 1807 | 15$000 |
| Por reforma de 24 libras 3 quartos de cera a 50 | 1$240 |
| Por hum barril de vinho branco em 25 de Julho de 1807 | 20$000 |
| Por hua garrafa branc. | $400 |

(*Folhas 99 verso*)

| | |
|---|---|
| Por arroba e meia de cera a 600 | 28$800 |
| Por 8 libras ditas a 4.. | .$840 |
| Por 9 Libras ditas a 400 | 3$600 |
| Por 35 ditas a 400 | 14$000 |
| Por hum par de galheteas de vidro para os Pontificaes | $480 |
| Por 5 varas de 3.... de renda larga e fina para o Altar mor a 250 | 14$720 |
| Por 11 varas de bico para 4 Alvas a 240 | 2$640 |
| Por linhas para se cozerem as ditas Alvas, e mangas | 1$.00 |

| | |
|---|---|
| Por 139 libras de cera a 640 | 88:960 |
| Por 66 libras de cera em pão a 460 | 29$700 |
| Por feitio da dita em velas de 1 libra emeia libra a 50 | 3$350 |
| Por huma libra de prata para os meios corpos | $320 |
| Por meio livro de ouro para os mesmos | $500 |
| Por feitio ao Pintor de pratear, e doirar os meios corpos | 6$400 |
| Por dinheiro a hum Muzico por cantar dia dos Ossos | $480 |
| Por feitio de 2 Alvas com mangas ac ..... a 3000 | 9$000 |
| Por feitio de outra dita com ..... | 5$000 |
| Por 12 varas de renda larga para as sitas alvas | 19$200 |
| Por 8 meadas de linha para bordar a tualha do Altar mor e cozer outros | $960 |
| Por reformar 39 libras de cera a 50 rs | 1$950 |
| Por 5 varas e meia de renda para segunda tualha do Altar mor a 480 | 2$640 |
| Por 12 varas de renda para 3 toalhas dos altares colaterais a 320 | 3$840 |
| Por 12 varas ..... e outros 3 dos Altares da Igreja a 160 | 1$920 |
| Por 15 varas de renda fina para 5 assentos ..... | 2$400 |
| Por 5 varas de renda para huma tualha de bertanha para a Comunhão dos Religiosos a 160 | $800 |
| Por vara e meia de bico para os 2 manustergios a 100 | $150 |
| Por huma salveta de prata com 104 oitavas a 90 rs | 9$360 |
| Por feitio da dita | 4$000 |
| Por Muzica da noite de Natal de 1806 | 6$800 |
| Por que se pagou a hum Muzico rabequista para toda a Semana Sta de 807 e Patriarca | 6$000 |
| Por 7 libras de cera a 640 | 4$480 |
| Por reformar 28 ditas a 50rs | 1$400 |
| Por 5 libras e ..... para Missas a 660 | 3$480 |
| Por reformar 23 ditas a 50 rs .. .. . | 1$150 |
| Por 12 ditas a 560rs | 6$720 |
| | 327$890 |

(*Folhas 100 no original*)

Receb. do Depoz. 525$550

Gastou o mesmo

Em 5 de 7bro de 1807 tomando conta neste livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito quinhentos noventa cinco mil quinhentos e vinte, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

Fr. João D. Abbe Fr. Eduardo

| | |
|---|---|
| Por 24 rezistos para a comunidade em Janeiro de 1808 | $480 |
| Por 4 canadas de vinho branco a 1600 | 6$400 |
| Por condução da dito para Olinda | $040 |
| Por 3 onças de vermelhão | $480 |

| | |
|---|---|
| Por huma quarta de Alvaiade | $020 |
| Por duas folhas de lata | $320 |
| Por ..... goma para pintar as velas | $080 |
| Por 5 livras e meia de cera a 640 | 3$520 |
| Por ..... vela de meia libra | $260 |
| Por pela Muzica do Natal de 1807 | 5$120 |
| Por 17 Libras de cera para a noite do Natal do dito anno a 800 rs | 13$600 |
| Por 2 brandoens | 1$920 |
| Por 14 libras de cera para a Festa de S. Bento de 1808, a 800 | 11$200 |
| Por 2 arrobas e 8 libras de cera para o Sepulcro de 1808 a 740 | 53$280 |
| Por reformar 13 libras e meia de cera a 600 | 8$100 |
| Por Sermão do S. Patriarca do ano de 1808 ao Pre Nosso Fr. Bento(?) | 16$200 |
| Por 2 brandoens | 1$920 |
| | 122$720 |

Recebido do Dep.
122$720

Gastou o mesmo

Em 20 de Junho de 1808, tomando contas a este Livro do Gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito cento, vinte e dous mil sete centos e vinte e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

Fr. João — Fr. Antonio

O Prezidente

Trienio do N. Mto Revdo Pe. D. Abbade Fr. Vicente do Rozario que tomou posse em 19 de (19) de Junho de 1808.

| | |
|---|---|
| Por huma oitava de retroz preto para concerto das cazulas | $100 |
| Por huma dita de vermelho | $100 |
| Por feitio de 20 vel as de meia libra | $500 |
| Por concerto da cruz das procissoens | 3$200 |
| Por uma oitava de retroz 080, e huma meada de linhas 100 | $180 |
| Por que se paguou ao ourives de alimpar as Alampadas e mais prata | 8$000 |
| Por 1 libras de cera | 8$000 |
| Por huma oitava de retroz | $100 |
| Por hum Barrete de clerigo para os Abbades | 1$200 |
| Por hum brandão | 1$200 |
| Por feitio de 10 libras de cera | $500 |
| Por 5 purificadores para a sacristia | .$300 |
| Por 3 brandoens | $880 |
| Por 15 libras de cera.... em 8 velas de Libra, e 16 de meia libra a 800 | 12$600 |
| Por huma arroba de cera em vellas de meia libra a 650 | 21$760 |
| | 60$700 |

Receb. do Dep.
60$700

Gastou o mesmo

Em 13 de Dez. de 1808, tomando contas a este Livro do gasto da sacristia achamos haver recebido do Depozito sessenta mil e sete centos rs, e gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

Frei Joào

Fr. Antonio

O D. Abbe.

Receb. do Depozito
818$240

Gastou o mesmo
+ desde a Vizita passada athe o fim do Trienio, digo haver recebido do ....

Recebi do depoz.
60$700

gastou o mesmo

O Preg. Fr. João da Trindade Soares, Prov,-al do Ordem de S. Bento do Brazil, como o nosso Compro o M. Jub. Fr. Jozé da sta Escolastica de Oliveira, Viczitando Nós este Mostro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido+do Depozito oito centos e dezoite mil, duzentos e quarenta, e gasto o mesmo.

E no prezente trienio haver recebido do Depozito sessenta mile sete centos rs, e gasto o mesmo. Nesta forma damos estas contas por boas, e justificadas. Mostr. de S. Bento 13 de dezembro de 1808. Fr. João da Trindade SOARES PROVAL.

O M. FR. Joze de Sta Escolastica companheiro

(*No original fl. 101*)

| | |
|---|---|
| Por que dei ao Pintor pelo Pano . . . . da Igreja, e | 37$000 |
| Por 6 varas de cadasso para o dito | $140 |
| Por ferragens para o cofre do Trono | $680 |
| Por dous . . . de ferro para a Capela mor | $560 |
| Por meia vara de pano do Senhor | $240 |
| Por dobradisses para o peito (?) do Senhor | $120 |
| Por vara e meia de fita para | $120 |
| Por feitio de tres diademas | 4$160 |
| Por duas fitas . . . de oiro para a Ca... | 3$200 |
| Por vestir o Centurião | 1$000 |
| Por huma vara de fita para os . . . dos sapatos | $160 |
| Por covados de . . . verde | $620 |
| Por huma oitava de verde | $060 |
| Por uma dita de azul | $050 |
| Por . . . de verde $050 | $050 |
| Por . . . de sera e feitio . . . | 115$700 |
| Por hum entalhador | 8$000 |
| Por . . . de prata | $600 |
| Por . . . . . | 8$000 |

| | |
|---|---|
| Por ..... . coroa de espinhos | $320 |
| Por feitio de 45 velas | $120 |
| .. . . . | $160 |
| Por 38 velas de quarto | $840 |
| Por hm ferro das hostias | 1$280 |
| . . . . . | 3$200 |
| Por que se deu aos Muzicos do Natal | 3$200 |
| | 191$355 |

Em 31 de Deezmbro de 1809 tomando contas a este livro dos gastos da Sacristia achamos haver recebido do Depozito cento e noventa e hum mil, trezentos e cincoenta e cinco e haver . . . . . .o mesmo e nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra.

Fr. Jozé Fr. Manoel

O D. Abbe.

(*Folhas 101 verso no Original*)

*Trienio do N-M-R. D. D. Abbe* Fr. Manoel dos Prazeres.

| | | |
|---|---|---|
| P. pela muzica do Natal de 1810 | | 5$760 |
| P. pela na trasladação dos Ossos | 2$560 | 2$560 |
| P. hostias | | $160 |
| P. 76 libras e meia de cera a 600 | | 45$880 |
| P. Muzica do Natal de 1811 | | 5$760 |
| P. meia arroba de cera a 600 | | 9$600 |
| P. Muzica de S. Bento, e Semana Santa | | 72$000 |
| P. duas onças de vermelhão | | $320 |
| P. duas arrobas e meia de cera a 600 | | 48$000 |
| P. que dei a quem vestio as figuras do descendimento | | 6$000 |
| P. dito de tres Anjos | | 5$680 |
| P. muzica dos Ossos 1812 | | 2$560 |
| P. concerto das astas de huma alampada | | 2$880 |
| P. muzica do Natal de 1812 | | 5$760 |
| | | 213$640 |
| P. casa nova, e reformar de outra | | 187$665 |
| | | 401$305 |

Recebido
401$305
———
Gastou o mesmo

Em 18 de fev. de 1813, tomando contas a este Livro do gasto e recibi da sacristia achamos haver recebido quatrocentos e hum mil, trezentos e cinco rs e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustados. era ut supra —

Fr. João — O D. Abbe

Recebido
401$305
———
Gastou o mesmo

O Pregador Fr. Ignacio de S. Jozé Soares, Vizitador Comissario do Nosso Revmo Pe. Me. Dor Fr. Manoel do Loreto Bastos, como o nosso companheiro o Pe. Fr. Urbico Fr. Francisco da Conceição ..... vizitando Nós este Mostr. de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do Recibo e gasto da Sacristia do prezente Trienio achamos aver recebido e gasto o mesmo, que consta do termo supra dos contadores. Mostr. de S. Bento de Olinda, 16 de março de 1813.

Fr. Ignacio de São Jozé Soares
Vizitador Comissario

Fr. Francisco da Conceição (Lemos?)
Companheiro

*(No Original fl. 102)*

| | | |
|---|---|---|
| P. | conduzir e levar duas duzias de taboado para que vieram dos arrombados para a Semana Santa | $800 |
| P. | muzica nos Ossos de S. Bento de 1813 | 2$560 |
| P. | que se deo a dois muzicos no Natal de 1813 | 2$560 |
| P. | dinheiro aos muzicos na festa de S. Bento de 1814 | 3$200 |
| P. | carreto de huma duzia de taboado para a Semana Sta | $600 |
| P. | preparos para hum Anjinho a figurar para a dita | 4$480 |
| P. | muzica na dita (30$000) | 30$000 |
| P. | cera do anno passado até agora, e reformar | 255$390 |
| P. | esmolas a alguns pobres | 9$600 |
| P. | meia canada de vinho para Missas | $800 |
| P. | hum . . . e grde de prata para huma capa | $800 |
| P. | hostias | $320 |
| P. | fios para rolos | $360 |

311$470

Receb.
311$470
———
gastou o m.

Em. de Maio de 1814, tomando contas a este Livro do recibo e gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito trezentos e onze mil quatrocentos setenta rs e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. era ut supra

O Prezidente — Fr. João

O Pr. Fr. Manoel da Conceição Rocha, Proval da Ordem de S. Bento, como nosso Compro o M. Fr. Venancio do Rozario Cezimbra, Vizitando Nós este Mostro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido, e gasto desde a Vizita passada athéo fim do Triennio, o mesmo que faz menção o termo supra dos PP. Contadores, e Nesta forma damos estas contas por boas, e ajustadas. Mostro de S. Bento de Olinda. 5 de Novembro de 1814

Fr. Manoel da Conceição Rocha
Proval

Fr. Venancio do Rozario Cezimbra
Vice companheiro

(*Folhas 102 verso*)

Trienio do. ..... Abbe . . . Fr. Antonio do Carmo, que tomou posse aos 8 de maio de 1814

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | .. . | seis tostoens | $600 |
| P. | . . | meia pataca | $160 |
| P. | Fio de algodam para Roüo | huma pataca | $320 |
| | Rol do Procurador | | |
| P. | hostias trez mil e quarenta | | 3$040 |
| P. | Roupa engomada | | 1$760 |
| P. | Lavagem da Roupa da Sacristia | doe vintens | $240 |
| P. | Muzica no dia dos Ossos | vinte patacas | 6$400 |
| P. | que se pagou a dois Acolitos, para o Officio de S. Rita | | $640 |
| P. | vinho 9 canadas deza sete mil duzentos e oitenta | | 17$280 |
| | | | 30$440 |

Receb. do Dep.
30$440 (30$000)

Gastou o mesmo

Em 5 de Dezbro de 1815, tomando contas a este Livro do Gasto da Sacristia, achamos haver receb. do Dep. trinta mil quatrocentos e quarenta, e haver gasto o mesmo. Nesta forma damos as contas por ajustadas. Era ut supra.

Fr. Gaudencio O D. Abbe Fr. Manoel

| | | | |
|---|---|---|---|
| P. | 4 canadas e a metade de meio quartilho de vinho para as missas a | 1$600 | 6$500 |
| P. | hostias duas vezes duas patacas | | $640 |
| P. | ditas huma pataca | | $320 |
| Pelo que se deu ao Pintor de por massa em 25 vidros a meio Tostão cada hum mil duzentos e cincoenta | | | 1$250 |

| | |
|---|---|
| Por hum ferro ..... para a fechadura da sacristiaa seis vintens ($120) | $220 |
| P. Cauza a Estevão que levou e trouxe a ferragem para a dita | $080 |
| P. dez ferroens para o Throno meia pataca | $160 |
| P. limpar os 6 castiçaes da banqueta, trez mil rs | 3$000 |
| P. Huma libra e meia de cera da terra a 320 | $480 |
| P. 8 onças de vermelhão a 200 rs | 1$600 |
| | 14$150 |

*(No original folha 103)*

| | |
|---|---|
| P. 2 ..... dánil a 320 duas patacas | $640 |
| P. 40 folhas de lata a 200 | 2$000 |
| P. 4 onças de verdete em pó a 240 | $960 |
| P. 2 cartas de alfinetes hum selo | $480 |
| P. Agua de cheiro dous cruzados | $800 |
| P. engomar as duas alvas e amictos e encrespar as toalhas, oito mil e 40 | 8$040 |
| P. dinhro a 2 Acolitos tres mil e duzentos | 3$200 |
| P. dinhro a Muzica de S. Bento quatro milrs | 4$000 |
| P. dita da Semana Santa quarenta e dois mil e oitocentos | 42$800 |
| P. hostias huma pataca | $320 |
| P. 4 canadas e hum quartilho de vinho a 1600 | 6$800 |
| Por duas ..... de incenso sette centos e vinte | $720 |
| P. hostias duas vezes, duas patacas | $640 |
| P. ditas em o 1. de junho, huma pataca | $320 |
| P. ditas em 15 de Julho pataca — duas (640) | $640 |
| P. dinhro a Muzica no dia dos Ossos, dous mil quinhentos e sessenta | 2$560 |
| P. fio para rolo huma pataca | $320 |
| | 75$240 |

Receb. do Dep. 89$350

Gastou o mesmo

Em 5 de Dezbro de 1816, tomando contas neste livro do gasto da Sacristia, e achamos haver recebido do Depoz. Oitenta e nove mil, trezentos e cincoenta, e haver gasto o mesmo. Nesta forma damos as contas por ajustadas. Era ut supra.

Fr. O D. Abbe Fr. Manoel

O ... Fr. Ignacio de S. Francisco Xavier, Vizitador Comissario de N. Rmo P. Prov.al Fr. Manoel da Conceição Roxa, com o nosso compro O P. Fr. Jozé de Sta Tereza, vizitando Nós este Mostro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia, achamos haver recebido, e gasto

o mesmo que consta do termo supra, Era ut supra. Mostr. de São Bento de Olinda em 13 de Julho de 1817

Fr. Inacio de S. Francisco Xavier
Vizitador Comissario

Fr. Jozé de Sta Tereza
O Companheiro.

(*Folhas 103 verso*)

| | | |
|---|---|---|
| P. | engomar trez alvas para a Festa dos Ossos sete centos e vinte | $720 |
| P. | hostias varias vezes seis patacas | 1$920 |
| P. | 4 canadas e meio quartilho de vinho a dousmil e quatrocentos | 9$900 |
| P. | *duas mil, quinhentos e trinta e nove missas* que se mandam dizer a Portugal de esmola de seis vintens, trezentos e quatro mil, seiscen | 304$680 |
| P. | quatro canadas e meio quartilho de vinho comprado em 23 de Dezembro de 1816 a 1600 | 6$600 |
| P. | Hostias duas patacas | $640 |
| P. | tres . . . de cera dous mil seiscentos e oitenta | 2$680 |
| | | 327$140 |

Recebido do Depozito 327$140

Gastou o mesmo

Em 24 de Fevr. de 1817 tomando contas a este livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito trezentos vinte e sete mil cento e quarenta reis, e haver gasto o mesmo. Nesta forma damos as contas por ajustadas. Era ut supra.

Fr. Jozé Fr. Manoel

Trienio do N. Rmo D. Abbe ..... Fr. Manoel de S. Feliz Souza que tomou posse em vinte e cinco de Fevereiro de 1817 (?)

| | | |
|---|---|---|
| P. | Hostias 7 mil e quinhentos e oitenta | 7$580 |
| P. | vinho .. | ..... |
| P. | quatro libras de incenso a 40 | 1$... |
| P. | limpar | .$... |
| P. | engommar | .$... |

o resto desta folha 103 verso está ilegivel

(*Folhas 104 no original*)

Tambem grande parte desta primeira pagina da folha 104 está ilegivel.

.....
.....

(*No original fl. 104*)

Recebido do Depozito 327$140

Gastou o mesmo

O Pe. Me Jubilado Fr. Ignacio de S. Francisco Xavier, Vizitador Comissario de N. Rmo P. Provincial Fr. João de São Caetano, com o nosso companheiro o Pe. Me. Fr. Miguel do Sacramento Lopes, vizitando Nós este nosso Mosteiro de Olinda, e tomando contas a este Livro dos gastos da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito desde a Vizita passada até o fim do trienio trezentos e vinte sete milcento e quarenta rs e haver gasto o mesmo. E no prezente trienio o mesmo que consta do termo supra dos contadores. Nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas. Mosteiro de Olinda, 18 de Agosto. de 1818.

Fr. Inacio de S. Francisco Xavier
Vizitador Comissario

Fr. Miguel do Sacramento
Companheiro.

(*Folhas 104 verso no Original*)

| | |
|---|---|
| Pela muzica do S. Patriarca | 40$000 |
| P. dita por ..... e Te Deum em ação de graças | 40$000 |
| P. vinho, e hostias para as missas | 28$280 |
| P. engomar a roupa para as duas festas | 8$000 |
| P. dinheiro aos Acolitos | 1$280 |
| | 117$560 |

Recebido 117$560

Gastou o mesmo

Em 16 de julho de 1819 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia achamos haver recebido do Depozito cento e dezasete mil + e sessenta, e haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por ajustadas. + e quinhentos e

Fr. Manoel O D. Abbe

Recebido 117$560

Gastou o mesmo

O Pe. Me Jubilado Fr. Ignacio de S. Francisco Xavier, Vizitador Comissario por comissão do N. Revmo Pe. Provincial o Pe. Fr. João de S. Caetano com o nosso Companheiro o Pe. Passante Fr. João H..... de Sta Tereza, Vizitando Nós este nosso Mosteiro de S. Bento de Olinda, e tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito cento e dezasete mil, quinhentos e sessenta rs de haver gasto o mesmo. E nesta forma damos estas contas por boas e ajustadas.
Mosteiro de Olinda, 16 de Julho de 1819.

Fr. Inacio de S. Francisco Xavier

P. trezentas hostias $960
P. tres quartos e meio de vinho 1$400

Recebido 2$360

Em 16 de 8bro de 1819 tomando contas a este Livro do gasto da Sacristia, achamos haver recebido do Depozito dois mil trezenos e secenta, e haver gasto o mesmo: Nesta forma damos as contas por ajustadas. Era ut supra.

Gastou o mesmo

Fr. Manoel O Prezidente

Trienio do N. M. R. Pe D. Abbe Fr. João do Rozario, Carvalho que tomou posse em 15 de 1819.

P. Muzica da Noite do Natal 2$000
P. Acolito $320
P. Reforma da cera a Semana Santa 4$680
P. Vinho branco para a fatura dos c..... do Sermão $240
P. ostias
P. quatro taboas para a fatura dos ..... do Trono .$280
P. Vinho para Missas 1$280
P. pintar o cirio 1$920
P. Canoa o Pe. Fr. Antonio do Sermão $640
P. hum Lampião $800
P. Fitas para as tualhas da 5. feira Sta. 4$800
P. Pratear os castiçaes do Trono 25$800
P. a muzica para S, Bento e Semana Santa 70$000
P. esmolas para o N R. 1$280
P. 22 velas de uma libra para a festa de São Bento ..$....
P. feitio dos Ramos para .$000
P. Engomar e concertar de 7$680
P. vinte e duas velas de ..... para o dia de S. Bento (15$...) 15$...
P. huma cana de vinho 1$9..

(*Fim do Livro do gasto da Sacristia*)

*2. Livro dos Recibos e despesas da Sacristia do Mosteiro de S. Bento de Olinda de 1860-1895 (Apontamentos principais).*

Termo de abertura do Livro.

O R. Pe. Notario Fr. José de Santa Julia Botelho numere este livro, que ha de servir, para se lançarem as Despezas, e recibos da Sacristia: e na ultima folha faça o termo das que achar.
Olinda, 20 de Agosto de 1860.

Fr. Manoel da Conceição Monte
D. Abbade

*Despezas da Sacristia*

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1860 | | | |
| Ag. 30 | Fosforos e lamparinas | | $140 |
| | Lavagem e gommagem de roups | | 1$280 |
| | 1 Garafão de vinho branco | (8$970) | 8$970 |
| | Hostias — 3 vezes-a 320 rs | | $960 |
| 2 | 1 Garrafa de azeite doce para lampada do SSmo | | $800 |
| 22 | 3 missas por alma do escravo Izidoro | | 3$000 |
| 24 | Lavagem e gommagem de roupa | | 2$000 |
| | 1 Garrafa de azeite dôce para a lampada do Smmo | | $800 |
| | Missa de anniversario e da Taboa, e do mez | | 2$000 |
| 31 | 1 garrafa de azeite doce para a lampada do SSmo | | $800 |
| Setbro | 1 garraga de azeite doce-por duas vezes a 800 | | 1$600 |
| 13 | Hostias | | $320 |
| 19 | Missa do mez | | 1$000 |
| 26 | 3 missas pelo Pe. Fr. Patricio falecido em Santos | | 3$000 |
| | Lavagem e gommagem de roupa | | 1$280 |
| 28 | Missa de aniversario | | 1$000 |
| | Sommão as Despezas da Sacristia de 27 de Julho até 30 de Setembro de 1860 | | 29$270 |

Fr. Monte-D. Abbade

| | | | |
|---|---|---|---|
| 8bro | Garrafa de azeite doce-3 vezes -para a lampada do SS. a 800 | | 2$400 |
| | Missa de anniversario-do mez-do a 1$000 | | 2$000 |
| | Hostias | | $320 |
| | Fosforos e lamparinas | | $160 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 9bro | | Missa: dos finados-da Commutação-pelos deff da Ordem- do mez, a 1$000 | 4$000 |
| | | garrafa de azeite doce para alampad do SS. a 800 rs, 3 vezes | 2$400 |
| | | Hostias | $320 |
| | | Lavagem e gommagem de roupa | 1$460 |
| | | Sommaõ as Despesas da Sacristia nos mezes de outubro e Nov. | 13$540 |
| Dezembro | | 1 garrafão com 10 garrafas de vinho branco | 8$000 |
| | | Hostias, por duas vezes a 320 | $640 |
| | | Fosforos e lamparinas | 1$ |
| | | Missa do anniversario, do mez, a 1$00 | 2$000 |
| | | Sommam as despezas da Sacristia em Dezembro de 1860 em doze mil e qutrocentos rs. | 12$400 |
| | | Fr. Monte-D. Abbade | |
| 1861 — Em 4 de março: | | quatro torneiras para o lavatorio da Sacristia | 8$000 |
| | | ao canteiro que arrancou as velhas e assentou as novas | 2$000 |
| Em 20 de março | | Lavagem e gommagem de 15 alvas, com seus amitos e cordões e 19 toalhas para os altares, tribunas, lavatorios | .$... |
| Festa de S. Bt. | | Um ferro para o reposteiro na porta principal | 6$000 |
| | | Muzica de Batalhão | 50$000 |
| | | dita da Igreja | 220$000 |
| | | Fogo | 115$000 |
| 1865 | Março | ao Pregador na Festa de S. Bento | 25$000 |
| | Junho | Concerto do Altar do SSmo (do Pilar) | 200$000 |
| | Agosto | Concerto dos gradames, e de algumas partes novas e castiçais | 115$500 |
| | | Prateamento dos gradames | 193$600 |
| | | Por conta de ouro para outros gradames | 53$000 |
| | Agosto | Por conta de grade de ferros para o SSmo | 150$000 |
| | | Vinte oito missas de Commutação de julho 63-65 | 56$000 |
| | Dezembro | Restante do Portão de ferro para a Capela do SSmo | 564$800 |
| | | Caretos e frete do supradito no Recife e Olinda | 20$000 |
| 1866 | | | |
| Março | | Por trinta e cinco Missas aos RRmos | 70$ |
| | | Armação para a festa do Patriarca | 180$ |
| | | Muzica da festa | 200$00 |

| | | |
|---|---|---|
| | Gratificação a Muzica do Batalhão para supra, e dia | 50$00 |
| | Cera que se gastou | 17$72 |
| | Ao Pregador da Festa | 40$ |
| | Aos Acolitos | 8$ |
| | Cheiros e folhas aramaticas | 2$ |
| | Ao Fogueteiro que fez o fogo para a festa | 48$00 |
| | Douramento dos Gradames | 214$000 |
| | Uma Mitra bordada de ouro com pedras cravadas que veio de Lisboa | 189$04 |
| | Dinheiro por conta da compra dos sinos que se encommendou para Lisboa | 1:000$00 |
| Abril | Por pratiar os gradames | 85$00 |
| | Resto da conta do entalhador | 60$20 |
| | Gratificação a Joaquim d'Assumpção, entalhador | 5$00 |
| | Pelo Oficio do Ir. Fr. Jacintho nos Prazeres | 26$00 |
| | Aluguel do caixão para o enterramento dos nossos escravos: José, Ir...., José e dom. | 8$00 |
| | Licença da Camara e mortalhas para os mesmos | 7$24 |
| 1868 | | |
| Março | Engommada para a festa do Patriarca | 14$000 |
| | Muzica | 80$000 |
| | Acolitos 4$-Alguel de cera 3$760.-Fogo e salva 30$ | 37$760 |
| 1869 | | |
| Março | Aluguel de uma ar ..... para o funeral do R... | 30$000 |
| | Para armação da Urna do enterro do Ex Geral Fr. Ant. Rainha dos Anj. | 90$000 |
| | Missas do Trintario do Ex Geral Fr. Antonio da Rainha dos Anjos | 16$000 |
| Abril | Cera que se gastou no funeral do Rmo Ex Geral Fr. Anto | 10$000 |
| | Missas do Trintario do Pe. Ex Gl Fr. Antonio Rainha dos Anjos | 14$000 |
| 1876 | | |
| Janeiro | Cera para a festa do Monte a Francisco de Paula, recibo | 61$760 |
| 1885 | | |
| Junho | Funeral do Revmo Pe Ex Abbe Fr. Filipe de S. Luiz Paim na Freguezia de Muribeca, inclusive um ataude rico no valor de Rs 120 | 200$000 |

D. Bonifácio Jansen, O. S. B.

ACABOU DE SE IMPRIMIR NAS OFICINAS DA
EMPRESA GRAFICA DA «REVISTA DOS TRIBUNAIS» LTDA.
PARA A DIRETORIA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL,
EM DEZEMBRO DE 1955.